A. AUFFRAY SDB

# DOM BOSCO

TRADUÇÃO DE D. JOÃO RESENDE COSTA,
ARCEBISPO DE BELO HORIZONTE

## Índice Geral


APRESENTANDO A EDIÇÃO BRASILEIRA

CAPITULO I: UMA VOCAÇÃO MARAVILHOSA E CONTRARIADA

CAPÍTULO II: A VOCAÇÃO MARAVILHOSA E CONTRARIADA TRIUNFA

CAPÍTULO III: HUMILDES ORIGENS DE UMA GRANDE OBRA

CAPÍTULO IV: CONSOLIDAÇÃO DE UMA GRANDE OBRA

CAPÍTULO V: O APOSTOLADO COLATERAL

CAPÍTULO VI: VALOROSO OPERÁRIO DA PENA

CAPÍTULO VII: FUNDADOR DE CONGREGAÇÕES

CAPÍTULO VIII: CONSTRUTOR DE IGREJAS

CAPÍTULO IX: O VIDENTE

CAPÍTULO X: O TAUMATURGO

CAPÍTULO XI: A SERVIÇO DO PAPA

CAPÍTULO XII: O HOMEM QUE SE APROXIMOU DOS GRANDES

CAPÍTULO XIII: O EDUCADOR

CAPÍTULO XIV: NO TRIBUNAL DA PENITÊNCIA

CAPÍTULO XV: AS PROVAÇÕES

CAPÍTULO XVI: AS PROVAÇÕES. CONTINUAÇÃO.

CAPÍTULO XVII: O APÓSTOLO

CAPÍTULO XVIII: UM DIA DA VIDA
DE DOM BOSCO /24

CAPÍTULO XIX: O HOMEM E O SANTO

CAPÍTULO XX: OS ÚLTIMOS ANOS

CAPÍTULO XXI: OS ÚLTIMOS DIAS

EPÍLOGO

NOTAS AO TEXTO

# APRESENTANDO A EDIÇÃO BRASILEIRA

Índice

APRESENTANDO A EDIÇÃO
BRASILEIRA

A. AUFFRAY SDB

DOM BOSCO

TRADUÇÃO DE D. JOÃO RESENDE COSTA,
ARCEBISPO DE BELO HORIZONTE

## APRESENTANDO A EDIÇÃO BRASILEIRA

Quando se finda cá no mundo uma vida humana, pode-se escrever na lousa do sepulcro: "Cinzas". É o corpo um punhado de cinzas que se atira à terra para com ela se confundir na profunda humilhação das coisas sem valor. Mas não é cinza a alma que se transplanta viva para a vida sem fim da eternidade, de onde voltará a buscar o corpo na última tarde do mundo. Nem são cinzas os atos humanos, os atos livres e conscientes do homem. Eles procedem da alma que não morre e com ela participam da imortalidade. São um punhado de sementes que se atiram à terra fecunda da história para germinarem em exemplos, em emulação, em glória ou em vitupério.

Que precioso punhado de sementes que é a vida de Dom Bosco! Que estupenda floração de exemplos de santidade, de estímulos para o apostolado, de sincera e exultante glorificação! Onde quer que se leia a narração dessa vida cheia da mais vária policromia de fatos, de vicissitudes, de heroísmos, de incompreensão dos homens, de proteção do céu, de milagres, de profecias, de vasta e ubertosa irradiação de apostolado, iluminam-se as frontes, aquecem-se os corações e movimentam-se todas as fibras do entusiasmo. E mais de um leitor ou ouvinte deve exclamar comovido: "Bene omnia fecit" [1]. - Tudo o que ele fez saiu bem! "Psallite Domino quia gloriosa fecit; innotescat hoc in universa terra" [2]. Louvai a Deus que realizou coisas tão gloriosas; é preciso que toda a terra conheça tais maravilhas.

Ora, dos muitos que escreveram a vida de Dom Bosco, "para que toda a terra conheça tais maravilhas", o ilustre salesiano francês, P.

Agostinho Auffray, está entre os que mais palmas lograram merecer, pela maneira feliz com que soube aliar a fidelidade histórica, o sabor literário e a analise perscrutadora dos vários lados da figura desse "Gigante da caridade". O leitor, ao mesmo tempo que penetra sensivelmente no recinto histórico em que viveu Dom Bosco e contempla o vivo desenrolar-se dos acontecimentos em que o Santo foi protagonista, tem a satisfação de se ver nisso acompanhado por um guia ilustrado e atencioso, o qual não deixa passar despercebido nenhum dos tesouros que se escondem sob a amável simplicidade do grande educador do século dezenove.

Foi o desejo de tornar participantes de tanta riqueza aos leitores patrícios que nos levou à audácia de tentar a tradução de obra tão formosa. Dizemos audácia, sim, porque esta pobre tradução deixa apenas adivinhar o que se contém de primoroso no áureo estilo do original, premiado pela Academia Francesa. Em todo o caso procuramos ser fiel. E fazemos votos que a singeleza de nosso estilo desataviado tenha por isso mesmo deixado subsistir livre e dominadora toda a cativante nitidez da narração e da análise do autor.

Neste ano se comemora o primeiro centenário do Oratório de Turim, isto é da primeira casa em que Dom Bosco morou definitivamente com o seu inquieto bando de "biricchini". Esses meninos travessos que, ao calor da pedagogia apostólica do Santo, se transformaram em modelos de virtude e até em heróis de santidade. Hoje essa casa humilde cresceu. .É grande. É uma cidade. De aí, envoltos nas suaves bênçãos maternas da Virgem Auxiliadora, se irradiaram para o mundo milhares de salesianos, que em todos os continentes, em 1.000 colméias parecidas com a de Turim, educam para Deus e para a sociedade centenas de milhares de meninos. O ritmo que governa a vida dessas casas é o mesmo ainda do coração apostólico de Dom Bosco.

Possam estas páginas contribuir para que esse ritmo seja cada vez mais preciso. Dessa precisão, que não é mecânica nem fria, porque é o ritmo da vida, da vida salesiana, luxuriante floração de perene primavera, nascida desse rico punhado de sementes que é a vida de Dom Bosco.

Isto escrevíamos a 16 de agosto de 1946. O tempo passou. O livro teve sua segunda edição. Depois, a terceira. Convidado agora a rever a tradução para sua quarta edição brasileira, fizemo-lo muito gosto, retocando apenas cá e acolá alguma expressão ou frase. Sabemos que se poderia pensar muito legitimamente numa total remodelação da obra, num novo estudo, quem sabe, orientado por critérios atuais de análise de toda a imensa floração de prodígios que encontramos na vida do Santo. Alguém, sem dúvida, poderá fazê-lo e com êxito. Esta obra, porém, - cujo autor já está com Dom Bosco na eternidade, - não pode senão conservar seu sabor original e próprio. Ela nos transmite a beleza singela e o colorido primitivo das figuras e dos fatos como os viram olhos amigos e sinceros, para os quais brilhou meridianamente a clareza da ação de Deus na vida de seu fiel servo. Vamos deixá-lo então assim mesmo. E agradecer aos que, lendo e divulgando as edições anteriores, encorajaram a realização desta. E estamos certos de que ela ajudará também hoje a descobrir na figura e na obra de Dom Bosco um reflexo imortal da bondade de Deus.

Belo Horizonte, 24 de maio de 1969

+ João Resende Costa, S.D.B.

## CAPITULO I

### UMA VOCAÇÃO MARAVILHOSA E CONTRARIADA

/3

Índice


UMA VILA DO MONFERRATO: CASTELNUOVO D'ASTI [/4]

NASCIMENTO DO SANTO.

MORRE O PAI.

UM MODELO DE EDUCAÇÃO MATERNA.

TRÊS IRMÃOS BEM DIFERENTES.

UM SONHO.

UM PEQUENO SALTIMBANCO APÓSTOLO.

A PRIMEIRA COMUNHÃO.

ENCONTRO PROVIDENCIAL.

MEMÓRIA PRODIGIOSA DE UM MENINO.

PADRE CALOSSO, PRIMEIRO PROFESSOR DE LATIM.

EMPREGADINHO DE FAZENDA.

VOLTA À CASA PATERNA.

NOVAS OPOSIÇÕES DE ANTÔNIO.

MORTE IMPROVISA DO PADRE CALOSSO

UMA TENTAÇÃO TRÁGICA.

NOVA SEPARAÇÃO. UM MODESTO CURSO DE LATIM EM CASTELNUOVO.

UM ANO DE ESTUDO PERDIDO.

CONFIRMAÇÃO DO SONHO PROFÉTICO.



## CAPITULO I

### UMA VOCAÇÃO MARAVILHOSA E CONTRARIADA


[3]

## UMA VILA DO MONFERRATO: CASTELNUOVO D'ASTI [4]

A leste de Turim, no triângulo que o Rio Pó e o Tánaro, seu copioso afluente, formam entre a velha capital e Alexandria, estende-se uma das mais férteis regiões da Itália Setentrional: o Alto Monferrato. É uma terra de suaves colinas onduladas que não chegam nunca a quinhentos metros de altura e a cujos pés sorriem ao sol os pequenos vales que anunciam de longe a vasta planície do Pó. Nas encostas dessas colinas, esparramadas na vastidão do campo ubertoso, sazonam as uvas de alguns vinhos típicos da Itália, o asti espumante, o barbera áspero com sabor de pederneira, e também o moscatel açucarado que conserva todo o perfume do cacho de uva. Nos flancos das colinas só se vêem videiras e amoreiras; mas na planície se estendem os pastos gordos onde se repoltreia o gado que não partiu para os Alpes e triunfam infinitas plantações de trigo, milho, cânhamo e centeio. Zona rica, riquíssima que apresenta semelhança espontânea com a Costa d'Ouro da França, pelo aspecto, pêlos produtos, pelo brilho do sol.

Há ai uma população densíssima, que vive do trabalho da terra; e seus povoados, bem juntinhos uns dos outros, ora se prendem aos flancos dos outeiros, ora se estendem comodamente na concha dos vales. Quem atravessa essa região numa tarde quente de julho, entre a messe estendida ao solo e a uva que amadurece para a vindima, tem uma impressão de conforto e de alegria pouco comuns. Ri o sol sobre as espigas de milho que amarelecem, as videiras alargam os ramos carregados de cachos, os montes de paveias constelam de manchas louras os campos cultivados, enquanto na paz da tarde ressoa uma velha canção a três vozes, executada por um coro de ceifadores ou de mulheres que revolvem o feno para faze-lo secar. Bem na entrada da região, depois de passar Chieri, que fica a quinze quilômetros de Turim, o viandante encontra assentado numa forte colina, um grande burgo que a domina toda : é Castelnuovo d'Asti. Ruínas de um castelo feudal coroam o cimo da colina e, na subida pelas vielas tortuosas do povoado, descobrem-se cá e acolá restos de fortificações. Na Idade Média castelnuovo teve de sustentar mais de um sítio no tempo da Liga Lombarda e no tempo dos Guelfos e Guibelinos.

Nos nossos dias Castelnuovo é célebre porque aí nasceram dois santos: S. José Cafasso e SÃO JOÃO BOSCO.

## NASCIMENTO DO SANTO.

Para sermos exatos, devemos dizer que João Bosco não nasceu precisamente em Castelnuovo d'Asti. Seus pais moravam cinco quilômetros mais para o interior, em Becchi, minúsculo grupo de casas da pequena vila de Murialdo, pertencente ao município e à paróquia de castelnuovo.

Nasceu no dia 16 de agosto de 1815, de Francisco Bosco e de Margarida Occhiena; no dia seguinte foi batizado com os nomes de João Melquior. O pai do menino era um lavrador que sustentava a .família com seu trabalho. Tinha, é verdade, além da casa em que morava, algumas jeiras de terra; mas isso não bastava para sustentar as seis bocas que havia em casa; sim, porque sob aquele teto minúsculo moravam, além da mãe setuagenária, a mulher, um filho de doze anos -Antônio - nascido de um primeiro matrimônio, e os dois meninos nascidos de Margarida Occhiena, José e João. Por felicidade os dois cônjuges eram moços ainda ele tinha 31 anos e ela 27 - e o trabalho não os assustava.

De sorte que, embora os tempos fossem difíceis, conseguiam dar conta do recado.

Becchi espalha seus oito ou dez fogos no alto de uma dessas suaves ondulações que sulcam a planície depois de Chieri. Algumas casitas de trabalhadores da lavoura, a confortável vivenda de um lavrador abastado, algumas pastagens que descem pelas encostas da colina, um forno grosseiro diante das casas, e por toda a parte, até onde a vista alcança, um ondular de colinas, com uma ou outra mata, em que se refugiavam outrora os desertores dos exércitos napoleônicos: esse é o quadro em que se nos apresenta a minúscula aldeia. Bem de fronte, uma língua de terreno que fecha o horizonte ao oriente, a torre da Igreja de Buttigliera, a dominar a paisagem como um dedo apontado para o céu. Em tão encantadora moldura teria podido viver bem feliz essa ninhada de corações generosos, se a desventura, dois anos mais tarde, não tivesse caldo sobre a jovem família.

## MORRE O PAI.

Uma tarde de maio, Francisco Bosco, depois de um dia penoso de trabalho que o deixara Imerso num banho de suor, cometeu a imprudência de entrar na adega do proprietário vizinho, seu patrão. Dali saiu com uma pneumonia violenta que em quatro dias o levou à sepultura. Foi essa a mais antiga e a mais dolorosa das lembranças que João Bosco guardou de seus primeiros anos. Trinta anos mais tarde, quando rodeado dos primeiros meninos do seu Oratório de Turim lembrava diante de seus olhinhos atentos a infância longínqua, mais de uma vez ouviram-no contar a cena terrível: "Eu não tinha ainda dois anos quando meu pai morreu e não lembro mais sua fisionomia. Lembro somente estas palavras de minha mãe: Joãozinho, não tens mais pai. Todos iam saindo do quarto do morto, mas eu teimava em ficar. E mamãe insistia docemente: "Vem Joãozinho, vem". E eu respondia: "Se papai não vier, eu também não vou". - "Vem filhinho, teu pai já não vive mais". E com essas palavras, minha santa mãe, rompendo em soluços, me levou embora. Eu chorava porque via que ela estava chorando, mas naquela idade não podia compreender o porquê. No entanto aquela expressão: "Não tens mais pai" me ficou sempre gravada na mente. Depois desse primeiro sofrimento até a idade de cinco anos não conservo mais nenhuma lembrança de minha infância."

Um dia o Cardeal Begin, arcebispo de Quebéc, rezando diante do túmulo de Dom Bosco em Valsalice, sublinhou com o dedo uma linha do epitáfio: Orphanorum Pater, Pai dos órfãos! Quantos milhares deles Dom Bosco acolheu em sua vida! quem sabe se o rio de caridade que lhes mitigou a miséria não terá brotado precisamente do sofrimento precoce dessa criança que aos dois anos ouve alguém dizer-lhe: "Joãozinho, não tens mais pai"!

Depois da morte do chefe, a viúva tomou as rédeas do governo da casa. Viu-se então que mulher de pulso era essa camponesa analfabeta, cuja fé, porém, valia por todas as experiências. Com o trabalho de seus próprios braços, a coragem, o bom humor, a confiança em Deus, fez a casa prosperar como nos tempos do marido. A sogra, enferma e quase habitualmente pregada na cama, teve todos os cuidados que podia esperar: era a rainha daquele lar humilde, era a vovozinha mais venerada. Os três filhos, entre os quais Margarida não fazia a menor distinção no modo de tratar, foram educados com suavidade e com firmeza no exercício das virtudes cristãs. E essa mãe admirável dos 29 aos 45 anos não teve mais descanso até vê-los colocados definitivamente cada um no seu caminho.

**UM MODELO DE EDUCAÇÃO MATERNA.**

**Ah! se pudéssemos estender-nos mais longamente a falar dessa educação que a mais humilde das camponesas dispensou durante 15 anos a três alminhas cristãs! Nossos leitores aprenderiam dessa mulher .o que é ser mãe no sentido completo da palavra. Infelizmente, os breves limites de nosso trabalho nos obrigam a contentar-nos de um ligeiro esboço.**

**Nessa pobre piemontesa iletrada havia o senso inato da educação. Nada há que possa substituir uma mãe. Nada e ninguém. Nem o sacerdote no púlpito ou no catecismo, nem muito menos o professor na escola. Só a mãe forma o coração. E uma tarefa sublime, que Margarida compreendeu instintivamente. E portanto nem é preciso dizer como a ela se dedicava.**

**A base dessa educação era Deus. E Deus estava também no vértice. Todas as manhãs e todas as noites ajoelhavam-se em fila os três meninos e atrás deles as duas mulheres; e esses cinco corações rezavam pedindo o pão de cada dia, a coragem para o trabalho, o perdão de todos os pecados...**

**Logo que a luz da razão brilhou naquelas cabecinhas, a mãe começou a levá-los aos pés do sacerdote para confessarem os primeiros pecados. Em todas as ocasiões se lhes lembrava a presença de Deus que é testemunha de todos os nossos atos e pensamentos e que um dia será nosso juiz. "Deus nos vê, meus filhos, - repetia freqüentemente a mãe Deus nos vê. Pode ser que eu esteja ausente, mas Deus está sempre presente". Margarida aproveitava todas as menores ocasiões para imprimir o pensamento de Deus Criador, em todos os seus aspectos, nos corações dos filhos. Nas noites estreladas chegavam à soleira da casa e ela dizia: "Foi Deus que colocou lá em cima todos esses astros maravilhosos. Se é tão belo o firmamento, que não será o Paraíso?". Ou então diante do espetáculo magnífico da aurora a tingir de matizes incomparáveis a neve dos Alpes no horizonte**

**"Quantas maravilhas Nosso Senhor criou para nós, meus filhos!" As vezes uma chuva de pedra devastava toda a vinha ou parte dela. E Margarida sussurrava: "Baixemos a cabeça meus filhos. Deus nos tinha dado esses lindos cachos de uva. Deus no-los tirou. Ele é o Dono. Para nós é uma provação; para os maus é um castigo". E quando nas noites de inverno, o vento uivava lúgubre ou a chuva martelava o teto, enquanto a família estava toda agasalhada encolhidinha junto ao fogo que crepitava, Margarida dizia aos filhinhos: "Como devemos querer bem a Deus que nos dá tudo o que é necessário! Ele é mesmo o nosso Pai, o Pai nosso que está no céu".**

**Mas esse necessário, de que Margarida rendia graças a Deus, achava-se reduzido, naqueles anos terríveis, a bem pouca coisa. Os anos de 1815 e 1816 foram para o Piemonte anos de sofrimentos especiais, por causa do inverno atrasado e de uma seca nunca vista que reduziu a nada a colheita da zona. A pobre casa de Becchi guardava a triste lembrança de uma tarde em que não havia nada, absolutamente nada, com que matar a fome. Um amigo percorrera dois dias inteiros fazendas e mercados para ver se comprava, por qualquer preço que fosse, alguma Coisa com que alimentar aquelas cinco bocas : fora tudo inútil, voltara de mãos vazias! A pobre mulher não sabia mais a que santo recorrer e via definhar de fome as três crianças e a pobre avozinha. E verdade que no estábulo havia uma vaquinha leiteira. Era o que garantia a toda a família de camponeses uma parte do alimento cotidiano. Mas seria prudente sacrificar a vaca ou o bezerrinho? Não seria arriscar o futuro se a carestia continuasse ainda? Margarida tinha a alma perplexa: era hora de rezar. E então a família inteira se pôs de joelhos**

para implorar de Deus o conselho; depois a mãe levantou-se resoluta; tinha passado a hesitação. Auxiliada pelo vizinho foi ao estábulo. De aí a minutos o novilho estava abatido. Mais algumas horas e aqueles pobres estômagos minoravam finalmente os sofrimentos que desde muitos dias os vinham atormentando.

Notemos que essa mãe vigilante não se preocupava somente com as necessidades do corpo; pensava principalmente na formação da alma e por isso a primeira coisa que fazia era nutrir os pensamentos dos filhos com a doutrina pura da fé. Não sabia ler nem escrever, mas era capaz de recitar de cor o catecismo inteiro, como também a História Sagrada toda e principalmente a vida de Nosso Senhor. E essa doutrina de vida, repetida pacientemente, passava toda de sua memória, para a dos filhos. Pelas suas preocupações cotidianas, teria razões de sobra para deixar esse trabalho ao zelo do Pároco de Castelnuovo; mas para isso os seus filhinhos deveriam percorrer dez quilômetros por dia; e então ela preferiu ensinar-lhes pessoalmente tudo o que sabia, deixando apenas que o Pároco examinasse e completasse o trabalho.

Essa doutrina cristã precoce, distilada dos lábios da mãe, explica-nos muita coisa da infância atribulada e no entanto tão singular de Joãozinho Bosco.

A mãe conservava os três meninos sempre afastados das companhias perigosas. É verdade que tais companhias eram raras naqueles tempos; mas a ovelha ronhosa, -capaz de contaminar todo o redil, se encontra em toda a parte e sempre; e acontecia que os três meninos se aproximavam de companheiros maus sem o saberem. Porém a mãe sabia.

- Mamãe, podemos ir brincar com aquele menino que nos está chamando?

- Sim, meus filhos - E as crianças corriam alegres para o terreiro diante da porta.

Mas outras vezes a resposta aos desejos dos meninos era um "não" decidido; e então não passavam a soleira da porta nem por todo o ouro do mundo. Aquele humilde lar era teatro de inúmeras virtudes. Antes de tudo Margarida queria que os filhos fossem trabalhadores. Nem um dia de preguiça e de ociosidade. Aos quatro anos Joãozinho já sabia desfiar os talos de cânhamo, mais tarde ele e os irmãozinhos davam uma mão à mãe nos humildes trabalhos domésticos: cortar lenha, buscar água, descascar legumes, varrer os quartos, levar os animais ao pasto, limpar o estábulo, varejar as árvores do campo, recolher ramos secos nos bosques vizinhos para alimentar o fogo debaixo do caldeirão, pendurar nas vigas da varanda as espigas de milho para secar, tomar conta do forno quando estava assando pão, ordenhar as vacas... enfim, trabalhava-se desde manhã até a noite. Levava-se uma vida propositadamente dura. Aquela mãe previdente queria preparar os filhos para as dificuldades da vida, tornando-lhes a alma capaz de resistir a tudo. Na humilde cabana todos se levantavam com o sol, tanto no verão como no inverno; era proibido levantar-se tarde sacudiam o sono e punham-se de pé! A refeição da manhã reduzia-se à expressão mais simples: uma fatia de pão seco. As longas caminhadas a pé não assustavam nenhuma daquelas perninhas e mais tarde veremos João caminhando quatro vezes por dia para ir à escola, perfazendo um total de vinte quilômetros. Se ao cair da tarde passasse um mendigo e lhes pedisse um auxilio para alguma coisa, ou se durante a noite algum vizinho doente precisasse da caridade de um dos meninos, punham-se logo de pé e se prestavam para qualquer serviço. E quando voltavam para a cama não era um colchão de lã que os esperava, mas era o rude enxergão de palha de milho. Educação sólida, meio espartana, que fez dos meninos três rapazes fortes e vigorosos que não franziam o nariz a nenhum trabalho um pouco duro.

Não filiam pouco caso de nenhuma ordem da mãe, mesmo que fosse a mais insignificante. Mamãe Margarida fazia questão de ser obedecida e era. As quintas-feiras ia ao mercado de Castelnuovo levar manteiga e ovos; mas antes de partir distribuía aos meninos os trabalhos que cada um devia fazer. Quando voltava depois do meio-dia, antes mesmo de tirar do cestinho o pão bento que lhes trazia todas as vezes, exigia que lhe prestassem contas do que tinham feito

"Antônio, José, João, vamos ver se fizeram e bem feito o trabalho que marquei". E cada um dos meninos vinha provar que tinha obedecido exatamente. Então Margarida, muito alegre, lhes dizia: "Muito bem, tomem agora o pedaço de pão bento que lhes trouxe".

Em Becchi eram pobres, bem pobres. Mas justamente por isso não faltava nunca um lugar para um mendigo que batesse à. porta. E como sabiam que a casa era hospitaleira não faltavam os clientes. No mais das vezes eram mendigos verdadeiros ou então vendedores ambulantes que passavam por ali; outras vezes eram desertores do exército que se escondiam nos bosques vizinhos, ou bandidos perseguidos pela polícia. Quando caía a noite essa gente ia bater à boa porta que nunca deixava de se abrir.

Qualquer pobre viajante que passasse encontrava um prato de sopa e uma fatia de polenta: e lhe mostravam um cantinho no paiol para a noite. Algumas vezes o pobrezinho não tinha nem tempo de encarapitar-se no caridoso esconderijo, pois já apareciam os guardas ao pé da colina; e tinha que escapar por uma porta enquanto eles entravam por outra... e Margarida os convidava a assentar-se, a tomar um copo de vinho, e aquecer-se e enfim a estar à vontade como se estivessem em sua própria casa. Uma vez aconteceu até que alguns desses infelizes não tiveram tempo de fugi' e se esconderam tremendo no estábulo; e de aí separados apenas por uma parede fininha, iam seguindo no auge da inquietação a conversa dos policiais. Mas sob o teto de Margarida jamais fora violado o direito de asilo; os próprios guardas sabiam que a casa se abria para todos, para eles como para seus "clientes", sem distinção, com toda a caridade.

Por isso passado o limiar daquela morada hospitaleira não davam mais busca nenhuma.

E na hora da saída, todos esses bons amigos, como Margarida os chamava, não deixavam, ao menos em sinal de gratidão, de dobrar os joelhos junto com a família e buscar no fundo da memória umas reminiscências de orações para responder ao Pai Nosso e à Ave Maria. Antes de deixar essa casa caridosa os vendedores ambulantes permitiam até que Margarida desse um olhar nos objetos que traziam, para ver sei não estavam vendendo alguma coisa que pudesse prejudicar às almas.

Pois bem, em todas essas virtudes em que o exemplo da mãe já era urna escola lenta mas segura para os filhos, Margarida se esforçava positivamente para adestrar o coração dos meninos, não tanto com os acentos da autoridade quanto coma suave firmeza de suas maneiras. Tinha um fino senso de equilíbrio e sabia conservar-se a igual distância tanto da severidade violenta quanto da bondade falsa que procura obter o que deseja por meio de elogios, de afagos, de súplicas. Nem carícias tolas, nem muito menos gritos ferozes; suas armas eram a calma, a serenidade, o domínio de si mesma, a verdadeira doçura. Nunca batia nos filhos, mas também nunca cedia aos seus caprichos; ameaçava o rigor, mas se rendia ao primeiro sinal de arrependimento; fechava os olhos a certas minúcias às quais alguns pais modernos dão tanta importância, mas os abria bem diante de certas tendências inquietantes dos filhos e tratava de endireitá-las imediatamente; ria-se com os pequenos nas suas expansões de alegria

rumorosa, mas não lhes desculpava nenhuma teimosia. Porém, mais do que tudo isso, inspirava aos filhos, para conseguir que lhe obedecessem, os mais vivos sentimentos de terno amor para com ela e o receio extremo de lhe causar o menor desgosto. E, com esse dúplice sentimento alimentado no coração de seus três pequenos cristãos, ela conseguia tudo o que desejava.

## TRÊS IRMÃOS BEM DIFERENTES.

Mas os três pequenos davam trabalho! Três cabecinhas, três temperamentos diversos.

Antônio, o mais velho, o enteado de Margarida, era violento, grosseiro, cheio de ciúmes, sem a menor delicadeza de sentimentos, arrogante pela sua superioridade de anos e de músculos; embora meio curto de inteligência, sabia ler e escrever, mas tinha um grande desprezo para tudo que não fosse trabalho material; no entanto apesar de ríspido, podiam-se conseguir dele atitudes boas.

José era manso e calmo. Não aborrecia a ninguém e com seu espírito vivo sabia aproveitar-se de tudo e nunca se encontrava em apuros. Ter-se-ia tornado ótimo negociante, se a vida da lavoura não o tivesse prendido na aldeia natal.

João, pelo contrário, era de temperamento ardente e ao mesmo tempo de caráter volitivo; inteligente e sério, talava pouco e observava muito. Naquela cabecinha redonda, sólida, coberta de cabelos encaracolados, escondia-se uma rara energia de vontade e uma capacidade de imitação sem igual; tinha um grande coração e um sentimento inato do dever; e acrescente-se ainda a todos esses dons uma imaginação sempre viva que desde a infância até o fim da vida passou continuamente arquitetando, hoje novos divertimentos, amanhã sonhos misteriosos, mais tarde vastos planos de apostolado.

Mas, esses três irmãos combinavam bem entre si? João e José, sem dúvida, e foi assim por toda a vida; mas com Antônio o caso era diverso. Ele abusava do titulo de primogênito para impor suas vontades e abusava dos músculos para dominar os irmãos. E vamos ver que, se a infância de Joãozinho foi dolorosa, a causa foi simplesmente Antônio

É incrível o que, dos nove aos quinze anos, o irmão menor teve que suportar do mais velho, cuja inveja teimava em querer fazer dele um lavrador, ao passo que Deus com mil sinais evidentes mostrava que o escolhera para o serviço das almas. Quantas vezes Margarida teve que intervir para livrar os filhos das mãos do enteado, ou para consolá-los depois de uma batalha em que, embora aliados, tinham sofrido uma derrota. Nesses momentos, dominando a dor que experimentava ao ver os próprios filhos espancados por um que não era seu filho e que tinha nove anos mais que os irmãozinhos, contentava-se em repreendê-lo por abusar assim da sua força. Antônio às vezes levava a mal a observação e descarregava o resto de seu mau humor sobre esta mãe tão sábia. E houve dias até em que chegou ao extremo de cerrar os punhos e avançar para Margarida, ameaçando-a com palavras péssimas como estas: "Ah! madrasta! Se eu não me contivesse..."

Os braços robustos de Margarida poderiam esfriar essa raiva com duas boas bofetadas. Ela porém, não o fazia. Dava um passo para trás muito calma, e fixando os olhos do enteado furioso, dizia: "Estás sendo injusto, Antônio. A ira te faz ficar mau. Eu sempre te chamei de filho e

sempre te considerei como tal, porque és filho de meu saudoso Francisco, teu pai. Bem sabes que, se eu quisesse, poderia dar-te o castigo que mereces. Mas não o faço. Com os meus filhos nunca uso esses meios. És meu filho e não te bato. Faze o que quiseres agora". E o deixava ali estonteado, confuso, domado por este magnífico domínio de si, o qual com o tempo chegou a transformar essa natureza violenta num homem de bem, estimado e procurado por todos os que o conheciam.

Mais tarde João, já sacerdote, ao ver-se rodeado de uma multidão de crianças, revocará todas essas cenas da infância, contemplará a mãe a governar essas três vontades de meninos nem sempre dóceis e maleáveis, recordará todos os métodos de paciência, de firmeza suave, de autoridade sorridente que ela usava para vencê-las e procurará copiar sua mãe. E assim essa mulher analfabeta foi sem saber a formadora de seu pensamento. Num capítulo especial iremos admirar o gênio raro de educador que foi Dom Bosco; mas se o seu nome figura hoje entre os grandes nomes da pedagogia moderna pelas suas obras, pelas suas missões e por seus escritos, ele o deve em primeiro lugar aos exemplos que na infância e na adolescência contemplara em Becchi, sob o humilde teto materno.

## UM SONHO.

E eis que chegamos à primeira página misteriosa desta infância que vai impulsionar definitivamente a vida de João para o sacerdócio. Vai-se manifestar pela primeira vez esse sobrenatural que, no dizer de um dos primeiros defensores da Causa do Santo, o Cardeal Vives y Tuto, penetrou esta vida mais de que a de qualquer outro santo. É um sonho, um simples sonho, mas que como leitrnotiv se repete em todos os momentos graves de sua vida. Foi pela idade de nove anos que a comoção desse sonho encheu à pequena alma de João Bosco. Em breves traços foi assim que ele contou no dia seguinte: Parecia-lhe achar-se diante da porta de sua casa, no meio de uma multidão de meninos, que gritavam, berravam, blasfemavam, faziam toda a sorte de peraltices. Tentou faze-los calar, primeiro com palavras, depois com tapas e socos. Nesse momento uma personagem misteriosa aparece e lhe diz: "Não com pancadas, mas com a bondade deves ganhar-lhes amizade". Então Joãozinho viu aqueles meninos desaparecerem e o campo encher-se de cabritos, cães, gatos, ursos e outros animais ferozes. E uma senhora, de aspecto majestoso e belo, apareceu também e lhe disse: "O que acontecer a estes animais deves fazê-lo também aos meninos. Torna-te forte, humilde e robusto". E Joãozinho viu com grande espanto todas aquelas feras transformarem-se em mansos e alvos cordeirinhos. O menino não entendia nada. Mas a senhora, para enxugar as lágrimas que já brotavam copiosas dos olhos do pequeno vidente disse-lhe: "Mais tarde tudo compreenderás".

De manhãzinha, quando João contou o sonho à família reunida, cada um deu o seu palpite. José disse placidamente : "Certamente você vai ser pastor de ovelhas, de cabras e de outros animais". - "A não ser que vá acabar como chefe de bandidos" emendou maldosamente Antônio. A avó prudente, sentenciou: "Não se deve dar crédito a sonhos".

Mas Margarida, envolvendo o filho num grande olhar de ternura, suspirou: "Quem sabe se um dia não serás sacerdote?"

E a mãe acertou. Pois Joãozinho nos anos que se seguiram, manifestou várias vezes a ela o desejo de ser padre. "Ser padre! - replicava então Margarida - Ser padre! «É fácil dizer. Mas, por que é que queres ser padre? Qual é o motivo que te leva a isso?" E Joãozinho explicava:

Olhe, Mamãe, se um dia eu puder chegar a ser padre, consagrarei minha vida aos meninos. Hei de querer-lhes bem e farei que eles queiram bem a mim. E lhes hei de dar bons conselhos e gastarei todas as minhas forças na salvação de suas almas.

## UM PEQUENO SALTIMBANCO APÓSTOLO.

Joãozinho começou logo a desenvolver o programa de seu apostolado na sua pequena roda de Becchi. Quando tinha nove anos passara uns tempos em casa de uma tia, criada do pároco de Capriglio e aí aprendera a ler bastante bem. Pois esta modesta habilidade já lhe permitia animar os longos serões de inverno. Nas casas rurais daquela terra era uma porfia para conseguirem a presença do pequeno leitor. Ninguém como Ale sabia dar vida e colorido à história que se lia. De pé num banquinho ou numa cadeira, a fim de poder dominar todos os ouvintes, começava a leitura de Carlos Magno e os doze Pares de França diante do auditório mais simples, mais variado e mais atento que se possa desejar. E aqueles bons piemonteses pendiam horas a fio dos lábios de Joãozinho. Nem é preciso dizer que a reunião começava e terminava com uma ave-maria e um sinal da cruz bem feito.

Nos dias bonitos do verão o programa era diferente. O leitor se transformava em prestidigitador, palhaço, saltimbanco. A direita da casa materna, no terreno da família havia um lugar apropriado para isso. Era um trecho de prado onde se erguiam a pouca distância uma da outra, uma pereira e uma cerejeira. Nas tardes de domingo João amarrava uma corda de urna árvore a outra e estendia um tapete no chão e, diante de numerosos público, composto de gente de todas as idades executava um programa completo de saltimbanco. Em primeiro lugar acrobacia: dava saltos mortais, fazia cabriolas de toda a sorte, andava de pernas para o ar, executava movimentos prodigiosos; depois se punha a fazer jogos de prestidigitação: multiplicar ovos, trocar água em vinho, matar um galo e depois fazê-lo reviver, extrair moedas do nariz dos espectadores; depois ainda como saltimbanco pulava, corria, dançava na corda, pendurava-se nela com um pé, com os dois, enfim realizava infinitos jogos de agilidade e de destreza.

O intuito dele em todo Asse programa de divertimentos, não era outro senão servir-se desse meio - o melhor de todos - para atrair a gente do povoado. E quando os tinha a todos ali, fazia-lhes rezar o terço antes de começar a festa e no meio interrompia para intercalar um sermão, o mesmo sermão feito na igreja pelo cura de Murialdo e retido pela sua memória prodigiosa de menino.

Uma vez ou outra o auditório tentava resistir; mas, em tom que não admitia réplica, João propunha este contrato

"Das duas uma. Os meus jogos são para os que rezam o terço. Portanto ou os senhores rezam o terço e assistem aos jogos ou então podem não rezar o terço mas também na hora dos jogos eu não os aceito mais". Então ficavam todos. Maravilhoso menino! Seus dez anos se impunham com autoridade àqueles pequerruchos, àqueles rapazes, àqueles homens feitos, cujos pensamentos seu coração de apóstolo queria já elevar para o céu. De que é que dependia o êxito precoce desse camponesinho quase analfabeto? De duas coisas que vamos ver agir durante todo o curso de sua vida: Deus o tinha dotado de uma atração especial para a juventude e Ale com o esforço pessoal trabalhava para circundar continuamente sua ação de um prestígio que a tornasse agradável a todos.

Tal prestígio devia-o em Becchi a suas habilidades acrobáticas. Mas

Ale não nascera com tal habilidade; para reduzir o corpo a Asse grau de agilidade maravilhosa e para conseguir a elasticidade espantosa que chegou a ter nos movimentos dos dedos, dos ombros, de todo o corpo, teve que observar muitos saltimbancos nas praças, nos dias de feira. E quantos exercícios teve que multiplicar a sós, no cantinho de seu prado, longe dos olhos de todos! Quando acompanhava a mãe ao mercado, se algum acrobata atraía ao redor de si a multidão dos simplórios, era certo que Joãozinho ia meter-se na primeira fila, todo olhos e todo ouvidos para observar o menor gesto do homem e assim apoderasse de seu segredo. Voltava a casa com sua boa dose de observações e logo que tinha uns momentos livres, com a devida licença da mãe, punha-se a reproduzir todo o programa do saltimbanco. Oito, dez vezes lhe saia mal a "mágica" ou falhava de uma vez, mas perseverava e afinal conseguia superar o obstáculo. Espírito de observação, corpo dócil às ordens da vontade e capaz de dobrar-se em todas as suas partes, dom excepcional de imitação, audácia empreendedora, tinha tudo o de que pudesse depender o resultado. Iremos ver como essa audácia perseverou em toda sua vida e o impeliu à realização de empresas que o comum dos homens julgava loucas. Nessas ocasiões, como nos dias de sua infância, ele será sempre o pequeno funâmbulo, que, embora lhe trema o coração, avança sobre a linha do perigo atravessa-o com passo seguro e toca finalmente a meta.

## A PRIMEIRA COMUNHÃO.

Diante de semelhante precocidade de espírito, diante de um amor do bem tão ativo, e de uma posse tão perfeita da doutrina cristã, não se poderia mais ter dúvidas sobre o preparo do menino para ser admitido ao Sacramento da Eucaristia. Infelizmente as práticas jansenistas tinham-se infiltrado em surdina da Sabóia para o piemonte; e na diocese de Turim não se admitia ninguém à primeira Comunhão antes dos doze ou treze anos. No entanto para Joãozinho fizeram uma exceção : com dez anos e meio pôde receber no coração ao seu Deus oculto sob as espécies eucarísticas.

Foi na Páscoa de 1826, na igreja paroquial de Castelnuovo, a sua primeira comunhão. Desse fato memorando a única lembrança que nos resta são os conselhos que Margarida deu ao menor de seus filhos na tarde daquele grande dia "Meu filho, - foram suas palavras, - sinto uma doce confiança que Deus tomou posse, de fato, de teu coraçãozinho esta manhã. Promete-me que te hás de manter bom até o fim da vida. Comunga muitas vezes, mas não cometas jamais sacrilégio: e para isso faze com sinceridade as tuas confissões. Sê sempre obediente; não faltes nunca à doutrina, e nem aos sermões e foge dos maus companheiros como da peste".

No manuscrito em que João anotou esses sábios conselhos lê-se logo ao lado: "Eu me esforcei para praticar essas recomendações e parece-me que desde esse dia meu procedimento melhorou. Aprendi especialmente a obedecer e a submeter-me, quando antes dessa data muitas vezes eu opunha caprichos às ordens e aos conselhos de quem me mandava alguma coisa".

## ENCONTRO PROVIDENCIAL.

Algumas semanas depois, no início da primavera desse ano de 1826, parece que a Providência quis encaminhar o menino para a meta dos seus desejos. Um incidente, aliás insignificante, uma simples conversa numa estrada pareceu vir abrir-lhe o caminho para o estudo. Até essa data

ninguém se tinha atrevido a pensar nisso. A família Bosco era tão pobre, que era impossível arcar com as despesas de um filho estudante. E por isso, apesar da vivacidade de sua inteligência e do ardor de seus desejos, Joãozinho ia continuando na vida da enxada. Sabia ler e isso já era alguma coisa; mas bem pouco; e já estava para completar onze anos! Enorme atraso comparado com o que sabiam estudantes da mesma idade! Porém nem ele nem sua mãe tinham perdido a esperança de ver dias melhores. E aguardavam a hora de Deus.

Essa hora soou numa serena tarde de abril. O ano de 1825 tinha sido ano de jubileu e Roma tinha assistido à admirável afluência de 400.000 peregrinos. No ano seguinte o jubileu foi estendido a todo o mundo católico; e na diocese de Turim o tempo marcado para lucrar as indulgências tinha sido de março a setembro. A família Bosco, que se achava mais perto da paróquia de Buttigliera que da de Castelnuovo, resolveu tomar parte nos exercícios da primeira a qual convocou todos os fiéis pelo espaço de oito dias consecutivos. Buttigliera fica a quatro quilômetros de Becchi. Não era portanto coisa de assustar ter que percorrer dezesseis quilômetros por dia para ouvir os dois sermões que se faziam de manhã bem cedinho e os outros dois de tarde! As graças do jubileu compensavam bem tal trabalho.

Acabada a última prática, voltavam em grupos, ao cair da tarde, e quando a estrada começava a ramificar-se em atalhos, uns tomavam o caminho de Becchi, outros o de Capriglio, outros o de Murialdo.

Um velho sacerdote setuagenário voltava assim todas as tardes com seus paroquianos; era o Padre Calosso, cura de Murialdo. Apesar dos seus tardos anos, percorria também ele os dezesseis quilômetros por dia para merecer na tarde da vida o grande perdão do Jubileu. Durante a caminhada vinha observando desde o início da semana aquele menino de cabelos encaracolados, de passos ágeis que ia um tanto separado de todos os outros como que a ruminar recolhido a palavra dos missionários.

## MEMÓRIA PRODIGIOSA DE UM MENINO.

- Ó menino, disse-lhe uma tarde, de onde vens?

- De Becchi.

- Será que entendeste alguma coisa da prática de hoje?

- Sim, Senhor Cura, entendi tudo

- Tudo é muito! vamos ver. Se fores capaz de repetir quatro frases da instrução dou-te quatro soldos.

- O senhor quer quatro frases do primeiro ponto ou do segundo?

- Como quiseres. És capaz de lembrar ao menos o tema que se tratou?

- Lembro-me perfeitamente: o pregador tratou da necessidade de não deixar a conversão para mais tarde.

- E que foi que ele disse a esse respeito?

- O sermão tinha três pontos. Qual deles quer o senhor que eu lhe repita?

**- O que quiseres.**

**- Pois então vou repetir os três.**

**E o nosso homenzinho, sem tropeçar nem uma vez foi contando impecavelmente os três pontos da primeira instrução daquela tarde: Quando o pecador se obstina no Pecado, um dia certamente lhe há de faltar o tempo, a graça e a vontade da conversão.**

**Toda a boa gente do povoado se vinha aglomerando ao redor do menino e os quilômetros de caminho iam passando sem ninguém perceber, tal a atenção com que todos ouviam aquele rapaz e tal a maravilha que causava em todos aquela memória prodigiosa.**

**- Muito bem! Disse o Padre Calosso no fim, bravo! Estou vendo que guardaste bem a primeira instrução. Mas e a segunda?**

**- A segunda? O senhor quer ouvi-Ia inteira também?**

**- Não, bastam algumas palavras.**

**- Pois bem: o que mais me impressionou na segunda prática foi a descrição do encontro da alma do condenado com o seu corpo, na hora em que soarem as trombetas dos anjos chamando os mortos para o juízo.**

**E aqui Joãozinho começou a recitar o diálogo com que o pregador tinha dramatizado a cena.**

**O bom velho diante de tal memória não pôde conter a comoção. Menino prodigioso! Que talento precoce! E imediatamente no seu pensamento brilhou esta pergunta: Para quem e para quê poderão servir estes dotes? Que irá fazer na vida um menino cheio de tantas boas qualidades? Será uma força útil? ou uma força desperdiçada? Ou talvez uma força nociva?**

**E o diálogo entre o padre e o menino recomeçou.**

**- Qual é o teu nome? Quem são teus pais? Que escola estás freqüentando?**

**- Chamo-me João Bosco; perdi meu pai na idade de dois anos; mamãe tem cinco bocas para sustentar. Sei ler e também escrever um pouquinho.**

**- Já sabes um pouco de gramática?**

**- Não sei o que é isso.**

**- Gostarias de estudar?**

**- Nem se fale!**

**- Mas e porque não estudas, então?**

**- É que meu irmão Antônio não quer.**

**- Porque?**

**- ele sempre diz que para trabalhar na enxada qualquer instrução é mais que suficiente.**

**- E para que é que gostarias de estudar?**

**- Para ser padre.**

**- E porque queres ser padre?**

**- Para atrair a mim os meninos, ensinar-lhes a religião e impedir que se tornem maus. Eu já reparei bem que quando seguem o mau caminho é porque ninguém cuida deles... Mas, dê licença, senhor Cura, já estou chegando; tenho que subir por aqui para chegar a Becchi.**

**De fato o menino e o grupo que estava com ele se achavam ao pé da colina em cujo cimo fica o povoado. Ninguém tinha achado o caminho comprido.**

**- Sabes ajudar a missa, Joãozinho? Perguntou ainda o velho Cura, já para se despedir.**

**- Sei, mais ou menos.**

**- Então vem ajudar-me amanhã. Tenho uma coisa a te dizer.**

**O menino foi. Depois da missa, o bom padre lançou ainda um olhar sobre aquela alma de camponesinho e concluiu que era mesmo chamado para uma missão mais elevada que a de trabalhar na terra. Devia trabalhar, semear, ceifar, enceleirar, tudo isso, sim, mas no campo das almas.**

**- Dize a tua, mãe que venha falar comigo domingo, combinaremos tudo a respeito do teu futuro.**

**No domingo seguinte Margarida foi falar com o padre Calosso e ficou combinado que todas as manhãs Joãozinho, iria a Murialdo receber uma lição de latim. No resto do dia continuaria a trabalhar no campo, uma vez que Antônio espreitava ciumento, obtuso e tirânico. Pouco faltou que não provocasse um escarcéu quando soube da decisão tomada; acalmou-se quando calculou que as tais lições só iriam ter inícios seis meses mais tarde, no outono, quando os trabalhos da lavoura começam a rarear.**

## PADRE CALOSSO, PRIMEIRO PROFESSOR DE LATIM.

**E foi um ano delicioso o que o menino passou ao lado do Cura de Murialdo. ele irá recordá-lo sempre com comoção.**

**Achara finalmente o padre com que sempre sonhara bom, simples, paterno, e ao mesmo tempo tão piedoso, tão sábio nos seus conselhos, tão firme no seu proceder!**

**Joãozinho tinha lamentado tantas vezes em pequeno ele o confessa -a austeridade dos sacerdotes! ele os cumprimentava na rua mas a resposta era apenas um toque distraído de chapéu; nem uma palavra, nem um gesto que aproximasse a alma deles da sua. Aquela pequena alma de católico não concebia assim o sacerdócio; ele o via ao invés como uma imensa bondade que envolve os homens e as coisas no sorriso da religião. Mas vivia-se em uma época infestada de jansenismo e essa atitude reservada parecia obrigatória para incutir nos fiéis o respeito para com as coisas misteriosas e divinas que o sacerdote representa.**

**Depois de três meses de gramática italiana, no Natal, Joãozinho começou o estudo do latim. ele próprio confessa que as primeiras**

declinações foram duras de mastigar. Mas entregou-se ao estudo com tanto afinco que na Páscoa já tinha percorrido toda a gramática latina.

- "Seu filho é um portento de memória", dizia o Padre Caloso todas as vezes que encontrava mamãe Margarida: "é preciso continuar a mandá-lo sempre às minhas aulas". Bem que o teria feito aquela santa mulher; mas infelizmente, apenas chegou a primavera, essas poucas horas, roubadas aos trabalhos dos campos, provocaram de novo o furor de Antônio. Joãozinho procurava trabalhar por dois e estudar só às escondidas, no ir e vir da lavoura ou à noite quando o trabalho estava todo terminado.

Mas era inútil! Bastava ver um livro que aquele rapagão de 24 anos se enfurecia. E um dia não agüentou mais.

- Basta! Começou a gritar. Não quero mais ver em casa nenhuma destas gramáticas! Não há necessidade disso para viver. Eu fiquei grande e gordo sem precisar de livros.

- Estás raciocinando muito mal, replicou Joãozinho.

- Prove!

- Ora, o nosso burro é ainda maior que tu; e ele também nunca foi à escola. Queres parecer-te com ele?

Antônio deu um pulo para agarrar o irmão e cobri-lo de bofetadas; mas o rapazinho esperto tinha fugido em tempo.

Outras vezes o rude camponês cobria de zombarias o pobre menino para fazer-lhe perder a vontade de estudar. Dizia: "Olhem este senhorzinho; desse tamanho e quer estudar. E por que? - Por preguiça. Quer viver comodamente, enquanto nós continuaremos a comer polenta. Pensas que temos vontade de viver suando para manter-te nos estudos? Vamos, deixa de histórias. Vai pegar na enxada. Nossa família não precisa de doutores".

Se Antônio via o irmãozinho com um livro, embora num dia em que não fosse mesmo possível fazer nenhum outro trabalho - como por exemplo um dia de chuva ou um dia santo - arrancava-o e atirava-o contra a parede gritando

"Já te disse cem vezes que não quero ver-te com livros. Nasceste para ser lavrador como eu; põe isso na cabeça". A situação era tão crítica que não podia durar mais tempo. Margarida compreendeu. No outono seguinte, para evitar brigas, fez João suspender as lições. Mas esse ato, tão doloroso para os dois corações, ainda não foi bastante para acalmar a ira do irmão maior. E então numa tarde de fevereiro foi decidido o grande sacrifício. - "É melhor que te afastes de aqui, Joãozinho, disse a Mãe soluçando. Estás vendo que Antônio não acalma mesmo. Parte com a graça de Deus. Vai procurar trabalho nos sítios vizinhos. Se não achares, vai a Moncucco e lá procura a família Moglia : é gente rica e boa e hão de te receber. E isso amanhã mesmo, sim? Está portanto combinado".

## EMPREGADINHO DE FAZENDA.

E no dia seguinte, uma manhã gelada de fevereiro de 1829, levando debaixo do braço uma mísera trouxinha com seus diletos livros, duas camisas e alguns lenços, o menino partiu.

Deus velava os seus passos e, como a mãe previra conduziu-o a Moncucco. Mas lá, como aliás em todas as outras herdades por onde tinha passado, a família Moglia não queria recebê-lo; naquela estação do ano o trabalho escasseava e só receberiam no fim de março algum rapaz para ajudar nos trabalhos rurais. Joãozinho, porém, tanto suplicou que o dono da casa acabou aceitando-o. Ali ia ficar quase dois anos. Ia ser o empregadinho modelo que entrava para trabalhar só em troca de cama e mesa e depois passaria a ganhar primeiro 15, depois 30, depois 50 liras por ano, tal era a consciência com que trabalhava.

Em Moncucco, dos 13 aos 14 anos, levou a mesma vida de Becchi : durante a semana cuidava do estábulo e aos domingos no palheiro do sítio reunia os poucos meninos do povoado para lhes ensinar a doutrina e lhes recitava trechos do evangelho e lhes contava belas histórias. No verão era à sombra de uma amoreira que se reunia esse oratório festivo em embrião. Não eram tão numerosos como em Becchi, mas ouviam-no igualmente atentos. Então o desejo de chegar ao sacerdócio mais do que nunca devorava aquele coraçãozinho e ele o confessava até aos patrões.

- Mas como é que vais conseguir estudar? perguntavam. Para formar um padre é preciso umas nove ou dez mil liras; onde arranja-las?

- Não o sei. O que sei é que vou conseguir.

E para não esquecer o que tinha aprendido do Padre Caloso continuava a repassar a gramática latina no meio dos campos enquanto tomava conta das vacas, ou em casa nas tardes de folga.

No mês de dezembro de 1829 pareceu-lhe ter chegado ao fim da dura prova. Uma manhã, enquanto ia levando as vacas ao pasto, encontrou-se com o tio, Miguel Occhiena, fazendeiro que se tinha enriquecido em negócios de gado.

- Então, Joãozinho, estás gostando daqui dos Moglias?

- Como é que posso estar gostando? É verdade que todos aqui me querem bem, mas não posso abafar em meu coração o desejo de estudar e vejo que os anos vão passando. Já estou para completar quinze anos.

Pobre Joãozinho! disse o tio compadecido. Deixa que vou arrumar tudo. Leva esses animais para o estábulo. Toma a tua bagagem e volta para Becchi. Eu tenho que ir a Chieri, mas volto esta tarde. Passarei depois por lá e falarei com tua mãe; vais ver como tudo se resolve bem.

## VOLTA À CASA PATERNA.

Com a alegria que todos podem imaginar, João foi despedir-se de seus patrões. Estes lhe queriam tanto bem, que sentiam despedaçar-se a alma quando o viram partir depois de ter passado vinte e dois meses sob aquele teto como um sorriso de Deus.

Em Becchi, Margarida não quis recebê-lo em casa essa tarde para que Antônio não pensasse que aquela volta tinha sido combinada entre ela e Miguel. E por isso o pobre menino, tremendo de frio, teve que ficar esperando numa vala ali perto até que o tio voltasse de seus negócios. Quando este voltou, ao cair da noite, tomou o pobre sobrinho entanguido como estava, e subiu com ele até Becchi. Chegando à casa conseguiu persuadir o terrível irmão, e Joãozinho reentrou no lar paterno.

Porém as desventuras não tinham terminado ainda. O carinhoso tio Miguel procurou conseguir que o pároco de Castelnuovo ou de Buttigliera continuassem a dar aulas de latim ao menino já crescido. Mas tanto um como o outro responderam que era trabalho demais, que não davam conta, que não podiam assumir mais essa responsabilidade. Então é que se lembraram de novo do Padre Caloso. E foram ter com ele. A idade e os achaques tinham-no obrigado a pedir demissão do cargo, e assim se achava em repouso, mas em Murialdo mesmo. Quando recebeu o pedido de reencetar as aulas para o seu querido aluno, aceitou com entusiasmo. E sua bondade o levou a fazer mais ainda. "Não receies quanto ao teu futuro, disse o admirável ancião, eu me encarrego dele. Enquanto eu tiver vida, te ajudarei, e, se Deus me chamar a si, já tomei providências para garantir a conclusão dos estudos". Parecia portanto estarem superados todos os obstáculos e diante da fantasia comovida do menino desenhou-se um caminho luminoso e reto.

## NOVAS OPOSIÇÕES DE ANTÔNIO.

Mas que tristeza! Joãozinho viu erguer-se de novo entre o único desejo de sua vida e a sua realização já garantida, a vontade formal do irmão mais velho. Aqui, porém, a mãe interveio. Tinha tido paciência até esse dia, na esperança de que a doçura acabasse desfazendo a oposição. Mas via que seus esforços eram completamente baldados. Então adotou a única solução que garantia ao mesmo tempo a vocação de Joãozinho, a tranqüilidade da casa e o futuro de todos: requereu a repartição legal dos bens. Antônio tentou opor-se mas foi inútil. Margarida manteve a resolução tomada e depois de alguns meses foi feita a partilha. Antônio não abandonou o povoado, mas afastou-se da casa paterna. Finalmente podia-se respirar com liberdade.

Alguns dias mais tarde, Joãozinho se instalou na casa do Padre Caloso. Sua felicidade era completa!

"Ninguém -escrevia ele mais tarde - poderia fazer uma idéia de minha felicidade! O Padre Caloso era para mim um anjo de Deus. Eu o amava mais que a um pai, rezava continuamente por ele , para assim demonstrar-lhe a minha gratidão. Na sua modesta casa eu progredia mais num dia do que numa semana em Becchi".

Parecia portanto que facilmente se poderia recuperar o tempo perdido e trabalhar por dois. Quem poderia atrever-se agora a vir perturbar seus estudos? Quem? . . . Só a morte.

## MORTE IMPROVISA DO PADRE CALOSSO

E a morte veio, brutal e inesperada, truncar de um só golpe os sonhos do menino. Uma tarde de inverno, Joãozinho tinha ido a Becchi para buscar um pouco de roupa limpa; enquanto lá estava, chegaram algumas pessoas correndo para avisá-lo de que o Padre . Caloso tinha tido um ataque apopléctico. Com toda a ligeireza de suas pernas o rapazinho correu para a cabeceira de seu benfeitor. Infelizmente a paralisia cerebral tinha dominado o bom velho. Já não falava mais. Todavia por meio de gestos, pôde indicar que debaixo do travesseiro estava uma chave, que essa chave era da escrivaninha e que tudo o que lá estava era para ele, João. O pensamento do bom sacerdote ainda estava lúcido e a sua intenção era manifesta. Depois da morte

queria, como havia prometido, proteger a vocação de seu discípulo e fazê-la chegar até ao fim. Esse fato se deu no dia 9 de novembro. Na tarde do dia 21 o Padre Caloso morreu com a idade de 75 anos.

## UMA TENTAÇÃO TRÁGICA.

Com essa morte inesperada, João estava para ser atirado de novo num caminho desconhecido e quem sabe como e quando poderia reatar os seus estudos! As economias do velho cura - 6.000 liras! -resolviam imediatamente o problema e o menino podia ficar com esse dinheiro de acordo com a mais sã consciência. - Mas, e isso não iria talvez lesar os direitos dos herdeiros? Que situação angustiosa! Que terrível tentação! Por fim, triunfou a confiança em Deus. Quando vieram os herdeiros do Padre Caloso - escreveu Dom Bosco nas memórias - entreguei-lhes a chave da escrivaninha e tudo o mais que lhes pertencia".

## NOVA SEPARAÇÃO. UM MODESTO CURSO DE LATIM EM CASTELNUOVO.

Infelizmente esse gesto o arrojava de novo em pleno oceano. E já estava com mais de quinze anos de idade. Que fazer? O ano escolar já ia adiantado, mas assim mesmo Margarida decidiu mandá-lo freqüentar em Castelnuovo umas aulas de latim, muito modestas, dadas por um padre que ali tinha também uma escola primária. Joãozinho recebeu a ordem com a máxima alegria! Nas primeiras semanas percorria cotidianamente com todo o seu ardor juvenil, sem tropeçar, os vinte quilômetros, que tantos eram o total de ida e volta, duas vezes por dia, de sua casa a Castelnuovo. Para diminuir as despesas chegava ao ponto de fazer todo esse caminho descalço, levando os sapatos no ombro. Calçava-os ao chegar à entrada da vila. Mas essa fadiga tinha que esgotá-lo um dia; e por isso começou por não voltar para casa na hora do almoço : levava numa sacola a modesta refeição. E em certas tardes de inverno, em que rugia a tormenta e as estradas estavam sepultadas na neve, não voltava nem mesmo à noite; dormia num cantinho debaixo da escada, em casa de uma família amiga. Por fim Mamãe Margarida percebeu que era melhor que ele fosse morar definitivamente em Castelnuovo. Combinou com João Roberto, alfaiate do lugar, pessoa muito bondosa, para que recebesse Joãozinho como pensionista. O pagamento seria em gêneros: trigo, vinho e ovos. Foi a segunda vez que João se separou da família. Ao despedir-se, a mãe lhe fez uma única recomendação, tão simples como cheia de augúrios de proteção: "Especialmente, meu filho, sê muito devoto de N. Senhora".

As primeiras semanas em Castelnuovo foram penosas. Os estudantinhos do lugar não deixavam passar ocasião de zombar daquele mocetão de 15 anos, que vinha desse desprezado recanto do mundo chamado Becchi. Tanto mais que um casaco desajeitado, arranjado quem sabe onde, concorria para tornar-lhe a figura ridícula.

João suportava sorrindo a provação. Mas havia outra mais dura ainda que já outrora lhe confrangia a alma: não encontrava meios de aproximar-se dos sacerdotes. Eles se mantinham afastados dos fiéis por uma atitude acintosamente reservada. E a alma de João, desejosa de abrir-se, de entregar-se com confiança, sofria imenso com essa gravidade glacial. As vezes chorava de noite por não poder manifestar sua alma ao único ente que poderia compreendê-la e ajudá-la. "Se eu fosse padre, monologava,

não faria assim. Eu me aproximaria dos meninos, eu os amaria e com palavras e conselhos trabalharia para salvar-lhes a alma. O Padre Caloso fazia assim.

- Que é que havemos de fazer, meu caro, respondia-lhe a Mãe, quando ele entrava no argumento. É melhor resignarmo-nos.

- Mas que é que lhes custava dizer-me uma palavrinha bondosa ao passarem perto de mim?

- Que querias que te dissessem?

- Alguma coisa que me fizesse bem ao coração.

- Mas os padres têm tanto o que fazer, no confessionário, no púlpito, à cabeceira dos doentes.

- É verdade, mas nós também somos ovelhinhas do seu rebanho.

- Mas afinal, querias que fossem perder tempo contigo?

- Jesus então perdia tempo com os meninos quando os reunia em redor de si apesar da oposição dos apóstolos?

- Não deixas de ter razão. Mas que hei de fazer?

- Ah! Mamãe, se eu for padre, não farei assim. Consagrarei toda a minha vida à juventude. Os meninos nunca me verão passar assim ao, lado deles, mas serei eu o primeiro a lhes dirigir a palavra.

O pior é que esses senhores não eram sérios e graves só de longe. O próprio professor de João não o tragava. Tinha metido na cabeça a convicção de que de Becchi não podia sair nenhuma vocação eclesiástica, muito menos tratando-se de um moço já crescido; e não havia remédio; obstinava-se a crer na incapacidade intelectual do rapaz. Basta o seguinte fato insignificante para demonstrar evidentemente quanto tal preconceito se havia arraigado no espírito do professor. O curso de latim estava dividido em diversas classes, da primeira à quarta. Um dia havia exercício de versão latina e João sentia-se com coragem de fazer o trabalho marcado para os alunos da quarta classe. Pediu ao professor que o permitisse.

- O senhor vai ver como eu faço direito, disse.

- Tens coragem de pensar nisso, tu, que não passas de um camponês de Becchi? Farias é muito bem em abandonar o estudo do latim. Apanhar cogumelos e pegar ninhos de passarinhos, isso és capaz de fazer; mas uma versão do quarto ano, não. Absolutamente não!

- Deixe-me, professor, deixe-me fazer a versão e o senhor verá.

- Não verei nada, porque não vou corrigir o teu trabalho. Não tenho tempo para perder em tolices. Tu, porém, podes fazer como quiseres.

Bosco fez o trabalho de versão marcado para a quarta classe e depois de três horas entregou-o ao professor, que o pôs de lado com um sorriso de compaixão

- Tenha a bondade de ler, suplica o menino, eu gostaria de ouvir o seu parecer.

- Mas eu não te disse já há pouco que não eras capaz de fazer a

versão?

- Leia assim mesmo, professor, gritaram também os outros colegas cheios de curiosidade.

O professor, então, que tinha o péssimo costume de ceder ao capricho dos alunos mais insubordinados, tomou a versão e leu-a. Se tinha erros eram bem poucos. E o mestre pondo o trabalho sobre a mesa exclamou

- Não tinha dito? Não eras mesmo capaz de fazer a versão e então copiaste do vizinho. Isto não saiu de tua cachola! Os dois vizinhos de banco de João protestaram: Não copiou, não, senhor professor. Se quiser, pode conferir nossos trabalhos. Se ele copiou deverão estar iguais.

A observação era justa, mas não adiantou nada. O preconceito era forte demais e o incidente terminou com uma solene repreensão do professor. .

- Era só o que faltava. Os senhores a me quererem ensinar o meu ofício! Quando eu digo que João copiou é porque copiou mesmo.

Que é mais que se podia opor? S6 paciência e resignação.

## UM ANO DE ESTUDO PERDIDO.

E de paciência e de resignação armou-se Joãozinho, quando foi compreendendo que aquele ano de estudo estava perdido para ele.

O pensionista de João Roberto procurou ao menos aproveitar a oportunidade para aprender o ofício do dono da pensão. Começou a ocupar as horas livres em pregar botões, casear, costurar; depois passou a experimentar cortar calças, coletes e até casacos. Se alguém tivesse então prognosticado que aquele ofício modesto lhe iria servir um dia tanto quanto o latim, certamente lhe teria causado grande maravilha! Era a Providência que, por caminhos obscuros e até misteriosos o ia guiando para seus fins; ele irá compreender logo e então agradecerá a Deus que o formou assim tão virilmente na escola da desventura.

As férias desse ano de 1831 Joãozinho foi passá-las com a mãe, que não estava morando mais em Becchi. Estava cultivando a meias, com o filho José e um vizinho muito amigo, chamado Febbraro, uma pequena propriedade não distante de Becchi - o Sussambrino. Por sinal que seu trabalho corajoso estava fazendo a terra produzir muito. Durante os três meses de férias, João retomou seu antigo serviço: levar as vacas todos os dias ao pasto. Ao mesmo tempo, porém, não deixava de reler a gramática latina. para não esquecer as lições aprendidas penosamente naquele ano desastroso. Mas... e o ano que ia entrar? Era a pergunta angustiosa que Joãozinho fazia a si mesmo, quando lhe veio uma dúplice resposta: uma do céu e outra da terra.

## CONFIRMAÇÃO DO SONHO PROFÉTICO.

Certa manhã de agosto, um vizinho do Sussambrino, José Turco, encontrou-o a irradiar alegria do rosto e dos olhos. E lhe perguntou

**- Que novidade é essa, Joãozinho? Há tempo que eu te via todo triste e preocupado, e esta manhã tão alegre?**

**- Ah! senhor Turco, agora eu tenho plena certeza que serei padre um dia!**

**- Não digas! E como é isso?**

**- Esta noite tive um sonho, que me garante. Vi aproximar-se de mim uma senhora majestosa, a apascentar um grande rebanho. Chegou perto de mim, chamou-me pelo nome e me disse - "Joãozinho, vês este rebanho? Pois eu o entrego todo a ti. - Mas como, poderei tomar conta de tantos cordeirinhos e de tantas ovelhas? Não tenho pastos aonde conduzi-los. - Não temas, eu velarei teus passos e te ajudarei". E a visão desapareceu.**

**- O senhor vê portanto que tenho motivo para ficar tranqüilo, conclui Joãozinho.**

**E João ficou tranqüilo de fato. Tanto mais que logo depois da resposta do céu chegou também uma da terra, e não menos rica de esperanças. E que Margarida o mandou para a cidade de Chieri, que ficava a vinte quilômetros de Becchi, para continuar regularmente os estudos na escola pública do lugar. Dona Luzia Matta, uma boa senhora que se tinha mudado para Chieri precisamente para poder ter o filho externo no Colégio, prontificou-se a aceitar João como pensionista pela módica importância de 21 liras mensais ou até menos se fosse necessário - contanto que João desempenhasse também o ofício de doméstico. O rapaz não pôs a mínima dificuldade e fechou-se o contrato.**

**Mas onde arranjar dinheiro para um enxoval, embora o mais modesto, e para pagar três meses de pensão antecipados? João Bosco aferrou a coragem com ambas as mãos e foi de casa em casa pedir a todos os camponeses de Murialdo que ajudassem com alguma oferta ao menos em gêneros. Ninguém lhe negou a caridade e ele voltou com um saco cheio de cereais, e com boa quantidade de queijo e ovos. Até o pároco de Castelnuovo deu-lhe alguma coisa, por intermédio de uma de suas paroquianas. E assim provido, nos primeiros dias de novembro lá se foi ele para Chieri, a cidade dos seus sonhos, a cidade dos estudos, tão religiosa e tão boa, essa mesma que no século dezesseis tinha hospedado por alguns meses a S. Luiz Gonzaga.**

**Parecia-lhe que o fim da grande provação estava muito próximo. Sete anos de tormentos se concluíam com uma grande esperança. Era quatro de novembro de 1831. João tinha 16 anos.**

**Os ombros se curvavam ao peso de um saco de farinha e outro de milho que ia vender em Castelnuovo para com o dinheiro comprar livros, cadernos e penas; mas o coração se alargava ao pensar que finalmente o caminho estava livre.**

## CAPÍTULO II

## A VOCAÇÃO MARAVILHOSA E CONTRARIADA TRIUNFA

**Índice**

**CHIERI, CIDADE DE ESTUDANTES E DE CONVENTOS.**

**VIDA QUE LEVAVAM OS ESTUDANTES.**

**APRENDE A FAZER DOCES E TRABALHA DE MOÇO DE CAFÉ.**

**VIDA DE PRIVAÇÕES.**

**MEMÓRIA SEMPRE PRODIGIOSA.**

**O AMIGO DOS MENINOS.**

**UM GRUPO DE ESTUDANTES CATÓLICOS MODELARES. A SOCIEDADE DA ALEGRIA.**

**DESAFIO PROPOSTO E ACEITO.**

**UMA FLOR DE AMIZADE CRISTÃ: LUIZ COMOLLO.**

**AMIGOS INSEPARÁVEIS.**

**UM OLHAR PARA O CONVENTO.**

**UM CONSELHO OPORTUNO DE SÃO CAFASSO.**

**JOÃO BOSCO RECEBE O HÁBITO TALAR.**

**SEGUINDO AS PEGADAS DE CAFASSO.**

**A MAIOR TRISTEZA DE JOÃO BOSCO.**

**A MORTE DE COMOLLO.**

**TERRÍVEL APARIÇÃO.**

**INTIMO E DEFINITIVO ADEUS AO MUNDO.**

**UM MODELO DE SEMINARISTA.**

**A NATUREZA RECLAMA.**

**REPETIDOR DE GREGO.**

**PELA TERCEIRA VEZ DEUS LHE FALA EM SONHOS.**

**ORDENS MAIORES. PROPÓSITOS DA ORDENAÇÃO.**

**SACERDÓCIO E PRIMEIRA MISSA.**

**NA SUA TERRA NATAL.**

**SUBLIMES PALAVRAS DE SUA MÃE.**

## CAPÍTULO II

## A VOCAÇÃO MARAVILHOSA E CONTRARIADA TRIUNFA

### CHIERI, CIDADE DE ESTUDANTES E DE CONVENTOS.

CHIERI, onde João Bosco ia passar dez anos de sua vida, é tuna pequena jóia entre as cidades da Itália. Antiga, muito antiga, pois suas origens chegam a perder-se na noite dos tempos, em, muitos pontos conservou o aspecto do século XIII. Antigamente, no tempo das Comunas italianas, Chieri era poderosa e temida. Era uma minúscula república, que tinha direito de cunhar moedas estendia seu domínio sobre trinta territórios ou castelos da planície. Mais tarde, cobiçada e perseguida pelo Marquesado do Monferrato que lhe ficava à esquerda, entregou-se nos braços protetores do vizinho da direita, o Duque de Sabóia. Chieri fica numa posição invejável. Estendida ao sopé dos últimos contrafortes dos Prealpes, protegida de três lados por uma fila de colinas, olha sorrindo para a imensa planície que de Turim até Asti estende diante dela os seus trigais, suas pastagens, suas vinhas. Muitos séculos atrás, chamavam-na Chieri das cem torres, pois todas as famílias do lugar - os Balbos, os Broglias, os Bensos, os Tanas - tinham construído torres como sinais de seu poder. Porém nos tempos de Dom Bosco, como hoje, Chieri não era senão a boa cidade dos conventos, dos colégios, e da indústria de tecidos, fundo de tintas esbatidas sobre o qual ressaltava o esplendor da Capital vizinha. Não sei que ordem religiosa aí não tivesse a sua igreja ou seu convento. Dominicanos, Oratorianos, Jesuítas, Franciscanos, Clarissas e tantos outros. A catedral gótica, dos inícios do século quinze, com suas cinco naves e seus vinte e dois altares, era a admiração de todo o Piemonte que não lhe sabia opor nada de mais amplo nem de mais majestoso. Nessa cidade de memórias, de piedade e de estudos, devia encontrar o bom camponesinho que chegava de sua aldeola o estímulo e a animação para o seu espírito maleável e ardente.

### VIDA QUE LEVAVAM OS ESTUDANTES.

A vida dos estudantes pobres era dura naqueles tempos. Hoje um indivíduo que tenha uma vocação decidida e tenaz pode encontrar um benfeitor ou uma instituição que lhe pague uma bolsa de estudos ou meia bolsa ao menos; e assim o candidato consegue percorrer sem despesas demasiadas o ciclo dos estudos. Naqueles tempos tal coisa era rarissima. É verdade que os cursos eram gratuitos. Mas havia todas as outras despesas. E não eram poucas.

Em geral esses pobres estudantes iam a dezenas procurar conhecidos os quais lhes ofereciam casa, cama e sopa; pagavam em dinheiro ou em gêneros, como sacos de cereais, batatas, castanhas e até quartolas de vinho. As vezes pagavam também com serviços, pondo-se nas horas livres das aulas, à disposição do patrão para toda a sorte de trabalhos. Os pais forneciam o alimento.

Assim, por exemplo, todos os sábados via-se mamãe Margarida chegar a Chieri com seu enorme pão caseiro, que dava para toda a semana, e a provisão de fubá, batatas e castanhas.

Nem é necessário lembrar, que, mesmo nas tardes piores do inverno -que é bem cruel ao pé daquelas montanhas - não se conhecia o conforto de um

fogo para a gente se aquecer. Esfregavam-se as mãos, batia-se forte com os pés no pavimento e caía-se de novo sobre os livros a estudar. E esses livros, como o papel, e a tinta, e as penas e tudo o mais, era preciso comprar com o suor do próprio rosto; com a indústria pessoal, com a prestação de serviços cá e acolá, em repetições, em escriturações, ou mesmo em humildes trabalhos manuais. De longe, banhados como vivemos nesta atmosfera de embriagadora suavidade dos colégios que hoje temos, essa vida nos parece muito rígida e muito dura. Mas não lamentemos demais os pobres estudantes de então: na escola da pobreza eles se tornavam homens que mais tarde eram capazes de encarar a vida de frente. A dor não os dobrava, porque a tinham experimentado desde muito cedo.

## APRENDE A FAZER DOCES E TRABALHA DE MOÇO DE CAFÉ.

A parte que a pobreza reservou a João não foi pequena. Para pagar a pensão, aceitou não só o ofício de criado às ordens da patroa, mas ainda o de repetidor de seu filho. E assim viveu dois anos, até que terminaram os estudos de seu aluno e teve que procurar outra casa que o acolhesse pelo mesmo preço. Hospedou-o o dono de uma confeitaria que ficava na praça principal de Chieri. João passou seus dois últimos anos de ginásio nesse café. De manhã varria antes de ir para a aula, e à noite a pedido dos jogadores de bilhar, ficava marcando os pontos. Com sua rara habilidade, não tardou a aprender magistralmente a confecção dos doces que eram especialidade da firma. O patrão chegou a oferecer-lhe mais de uma vez para lhe abrir o caminho da fortuna na carreira comercial. João ouvia a proposta, sorria e . . . continuava nas horas de repouso a estudar assiduamente o latim. Mostra-se ainda hoje debaixo da escada da confeitaria o cantinho escuro em que dormia e onde depois de . fechar as portas, ficava lendo à luz incerta de uma vela de sebo.

Com essas leituras complementares armazenou os conhecimentos que alimentaram mais tarde sua atividade de escritor, de pregador e de educador.

## VIDA DE PRIVAÇÕES.

Jamais lhe faltou coragem. E bem que houve momentos para desanimar, momentos de miséria e, é preciso dizê-lo, momentos de fome. Estava com dezoito anos. Trabalhava desde manhã até alta noite. Seus músculos, seu pensamento não repousavam um minuto. Que imenso consumo de energias! Para poder suportar esse esforço, teria sido necessário um regime alimentar substancioso. Mas infelizmente, fora a tradicional sopa que o dono da casa lhe fornecia, só tinha para enganar o apetite a magra ração semanal de fubá, batatas e castanhas, que a mãe lhe levava. Em certa ocasião, a fraqueza do estômago era tal que ele nem podia parar em pé e os companheiros o percebiam. Um deles, cujo nome a história conservou - chamava-se Blanchard - muitas vezes ficava penalizando, ao vê-lo assim, e passava a sobremesa do próprio bolso para o bolso do colega necessitado. Jamais o beneficiado esqueceu o gesto de caridade providencial. Cinqüenta anos mais tarde, já célebre em toda a Europa, fundador de congregações, circundado de veneração e de honras, vê-lo-emos convidar para sua mesa e apresentar aos seus íntimos o seu primeiro benfeitor, Blanchard.

## MEMÓRIA SEMPRE PRODIGIOSA.

Apesar de tais obstáculos, e, quem sabe justamente por causa deles, nosso rapaz saía-se maravilhosamente nos estudos. Parecia até que sua inteligência lucrara em ficar em repouso aqueles oito anos: porquanto atirava-se ao estudo do grego e do latim com uma força tão rejuvenescida quanto intensa e com uma ânsia inigualável de saber. Por isso não nos causará admiração ver que as duas primeiras séries ele as vence numa só etapa e em julho de 1833 termina o terceiro ano ginasial. Um triunfo! Uma série por semestre! Auxilio valiosíssimo tinha sido sua memória prodigiosa. Para prová-lo, basta este fato

Quando estava na segunda série ginasial, certa vez explicava-se na aula a vida de Agesilau, de Cornélio Nepos. Por distração, naquela manhã, tinha esquecido o texto em casa. Como fazer? O espírito fértil em expedientes sugeriu-lhe logo a solução do problema. Tomou a gramática latina e ia fingindo seguir por ela, como se fosse o texto, a explicação do professor. Os companheiros vizinhos logo perceberam o artifício e começaram a cotucar-se chamando a atenção dos demais para o colega que com olhos fixos na gramática parecia acompanhar seriamente a vida de Agesilau. A distração dos alunos chamou logo a atenção do professor, que, vendo os olhares de todos voltados para João, chamou de improviso: - "Bosco, faça de novo a construção da frase e repita as explicações que eu dei agora". Bosco levantou-se com a gramática latina na mão, leu pausadamente o texto de Cornélio sem trocar uma palavra de lugar, repetiu pondo tudo na ordem direta e renovou os comentários históricos, geográficos, e gramaticais que o professor tinha feito. O espanto dos amigos diante desse esforço intelectual foi tão grande que não puderam conter-se e romperam em aplausos. O professor, que nunca tinha visto semelhante balbúrdia na aula, ficou furioso. - "Que é isto? Que é que significam estes cochichos e estes aplausos?" Então um aluno mais corajoso disse: -"Senhor professor, repare qual é o livro em que Bosco leu o trecho de Cornélio, fez a construção e traduziu com os comentários. É a gramática latina". O professor então num tom de voz que truncou imediatamente aquela manifestação, disse: - "Continue, Bosco". E, enquanto João Bosco com a gramática na frente ia continuando a explicação, o professor desceu da cátedra e se aproximou dele. Não há dúvida. João trabalhava exclusivamente com a memória. Então, no rosto do mestre, à ira sucedeu a admiração e teve que exclamar: - "Você tem uma memória feliz. Dê graças a ela se agora lhe perdôo ter esquecido o livro e ter sido causa de distração para toda a classe. Faça, bom uso desse dom que tem". Iremos ver que João seguiu fielmente o conselho.

## O AMIGO DOS MENINOS.

Inteligência de escol, João Bosco era também um coração de apóstolo. Em Chieri como em Castelnuovo, ou em Moncucco, em Becchi, sua preocupação era a juventude. Essa que vai correndo pelas ruas, essa da qual ninguém se ocupa, que está exposta a todos os perigos e que têm máxima facilidade de neles cair. Os companheiros maus propriamente ditos, esses ele os evitava, seguindo o conselho que recebera da mãe na manhã de sua primeira comunhão: "Fugir das más companhias como da peste". E em Chieri havia também de tais malvados, capazes de perverter as melhores almas. No seu diário Dom Bosco escreveu

"Encontrei alguns que me queriam arrastar ao teatro, ao jogo a dinheiro, a ir nadar. Mais de um me convidou a roubar nos terrenos alheios. E um

chegou ao ponto de me aconselhar a furtar dinheiro de minha patroa para comprar gulodices".

Com esses tipos não se podia conseguir nada. Ele o sabia. Mas com os outros, a massa, os tímidos, os fracos, os ignorantes, que imenso campo aberto ao seu zelo de pequeno apóstolo.

## UM GRUPO DE ESTUDANTES CATÓLICOS MODELARES. A SOCIEDADE DA ALEGRIA.

Começou a reuni-los numa sociedade de companheiros alegres: A Sociedade da Alegria. Essa agremiação tinha apenas dois artigos nos seus estatutos: 1) Cada sócio tem obrigação de fugir de toda a conversa e de toda a ação indigna de um cristão. 2) Todos os sócios devem distinguir se pela diligência em cumprir todos os deveres de estudo e de religião. Além disso a ordem para todos era: fugir da tristeza e da melancolia. E ninguém transgredia esse ponto. As vezes, chefiados por João, saíam a passeio pelas colinas floridas cujos cimos dominam Turim e voltavam trazendo, conforme a estação do ano em que se achavam, cada um seu punhado de morangos silvestres, de murtinhos ou de cogumelos. Outras vezes partiam corajosamente em demanda da Capital. Levavam no bolso um pedaço de pão para a merenda. E não lhes causavam medo os vinte e cinco quilômetros de ida e volta. Eram jovens e ágeis. A tarde voltando contavam o que tinham visto. Um descrevia o cavalo de bronze da Praça de São Carlos, outro o cavalo de mármore da escadaria de honra do Palácio Real. Outras vezes ainda, - e isto acontecia especialmente nas tardes de muito calor - contentavam-se em sair da cidade e ir sentar-se numa pontezinha que havia perto, para apreciar as habilidades do inexaurível prestidigitador de Becchi. E, como sempre, a boa e franca alegria terminava numa oração. A sociedade tinha suas reuniões ora em casa de um, ora em casa de outro, onde houvesse lugar para todos; falava-se de todos os assuntos, mas especialmente de religião. E no domingo à tarde não havia coisa no mundo que lhes fizesse deixar o catecismo. João os levava à igreja dos Padres Jesuítas e ai assistiam ao catecismo amenizado com um mundo de lindas histórias que aqueles bons padres sabiam contar aos estudantes sempre amigos de contos.

## DESAFIO PROPOSTO E ACEITO.

Essa famosa reunião das tardes de domingo provocou certa vez um fato que alvoroçou toda a cidade. Fazia vários dias que tinha aparecido por lá um saltimbanco, que com suas acrobacias ia atraindo os desocupados ora a uma praça ora a outra. Em si era coisa inocente; mas o bendito homem fora escolher para os jogos precisamente a hora em que João ia com toda turma ao catecismo. E é evidente que a criançada não hesitava na escolha: entre uma aula de catecismo, embora enfeitada com as mais lindas histórias do mundo, e as acrobacias do saltimbanco, aquelas cabecinhas levianas preferiam o divertimento. O chefe estava aborrecidíssimo! Que fazer? Pensou bastante e depois tomou uma resolução luminosa: desafiar o saltimbanco para uma competição pública, vencê-lo e obrigá-lo a dar o fora..

João atirou a luva. O charlatão, certo do triunfo, aceitou com entusiasmo, calculando um público pelo menos três vezes maior para assistir ao desafio. E não errou o cálculo: uma grande multidão se aglomerou naquela quinta-feira em torno dos dois contendores, pois compreendiam que o

resultado da pugna era da máxima importância. Não se tratava tanto da quantia de dinheiro que se jogava, quanto da causa pela qual se batiam esse homem e esse adolescente. O que perdesse teria de se eclipsar.

Como primeiro número do programa o charlatão propôs uma corrida. O que perdesse pagaria 20 liras. Bosco infelizmente não tinha tal quantia, mas num instante os amigos se quotizaram e lhe anteciparam o dinheiro. Os dois rivais colocaram-se na Alameda "Torino" e iniciaram a corrida. Tratava-se de ver quem chegaria primeiro ao ponto extremo da cidade. Nos primeiros momentos o saltimbanco estava vencendo; mas não tardou que João o alcançasse, impelido como ia pelo ardente desejo de vencer. Depois de trezentos metros o rapaz passou na frente e foi deixando o adversário cada vez mais para trás até o fim da corrida.

O homem não se deu por vencido.

- Tu me venceste na corrida, mas no salto eu ganho. Quanto queres apostar? Quarenta liras?

- Pois seja! Quarenta liras, respondeu João. Agora, depois da primeira vitória, já não lhe faltava o dinheiro.

Escolheu-se um lugar em que o riacho era bem largo. Do lado oposto havia um murinho limitando o leito das águas. Isso dificultava imensamente o salto; pois, por pouco que o saltador errasse no dar o impulso, corria o risco de tomar um banho completo, uma vez que não havia onde agarrar-se. O saltimbanco realizou um salto magnífico; foi cair bem de pé na faixa estreitíssima de terra em que estava assentado o murinho. Todos estavam intrigados a perguntar como é que João iria poder vencer dessa vez. O homem, de braços cruzados no peito, olhava-o zombeteiro, esperando o rebate do estudante. Pois foi esmagador. João calculou tão admiravelmente o salto que ultrapassou o riacho e, colocando ambas as mãos sobre o parapeito, conseguiu dar um impulso inesperado ao corpo e ir cair do outro lado do murinho. Não podia ser mais completa a vitória.

Mas nem assim o saltimbanco se deu por vencido. E disse:

- Eu hei de vencer-te porém. Escolhe a prova de habilidade que quiseres e verás.

- Ora, respondeu João já na "ofensiva", escolho o equilíbrio da vara. E aposto oitenta liras.

- Está feito!

O rapaz tomou então uma vareta, pôs-lhe em cima o chapéu, colocou-a na palma da mão, e começou a fazê-la dançar. Da palma da mão fê-la saltar para a ponta de cada um dos dedos, depois ao cotovelo, depois ao ombro, ao queixo, aos lábios, ao nariz, à testa e, suavemente, sem perder um minuto o equilíbrio, a varinha voltou ao ponto de partida percorrendo o mesmo caminho.

- Agora a mim, disse o homem. E hás de ver.

De fato a habilidade do saltimbanco era extraordinária. Vareta e chapéu saltavam magicamente de um ponto a outro de seu corpo e já estavam no caminho de volta, quando... na passagem do nariz para o queixo.. . o nariz era muito comprido... o pulo foi muito grande e lá se foi o equilíbrio. O homem teve de servir-se da mão para manter a vara em pé! Pela terceira vez "Davi tinha vencido Golias".

Desmoralizado na sua habilidade profissional, aliviado no dinheiro, o acrobata perdeu as estribeiras. E quis reparar numa pancada só a brecha aberta no seu prestígio e na sua carteira. E desafiou:

- Cem liras a quem chegar ao ponto mais alto daquele olmo.

- Pois seja: Cem liras, respondeu Bosco, a quem os triunfos precedentes tinham dado uma audácia admirável.

O homem tirou o casaco e o colete, abraçou o tronco, ganhou num piscar de olhos o galho principal e a subida continuou rápida, ansiosa, audaz! Era de uma agilidade realmente prodigiosa. Em poucos minutos chegou ao cimo da árvore que estremeceu toda ao seu peso. Mais alto que aquilo não se podia chegar sem perigo. O último ramo, flexível, ao qual se agarrava aquele corpo humano, vergava assustadoramente e ameaçava quebrar-se de um momento para outro. E o saltimbanco desceu debaixo de aplausos estrepitosos.

- Desta vez, meu pobre João, disse baixinho o companheiro, estás derrotado!

- Vamos ver, respondeu o rapaz. E se aproximou da árvore. Já tinha feito seu plano. Com rapidez e audácia não menor que o saltimbanco, em poucos arrancos, João chegou ao cimo da árvore. Chegou até aquele ponto extremo, além do qual seria loucura querer subir. Mas aí é que foi a maravilha geral. Viu-se o ágil adolescente agarrar-se com ambas as mãos ao último ramo do olmo, e, ficando de cabeça para baixo, atirar todo o corpo para cima em perfeita vertical: os pés do rapaz ultrapassavam então o ponto mais alto da árvore. A multidão em baixo, depois de um primeiro momento em que ficara petrificada pela audácia do movimento realizado pelo moço, rompeu em aplausos frenéticos e foi no meio de um verdadeiro delírio que João pôs de novo pé em terra.

A sorte do saltimbanco, foi que João e seus amigos eram rapazes às direitas e não quiseram abusar da vitória. A derrota do pobre homem se resolveu apenas num jantar` que teve que pagar a toda turma no albergue "del Muletto". A razão de duas liras para cada um, não teve que gastar mais de cinqüenta liras. E foi o único prejuízo seu. Nem é preciso dizer que nas horas de função aos domingos nunca mais se ouviu a trombeta do saltimbanco convidando gente para o espetáculo.

## UMA FLOR DE AMIZADE CRISTÃ: LUIZ COMOLLO.

Para ajuda-lo no seu zelo, fez Deus desabrochar no caminho de João uma preciosa flor de amizade cristã. É o jovem Comollo do qual vamos falar. A única amizade humana de sua vida. Depois da morte de Comollo, veremos João, moço de 24 anos renunciar heroicamente, para sempre, às doçuras inefáveis da amizade. Mas depois de ter respirado o suave perfume dela durante quatros anos. Como tinha nascido essa afeição profunda entre os dois? Da maneira mais simples do mundo. Uma vez em Chieri falava-se numa pensão de estudantes sobre as virtudes de alguns deles. O dono da casa Senhor Marchisio. disse: Em Chieri há um moço que é tido como santo; é o sobrinho do pároco de Cinzano. Ao ouvir essa solene afirmação, João começou a sorrir. Santo não é coisa de todos os dias. E depois... um santo tão precoce era realmente coisa curiosa. Mas o dono da casa insistiu

- É mesmo como estou dizendo aos senhores. E depois o moço tem por quem puxar. O Pároco, seu tio, é, ao que parece, muito venerado nestes

arredores.

Instigado pela curiosidade, João ardia em desejos de conhecer tal perfeição, quando uma circunstância dramática veio pô-los um diante do outro. Todo o mundo sabe que, se na hora de iniciar as aulas o professor tarda um pouquinho a chegar, os alunos espontaneamente ficam à vontade. O colégio de Chieri não fazia exceção a essa regra. Lá também, esses poucos minutos sem vigilância eram minutos de verdadeira balbúrdia. Uns davam empurrões nos companheiros, outros pulavam por sobre as carteiras, riam, gritavam, cometiam mil diabruras, até que a chegada do professor fazia cessar tudo bruscamente. Certa manhã, em que a rapaziada estava fazendo um barulho particularmente insuportável, um aluno dos mais levianos viu um colega quieto no seu lugar a repassar as lições e quis obrigá-lo a tomar parte na algazarra geral.

- Vamos! Deixe os livros e vem brincar conosco.

- Muito obrigado, respondeu o aluno interpelado, não estou com vontade. E além disso não sou capaz de brincar como vocês.

- Tens que vir assim mesmo. Se não, te farei vir a poder de socos e pontapés.

- Faça como quiser, mas eu não vou e não quero ir...

Nem chegou a acabar a frase. Duas solenes bofetadas ciaram-lhe no rosto. O ofendido empalideceu ao receber o insulto, depois o sangue lhe cobriu ao rosto. Mas, dominando a comoção, balbuciou docemente, no meio do silêncio trágico da classe: - Estás contente agora? Pois então deixe-me tranqüilo. E está perdoado! Era um ato heróico de paciência e João Bosco que assistia à cena sentiu-se comover até o mais profundo das vísceras. E perguntou

- Quem é esse companheiro novo que não conheço ainda?

- É Luiz Comollo, sobrinho do pároco de Cinzano.

- Muito bem! Tinha encontrado, sem procurar, o modelo que tanto ouvira elogiar em casa do senhor Marchisio. Estava satisfeito!

## AMIGOS INSEPARÁVEIS.

Desde esse dia, a mais profunda amizade uniu o dois moços: o aluno de humanidades e o aluno de retórica. Tornaram-se inseparáveis. Tudo neles os aproximava um do outro: a piedade, o entusiasmo pêlos estudos, o amor a Nossa Senhora, o zelo pelo bem dos companheiros, o espírito de sacrifício e... até a diferença de temperamento. Pois Bosco e Comollo eram dois gênios diferentes. Luiz Comollo era calmo, recolhido, amigo da solidão, de compleição bastante delicada, excessivamente tímido. João Bosco, pelo contrário, era todo vida e movimento; dotado de uma força física fora do ordinário, só desejava ter ocasiões em que empregá-la; ávido de ação, suspirava por qualquer oportunidade em que pudesse ajudar ao próximo. Era afinal um temperamento sangüíneo, enquanto Comollo se qualificava entre os fleumáticos. Entretanto jamais uma amizade foi tão harmoniosa como essa e poucas deram frutos tão bons. E dos dois qual lucrou mais? João confessa ter sido o mais beneficiado e deve-se aceitar sua declaração. Pois não se pode negar que Comollo exerceu uma profunda influência sobre João Bosco. Esta alma naturalmente impetuosa e

violenta, tendo sempre diante de si a doçura constante do amigo, tornou-se a alma mais pacifica, mais calma, mais senhora de si que jamais se possa imaginar.

Um dia em que Comollo recebeu outra bofetada sem se lamentar, Bosco atirou-se contra os agressores e lhes administrou uma solene surra. Porém o amigo, embora agradecendo, lhe disse: - "Tua força me espanta, João. Mas lembra-te que Deus não te deu tal força para esmagar os outros. Ele quer que nos amemos, que perdoemos, que façamos o bem a quem nos faz mal".

Bem salesiano este programa! João o vai guardar e vai fazer todo o esforço para praticá-lo. Amanhã no seminário ninguém será mais ponderado e sorridente que o clérigo Bosco.

E não foi só essa, a virtude que se desenvolveu em João pela convivência com esse moço admirável. Podemos dizer que a companhia de Comollo foi, depois da educação dada por Margarida e as preciosas lições do Padre Caloso, a formadora do coração de João Bosco. Uma mãe, um velho sacerdote, um amigo! Felizes dos que encontraram na aurora da vida estas três forças afetivas para dobrá-los ao amor do bem!

## UM OLHAR PARA O CONVENTO.

A essas três forças deveu João em parte o precioso auxílio que teve pouco mais tarde para superar vitoriosamente uma crise íntima que abalou violentamente sua vocação. Até aquela data, bem ou mal, à custa de sacrifício e privações, tinha podido sustentar as despesas de seus estudos de humanidades; mas quando chegou às vésperas de entrar no Seminário Maior, interrogava ansiosamente a si mesmo quem lhe pagaria a pensão. Não havia mais possibilidade de nenhum lucro extraordinário. Nem havia o tempo nem o regulamento o permitiriam. Os modestos ;recursos da mãe, embora se lhe ajuntassem esmolas certas, não iriam bastar. E além disso - ele mesmo é quem no-lo confessa - tinha uma dose tão forte de amor próprio, que receava muito expor-se ao perigo quando aceitasse mais tarde as incumbências e os triunfos da vida de pároco. Ser coadjutor, ser pároco, no meio de um povo onde se conservava tão viva a fé, era dignidade tão alta, que João tremia só em pensar nisso, dado o conhecimento que tinha de si próprio. O remédio só podia ser a vida religiosa. Assim desapareceriam de um só golpe os dois obstáculos: ficava resolvido o problema econômico, e não havia mais receio pelo lado espiritual. Numa casa religiosa acolhiam-no assim com toda a sua pobreza e lhe asseguravam por toda a vida os auxílios com que domar a natureza rebelde. A Ordem que parecia atraí-lo mais era a dos Franciscanos. Em Chieri tinham eles um convento que João freqüentava assiduamente. Aquela vida simples, frugal, toda de abnegação e oração lhe agradava sobremaneira, e os frades também gostavam muito dele. Antes porém de dar o passo decisivo, quis consultar o confessor. Este não quis saber de lhe dar um conselho preciso. Disse que nesses assuntos preferia não intrometer-se. Não queria arcar com tais responsabilidades. Para ajudar uma alma a se tornar mais cristã estava sempre disposto; mas impulsioná-la em determinada direção, marcar-lhe um caminho, isso não pertencia a ele. Era sem dúvida uma curiosa maneira de conceber o ofício de confessor, embora se tratasse de um bom sacerdote!

Repelido por esse lado, João foi ter com seu pároco, o Padre Dassano. Devemos admitir que as razões do paroquiano não persuadiram o bom sacerdote. Pois vemo-lo de aí a alguns dias ir falar com Mamãe Margarida

para convencê-la de que devia desviar o filho de tal caminho.

- A senhora já não é jovem, dizia-lhe o pároco; de aqui a alguns anos já estará cansada. E então quem é que poderá ampará-la senão seu filho como pároco ou vice-pároco? É de toda a conveniência induzi-lo a deixar essa idéia. Além disso é do interesse dele próprio. Dotado de tantas boas qualidades como é, fará certamente uma brilhante carreira e será até motivo de justa ufania para a senhora. A velha mãe ouviu atenciosa a palavra do seu pastor. Agradeceu-lhe vivamente o interesse que mostrava. Mas guardou discrição sobre o seu modo de encarar o assunto. No dia seguinte foi a Chieri; procurou o filho e lhe disse

- Ontem, meu filho, recebi uma visita do senhor Pároco. É verdade que estás querendo fazer-te franciscano?

- Sim, mamãe. E acho que a senhora não se vai opor, não é?

Deus me guarde disso! Só peço que estudes bem tua vocação. Depois faze como quiseres. O que importa é que salves tua alma. O senhor Pároco queria que eu te dissuadisse, visando o meu próprio interesse, uma vez que tenho já os meus anos. Mas eu penso que uma coisa não tem nada que ver com a outra. Não te preocupes com o meu futuro. De ti não espero nada e não desejo nada. E digo-te ainda mais. Guarda bem isto na mente: nasci pobre, vivi na pobreza e quero morrer pobre. E te asseguro que, se tu te fizesses padre secular e por infelicidade te tornasses rico, nunca mais poria eu os pés em tua casa. Recorda-te sempre disto!

Renato Bazin diz que há mães que têm alma de sacerdote. Esta é bem uma delas. Depois dos setenta anos, João Bosco se lembrava ainda do solene aviso de sua mãe. E revia diante de si a humilde camponesa de grande coração, sublinhando imperiosamente as palavras com o olhar, com o gesto, com a atitude, com o tom da voz.

Poucos dias mais tarde (era perto da Páscoa de 1834 ) João se submeteu em Turim ao exame para entrar no noviciado dos Franciscanos. Foi admitido por unanimidade, e teria entrado sem demora no Convento da Paz, se não tivesse surgido um incidente providencial que transformou todos os seus planos.

## UM CONSELHO OPORTUNO DE SÃO CAFASSO.

Quando foi a Castelnuovo para despedir-se do Pároco, João se encontrou com Evásio Sávio, ferreiro do lugar. Este, sem suspeitar nem de longe o importantíssimo papel que ia ter na questão, perguntou a Bosco o motivo de sua visita.

- Vim pedir ao senhor Pároco um atestado de bom procedimento; pois vou entrar na Ordem dos Franciscanos.

- Ora essa! Por que?

- Não tenho mais recursos para continuar os estudos. Minha mãe é pobre. A decisão que tomei resolve tudo.

- Já almoçaste?

- Ainda não.

**- Pois vem a minha casa. Lá comerás alguma coisa e depois do almoço falarei ao senhor Pároco. Quem sabe ele não te poderá ajudar.**

**João aceitou o convite do bom homem. E durante o almoço ouviu dele o seguinte conselho: "Receio muito que estejas agindo com precipitação. Se eu estivesse em teu lugar, consultaria o padre Cafasso. É verdade que ele não é velho, mas é santo".**

**O Padre Cafasso, que iremos conhecer largamente no capítulo seguinte, era conterrâneo de Bosco e quatro anos mais velho que ele. Tinha sido ordenado padre havia bem pouco tempo, mas desde o Seminário Maior gozava de tal fama de santidade que atraía a si, como estamos vendo, tantas almas inquietas, ou perturbadas. Nessa época morava no Pensionato Eclesiástico [5] de São Francisco de Assis em Turim. Aí completava sob a guia de mestres competentes os estudos sagrados e se exercitava nas obras de zelo, catequizando os doentes nos hospitais, os rapazes do Instituto Correcional e os presos. Lá se apresentou João no primeiro dia de que pôde dispor.**

**Minuto solene! Uma existência inteira - e que existência! - dependia naquele instante da decisão desse jovem sacerdote de 23 anos! E a decisão ele a deu sem hesitar, com muita calma, como se o futuro do seu interlocutor se lhe tivesse revelado de improviso**

**- Continue os seus estudos e entre no Seminário Maior. Depois prepare-se para seguir as indicações do Céu.**

**Padre Cafasso! Quantas vezes no decorrer desta história tornaremos a encontrar sua figura atraente! Quantas vezes ó veremos penetrar na vida do nosso herói trazendo sempre na mão um novo beneficio! Jamais, porém, foi tão inspirado como naquela manhã providencial de maio de 1834, em que o seu conselho orientou para sempre o curso da vida desse jovem, cuja glória ilibada iria chegar ao ponto de eclipsar a de seu próprio conselheiro!**

## JOÃO BOSCO RECEBE O HÁBITO TALAR.

**Quinze meses após essa entrevista decisiva, João recebeu a batina das mãos do seu pároco, na igreja de Castelnuovo, onde tinha sido batizado 20 anos atrás. Era o dia 25 de outubro de 1835. Cinco dias depois despedia-se de sua mãe em Becchi para entrar no Seminário de Chieri.**

**Na véspera da partida, depois que saíram os amigos e conhecidos, que tinham vindo despedir-se do jovem seminarista, a mãe chamou à parte o filho de suas ternuras e, fitando seus olhos nos dele, com um acento que João recordava perfeitamente ainda no ocaso da vida, disse estas comovedoras palavras**

**"Meu Joãozinho, acabas de vestir batina. Podes calcular de que alegria e doçura este fato enche o meu coração. Lembra-te, porém, que não é o hábito que honra o teu estado, mas as virtudes que praticares. Se por desgraça vieres um dia a duvidar de tua vocação, por caridade! Não desonres a batina! Deixa-a imediatamente, porque prefiro ter como filho um pobre camponês, antes que um padre negligente nos seus deveres. Quando nasceste eu te consagrei a Nossa Senhora; quando começaste os estudos eu te recomendei quase exclusivamente a devoção à Santa Virgem; pois agora também recomendo-te que sejas todo dela. Ama os companheiros que a amam; e se chegares a ser um dia sacerdote, recomenda sempre a devoção a Nossa Senhora..."**

Aqui parou dominada pela comoção. O filho chorava.

"Mamãe, respondeu ele depois de longo silêncio, permita que antes de deixá-la para seguir este novo caminho, eu lhe agradeça tudo o que fez por mim. Os seus conselhos, impressos na minha alma, serão por toda a vida o meu tesouro".

## SEGUINDO AS PEGADAS DE CAFASSO.

Na tarde do dia seguinte o clérigo João Bosco transpunha o limiar do Seminário de Chieri, onde ia passar seis anos nutrido e sustentado pode-se ;dizer pela caridade de todos. Essa mesma caridade que começava por vesti-lo dos pés à cabeça no dia de sua vestidura clerical. Uma pessoa importante do lugar tinha oferecido a batina; o prefeito tinha dado o chapéu, o pároco dera a capa, outro paroquiano os sapatos. O primeiro ano de Seminário foi pago por um distinto sacerdote de Turim, do qual falaremos em breve, o Padre Guala, Diretor do Pensionato Eclesiástico, homem tão rico quanto caridoso. Para os anos seguintes João Bosco se arranjou desta maneira: em primeiro lugar ganhou todos os anos o prêmio de 60 liras destinado ao aluno que obtivesse melhores notas de procedimento e de aplicação; a partir do segundo ano de filosofia, concederam-lhe também o lugar de semi-gratuito, que se dava freqüentemente aos seminaristas diligentes e necessitados; no segundo ano de teologia foi nomeado sacristão e por esse trabalho ganhou a gratificação de 60 liras. O resto da pensão era pago pela generosidade do Padre Cafasso.

É a segunda vez que encontramos no nosso caminho este grande servo de Deus. E não será a última. Estas duas vidas, de beneficiado e de benfeitor, de discípulo e de mestre, de admirador e de modelo, de penitente e de diretor, se entrelaçarão durante quase um quarto de século a tal ponto que até os olhos mais práticos às vezes não saberão distingui-las. Pois chegar-se-á um dia a dizer que um desses homens não foi mais que prolongamento do outro, como se um novo Eliseu tivesse herdado o manto de um novo Elias. Erro fenomenal de história e de psicologia! Jamais duas naturezas ou dois temperamentos foram tão diversos. Basta ver a fórmula do apostolado de um e de outro. Cafasso dizia: "O bem deve ser bem feito". Bosco afirmava ao invés

"O ótimo é inimigo do bom". O primeiro achava que se devia esperar para fazer o bem quando se pudesse fazer integralmente; o outro, ao contrário, dizia que é preciso fazer o bem logo, na maneira permitida pelo tempo e pelas circunstâncias. Eram dois espíritos e duas escolas. Mas não queremos antecipar.

No seminário de Chieri, João Bosco encontrou as pegadas ainda recentes de seu benfeitor. Respirou ainda o perfume persistente de sua virtude. Ele próprio é quem nos conta:

"Além de tudo o mais, o que prendia a gente dentro daqueles muros era o nome bendito do Padre Cafasso. O perfume de suas virtudes ainda se expandia por todo o Seminário. A caridade para com os companheiros, a submissão aos Superiores, a paciência no suportar os defeitos do próximo, a atenção em não ofender a ninguém, o gosto que experimentava em servir a todos, a indiferença quanto ao passadio, a resignação diante da inclemência das estações, a prontidão em dar catecismo às crianças, o porte sempre edificante, o zelo pelo estudo e pela piedade, brilharam de esplendor tão vivo durante os seus anos de seminário que deixaram após si

uma fragrância duradoura..."

Essa santidade precoce se nos apresenta ainda mais meritória quando verificamos que ela não encontrava naquela austera casa os apoios sobrenaturais que deveria ter podido esperar. A fera negra do jansenismo, que vai ser combatida por esses homens de Deus, durante toda a vida, tinha passado por lá e suas práticas ainda estavam em vigor. Confissão obrigatória de quinze em quinze dias, comunhão permitida aos domingos e dias de festa e nada mais. Os que tinham fome da eucaristia, os que viam nela o alimento cotidiano, o tônico contra as tentações, tinham que privar-se do café dá manhã e descer às escondidas até a igreja vizinha, ligada ao Seminário por um corredor, lá fazer a comunhão e voltar em tempo de encontrar os companheiros depois do café e unir-se a eles para ir às aulas. O jovem Bosco quase nunca deixou de transgredir o regulamento nesse ponto; e ia nutrir-se daquele que ele declarou muitas vezes ter sido o alimento mais eficaz de sua vocação.

## A MAIOR TRISTEZA DE JOÃO BOSCO.

No Seminário teve que deplorar mais uma vez infelizmente a atitude voluntariamente austera que os Superiores mantinham com relação aos alunos. O jovem seminarista não podia chegar a persuadir-se de que esse modo de agir pudesse ser conforme às necessidades das almas. Sentia demasiado vivamente que o afastamento dos superiores submergia na solidão moral toda uma juventude ardente, vibrante, inexperiente, e muitas vezes: sujeita aos ataques violentos do mundo, do inferno e das paixões.

"Eu amava muito os meus Superiores - deixou nas suas memórias -e eles retribuíam o meu afeto. Mas meu coração sofria ao vê-los tão pouco acessíveis aos seminaristas. Faziam-se apenas duas visitas ao Reitor e aos outros superiores; uma ao voltar das férias, outra em julho quando saíamos de novo para as férias. E depois, não se podia penetrar nunca no escritório deles, a não ser para receber alguma repreensão. Os superiores vinham por turno ajudar na assistência do refeitório ou nos passeios. Terminada a semana de serviço nunca mais os víamos. Este posso dizer que foi o maior desgosto que tive no Seminário. Quantas vezes eu teria desejado falar com eles, pedir-lhes um conselho, expor-lhes uma dúvida! Era impossível E o pior era isto: se acontecesse passar um superior atravessando o pátio na hora em que os seminaristas estavam no recreio, nós, sem saber explicar o porquê, fugíamos a toda pressa, pela direita e pela esquerda, como se se tratasse de uma fera maléfica. Porém, não há mal que não venha para bem. Esse modo de tratar teve ao menos em mim um bom resultado acendeu ainda mais o meu vivo desejo de chegar logo ao sacerdócio para pôr-me no meio dos meninos e conhecê-los intimamente para ajudá-los em todas as ocasiões a fugir do mal".

## A MORTE DE COMOLLO.

Para suprir essa deficiência que ele deplorava nos mestres, sustentava-lhe as ascensões cristãs do coração o amigo Comollo, que entrara no Seminário um ano depois dele. Até o último instante, o qual infelizmente chegou muito cedo, deu essa amizade todos os seus frutos. Havia entre as duas almas privilegiadas uma troca permanente de auxílios e de bons exemplos. Apoiando-se um no outro subiam os dois para Deus com o pé firme e com passo veloz. A porção de bens que cada um trazia para dividir entre

ambos era diversa sem dúvida; mas precisamente nisso é que estava o encanto dessa amizade, pois os dois assim se completavam. Comollo oferecia a João Bosco exemplos de sua minuciosa obediência, de sua escrupulosa fidelidade aos mais pequeninos deveres, da caridade cuidadosa em não ofender jamais a ninguém nem sequer com palavras, da piedade intensa muito pronta em se exteriorizar em lágrimas e suspiros, da extraordinária mortificação, dos modos impecáveis de seminarista. João comunicava a Camollo as luzes de sua inteligência aberta, sua alegria sã, o constante bom humor, o extraordinário dom de equilíbrio que sabia manter em todas as coisas, o horror à singularidade e os dons abençoados de um caráter que a todos se tornava simpático. - "Se os seminaristas menos exemplares não conseguiram tomar conta de mim, e se consegui progredir na vocação, devo-o a Comollo" escreveu Bosco logo depois da morte do amigo.

Infelizmente essa morte chegou muito cedo!

Comollo teve o pressentimento dela no outono de 1838, nas férias que se seguiram ao seu segundo ano de seminário. A estação tinha sido ingrata para os campos, e as videiras prometiam bem pouco. Do alto de uma colina os dois amigos olhavam para a vinha e deploravam a situação.

- Ora! o ano que vem a vindima será melhor, comentou Bosco sempre otimista.

- Espero que sim, respondeu Comollo. Felizes então dos que provarem do vinho novo! Tu serás um deles.

- E tu não? Queres viver bebendo só água pura, como no Seminário?

- Não, é que no ano que vem pretendo saborear um vinho bem melhor.

- Que queres dizer com isso?

- Nada.

- Estás querendo partir para o céu?

- Na verdade sinto-me bem indigno de para lá ir. Mas, de uns tempos para cá é tal a sede que tenho dos bens celestes que me parece impossível viver ainda muito tempo nesta terra.

E não se enganava. Passaram-se apenas seis meses, quando na manhã de 25 de março, dia da Anunciação, que nesse ano caía na segunda-feira da Semana Santa, punha-se de cama, atacado por uma febre que os médicos diagnosticaram como grave. Na tarde do Sábado Santo começou a delirar e foi assaltado ao mesmo tempo por terríveis angústias de espírito. Débil embora dei músculos como era, em certos momentos era necessário que seis pessoas o segurassem no leito. Nessas ocasiões o pobrezinho dava gritos de terror ao pensar no juízo que estava próximo. E nós sabemos quanto era cheia de confiança a sua piedade! Depois tudo se acalmou. O corpo retomou a tranqüilidade e a alma encontrou de novo a paz. Na terça-feira de Páscoa, fortificado para o grande passo pela Extrema-Unção e pelo Santo Viático, apertando a mão do fiel amigo que soluçava à sua cabeceira, restituiu a Deus o candor de sua inocência batismal. Era o dia 2 de abril de 1839.

TERRÍVEL APARIÇÃO.

Na tarde do dia 3 fizeram-se os funerais. E de noite sucedeu um fato contado por um número tão grande de testemunhas que é impossível pô-lo em dúvida.

Quando Comollo ainda vivia, os dois amigos - muito imprudentemente, como confessa João Bosco mais tarde combinaram com promessa formal que aquele que morresse primeiro viria avisar ao outro para informá-lo sobre a sorte que tivesse tido sua alma. A lembrança dessa promessa agitava a alma de João. E naquela noite não foi capaz de conciliar o sono.

Aí pela meia-noite, - ele próprio é quem nos conta nosso dormitório, no qual dormiam uns vinte seminaristas, foi abalado improvisamente por um fenômeno aterrorizador. Ouviu-se um rumor que parecia desencadear-se no fundo do corredor vizinho e era como o barulho de um carro puxado por enormes cavalos, ou como um enorme trem lançado a correr com toda a velocidade ou como um disparar contínuo de peças de artilharia. Tudo tremia ao redor dos seminaristas. A casa, o dormitório, o forro, o pavimento tudo parecia sacudido por um monstruoso braço de ferro. De repente a porta se abre. O rumor penetra no dormitório, avança parecendo acompanhar uma luz trêmula de muitas cores. Num dado momento o rumor cessa. Faz-se um silêncio sepulcral. E no meio do espanto de todos os seminaristas que se escondiam tremendo sob as cobertas, ouve-se a voz de Comollo a repetir por três vezes: - Bosco, estou salvo! Muitos ouviram a voz mas só João entendeu as palavras. Nesse momento um imenso clarão encheu o dormitório. O tumulto recomeçou com mais violência ainda, como se a casa fosse desabar arrebatada por um ciclone. Depois se foi afastando e desapareceu na noite silenciosa.

Espavoridos, os seminaristas se tinham levantado em desordem e se amontoavam junto à cela do vigilante, sem coragem de se moverem. De sua cama João procurava acalmá-los e fazer-lhes retomar o equilíbrio das emoções, dizendo-lhes a consoladora palavra da aparição: "Comollo está salvo".

Mas não houve meio de restabelecer a tranqüilidade. O susto era grande demais diante dessa irrupção de além tumba!

## INTIMO E DEFINITIVO ADEUS AO MUNDO.

Não foi este o único fato que deixou assinalada a morte de Luiz Comollo. Alguns dias mais tarde, refletindo sobre sua dor inconsolável João a confrontou com um pequeno episódio que ainda recordava de sua infância.

Tinha dez anos apenas quando a morte de um melro domesticado, devorado por um gato, deixara-o imerso na mais profunda tristeza. Por muitos dias o mundo não existira mais para ele e ninguém fora capaz de consolar a sua dor. Mas uma tarde, iluminado por não sei qual luz interior, tivera vergonha desse excesso de lágrimas, sentira rubor por ter dedicado um afeto tão apaixonado às criaturas, e prometera dentro da sua alma nunca mais apegar o coração a ninguém nem a coisa nenhuma deste mundo. A pureza, a suavidade, os modos encantadores de Comollo tinham-no feito faltar à palavra. Pela segunda vez seu coração se entregara ao que é efêmero, ao que passa. Mas foi a última! O grande benefício dessa amizade, a graça maravilhosa dessa morte foi precisamente destacar o coração desse jovem de todos os bens da terra. Amanhã ao redor dele o mundo, a juventude atraída pela sua amabilidade, as criaturas todas, os triunfos conseguidos com sua fé, as honras provocadas pela sua santidade, tudo poderá estender-lhe a taça sedutora. Ele jamais chegar-lhe-á os lábios! Aos vinte e quatro anos esta alma está conquistada definitivamente para Deus, para o bem,

para a eternidade.

No entanto esse ato heróico não lhe apagará da memória a lembrança do amigo incomparável. O afeto continua além da tumba. Uma noite em 1847 a velha mãe ouvi-lo-á conversar longamente no quarto com um desconhecido. No dia seguinte lhe pergunta: "Com quem é que falavas esta noite?" - "Com Luiz Comollo", responde João simplesmente, sem revelar os segredos do alto que o amigo sempre fiel lhe tinha confiado.

## UM MODELO DE SEMINARISTA.

João Bosco ficou seis anos no Seminário, dois de filosofia e quatro de teologia. A fama que lá deixou foi pelo menos tão elevada quanto a do Padre Cafasso.

Quando chegou a véspera da ordenação e os Superiores tiveram de dar o último juízo a respeito dele, o que escreveram ao lado de seu nome, para qualificar o resultado dos seus estudos foi: Plus quam optime, e para dar a apreciação de seu caráter: Cheio de zelo e promete bom êxito. A sobriedade desta anotação marginal traduz bem francamente a realidade. O clérigo Bosco foi realmente um modelo de seminarista. Fiel até ao escrúpulo na observância dos deveres mais pequeninos, deixava-se guiar docilmente pelo regulamento da casa, pelo horário, pelo sino; executava com prontidão tudo o que lhe era ordenado. Dotado de grande capacidade de trabalho e de inteligência pronta, aprendia num instante a lição marcada. E então empregava as sobras de tempo em leituras e no estudo de línguas. É incrível o número de livros de doutores da Igreja e de escritores eclesiásticos que conseguiu devorar nesses anos. Todas as suas preferências eram para a História Eclesiástica. Mais tarde vê-lo-emos sustentar polêmica contra protestantes liberais, regalistas, jansenistas, sempre armado de segura documentação; era o que tinha armazenado nas copiosas leituras do Seminário. ótimo companheiro estava sempre disposto a prestar serviços aos colegas, quer se tratasse de repetir uma explicação de aula, ou de encaminhar um calouro na vida do Seminário, quer precisassem dele para fazer uma barba ou uma tonsura ou mesmo para consertar uma batina, um barrete ou um par de sapatos até. Muito piedoso, nada tinha porém de singular na sua devoção. Era esta simples, sem atitudes sentimentais ou contrafeitas, com sobriedade de práticas, mas profunda e rica de fé e de amor: distintivo que se conservou em toda a vida de João e revela nele um perfeito equilíbrio das faculdades. E a piedade não impedia que ele fosse o mais vivo e, o mais alegre dos companheiros. Tinha sempre um chiste para contar, sempre uma nova habilidade para demonstrar, sempre alguma nova criação de sua fantasia ardente.

Era um chefe incansável nas suas iniciativas. Dir-se-ia que ao entrar naquela casa austera ele tomava especialmente para si a frase que se lia sob o quadrante solar que havia no pátio! Afflictis lentae, celeres gaudentibus horae : as horas passam devagar para os tristes e depressa para os que estão alegres. Só o pensamento de dever passar seis anos dentro daqueles muros era para assustar um caráter exuberante como o seu. Mas os seis anos passaram num abrir e fechar de olhos, tanto para ele como para os outros, graças ao bom humor que se difundia de sua pessoa.

Não pensemos, porém, que essa alegria conquistadora, resvalasse alguma vez para a leviandade. Não. Quando era hora de estudo, de silêncio, de oração, o sorriso desaparecia, para dar lugar à gravidade, à calma, ao recolhimento. A seu respeito os companheiros notaram também uma particularidade que indica um raro domínio de si mesmo: ninguém jamais o

viu encolerizado, nem o ouviu lamentar-se do passadio do Seminário. Tudo aceitava com um sorriso, e nas provações cotidianas que forjavam sua vontade, adorava a santa vontade de Deus.

## A NATUREZA RECLAMA.

Mas não fora de um dia para outro que chegara a tal grau de virtudes cristãs. Mais de uma vez a natureza protestara, lidando por retomar as posições perdidas. A santidade é sempre fruto de árdua conquista e não se encontra como se encontra a realeza no berço de um príncipe herdeiro. João o percebia mais que ninguém e não será desagradável surpreender de vez em quando o seu natural iludindo momentaneamente a vigilância da virtude. Quanto lhe custou por exemplo renunciar à paixão pelo jogo de cartas... Que esforço para ir abandonando aos poucos as habilidades de prestidigitador! E como foi duro sofrear os ímpetos do caráter! Nas Memórias ele conta que certa manhã de férias os amigos o surpreenderam a perseguir furiosamente uma lebre desencravada da toca: uma luta apaixonada de velocidade que terminou com a vitória completa sobre o animal exausto de tanto correr. Mas só então, enquanto os espectadores aplaudiam a vitória e só com isso se preocupavam, é que ele percebeu todo envergonhado e confuso que tinha deixado a batina ao pé de uma árvore, e ficou amargamente arrependido do gesto tão pouco eclesiástico.

## REPETIDOR DE GREGO.

Era, no entanto, mesmo no período de férias, o seminarista modelo que admiramos em Chieri. Naqueles tempos as férias do Seminário eram intermináveis: da festa de São João à festa de Todos os Santos, portanto quatro meses inteiros. Era já um problema viver essa terça parte do ano. João o resolvia, aceitando os convites, ora dos Moglias, seus antigos patrões, alguma vez de José seu irmão, mais freqüentemente do bom e douto pároco de Castelnuovo. Aqui encontrava, juntamente com a mais cordial das hospitalidades, uma biblioteca das mais bem fornecidas especialmente quanto a clássicos latinos e italianos. Dessa fonte se servia largamente para completar os seus estudos de humanidades um tanto desordenados.

Um ano em que a epidemia da cólera tinha afastado de Turim os Padres Jesuítas e uma parte de seus professores, João teve a sorte de ser convidado a dar repetições de grego para alguns alunos deles, durante o período de férias. Isso lhe trouxe duas vantagens: em primeiro lugar serviu-lhe muito para retomar a familiaridade com essa língua que havia estudado apenas superficialmente em Chieri; e depois ficou compreendendo que aquela classe de jovens não eram os que lhe estavam destinados. Simpáticos, bem educados, de inteligência perspicaz, tudo isso eram na verdade; mas faltava-lhes a energia da vontade e a muita riqueza os estragava. Portanto era muito restrito o campo que ofereciam a um zelo que queria transformar o fundo dos corações.

Como eram diferentes os seus pequenos e grandes amigos de Chieri, de Castelnuovo, de Becchi! Esses se lhe conservavam ainda todos fiéis. Toda a quinta-feira, dia de folga, corriam ao parlatório do Seminário, para conversar, receber algum bom conselho, deixar-se guiar até à Capela para uma visitinha a Nosso Senhor. Muitos continuavam mesmo durante o ano escolar a ir pedir-lhe repetição de alguma matéria. E nas férias de

outono em Castelnuovo não acabava nunca de decifrar com esses rapazes ou meninos as páginas difíceis dos autores clássicos. Com isso lucrava naturalmente algum dinheirinho que o ajudava a manter a vida. Mas principalmente se servia disso como meio para se aproximar das almas.

"Ele vivia exclusivamente para a juventude, foi o que escreveu um companheiro daqueles tempos. E os jovens retribuíam cordialmente o afeto que lhes demonstrava. Nos domingos quando em filas recolhidas os seminaristas partiam do Seminário para ir cantar missa na Catedral, os pequenos clientes agradecidos aguardavam num canto da praça a passagem de João, só para vê-lo, para receber dele um olhar rápido e depois partir felizes. E um dizia: Está vendo aquele clérigo de cabelos crespos, ali ao lado direito? E o interrogado, que não conhecia ainda o clérigo Bosco, respondia: - Estou vendo. Mas que tem ele? - Pois é o amigo de todos nós. Se você soubesse quanto ele é bom!

Sentença muito simples, mas muito justa. O clérigo Bosco de fato era bom para com aqueles meninos, aos quais amava por impulso natural, porque tinha pena de vê-los abandonados e amava por vocação porque sabia que era chamado para se dedicar a eles.

## PELA TERCEIRA VEZ DEUS LHE FALA EM SONHOS.

E quando estava terminando seu tempo de Seminário, uma noite do período de férias, um novo sonho, tão expressivo quanto o primeiro, veio confirmar-lhe a vontade do Céu. Aos pés da colina em que estava o sítio de seu irmão, estendia-se um largo vale, o qual tomou de repente aos seus olhos o aspecto de uma populosa cidade. Nas ruas e nas praças borborinhava uma multidão de meninos abandonados a si mesmos. Brincavam, gritavam, e blasfemavam. João não podia ouvir blasfêmias que logo ficava fora de si. E assim correu para aqueles infelizes e lhes intimou que se calassem. Vendo que não obedeciam, ameaçou bater-lhes. Não adiantava nada! Chegou então aos fatos e começou a surrar os mais insolentes. Estes lhe responderam no mesmo tom, cobrindo-o de bofetadas. Vendo-se aniquilado pela superioridade numérica, o clérigo tratou de fugir. Mas eis que aparece uma personagem misteriosa, que lhe impede o caminho e lhe intima que volte a ter com os pobrezinhos e os corrija por meio da persuasão. O sonhador contentou-se em mostrar como única resposta os sinais dos bofetões recebidos. Então o desconhecido o apresentou a uma grande Senhora que se tinha aproximado dele: "Eis aqui minha Mãe, disse-lhe; segue os conselhos que Ela vai dar". A suave aparição envolveu-o num olhar cheio de bondade e murmurou

"Se queres ganhar estes meninos, não os maltrates com socos e pontapés, mas conquista-os com a doçura e a persuasão". E foi o que João fez. Então, como no primeiro sonho, assistiu a uma dúplice mudança. Primeiro os meninos se transformaram em animais ferozes e depois de um instante se metamorfosearam em mansos cordeirinhos.

Um sonho não é nada... ou é bem pouca coisa! Mas quando se vê o espírito dessa criança, desse adolescente, desse moço obsessionado constantemente pela mesma idéia, é impossível não supor que aí haja intervenção do Céu. E a suposição se faz certeza quando vinte, trinta vezes vemos que os acontecimentos decalcam o sonho e o justificam. O vidente toma então o aspecto de predestinado. Há crianças precoces que revelam aos oito anos, com seus dons naturais, o que vão ser um dia: músicos, poetas, pintores. Pois é o caso de Dom Bosco: os céus e a terra conspiraram para lhe indicar o caminho. Uma força secreta o arrastava

imperiosamente para a juventude; e um instinto invisível arrastava a juventude para ele. Esse duplo movimento, do pastor ao encontro das ovelhas e das ovelhas em busca do pastor, transformava em realidades as visões noturnas, nas quais Jesus e sua Mãe Santíssima, inclinando-se para a miséria moral dos pequeninos, pareciam dispor tudo de tal maneira que o pobre rebanho disperso ou erradio encontrasse finalmente seu pastor e seu redil.

## ORDENS MAIORES. PROPÓSITOS DA ORDENAÇÃO.

Enquanto esperava essa hora o clérigo Bosco ia continuando a completar sua última formação no Seminário de Chieri.

Nas ordenações de setembro de 1840 recebeu o Subdiaconato, em Turim; na primavera de 1841, no sábado da Paixão, o Diaconato; e finalmente no dia 26 de maio, festa de São Felipe Neri, entrou em retiro espiritual, em Turim, em casa dos Padres da Missão, a fim de preparar-se para o Ordenação sacerdotal. Num minúsculo canhenho, que guardou até o fim da vida, tomou nota dos propósitos que a graça lhe sugeriu nesses dias de benção. Ei-los reproduzidos fielmente

"O padre não vai jamais sozinho para o Céu nem para o Inferno. Se for fiel à sua vocação vai para o Céu com as almas que com o seu bom exemplo tiver salvado; se proceder mal e escandalizar os irmãos, irá para o Inferno juntamente com as almas condenadas por causa de seus maus exemplos. Este pensamento me vai ajudar a manter com todo o esforço os seguintes propósitos:

1. Jamais darei um passeio sem necessidade.

2. Ocuparei escrupulosamente o tempo.

3. Sempre que se tratar da salvação das almas, encontrar-me-ão pronto a sofrer, a agir, a humilhar-me.

4 . A caridade e a doçura de São Francisco de Sales iluminem todas as minhas ações.

5. Mostrar-me-ei sempre contente com o alimento que me derem, a não ser que seja realmente prejudicial à saúde.

6. Tomarei vinho sempre "batizado" e só como remédio, isto é, nos dias e na medida que minha saúde exigir.

7. Como o trabalho é uma arma poderosa contra os inimigos de minha salvação, darei ao sono apenas cinco horas por noite. Durante o dia, e especialmente depois da refeição não repousarei nunca a não ser em caso de doença.

8. Consagrarei todos os dias alguns momentos à meditação e à leitura espiritual. Durante o dia farei uma breve visita ou pelo menos uma oração ao Santíssimo Sacramento. Minha preparação para a Missa durará um quarto de hora. O mesmo se diga da ação de graças.

9. Fora do tribunal da Penitência e salvo raríssimas exceções necessárias, nunca me deterei a conversar com mulheres.

**SACERDÓCIO E PRIMEIRA MISSA.**

**Quem conferiu o sacerdócio ao jovem diácono foi Mons. Franzoni, Arcebispo de Turim. Este o conhecia um pouco e o estimava muito em vista das relações apresentadas pelo Reitor do Seminário de Chieri. Mas bem longe estava de imaginar o papel considerável que iria desempenhar na igreja o jovem sacerdote, que ele ordenava na sua Capela particular, na manhã de 5 de junho de 1841, vigília da Festa da SS. Trindade.**

**No dia seguinte, na igreja de São Francisco de Assis, no altar do Anjo da Guarda, situado à esquerda do altar-mór, assistido pelo seu amigo e benfeitor Padre Cafasso, professor de casuística no Pensionato Eclesiástico, contíguo à igreja, o padre João Bosco celebrava a sua primeira missa. Ele dispusera tudo para que a missa fosse simplicíssima, sem aparato nem barulho, muito cheia de recolhimento, para poder sem distração agradecer a Deus a graça de o ter conduzido até a meta sonhada desde a infância. Com que acentos de piedade, bem o podemos imaginar, terá ele rezado os textos litúrgicos que traduziam admiravelmente o assombro e a gratidão de sua alma! Por três vezes, no Intróito, no Ofertório e na Post-Comunhão, a igreja cantava seu hino de agradecimento à Santíssima Trindade, pela sua infinita misericórdia para com os homens.**

**E sem dúvida o jovem sacerdote devia pensar na longa cadeia de graças que lhe tinham facilitado a subida até o sacerdócio.**

**Ó Deus, dizia ainda a oração sagrada, Deus, força invencível dos que esperam em Vós. E o celebrante devia recordar-se que para vencer certos obstáculos, humanamente intransponíveis, tinha-lhe sido bastante esperar com paciência a hora de Deus e esperar contra toda a esperança.**

**Enfim, São Paulo, na epístola do dia, exclamava: Ó Deus, como são imperscrutáveis os vossos juízos e misericordiosos os vossos caminhos! É um grito de aniquilamento da criatura que medita as indústrias amorosas da Sabedoria Divina. Grito que bem pode traduzir o assombro, comovido até as lágrimas, do pequeno pegureiro de ontem que amanhã o Senhor mandará apascentar outras ovelhas!**

**Nessas ovelhas que o esperavam ao longo do caminho de sua vida, ele já pensava com fervor desde aquela manhã. E assim, naquele instante da Missa em que o sacerdote se recolhe para pedira Deus as graças que deseja para si e para os que lhe são caros, suplicou a Deus que lhe concedesse no ministério sacerdotal a eficácia da palavra. "Parece-me, escreveu mais tarde nas suas Memórias, que o meu pedido foi atendido". Não pode haver dúvida. Foi atendido, e magnificamente! Sua palavra, tanto em público como em particular, conheceu o caminho de um sem número de corações, especialmente dos corações da juventude.**

**Durante o Sacrifício da Missa, entre a Elevação e a Comunhão, depois que o pão já foi transubstanciado no Corpo do Senhor, a Igreja deixa uns instantes livres para a oração intima do seu ministro: é o Memento dos mortos. A memória do jovem sacerdote agradecido parou longamente a recomendar a Deus o nome dos seus benfeitores falecidos, de Castelnuovo e de Chieri. No seu espírito pairava, sobressaindo a todos a figura do velho Padre Caloso, seu primeiro mestre de latim, aquele cuja generosidade bem quisera ter-lhe poupado tanto atraso nos estudos. O discípulo reviu num relance da imaginação a face bondosa do saudoso velhinho: reviveu a cena da tarde em que tinham voltado juntos da Missão em Buttigliera, reviu as semanas inesquecíveis passadas no presbitério de**

Murialdo, a felicidade experimentada por sua alma ao encontrar no Padre Caloso o sacerdote do feitio que sempre sonhara. Saudosas e longínquas recordações!

A alma do celebrante a custo podia suportar o peso da comoção imensa, e a sua oração ardente subia para além do tempo e do espaço a agradecer a quem com sua ação benéfica o tinha encaminhado para aquele altar.

## NA SUA TERRA NATAL.

No dia seguinte, segunda-feira, celebrou a segunda missa no santuário da Consolata " para agradecer à Santíssima Virgem -escreveu ele - as inúmeras graças que lhe tinha impetrado do seu Divino Filho".

Na quinta-feira imediata, Festa de Corpus Christi, satisfez finalmente o desejo do povo de sua terra, celebrando em Castelnuovo a Missa cantada da festa e oficiando na procissão do Santíssimo. Para solenizar o acontecimento realizou-se um alegre festim na residência paroquial. O Arcipreste tinha convidado todos os parentes de João, todo o clero da redondeza, e as autoridades do lugar. No entanto o novel sacerdote tinha pressa em desvencilhar-se de todas essas rumorosas demonstrações de estima para encontrar-se a sós com sua mãe. E assim ao cair da tarde, partiram ambos para chegar a Becchi.

E fácil calcular que ondas de sentimentos suaves e fortes comoviam o coração da mãe e do filho. Quantas vezes desde a idade de 15 anos João tinha percorrido aqueles caminhos, aqueles atalhos, atormentado pelo sonho sublime! Agora o sonho era realidade! E aquela última subida que restava! Atravessava precisamente o prado onde, numa noite de inverno, ele se vira transportado em sonho e ouvira a voz de Nossa Senhora a lhe traçar claramente a rota! Por caminhos misteriosos mas seguros tinha sido amoravelmente conduzido! Uma mão de mulher e de mãe - a mais excelsa de todas as mulheres e a mais terna de todas as mães - tinha tomado a sua mãozinha de criança e através da provação o tinha guiado à dignidade sacerdotal, sem que ele devesse fazer outra coisa a não ser deixar-se conduzir e não perder nunca a esperança. História admirável! Ao reevocá-la naquela hora calma e recolhida com as humildes cenas de toda a sua juventude, o homem sentiu uma comoção intensa apertar-lhe o coração. Faltaram-lhe as palavras para exprimi-Ia e os olhos se arrasaram de lágrimas. O Joãozinho de outros tempos, o humilde pastorzinho feito sacerdote, exprimia a gratidão de sua alma inebriada.

## SUBLIMES PALAVRAS DE SUA MÃE.

Mais uns passos ainda e atravessaram a soleira da pobre casita, espectadora de tantas cenas de alegria e de lágrimas mãe acendeu a candeia e tratou de preparar tudo para o descanso noturno. Depois, como outrora, como vinte anos atrás, daqueles dois corações puros subiu aos céus a oração da noite. Quando se ergueram da prece, a velha mãe, que se deixara ficar quase sempre silenciosa em todo aquele dia de emoções, tomou entre as suas mãos as mãos do filho e com acento muito grave, e muito doce, falou:

> "João, agora és padre! Agora dirás missa todos os dias. Lembra-te bem disso: começar a dizer missa é começar a sofrer. Não o perceberás logo, mas um dia,

mais tarde, verás que tua mãe tinha razão. Todas as manhãs, tenho certeza, hás de rezar por mim. Não te peço outra coisa. De hoje em diante pensa somente na salvação das almas e não te preocupes absolutamente comigo".

Palavras admiráveis! Esta cena de pura beleza sobrenatural dá-nos realmente a chave de um futuro todo inteiro. Mais tarde, quando o filho nos assombrar com a grandeza de suas realizações, com seu ardor apaixonado para com Deus e para com as almas, com sua fé calma e intrépida, então nos lembraremos da mãe, a humilde camponesa de Becchi, a pobre mulher analfabeta, mas de tanta elevação de espirito, a mãe que durante quinze longos anos de pobreza e de provações, lenta e pacientemente formou esse coração sacerdotal.

## CAPÍTULO III

## HUMILDES ORIGENS DE UMA GRANDE OBRA

Índice

AINDA O PADRE CAFASSO.

ESPETÁCULO DESOLADOR: TODA UMA JUVENTUDE DESAMPARADA.

ENCONTRO PROVIDENCIAL NA SACRISTIA DE SÃO FRANCISCO DE ASSIS.

PRIMEIRA LIÇÃO DE CATECISMO.

O NÚCLEO DE UMA OBRA. O PRIMEIRO "ORATÓRIO" SALESIANO.

UMA NOBRE E CARIDOSA SENHORA: A MARQUESA BAROLO.

CAPELÃO DE ÓRFÃS.

O ORATÓRIO TEM QUE SE RETIRAR.

UM DIA NO CEMITÉRIO DE S. PEDRO "IN VINCULIS".

DESPEDIDOS OUTRA VEZ!

NOS MOINHOS DO DORA.

MAIS OUTRA VEZ NA RUA. O ORATÓRIO AMBULANTE.

QUINTO LOCAL PROVISÓRIO. NOVA EXPULSÃO. NO CAMPO.

PERSEGUIÇÃO DA AUTORIDADE CIVIL E MESMO ECLESIÁSTICA.

**SUSPEITAM QUE DOM BOSCO ESTÁ DEMENTE.**

**VÃO BUSCAR LÃ E SAEM TOSQUIADOS.**

**ÚLTIMA EXPULSÃO.**

**UMA HORA DE CALVÁRIO.**

**O PORTO DE SALVAÇÃO. O BARRACÃO DO SR. PINARDI.**

**ULTIMATUM DA MARQUESA BAROLO.**

**A DOIS PASSOS DA MORTE.**

**O CORAÇÃO DOS FILHOS DO POVO.**

**SALVO!**

**QUATRO MESES DE CONVALESCENÇA.**

**DE NOVO AO TRABALHO, EM COMPANHIA DA MÃE.**

**A DIVINA PROVIDÊNCIA.**

**EM SEDE ESTÁVEL DEFINITIVAMENTE.**

## CAPÍTULO III

## HUMILDES ORIGENS DE UMA GRANDE OBRA

**AINDA O PADRE CAFASSO.**

**Poucos meses depois da ordenação, em outubro de 1841, acabadas suas últimas férias, o padre João Bosco começou a pensar sobre que rumo dar à sua vida. Que oficio eclesiástico deveria pensar? Ofereciam-lhe três. Uma família nobre de Genova queria-o como preceptor de seus filhos, propondo-lhe um salário de mil liras anuais livres de todas as despesas; a gente de sua terra desejava-o como sucessor do Cura de Murialdo, a minúscula vila da qual dependia o povoado de Becchi; e por último o Arcipreste de Castelnuovo, Padre Cinzano, seu grande benfeitor e amigo, estava ansioso por tê-lo como coadjutor. Para tomar o caminho mais curto e para não buscar senão a vontade Deus nesta primeira escolha, Dom Bosco [6] recorreu mais uma vez ao seu santo conterrâneo o Padre Cafasso. E este lhe disse:**

> **"Não aceite nada. Venha a Turim e complete sua formação sacerdotal no Pensionato Eclesiástico".**

**Que era o Pensionato Eclesiástico? - Era a obra do Padre Guala, eminente sacerdote de Turim, o qual, depois das transformações políticas da Revolução e do Império, tinha compreendido que havia necessidade urgente de preparar para a sociedade cristã um clero piedoso, instruído e apostólico, único capaz de reconduzi-la aos sãos princípios e à prática, das virtudes esquecidas. Essa idéia de formar um clero de escol,**

tinha-a recebido do Bem-aventurado Bruno Lanteri, seu mestre e conselheiro. Lanteri, fundador dos Oblatos de Maria, no Piemonte, fora naqueles tempos borrascosos um dos raros operários evangélicos imbuídos das verdadeiras doutrinas romanas. Eram os tempos em que o Galicanismo estava no auge; em todas as cátedras de teologia ensinavam-se obrigatoriamente os famosos quatro artigos; o erro tinha atravessado os Alpes com os exércitos imperiais e não entrara sozinho.

Também o jansenismo tinha invadido os vales da Alta Itália e tinha propagado a peste de seu rigorismo entre aquela virtuosa população. Ovelhas e pastores em grau maior ou menor achavam-se contaminados. Onde se iria parar? Certamente muito longe e sempre na direção da impiedade. Era portanto preciso reagir, curando o mal pela raiz, isto é, derramando metodicamente na alma dos mestres em Israel a doutrina sã.

O Padre Guala, logo que teve possibilidade, pôs mãos à obra, abrindo em sua casa um curso livre de moral prática Nomeado cura de São Francisco de Assis, transferiu sua cátedra para essa paróquia e prosseguiu a obra sem alarde. O Piemonte então vivia sob o guante de Napoleão e era preciso agir com a máxima prudência. Finalmente, depois do Congresso de Viena e da volta dos Príncipes de Sabóia, o Padre Guala tentou executar na íntegra o seu plano. Pegado à Igreja de São Francisco de Assis havia o antigo convento dos Frades Franciscanos, transformado em quartel durante a ocupação napoleônica.

O Padre Guala pediu às autoridades licença para usar à vontade o local. Deram-lhe a licença pedida, e pouco depois reconheceram a obra como de utilidade pública e lhe concederam personalidade jurídica. Por conseguinte, desde 1818 o Pensionato Eclesiástico começou a funcionar com cerca de doze pensionistas, número que em breve se elevou até sessenta.

Essa instituição vinha antes de tudo garantir um sólido complemento de estudo teológicos para os padres novos; além disso reunia-os sob o mesmo teto e dentro de uma mesma disciplina, livrando-os de se verem obrigados a hospedar-se com enormes despesas, Deus sabe onde, nem sempre garantidos contra certos perigos, sozinhos ou em grupos de três ou quatro; dava finalmente ocasião aos professores de observarem de perto, nesse período de dois ou três anos de estudos, as aptidões dos alunos, a fim de sugerirem mais tarde a nomeação deles para os cargos em que mais resultados pudessem dar para a glória de Deus. Havia duas conferências diárias de moral, uma de manhã feita pelo Padre Guala e outra de tarde pelo Padre Cafasso. No tempo que restava, todos os novéis sacerdotes se exercitavam nas funções ordinárias do ministério eclesiástico; oficiavam na igreja paroquial, faziam visitas aos hospitais, aos cárceres, davam catecismo faziam o bem. A obra estava colocada sob a proteção de São Francisco de Sales e São Carlos Borromeu, ambos fundadores de instituições semelhantes; e o ensino que se ministrava era todo inspirado nos princípios de Santo Afonso de Ligório.

Um regulamento dos mais suaves, ia formando lentamente a alma daquele jovem clero nos hábitos definitivos de toda a vida sacerdotal. Em comum faziam as seguintes práticas: oração da manhã e da noite, visita ao Santíssimo Sacramento, reza do terço, meia hora de meditação e um quarto de hora de leitura espiritual. Além disso havia a confissão semanal, uma ligeira mortificação na sexta-feira, silêncio fora das horas de recreio, retiro semanal, estudo comum, passeio de tardinha em grupos de dois e longe dos lugares muito freqüentados, proibição absoluta de assistir a espetáculos públicos e de entrar em cafés. Cada pensionista pagava uma pensão bem módica; mas a fortuna pessoal do Padre Guala, que era notável [7] e os legados que a instituição recebia, graças à sua personalidade jurídica,

permitiam que a administração recebesse vários pensionistas gratuitos.

Evidentemente João pertencia a esse número. Lá ele ia passar três anos. E foram três anos providenciais, não só porque lhe enriqueceram a mente com um cabedal de conhecimentos preciosos que mais tarde lhe alimentaram copiosamente a palavra e a pena, mas também e principalmente porque o puseram em contato com as misérias, cujo conhecimento serviu para orientar definitivamente sua vocação de apóstolo da juventude.

## ESPETÁCULO DESOLADOR: TODA UMA JUVENTUDE DESAMPARADA.

Desde as primeiras semanas que passou no Pensionato Eclesiástico, Dom Bosco teve ocasião de tocar com suas próprias mãos o estado de abandono moral em que se encontrava a maior parte da juventude da classe proletária. Turim era nessa época uma cidade que crescia rapidamente e que do Piemonte e da Lombardia ia atraindo para si uma multidão de meninos pobres e de moços contratados pelas empresas construtoras. Eram principalmente trabalhadores manuais, serventes de pedreiro, marceneiros principiantes. Dormiam onde podiam, quase sempre miseravelmente, em grupos de cinco ou seis em porões ou em sótãos insalubres. Mas esses ao menos formavam um exército de trabalhadores. O pior era o que se via ao lado deles : uma multidão de meninos abandonados, ociosos, que fervilhavam quase por toda a parte, nas imediações da cidadela, ao longo do Rio Pó, nos terrenos baldios que aguardavam construções; meninos abandonados pêlos pais ou por eles instigados à mendicidade. Se o jovem sacerdote subia as escadas até o sótão, seu olhar descobria logo um espetáculo comovente: famílias de oito, dez, doze pessoas, amontoados numa horrível mansarda, onde se respirava um ar pestilencial e onde se viam, naquela promiscuidade, sabe Deus quantas lições de vícios. Em todos esses ambientes germinavam sementes de prisioneiros que iam dar frutos depois numa das quatro casas de detenção da capital. Nelas quantas vezes Dom Bosco entrou acompanhando o Padre Cafasso! O que mais o impressionava nesses lugares de desolação era o número de jovens aí encerrados, meninos de poucos anos e moços já desenvolvidos, estes corrompendo aqueles! Ai arruinava-se precocemente a alma, e lá na "Piccola Casa" da Divina Providência, o imenso hospital fundado pelo Santo Cottolengo, o corpo se destruía aos golpes das doenças geradas pela vida viciosa.

Que espetáculo comovente o dessa juventude abandonada, sem guia, sem pastor, vítima de paixões desenfreadas por culpa de uma sociedade que não cuidava deles e duma família que atraiçoava os próprios deveres. Certas tardes, entregue a essa triste reflexão, ia dar uma volta pêlos campos dos arredores e encontrava grupos de moleques, que lá ficavam porque os pais não cuidavam ou não tinham autoridade. Aqui rixavam, ali faziam diabruras; uns jogavam baralho, outros jogavam a dinheiro; caíam blasfêmias de lábios ainda infantis e de ouvido em ouvido corriam as mais obscenas. palavras. Que doloroso o abandono em que se achava toda essa juventude! O padre aproximava-se daqueles grupos mas sem resultado nenhum. Ao vê-lo chegar, alguns fugiam, outros insultavam, os demais continuavam imperturbáveis o seu inqualificável divertimento. O bom padre ficava triste.

Mas na sua alma havia sempre a luz de um raio de esperança. É que essa cena lhe era já conhecida em todos os mínimos particulares. Tinha-a visto e, ao menos por três vezes, bem idêntica. Só que antes era um sonho e agora era a realidade. Porém o sonho não acabava naquilo só. No último ato os pequenos animais ferozes se transformavam em dóceis cordeirinhos,

quando o novo amigo deles guiado pelo céu, se aproximava com bondade e ternura que jamais haviam conhecido. - Quem sabe não há de soar um dia essa hora de consolação? pensava o sacerdote. E voltava para casa suplicando à Virgem Santíssima que apressasse tal hora.

## ENCONTRO PROVIDENCIAL NA SACRISTIA DE SÃO FRANCISCO DE ASSIS.

E a hora chegou precisamente no dia consagrado à Virgem Nossa Senhora, 8 de dezembro, festa da Imaculada Conceição. Na sacristia da igreja de São Francisco de Assis, Dom Bosco estava paramentado para celebrar missa e esperava um ajudante. Recolhido como estava, não percebera a entrada de um rapaz já desenvolvido, de seus dezesseis anos, vestido miseravelmente. A curiosidade o conduzira até ali e ele estava precisamente observando tudo com a admiração de quem via aquilo pela primeira vez: a sala, os móveis, o padre em trajes tão engraçados, todo aquele conjunto imponente e severo.

O sacristão, mal entrou, foi gritando em tom de ameaça:

- Que fazes aqui? Não estás vendo que o padre está só esperando um ajudante? Vamos, pega o missal, e ajuda à missa.

- Mas eu não sei ajudar à missa, responde o rapaz.

- Então por que entraste aqui dentro?

Donde é que saem estes tipos que vão entrando em toda a parte como se fosse em casa deles? Rua daqui! Imediatamente!

E, dizendo isto, tomou um espanador, e pôs-se a correr atrás do menino. O pobrezinho, não conhecendo bem as portas, saiu por onde não devia sair, foi dar numa porta fechada, teve que voltar à sacristia, sempre perseguido pelo sacristão furioso, até que conseguiu finalmente retomar o caminho por onde tinha entrado e saiu para a rua.

- Para que bater nesse rapaz, disse Dom Bosco, ao vê-lo voltar todo esbaforido pela carreira. Não é assim que se faz.

- Mas então para que vem ele à sacristia?

- Ora! não vejo nenhum mal nisso. E não consinto que se tratem assim os meus amigos.

- Seu amigo? Aquele moleque?

- Justamente. Quando alguém é maltratado, só por isso já fica sendo meu amigo. E eu faço questão que o senhor não maltrate mais ninguém desse jeito. Do contrário di-lo-ei ao Padre Guala. Volte e vá chamar o rapaz; ainda não deve estar longe e eu preciso falar com ele.

De aí a minutos o sacristão voltou com a vítima ainda toda a tremer.

- Vem cá, meu amigo, vem cá, não te quero fazer mal. Como te chamas?

- Bartolomeu Garelli.

- De onde és?

**- Sou de Asti.**

**- Qual é o teu ofício?**

**- Pedreiro.**

**- Tens pai?**

**- Não, já morreu.**

**- E mãe?**

**- Também morreu.**

**- Que idade tens?**

**- Dezesseis anos.**

**- Sabes ler, escrever?**

**- Não senhor, nem uma nem outra coisa.**

**- E cantar? E assobiar?**

**O rapaz deu uma risadinha. Estava aberto o coração, a amizade começava a nascer.**

**- Dize-me uma coisa, Bartolomeu : já fizeste a primeira comunhão?**

**- Ainda não.**

**- Já te confessaste alguma vez?**

**- Já, mas faz muito tempo, quando eu era pequeno.**

**- E rezas as orações da manhã e da noite?**

**- As orações eu esqueci.**

**- E à missa aos domingos, vais?**

**- Isso sim, quase sempre. .**

**- E ao catecismo?**

**- Não tenho coragem.**

**- Ora! Por que?**

**- Porque fico com vergonha. Os outros meninos menores do que eu sabem o catecismo melhor.**

**- E se eu explicasse o catecismo para ti somente, virias?**

**- Então sim.**

**- E quando queres começar?**

**- Quando o senhor quiser.**

**- Hoje de tarde serve?**

**- Serve.**

**- E se fosse agora mesmo?**

**- E só o senhor querer.**

**-Então está bem. Assistes à missa e depois vamos estudar juntos um pouco de catecismo.**

## PRIMEIRA LIÇÃO DE CATECISMO.

**Meia hora depois. Dom Bosco estava de novo com o seu jovem amigo. Conduziu-o a uma saleta pegada à sacristia e começou a sua primeira lição de doutrina cristã. Eram as primícias de um apostolado que ia durar quase meio século.**

**Instintivamente o sacerdote compreendeu que uma grande coisa estava para nascer ali, a dois passos do tabernáculo. Ajoelhou-se e rezou - naturalmente sozinho uma ave-maria, uma simples ave-maria para que a Virgem Imaculada o ajudasse a salvar aquela alma. Seu coração sequioso de sacrifício e impaciente do desejo de dedicar-se à juventude passou todo inteiro através das palavras da eterna oração. Ao erguer-se teve a sensação de que sua obra de apostolado estava começando.**

**- "Sabes fazer o sinal da Cruz?" - foi a primeira coisa que perguntou a Bartolomeu.**

**O rapaz arregalou dois olhos espantados. Sinal da Cruz! Que poderia ser isso! - Como? - disse Dom Bosco de si para consigo - nem sequer o primeiro sinal que a criança aprende nos - joelhos da mãe! Numa capital católica encontrar meninos que não sabem nada de seu batismo! Que miséria e que vergonha! E os olhos do jovem sacerdote se abriam e ele via que sua missão era gigantesca e bela. Iria ao encontro desses pequeninos e lhes derramaria no coração o tesouro dos pobres que é a fé; a fé iluminada, instruída, que faz proceder retamente, que consola nas horas de pranto, que dá a explicação de tudo e que faz ganhar o céu com as boas obras que inspira.**

**A primeira lição de catecismo foi breve. Meia hora no máximo; e o menino partiu já sabendo fazer o sinal da Cruz.**

**- Domingo voltas não é, Bartolomeu?**

**Sim, senhor, sem falta!**

**Então não voltes sozinho. Traze mais algum amigo teu. Eu darei a eles alguma coisa e a ti também para recompensar-te.**

## O NÚCLEO DE UMA OBRA. O PRIMEIRO "ORATÓRIO" SALESIANO.

**No domingo seguinte eram nove: Bartolomeu com mais seis amigos e outros dois apresentados pelo Padre Cafasso. Escutaram a palavra simples,**

afetuosa e persuasiva de Dom Bosco. Algumas semanas mais tarde, atravessando a igreja num domingo à noite, durante a prática, Dom Bosco encontrou alguns pequenos serventes de pedreiro a cochilar no degrau de um altar lateral, bem escondidinho na sombra. E lhes perguntou: - Que é que estão fazendo aí? Não estamos entendendo nada da prática, respondeu o mais esperto deles; o padre não está falando para nós... - Pois venham comigo, respondeu Dom Bosco. E levou-os à sacristia e os persuadiu a irem aos domingos juntar-se ao seu rebanho que se ia formando. Assim já era bem uma dúzia de rapazinhos cheios de atenção e interesse. Poucos meses depois eram já oitenta e depressa passaram de cem. E todos operariozinhos, ocupados em trabalhos penosos, todos completamente ignorantes das coisas de Deus.

O afeto que lhes consagrava esse sacerdote, o bem que lhes causava à alma fazendo com que a conhecessem, ligaram fortemente os rapazes ao seu grande amigo. E iam procurá-lo fielmente todas as vezes que tinham algum minuto livre. Surgiu então uma questão: - Onde recolher uma turma de meninos tão barulhentos nas horas que não eram ocupadas pelo catecismo? Dom Bosco não tinha outra coisa fora seu pobre quarto no Pensionato Eclesiástico.

Veio em seu auxilio a Divina Providência. Seus dois Superiores, Padre Guala e Padre Cafasso, eram homens de Deus e compreenderam num relance a fecundidade daquela iniciativa. E portanto lhe permitiram que reunisse os meninos no próprio pátio do Pensionato. Era bem meritório consentir em fazer esse sacrifício, pois significava renunciar durante todo o dia de domingo à calma e ao silêncio daquele lugar de solidão. Mais de cem meninos brincando debaixo das janelas num pátio tão minúsculo, enchiam de barulho toda a casa. Mas aqueles santos sacerdotes pensavam: - Que importa? Se o nosso jovem amigo transforma este meninos em bons cristãos, nosso sacrifício ainda é bem pequeno.

## UMA NOBRE E CARIDOSA SENHORA: A MARQUESA BAROLO.

A obra viveu assim quase três anos, de 1841 a 1844, até o dia em que Dom Bosco terminou seus estudos complementares e teve que deixar o Pensionato Eclesiástico. O Padre Cafasso, pensando na obra tão rica de promessas que Dom Bosco iniciara, não queria de sorte alguma que ele fosse nomeado vice-pároco no interior e nem mesmo na Capital. E por isso instou para que, a pedido da Marquesa Barolo, fosse designado para segundo capelão do novo Orfanato - O refúgio -fundado recentemente por essa grande dama.

A Marquesa de Barolo! Paremos um momento diante desta senhora que vai exercer na vida do Santo um papel, secundário, é verdade, mas muito providencial. Era francesa, filha do Marquês de Maulévrier, descendente em linha reta do grande Colbert. Assim é que a Marquesa assinava sempre: Julieta de Colbert. Aos sete anos perdeu a mãe; e pouco depois a avó, uma tia e diversos parentes subiam ao cadafalso. Era o ano de 1793! Para escapar a idêntica sorte teve o pai que ir unir-se com o exército dos príncipes em Coblenza, juntamente com os três filhos. Como centenas de outros fugitivos, o pai e os irmãos Maulévrier tiveram que comer por sete anos o amargo pão do desterro na Holanda e na Alemanha e temperaram a alma na dura prova do infortúnio. Voltando à França dois dias depois de 18 de Brumário, o Marquês encontrou seu castelo destruído e suas terras desvastadas. Dentro de algum tempo sua constância conseguiu reconstruir a propriedade e parte do dote das duas filhas. Julieta, a maior, casou-se aos vinte e dois anos de idade com o Marquês de Barolo, nobre piemontês,

pagem do Imperador que ela tinha conhecido provavelmente na corte. Terminado seu tempo de serviço à Pátria, o Marquês Tancredo de Barolo foi com ela para Turim. Em 1814 o Piemonte readquiriu a independência e teve de novo seus príncipes legítimos. A Marquesa então, embora conservando para a França a fidelidade de seu pensamento saudoso, dedicou à nova Pátria todo o devota mento e todo o coração. Os dois cônjuges viveram 31 anos de felicidade. Não tinham filhos e por isso procuravam formar uma família com os pobrezinhos a quem ninguém amava, dedicando-lhes seu afeto espontâneo e consagrando a eles o supérfluo de suas rendas magníficas. Deve-se notar que era uma grande Casa essa. Era imensamente rica, principalmente pelo produto dos vinhedos que nas colinas de Barolo dão à Itália setentrional o melhor de seus vinhos. Em 1838 o Marquês apanhou em viagem uma febre que o levou imediatamente para o túmulo. Assim a Marquesa se encontrou sozinha, com idade de 53 anos, senhora de imensa fortuna.

Dessa fortuna ela fez tão benéfico uso que até hoje seu nome permanece abençoado na Capital do Piemonte. Como enumerar as fundações de caridade dessa senhora? Há uma bairro inteiro em Turim, o que fica nas proximidades da Consolata, no qual em cada passo se encontra uma obra saída de seu coração ou de sua inteligência. Chegou ao ponto de fundar duas Ordens Religiosas destinadas a salvar as meninas pobres ou transviadas. E o que é mais interessante é que conseguiu percorrer dentro de seis meses apenas os trâmites necessários do processo junto ao Papa Gregório XVI e aos Cardeais Consultores para obter a aprovação oficial da Igreja. Também ela tinha descoberto sua vocação ao visitar as prisões da cidade, quando contava 36 anos. Um dia, levada casualmente a esses lugares, vira desdobrar-se sob seus olhos o espetáculo angustioso da corrupção, do ódio contra Deus e da revolta no coração de mulheres malvadas que porfiavam em degradar. Desde essa época decidira em seu coração trabalhar eficazmente para a regeneração dessas infelizes. E todas as manhãs, mesmo quando vivia ainda o marido, viam-na encerrar-se por três ou quatro horas com aquelas coitadas, para conduzi-las a pensamentos de resignação e de doçura, de amor ao trabalho, de ódio contra o vício. E muitas vezes o conseguiu.

Quem diria que essa mulher extraordinária, que consagrava às obras de misericórdia o melhor de seu tempo e de seus cuidados, que usava cilicio, que dedicava ao menos uma hora por dia à oração, era a mesma que sabia manter o primeiro lugar nos salões da sociedade turinense? Elegante, culta, espirituosa, distinta, atraia os melhores escritores da velha Capital - Maistre, Balbo, Sclopis, D'Azeglio - os quais todos gostavam de freqüentar seu palácio! Balzac, quando passou por Turim ardia em desejo de ser apresentado a ela; Lamartine manteve com ela uma correspondência que só se rompeu quando sua alma de poeta bandeouse para a República; Cavour, o Cavour de antes do Risorgimento, tinha nela a melhor amizade e a confidente preferida; enfim é sabido de todos que ela acolheu no palácio até o fim da vida ao suave Sílvio Péllico, quando, após conseguir a libertação, voltou para Turim extenuado, enfermo antes do tempo, desprovido de tudo. No palácio de Barolo mostra-se ainda a mesa na qual o escritor compôs, sob os olhos de sua benfeitora, As minhas prisões.

Mas há um reverso da medalha - pois que toda a medalha tem reverso: o natural excessivamente ardente, autoritário e prepotente da Marquesa. Todos deviam dobrar-se diante de sua vontade. O Marquês Tancredo tinha naturalmente favorecido essa tendência, satisfazendo-lhe todos os caprichos. E, ficando viúva, ela não encontrara mais nenhuma oposição que se lhe antepusesse. Fundadora de ordens, criadora de múltiplas obras, tinha tomado como é muito natural o tom e o hábito de mandar. A imaginação ardente, a vontade impetuosa impeliam-na muitas vezes até para

além dos limites. Mas sobretudo o espírito imperioso e absoluto tornavam-na freqüentemente injusta nos juízos e tirânica nas exigências. Por princípio, ninguém podia contradizê-la e o obstáculo tinha que ceder imediatamente. Tal procedimento ela podia usar com todos aqueles que de um modo ou de outro dela dependiam e que portanto receavam resistir para não saírem perdendo. Porém nem todos pertenciam a esse número; e, ao menos uma vez, a terrível Marquesa encontrou uma vontade firme e suave ao mesmo tempo, que não quis dobrar-se. Essa vontade foi a de Dom Bosco! Mas vamos prosseguir com ordem.

## CAPELÃO DE ÓRFÃS.

Em outubro de 1844 Dom Bosco uniu-se ao primeiro capelão do Refúgio Santa Filomena, o bom teólogo Borel, que mais tarde lhe iria prestar tão grandes e numerosos serviços. Atendendo a uma recomendação dele, a Marquesa tinha consentido que os meninos se reunissem no terreno do Instituto. Havia uma passagem entre dois muros para chegar ao primeiro pavilhão. Era uma espécie de corredor de vinte metros de comprimento e quatro ou cinco de largura. Ia ser o segundo pátio da Obra de Dom Bosco.

Para capela se adaptariam provisoriamente na melhor maneira possível duas salas do edifício. Este primeiro santuário "salesiano" dedicou-se a São Francisco de Sales e foi inaugurado no dia 8 de dezembro, festa da Imaculada Conceição. Fora caía a neve, copiosa como nunca; mas dentro, onde já se apinhavam mais de quinhentos meninos entre aquelas quatro paredes e ao redor daquele altar improvisado, havia um calor agradável e um fervor intenso.

Tudo corria bem demais! Não podia durar muito. E de fato, com a reabertura do Orfanato na primavera, surgiram as dificuldades.

## O ORATÓRIO TEM QUE SE RETIRAR.

Ao gabinete da Marquesa chegaram diversas queixas, provindas, na maior parte, daquelas boas irmãs que ao lado do pobre pátio se consagravam a minorar as doenças do corpo e da alma. Ora diziam que os meninos faziam um barulho infernal; ora alegavam que apesar da altura dos muros podia haver alguma comunicação perigosa entre as duas obras; só as vozes dos meninos constituíam já um perigo debaixo desse ponto de vista. E, finalmente, delito imperdoável, de vez em quando desaparecia dos canteiros alguma flor apenas desabrochada: uma rosa, uma dália, uma margarida! Ah! quem não sabe a influência que têm tido no fechamento de obras infantis alojadas em prédios alheios o desaparecimento de uma flor de um canteiro! Era o crime maior que tinham cometido os meninos de Dom Bosco! E lho fizeram saber: era um delito imperdoável. O oratório portanto recebeu ordens de desalojar dali quanto antes. E a ordem se cumpriu dentro de poucas semanas. Tinha passado cerca de oito meses naquele local.

## UM DIA NO CEMITÉRIO DE S. PEDRO "IN VINCULIS".

Onde recolher agora meu pequeno mundo? Agora que são mais de 300 e é tão difícil achar lugar! - Era o que pensava Dom Bosco numa manhã de maio, enquanto percorria ao. acaso os terrenos dos arredores. De repente se achou defronte ao Cemitério de São Pedro "in Vinculis". Havia ali uma capela bem espaçosa para o serviço litúrgico do cemitério e ao redor dela um campo semeado de cardos. "Isto me vai servir - pensou Dom Bosco - contanto que o capelão permita".

O capelão era um bom velho de 62 anos de idade, que anuiu imediatamente às primeiras palavras do colega sacerdote. "Sem dúvida nenhuma. Venha, Dom Bosco, que me divertirei muito vendo os meninos brincar". E assim no dia 25, último domingo de maio, pelas duas horas da tarde, um bando de meninos de todas as idades foi divertir-se naqueles terrenos incultos. Havia espaço e solidão absoluta. Que diferença entre esse lugar e aquele corredor estreito, apertado entre dois muros! E, por isso, uma alegria endiabrada manifestava a satisfação geral.

## DESPEDIDOS OUTRA VEZ!

Mas, infelizmente, tinham combinado tudo sem falar com a criada do capelão. Por caiporismo naquele domingo o bom padre se tinha ausentado e era ela quem estava mandando. De repente ei-la que aparece na porta, com ares de desafio, mãos na cintura e voz ameaçadora. A algazarra dos meninos que corriam atrás de uma bola assustara uma galinha que estava chocando numa mísera cesta.; a pobre choca fugira espavorida. E impossível descrever o furor daquela mulher. Gritava como uma possessa, cerrava os punhos de raiva e ameaçava a Dom Bosco: "Muito bonito o que o senhor está fazendo com estes moleques! Mas espere que chegue o Padre Tesio. Se ele não o expulsar, sei eu o que vou fazer. Nunca se viu uma coisa assim! E é desse jeito que o senhor educa esses malcriados? Ah! E o último domingo que eles aparecem aqui".

Mas, minha boa senhora, respondeu Dom Bosco com doçura, a senhora está certa de poder estar aqui domingo próximo? Olhe que nós estamos nas mãos de Deus. E depois, voltando-se para os meninos disse: "Parem os brinquedos; vamos à capela para o catecismo e o terço".

Terminada a cerimônia, Dom Bosco encontrou-se com o Padre Tesio, que acabava de chegar, e que já tinha ouvido as reclamações enérgicas da criada, revestidas quem sabe de quantas calúnias. O resultado infelizmente foi que Dom Bosco viu cassada a licença de reunir-se ali aos domingos com os seus meninos.

Tinha durado apenas um dia a permanência da Obra em São Pedro "in Vinculis". Mais uma vez o ninho caia por terra e os passarinhos não sabiam onde ir pousar para cantar. Como consolo para todo aquele povo miúdo, o Padre Borel fez então a famosa prática do repolho: "Reparai nos repolhos, meus queridos meninos: se não forem mudados não se desenvolvem. Assim também vós: cada vez que vos mudaram de lugar aumentastes mais. Aumentou o número e aumentou o desejo de serdes bons cristãos! Coragem, portanto. Não vos aflijais, que Deus está convosco. Entreguemo-nos a ele com confiança.. Ele pensará em vosso futuro ninho e vo-lo mostrará logo". [8].

## NOS MOINHOS DO DORA.

Algumas semanas mais tarde encontramos o Oratório "transplantado" para os Moinhos do Dora. Havia aí uma igrejinha dedicada a São Miguel; não era bem uma paróquia; era uma capela apenas. Todos os domingos havia missa, mas durante o dia a igrejinha ficava vazia. Dom Bosco pediu à Administração municipal e conseguiu licença de usar o edifício nas horas da tarde. Aí podia dar catecismo à vontade. Era pouco, mas sempre era mais do que nada. Uma vez que não tinha coisa melhor, Dom Bosco aceitou aquilo mesmo e ficou lá, não obstante surgissem mil dificuldades inerentes ao lugar: uma missa só aos domingos e numa igreja tão cheia de gente que os meninos dificilmente encontravam um cantinho livre; nenhum lugar abrigado em caso de mau tempo; como para recreio, apenas a pequenina praça diante da igreja ou a rua que passava defronte, cruzadas ambas a todo momento por carros, pedestres e cavalos que interrompiam uma partida apenas iniciada.

## MAIS OUTRA VEZ NA RUA. O ORATÓRIO AMBULANTE.

A estes aborrecimentos juntou-se o desagrado da vizinhança cujo sossego estava sendo perturbado. Os moleiros e seus empregados, os carroceiros, furiosos por verem todos os domingos aquela invasão de rapazes barulhentos, começaram das janelas a cobri-tos de insultos. E vendo que os meninos continuavam imperturbáveis sob toda uma chuva de impropérios, escreveram uma longa carta ao Conselho Municipal, descrevendo-os com as mais negras tintas. Foi o suficiente para assustar o Síndico, o qual retirou a licença dada a Dom Bosco de usar a igreja de São Martinho. No dia 1 ° de janeiro do ano seguinte - estavam em dezembro - o local já deveria estar desocupado.

Foi então que o engenho de Dom Bosco criou o Oratório ambulante. Reunia os meninos de manhã na Praça da Igreja e depois, em silêncio para não perturbar os moradores do bairro, partiam. Apenas saíam da cidade, as linguinhas se desatavam, e, ora cantando, ora rezando, chegavam a algum santuário vizinho, como o da Madonna delta Campagna, o do Morro dos Capuchinhos, o de Superga. Ai Dom Bosco confessava os meninos, celebrava missa, dava a comunhão e depois voltava a Turim. De tarde, após o catecismo dado nalgum lugar improvisado, saiam noutra direção, mas desta vez para passear, brincar e divertir-se. Ao apontar das primeiras estrelas, voltavam para suas casas. Os maiores acompanhavam ainda o bom Pai para assistir a uma das bençãos do Santíssimo que podiam alcançar na cidade.

## QUINTO LOCAL PROVISÓRIO. NOVA EXPULSÃO. NO CAMPO.

Não durou muito tempo essa vida nômade. O inverno, muito rigoroso, encarregou-se de interrompê-la. Dom Bosco compreendeu que era impossível continuar assim sem lugar fixo e então alugou três cômodos de uma casa vizinha ao Hospital da Marquesa Barolo. [9] Esses três aposentos abriam-se durante a semana para aulas noturnas aos mais crescidos que estivessem muito atrasados nos estudos; aos domingos serviam para as aulas de catecismo. Que milagres realizava Dom Bosco para fazer caber lá dentro toda essa juventude? É um ponto de história que renunciamos a esclarecer! Para as funções religiosas dirigiam-se a uma paróquia que ficava pertinho. Para os brinquedos iam aos campos vizinhos, cercados de amoreiras

e aí se divertiam sob os olhos paternos de Dom Bosco. Não era o ideal, mas afinal vivia-se. Eis, porém, que uma nova tempestade se desencadeou sobre a obra, já tão continuamente perseguida. Os inquilinos foram queixar-se com o senhorio que o barulho que faziam os meninos naqueles três cômodos e especialmente o vai-vem que se estabelecia por causa das aulas noturnas, perturbavam o descanso dos moradores.

Em rigor isso era verdade. E de comum acordo, deixaram que o senhorio escolhesse: ou se retirava Dom Bosco, ou eles, os inquilinos, se retiravam. O proprietário não hesitou um instante: despediu Dom Bosco. Este, não sabendo mais o que fazer, alugou um campo vizinho, no meio do qual se erguia um barracão feito de taipa. De provação em provação, tinham ficado reduzidos a não ter mais nem um teto onde se abrigar nos dias de chuva, de neve ou de vento!

## PERSEGUIÇÃO DA AUTORIDADE CIVIL E MESMO ECLESIÁSTICA.

Entretanto ia acontecer a Dom Bosco coisa ainda pior. Até então sua obra tinha sido ameaçada só quanto às condições materiais: mas ia surgir dentro em pouco a desconfiança das mesmas autoridades. A tempestade desencadeou-se simultaneamente de dois lados. Antes de tudo, os párocos de Turim não viam com bons olhos tantos meninos reunirem-se sob as ordens de Dom Bosco. "Esses meninos diziam eles - pertencem a várias paróquias. Pois que freqüentem as suas igrejas paroquiais, em vez de estarem desertando para assistirem às funções ora aqui, ora ali e sempre com Dom Bosco. Dentro em breve, não conhecerão mais nem o Pároco nem o caminho da Paróquia, e isto não dá certo".

O teólogo Borel lhes respondia. "Mas olhem que esses rapazes até ontem não freqüentavam igreja nenhuma. Todos eles ficariam certamente muito embaraçados se se lhes perguntasse de que paróquia são. Se não forem com Dom Borco, não irão a parte alguma. Deixem-nos portanto com o seu educador e eu lhes garanto que ele lhos fará ótimos paroquianos. Além disso a maior parte deles são de fora de Turim. Observem também que são rapazes já de quinze a dezoito anos; e poderiam os senhores colocá-los ao lado dos pequenos de dez a doze anos, nos bancos do catecismo para aprenderem a doutrina? E quero ainda que notem como Dom Borco consegue atraí-los porque usa certos meios - jogos, passeios, prêmios, aulas noturnas - para os quais é preciso habilidade especial e capacidade de resistência. Creio que os senhores não teriam coragem de imitá-lo, não é verdade?" Era o raciocínio do bom senso, que, porém, não persuadia a todos; e os preconceitos ficavam.

Ao menos por esse lado era uma homenagem que se prestava ao seu zelo. Mas havia outros que obscureciam malignamente as suas intenções. Alguns burgueses comodistas, vendo-o andar acompanhado de uma turma de meninos que lhe obedeciam rigorosamente, meteram na cabeça a idéia de que ele estava mantendo uma corja de desocupados, filhos de rebeldes, de espirito independente, prontos a apoiar com mão forte qualquer revolta popular. Dom Borco foi por isso chamado à sede do Município. Lá, o Marquês de Cavour, Síndico de Turim e pai do célebre estadista, repreendeu-o severamente e finalmente mandou que ele desistisse daquela obra. "Sim, desistirei, respondeu Dom Borco, com nobreza, porém só com ordem do meu Arcebispo".

"Pois eu mandarei dar essa ordem" terminou o Marquês, admirado e ao mesmo tempo irritado com a resistência do Santo.

**E tentou de fato conseguir a ordem do Arcebispo, mas foi inútil. Então a polícia secreta começou a vigiar Dom Borco. E assim, todos os domingos, desde a abertura do Oratório ao ar livre, viam-se ao longo das cercas, agentes de polícia à paisana, que rondavam vigiando os passos daqueles possíveis revolucionários. Eram logo reconhecidos e se tornavam objeto de curiosidade e até de risos zombeteiros dos meninos. E Dom Borco ainda se vingava graciosamente, no momento em que de pé sobre um montículo de terra dava os avisos a seu povo miúdo. Nessa hora os bons agentes se aproximavam cada vez mais e aguçavam os ouvidos o mais que podiam para não perder uma vírgula da fala de Dom Bosco. E ganhavam com isso, porque muitas vezes a prática era dirigida a eles e as alusões às suas necessidades espirituais eram muitas claras. Um deles chegou a dizer: "Se continuarmos a vir aqui uns dois ou três domingos acabaremos confessando-nos. Que conspirador original!"**

**Dom Bosco não estava conspirando! Quem conspirava eram as forças do mal, que se aliavam contra a sua obra, talvez porque pressentiam que sob os esforços daquele humilde padre estava em germe uma formidável organização para a salvação da juventude. Por isso faziam todo o possível para derrubá-la desde a base.**

**SUSPEITAM QUE DOM BOSCO ESTÁ DEMENTE.**

**As armas que se usaram para impedir os seus planos foram o desânimo, que até os melhores amigos tentaram inocular-lhe no espírito, e as dolorosas calúnias que se espalhavam a respeito de seu estado mental. Uns lhe diziam "Mas para que é que teima? Está vendo que as circunstâncias estão contra o senhor. Limite sua ação a um grupo de rapazes só, aos melhores ou aos mais expostos ao perigo. Para uns vinte meninos assim sempre se arranja um lugar. Os outros esperem a hora da Providência.**

**Outros, ouvindo-o expor todos os seus planos de apostolado, diziam em surdina: "Pobre Dom Bosco! E uma idéia fixa. Está vendo as coisas com óculos de aumento. É um caso de megalomania. O pior é que poderia transtornar-lhe de uma vez o cérebro. E então..."**

**- Mas, não senhores, respondia Dom Bosco a esses incrédulos. Não estou vendo nada com óculos de aumento. Estou vendo tudo como vai ser! Não há dúvida. Vamos ter, e logo, pátios, casas. Teremos sacerdotes, clérigos, leigos que nos ajudarão a educar a juventude. Teremos...**

**- Mas ao menos por enquanto não tens nada disso, lhe dizia o seu melhor amigo, o teólogo Borel.**

**- Isso é verdade. Mas não tardará muito que eu estarei à testa de um Oratório.**

**- De um oratório?**

**- Tenho certeza absoluta. Eu já estou vendo. Tenhoo diante dos olhos, com todos os seus pormenores: igreja, pátios, pórticos. Não falta nada.**

**- Mas onde é que vai ser isso?**

**- Por enquanto não posso dizê-lo. Mas que existirá é certo. E**

veremos.

Entretanto no meio do clero se ia propagando a voz que Dom Bosco realmente não estava bom do juízo e delirava visivelmente. Quem sabe não seria conveniente proporcionar-lhe umas semanas de descanso nalgum manicômio.

VÃO BUSCAR LÃ E SAEM TOSQUIADOS.

Essa idéia ganhou terreno nas altas camadas, tanto que um dia Dom Bosco viu chegar ao seu quarto dois venerandos cônegos, os quais, após os primeiros cumprimentos, encaminharam a conversa logo para o assunto dos projetos do apóstolo.

- E então, Dom Bosco, está mesmo firme na idéia de uma obra para juventude?

- Firmíssimo. Penso nisso como nunca.

- Mas como é que a imagina? Pequena? Modesta?

- Pequena? Ah! meus amigos, nada de coisas pequenas. Eu vejo uma obra imensa, com pátios, aulas noturnas, oficinas, ambientes amplos, igreja com capacidade para quinhentos meninos, e mais coisas que não lhes digo.

- E quem o ajudará?

- Ajudar-me? Terei padres, catequistas, assistentes, professôres, mestres de oficina...

- Um exército inteiro, então!

- Sem dúvida, um exército!

- Mas quem sabe pensa em fundar uma ordem religiosa?

- Justamente!

- E qual será o hábito dos seus religiosos?

- Vesti-los-ei de virtudes, respondeu Dom Bosco impassivel.

- De virtudes, não há dúvida. Mas é preciso alguma coisa mais.

- Pois é. E eu farei trabalhar e andar pela cidade em mangas de camisa, como serventes de pedreiro.

A resposta dos dois interlocutores foi um sorriso amargo que se traduzia assim: "Não há dúvida".

- Será que eu disse alguma tolice? perguntou Dom Bosco, com um ar de admiração ingênua. Compreendam-me. O que eu queria dizer é o seguinte: Uma ordem que não fôr pobre não poderá realizar muita coisa. E então entenda-se: pobreza e mangas de camisa são coisas que se equivalem.

- Sim, compreendemos perfeitamente, caro Dom Bosco, disseram os dois para se retirarem... E no corredor completaram: "É mesmo a idéia fixa. Precisamos remediar quanto antes". É sabido o remédio que usaram. Dias mais tarde Dom Bosco recebeu na sua modesta peça do Refúgio a visita

de dois eclesiásticos de Turim: o Teólogo Posati, cura de Santo Agostinho, e o cônego Luiz Nasi. Depois de falarem de assuntos indiferentes por alguns minutos, os dois visitantes encaminharam a conversa para o lado que desejavam. Naturalmente Dom Bosco repetiu a eles o que já havia dito aos outros. Os dois bons sacerdotes se entreolharam com um ar de consternação como quem dissesse: "Não nos enganaram. É mesmo como diziam. Está delirando. Não há tempo a perder".

À porta estava o carro em que tinham vindo.

- Dom Bosco, disse então o Cura de Santo Agostinho, não gostaria de dar um passeiozinho conosco? O carro está esperando na porta.

- Como não? Com muito gôsto! Vou buscar o chapéu, e descemos juntos.

De aí a dois minutos os três padres desciam a escada e chegavam diante da porta do carro.

- Suba, Dom Bosco, disseram os dois cúmplices.

- De forma nenhuma, como poderia eu faltar ao respeito que lhes devo?

- Não. Suba antes, tenha a bondade!

- Absolutamente! Subam antes, por favor.

E os dois bons cônegos resolveram então subir antes.

Apenas o segundo entrou no carro, Dom Bosco, batendo violentamente a porta ordenou enérgico ao cocheiro

- Depressa! Toque para o manicômio!

Uma boa chicotada pôs os cavalos a todo o galope. O manicômio era perto e o pessoal estava já prevenido. O portão escancarado aguardava o carro, o qual entrou ràpidamente no pátio. Os homens de serviço precipitaram-se logo para a portinhola, a fim de receberem o doente. Tinha-se-lhes feito a recomendação de tratá-lo com delicadeza mas ao mesmo tempo com energia. Pois sim senhores: em vez de um cliente encontraram dois. E ambos gritavam, debatiam-se, gesticulavam. "Com os seiscentos! pensaram os homens, estão furiosos! Estamos perdidos! Vamos fazer o possível para dominá-los sem precisar usar de meios violentos".

Porém, os dois amigos cada vez mais gritavam que era um engano, que chamassem o Diretor, que chamassem o Capelão, o médico de serviço. O Capelão foi o primeiro que chegou e o mistério se esclareceu imediatamente.

Desde esse dia ninguém mais falou na loucura de Dom Bosco.

## ÚLTIMA EXPULSÃO.

No entanto continuaram a atormentá-lo da mesma maneira. Chegaram até a cassar-lhe a licença de usar o campo.

Vamos contar como se deu o caso.

Os nossos leitores podem imaginar como decorriam os domingos dentro daquelas

poucas jeiras de terra. De manhã Dom Bosco recebia os meninos, confessava os que queriam, sentado num montículo de terra, depois partiam para algum santuário vizinho onde assistiam à missa, após a qual se lhes dava quase sempre alguma coisa que comer. No período da tarde aqueles quatrocentos meninos voltavam pontualmente ao campo e se divertiam a mais não poder. Num dado momento soava um toque de corneta e suspendiam-se os brinquedos. Divididos em vários grupos, segundo a idade e o grau de instrução, recebiam uma lição de catecismo. No fim Dom Bosco, do alto de uma pequena elevação de terieno, dava os avisos para a semana, fazia um sermãozinho e entoava, para concluir aquela função religiosa ao ar livre, as ladainhas de Nossa Senhora. Em seguida recomeçavam com mais entusiasmo ainda os jogos de competições esportivas até o escurecer.

Era impossível durar muito tempo tanta felicidade. Um dia os irmãos Filippi, proprietários do campo, foram ter com Dom Bosco e lhe disseram mais ou menos estas palavras: "Os seus meninos pisam o capim tão pesadamente que matam até as raizes. De aqui a pouco nosso campo não será mais campo e sim uma estrada batida. Por isso damos-lhe ordem de desocupar, perdoamos-lhe o último aluguel já vencido, contanto que dentro de quinze dias o campo esteja livre".

## UMA HORA DE CALVÁRIO.

Desocupar em quinze dias! Dom Bosco não queria acreditar em seus próprios ouvidos. Mas enfim resignou-se esperando que dentro da quinzena a Providência viesse em seu socorro. Passam oito dias. Nada! e chega finalmente a manhã do domingo em que Dom Bosco deve forçosamente separar-se de seus meninos. Que triste perspectiva! Só ao vê-los chegar aquela manhã o coração lhe sangrava! Todavia a fé se lhe conservava intacta: "Vamos à Madonna della Campagna, disse depois que terminou as confissões. Preciso pedir uma graça à Virgem Santissima. Vocês vão pedir comigo". E partiram para o antigo santuário onde rezaram fervorosamente a Nossa Senhora, pois sentiam que a alma do pai estava preocupada. As duas horas da tarde estavam de novo no campo, sem saber a infelicidade que os estava ameaçando. Houve como de costume catecismo, canto e sermão e depois recomeçaram os jogos com tanto entusiasmo como nunca!

Dom Bosco, entretanto, esmagado pela dor, passeava sòzinho à beira do campo.

"Ao contemplar aquela multidão de rapazes, escreveu ele mais tarde, ao pensar na rica messe que eles preparavam para o meu sacerdócio, senti despedaçar-me o coração. Eu não sabia mais onde reunir os meus meninos. Para esconder minha aflição, eu passeava a um canto, e, talvez pela primeira vez, senti subirem-me as lágrimas aos olhos erguidos para o céu: ó meu Deus - rezei então - indicai-me o lugar onde devo reuni-los domingo que vem, ou então dizei-me que é que devo fazer".

## O PORTO DE SALVAÇÃO. O BARRACÃO DO SR. PINARDI.

Foi uma oração fervorosa em que se misturavam em proporções indefiniveis a fé, a esperança e o amor. Tinha que ser ouvida. De fato, apenas Dom Bosco acabou de lançar aos céus esse grito da alma desolada mas cheia de

confiança, eis que entra no campo um bom homem, que lhe vai logo perguntando: E verdade que o senhor está procurando um lugar? Pergunto-lhe isto, porque um meu companheiro de nome Pinardi tem um magnífico barracão para alugar. O senhor quer ir vê-lo?

Dom Bosco o acompanhou. O "magnifico barracão" era uma espécie de palheiro com o teto muito baixo e todo cheio de buracos.

- É baixo demais, disse Dom Bosco um pouco desapontado.

- Isso não quer dizer nada. Cavaremos o chão um meio metro e faremos um pavimento conveniente. Além disso o senhor poderá usar o terreno que fica ao lado. Tudo isso por 300 liras, ao ano. Está bem?

- Quer então fazer um contrato de arrendamento? arriscou-se a perguntar Dom Bosco que guardava bem a lembrança dos recentes desgostos por que tinha passado.

- Isto mesmo; faz-se o contrato e domingo que vem tudo está pronto.

Dom Bosco voltou para o campo onde estavam os meninos. Aí o sol da tarde iluminou uma cena realmente comovedora. Aqueles pobres garotinhos, quando ouviram a notícia que tinham finalmente um lugar seguro para ficar, não puderam refrear a alegria. Dançavam, cantavam, pulavam, aclamavam a seu grande amigo, Dom Bosco! Éste rezou então com eles, com um fervor que só Deus sabe, um terço em ação de graças.

A obra tinha conseguido enfim estabilizar-se. Depois de dezoito meses de dolorosas peregrinações, ela ia tomar posse dessa casa Pinardi, ao redor da qual ano por ano, lustro por lustro, brotando das lágrimas, da pobreza e do coração de um humilde sacerdote, a Sociedade Salesiana devia nascer, crescer e estender suas asas por todo o mundo.

## ULTIMATUM DA MARQUESA BAROLO.

Se é verdade que a obra tinha finalmente seu asilo, o mesmo não se poderia dizer dentro em pouco a respeito de Dom Bosco.

O leitor se recorda certamente que a Marquesa Barolo o tinha nomeado segundo Capelão da Obra de Santa Filomena. Além do modesto estipêndio - 600 liras por ano - o ofício garantia cama e mesa. Eram duas preocupações a menos para uma vida tão agitada como a sua, uma vez que ele trabalhava contemporâneamente em dois empregos: a capelania das meninas do Refúgio e a direção dos seus 400 meninos. Não se tratava de nenhuma sinecura num caso e no outro. Pois imagine-se que a Marquesa não tardou a se aborrecer com o segundo apostolado do seu Capelão. Não era possível ao mesmo tempo servir a ela e ter outras preocupações. Ela ao menos não concebia isso e não o poderia tolerar. Um dia Dom Bosco viu-a entrar no seu aposento com um ar de decisão mais marcado que em outras ocasiões.

- Meu caro Dom Bosco, disse a Marquesa, admiro o cuidado que o senhor tem com a alma de minhas filhas no Refúgio de Santa Filomena. Tudo corre magnificamente.

- Oh! Senhora Marquesa, não me agradeça por nada disso. Não estou fazendo mais que cumprir o encargo que a sua bondade me confiou.

- Pois justamente, meu caro Dom Bosco, não posso compreender como é

que se poderá conciliar por muito tempo este encargo com a direção de centenas de meninos que vêm procurá-lo todos os domingos.

- Não se preocupe, senhora Marquesa! Deus me ajudou até agora. Há-de continuar a ajudar-me.

- Não, o senhor vai arruinar a saúde, e isto eu não quero. Ou senão a obra que eu lhe confiei vai ficar prejudicada,. Por isso é que vim para lhe dar um conselho.

- Que conselho?

- Deixar uma das duas obras: ou a sua, ou a minha. Pense e me dê a resposta de aqui a alguns dias.

- Mas já está pensado, senhora. Com as suas riquezas e com a posição que ocupa, a senhora pode fàcilmente encontrar não digo um, mas dez sacerdotes para ocupar o meu lugar. Ao passo que daqueles meninos, se não me ocupo eu, ninguém se ocupará certamente.

- Mas onde é que o senhor vai morar? Com que meios se sustentará?

- A Providência há-de dar o remédio.

- Mas sua saúde está definhando. Ouvi dizer também que está com o cérebro cansado. Seja portanto razoável. Vá descansar o tempo que fôr necessário: um ano, dois e três até, se fôr preciso. Eu me encarrego das despesas. Mas depois, quando estiver restabelecido, volte outra vez para o Refúgio.

- É impossível, senhora Marquesa. Repito-lhe ainda uma vez: minha vida está toda consagrada ao serviço desses pobres meninos; e ninguém, nenhuma forçaforça humana me poderá afastar do caminho que Deus me traçou.

- Então quer dizer que o senhor prefere os seus pequenos vagabundos às minhas órfãzinhas! Nesse caso pode considerar-se desde hoje despedido do seu cargo. Vou arranjar o substituto.

- Mas ao menos a senhora Marquesa não me vaí despedir assim de uma hora para outra. Daria motivo a muitas maledicências e ficaria abalada minha honra sacerdotal, respondeu Dom Bosco em tom cheio de dignidade.

- Bom! Dou-lhe três meses para deixar o cargo e desocupar os aposentos. E com esse prazo decisivo a imperiosa Marquesa saiu.

Antes eram os filhos que ficavam sem teto. Agora, o pai! Pobre Dom Bosco! Bem lhe poderiam ter poupado essa preocupação de procurar casa para morar! Estava com as forças esgotadas! A Marquesa não se tinha enganado. Bastava olhar ligeiramente para os traços cansados do humilde sacerdote para compreender que ele não aguentava mais em pé. Era de fato impossível levar a vida que ele levava havia vinte meses, sem sofrer sérias conseqüências. Despejos sucessivos em número de cinco dentro de dez meses; caminhadas pela cidade em procura de trabalho para seus filhos espirituais; horas intérminas sentado no confessionário; todo aquele pequeno mundo a quem ele tinha que providenciar, não só divertimento e instrução mas muitas vezes também roupas e alimentos; visitas numerosas exigidas pela necessidade de arranjar esmolas; e os meninos doentes que ele tinha que consolar, que fazer sorrir... e tudo o mais, quer dizer o serviço religioso do Refúgio, as visitas aos cárceres, as aulas de catecismo no Cottolengo . . . Tudo isso lhe tinha minado sorrateiramente o organismo.

O mínimo descuido, a mínima causa era bastante para provocar uma catástrofe. E esta chegou nos primeiros dias do mês de julho de 1846, sob a forma de pneumonia violenta, com hemoptises bem declaradas.

## A DOIS PASSOS DA MORTE.

Num domingo de tarde, depois de um dia de trabalho exaustivo no Oratório, o pobre Dom Bosco, ao entrar no quarto caiu sem sentidos. Tiveram de transporta-lo para a cama, e desde esse momento a febre não o deixou mais. Dentro de oito dias achava-se à beira do túmulo.

No domingo seguinte o Padre Borel, acompanhado pelos maiorezinhos do Oratório, que choravam e soluçavam, levoulhe o Santo Viático. Estavam presentes a mãe e o irmão mais velho que tinham corrido à cabeceira do querido agonizante. Terça-feira foi-lhe administrada a Extrema-Unção.

As tristes notícias que se espalhavam desde os primeiros dias da semana entre o seu pequenino povo de meninos lançaram-nos na maior consternação. Cada um deles percebia que estava para perder o pai, o conselheiro, o melhor amigo. E a dor que sentiam era indizível. Foi então que se deram cenas de gratidão realmente comovedoras. Enquanto os maiores se ofereciam como enfermeiros e se revezavam ao lado do doente, de dia e de noite, os outros ficavam firmes na porta, ao pé da escada, na rua, tentando romper a sentinela e penetrar, mesmo que fôsse um minuto só, no quarto do seu grande amigo.

- Deixem-me entrar só para vê-lo. Não lhe direi nem uma palavra, suplicava um.

- Tenho só uma palavrinha para lhe dizer, insistia outro, mas não quero que ele morra sem lhe ter dito.

- Se Dom Bosco soubesse que eu estou aqui, afirmava um terceiro, garanto que me faria entrar.

E todos enfim suplicavam: - Deixem ao menos a porta entreaberta, para a gente poder vê-lo.

Mas a ordem do médico era terminante. E todos aqueles meninos ficavam ali, à caça da mínima notícia, com o coração cheio de angustia. Seria possível que o céu os abandonasse de novo a si mesmos, deixando-os sem um guia, um amigo, um defensor? Não! E se fôsse preciso um milagre... eles o conseguiriam.

## O CORAÇÃO DOS FILHOS DO POVO.

Viu-se então aquele mundo jovem dar ao coração de Deus o mais violento assalto de fé que os anais de uma obra tenham jamais registrado. No Santuário da Consolata, todos aqueles meninos, todos aqueles adolescentes - até ontem quase todos moleques da rua - se revezavam de hora em hora para arrebatar à Santissima Virgem a desejada cura.

A súplica começava de manhã e acabava de noite muito tarde. Alguns continuavam-na em casa, outros chegavam a prolonga-la até o amanhecer.

Desvairados aqueles filhos, na ânsia de arrebatar o pai das garras da morte faziam promessas desajuizadas: rezar o rosário por um mês, um ano, por toda a vida. Muitos jejuavam a pão e água e alguns o faziam vários dias seguidos. E eram rapazes desses que sobem 50 vezes por dia andaimes de cinco andares com um balde de rebôco nos ombros! Como tinha conquistado o coração de toda essa juventude o humilde padre que se estava preparando na serenidade para comparecer diante de Deus.

## SALVO!

Todavia, entre a morte que subia as escadas daquela casa e as orações que aos pés da Virgem lançavam seu grito de confiança, triunfaram as orações. A noite que no dizer dos médicos devia ser fatal, foi pelo contrário a noite da volta à vida.

- Dom Bosco, disse-lhe a certo ponto o Teólogo Borel, você sabe o que dizem os nossos Livros Sagrados: "Quando estiveres doente, roga a Deus e ele te curará".

- Deixemos que se cumpra a vontade de Deus.

- Mas ao menos diga baixinho: "Senhor, se é do vosso agrado, curai-me". Eu o peço em nome de todos os seus meninos. Vamos, repita comigo estas palavras. O moribundo repetiu-as. - Agora tenho certeza que escapará, exclamou todo contente o Teólogo Borel, pondo-se de pé; faltava só a oração dele.

De fato no dia seguinte os médicos declararam que a crise tinha sido superada, e que, salvo complicações, a doença seria debelada.

Quinze dias depois, numa suave tarde de domingo, as pessoas que passavam por aquele bairro de Turim, puderam assistir a um espetáculo não muito comum. Uma onda de meninos estavam na porta do Refúgio esperando impacientes o aparecimento de alguém. De repente no quadro formado pela porta, emoldurou-se diante dos olhos de todos a figura de Dom Bosco. Foi um delírio. Tinham preparado uma cadeira de braços e fizeram Dom Bosco sentar-se. De aí a um instante os ombros robustos dos rapazes maiores levantaram-no acima daquela turba de meninos. E estes, cantando, gritando, chorando, acompanharam-no até à pobre Capela-barracão, no mais régio dos cortejos. Chegando ao altar Dom Bosco disse: "Muito obrigado, meus filhos, meus queridos filhos, por esta vossa prova de afeto! Obrigado por todas as orações que me restituíram a vida. Se eu estou aqui, devo-o a vós. Portanto é bem justo que eu empregue para vosso bem todos os dias que o Senhor me quiser ainda conceder. Mas de vossa parte, ajudai-me a salvar a minha alma".

Todos os meninos choravam; o Teólogo Borel soluçava; Dom Bosco não podia mais conter a comoção. Alguns dias depois partia para Becchi. Só o clima de sua terra natal poderia fazê-lo restabelecer do violento abalo que sofrera.

## QUATRO MESES DE CONVALESCENÇA.

Durante sua ausência o Oratório funcionou como pôde nas mãos dos amigos, os quais em companhia do Teólogo Borel se esforçavam para

dobrar-se às exigências daquele duro encargo. Foi então que compreenderam que reservas de paciência e de abnegação era necessário possuir para viver no íntimo contato com aquela juventude, espalhafatosa e barulhenta, clangorosa, de coração afetuoso mas às vezes tão grosseira, insolente, imunda até e quase andrajosa; para mostrar rosto amável com todos, com os que sorriam e com os que tinham o olhar turvo; para girar manhãs inteiras a fim de encontrar trabalho para os desocupados; para ter que suplicar à direita e à esquerda a caridade de pessoas que no entanto deveriam ter igual interesse em ver transformar-se aquele povo de revolucionários em moços de prometedoras esperanças; para assumir, além das fadigas próprias de todo o bom sacerdote, mais esse trabalho esfalfante dos domingos; para pôr-se à disposição de todos, em toda a parte e sempre; e para colher muitas vezes como recompensa as críticas injustas das pessoas tidas como sensatas. Aqueles ótimos amigos sacrificaram-se por três longos meses e assim se salvou a Obra, enquanto Dom Bosco teve que prolongar sua convalescença. Pelos fins de outubro, apesar dos avisos dos médicos e dos conhecidos, Dom Bosco não conseguiu mais resistir; o corpo ainda não estava completamente restabelecido, mas a alma sofria demasiado por ter que ficar longe. E assim resolveu partir no dia de Todos os Santos.

## DE NOVO AO TRABALHO, EM COMPANHIA DA MÃE.

A questão da residência estava resolvida: Alugara quatro quartos no primeiro andar da casa Pinardi. Assim ficava bem no local de sua Obra. Porém, tanto a casa Pinardi como as duas casas contíguas, uma das quais se chamava "Albergue da Jardineira", estavam bem longe de ser asilos de santidade! Até nos dias de semana lá se fazia publicidade despudorada do escândalo! Não era possível morar um sacerdote sozinho naquela casa sem despertar logo suspeitas. Portanto era preciso encontrar alguma pessoa segura e inapontável para condividir com ele a habitação. - "Leva contigo tua mãe", disse-lhe o Pároco de Castelnuovo, o bom Padre Cinzano, sempre tão afetuoso. Dom Bosco tinha pensado nisso, mas não teve coragem de propô-lo a sua mãe. Pobrezinha! Ela já tinha seus anos e bem que merecera o direito de repousar finalmente um pouco na paz solitária de Becchi! E depois que é que Dom Bosco lhe iria oferecer em lugar dos pequeninos cuidados cotidianos a que se dedicava em sua tranqüila casa da roça? - Os aborrecimentos, o barulho, as exigências, a falta de educação de 400 meninos! A pobre mãe ia ter que sacrificar todas as suas recordações da juventude, toda a sua vida regulada e uniforme, a calma dos seus campos, a doçura de suas amizades, tudo em troca de uma existência agitada, fora da aldeiazinha natal, no tumulto de uma cidade. E depois, se ela aceitasse, iria ficar sob as ordens do filho, obedecer a ele, subordinar a própria vida à dele. Não! Isso não era admissível! Mas, e se não fizesse assim, como livrar-se daquele embaraço? Dom Bosco então armou-se de coragem e manifestou-lhe finalmente o seu desejo. -"Se achas que é essa a vontade de Deus, respondeu Margarida sem hesitar, podes contar comigo".

E assim se puseram em viagem depois do dia de Finados, a 3 de novembro de 1846. Nos dias precedentes, Margarida calculando a miséria que iria encontrar em Valdocco, tinha--se decidido a um sacrifício doloroso. No fundo de um grande baú, descansava o seu vestido de noiva. Fazia 30 anos que lá dormia, revocando de vez em quando ao seu fiel pensamento o saudoso marido, toda a sua juventude... Pois daquele ângulo escondido Margarida tirou o lindo estofo e correu a vendê-lo para conseguir algum dinheirinho com que acudir às primeiras despesas. Que santa mulher! Camponesa que não sabia ler, mas que tinha um coração nobilíssimo entre os mais nobres!

**E nessa manhã de novembro desceram os dois a pé na direção de Turim. Margarida levava um cesto em que pusera todos os seus objetos: os pobres vestidos, a roupa branca, os utensílios indispensáveis para uma boa dona de casa. Dom Bosco levava um missal, o breviário e alguns cadernos. Eram 40 quilômetros de distância, portanto sete horas de caminho. Era demais para um convalescente e para uma idosa velhinha. Por isso chegaram à meta extenuados.**

## A DIVINA PROVIDÊNCIA.

**Na encruzilhada do Rondó, onde se cortam a Avenida Regina Margherita e a Avenida Valdocco, os dois se encontraram com um amigo, o Padre Vola, que ao vê-los perguntou**

**"Oh! de onde é que estão chegando tão fatigados e tão cobertos de pó assim?**

**- De Becchi.**

**- A pé?**

**- Que é que se há de fazer? Falta isto. - E o gesto completava a palavra.**

**- E onde é que vai morar?**

**- Na casa Pinardi, com minha mãe.**

**- E com que meios conta para viver? Você agora está sem colocação!**

**- Ah! meu amigo, é uma pergunta a que nem eu Mesmo sei responder. Mas tenho confiança em Deus. Deus pensará em nós.**

**- Há alguém esperando na casa Pinardi?**

**- Ora quem iria esperar?**

**- Mas então que é que vão cear esta tarde?**

**- Não se preocupe. Vamos pensar nisso daqui a pouco.**

**- Dom Bosco, você me causa dó. Queria ajudá-lo nalguma coisa. Espere aí! E dizendo isto procura alguma coisa nos bolsos. - Estou sem um centavo esta tarde. Mas ao menos fique com isto. E tirando o relógio entregou-lho.**

**- Porém e você?**

**- Ora! Eu tenho outro. Venda esse e já terá alguma coisa com que começar a viver. E o generoso amigo deixou-os.**

**Está vendo, Mamãe? - observou Dom Bosco - a Providência já está pensando em nós.**

## EM SEDE ESTÁVEL DEFINITIVAMENTE.

Mais 200 metros de estrada e tinham chegado. No primeiro andar da casa Pinardi esperava-os a nova residência. Dos quatro quartos dois eram mobiliados, se é que se podia chamar mobília a uma pobre cama, uma mesa de madeira branca, uma cadeira de palha, o puro necessário para trabalhar, descansar e viver.

A noite já tinha caído bem antes. À luz tênue de uma vela, enquanto a Mãe começava a preparar a ceia, Dom Bosco foi colocando à cabeceira dos leitos uma imagem de santo, uma pequena pia de água benta e um raminho de oliveira.

Debaixo da sacada da casa, como já vinha acontecendo havia várias noites, desde que se espalhara a noticia que ele devia voltar, estavam uns meninos reunidos e perguntavam uns aos outros, diante daquelas janelas palidamente iluminadas, se era realmente ele. Não tinham coragem de subir a escada porque não tinham certeza. Mas eis que de repente, no silêncio daquela hora tranqüila, ouviu-se uma bela voz de tenor acompanhada por outra mais fraca de mulher. Ambos cantavam um cântico que o bom Silvio Pellico tinha composto poucos dias antes em honra do Anjo da Guarda:

Angioletto del mio Dio . . . [10]

Almas simples! Corações puros! Em casa não havia outra riqueza fora o valor - certamente bem modesto - do relógio recebido do P. Vola. O dia de amanhã era incerto. Aquela tarde a ceia ainda não estava pronta. Os dois estavam mortos de cansaço. Mas toda a alegria do Céu triunfava em seus corações. E cantavam!

## CAPÍTULO IV

## CONSOLIDAÇÃO DE UMA GRANDE OBRA

Índice

FUNDAÇÃO DAS AULAS NOTURNAS.
ÓTIMO RESULTADO.

O ORATÓRIO FORMA NOVO ENXAME.

A FEBRE DO "RESSURGIMENTO" E A
REPERCUSSÃO QUE TEVE NO ORATÓRIO.

UMA HORTA DEVASTADA.

O PRIMEIRO ÓRFÃO ADOTADO PELO
SANTO.

A FAMÍLIA VAI AUMENTANDO.
COMPRA-SE A CASA PINARDI.

CONSTRUÇÃO DA IGREJA DE SÃO
FRANCISCO DE SALES.

VENDAVAL DE ANTI-CLERICALISMO
NO PIEMONTÊS.

**OS PERIGOS DA RUA PARA OS MENINOS DO ORATÓRIO.**

**NO PRINCÍPIO OS RAPAZES ESTUDAM E TRABALHAM FORA DO ORATÓRIO.**

**A PRIMEIRA ESCOLA SALESIANA DE ARTES E OFÍCIOS.**

**POUCO A POUCO SE ORGANIZA TODO O INTERNATO.**

**DEPOIS DE DEZ ANOS.**

## CAPÍTULO IV

## CONSOLIDAÇÃO DE UMA GRANDE OBRA

**FUNDAÇÃO DAS AULAS NOTURNAS. ÓTIMO RESULTADO.**

DEPOIS que a situação ficou mais ou menos normalizada, Dom Bosco retomou corajosamente seus trabalhos no ponto em que o havia deixado poucos meses antes. O oratório atravessara a tempestade, sem sofrer demasiados estragos. Agora era preciso firmá-lo em bases cada vez mais sólidas, pois já tinha um teto que bastava ao menos para a capela e agora também o diretor morava no próprio local do Oratório. Um dos primeiros cuidados de Dom Bosco foi desenvolver mais as aulas noturnas que tinha iniciado no ano precedente. Dos meninos que freqüentavam o Oratório grande parte não sabia nem ler, e esses eram muitas vezes os maiores; isso representava um rude obstáculo para quem lhes ia ensinar a religião e uma triste inferioridade social que os abandonava como vítimas indefesas do primeiro charlatão que aparecesse ou permitia que fossem explorados por empreiteiros sem consciência. Por isso Dom Bosco começou por abrir uma aula de leitura e a cartilha que pôs em mãos aos seus alunos foi o pequeno catecismo da Diocese; assim eram dois coelhos de uma canjadada . A esse embrião de aulas noturnas juntaram-se mais tarde cursos de aritmética, de língua pátria, de desenho, de declamação, de geografia, de solfejo. Os meninos se reuniam, ou, para sermos mais precisos, se amontoavam nos dois quartos pegados ao de Dom Bosco e de Mamãe Margarida. Mais tarde, à medida que os inquilinos se foram retirando, ele ocupou um a um os cômodos livres, instalando neles imediatamente novas classes.

A Obra ia invadindo progressivamente a casa Pinardi e desalojando inexoravelmente as famílias mal constituídas que lá moravam. E era uma maravilha ver esses rapazes que pouco antes eram analfabetos porfiarem em esforço para adquirir uma honesta bagagem de conhecimentos.

Para poder dar conta do trabalho, que era demasiado para uma pessoa só, Dom Bosco se fazia ajudar pelos alunos mais inteligentes. Para isso, chamava-os em particular durante a semana nas horas livres e os instruía nessa alta missão de mestres dos próprios companheiros. Ensinava-lhes italiano, latim, francês, matemática, evidentemente com o escopo de encaminhá-los para uma profissão liberal, mas ao mesmo tempo impondo-lhes a obrigação de instruírem os companheiros ignorantes ou atrasados. Eram as primeiras tentativas de um método de formação que lhe ia dar resultados em toda a vida: tirar da própria massa os dirigentes, por meio de uma ascensão lenta e segura, formar os quadros de comando recrutando-os dentre

as mesmas fileiras, fazer brotar de seu pequeno mundo os chefes, que assim seriam capazes melhor que quaisquer outros de iluminá-lo e comandá-lo. Postos à prova, os jovens mestres preparados desse modo, mostraram-se ótimos instrutores.

Tanto que alguns meses depois, na primavera de 1874, uma comissão acadêmica, atraída pela fama que se espalhava em Turim a respeito daquelas aulas noturnas, não pôde esconder sua admiração diante dos resultados obtidos. Os da comissão entraram naqueles pobres aposentos, interrogaram a esmo os meninos sobre as matérias ensinadas e daqueles analfabetos de ontem, obtiveram respostas tão claras e precisas que pediram unanimemente para o esforço pedagógico do educador uma subvenção anual de 300 liras; e a Prefeitura concedeu sem a menor dificuldade.

## O ORATÓRIO FORMA NOVO ENXAME.

A quantos chegavam os meninos de Dom Bosco naquele ano de 1847? Eram seiscentos? Setecentos? É difícil poder dar a cifra exata. O que é certo é que naqueles locais demasiado estreitos estavam esmagados.

Para resolver o problema só dois caminhos se apresentavam: ampliar o local ou dividir os meninos. Ampliar era

impossível porque os últimos inquilinos da casa Pinardi não se queriam mover. Portanto teve que fazer como as abelhas: formar nova colméia.

A decisão foi tomada quase com alegria, pois assim iam levar a outros bairros da cidade os benefícios de uma instituição tão prática. E muitos rapazes que aos domingos tinham que atravessar toda a cidade para ir ao Oratório, iriam agora ficar mais perto de suas casas. Desta sorte, Dom Bosco abria em 1847 o Oratório de São Luiz, a dois passos da estação principal, e, dois anos depois, noutro ponto da cidade, o Oratório do Anjo da Guarda. Uma noite, depois das orações, anunciou aos meninos o seu plano com estes termos pitorescos: "Quando uma colméia está cheia demais, as abelhas se dividem e as que estão em excesso partem em enxame para formar nova colméia. A mesma coisa está acontecendo conosco. Aqui temos gente demais. No recreio vocês estão amontoados uns sobre os outros. Na capela parecem sardinha em lata. Não podem nem se mexer. Pois vamos imitar as abelhas. Vamos fundar um novo Oratório". O que se disse se realizou; e três focos de vida cristã se acenderam em triângulo em três pontos da cidade. Centenares de meninos puderam ir desse modo iluminar a própria alma e aquecer o coração junto à chama dos três oratórios.

## A FEBRE DO "RESSURGIMENTO" E A REPERCUSSÃO QUE TEVE NO ORATÓRIO.

Nessa época - 1847-1848 - a Itália atravessava um momento político único na sua história. No interior, os Estados da Península um depois do outro iam assistindo à inclusão no Estatuto da conquista das liberdades populares. Em Nápoles o Rei Fernando II promulgou em 29 de janeiro de 1848 uma constituição segundo a qual, até o dia em que foi destronado e exilado, governou o reino desde os Abruzzos até a ponta extrema da Sicília. Em Roma Pio IX, por boca de seu Secretário de Estado Cardeal Antonelli, concedeu, a 14 de março, a todos os Estados Pontifícios, uma Constituição inspirada, como a de Nápoles, na

Constituição francesa de 1830. Na Toscana o Grão-Duque Leopoldo desde maio de 1847 tinha concedido certa liberdade de imprensa que era certamente o prelúdio de concessões mais amplas. Em Turim, finalmente, no dia 4 de março de 1848, Carlos Alberto, cedendo à formidável pressão da opinião pública formada pela imprensa, proclamou o Estatuto, esse mesmo que mais tarde, feita a unificação da Itália, sob a autoridade da casa de Sabóia, iria regular em toda a Península as relações entre o poder central e os cidadãos.

Outra paixão, não menos ardente que a primeira, estava-se incubando na alma de alguns homens de estado, como também no fundo da mesma alma popular: a Itália aspirava à unidade. Dos sete estados [11] em que estava dividida então, desejava-se formar um grande reino, o qual pertenceria naturalmente a quem tivesse conseguido, por meio da diplomacia ou da guerra reunir num só corpo os membros esparsos da Nação. Muitos desses estados dependiam direta ou indiretamente da Casa de Áustria, que assim governava mais de um terço do País. Portanto, para realizar a unidade desejada, era preciso antes de tudo expulsar o estrangeiro, o austríaco, tanto conhecido como o disfarçado. Deveriam os italianos esquecer-se de todas as rivalidades seculares de Repúblicas, de Grão-Ducados e de Reinos, que desde séculos viviam em guerra uns com os outros, e elevar-se num impulso livre, a uma consciência comum a fim de trabalharem para a consecução da independência nacional. Depois disso nada mais poderia deter a Nação no caminho do progresso. Esta tríplice força oculta que por mais de 40 anos foi transformando a Península e arregimentou a seu serviço a espada do condottiere, a pena do polemista, a argúcia do diplomata e o pensamento do filósofo, tem um nome na história contemporânea : é, traduzida em fatos, o Risorgimento italiano, movimento formidável que por mais de meio século produziu uma febre ardente num dos mais ardentes povos da raça latina. E essa febre - nem era preciso dizê-lo - comunicou-se por contágio sucessivamente a todas as classes sociais e fez ferver o sangue do melhor da juventude. Nesses dias chegou-se a ver em Turim seminaristas desobedecerem formalmente ao seu Arcebispo e misturarem-se nas ruas da cidade com o povo que aclamava a proclamação do Estatuto. esses mesmos espíritos exaltados, na Missa solene da Noite de Natal ostentavam o distintivo nacional na sobrepeliz!

Nem mesmo o Oratório de Valdocco conseguiu sempre defender-se desses ardores belicosos: num domingo à tarde um dos padres que costumavam ir espontaneamente prestar seu auxílio, entornou do púlpito um sermão tão pouco evangélico que Dom Bosco ficou desconcertado. Acaba a benção ia já pronto para fazer uma reprimenda suave mas justa ao orador imprudente, quando este empunha uma bandeira nacional, coloca um distintivo no chapéu e, acompanhado por um grupo de catequistas já conquistados para a sua opinião, sai ruidosamente para o pátio arrastando após si, centenas de rapazes amigos de novidade. O batalhão se afastou para nunca mais voltar. Mas esse Oratório ambulante, assentado em bases exclusivamente políticas, teve uma existência das mais efêmeras: morreu dentro de três ou quatro meses.

Estes poucos fatos, selecionados entre milhares, mostram em que atmosfera abrasada se vivia. Não se pensava senão em guerra, não se falava senão em guerra, cantarolavam-se arias de guerra, brincava-se de guerra e de noite sonhava-se com guerra. Ao terminar as aulas, como ao sair das oficinas, a criançada organizava-se em partidos e, nos terrenos incultos ou nas praças públicas, exercitavam-se no manejo das armas: grandes manobras e combates simulados eram o brinquedo que estava na ordem do dia. E nem sempre ficou só em brinquedo inocente; pois houve até cabeças partidas e correu sangue mais de uma vez. Também é necessário dizer que essa paixão guerreira fazia aborrecer as funções da igreja, os sermões e as explicações do catecismo. A juventude ia abandonando a Casa de Deus. Mas

não haveria jeito de cativá-la, apesar de tudo?

Dom Bosco revolveu longamente no seu espírito o problema. E afinal, segundo seu estilo prático, resolveu empregar no serviço de Deus precisamente aquele entusiasmo juvenil mal encaminhado. Durante a primeira guerra da Independência Italiana, ele tinha conseguido a amizade e os préstimos de um bom bersagliere reformado que tinha tomado parte na campanha de 1848, essa campanha que começara tão bem com as vitórias de Pastrengo, de Goito e com a tomada de Peschiera no mês de maio, mas que terminara tão desastrosamente em março do ano seguinte com a derrota de Novara, a abdicação e o exílio do rei Carlos Alberto. Esse bravo aspirante a oficial colocou-se à disposição de Dom Bosco para qualquer trabalho de ordem militar. O Apóstolo aceitou imediatamente a oferta e pediu logo ao amigo que ensinasse aos rapazes a tática dos combates simulados. Seria um esplêndido meio de atraí-los e conservá-los no Oratório. O negócio ficou logo combinado. O nosso monitor escolheu dentre os rapazes os mais espertos e mais práticos e começou a dar-lhes a instrução militar. O governo consentiu em ceder-lhes duzentas carabinas de pau, inofensivas, arranjaram-se outros tantos bastões para completar o equipamento e o bersagliere deu sua corneta de presente aos jovens recrutas.

Em poucas semanas estavam tão bem preparados que já podiam exibir-se em combates simulados diante do mundo juvenil do Oratório e de toda a multidão de curiosos que se aglomeravam naqueles campos para ver esses soldadinhos em botão.

## UMA HORTA DEVASTADA.

Mas um dia a coisa não acabou bem.

Muito perto do pátio onde os meninos realizavam suas manobras, a mãe de Dom Bosco tinha conseguido, a poder de cuidados e sacrifícios, plantar uma pequena horta, rodeada por uma cerca. Aí a boa camponesa cultivava toda a sorte de hortaliças que lhe serviam para preparar a sopa ou outros pratos.

Ora, um domingo o bersagliere fez soar o toque de reunir e ajuntou todas as suas "tropas" para um assalto em regra. O pequeno exército estava dividido em dois campos: atacantes e defensores. As várias simulações, os movimentos, o ataque final, tudo estava maravilhosamente prepara do. E para infundir coragem nas tropas não se contava somente com o ardor combativo da mocidade, mas também com as galerias, e repletas de espectadores. A causa do desastre foram precisamente estes com seus gritos, seus bate-pés, sua "torcida", seus aplausos inebriantes. A princípio tudo corria muito bem. O programa se desenrolava ponto por ponto, segundo a ordem combinada, e cada campo fazia o seu papel com consciência e firmeza. Os movimentos previstos executavam-se matematicamente e todo o minúsculo exército manobrava no terreno com a gravidade de velhos soldados. O olho do bersagliere dominava o campo de batalha e se mantinha senhor de seus soldados. Os próprios espectadores se deixavam atrair pela cena e nela concorriam francamente com a sua atitude de animação.

Porém quando chegou a carga final, foi um desastre. O exército vencido foi a princípio apertado contra a cerca, depois rechaçado para além dela. Evidentemente teve que esmagar aquele frágil obstáculo, perseguido como se via pelo vencedor e num abrir e fechar de olhos os pobres canteiros de hortaliças de Mamãe Margarida viram-se invadidos, pisados, devastados! Todo o fruto de vários meses de canseiras ficou aniquilado em meio minuto. A pobre mulher apareceu nesse instante na soleira da porta da cozinha e disse

ao filho, com um tom de voz que cortava o coração: "Vê, João, o teu bersagliere que é que me foi fazer! Destruiu-me a horta inteirinha!" E Dom Bosco respondeu: "Coitada da senhora, Mamãe! Mas que é que se há de fazer? São crianças!" São crianças! Queria dizer: essas traquinices são próprias das crianças! O que importa é que não ofendam a Deus! Que alta lição de sabedoria cristã e de bondade compassiva fora do comum!

Desse espírito de indulgência tinha dado pouco antes um exemplo ainda mais extraordinário e até mais custoso para Mamãe Margarida. Uma tarde de primavera, ao voltar para casa, tinha encontrado numa esquina da vizinhança um grupo de malfeitores que não lhe teriam deixado salva a vida se ele os não tivesse convidado a beber um ou dois litros de vinho numa taberna vizinha. Depois de amansá-los com esse meio, tinha-lhes feito ouvir uma praticazinha.

- E agora que somos bons amigos - disse-lhes - vocês me vão contentar numa coisa: Não vão mais blasfemar como fizeram há pouco quando me viram ir-lhes ao encontro. Isso é muito feio e provoca os castigos de Deus.

- Sim, Dom Bosco, nunca mais o faremos! Mas queremos que o senhor compreenda... não é por nossa culpa... sai sem querer... o hábito... Mas de hoje em diante o senhor há de ver.

- Muito bem. E agora voltem para casa com juízo, que domingo eu os espero na casa Finardi, ali no fundo.

- Voltar para casa é que é difícil, disseram alguns.

- Ora essa - E então onde é que vocês passam a noite?

- Um pouco em toda a parte. Uma noite no Albergue noturno, outra em casa de um amigo, ou numa cavalariça vizinha. Nunca duas noites seguidas no mesmo lugar.

- Nesse caso venham comigo, disse-lhes Dom Bosco, atendendo no momento só à voz do coração!

E rodeado por aquelas caras pouco tranqüilizadoras, desceu para Valdocco, onde a Mãe já assustada com a demora, estava aflita à sua espera. Debaixo do telhado da casa, havia um sótão com uns restos de palha. Dom Bosco conduziu lá para cima aqueles tipos mal encarados, deu lhes lençóis e cobertores, fez-lhes rezar as orações e lhes desejou uma boa noite.

De manhã cedo, todo satisfeito pelo encontro da noite anterior, subiu de novo ao sótão para despertar os "cavalheiros", dizer-lhes duas palavras cordiais e enviá-los ao trabalho. Mas que tristeza! Tinham sumido de madrugada, levando cobertores e lençóis para vender. A primeira experiência saíra muito mal!

## O PRIMEIRO ÓRFÃO ADOTADO PELO SANTO.

A segunda experiência já foi melhor. Pouco tempo depois apresentou-se um pobre órfão à porta de Dom Bosco. Era um servente de pedreiro que fora a Turim para arranjar emprego. Os poucos soldos que formavam seu pecúlio já se tinham acabado havia bom tempo e ele não achara nenhum serviço ainda. Já ia cair a noite. Chovia torrencialmente e o pobre rapaz, molhado até os ossos, não agüentava mais de fome. Mamãe Margarida acendeu logo um bom

fogo e fez enxugar as roupas do hóspede que a Divina Providência enviava a seu lar. Serviu-lhe a ceia e depois colocou um colchão de palha no meio da cozinha, completando ainda o modesto leito com lençóis e cobertores. O pobre rapaz naquela noite dormiu mais contente do que um rei. Mas é preciso notar que, enquanto arrumava a cama para o rapaz, Margarida sussurrou-lhe ao ouvido alguns conselhos de vida correta e alguns bons pensamentos para a noite.

Aí está a origem do costume comovedor que se perpetuou depois nas casas salesianas : fechar o dia com uma breve alocução aos alunos depois das orações da noite. Essa palavrinha toda materna é ainda hoje, como naqueles dias, uma das molas mais poderosas da, educação salesiana.

## A FAMÍLIA VAI AUMENTANDO. COMPRA-SE A CASA PINARDI.

O hóspede de Dom Bosco ficou sendo o primeiro aluno interno do Oratório. Logo se lhe juntou um segundo, depois um terceiro, até sete. Então se suspendeu um pouco para tomar fôlego e também esperar ocasião de alugar mais outros cômodos da casa Pinardi. A ocasião não tardou, e Dom Bosco, transformando-se em alugador de quartos mobiliados, pôde alojar sob seu teto mais outros infelizes ainda. Mas para ampliar a obra, era preciso comprar a casa. E isto se fez em 1851, de um modo absolutamente inesperado.

O Sr. Pinardi tinha dito mais de uma vez que não venderia sua propriedade por menos de 80.000 liras. Era um preço evidentemente exagerado. Pois um dia aproximou-se de Dom Bosco e em tom meio de gracejo disse:

- Que tal, Dom Bosco! Não quer então comprar a minha casa?

- Dom Bosco comprará a casa no dia em que o Sr. Pinardi quiser vendê-la por um preço razoável.

- O que eu pedi são 80.000 liras.

- Então não se faz negócio.

- A sua oferta qual seria?

- O prédio está avaliado em 26 ou 28 mil liras. Eu ofereço 30 mil.

- E o senhor não daria mais 500 liras para comprar um colar para minha mulher?

- Bom, esse presente eu dou.

- E paga à vista?

- A vista.

- Daqui a quinze dias então. E tudo de uma vez. Está bem?

- Pois não. De aqui a quinze dias, tudo de ama vez.

- Quem se arrepender, cem mil liras de multa.

**- Pois seja. Cem mil liras.**

**Um aperto de mão e o contrato ficou assim concluído em cinco minutos. Naturalmente Dom Bosco não tinha nem as primeiras cinco liras para pagar a conta, mas tratava-se de meninos e por isso sua confiança era absoluta. Margarida é que não pensava com tanto otimismo.**

**- Onde vais arranjar todo esse dinheiro? Perguntou ela. Nós só temos dividas!**

**- Ouça mamãe. Se a senhora tivesse dinheiro, não me daria?**

**- Naturalmente.**

**- Pois então, será possível pensar que Deus que é rico, vá ser menos generoso que a senhora?**

**E de fato a casa foi paga em menos de oito dias. Uma tarde o Padre Cafasso levou 10.000 liras, generosa oferta da Condessa Ricardi. No dia seguinte apareceu no Oratório um padre Rosminiano que ia consultar Dom Bosco sobre o melhor modo de empregar a soma de 20.000 liras que tinham sido entregues para que lhes desse uma colocação conveniente. Não podia ter chegado em hora melhor: imediatamente Dom Bosco propôs o modo de colocá-las e a proposta foi aceita. O Sr. Cotta, banqueiro, deu as 3.000 liras que eram necessárias para as despesas e mais as 500 para o presente à senhora Pinardi. Assim no dia 19 de fevereiro de 1851 foi comprada a casa.**

**Um pequeno mundo de trabalhadores iria logo povoar essa humilde casa, parecida com tantas outras esparsas nos campos dos arredores de Turim, fora do perímetro urbano. Todos os aprendizes que podiam caber lá dentro foram recebidos. Foram desse modo trinta os que Dom Bosco acolheu para lhes dar casa e comida, e arranjar colocação com patrões da cidade. Dom Bosco conseguiu encontrar emprego para eles sem muita dificuldade; e todas as manhãs, depois de ouvir missa, punham no bolso um pedaço de pão ou iam-no mastigando pelo caminho e se dirigiam para a oficina ou para o prédio em construção. Ao meio dia voltavam famintos. Dom Bosco lhes servia uma sopa bem grossa ou uma polenta, feita muitas vezes por ele próprio; quanto à bebida, a dois passos jorrava água fresca de uma fonte limpidíssima; além disso Dom Bosco dava a cada um cinco soldos para comprarem algum petisco. Cinco soldos naqueles tempos davam para comprar muita coisa! O refeitório era o mais poético do mundo. Uns se sentavam num degrau da escada; outros num toco de pau atirado por terra; estes sentavam-se ao lado da fonte, aqueles iam procurar a própria soleira da cozinha. Quando acabavam de almoçar, iam lavar os pratos na bica e conservavam no bolso os talheres para a outra refeição.**

**Dom Bosco, com a alegria estampada no rosto, girava por entre os vários grupos cingindo um modesto avental e com a panela fumegante na mão ia oferecendo mais para quem quisesse repetir. Era a família no sentido mais puro dá palavra, a perfeita compenetração dos corações. Dom Bosco irá conservar sempre esse ideal de vida simples, de confiança, de alegria pura e de cordialidade recíproca; e toda a sua arte de educador tenderá a conseguir que todas as suas casas se aproximem o mais possível desse tipo de intimidade que ele realizou praticamente entre os anos de 1851 e 1855, com os seus primeiros filhos espirituais na humilde casa Pinardi.**

**Nós pudemos ainda conhecer alguns dos que viveram a vida desses primeiros anos. Falavam disso sempre com lágrimas nos olhos.**

**- Faltava tudo, diziam, mas éramos felizes!**

Depois que os rapazes voltavam do trabalho, Margarida acabava os serviços de casa ajudada muitas vezes pelo filho, e se sentava perto da janela, onde ficava até alta noite, remendando, cosendo, consertando e muitas vezes lavando e passando a roupa da semana. Na idade de 30 anos, ela não tinha que cuidar senão de três meninos. Agora, com 65, o filho lhe entregava dúzias deles. Era ela que lhes devia arranjar roupa e lavá-la. Não era o ocaso mais desejável para uma vida toda de trabalho. Mas a boa velhinha não se lamentava. Só sentia não poder dar bem conta de tudo. Houve porém um dia em que por pouco não perdeu a paciência. Alguma traquinice muito fora do comum devia ter-lhe enchido as medidas. Porque ela chegou-se para Dom Bosco e disse muito alterada. "Eu não agüento mais. Tu bem vês quanto trabalho. Mas o meu trabalho é muito mal recompensado. Estes meninos são insuportáveis. Hoje encontrei no chão pisada a roupa branca que eu tinha deixado a enxugar; ontem me andaram correndo pelo meio dos canteiros da horta. Que moleques! Alguns voltam para casa com a roupa em farrapos, outros perdem a gravata as meias e o lenço. Há uns que escondem camisas, outros que com toda ingenuidade me vêm buscar caçarolas para brincar. Gasto horas inteiras para encontrar as coisas. Estou cansada, já te disse. Não se pode agüentar mais assim. Quando penso que em Becchi, vivia tranqüila fiando o meu cânhamo! Deixa-me voltar para terminar lá os meus dias".

Como única resposta Dom Bosco mostrou à Mãe o crucifixo que pendia da parede.

Aquela grande cristã compreendeu. Encheram-se-lhe os olhos de lágrimas e disse: "É verdade! Tens razão!" E desceu para cingir de novo o avental.

## CONSTRUÇÃO DA IGREJA DE SÃO FRANCISCO DE SALES.

Mas esse seu filho padre era mesmo incansável. Apenas acabava de esboçar um plano, já lhe vinha outro à mente e era preciso começar logo a executá-lo. Agora queria construir uma igreja Que idéia! E nessa idéia estava firme, e com razão. O barracão-capela em que se celebravam havia quatro anos as funções do Oratório, já estava uma coisa intolerável. Antes de tudo era muito pequeno, embora já se tivessem feito várias ampliações; a prova era que várias vezes tiveram que levar para fora meninos semi-desmaiados. Além disso, como o pavimento ficava mais de meio metro abaixo do nível do terreno, no tempo de chuva havia muita infiltração de água e os meninos assistiam às funções com os pés na umidade. Finalmente era impossível realizar naquele miserável recinto qualquer cerimônia um pouco grandiosa. Era preciso um remédio e Dom Bosco encontrou. "Vamos fazer uma igreja onde se possa respirar livremente e realizar lindas funções sem ficar com os pés dentro d'água". Assim no dia 21 de julho de 1851 benzeu-se a primeira pedra do edifício.

Os trabalhadores procederam velozmente graças às ofertas recolhidas por Dom Bosco, às doações da Casa Real e ao que se apurou da primeira entre as muitas rifas que Dom Bosco promoveu. Dessa forma, em junho de 1852, a Capela estava terminada e o cura da Paróquia a inaugurou para o culto.

## VENDAVAL DE ANTI-CLERICALISMO NO PIEMONTÊS.

Monsenhor Fransoni, arcebispo de Turim, o mesmo que ordenara Dom Bosco sacerdote e que tinha dado sempre tão forte apoio à sua obra combatida pelos outros, era quem deveria presidir à cerimônia da bênção; mas havia quase dois anos (agosto de 1850) que estava exilado em Lião, expulso de sua pátria por ter defendido os direitos da igreja contra as pretensões da Autoridade Civil. A todas as dificuldades de ordem política e financeira, juntavam-se nesse tempo, para o apóstolo que trabalhava unicamente no meio do povo, as que provinham de hostilidades dos poderes constituídos.

A Itália era governada pelo partido liberal - D'Azzeglio, Rattazzi, Lanza, Siccardi, Casati, Quintino Sella -, e toda uma legislação sectária devia em poucos anos laicizar profundamente o Estado. No dia 1" de fevereiro de 1848, saiu um edito real, assinado por Carlos Alberto, no qual se dava a emancipação aos Valdenses e Israelitas; em 15 de agosto, publicou-se o decreto de expulsão dos Jesuítas e das Damas do Sagrado Coração dos Estados Sardos; a 9 de abril de 1850 com a lei Siccardi, suprimiram-se os tribunais eclesiásticos: a lei de 15 de junho de 1850 proibiu às corporações religiosas e leigas adquirirem terrenos ou aceitarem legados sem autorização do Estado; a de 20 de maio de 1854 limitou o número de clérigos isentos do serviço militar; a de 20 de maio de 1855, a famosa lei Rattazzi, com pretexto de ajudar o clero pobre, suprimiu as casas religiosas, cujos membros não se dedicassem à pregação, nem à instrução, nem à assistência aos enfermos; e suprimiu igualmente as colegiadas e os benefícios simples.

Em 2 de outubro de 1859 uma lei declarou inelegíveis como conselheiros municipais ou provinciais os eclesiásticos que tinham cura de almas. Aliás já lhes tinha sido negada na renovação da Câmara de 1857 a convalidação deles para o Parlamento.

A 13 de novembro de 1859 a lei Casati abalou traiçoeiramente a liberdade de ensino e preparou assim a laicização das escolas.

Antes de apresentar à Câmara e ao Senado todas essas leis, faziam pela imprensa uma campanha, apresentando sob um aspecto agradável as próximas disposições legislativas e justificando-as sob o ponto de vista da utilidade e da igualdade, se não sob o aspecto religioso. O resultado era que se desencadeavam no meio do bom povo piemontês paixões violentas contra o clero, as Ordens religiosas e os conventos Nessas circunstâncias tornou-se dificílima a missão do sacerdote. Alguns até se abstinham de qualquer iniciativa, de medo de sofrerem hostilidades.

## OS PERIGOS DA RUA PARA OS MENINOS DO ORATÓRIO.

Dom Bosco porém não fez assim. Apenas acabara de se benzer a igreja, já estava ele ideando a construção do edifício para substituir a velha e pobre casa Pinardi, que na verdade se tornara por demais apertada e incômoda.

"Agora que Deus já tem sua casa, dizia, trataremos de arranjar casa também para seus filhos". Esse filhos, aos quais ele queria proporcionar habitação, eram os pobres órfãos que levavam uma vida de miséria em ambientes que só Deus sabe ou então ainda, eram meninos que precisavam ser afastados urgentemente dos perigos da rua e às vezes da própria família.

Todos esses infelizes pertenciam ao seu oratório e ele os via com tristeza voltar às tardes de domingo para os ambientes de perdição em que moravam. Portanto não havia tempo a perder. Era necessário duplicar e triplicar os locais do internato.

Desde o mês de julho de 1852 deu-se início aos trabalhos. Construiu-se à direita da casa Pinardi uma casa de dois andares, a qual no fim de novembro já estava coberta. O trabalho tinha sido feito depressa; talvez demais. E justamente essa precipitação juntamente com a má qualidade do material empregado é que podem explicar a catástrofe que fez ruir por terra todo o edifício na noite de 2 para 3 de dezembro. Havia oito dias que em Turim chovia ininterruptamente; a chuva não parava cinco minutos senão para recomeçar mais forte ainda. E essa terrível pressão das águas abateu naturalmente uma construção apenas terminada, onde a pressa se tinha aliado à não muita consciência dos construtores. Tudo se desmoronou num instante, produzindo um fragor tremendo que levou o terror ao dormitório onde Dom Bosco e seus trinta pequenos asilados dormiam tranqüilamente. Era preciso recomeçar tudo do princípio. E se esperou a primavera de 1853 para iniciar os trabalhos.

Essa desgraça trouxe uma felicidade: é que muitos corações se comoveram. Assim, quando se reconstruiu o edifício, não faltaram gestos de generosidade. Entre os benfeitores da primeira hora, que se mantiveram depois fiéis a Dom Bosco e às múltiplas realizações, devemos citar a Duquesa de Montmorency-Laval, Constância De Maistre - filha do grande filósofo que de São Petersburgo lhe escrevia essas primorosas cartas reproduzidas hoje em todas as antologias da língua francesa - e o Marquês Fassati com a Marquesa Maria, sua esposa, filha também de De Maistre.

Em outubro terminou-se o novo prédio e pôde acolher imediatamente 65 alunos. E veio logo o projeto de prolongá-lo do lado esquerdo. A velha casa Pinardi que ficava entre o novo edifício e a igreja de São Francisco de Sales estava portanto esperando o golpe de picareta para a demolição. Este chegou na primavera de 1856. Abateu-se o velho pardieiro e surgiu em seu lugar o novo corpo de edifício que se uniu ao precedente, duplicando-lhe as dimensões e ligando-o à Igreja.

Mas também esta nova construção não deixou de passar pela prova. No fim de agosto estavam para rematar o edifício, quando por imprudência de um operário cai uma trave sobre o último pavimento construído. Este se esfacelou arrastando com seu peso os outros dois que lhe estavam por baixo; num minuto dentro das quatro paredes restava apenas um montão de entulho. Parecia mesmo que as forças do mal estavam conjurando contra a santa empresa de Dom Bosco. Porém começou-se de novo o trabalho com coragem e no inverno seguinte a casa pôde acolher cento e cinqüenta meninos pobres.

## NO PRINCÍPIO OS RAPAZES ESTUDAM E TRABALHAM FORA DO ORATÓRIO.

Aquela numerosa família era composta de dois grupos bem distintos. Em primeiro lugar os aprendizes de artes e ofícios. Esses recebiam todas as manhãs o seu pão e mais cinco soldos e partiam para trabalhar fora; Dom Bosco ia visitá-los freqüentemente nas fábricas e nas oficinas onde trabalhavam. Depois vinham os alunos de latim. Pois o Santo, no meio dessa multidão de meninos que lhe vinham de todas as partes, não tardou a distinguir os que tinham dotes melhores que os outros; eram filhos de famílias arruinadas pela guerra, meninos de compleição delicada mas de

inteligência viva e pronta, vocações possíveis que, como tinha acontecido com a sua, não encontravam meios para se realizarem. Esses não eram meninos feitos para manejar a sovela, nem a plaina, nem a trolha. Era feitos para o estudo. Deles se poderia tirar alguma coisa, pelo menos poderiam ser bons empregados de escritório. Por isso Dom Bosco abriu para eles um curso de ensino secundário. Faltavam-lhe porém os professores. Mais tarde, e bem depressa até, iria tê-los; mas por enquanto deve resignar-se a mandar esse segundo grupo estudar fora de casa para aprender os rudimentos do latim. Felizmente Dom Bosco tinha amigos por toda a parte. Um deles o Professor Bonzanino, velho mestre encanecido no oficio, aceitou junto com seus alunos os de Dom Bosco, até a terceira série. Para as classes superiores o ótimo Padre Picco acolheu-os entre os seus alunos de retórica. Os mais antigos dentre os superiores da Congregação Salesiana pertenceram à geração dos que todas as manhãs partiam com a pasta dos livros debaixo do braço e se dirigiam em grupos para a casa desses velhos e bons mestres a fim de traduzirem Salústio ou escandirem Horácio.

Esta vida de semi-internato durou uns seis anos; depois pouco a pouco, - porque, como diz o provérbio, a natureza não procede por saltos, - aprendizes e estudantes entraram de uma vez em casa para não terem que sair mais. Como se deu isso?

## A PRIMEIRA ESCOLA SALESIANA DE ARTES E OFÍCIOS.

Dom Bosco ficava extremamente penalizado ao ver que seus meninos iam recolhendo pelas ruas, ou nos negócios e lugares de trabalho, as dúvidas perniciosas e os maus desejos que se espalhavam por toda a parte por meio de gravuras, dos jornais, e dos maus companheiros. Decidiu portanto conservar junto de si toda a sua população juvenil. Para, atender às necessidades domésticas abriu em 1853, num corredor da casa Pinardi oficinas de alfaiataria e sapataria; dois anos mais tarde, para livrar outros meninos dos perigos que encontravam saindo de casa, abriu nos novos prédios oficinas de marcenaria e encadernação; alguns anos depois o pensamento do apostolado levou-o a criar no andar térreo da casa uma modesta tipografia; finalmente, como os trabalhos de ampliação dos locais lhe punham nas mãos grande quantidade de ferro, montou as oficinas de mecânica. Mais tarde juntaram-se a essas ainda outras secções de oficinas. Já desde 1856 nenhum dos seus aprendizes saiu mais de casa para trabalhar.

## POUCO A POUCO SE ORGANIZA TODO O INTERNATO.

Em outubro desse mesmo ano de 1856 também os estudantes de latim não tiveram que sair mais para aulas fora de casa. Os primeiros alunos de retórica saldos da escola do Padre Picco já se tinham transformado em professores e iam tomando conta das aulas de ginásio uma após outra. Era de novo o método que dava seus bons frutos: os oficiais saíam das fileiras dos soldados. Estava enfim criada a casa salesiana modelo : quando ela depois se ramificar pela Itália e pelo mundo inteiro não terá que fazer outra coisa senão reproduzir o modelo que se foi formando lentamente ao impulso das mesmas circunstâncias, durante o período que vai de 1846 a 1856, pela ação de um humilde sacerdote que possuía o mais raro tino de organização e adaptação.

**E é coisa realmente encantadora ver por que série de transformações insensíveis se formou esse organismo vivo do mais mesquinho dos embriões. No princípio um grupo de meninos aos quais se ensina o catecismo; esse grupo se transforma rapidamente em Oratório e este cresce vertiginosamente. Por quase um lustro o Oratório vagueia à procura de um ninho; acha-o finalmente e então num instante todas as rodas do mecanismo se põem em movimento, especialmente as aulas noturnas que atraíam ao Oratório e conservavam sob sua influência uma juventude, cujo interesse crescia cada vez mais. Entre esses assíduos freqüentadores há porém uns pobres infelizes perseguidos pela miséria e pela fome. É preciso abrigá-los. E eis que surge ao lado do Oratório o primeiro esboço de asilo. No princípio não é uma coisa completa porque Dom Bosco não tem trabalho para tantos braços, nem tem professores para aqueles alunos melhores que encaminhou para os estudos. Mas logo que tiver professores, abrir-se-ão as aulas. Para construir salas de aula e para formar professores foram necessários mais de cinco anos.**

**"Fui-me deixando levar pelos acontecimentos", costumava responder Dom Bosco aos que se admiravam diante da multiplicidade de suas realizações. E na verdade, espírito eminente prático como era, ia-se inspirando - depois de Deus - nas circunstâncias que encontrava, nos meios de que dispunha, nos bons ventos que sopravam. Mas muitas vezes também, como grande homem de ação, imporá o rumo à vida e fará dobrar homens e coisas ao seu ardente sonho de educador. Maleável na sua obstinação, irremovível diante dos obstáculos, sempre a caminho da meta pelas estradas mais rápidas e mais seguras, eis como se nos apresenta desde a idade de trinta anos esta alma de apóstolo e de chefe.**

**Enfermidade e morte de Mamãe Margarida.**

**Parecia que o braço direito de Dom Bosco em todos os dias, sua querida e velha Mãe, que se tornara a mãe de todos aqueles pobres meninos, esperava apenas que a Obra se tivesse estabelecido definitivamente para deixar esta vida em que tanto havia sofrido. Agora já podiam dispensar o auxílio dela; a casa estava terminada; as simpatias para com seus filhos surgiam de todos os lados; seguindo o seu exemplo, um grupo de boas senhoras tinham aberto uma lavanderia para os meninos. Um único ponto negro restava ainda sempre: a falta de recursos. Mas para que lamentar? A Providência haveria de sanar as dificuldades. E então para que ficar neste mundo? Sua tarefa estava cumprida e bem cumprida.**

**Era bem essa a interpretação das disposições do céu pois que Deus permitiu que uma pneumonia dupla a conduzisse em poucos dias à tumba. Era o fim do mês de novembro de 1856. Sua constituição de piemontesa robusta lutou ainda mais de uma semana contra a doença, mas por fim esta triunfou. No dia 24 de novembro o teólogo Borel, seu confessor, administrou-lhe o Santo Viático; os dois filhos, João e José, estavam à cabeceira esmagados pela dor. A casa inteira rezava; uma onda de tristeza invadia o coração daqueles meninos, os quais tinham nela encontrado uma ternura que a morte agora ia arrebatar.**

**Era ela o olho vigilante da casa, a solicitude sempre alerta, o trabalho que jamais se cansava, a mãe numa palavra. E agora estava prestes a deixá-los. Era o pensamento que dilacerava os corações e lhes fazia crer obstinadamente que Deus ainda haveria de conceder o milagre que imploravam nas orações.**

**Tiveram que desiludir-se. Às 13 horas da madrugada do dia 25 de novembro, Margarida expirou placidamente. Quando os dois filhos, depois de terem seguido a dolorosa agonia, compreenderam que aquele grande coração tinha acabado de palpitar na terra, olharam-se como que aterrorizados pelo**

vazio que se lhes escavava na existência, e um longo soluço atirou-os ambos aos pés da mãe morta.

A proteção da SS. Virgem sobre a Obra que nascia.

Duas horas depois Dom Bosco saía do Oratório em companhia de um de seus alunos maiores. Ia à Consolata, a igreja preferida por sua mãe, para rezar missa pelo repouso eterno da alma dessa humilde cristã, cuja abnegação escondida tinha-o livrado de tantas preocupações.

"E agora, - disse à SS. Virgem Consoladora, antes de deixar o seu santuário - cabe a Vós ocupar o lugar que minha Mãe deixou vazio. Em minha família é indispensável uma mãe. Quem poderá ser nossa mãe senão Vós? A Vós entrego todos os meus filhos. Velai sobre suas vidas e sobre suas almas agora e para sempre".

Jamais no céu se ratificou tão plenamente qualquer outro ato de abandono :toda a história das obras e das fundações de Dom Bosco, como iremos ver, não será mais que um longo poema composto por duas pessoas. O homem de Deus agirá, mas por detrás dele, na sombra, em cada curva perigosa hão de perceber um pensamento, uma inspiração, uma mão a se estender: o pensamento, a inspiração, a mão da Virgem toda bondade, pastora vigilante e forte, colocada nessa manhã de 25 de novembro de 1856 à testa do numeroso rebanho para guardá-lo e defendê-lo.

## DEPOIS DE DEZ ANOS.

Essa bênção do Céu pousava já desde muito tempo sobre as fadigas do Santo. Quanto caminho conseguira ele percorrer em dez anos!

Recordemos os fatos. Em 1845 o jovem sacerdote explica diante dos amigos os planos que tem: "Sim, vamos ter igreja, pátios, vastos prédios, oficinas e salas de aula, mestres do ofício e professores".

Olham-no assustado e tentam até obrigar aquele cérebro cansado a repousar e tratar-se. Passam dois lustros e eis que a profecia é já uma realidade. A igreja de São Francisco de Sales está, em pé, cento e cinqüenta meninos estão asilados, funcionam quatro oficinas com pleno resultado, ensina-se o latim em cinco classes, uma dezena de clérigos, aos quais Dom Bosco deu o hábito talar, trabalham sob suas ordens, auxiliando-o em seus trabalhos, enquanto ao lado do internato continua a funcionar o Oratório sempre tão freqüentado a realizar o seu benéfico trabalho. E que hão de pensar os céticos de dez anos atrás? Abriram-se-lhes os olhos. Um deles, o Padre Pacchiotti, que tinha sido o terceiro capelão junto com Dom Bosco e o teólogo Borel no Refúgio Barolo, foi convidado a pregar num domingo de verão na igreja de São Francisco de Sales aos meninos do Oratório. Acabado o sermão e a benção do SS. Sacramento, foi ao refeitório da pequena comunidade para tomar um modesto refresco juntamente com os clérigos que trabalhavam com Dom Bosco. Iam já erguer os cálices, quando entrou Dom Bosco para cumprimentar e agradecer ao velho amigo. Mal abriu a boca, quando o Padre Pacchiotti se postou na frente e fitando-o com olhar cheio de comoção, aferrou-lhe os ombros com ambas as mãos robustas e lhe disse

"Ah! querido Dom Bosco, agora sim, acredito em tudo o que um dia nos contavas. Pátios, oficinas, aulas, clérigos, um mundo de meninos! Naquele tempo sorríamos, tínhamos pena de ti, tomávamos-te por louco! Mas não te enganavas. Aquele sonho de louco vejo-o realizado hoje diante

de meus olhos. Querido amigo..."

E o bom Padre Pacchiotti, o incrédulo de ontem não disse mais nada, porque a comoção lhe embargou a voz diante dessa obra que se erguera no espaço de apenas dez anos.

## CAPÍTULO V

## O APOSTOLADO COLATERAL

Índice

ATIVIDADE SERENA DE DOM BOSCO.

AS OBRAS DO "MEIO-DIA" EM TURIM E SEUS BONS RESULTADOS.

ABNEGAÇÃO DOS FILHOS DE DOM BOSCO NA EPIDEMIA DE 1854. TODOS PRESERVADOS.

UM CÉLEBRE PASSEIO DE PRESOS, ASSISTIDO SÓ POR DOM BOSCO.

VINTE ANOS DE PREGAÇÃO NO PIEMONTE.

UM TRÍDUO QUE PROMETE MUITO E ALCANÇA AINDA MAIS.

OS RETIROS ANUAIS DE SANTO INÁCIO.

TRÊS EPISÓDIOS DE APOSTOLADO POPULAR:

## CAPÍTULO V

## O APOSTOLADO COLATERAL

### ATIVIDADE SERENA DE DOM BOSCO.

Poderia parecer que o cuidado dessa Obra considerável - Oratório com 500 meninos e internato com 150 fosse suficiente para absorver completamente a atividade do humilde sacerdote. Ms não era assim! O zelo de Dom Bosco era insaciável e quanto mais operoso tanto mais calmo e sorridente.

Todos os que se aproximavam dele ficavam impressionados com isso. Dava conta de uma quantidade extraordinária de trabalho, quase brincando, sem precipitação, aos poucos, com maneiras agradáveis. E não devemos pensar que isso fosse uma atitude de espírito natural nele : basta lembrar como tinha sido fogoso na infância

Essa calma imperturbável, esse domínio de si mesmo, derivavam de uma convicção muito firme de sua alma: era a lembrança profunda que deixara nele a doçura de Comollo e eram os esforços cotidianos que fazia para conseguir imitá-lo. A sua mansidão e o seu sorriso habitual eram uma conquista, como o tinha sido no seu modelo, São Francisco de Sales. Conquista penosa mas tão benéfica. Graças a ela é que dispunha de todos os seus meios e de todos os seus minutos. A pressa embaralha as idéias e faz perder tempo, ao passo que a calma é essencialmente fonte de economia. Por isso não é surpresa ver Dom Bosco aceitar ou procurar à margem de sua Obra um acréscimo ainda de trabalho, para o qual não somos capazes de imaginar onde encontrava ele um retalho de tempo na sua vida tão cheia de ocupações.

## AS OBRAS DO "MEIO-DIA" EM TURIM E SEUS BONS RESULTADOS.

Há na França de uns anos para cá uma iniciativa moderna de apostolado que se intitula "Oeuvres du midi" obras do meio-dia. Dizem coisas admiráveis sobre a oportunidade dessa obra e sobre os resultados que tem produzido. Consiste em reunir as jovens costureiras ou modistas, das 12,25 às 12,55, numa igreja perto do lugar onde trabalham, para dar-lhes em preparação à Páscoa ou a outra qualquer solenidade uma breve instrução que não poderiam ter em outro tempo. Apenas acabada a rápida refeição num restaurante ou nos bancos do jardim público, voam às centenas para a igreja a fim de nutrirem a alma necessitada com o alimento evangélico servido por especialistas. Pois tal apostolado já o realizava Dom Bosco em 1849 para os seus meninos.

Foi precisamente no Natal desse ano que ele tentou reunir numa igreja bastante central - a igreja da Irmandade da Misericórdia - não só os meninos dos seus três Oratórios de Turim mas todos os demais que lhe foi possível arrebanhar de outros lugares. Seu fim era purificar-lhes a alma antes de terminar o ano. E para conseguir tal coisa, esse homem, que tinha realmente uma alma de precursor, -não nos esqueçamos de que era o ano de 1849 - começou mandando imprimir 1.500 folhetos e pediu aos párocos que os pregassem nas portas de suas igrejas, enviou-os a todos os patrões ricos da cidade, fê-los espalhar em todas as paredes mais visíveis pela cidade. Era um apelo dirigido especialmente aos pais dos meninos, aos patrões e mestres de obra e a todos aqueles que de qualquer maneira pudessem ocupar os meninos nas horas das funções sagradas. Suplicava-lhes que, para seu próprio interesse, deixassem livres nessas horas os filhos e empregadinhos. Imaginando a hipótese que muitos deles fariam ouvidos de mercador a esse apelo, Dom Bosco foi visitá-los pessoalmente para convencê-los da utilidade dessas reuniões religiosas.

O horário do retiro tinha sido combinado habilmente. Às 5,30 da manhã havia missa e instrução; ao meio-dia, terço e conferência dialogada; às 7 horas da noite instrução e bênção do SS. Sacramento. Esse retiro devia durar oito dias e concluir-se com uma comunhão geral.

Apesar da hora matutina e glacial em que eram convocados, os meninos acorreram às centenas à igreja da Misericórdia. Ao meio-dia especialmente, para a conferência dialogada, a igreja se tornou demasiado pequena para conter tantos jovens, ávidos de verem dois pregadores famosos discutirem no dialeto piemontês que era o deles. De fato Dom Bosco, para melhor garantir o êxito da empresa, tinha escolhido ótimos oradores, à frente dos quais encontramos o incomparável Padre Borel, que jamais lhe negava o auxílio.O resultado foi consolador. Nos últimos dias de retiro os confessionários se viram assaltados pelos meninos e os quatro pregadores

tinham penitentes até altas horas da noite. No dia 29 de dezembro, dia do encerramento, o celebrante nunca mais acabava de distribuir a comunhão a tantos corações purificados. No fim da última reunião o santo ofereceu a cada um, como lembrança daqueles dias de graças, um folheto que continha em dezoito parágrafos conselhos de profunda sabedoria cristã. O título do folheto era: Avisos de um amigo à juventude

Como primeira experiência tinha sido um triunfo. E portanto de todas as partes choveram pedidos para que se repetisse. Assim por diversos anos a igreja da Misericórdia tornou a ver aquela turba numerosa de meninos que iam retomar a posse das próprias almas, com o auxilio da palavra de átimos pregadores. Mais tarde a iniciativa dessa instituição passou para as mãos de uma organização católica de operários de Turim.

## ABNEGAÇÃO DOS FILHOS DE DOM BOSCO NA EPIDEMIA DE 1854. TODOS PRESERVADOS.

O grande educador tinha a persuasão de que a melhor defesa para a pureza de seus meninos era a caridade com o espírito de sacrifício. Temos que confessar que a maior parte dos adolescentes corrompidos pelo vício chegaram a esse ponto porque no momento oportuno faltou um braço vigoroso que os atirasse à piscina na hora em que as ondas estavam agitadas. Dom Borco, esse buscava todas as ocasiões em que era necessária a abnegação para nelas atirar corajosamente seus jovens: uma dessas oportunidades, e maravilhosa, foi quando grassou o cholera morbus em Turim em 1854.

No fim do mês de julho, numa estação esplêndida, tombou sobre a cidade o flagelo, vindo do sul da Península. Os casos se multiplicaram com uma rapidez espantosa: no fim a primeira semana já se contavam 50 a 60 por dia e a proporção da mortalidade chegou a atingir até 60%. Em três meses contaram-se 2.500 casos, dos quais 1.500 levaram à morte.
O bairro de Valdocco onde estava situado o Oratório, foi mais fortemente atingido que os demais; em outubro já se contavam 400 mortos. A casa de Dom Bosco estava rodeada por um circulo de colerosos, dentre os quais eram mais numerosas as vítimas, porque aos primeiros assaltos da doença os pobrezinhos se viam abandonados pelos parentes dominados pelo terror. Para circunscrever o flagelo, a fim de dominá-lo, o Conselho Comunal abriu dois lazaretos nos dois pontos mais atingidos da cidade. Mas então surgiu um problema: onde encontrar abnegados que se oferecessem para descobrir os casos isolados e transportar rapidamente os infelizes para esses dois hospitais? O coleroso formava automaticamente um vácuo ao redor de si e ninguém queria aproximar-se, tão violento era o perigo de contágio.

Dom Bosco nos primeiros dias se multiplicou à cabeceira dos doentes e dos moribundos, prestando-lhes os cuidados de seu ministério e de sua caridade: mas compreendeu logo que, diante da extensão do mal, só uma turma de rapazes prontos a qualquer sacrifício seriam capazes de prestar à cidade tão duramente flagelada os serviços necessários. Não hesitou então: dirigiu-se a seus alunos maiores: catorze deles deram imediatamente o nome e daí a poucos dias mais trinta seguiram o exemplo dos primeiros.

Com esses quarenta rapazes decididos se fez então um trabalho metodicamente organizado. Uma parte prestava serviço nos lazaretos; outros nas famílias; um pequeno grupo tinha o encargo de visitar as casas de operários para descobrir os infelizes abandonados pelos parentes e um piquete ficava sempre postado de guarda no Oratório para atender ao mínimo apelo que se fizesse. Ninguém tinha escrúpulo de ir pedir a intervenção deles tanto de dia como de noite. Durante mais de dois meses esses quarenta rapazes

realizaram prodígios e nem um sequer foi atingido pelo mal; era a proteção visível da SS. Virgem que os defendia, porque embora no princípio tivessem tido o cuidado de lavar-se e desinfetar-se depois de cada visita aos doentes, no fim não se incomodavam mais e se abandonavam ao cuidado da Providência.

Muitos infelizes socorridos em seus próprios tugúrios pelos voluntários de Dom Bosco, achavam-se em estado de miséria extrema. E por isso a boa Mamãe Margarida se viu obrigada a esvaziar os armários da casa: lençóis, cobertores, camisas, toda a reserva de roupa branca que havia foi-se embora. Cada um dos pequenos protegidos de Dom Bosco, para poder socorrer aquela lamentável miséria, fazia questão de não conservar para si senão a roupa do corpo e mais o puramente necessário para a cama. Um dia um rapaz foi pedir um lençol para um doente que jazia numa pobre enxerga. Margarida já tinha revolvido inutilmente todos os cantos e esconderijos sem encontrar nada, quando descobriu finalmente uma toalha de altar que tinha escapado, quem sabe como, à distribuição geral. "Toma, meu filho, toma". E o menino partiu todo contente, e correu como uma flecha para ir envolver numa fina toalha de linho o seu protegido!

Não devemos porém pensar que esses jovens tenham chegado de um dia para outro a esse grau de formação moral que os fazia rir do perigo e desprezá-lo. Não! O primeiro contato com o terrível flagelo fê-los estremecer da cabeça aos pés. Houve um até que não resistiu ao espetáculo impressionante daqueles rostos lívidos, daquelas bocas escumosas, daquelas convulsões trágicas, daquelas agonias terríveis, e caiu desmaiado na porta do primeiro quarto onde ia prestar seus serviços! Felizmente Dom Bosco estava ali perto e o levou para fora, fê-lo voltar a si e lhe deu a beber um cordial.

Foram três meses de fadigas, que podemos chamar sobre-humanas, para o Pai e para os filhos. Mas eles se mantiveram firmes com uma coragem viril que arrancou aplausos de toda a gente de bem e mesmo de quem não era tal.

No dia 8 de dezembro desse ano, em Roma, na Basilica Vaticana, Pio IX, rodeado por mais de duzentos Cardeais, Patriarcas, Arcebispos e Bispos, proclamava solenemente o dogma da Imaculada Conceição da SS. Virgem Maria. Dom Bosco aproveitou esse dia para agradecer a Deus e a sua SS. Mãe a graça de ter protegido visivelmente sua casa e de tê-lo feito Pai espiritual de uma juventude da qual podia tão justamente ufanar-se.

## UM CÉLEBRE PASSEIO DE PRESOS, ASSISTIDO SÓ POR DOM BOSCO.

É inegável que a força do domínio de Dom Bosco sobre o coração dos jovens tinha algo de irresistível. Foi o que se demonstrou no dia em que ele conseguiu licença de levar a passeio fora de Turim, durante o dia todo, sem o mínimo auxílio da policia, trezentos prisioneiros.

Apesar da multiplicidade de seus trabalhos, Dom Bosco não tinha abandonado completamente o apostolado nas prisões; tal a evidência com que ele percebia o bem que se podia realizar nesse ambiente tão desprezado. Agradava-lhe em modo particular, nas proximidades da festa de Páscoa, pregar o retiro àqueles infelizes a fim de prepará-los para a grande solenidade. Em 1855, foi levar a consolação de sua palavra à principal Casa de Correção de Turim - a Generala. Deus abençoou tão copiosamente o retiro que, depois da comunhão geral de encerramento, Dom Bosco pensou em dar àqueles pobres jovens um dia de divertimento,

levando-os todos em alegre excursão a Stupinigi, a dez quilômetros de Turim.

Para isso foi falar com o Diretor Geral dos Cárceres de Turim, a fim de obter a necessária licença. O pedido de Dom Bosco causou um sobressalto no funcionário, que o olhou com ares de quem queria dizer: "Será que este padre não está com o juízo certo?" Mas Dom Bosco insistiu

- Eu estou falando seriamente e peço que tome em consideração o meu pedido.

Escute, Reverendo; por mais que eu lhe queira ser agradável, não tenho autoridade para faltar ao meu regulamento especialmente num caso como este. Acho que as conseqüências de uma autorização minha seriam desastrosas.

- É a sua última palavra?

- Minha última palavra!

- Então, com sua licença, vou mais para cima, vou ter com o Ministro do Interior.

- Tem toda a liberdade de fazê-lo, Dom Bosco.

O Ministro do Interior; Urbano Rattazzi, ouviu com surpresa e interesse o estranho pedido.

- Pois não, meu bom Padre. Tenho imenso prazer em poder atendê-lo. Escolha o dia e me avise, para podermos dar ordens à polícia. Alguns guardas, vestidos à paisana, seguirão, a certa distância, a fim de evitar fugas ou desordens.

- Vossa Excelência está sendo muito gentil em atender ao meu pedido; mas provavelmente me expliquei mal. Porque o que eu estou pedindo para aqueles rapazes é um dia de completa liberdade. Não quero ninguém para me ajudar. Nem mesmo os seus ótimos guardas disfarçados. Eu me comprometo a trazer à tarde para as grades todos os seus presos.

- V. Revma. não reconduzirá nem dez, Dom Bosco!

- Tenha confiança em mim. Reconduzi-los-ei a todos. Garanto.

Rattazzi estava curioso por ver o resultado da experiência; e assim deu amplos poderes ao humilde sacerdote. E numa fresca manhã de primavera, abriram-se os dois pesados batentes da Generala para deixar passar aquela turba enorme de rapazes apinhados afetuosamente ao redor de um padre. Na soleira da prisão, depois que saiu o último preso, os guardas menearam a cabeça, com ar de mofa: "Esta tarde, pensavam eles, as filas estarão bem rarefeitas"!

O dia foi magnífico! Levavam o almoço nas costas de um burrinho, que ia à testa da caravana. Por um caminho sombreado chegaram a Stupinigi e as portas do Parque Real se abriam de par em par a esses visitantes inesperados. Organizaram-se as mais variadas partidas nos campos cobertos de relva e a tarde chegou sem que nem tivessem percebido como passara o dia.

Era preciso voltar. Dom Bosco nessa tarde, depois de ter estado de pé desde a madrugada, depois de ter tomado parte em tantos brinquedos no meio dessa juventude endiabrada, depois de ter corrido tantos perigos, estava que não podia mais. Os meninos perceberam e obrigaram o burrinho, já agora livre da carga da manhã, a transportar o grande amigo deles. E lhe fizeram

cortejo de honra até Turim, rodeando-o com os corações cheios de ruidosa e afetuosa gratidão. Desse modo, ao cair da noite, os presos da Generala voltaram tranqüilos às suas prisões sob os olhares atônitos dos carcereiros que não sabiam como explicar o milagre. Não faltou nem um. Aliás, se alguém tivesse querido fugir, teria sido logo obrigado a voltar atrás; pois três dos mais fortes da turma, três rapagões de proporções hercúleas, tinham jurado na saída que o primeiro que tentasse dar o menor desgosto ao seu benfeitor teria que ajustar contas com eles. Ainda esta vez a confiança cordial demonstrada para com eles elevava acima de si mesmos rapazes até ontem desencaminhados.

## VINTE ANOS DE PREGAÇÃO NO PIEMONTE.

Mas o apostolado "colateral" do Santo não se exercia somente em Turim nestes anos todos; era o Piemonte inteiro que disputava a sua palavra de pregador zeloso e persuasivo. O mais exato de seus biógrafos não sabe dizer se existe alguma paróquia nas dioceses piemontesas que não tenha visto Dom Bosco em seu púlpito. Novenas, tríduos, sermões das "Quarenta Horas", panegíricos, jubileu, missões: eram todos convites que seus irmãos no sacerdócio lhe faziam e que seu zelo de apóstolo não sabia recusar.

Ao anuir a esses pedidos, Dom Bosco pensava não só nos frutos prováveis de sua pregação, mas também nas amizades, nas relações, tão úteis à sua obra nascente, que poderiam surgir, e além disso nutria a esperança de encontrar no meio dessas populações tão preservadas do espírito mundano, alguma vocação de jovem, que amanhã poderia ajuda-lo na sua missão. Quantos auxiliares preciosos arrebanhou desse modo nas suas excursões apostólicas através do Piemonte! Citemos três nomes apenas. Foi em ocasiões assim que ele colheu em Castelnuovo, sua terra natal, o pequeno Domingos Sávio, que um dia ia ser santo de altar [12] e o menino Cagliero, que antes de ser Cardeal, foi o chefe da primeira expedição de missionários salesianos; e também noutra circunstância igual levou de Nono aquele que ia ser o seu segundo sucessor no governo da Sociedade Salesiana, o pequeno Paulo Albera.

O Santo praticou esta forma de apostolado até o ano de 1860, apesar de todo o trabalho que lhe custava sua primeira fundação. Depois teve que reduzir essa atividade e finalmente, pelo ano de 1865, teve que renunciar a ela quase completamente. Mas pode-se dizer que por vinte anos empregou nesse apostolado uma boa parte de seus poucos retalhos de tempo.

E não era pequeno o mérito que tinha em realizar isso. Para fazer uma idéia do sacrifício dessas viagens seria preciso conhecer o Piemonte daqueles tempos. Os meios de condução, excetuando-se uma quatro ou cinco ilhas, reduziam-se à velha diligência que empregava horas e horas para percorrer uns trinta quilômetros. No inverno ficava-se inteiriçado apesar da palha que punham sob os pés dos passageiros; no verão morria-se sufocado. Quando o pobre pregador chegava à meta estava liquidado. Felizmente a pregação o reanimava. Para ela vinha preparado desde o Pensionato Eclesiástico. Nos seus cadernos trazia mais de cem sermões sobre diversos argumentos, um curso de instruções populares para dezoito dias de missões, diversos retiros espirituais para religiosos, para freiras, para homens, para meninos; novenas, tríduos, panegíricos. Tinha recolhido antes e agora o seu reservatório transbordava sobre esses auditórios atentos que bebiam literalmente a sua palavra.

Não é que ele fosse eloqüente no sentido ordinário que damos hoje a este

adjetivo. Não declamava, não se abandonava à ênfase; o seu gesto era bastante sóbrio, a ação muito comedida, a voz era de tenor, muito clara, e escandia bem as sílabas; a tonalidade geral era uma mistura indefinível de serenidade, de gravidade, e de compunção. Todos os que o ouviram insistem nesta nota: a verdade que lhe saía dos lábios tinha um acento de comoção que a tornava mais atraente ainda. Em suma era a eloqüência familiar e popular; nada de solene, de compassado, nem de doutoral; a graciosa simplicidade da conversação paterna.

O fundo de seus sermões eram as grandes verdades cristãs; delas não se afastava nunca para seguir a moda do dia ou para entrar em assunto profano. Mas, embora o tema fosse antigo quanto o Evangelho, ele o rejuvenescia com fatos curiosos, exemplos e parábolas, com o acento de convicção com que o tratava, com a aplicação prática que dele fazia. E ordinariamente seu esforço era coroado pelo mais brilhante êxito.

## UM TRÍDUO QUE PROMETE MUITO E ALCANÇA AINDA MAIS.

É preciso dizer também que o Céu muitas vezes colaborava de maneira evidente com o pregador. É célebre o fato que lhe aconteceu em Montemagno, terra de seus bons amigos Fassati, onde o convidaram em 1864 para ir pregar o tríduo em preparação à festa da Assunção de N. Senhora. Havia muitos meses que toda a região se via assolada por uma seca inexorável. A maior parte da colheita estava em perigo: uva, milho, batata e legumes. A consternação daqueles pobres camponeses causava pena em quem os contemplava. E assim, desde a primeira prática; impelido por uma misteriosa força secreta, Dom Bosco não hesitou em prometer a chuva se invocassem a SS. Virgem, em estado de graça. "Vinde durante estes três dias foi o que disse em suma - assistir às funções paroquiais, fazei uma confissão bem feita e preparai-vos da melhor maneira possível para uma fervorosa comunhão no dia da festa e eu vos prometo em nome de Nossa Senhora que a chuva há de vir refrescar vossas terras".

- Mas o senhor tem coragem! disse-lhe na sacristia o bom Pároco do lugar.

- Coragem por que?

- Ora! Pois não anunciou a chuva para segunda-feira?

- Eu disse isso?

- Como não! Pergunte aqui ao sacristão que ele repetirá palavra por palavra o que o senhor disse. Todos a compreenderam muito bem, pode ficar certo!

De fato jamais a igreja de Montemagno tinha visto uma afluência tão grande de gente. O povo se apinhava literalmente nas três instruções cotidianas.

Todas as tardes assediavam os confessionários, e os Padres Rua e Cagliero que tinham acompanhado o Santo, lembravam-se ainda, muito tempo depois, do trabalho enorme que tiveram naqueles dias.

Entretanto nas povoações vizinhas faziam apostas: Será que chove? Será que não chove?

**- Como é, Dom Bosco! Vai chover mesmo? perguntava o povo de Montemagno ao encontrá-lo no caminho do presbitério para a igreja.**

**- Purificai os vossos corações, respondia Dom Bosco sem perturbar.**

**Finalmente amanheceu o dia da Assunção de N. Senhora. Jamais tinha havido um sol mais ardente e mais implacável! Dom Bosco já começava a suspeitar que tinha tentado o Céu com a sua promessa de chuva. Acabado o almoço, que foi no castelo dos Marqueses Fassati, o pregador retirou-se ao seu quarto para coordenar as poucas idéias que queria desenvolver depois das vésperas. De vez em quando lançava um olhar ao horizonte: límpido como um espelho! Finalmente tocou o sino para a função na igreja. "Que hei de dizer a esta gente, pensava Dom Bosco, se Nossa Senhora não nos conceder a graça?"**

**- Desta vez, meu pobre Dom Bosco, disse o Marquês ao encontrá-lo no caminho da sacristia, o fiasco é completo. Não sei como se vai arranjar.**
**- João, disse então o Servo de Deus ao Sacristão, vai atrás do castelo do Barão Garofoli e olha se não vê nada aparecer no horizonte.**

**- Absolutamente nada, anunciou o homem, dois minutos mais tarde. Do lado de Biela é que se avista uma nuvenzinha, mas é uma coisa insignificante.**

**- Bem, disse Dom Bosco, dá-me a estola. E no fundo do seu coração ia rezando: "Virgem SS., vamos! Não se trata aqui da minha honra mas da vossa. Que hão de dizer do vosso poder as pessoas que nestes três dias estão zombando de minha promessa? E que hão .de pensar estes cristãos de Montemagno que há três dias se conservam tão edificantes para obter de vós a chuva? Eia, pois, atendei-os!"**

**Entrementes na igreja estavam terminando os últimos versículos do Magnificat e Dom Bosco se ia encaminhando para o púlpito. A igreja estava à cunha. O povo ocupava até os degraus diante do altar do SS. Sacramento. E eis que aparece Dom Bosco; com toda a calma reza uma ave-maria junto com o povo, depois se levanta e começa o exórdio.**

**Nesse momento, através das vidraças se percebe que o céu se vai escurecendo; o pregador continua; ainda não acabou de pronunciar dez períodos quando rebomba um trovão fortíssimo que faz estremecer o forro; depois um segundo, depois um terceiro. Um sussurro de alegria se propaga pela multidão apinhada, porque agora já os relâmpagos se sucedem quase sem interrupção; a chuva estala, martelando as vidraças do templo. Pode-se calcular que hino de gratidão saiu dos lábios do pregador e com que eloqüência desenvolveu o tema improvisado - sobre a confiança que todo cristão deve ter em. Maria. Acabada a Bênção do Santíssimo, continuou ainda a chuva e aquela boa gente teve de esperar um bom pedaço no adro da igreja até que estiasse por uns momentos.**

**Nossa Senhora fizera tudo bem feito. Atendendo a súplica de seu fiel servo, tinha zelado cuidadosamente a honra de seu próprio nome.**

## OS RETIROS ANUAIS DE SANTO INÁCIO.

**É impossível seguir a Dom Bosco através de todos os lugares que tiveram a felicidade de aquecer a própria fé à chama desse coração de apóstolo. Iríamos longe. Todavia não podemos terminar o capítulo sem dizer duas palavras a respeito de um lugar muito querido das pessoas piedosas de Turim, onde Dom Bosco ia todos os anos passar algumas semanas de recolhimento.**

No vale de Lanzo, a 900 metros de altitude, ergue-se um santuário que encerra uma história toda inteira. E o Santuário de Santo Inácio de Loiola, construído no século XVI no cimo de um monte que domina perpendicularmente o vale. O bom povo da zona protegido mil vezes nas suas necessidades e nos seus perigos pelo grande fundador da Companhia de Jesus quis assim manifestar sua piedosa gratidão. Em 1677 o Santuário, cuja fama crescia cada vez mais, foi confiado aos Padres Jesuítas, que fizeram dele, um centro de peregrinações, muito freqüentado até 1773, ano da supressão da Companhia.

Quando os Padres se retiraram, o Santuário e toda a propriedade anexa, - que era o morro inteiro recoberto por uma floresta de carvalhos - passaram para o domínio do arcebispo: e pouco a pouco, por falta de capelães fixos adidos ao serviço da igreja, a afluência de peregrinos chegou a faltar de todo. Foi o Padre Guala, fundador e superior do Pensionato Eclesiástico, quem reiniciou o movimento. Ele compreendeu logo que esse lugar solitário, encantador e de um clima extraordinariamente fresco, era o mais indicado para recolher no verão sacerdotes e leigos que quisessem meditar diante de Deus as grandes verdades da fé. O Arcebispo de Turim, Mons. Buronzo, cedeu-lhe a igreja e ele gastou de seu bolso 80.000 liras para a restauração, para multiplicar os quartos da residência, para adaptar o claustro tornando-o mais cômodo- e principalmente para abrir uma estrada de rodagem de oito quilômetros, ligando Lanzo à porta do Santuário e evitando assim todo o transporte de pessoas e carga por animais. Nomeado reitor do Santuário, o Padre Guala fez dele um lugar de retiro espiritual desde o ano de 1810. Ordinariamente em Santo Inácio pregavam-se no verão dois retiros para sacerdotes e dois para leigos. Neste tomavam parte principalmente os senhores da alta sociedade de Turim e seus filhos, mas também pessoas de condição modesta, para as quais pagavam as diárias algumas Associações religiosas da cidade, especialmente a Obra Pia de São Paulo. Depois da morte do Padre Guala, tomou as rédeas da obra o P. José Cafasso, [13] cuja santidade levou-o a conseguir um desenvolvimento notável. Todos os anos, até o fim da vida, o Padre Cafasso subia a Lanzo para pregar aos sacerdotes da Diocese os dois retiros fixos; e muitas vezes ajudava também os pregadores dos retiros para os leigos.

Para esse trabalho tão exaustivo pedia a colaboração de seu aluno e protegido Dom Bosco. Por isso, no mês de julho, o nosso Santo também subia a Santo Inácio e lá o seu confessionário era um dos mais freqüentados. Muitas vezes não subia sozinho; quando à última hora vinha a saber que algum leigo tinha renunciado ao beneficio dessa breve semana de reflexão, levava consigo alguns rapazes que ocupavam os lugares vagos e aproveitavam gratuitamente desses dias de bênçãos.

Podemos dizer que na vida de Dom Bosco Santo Inácio teve um papel considerável; todos os anos aí buscava o grande Educador novas forças físicas e morais; todos os anos encontrava nessa solidão o tempo de calma e de meditação que precede as decisões graves e prepara os grandes planos. Aí nessas alturas, através das confidências de tantas almas que dele se aproximavam, bebeu aquela rica experiência que mais tarde devia transbordar em tesouros de conselhos. Finalmente conheceu, durante essas semanas consagradas a Deus, todo um grupo escolhido de sacerdotes e leigos que na vida lhe prestarão não pequeno auxílio no meio dos muitos empreendimentos do seu zelo. Pois os nossos leitores certamente já adivinharam sem que nós o disséssemos, que aqueles três oratórios e o duplo internato, todos em pleno funcionamento em 1859 exigiam reforços abundantes de boa vontade. É verdade que naquele tempo já Dom Bosco tinha constituído ao seu derredor uma modesta família religiosa, mais de uma dezena de clérigos que eram todos seus de corpo e alma; mas esse pequeno grupo não bastava para as

necessidades; eram necessários mais auxiliares. E então alguns bons sacerdotes correram a ajudá-lo, começando pelo Padre Borel e pelo santo sacerdote Padre Murialdo, cuja causa de beatificação foi introduzida em Roma. Depois quiseram ir levar o seu auxílio eficaz a Dom Bosco os melhores expoentes da aristocracia turinesa : O Conde Cays de Giletta, que depois iria morrer salesiano, o Marquês Fassati, com o qual já nos encontramos, o Marquês Scarampi, os três irmãos De Maistre, Carlos, Eugênio e Francisco, netos do grande filósofo, e muitos outros. - Onde os conhecera Dom Bosco? - Quem os conduzira ao Oratório? - As vezes era o Padre Cafasso, confessor de quase todos eles; mas muitas outras vezes eram conquistas do mesmo Dom Bosco, em Turim ou em Santo Inácio, durante àquelas semanas de retiro, nas quais esses corações generosos tinham refletido diante de Deus sobre que pessoas ou que atividades deveriam ser objeto do desejo que tinham de fazer o bem.

## TRÊS EPISÓDIOS DE APOSTOLADO POPULAR:

Vamos terminar este capítulo, que poderia não terminar nunca, com dois ou três fatos extraídos sem nenhuma escolha dentre mil outros, para demonstrar a preocupação constante que dominava o santo: transformar o coração dos jovens, levá-los da ignorância, do vício e às vezes do erro para a luz e para a graça de Deus. Na linguagem cristã, esse pensamento de todos os minutos que enche a alma de um sacerdote tem um nome: chama-se zelo e não é outra coisa senão a manifestação externa, nas relações com o próximo, de uma chama interna que devora o coração de todo o santo, a chama do amor de Cristo e o desejo de que ele reine no fundo do coração de todo o batizado.

### A) Quatro malfeitores convertidos

Eis o primeiro fato:

Numa límpida manhã de primavera Dom Bosco voltava, às oito horas, da igreja da Crocetta, que ficava já fora da cidade, do lado oposto a Valdocco.

Caminhava bem na direção da estação principal de Porta Nova, para além da qual se estendiam naquele tempo a perder de vista campos abandonados que serviam de lugar de despejo para o lixo da cidade. De repente encontrou-se diante de um grupo de quatro rapazes robustos, com ares nada tranqüilizadores, os quais parecia que o vinham espreitando de longe. Se ele os tivesse visto antes, teria havido tempo de escapar. Mas agora era tarde. Tentou passar ao lado deles, esforçando-se para mostrar que caminhava com passo firme e resoluto. Mas os rapagões se lhe puseram na frente e lhe embargaram o caminho. Um dos quatro, com um sorriso de gentileza fingida, pediu-lhe que resolvesse uma questão surgida entre eles.

- Senhor Abade, diga-nos quem tem razão, eu ou este aqui. Ele diz que tem razão; eu acho que quem tem razão sou eu. Decida o senhor.

Nesse momento Dom Bosco olhou em derredor para ver se aparecia alguém. Nada! Nem alma viva! Então pensou: "Estou bem arranjado! Aqui é preciso, para me livrar dessa gente, levá-los até a cidade de qualquer jeito. Lá estarei salvo".

- Vamos, reverendo, decida, insistia o chefe da quadrilha, sem nem sequer fazer alusão ao objeto da desavença.

**Realmente era um estratagema muito baixo. Estavam-lhe preparando um golpe covarde, em dois tempos, sendo o primeiro o impedir-lhe a fuga.**

**- Meus bons amigos, disse então Dom Bosco, eu não posso resolver vossa questão aqui assim, neste lugar deserto, ao ar livre. Precisamos ir sentar-nos junto de uma boa xícara de café, na praça São Carlos e lá então veremos.**

**- Mas o senhor paga o café!**

**- Sem dúvida! Se sou eu que estou convidando!**

**E os quatro vagabundos, atraídos pelo convite, seguiram a Dom Bosco, e, no caminho conversaram como velhos amigos. Chegando à Praça de São Carlos, bem no coração da cidade, Dom Bosco, antes de cumprir a promessa, lhes disse**

**- Escutai! Vou pedir-vos um favor. Ali perto está a igreja de São Carlos. Vamos lá rezar uma ave-maria e depois iremos tomar o café.**

**- Ah! O senhor está procurando um jeitinho de escapar, hein! resmungou o chefe da turma.**

**- Absolutamente. A xícara de café eu pago, não há dúvida. Mas vós não recusareis rezar comigo esta breve oração.**

**- Veremos! O senhor começa com uma ave-maria e depois emenda o rosário inteiro.**

**- Quando eu digo uma ave-maria é uma ave-maria só. Vamos!**

**Entraram na igreja e os tratantes responderam à oração de Dom Bosco do jeito que puderam.**

**- Agora vamos ao café, disse Dom Bosco, saindo. Sentaram-se e tomaram o café conversando como velhos camaradas.**

**Depois de pagar a conta, Dom Bosco disse: - Mas ainda não está tudo acabado. Já que travamos relações tão íntimas, não haveis de recusar o convite para irmos até minha casa. Minha mãe vos há de oferecer alguma coisa.**

**- Aceitamos! Responderam em coro os ratões já catequizados. E desceram para Valdocco.**

**Durante o quarto de hora de caminho, Dom Bosco penetrou ainda no coração daqueles pobres jovens que o acompanhavam, de tal sorte, que, ao chegar a casa, depois de pousar o chapéu, teve coragem de lhes lançar à queima-roupa esta pergunta**

**"Então meus amigos, já faz muito tempo que não se confessam? Bastante, não é verdade? E se a morte os surpreendesse nesse estado, que seria de vocês?"**

**Os quatro amigos se entre olharam sem saber o que responder. Finalmente um deles exclamou**

**- Ah! Se todos os padres fossem como Dom Bosco! Não teríamos receio de confessar-nos.**

**- Ora pois não é preciso procurar outro, desde que aqui estou eu para confessá-los.**

**- Sim, mas é que nós não estamos preparados.**

**- Preparar não custa nada. Deixem por minha conta.**

**E sem mais, deixou três deles no aposento onde estavam e entrou com o outro no seu pequeno escritório.**

**Com o auxílio de Dom Bosco o rapaz se confessou com imensa facilidade e com verdadeiros sinais de arrependimento. Dois de seus amigos seguiram-lhe o exemplo. Só faltou um, que não quis ceder, dizendo que não se sentia disposto a imitá-los. Mas todos os quatro se separaram de Dom Bosco, com os melhores sinais de afetuoso agradecimento, e prometeram voltar para lhe fazer uma visita.**

**B) Uma confissão no meio da rua.**

**Doutra feita, depois da Ave-Maria da tarde, Dom Bosco ia subindo pela Rua do Pó, caminhando sob as galerias que a ladeiam desde o principio até o fim. Num ângulo deserto da rua, foi assaltado por um desconhecido que o fez parar e lhe exigiu a carteira. Os olhos eram de um malfeitor; a roupa, suja; todo o conjunto, de inquietar. Parecia um rapaz ocioso, que preferia viver de expedientes pouco limpos ou de ações criminosas em vez de ganhar o pão num trabalho honesto. Dom Bosco respondeu-lhe com boas maneiras, disse quanto se sentia penalizado ao vê-lo impelido pela necessidade a cometer ações que certamente sua consciência desaprovava e habilmente o foi levando aos poucos a contar-lhe toda a sua miserável vida. Dentro de poucos minutos ei-lo sentado no parapeito à beira do fosso que rodeia o Palácio Madama, na Praça do Castelo, enquanto o agressor, prostrando-se-lhe aos pés, começa a confissão. O canto da praça era escuro: o lugar, portanto, mais adaptado para a finalidade. Um bom cônego da Catedral, que passava por ali naquele momento, parou um instante para observar a cena, embora não conseguisse na sombra distinguir os personagens. Mas pensou consigo mesmo: aposto que é Dom Bosco! E, para tirar a dúvida, esperou que o padre e o penitente se separassem. Pôde então verificar que tinha acertado. O apostolado do servo de Deus não olhava para tempo nem lugar. Nenhum obstáculo era capaz de detê-lo quando se tratava de restituir a uma alma a graça de Deus.**

**C) À cabeceira de um ex-aluno**

**Foi isso mesmo que se demonstrou noutra circunstância ainda. Referiram-lhe que um de seus ex-alunos do Oratório se achava em estado lamentável, pois os Valdenses lhe tinham transtornado a cabeça, e, atingido por uma doença da qual ninguém podia escapar, achava-se em ponto de morte sem poder confessar todo o seu passado, porque os da seita vigiavam dia e noite no quarto vizinho para impedir. A mãe, atendendo ao pedido do doente, tinha ido dez vezes chamar o Pároco para visitá-lo. Mas tanto ele como seus coadjutores tinham sido afastados com boas maneiras pelo enfermeiro ou pelos pastores protestantes que ora diziam que a doença não era grave, ora alegavam que o doente não podia suportara menor emoção sem vir a morrer.**

**Um dia, acompanhado por dois rapazes dos mais robustos, Dom Bosco apresentou-se na casa do coitado. Encontrou-se com o pastor que o deteve bruscamente.**

**- Que deseja,, senhor Abade?**

**- Desejo falar com o doente.**

**- E impossível. Temos ordem formal do médico.**

**- Vamos, deixe-me passar que não tenho tempo a perder. Vou dizer uma palavra à mãe do doente e logo me retirarei. Olhe! Ela vem ai. -Bom dia, minha senhora! Como vai o Pedrinho!**

**E, sem cerimônias, Dom Bosco foi-se adiantando devagar mas decidido para o quarto do doente.**

**- Senhor Abade, tenha paciência mas...**

**- Vamos! Preciso passar, disse Dom Bosco. E afastando energicamente o ministro, sem dizer mais nada, abriu a porta.**

**- Oh! Dom Bosco! Disse o doente ao ver o seu benfeitor na soleira da porta.**

**- Meu querido Pedrinho, como vais? Lembras-te ainda -do Oratório? Reconheces-me?**

**- Sim, Dom Bosco, reconheço-o muito bem. Pobre de mim! Eu é que estou irreconhecível! Estou tão transformado! Tão mau!**

**- Pela última vez, senhor Abade, interrompeu o pastor valdense, peço-lhe que se retire. A sua presença é mais prejudicial do que útil a este pobre infeliz.**

**- Tenho tão pouca vontade de ir-me embora, replicou Dom Bosco, que já me vou sentar, porque preciso ficar um pouco em companhia deste rapaz.**

**- Mas quem lhe dá essa ousadia?**

**- E ao senhor quem é , que permite essa pretensão?**

**- Eu sou o ministro valdense Amadeu Bert; e não é a primeira vez que nos encontramos.**

**- Pois então o senhor deve saber que eu sou o diretor do Oratório de São Francisco de Sales.**

**- Mas que é que o senhor quer deste infeliz?**

**- Salvar a sua alma.**

**- Isso não é mais da sua conta.**

**- Porque?**

**- Porque se inscreveu na igreja valdense.**

**- Boa razão! Há mais de dez anos que está inscrito no registro dos meus alunos.**

**- Afinal, o senhor não quer mesmo partir?**

**- De jeito nenhum. E se o senhor quiser, para não estarmos perdendo tempo em discussão, vamos deixar que o mesmo rapaz dê o juízo sobre a questão.**

**E voltando-se para o moço perguntou: "Dize-me, caro Pedrinho, qual é a tua vontade neste momento?"**

**- Eu nasci católico. Quero viver e morrer católico. Pronto! E me arrependo de tudo o que tenho feito nestes últimos anos.**

**Diante de resposta tão franca, o ministro compreendeu que naquele momento não havia nada a fazer. Tomou o chapéu e saiu, dizendo que logo Dom Bosco teria noticias dele.**

**Mas não havia tempo a perder. Dom Bosco confessou imediatamente o doente. Como este não tinha escrito, nem pregado nada contra a fé católica, não havia necessidade de nenhuma retratação. A absolvição do Apóstolo restituiu a paz àquela pobre alma transviada, que não sabia como manifestar o júbilo que sentia por ter voltado à casa paterna. Porém Dom Bosco, prevendo uma volta agressiva da seita, ávida de vingar-se, não descansou enquanto não conseguiu naquela tarde mesma fazer transportar o doente para o Hospital dos Cavaleiros de São Maurício e Lázaro. Aí expirou o moço 24 horas depois, com os sentimentos da mais perfeita contrição e de resignação cristã.**

**Fatos como este teríamos muitos a referir, cada qual mais dramático; mas temos que nos limitar. O que se disse já é bastante para que o leitor possa avaliar o zelo do jovem sacerdote, que, ocupado embora numa Obra formidável, achava ainda tempo para realizar essas tarefas e muitas outras mais. O segredo de tão prodigiosa irradiação de bondade era que ele não pertencia mais a si mesmo, mas a qualquer alma que, longe ou perto, precisasse do seu auxilio.**

## CAPÍTULO VI

## VALOROSO OPERÁRIO DA PENA

**Índice**


**IMPRENSA CONTRA IMPRENSA.**

**PRIMEIRA OBRA: A BIOGRAFIA DE LUIZ COMOLLO.**

**OS VALDENSES.**

**AS LEITURAS CATÓLICAS.**

**LIVROS ESCOLARES, DE TEATRO, OU OUTRAS OBRAS.**

**A PRIMEIRA TIPOGRAFIA SALESIANA.**

**COLABORADORES DE DOM BOSCO.**

**ATENTADOS DOS PROTESTANTES E PROTEÇÃO DO CÉU.**

**DOTES DO ESTILO DE DOM BOSCO.**

UM CÃO MISTERIOSO: O "GRIGIO"

## CAPÍTULO VI

## VALOROSO OPERÁRIO DA PENA

### IMPRENSA CONTRA IMPRENSA.

Graças aos três Oratórios que fundara em Turim, graças ao florescente internato, graças às missões que pregava cá, e acolá, aproveitando os retalhos de tempo, eram já centenas os jovens aos quais chegavam a palavra e a ação de Dom Bosco. Mas quantos outros escapavam ao alcance de seu apostolado! Ele o lamentava muito. Tanto mais que naqueles anos o Piemonte se via minado por uma tríplice corrente de erros. Já vimos que um mundo todo de idéias políticas muito confusas invadia as massas. Além disso soprava o vento do anticlericalismo e por isso os eclesiásticos que não-.desciam à arena, que não participavam do movimento, que não compartilhavam as idéias de um Gioberti ou de um Mazzini, eram apontados a dedo. E enfim, desde o dia em que se lhes outorgou um decreto de emancipação, assinado em 1848 por Carlos Alberto, os Valdenses dos vales de Pinerolo desenvolviam um proselitismo inquietador.

A serviço dessas três péssimas causas achava-se uma imprensa bem adestrada e bem paga, que ia trocando em miúdo para a inteligência do povo as teorias abstratas dos apóstolos do mal. Jornais diários, hebdomadários, opúsculos, iam minando insidiosamente a alma dos simples, para fazê-los chegar paulatinamente ao ponto de maturidade desejada. Era grande o perigo, e a juventude, levada pelo seu espírito de curiosidade, ia ser naturalmente a primeira vítima. O Santo pensou nisso em tempo; e como a sua palavra não podia chegar a todos os jovens procurou pôr-se em contato com eles por meio da pena. Numa época em que ninguém previa ainda o prodigioso desenvolvimento que ia ter a imprensa, em 1844 -portanto há mais de um século atrás - Dom Bosco tentou fundara Biblioteca Católica. Nisto ele tinha como modelo e inspirador o pai do apostolado católico da imprensa, São Francisco de Sales, o qual como todos sabem, vendo que não conseguia reunir ao redor de sua cátedra as ovelhas tresmalhadas introduzia à noite debaixo de suas portas as folhas mensageiras da boa doutrina.

### PRIMEIRA OBRA: A BIOGRAFIA DE LUIZ COMOLLO.

São João Bosco iniciou com uma biografia. A pedido insistente de seus velhos colegas de seminário, reproduziu nos traços principais a figura de seu íntimo amigo Luiz Comollo. Tinha sido o confidente de seus melhores segredos. As duas vidas tinham corrido bem unidas por mais de três anos. Apoiando-se um no outro tinham porfiado em servir a Deus cada qual com mais fervor. Portanto quem melhor que ele poderia ser indicado para tentar reproduzir essa figura? Foi só Dom Bosco pôr mãos à obra que lhe vieram tumultuosamente à memória as recordações da amizade comum e os "Traços biográficos do jovem Luiz Comollo" saíram um livro de leitura atraente e edificante. De aí por diante jamais parou a pena senão quarenta e cinco anos mais tarde nas mãos paralizadas do escritor popular.

## OS VALDENSES.

O segundo trabalho de Dom Bosco foi um escrito polêmico. Nesse tempo - 1850 - os valdenses estavam multiplicando sua propaganda em Turim. Essa seita protestante deve o nome e a origem a certo Pedro Valdo, rico negociante de Lião, o qual no fim do século XII, se tinha posto à testa, de um grupo de "Pobres de espírito" com escopo - dizia ele - de reformar os hábitos de luxo e de vida fácil que se tinham introduzido na Igreja. Um dia um sacerdote a quem ele pagava para lhe traduzir e comentar o Evangelho em língua vulgar, repetiu-lhe o conselho: Se queres ser perfeito, vai e vende tudo o que tens. Pois ele distribuiu todos os seus bens e saiu pelas ruas a pregar a pobreza. Depois de certo tempo estava rodeado de adeptos que lhe imitavam perfeitamente o método de vida. Não havia nesse grupo nenhuma hierarquia, mas o fundador exercia sobre os membros um ascendente considerável. Certo de que sua doutrina era ortodoxa, foi a Roma em 1178 e apresentou-se ao Papa Alexandre III. O Pontífice o acolheu bondosamente, aprovou seu voto de pobreza e disse-lhe que tanto ele como os companheiros podiam pregar com a licença do ordinário. Tal condição porém foi observada raramente e, como era de se esperar, interpretavam o Evangelho no sentido individual e conforme o livre exame. Esses pregadores saíram tão depressa do bom caminho, que, em 1184, no Concílio de Verona o Papa Lúcio III abrangeu num mesmo anátema os Cátaros da Itália Setentrional, parentes próximos dos Albigenses do Languedoc, e os "Pobres de Lião". Do cisma à heresia faltava um passo e assim não tardou que os discípulos de Valdo, - os Valdenses, - se declarassem os únicos verdadeiros discípulos de Cristo. O Credo dos Valdenses consta de um conjunto de artigos que se podem resumir assim:[14] Crêem em um só Deus, Pai, Filho e Espírito Santo; Jesus Cristo é para eles "vida, verdade, paz e justiça, pastor e advogado, vítima e sacrificador"; Cristo morreu pela salvação de todos os crentes e ressuscitou para a nossa justificação.

Rejeitam o Purgatório, "esse sonho do Anticristo, imaginado contra a verdade" e admitem só dois sacramentos Instituídos por Nosso Senhor Jesus Cristo, isto é, o batismo e a Sagrada Ceia. Para eles os sacramentos são "sinais ou formas visíveis de graças invisíveis", dos quais os fiéis fazem bem em usar, mas que não são indispensáveis para a salvação.

Subscrevem os doze artigos do Símbolo dos Apóstolos "considerando como heresia tudo o que não estiver conforme ele". Admitem também o Símbolo Atanasiano e as decisões dos quatro primeiros concílios ecumênicos, porquanto não se afastam da palavra de Deus.

E que para eles a fonte da verdade está unicamente na Bíblia. Por isso rejeitam tudo o que não lhes parece conforme com os ensinamentos dela, ao mesmo tempo que protestam crer e observar tudo o que ela revela e ordena. Em virtude desse principio repudiam constantemente as doutrinas baseadas na autoridade e nas tradições, as imagens, as cruzes, as relíquias, o culto e a intercessão de Nossa Senhora e dos Santos, as festas consagradas a esses mesmos Santos, as orações que se lhes dirigem, o incenso e as velas que se queimam em sua honra; a missa, a confissão auricular, o Purgatório, a Extrema-Unção, as orações pelos mortos, a água benta, a Quaresma; a abstinência de carne em certas épocas e em certos dias, os jejuns de preceito, as penitências obrigatórias, as procissões, as romarias, o celibato dos sacerdotes, a vida monástica e tantas outras coisas, inventadas - dizem eles - pelos homens.

Com a maior facilidade essa heresia tinha descido das terras de Lião para a

Itália, através dos altos vales dos Alpes, especialmente o vale de Pellice, onde se tinha fortificado ao redor de Pinerolo que ficou sendo como que o baluarte da seita. De ai, através da planície, tinha serpeado até Turim, onde seus adeptos, nos tempos de Dom Bosco, depois de terem conseguido liberdade de propaganda, iam-se infiltrando habilmente nos ambientes populares, que a ignorância tornava indefesos, e iam infestando as casas dos operários, com opúsculos em que a heresia se ocultava sorrateiramente, e, desse modo, o mal que causavam à alma dos simples era considerável.

## AS LEITURAS CATÓLICAS.

Vendo que ninguém se animava a opôr-se diretamente a esse apostolado nefasto, Dom Bosco não pôde conter-se. Ao opúsculo protestante começou a opor o fascículo católico, e duas vezes por mês sua pena fecunda ou a de seus amigos lançava no meio do povo um desses livrinhos claros, vivos, atraentes, que fazem ler desde a primeira até a última página. Polemista perspicaz e ágil, tratava de todos os assuntos: sua palavra de ordem era variedade. Hoje expunha serenamente a doutrina católica, amanhã atacava a objeção adversária; ora narrava em estilo popular a vida de um grande papa, ora compunha uma espécie de novela com escopo moral.

Deus deu a vitória a essa campanha corajosa empreendida para a sua glória. E os opúsculos de propaganda, que Dom Bosco batizara com o nome de Leituras Católicas, se espalharam em profusão. O preço módico fez subir o número dos assinantes, que chegou bem depressa a 9.000 e logo depois a 14.000, cifra realmente prodigiosa para aqueles tempos. O esplêndido resultado dessa iniciativa não desanimou porém a propaganda protestante. Derrotado por esse lado, o inimigo tentou novo estratagema. No fim do ano de 1853, publicou um almanaque aparentemente inofensivo, intitulado "O amigo do lar"; não custava nada; era oferecido a todos indistintamente, colocado por debaixo das portas, atirado ao interior das casas, distribuído à saída das oficinas. E o povo, ingênuo, e sem instrução, devorava-o com toda a confiança. Tanto mais que se encontrava a invocação do nome de Deus, narravam-se certos fatos de conversões e outros episódios edificantes, com o escopo de disfarçar a mercadoria equivoca. Dom Bosco retomou então sua valiosa pena, e desde agosto do ano seguinte, vemo-lo nos intervalos que lhe sobram da assistência aos meninos durante as férias, a corrigir provas tipográficas do almanaque por ele organizado. Publicista como era no fundo da alma, arranjou um titulo muito sugestivo: "II Galantuomo" - (O homem de bem). Havia de tudo naquelas páginas: calendário, notícias de astronomia, elenco das feiras, receitas de cozinha, tabela das moedas, frases jocosas, poesias e, em lugar oportuno, reflexões morais e religiosas, episódios atraentes e edificantes. Dele se tiraram corajosamente milhares de exemplares, e para preceder ao adversário, foi publicado em outubro. Assim nasceu o primeiro almanaque católico da Europa, o qual estava destinado a ter uma longa vida, porquanto se publica ainda hoje, continuando a realizar, embora em face de outros inimigos, a sua obra benéfica.

## LIVROS ESCOLARES, DE TEATRO, OU OUTRAS OBRAS.

Alma de educador, Dom Bosco devia sentir naturalmente sua pena atraída para os textos escolares. Começou com a Aritmética. Em 1845 o

Governo Subalpino tinha decretado a aplicação do sistema métrico decimal em todos os Estados Sardos; deixavam-se cinco anos de prazo para que o comércio pudesse mudar progressivamente pelas novas as velhas unidades piemontesas: "pinta", boccale", "brenta", a hemina, a onça, o pé, a jeira etc.

Dom Bosco viu neste decreto legislativo uma ocasião para demonstrar que o clero sabia pôr-se à testa de todo o progresso honesto. Desde 1846 publicou o seu Sistema métrico decimal, obra de divulgação admiravelmente clara e concisa. Mas o seu esforço didático não parou ai; mais tarde põe nas mãos dos professores do curso primário uma ótima História Sagrada, que é usada como texto ainda hoje, e uma História da Itália, a qual, como veremos num capítulo mais adiante, foi-lhe motivo de dissabores. Finalmente compôs uma História Eclesiástica que os educadores católicos acolheram favoravelmente, tanto mais que se lamentava a falta de um livro assim.

Para quem arde em desejos de atrair a juventude, a escola é terreno fértil de apostolado; mas o teatro não o é menos. E Dom Bosco ia ter disso a experiência, ele que o Introduziu em suas casas desde 1894. Temos três obras dramáticas saídas de sua pena: cenas dialogadas, cenas alegres de mercado, destinadas a continuar na ribalta o ensino do Sistema métrico decimal; uma farsa - O pequeno limpa - e um drama em dois atos: A casa da felicidade.

Nem é preciso acrescentar que, dentre os muitos gêneros de livros em que Dom Bosco se ocupou, suas preferências eram todas para as leituras ascéticas. São inúmeras as suas composições religiosas com as quais nutria a fé nos seus meninos e no povo. Essas produções se introduziram nas Leituras Católicas: pequenos tratados de piedade, vidas de santos regionais ou recém-beatificados, histórias das grandes devoções católicas, vidas dos Papas, biografias dos seus alunos modelos: Domingos Sávio, Miguel Magone, Francisco Besucco e tantos outros.

Finalmente um último sonho lhe atormentava a alma e quis atuá-lo antes de morrer. Impressionado com os perigos a que se expunha a fé da juventude com o estudo de autores não muito castigados, pôs mãos a uma dupla série de publicações: a dos autores italianos e a dos autores latinos revistos e expurgados. Mais tarde juntou-se-lhe uma terceira : uma publicação de escritores cristãos escolhidos, a qual pela solidez do conteúdo e pela graça da forma ia ocupar beneficamente um lugar ao lado dos escritores do paganismo.

## A PRIMEIRA TIPOGRAFIA SALESIANA.

Dom Bosco tivera que imprimir todas essas publicações populares e escolares em editoras da cidade, porque as circunstâncias e a pobreza dos meios não lhe permitiam agir de outro modo. Mas o sonho que vinha acariciando desde muitos anos, era abrir ele próprio uma oficina tipográfica. Em 1861 finalmente conseguiu realizá-lo!

Após enormes dificuldades, conseguiu obter a autorização do ministério e serviu-se dela imediatamente, abrindo no andar térreo de sua casa a desejada oficina. Era bem rudimentar aquela primeira tipografia salesiana : duas máquinas velhas e movidas por engrenagem, uma mísera prensa, tudo de segunda mão, um banco e umas caixas de tipos construídas na véspera pelos próprios marceneiros da casa. Como único motor os braços dos meninos. Eles acharam a instalação um pouco primitiva, mas Dom Bosco lhes

garantiu: "Não se incomodem! Isto é apenas o princípio. Logo haveremos de ter duas, três, dez tipografias". E parecia que o seu olhar já estivesse contemplando aquelas oficinas que amanhã, espalhadas um pouco por toda a parte, nas terras da velha Europa ou da jovem América, em Marselha, em Paris, em Lião, em Barcelona, em Buenos Aires, em São Paulo, iriam funcionar febrilmente; essas centenas de máquinas acionadas não mais por braço humano mas pela energia elétrica; e essa montanha de livros, de opúsculos, de revistas, que saem hoje das editoras salesianas e vão nutrir através do mundo inteiro a alma do cristão.

## COLABORADORES DE DOM BOSCO.

Para alimentar a produção de livros, Dom Bosco no principio recorria à pena de seus amigos, os quais lhe aliviavam o trabalho e traziam à defesa da verdade atitudes novas e originais.

Mais tarde recorreu aos seus filhos espirituais. Infundiu na alma de seus discípulos o zelo que tinha pela imprensa e um dos quatro escopos que indicou à atividade dos salesianos foi precisamente o apostolado da boa imprensa.

O povo, - assim pensava, - colhe no jornal, no livro, no opúsculo, no romance, as suas aspirações religiosas, sua concepção social, a regra de seus costumes, porque a confiança que tem em tudo o que está "em letra de fôrma" é cega; um verdadeiro fenômeno de magia. E preciso, então; dar-lhe como alimento, sob todas as formas possíveis, a verdade que liberta. Não é possível não admirar em Dom Bosco o ter pressentido naquele longínquo 1865 o alcance da imprensa! Como soube estimular seus filhos espirituais a dedicar-se a esta tarefa! Como foi capaz de suscitar-lhes o talento, de impulsionar-lhes a energia! Depois de ter posto em ação um mundo de máquinas, sonhava com um exército de escritores religiosos que fornecessem material a esses gigantes de ferro. Nisso como em tudo o mais ele queria estar sempre na vanguarda do progresso.

Foi o que confessou ao Padre Aquiles Ratti, quando este visitou a tipografia do Oratório em 1883. [15]

Esse ideal que ele desejava alcançar consumia-lhe todos os retalhos de tempo já tão raros. Não há quem não fique pasmo diante de sua obra de publicista que bastaria sozinha para encher a vida de um homem. Com efeito como tivemos ocasião de verificar pessoalmente - foram mais de 130 os volumes publicados pela sua pena fecunda entre livros, opúsculos, fascículos, almanaques, produções teatrais. Onde achava tempo para, compor esses livros, ele que tinha a preocupação de centenas de meninos a que devia sustentar, das várias igrejas em construção, do intensíssimo apostolado a que se entregava e das infinitas almas a quem devia ouvir, iluminar, curar? Seus dias pertenciam a todos, só lhe sobravam as noites e mesmo essas nem sempre... Então punha-se à escrivaninha, e naquela modesta mesa de trabalho que ainda hoje se conserva, à luz de uma lamparina de azeite também ela conservada até hoje, ia enchendo com sua caligrafia grossa aquelas páginas por meio das quais seu coração de apóstolo queria fortificar as almas tentadas pelo mal. Quantas vezes a madrugada o surpreendeu ainda a terminar um manuscrito que o mestre de composição lhe tinha pedido na tarde precedente em vista da urgência da entrega! É bem verdade que sua obra de escritor é filha de suas vigílias, pois lhe custou centenas de noites passadas quase totalmente em claro.

**ATENTADOS DOS PROTESTANTES E PROTEÇÃO DO CÉU.**

**E pouco faltou para que o apostolado da pena não lhe custasse também a vida. Durante quatro anos, de 1852 a 1856, precisamente no início da publicação das Leituras Católicas, Dom Bosco foi covardemente assaltado muitas vezes por sicários que os Valdenses punham de emboscada. Seus opúsculos de propaganda agradavam tanto ao povo, reconduziam tantas almas a Deus e protegiam tantas outras, que os inimigos decidiram livrar-se do perturbador.**

**Assim é que num domingo à tarde, quando Dom Bosco, no primitivo telheiro-capela, estava explicando o catecismo aos jovens maiores, um malfeitor, subornado pelos seus inimigos, subindo ao ombro de um companheiro, galgou o muro que rodeava a casa, e, pela janela, desfechou um tiro de carabina contra o homem de Deus.**

**A pontaria tinha sido boa, porque a bala passou entre o corpo e o braço de Dom Bosco e foi achatar-se contra a parede fronteira. Um grito de espanto partiu do peito de todos os jovens que estavam ouvindo o catecismo e depois seguiu-se um silêncio trágico. Os meninos não queriam acreditar no que estavam vendo e ficaram imóveis, aterrorizados diante do atentado. "Ora! disse Dom Bosco, com o melhor de seus sorrisos, vamos continuar a lição. Esse indivíduo era um mau músico, ou então foi Nossa Senhora que o fez sair do compasso. O ruim é que esta era a batina melhor que eu tinha e agora ficou estragada.**

**Doutra feita ao cair da tarde, foram chamá-lo para administrar os sacramentos a um doente da vizinhança.**

**Antes de partir, por precaução, Dom Bosco chamou para acompanhá-lo quatro de seus rapazes.**

**- Não se incomode, Dom Bosco, disseram-lhe os dois homens que tinha vindo chamá-lo; nós mesmos o acompanharemos.**

**- Pois não! Mas eu quero só proporcionar um pequeno passeio a estes bons moços. Quando chegarmos lá, eles esperarão na porta.**

**Em casa do moribundo fictício, Dom Bosco se achou diante de uma corja de tipos folgadores que deglutiam copos cheios e fingiam estar comendo castanhas.**

**- Espere aqui no andar térreo, disse um dos dois homens, que eu vou preparar o doente.**

**- Aceita umas castanhas, reverendo? perguntou um dos beberrões.**

**- Muito obrigado, não como nada fora das refeições.**

**- Então um copo de vinho. E Asti e do bom!**

**- Não, é inútil insistir. Não como nem bebo.**

**- Vamos, faça o favor, só para nos fazer companhia.**

**E sem esperar resposta ia enchendo os copos. Dom Bosco percebeu bem que quando chegou a vez de o servirem tomaram outra garrafa que estava de lado.**

**- A sua saúde, reverendo!**

**- A vossa, meus amigos, disse Dom Bosco, levantando o copo e recolocando-o logo de novo sobre a mesa.**

**- Como é isso? Não bebe, então?**

**- Não, já disse. Não costumo tomar nada fora das refeições.**

**- Ah! Mas essa desfeita é que o senhor não nos faz, disseram todos em coro. Se não quiser beber por amor, beberá por força.**

**E já os gestos começavam a traduzir as palavras, quando Dom Bosco de um salto alcançou a porta e abriu-a. De fora estavam os quatro rapazes e Dom Bosco os convidou a entrar. A vista desses moços fortes e robustos, sentaram-se de novo meio embaraçados.**

**- Vede. Aqui está um dos meus rapazes, que certamente não há de recusar vosso ótimo Asti.**

**E, com o tom mais inocente do mundo, fazia menção de pegar o copo de novo.**

**- Não, não, disseram aqueles infelizes. Ao senhor é que convidamos, não a estes rapazes.**

**Era um argumento por demais eloqüente. Dom Bosco não insistiu. Pediu somente que mostrassem o moribundo para o qual tinha sido chamado. Foi então conduzido a um quarto do segundo andar, onde jazia escondido no meio de um montão de cobertas, um dos malfeitores que tinha ido chamá-lo em Valdocco. Dom Bosco fingiu não ter compreendido a emboscada, mas o tal indivíduo é que não pôde representar o papel até o fim; pois desatou a rir e disse: "Outra vez me confessarei". O Santo abandonou aqueles lugares escoltado pelos seus alunos, voltou ao Oratório, bendizendo a Deus, por ter podido escapar de semelhante perigo.**

**Numa noite de domingo, no verão de 1855, deu-se um atentado quase idêntico. Mas ainda dessa vez livrou-se, embora não sem ferimento. Vieram chamá-lo para levar os sacramentos a uma senhora que morava na casa Sardi, situada na mesma Rua Cottolengo, quase em frente ao Refúgio da Marquesa Barolo.**

**Como a noite estava escura, Dom Bosco, que pouco antes tinha escapado de uma cilada decidiu levar consigo dois companheiros.**

**- Não é preciso, disse o desconhecido, não é preciso incomodar os seus meninos, eu mesmo o acompanho.**

**Essas palavras aumentaram as suspeitas de Dom Bosco e produziram um efeito justamente contrário ao que o homem desejava. Em vez de dois rapazes Dom Bosco levou quatro, dois dos quais, Jacinto Arnaud e Tiago Cerruti eram muito robustos e corajosos.**

**A comitiva chegou a uma casa bastante isolada. Dois dos rapazes ficam ao pé da escada e dois outros sobem até o patamar, postando-se diante da porta do quarto enquanto Dom Bosco entra sozinho.**

**Logo que ele entrou, quatro homens corpulentos, levantaram-se e cumprimentaram-no, esforçando-se por aparentarem um ar de amabilidade; Dom Bosco observou que eram gente de má catadura e que além disso estavam todos munidos de cacetes nada tranqüilizadores. Aproximou-se do leito, onde jazia uma senhora atacada de acessos de asma. Na verdade, para uma pessoa**

em perigo de morte a cor estava boa e até excessivamente viva.

Dom Bosco pediu aos circunstantes que se afastassem um pouco para ele poder falar com a doente mais a vontade e assim prepará-la para uma boa confissão.

- Então, minha senhora, está disposta a reconciliar-se com Deus?

- Naturalmente, respondeu ela com uma voz que estava bem longe de ser fraca; mas é preciso primeiro que esse malandro, esse patife que aí está e que é meu cunhado, me peça perdão do que me fez. E começou a vomitar uma torrente de injúrias.

- Cala-te, miserável infame! vociferou um dos presentes. E assim dizendo com um safanão atirou por terra a única vela que havia, ficando o quarto em completa escuridão. No mesmo instante Dom Bosco levou uma bordoada, que o teria matado certamente se não tivesse atingido o ombro.

Sem perder a calma, tomou uma cadeira e cobriu com ela a cabeça. As pauladas continuaram a descer cerradas sobre esse capacete improvisado que lhe protegia o crânio. Desse modo pôde chegar até a porta; pôs a mão no trinco, atirou a cadeira em cima dos que o tinham agredido e achou-se entre dois rapazes que o esperavam.

Tudo isso se tinha passado tal rapidez que eles não tinham tido nem tempo de tomar qualquer resolução.

Quando chegaram ao meio da rua, os rapazes viram aterrorizados que Dom Bosco estava coberto de sangue. Felizmente não tinha recebido ferimentos graves; somente por estar com as mãos expostas a segurar a cadeira sobre a cabeça, uma paulada lhe atingira o polegar esquerdo arrancando a carne até os ossos.

Nessas circunstâncias trágicas, Dom Bosco fazia todo o possível para ficar na defensiva e não se servir de sua força fora do comum nem da de sua guarda pessoal, para obrigar o inimigo a render-se. Uma vez porém teve de passar rapidamente para a ofensiva e o fez brilhantemente. Voltando tarde de Moncalieri, ia seguindo tranqüilo pela beira da estrada deserta, quando a certa altura percebeu que alguém o seguia com passos apressados. Voltou-se e viu um tipo com cara de malandro que estava querendo alcançá-lo. Achava-se ainda alguns metros atrás mas já vinha brandindo um pesado cacete, com a intenção evidente de assassinar a Dom Bosco. Este, porém, tirando o corpo habilidosamente, desviou-se e, quando o outro foi passando aplicou-lhe de lado um vigoroso empurrão. O malfeitor rolou na sarjeta, dando gritos de dor e chegou a ficar sem respiração, enquanto Dom Bosco, acelerando o passo conseguiu unir-se a um grupo de pessoas que iam mais na frente na direção de Turim. Junto deles estava salvo. "Ajuda-te que Deus te ajudará", diz o provérbio; até então o Céu tinha antecipado generosamente sua intervenção; nesse dia Dom Bosco achara que não era demais mostrar como sabia dar também sua inocente resposta.

E necessário acrescentar que Dom Bosco jamais deu parte desses atentados. Esquecia-se logo da injúria e continuava seu caminho. E depois, Dom Bosco não se iludia. Sabia muito bem que os verdadeiros culpados estavam muito no alto. Era inútil querer perturbá-los. Provocar um inquérito era perder tempo e dinheiro. Por detrás dos bastidores, onde eles armavam o braço dos fracos, estavam abrigados contra os rigores da justiça. A única vingança de Dom Bosco consistiu em redobrar o zelo na campanha da boa imprensa e em tornar suas publicações mensais e seus livros escolares cada vez mais adaptados ao povo. Para isto concorreu a precaução que ele sempre

teve de fugir de assuntos políticos e o tom singelo e vivo que soube comunicar a seus escritos.

## DOTES DO ESTILO DE DOM BOSCO.

Por princípio o Santo proibiu a si e aos seus que se escrevesse sobre assuntos políticos. "Gato escaldado, de água fria tem medo". Dom Bosco já tinha feito uma experiência durante alguns meses, assumindo a direção de um jornal que estava para morrer; mas tanto sua tranqüilidade como a sua ação sacerdotal e sua bolsa tinham sofrido muito. De sorte que prometeu nunca mais cair noutra. E manteve a palavra. "Num exército, costumava dizer, pode-se muito bem cooperar para a vitória sem estar na primeira linha".

As duas qualidades que ele procurou infundir em seus escritos foram a límpida simplicidade e a vivacidade. Sabe-se que Molière lia suas comédias à criada e só ficava satisfeito quando via que ela compreendia tudo. Pois bem, Dom Bosco lia suas páginas, a principio ao porteiro do Pensionato Eclesiástico e mais tarde à sua Mãe, mulher simples e analfabeta, mas de bom gosto e de critério seguro. Certos capítulos de seus livros foram totalmente refundidos: o julgamento de sua Mãe tinha sido desfavorável:

Um dia, para evitar repetições de palavras, Dom Bosco quis substituir o nome de São Pedro pelo de "porteiro do Céu". Para isso usou uma palavra um tanto rebuscada

"Clavígero celeste".

- Clavígero? interrogou Margarida. Onde é que fica esse lugar?

- Não, Mamãe, Clavígero não é nome de lugar nenhum. Quer dizer porteiro.

- Ah! Mas então por que é que você não põe porteiro?

- Quem escreve deseja ser compreendido, mas naturalmente deseja também ser lido. E para o conseguir não há como colocar na frase um como frêmito, algo que palpite, dê colorido e calor: vida, numa palavra. Dom Bosco parece que compreendia isto instintivamente. Para demonstra-lo basta observar dois de seus processos estilísticos: a velha figura de retórica chamada apóstrofe, com a qual interpela freqüentemente o leitor, e o uso abundante do diálogo. Não há nada que prenda tanto a atenção de quem lê como o dirigir-lhe ex-abrupto a palavra. E assim também o diálogo, quando feito com naturalidade, é vida, vida registrada precisamente à proporção que vai sendo vivida.

Dom Bosco escrevia como falava. E pela longa prática de tratar com meninos adquirira o dom de adivinhar qual a construção que devia dar à frase para atrair, não já pelos ouvidos mas pelos olhos a atenção da turba juvenil. Sua pena era sua palavra condensada. O livro era a continuação do púlpito. Aí está o grande segredo do êxito extraordinário que tiveram suas publicações.

## UM CÃO MISTERIOSO: O "GRIGIO"

**É necessário admitir que essas obras transtornavam os planos do inferno, porquanto bem freqüentemente a violência do obstáculo que surgia de improviso demonstrava que as forças dos abismos estavam protestando. Mas Deus reconheceu os méritos desse bom pastor, o qual, como o do Evangelho, velava assiduamente pelo rebanho e, apenas aparecia o lobo, dava imediatamente o alarme; e em momentos críticos mandou-lhe um defensor inesperado, que se revestia das aparências de um cão.**

**É uma característica da vida dos Santos: eles dispõem de um poder surpreendente sobre o mundo animal, e este se inclina dócil aos seus desejos e aos seus mandos. Basta lembrar o episódio do lobo de Gubbio na vida de São Francisco de Assis. Assim na vida de Dom Bosco vê-se emergir da sombra, ao lado do Servo de Deus, a cabeça amável de um cão, a que batizaram com o nome de Grigio[16] - em piemontês Z'gris, -por causa da cor do pêlo. Animal de raça toda original, cão desconhecido, sem beleza mas não sem farsa, cão que recusava abrigo e comida, que dormia quem sabe onde, cão cuja coleira não revelava nenhum dono, firme nas patas e de presas agressivas contra os bandidos que se postavam de emboscada na sombra com o punhal no bolso, mas amável como uma criança com os meninos do Oratório e de olhar bondoso e meigo quando olhava Dom Bosco.**

**Como é que este o conhecera? O trecho que ia das últimas casas habitadas até a de Dom Bosco era um trecho perigoso. Já sabemos que o Oratório se encontrava em pleno campo, no meio de terrenos baldios onde cá e acolá, surgia uma casa ou um albergue de péssima categoria. Terreno acidentado, atravessado pelo Rio Dora, e em que se encontravam a cada passo moitas espessas, plantações de amoreiras e de acácias. Precisamente por ser um terreno assim cheio de altos e baixos e com essa vegetação irregular, oferecia aos malfeitores o mais cômodo esconderijo para esperarem de emboscada as suas vitimas. Mamãe Margarida mais de uma vez tinha ficado sobressaltada ao ver que o filho tardava a voltar a casa. Que é que o poderia defender tarde da noite, naquele trecho tão perigoso? A Divina Providência veio em seu auxílio.**

**Numa noite de outono, apenas Dom Bosco passara além do manicômio que estava na extremidade da cidade, apareceu-lhe um molosso, que foi caminhando sempre a seu lado. O primeiro movimento de Dom Bosco foi dar um passo para trás assustado; mas depois que percebeu que o animal era muito dado e aceitava as carícias que lhe fazia, continuou tranqüilamente o caminho. Ao chegar ao Oratório o animal fez meia volta e partiu com passo tranqüilo. O fato se repetia todas as vezes que Dom Bosco tinha que voltar tarde para casa sem companhia; o fiel animal esperava-o numa curva da estrada ou numa encruzilhada solitária e lhe fazia a mais amável das companhias.**

**E essa companhia não deixou de ter sua utilidade mais de uma vez. Uma noite de inverno, Dom Bosco ia voltando para casa muito tarde. Ao passar pela avenida Regina Margherita, um homem, escondido detrás de uma árvore, descarregou-lhe a queima-roupa dois tiros de pistola. Felizmente detonou somente a cápsula. Então o assassino se atirou sobre Dom Bosco, para matá-lo quem sabe de que maneira. Mas nesse momento ouviu-se um uivo pavoroso e um animal saltou furiosamente contra o agressor. O celerado mal conseguiu fugir, enquanto Dom Bosco, voltando a si do susto que levara, acariciava com gratidão o pêlo do fiel amigo.**

**Doutra feita numa rua escura das imediações da Consolata, Dom Bosco viu que o precediam dois homens de má catadura, os quais - era evidente - regulavam o passo pelo seu. "Estou bem arranjado"! pensou Dom Bosco; e voltou atrás para entrar de novo na cidade e pôr-se a salvo de qualquer perigo. Ao ver isso os dois precipitaram-se por cima dele e lhe cobriram a**

cabeça com um saco. Dom Bosco, à custa de movimentos rápidos e enérgicos, conseguiu desembaraçar-se dessa capa indesejável, mas então o mais robusto dos dois amordaçou-o tão rigorosamente que foi impossível gritar por socorro. Estava para cair completamente nas mãos dos malfeitores, quando se ouviu pertinho um terrível latido: era o Grigio. Num bater de olhos livrou o dono e este, desvencilhando-se da mordaça, viu um dos opressores fugir a toda a brida, enquanto o outro atirado por terra, estava completamente dominado pelas presas do animal que o agarrara pela garganta. "Chame o seu cão", gritava desesperado, chame-o depressa".
- "Se o senhor prometer que vai andar direito daqui por diante". -
"Prometo tudo o que o senhor quiser",disse o malfeitor que já não agüentava mais. Então Dom Bosco chamou o animal e ele soltou a presa. O bandido fugiu vertiginosamente.

Noutra circunstância o bom cão dominou toda uma quadrilha. Dom Bosco tinha penetrado na alameda deserta, que, acompanhando as últimas casas da cidade, o conduzia do Mercado de Porta Palazzo à sua habitação. Era noite adiantada. De repente apontou num canto escuro um indivíduo, que avançou para ele brandindo um cacete. Dom Bosco, nessa idade, corria ainda muito bem, mas o agressor o alcançou. Dom Bosco então, passando decididamente para a ofensiva, como fizera em Moncalieri, aplicou-lhe um formidável soco na boca do estômago, e o fez cair por terra gritando de dor.

A esse grito, surgiram de todas as moitas vizinhas indivíduos que estavam de atalaia para aparecer em caso de necessidade. Dom Bosco se viu perdido; mais alguns segundos e o teriam assassinado... se não fosse o latido do Grigio que se fez ouvir de repente. Em poucos saltos ei-lo presente. Pôs-se a girar para lá e para cá em redor de Dom Bosco uivando de modo terrível, mostrando uns dentes que faziam arrepiar. E os malfeitores, um a um, se dispersaram nos campos vizinhos.

Curioso esse animal, cujo procedimento variava conforme as circunstâncias. Uma tarde, em vez de escoltá-lo na forma costumeira, impediu decididamente que Dom Bosco saísse de casa. Estendeu-se na soleira. da porta e não houve o que pudesse obrigá-lo a sair. Foi a primeira vez que mostrou os dentes para o seu dono; e viu-se que, se fosse preciso, tê-lo-ia empurrado com toda a força do peito para dentro de casa. Antes de chegar a esse extremo, contentava-se de rosnar com os dentes bem cerrados. "Se não quer ouvir a mim, atenda ao menos a esse animal que está demonstrando mais juízo do que você" disse Margarida ao filho. Dom Bosco atendeu.
E foi bom, porque de aí a menos de um quarto de hora chegou um vizinho dizendo que não se afastasse de casa de maneira alguma, porque tinha surpreendido uma conversa na qual se falava evidentemente de um atentado que lhe estavam preparando.

Noutra tarde o cão apareceu no pátio do Oratório e todos foram fazer-lhe festa. Ele porém, com ar melancólico e resignado, mostrava-se completamente passivo. Pulavam-lhe por cima, puxavam-lhe o pêlo e as orelhas e não se mexia; finalmente levaram-no ao refeitório, onde Dom Bosco estava terminando sua frugal refeição.

- Ah! Grigio! meu velho Grigio! Que é que vieste fazer?

O cão aproximou-se a esse chamado, pôs o longo focinho em cima da mesa, olhou com ar de satisfação para Dom Bosco e não se mexeu.

- Que estás fazendo, meu velho? Queres uma fatia de polenta? Ou então este pedaço de queijo?

Mas o cão parecia não entender.

**- Então, se não queres nada, vai para tua casa, vai dormir**

**- Grigio lançou um último olhara Dom Bosco, voltou as costas e foi-se.**

**Depois refletiram e compreenderam o porquê da visita. Dom Bosco deveria voltar tarde do palácio de seus bons amigos Fassati; mas o Marquês o tinha reconduzido a casa muito mais cêdo, de carruagem. O Grigio se tinha postado de atalaia e, vendo que ele não passava, quis certificar-se se já tinha entrado em casa.**

**Enfim, quando desapareceram as perseguições violentas, o Grigio não se apresentou mais. Conta-se que anos mais tarde numa noite em que Dom Bosco, não tendo encontrado carro, ia a pé de Ventimiglia para Bordighera, acompanhado por um de seus sacerdotes, o animal apontou de novo latindo no meio da escuridão e o reconduziu aonde o esperavam.**

**De aí por diante nunca mais se viu o simpático mastim, que a Providência enviara para velar sobre a existência do Servo de Deus e protegê-lo dos vagabundos subornados pelos infames aos quais os seus .escritos tinham desagradado.**

## CAPÍTULO VII

## FUNDADOR DE CONGREGAÇÕES

**Índice**


**NECESSIDADE DE COLABORADORES.
TENTATIVAS.**

**PRIMEIRO ENCONTRO COM MIGUEL
RUA. UM GRUPO QUE PERSEVERA.**

**PRIMEIRA CONFERÊNCIA
ESPIRITUAL DE DOM BOSCO A SEUS JOVENS
COLABORADORES.**

**PRUDÊNCIA DE DOM BOSCO A
RESPEITO DA VIDA RELIGIOSA.**

**PORQUE O NOME DE "SALESIANOS",**

**NOVICIADO «DISFARÇADO».
PROFISSÃO DE MIGUEL RUA.**

**OUTROS IMITAM A MIGUEL FLUA.
PRUDÊNCIA DE DOM BOSCO.**

**PRIMEIRO ESBOÇO DAS REGRAS.**

**VOZES QUE O ENCORAJAM.**

**DOM BOSCO APRESENTA AO PAPA O
MANUSCRITO DAS REGRAS.**

**DESPEDIDA COMOVENTE. PRIMEIRO «CAPÍTULO» SUPERIOR DOS SALESIANOS.**

**PRIMEIROS 25 NOVIÇOS. PRIMEIROS VOTOS. DISCURSO PROFÉTICO DE DOM BOSCO.**

**NOVAS INSTÂNCIAS PARA APROVAÇÃO DAS REGRAS. O «DECRETUM LAUDIS».**

**O ASSUNTO DAS DIMISSÓRIAS.**

**SEGUNDA VIAGEM A ROMA PARA A APROVAÇÃO DA SOCIEDADE (1867).**

**A QUESTÃO DAS DIMISSÓRIAS E O NOVO ARCEBISPO DE TURIM.**

**SEMPRE DIFICULDADES. NOVA VIAGEM A ROMA (1869).**

**INSISTÊNCIAS E MILAGRES CONSEGUEM ENFIM A APROVAÇÃO (1° DE MARÇO DE 1869).**

**DIFICULDADES DA AUTORIDADE DIOCESANA CONTRA DOM BOSCO.**

**MAIS DUAS VIAGENS A ROMA.**

**FINALMENTE SÃO APROVADAS AS REGRAS, GRAÇAS À INTERVENÇÃO DE PIO IX.**

**CONVÉM FUNDAR UMA CONGREGAÇÃO FEMININA?**

**MARIA MAZZARELLO E AS HUMILDES ORIGENS DAS «FILHAS DE MARIA AUXILIADORAS».**

**PRIMEIRA SUPERIORA GERAL. PRIMEIROS VOTOS. NOME DA CONGREGAÇÃO.**

**PROFECIA DE DOM BOSCO SOBRE A MARAVILHOSA FECUNDIDADE DESSA CONGREGAÇÃO.**

**UMA ORDEM TERCEIRA MODERNA: OS COOPERADORES SALESIANOS.**

**RAZÕES QUE JUSTIFICAM A COLABORAÇÃO DOS LEIGOS.**

**SERVOS DE DEUS QUE JÁ SAÍRAM DESTA FAMÍLIA PRODIGIOSA.**

## CAPÍTULO VII

## FUNDADOR DE CONGREGAÇÕES

**NECESSIDADE DE COLABORADORES.**
**TENTATIVAS.**

**AÍ pelo ano de 1854, no tempo em que Dom Bosco tudo fazia para conseguir colaboradores impregnados de seu mesmo espírito, um amigo lhe perguntou**

**- Por que desejas tantas batinas? Afinal três oratórios na cidade não são uma coisa do outro mundo. Para eles basta um dúzia de clérigos.**

**- A necessidade que tenho desses colaboradores o senhor não vê, mas eu vejo. Não se preocupe.**

**- Mas para que vão servir todos esses clérigos?**

**- O senhor verá, deixe estar. Basta ter um pouco de paciência.**

**Seus cálculos eram justos e sua resposta acertada, porque sabia por mensagem celeste qual o futuro a que estava chamada a sua obra. Aliás, dentro de poucos anos, os acontecimentos irão realizar suas previsões: em 1863 abrirá em Mirabello o primeiro colégio de Turim: depois um segundo em Lanzo em 1865; um terceiro em Cherasco, em 1869, o qual se transferirá mais tarde para Varazze; e uma vez começadas, as fundações não hão de parar mais. Como veremos, dentro de 25 anos atravessarão espaços prodigiosos e superarão todos os obstáculos. Era portanto necessário, e com a maior urgência possível, que se pensasse nesse período de expansão e se preparassem úteis auxiliares.**

**Desde 1842, desde o Pensionato Eclesiástico, Dom Bosco tinha pensado nisso. Entre os seus alunos tinha escolhido alguns aos quais ensinara pacientemente os primeiros rudimentos de latim. A esperança era pouca. A vocação dos meninos, não muito clara. Mas tentar não faz mal. O resultado foi um desastre. Esses primeiros alunos o abandonaram um depois do outro e foi preciso recomeçar do principio.**

**Mais outras duas vezes Dom Bosco tentou a experiência com o mesmo resultado infrutífero. Voltou-se então para àqueles bons sacerdotes do clero de Turim, que já lhe prestavam tão generosa colaboração, e tentou fundar com eles um embrião de comunidade; mas não conseguiu. Aquela vida comum, com sua frugalidade, com a sua penúria e sua limitação de liberdade assustou-os. Voltou, então, à primeira idéia e procurou entre os alunos do seu Oratório algum possível candidato ao sacerdócio; em julho de 1849, tinha escolhido quatro. Eram aprendizes dos quais o mais instruído concluíra o curso primário e os outros três sabiam ler e escrever o próprio nome,**

**- Vocês gostariam de ser meus ajudantes no Oratório?**

**- Em que é que poderíamos ajudá-lo?**

**- Ora, a levar avante o Oratório. Eu lhes farei completar o curso primário, depois lhes ensinarei latim, e, se Deus o permitir, talvez um dia vocês poderão ser padres também. Gostariam?**

**- Se gostaríamos! E desde aquele dia os quatro deixaram o ofício e se fizeram alunos de Dom Bosco. A história lhes conservou o nome:**

Gastini, Buzzetti, Bellia, Reviglio.

Puseram-se ao trabalho com ardor nunca visto; e nem nas férias descansaram. Foi um trabalho de 18 meses contínuos para desbastar aqueles espíritos não muito dóceis. Um sacerdote amigo o ajudava, mas a maior parte das aulas era ele próprio quem dava e de um modo eminentemente prático. Um de seus biógrafos, falando desses cursos intensivos, usa uma expressão que revela em Dom Bosco uma intuição pedagógica que precede de sessenta anos os métodos hodiernos: "na aula nunca se abria a gramática senão para resolver alguma dúvida que surgia quanto ao texto latino".

Com tal método, Dom Bosco dentro de um ano e meio levou seus alunos à Retórica e no dia 2 de fevereiro de 1851, com a aprovação escrita de seu Arcebispo, então exilado em Lião, deu-lhes o hábito clerical. Mas infelizmente essa quarta tentativa ia ter o mesmo resultado das demais. De pois de completar os cursos de Filosofia na Universidade de Turim, esses primeiros quatro ajudantes de Dom Bosco o abandonaram: dois deixaram a batina pouco mais tarde e dois outros entraram no Seminário de suas dioceses.

## PRIMEIRO ENCONTRO COM MIGUEL RUA. UM GRUPO QUE PERSEVERA.

Dom Bosco não desanimou. Pela quinta vez tentou a mesma coisa e finalmente triunfou. Muitas vezes passando pelo grande mercado de Porta Palazzo, encontrava-se com um rapazinho de dez anos que se dirigia para o colégio dos Irmãos das Escolas Cristãs, que ficava ali perto. Uma vez o menino lhe pediu um santinho, e Dom Bosco, em vez de lho dar estendeu a mão esquerda bem aberta e com a direita fez o gesto de cortá-la pelo meio, dizendo: "Toma, Miguelzinho" E o menino se afastou perguntando a si mesmo: "Que será que ele quer dizer com isso"?

Cinco anos mais tarde, no dia em que Miguelzinho recebia em Becchi, o hábito talar na presença de Dom Bosco, estava decifrado o enigma. "Caro Miguelzinho, de aqui por diante trabalharemos juntos: metade para cada um". E Miguel Rua - era o seu nome - não teve mais dúvidas.

A eles se uniram outros meninos: Cagliero, Francesia, Turchi, alunos do Oratório ou camponesinhos do interior. Com essa turma pôde iniciar o curso de latim. Dom Bosco, que já tinha demasiadas ocupações, vigiava somente o andamento dos estudos. Quem lhes dava aula eram o professor Bonzanino e o Padre Picco, esses dois ótimos amigos de Dom Bosco, que, como já vimos, tinham posto à sua disposição as suas escolas.

## PRIMEIRA CONFERÊNCIA ESPIRITUAL DE DOM BOSCO A SEUS JOVENS COLABORADORES.

Uma data importante: 5 de junho de 1852. Era um sábado. Pela primeira vez, depois das orações da noite, Dom Bosco reuniu em sua ante-câmara os seus discípulos. Parecia uma simples conferência espiritual; mas na realidade era um marco que ele estava plantando. Quantos outros deveria plantar antes de chegar ao fim da estrada, que ia ser longa, muito longa, interrompida por um sem número de obstáculos! Mas ninguém nem coisa nenhuma iriam fazê-lo parar no caminho, porque sabia que se deveria tornar Bater multarum gentium - pai de uma numerosa família - e

iria penetrar em todo o mundo.

Era já um enorme merecimento o simples tentar tal empresa : pois nunca e em nenhuma época se tinha visto tanto descrédito contra o hábito e a vida religiosa no Piemonte. Já dissemos como a imprensa oficiosa, precursora de uma legislação agnóstica, desencadeava lufadas de um vento anticlerical; estavam-se preparando leis que iriam causar um mal imenso à idéia cristã; a batina era olhada com antipatia, mas principalmente o hábito dos frades. Um preconceito popular, que se procurava manter cuidadosamente, dava um sentido odioso às palavras: noviciado, profissão religiosa, votos, congregação. Pouco se fazia para encaminhar moços ao sacerdócio, e menos ainda para encaminhá-los aos claustros. Ao redor de Dom Bosco não havia portanto senão ruína. Mas dentro de sua casa, na penumbra, ia germinar uma nova vida.

## PRUDÊNCIA DE DOM BOSCO A RESPEITO DA VIDA RELIGIOSA.

Foi com extrema prudência que Dom Bosco deixou cair na alma de seus filhos as primeiras sementes da messe futura. Uma palavra imprudente, uma alusão demasiado clara, a revelação completa de seus planos logo no princípio teria bastado para afastar aquelas vontades tão decididas. Começou portanto pedindo só isto: que fossem seus ajudantes. Nada mais. Suas humildes conferências de domingo tratavam, é verdade, das virtudes cristãs e religiosas. Mas, quando Dom Bosco expunha a beleza delas para infundir o desejo de praticá-las, parecia não pretender outra coisa senão formar em seu derredor, por meio de sua ação benéfica, auxiliares dedicados. Era um método idêntico ao que empregara Jesus nas suas relações com os Apóstolos, método de revelação progressiva, que manifesta o fundo do pensamento aos poucos, isto é, à medida que as almas estão preparadas para recebê-lo e as mentes já são capazes de compreendê-lo.

Durante muitos anos, enquanto as circunstâncias o permitiram, domingo à noite, depois das orações, o Santo continuou esse trabalho de formação lenta. Seus primeiros discípulos iam-se tornando grandes: Rua recebera o hábito talar no dia 3 de outubro juntamente com Rocchetti; logo se lhes seguiram outros: Cagliero, Francesia, Bonetti; era um pequeno "estado maior" que se ia formando ao redor do chefe e parecia prometer perseverar; de um mês para outro o núcleo aumentava e de semana em semana a idéia do Santo ia tomando forma e se ia definindo cada vez melhor e ia plasmando aqueles corações segundo o ideal desejado.

## PORQUE O NOME DE "SALESIANOS",

No ano de 1854, precisamente no dia 26 de janeiro, durante a novena da festa de São Francisco de Sales, esses jovens recrutas tomam um nome: vão chamar-se de aí por diante "Salesianos". Aqui vai o registro do batismo, tal qual se encontra no canhenho do Padre Rua

"Na noite de 26 de janeiro de 1854, reunimo-nos no quarto de Dom Bosco. Estavam presentes, além de Dom Bosco, Cagliero, Rocchetti, Artiglio e Rua. Foi-nos proposto que começássemos com o auxílio de Deus um período de exercício prático de caridade para com o próximo. No fim desse período poderíamos ligar-nos com uma promessa e mais tarde essa

promessa se poderia transformar em voto. A partir dessa noite, deu-se q nome de Salesianos a todos os que adotaram esse gênero de apostolado".

Salesianos, discípulos de São Francisco de Sales. Assim queria Dom Bosco que se chamassem. E por que? -- Por muitos motivos.

Antes de tudo, vinha de muito longe a intenção de colocar todos os seus trabalhos apostólicos sob a proteção do suave Bispo de Genebra. Quando apenas esboçava seu primeiro Oratório nos pátios do Pensionato Eclesiástico, já sonhava, de acordo com seus amigos Cafasso e Borel em dar-lhe como protetor São Francisco de Sales.

Desse seu culto ao futuro Doutor da Igreja compartilhava sua benfeitora, a Marquesa de Barolo, a qual, ou instigada por ele ou ao menos encorajada pelo seu zelo, estava pensando havia muito tempo em fundar uma sociedade de sacerdotes, sob o patrocínio de São Francisco de Sales. Por isso ao pé da escada da casa em que habitavam os três capelães de seu Orfanato Feminino, Padre Borel, Padre Pacchiotti e Dom Bosco, tinha feito pintar o medalhão do Santo Bispo. O tempo não poupou essa pintura, mas ainda se percebem alguns vestígios.

Além disso os tempos eram péssimos para o pensamento católico. Três grandes heresias redobravam seu ardor para atrair as almas: o liberalismo, o protestantismo, e o jansenismo, este veneno que jamais se conseguira extirpar de uma vez das profundezas da alma cristã. São Francisco de Sales, o homem de todas as controvérsias doutrinais, o modelo do polemista cortês e bem preparado, o primeiro a lançar opúsculos entre o povo, o apóstolo da palavra incansável, parecia a Dom Bosco o mais indicado para inspirar a sua congregação, pois o fim que ele desde aquele tempo lhe apontava era o da ação em defesa da verdade católica, com a palavra e com a pena, com os sermões, as conferências, a imprensa.

Finalmente ao dar a seus filhos o nome do Bispo de Genebra, o mais amável dos homens de seu século, queria que esse espírito de doçura, de paciência e de caridade confiante lhes inspirasse as obras e os métodos. Atrair as almas com a bondade, o sacrifício, a compenetração dos corações, a efusão da alegria cristã, para podê-las levar a Deus com toda a naturalidade num segundo momento: eis o grande meio de conversão de que se serviu o Apóstolo do Chablais. São João Bosco, lendo-lhe as obras e a vida, roubara-lhe o segredo. E assim achou que não podia fazer coisa melhor do que colocar diante de seus filhos, como padroeiro, guia e modelo, o Santo cujo nome iam adotar. Pois desejava que todo o êxito do trabalho educativo dos "salesianos" fosse devido a essa bondade conquistadora.

## NOVICIADO «DISFARÇADO». PROFISSÃO DE MIGUEL RUA.

Ia começar, em caráter privado, para os recrutas recém batizados com o nome de salesianos a prova do noviciado. As palavras "noviço" ou "noviciado", porém, não se pronunciavam, porque ainda havia muita prevenção contra elas. Um ano mais tarde, ao encerrar-se o dia da Festa da Anunciação, 25 de março de 1855, no quarto do Santo, o clérigo Rua, que estava cursando o segundo ano de filosofia, pronunciava seus primeiros votos anuais, nas mãos de Dom Bosco. Foi uma cerimônia silenciosa; um sacerdote de pé, diante do crucifixo, ouvindo o clérigo que de joelhos pronunciava uma fórmula; testemunhas não havia; nem sequer, para a ocasião, a mais humilde sobrepeliz da mais modesta função. Nada!

E contudo, dentro daquelas quatro paredes estava nascendo algo de muito grande. Era toda uma Congregação Religiosa que começava a desdobrar as asas. É a origem humilde e obscura das obras em que Deus põe suas melhores complacências!

O jovem clérigo Rua, que naquele momento, ao pronunciar seu tríplice voto, não pensava senão em dedicar-se a Dom Bosco como seu ajudante em todos os momentos, não suspeitava sequer de longe o grande papel que ia exercer ao lado do Santo. Dom Bosco tinha visto claro: esse clerigozinho de 16 anos era chamado pelo céu para compartilhar com ele todos os cuidados da Obra, da Congregação, do futuro. "Trabalharemos juntos, Miguelzinho; metade para cada um" lhe havia dito. E de fato ia ser assim. Para vencer os mil obstáculos que iriam levantar diante de sua ação, para aliviar-lhe em parte os ombros do peso das responsabilidades sempre maiores, para substituí-lo em caso de ausência, ou de enfermidade, mandava-lhe a SS. Virgem - Pastora de seu rebanho - esse auxiliar precioso. Não é exagero afirmar que sem Miguel Rua, Dom Bosco não teria podido atuar todos os seus planos. Ele encarnou de tal maneira o pensamento do Fundador, reproduziu tão fielmente o seu espírito, que um dia Dom Bosco teceu este elogio de seu primeiro discípulo: "Se Deus me dissesse: chegou tua última hora; escolhe um sucessor que não permita que tua obra pereça e pede-me para ele todos os dons e todas as graças que achas necessário, eu ficaria bem embaraçado, pois não saberia que coisa pedir a Deus que já não exista no Padre Rua".

## OUTROS IMITAM A MIGUEL FLUA. PRUDÊNCIA DE DOM BOSCO.

Depois do clérigo Rua, dentro de intervalos mais ou menos longos, outros depuseram também suas promessas nas mãos de Dom Bosco. Hoje Cagliero, amanhã Albera, depois Bonetti, um depois do outro iam ligando-se com esses votos. Chegará o dia em que todos reunidos, oficialmente, oferecerão ao Pai a homenagem de sua juventude, por meio de votos públicos, pronunciados na presença de testemunhas, com certo aparato; mas atualmente é ainda unidade por unidade que se vai reforçando o núcleo dos auxiliares de Dom Bosco. A natureza não caminha aos saltos, mas sim por meio de uma transição insensível, como diz o velho adágio latino: natura non facit saltus. Dom Bosco imitava a natureza: por etapas sucessivas, em preparações lentas, com passo medido e constante, o Fundador ia avançando até a meta preestabelecida. As demoras não o inquietavam; era preciso evitar a precipitação e principalmente era necessário tomar os homens como eram, sem desanimar.

Mais tarde, em 1875, quando logo após a aprovação definitiva de Roma, ele perceber que a Congregação Salesiana está estabelecida de uma vez, então relembrará os anos heróicos, sem dúvida, mas um pouco perturbados que atravessou, recordará a miséria dos inícios, a pobreza dos elementos com que trabalhava, os múltiplos defeitos desses primeiros colaboradores que escolhera, e dará graças ao Céu por ter tido paciência, por não ter querido reformar tudo de uma vez, por ter tratado a humanidade humanamente. Eis aqui uma confidência simples e sugestiva que caiu dos lábios do patriarca já sexagenário

"Há ainda entre vós quem se recorda dos primeiros tempos do Oratório? Quantas coisas devagarzinho, insensivelmente se foram consolidando, foram melhorando! Dom Bosco então estava sozinho, ou quase sozinho. Tinha que fazer tudo: ensinar de dia, ensinar de noite, escrever livros, pregar,

assistir, procurar meios para se viver. Estávamos longe de poder dizer que era o "ideal". Havia desordens

desavenças de clérigos que não combinavam sobre o modo de fazer o bem; disputas literárias ou teológicas que passavam além de simples discussões; barafunda no salão de estudo quando os alunos não estavam. Muitos pela manhã eram capazes de não levantar-se da cama; outros não desciam para a aula e nem sequer avisavam o Superior. Rezava-se junto com os alunos, mas não se fazia leitura espiritual. Eu bem notava todas essas desordens; de vez em quando avisava a um ou outro, mas no mais das vezes deixava que as coisas seguissem seu caminho, já que não havia ofensa de Deus. Se eu tivesse querido extirpar de uma vez todos àqueles defeitos, teria sido necessário despedir todos os alunos e fechar a casa, porque jamais aqueles clérigos se teriam adaptado a esse teor de vida. Além de que, soprava na atmosfera um vendaval de independência que tornava bem difícil dar ordens. Já nem digo nada dos múltiplos atrativos que podiam afastar de mim mais de um deles e orientá-los para o clero secular, ou das imperiosas insistências das famílias que prefeririam ver essas vocações colocadas na Diocese. Que prudência que era preciso usar! Eu procurava que nada lhes faltasse, pois eram dotados de tantas boas qualidades. Eram levianos; mas tão trabalhadores, de tão bom coração, de moralidade tão sólida! Eu pensava assim: depois de se apagar esse fogo de juventude, serão auxiliares preciosos. E não me enganei, porquanto os melhores salesianos de hoje são provenientes dessas primeiras turmas. Mas se eu lhes tivesse querido impor qualquer restrição, ter-me-iam abandonado naqueles tempos. Se eu tivesse pretendido a perfeição, não teria conseguido nada ou teria contado apenas uns cinqüenta ou cem alunos".

## PRIMEIRO ESBOÇO DAS REGRAS.

As restrições postas à atividade em efervescência dos primeiros "filhos" eram as regras da nova congregação, vínculos que juntamente com os santos votos, iriam unir fortemente essa milícia a seu chefe. Havia muito tempo que Dom Bosco estava pensando em organiza-las; finalmente em 1855 traçou um primeiro esboço. Para compila-las serviu-se de três fontes: em primeiro lugar teve sob os olhos as constituições das várias ordens religiosas: Jesuítas, Rosminianos, Oblatos de Nossa Senhora, Redentoristas; além disso pediu conselhos a, várias pessoas competentes; mas especialmente serviu-se do tesouro de sua memória. As Regras, como dirá ele mais tarde a Pio IX, não são mais que a transcrição fiel de vinte anos de prática, são simplesmente a vida codificada. O autor delas não partiu de um "a priori". Viveu a realidade dos fatos e depois condensou em artigos tudo o que a sábia seleção da experiência tinha aprovado. Em 1857 estavam prontas.

## VOZES QUE O ENCORAJAM.

Tudo estava portanto quase maduro para o gesto audaz fundar oficialmente, no momento menos indicado, uma Congregação. Esse tinha sido o sonho de toda a sua vida e mais de uma voz autorizada lhe dizia que devia realiza-lo. Assim por exemplo o Padre Cafasso, seu confessor, lhe dizia: "Funde uma congregação, caro Dom Bosco, se quiser que sua obra se estabeleça de maneira definitiva". Seu Arcebispo, Mons. Franzoni, que se achava exilado em Lião, não pensava diversamente; e lhe sugeria que fosse a Roma, para se aconselhar com Pio IX, sobre tão importante questão. O

Teólogo Borel, braço direito de Dom Bosco, era de opinião idêntica. Todos insistiam para que ele providenciasse o modo de sobreviver a si mesmo. No entanto, para induzi-lo, senão a agir, pelo menos a começar sem mais delongas, foi necessário um conselho vindo de onde menos se esperava: do homem que como Ministro da Justiça na Itália em 1855 tinha apoiado as primeiras leis contra os religiosos; do homem que em 1865, como Ministro do interior e Presidente do Conselho iria expulsa-los de uma vez dos Estados Sardos : Urbano Ratazzi.

Ratazzi dedicava a Dom Bosco desde longa data uma profunda estima. Ele é que tinha concedido ao Santo em 1855 a originalíssima licença de levar a passeio, sem nenhuma escolta, os jovens prisioneiros da Generala.

Pois bem: em 1857 disse um belo dia a Dom Bosco: Meu prezado Dom Bosco, eu lhe desejo uma vida muito longa para que se possa dedicar à educação e instrução de tantos pobres meninos. Mas V. Rev.ma não é imortal. Que acontecerá com sua obra o dia que falecer? Já pensou nisso?

Como Dom Bosco fixava o Ministro sem responder, ele continuou

- V. Rev.ma deveria ligar a si mais intimamente alguns dos moços e dos clérigos que o ajudam a disciplinar e instruir a juventude de Valdocco, comunicar-lhes o seu método e o seu espírito e enfim reuní-los numa sociedade que seja o prolongamento de sua pessoa.

- Excelência, respondeu Dom Bosco, sorrindo, está me falando de congregação, quando a lei...

- Ora! A lei, atalhou imediatamente o homem de estado, conheço-a muito bem e sei perfeitamente qual é o alcance dela. O que ela quer excluir é a mão morta, são as velhas ordens postas à margem da lei. Mas V. Rev.. ma organize uma sociedade cujos membros conservem seus direitos civis, submetam-se às leis do Estado, paguem pessoalmente os impostos, uma Sociedade enfim que não passe de uma associação de cidadãos livres que vivem em comum para uma finalidade beneficente, e eu lhe garanto que não há governo sério e regular que possa pôr-lhe empecilhos. Pelo contrário, se for um governo justiceiro, oferecer-lhe-á proteção como a todas as outras sociedades, quer sejam comerciais, industriais ou de mútuo socorro. Pode portanto tomar tranqüilo sua decisão. V. Rev.ma terá o apóio do Estado e do Rei, porque se trata de uma obra humanitária de primeira ordem.

Pois bem, Excelência, respondeu Dom Bosco, vou pensar nisso então.

## DOM BOSCO APRESENTA AO PAPA O MANUSCRITO DAS REGRAS.

E pensou de fato. Pensou tão seriamente que no dia 18 de fevereiro de 1858, de manhã, acompanhado pelo clérigo Rua, e munido de uma carta de apresentação de seu Arcebispo, punha-se a caminho de Roma, levando na mala uma cópia muito elegante do texto das futuras regras da Congregação.

No dia 9 de março obteve a primeira audiência pontifícia. Pio IX mostrou-se-lhe de uma bondade extraordinária. Fez o Apóstolo de Turim falar de todas as suas empresas e ficou impressionado perante o maravilhoso desenvolvimento delas.

- Quanta coisa iniciou V. Rev.ma, meu bom Padre! Exclamou Pio

**IX. Mas, e quando morrer como irá terminar tudo isso?**

**Essas palavras tiraram-no do embaraço. Dom Bosco aproveitou logo e respondeu**

**- Santíssimo Padre, pois eu vim a Roma precisamente para falar sobre o assunto. Desejaria que V. Santidade me ajudasse a fundar uma congregação que fosse compatível com o nosso tempo. E expôs sumariamente seu modo de ver e os planos que tinha.**

**"Compile portanto as regras dessa sociedade religiosa, respondeu Pio IX, depois de ter ouvido com toda a benevolência e atenção, e faça-o segundo esse espírito. Por um lado a Congregação deve ter uma estrutura que a livre de ser molestada por um governo imbuído de certos princípios em voga. Mas por outro, é preciso que haja não simples promessas, mas votos - votos simples, naturalmente que liguem os membros entre si e com o seu superior. Para poder ter plena confiança em seus súditos, é preciso que eles sejam uma força posta ao lado de V. Rev.ma. Finalmente, é necessário que as regras dessa sociedade - pois eu preferiria que se chamasse Sociedade antes que Congregação - sejam fáceis de se observar: nada de extraordinário no hábito de seus religiosos, nada que chame a atenção do mundo nos seus exercícios de piedade. Em uma palavra faça de cada um de seus salesianos um verdadeiro religioso da Igreja de Deus e ao mesmo tempo um cidadão no meio da sociedade com todos os seus direitos. O problema não é fácil de resolver, bem sei. V. Revma o estude e depois me apresente o fruto de suas reflexões".**

**Doze dias depois, a 21 de março, o Santo foi de novo admitido a uma audiência pontifícia e teve a consolação de colocar nas mãos do Santo Padre o manuscrito das Regras, modificadas segundo as orientações recebidas. Essa entrega representava o primeiro dos passos oficiais que Dom Bosco deu para obter de Roma a aprovação da Sociedade e de suas Regras. Quantos outros deveria dar, e quantas fadigas suportar, quantas lutas teria que sustentar, quantos auxílios suplicar, quantos preconceitos destruir antes de chegar à meta! Mas o grande passo estava dado e Dom Bosco voltou para Turim intimamente satisfeito.**

## DESPEDIDA COMOVENTE. PRIMEIRO «CAPÍTULO» SUPERIOR DOS SALESIANOS.

**Dom Bosco nem supunha que teria de esperar ainda dezesseis longos anos antes da aprovação definitiva. Tanto que dentro de um ano passou decididamente da fase dos ensaios, das tentativas tímidas, das palavras meio veladas e dos desejos íntimos, à fase das realizações. O dia 9 de dezembro de 1859 é uma data que assinala na história da Congregação Salesiana o princípio de uma nova era: o Santo deixa a atitude reservada e revela o seu plano. Na reunião semanal de domingo à noite declarou, não sem comoção, aos seus jovens ouvintes que tinha chegado a hora de tomar posição a respeito da idéia que vinha acalentando em seu coração fundar a Congregação Salesiana. Ela já existia em germe; muitos dos que o estavam ouvindo já pertenciam a ela espiritualmente, outros por meio de promessas feitas em particular; o Papa abençoava e aprovava a nova forma de vida; já estava constituído um corpo de Regras e essas regras já todos estavam praticando livremente; tratava-se somente agora de saber se essa instituição poderia sair finalmente do campo do mistério em que se conservava até então, se poderia tomar um nome oficial, confessar abertamente sua finalidade, e contar com membros decididos. "Deixo-vos oito dias de prazo para refletir, disse Dom Bosco no fim; de aqui a uma semana quem não se**

apresentar para esta reunião quer dizer que não pretende alistar-se na Sociedade".

Nove dias depois, no dia 18 de dezembro, só faltaram dois. Elegeu-se então logo o Conselho Superior da nova congregação. Dom Bosco ficou como Superior Geral tendo ao lado como prefeito o Padre Alasonatti, sacerdote do clero diocesano que se tinha consagrado a ajudar Dom Bosco; como diretor espiritual o subdiácono Miguel Rua; como ecônomo o clérigo Ângelo Sávio; como conselheiros os clérigos Cagliero, Bonetti e Lazzero.

## PRIMEIROS 25 NOVIÇOS. PRIMEIROS VOTOS. DISCURSO PROFÉTICO DE DOM BOSCO.

Passaram-se seis meses. Em junho de 1860 provavelmente para conseguir que Roma apressasse o exame das Regras, o Santo escreveu a Lião, pedindo ao Arcebispo que desse seu parecer sobre elas e sugerisse as correções necessárias. A carta que acompanhou o texto das regras foi assinada por 25 noviços da Congregação. Na reunião dessa tarde, depois de ter posto na carta as suas assinaturas, todos aqueles jovens pronunciaram este juramento solene que é a expressão do espírito que os animava e de sua adesão à Sociedade

> "Se por infelicidade, em vista dos tempos difíceis que atravessamos, formos impedidos de fazer os votos, cada. um de nós toma o compromisso de, em qualquer lugar que se encontre, mesmo que os companheiros estejam dispersos pelo mundo, mesmo que reste só dois, mesmo que fique um só, trabalhar para reconstituir esta Sociedade e observar-lhe as regras na medida em que for possível".

Jovens assim pareciam bem maduros para dar o passo decisivo e emitir os primeiros votos formais. Mas o Santo não pensava do mesmo modo; passou dois anos empenhado em formar-lhes a alma segundo o seu espírito e a sua semelhança. Percebia que estava talhando as pedras fundamentais e, como queria que o edifício pudesse desafiar os vendavais e os anos, trabalhava-as lentamente com amor e com cuidado.

Finalmente, a 14 de maio de 1862; numa quarta-feira, achou que era chegada a hora de vincular ao serviço de Deus e da juventude aquelas vontades impacientes. Na modesta saleta que tinha sido testemunha das reuniões semanais, os primeiros 22 discípulos do Santo emitiram na sua presença os primeiros votos públicos, que os ligavam por três anos a seu Pai e Fundador. Ali estavam, além de Dom Bosco e do Padre Alasonatti, seu primeiro ecônomo, Cagliero que um dia ia ser revestido da púrpura romana, Rua que iria sucedera Dom Bosco como chefe da Congregação, Albera que seria mais tarde o terceiro superior geral, Francesia, Cerruti, Bonetti, que teriam todos cargos importantes no seio da Congregação. Miguel Rua lia a fórmula, ajoelhado aos pés do Crucifixo e deixava que sua alma se expandisse num hino de incontida gratidão. Quando acabaram de pronunciar últimas palavras da profissão religiosa, o Santo dirigiu-lhes estas comoventes e proféticas palavras:

> "Meus filhos, estamos atravessando tempos borrascosos e parece loucura fundar uma nova congregação religiosa precisamente no momento em que o mundo e o inferno nada poupam para destruir as que já existem. Não tenhais receio. Eu tenho não simples probabilidades mas certeza de que Deus

abençoa o nosso esforço e quer que ele continue. Que é que já não fizeram para contrariar os nossos planos? E no entanto que conseguiram? Nada! Isso já seria um motivo para confiarmos no futuro. Mas eu tenho razões bem mais sólidas em que me apoiar. A primeira é que nós não procuramos senão a glória de Deus e a salvação das almas. Quem sabe Deus não se quererá servir da humilde Congregação Salesiana para realizar grandes coisas na Igreja? Quem sabe daqui a vinte e cinco ou trinta anos estes nosso pequeno núcleo, abençoado por Deus, não irá invadir a terra e tornar-se um exército de ao menos mil salesianos?"

A profecia foi confirmada sobejamente pelos acontecimentos. Com efeito cada ano que foi passando viu a adesão de novos membros que foram engrossando lenta mas firmemente as fileiras desse exército. Em janeiro de 1863 os salesianos eram 39; 61, em janeiro de 1864; 80, em 1865; 90, em 1866; 320 em 1874, ano em que saiu o decreto de aprovação definitiva; 763 no ano em que morreu Dom Bosco, 1888; 3.996 quando morreu o Padre Rua, no ano de 1910; e hoje mais de 22.000.

## NOVAS INSTÂNCIAS PARA APROVAÇÃO DAS REGRAS. O «DECRETUM LAUDIS».

Não faltava agora senão a aprovação de Roma. E essa se fazia esperar. Então Dom Bosco, para despertar a atenção das comissões romanas encarregadas de estudar as Constituições da nova sociedade, mandou-lhes em agosto de 1863 outra cópia manuscrita das Regras. A comissão respondeu que para obter da Autoridade suprema da Igreja a primeira aprovação que desejava, - o "decreto de louvor", - era necessário que o pedido fosse apoiado por certo número de cartas de recomendação dos Bispos e especialmente pelo placet da autoridade diocesana. Imediatamente o Santo multiplicou sua atividade para conseguir do Episcopado do Piemonte essas cartas. E conseguiu-as num lapso de tempo relativamente pequeno dos Bispos de Acqui, de Cuneo, de Susa, de Mondovi e de Casale; depois conseguiu também, embora com bastante dificuldade, o placet do Vigário Capitular de Turim, que estava governando a diocese por morte do Arcebispo Monsenhor Franzoni. No dia 12 de fevereiro, pelas mãos de um amigo muito fiel, seguiram os documentos para Roma acompanhando uma nova cópia das Regras.

Desta vez o negócio correu rapidamente; seis meses depois, precisamente no dia 23 de julho, a Congregação dos Bispos e Regulares emanava um "Decreto de Louvor" em favor da nova Congregação. Não era ainda a aprovação definitiva, mas no entanto estava vencida a primeira etapa obrigatória.

Em Turim foi uma festa quando chegou esta prova do interesse demonstrado pela Autoridade competente. Mas o decreto tão lisonjeiro ia acompanhado de um memorandum em que se elencavam em treze artigos as correções que deviam ser feitas nas Regras.

## O ASSUNTO DAS DIMISSÓRIAS.

Nove dessas correções não apresentavam dificuldade aos olhos de Dom

Bosco. Mas as outras quatro ele julgou que não poderiam ser admitidas sem grave dano. Eram as seguintes: a faculdade concedida ao Superior Geral de dispensar dos votos trienais sem recorrer a Roma; a faculdade de conceder Cartas Dimissórias aos candidatos às ordens; a dispensa de recorrer à Santa Sé para contrair dividas ou alienar bens; a licença de abrir novas Casas, apenas com a permissão do Bispo do lugar sem ter que recorrer a Roma.

Dom Bosco fazia questão especialmente do segundo desses artigos. Pois ele é que lhe garantia plena liberdade de ação no seu governo. Com efeito, se ele não pudesse sob sua responsabilidade pessoal apresentar às ordens sagradas os seus religiosos, com o título de membros da sua sociedade - título mensae communís, na expressão jurídica do Código de Direito Canônico -, era sinal de que ainda permaneciam sob a jurisdição dos seus bispos, os quais poderiam, conforme as necessidades da diocese, retirá-los da Congregação quando lhes aprouvesse. A maior parte dos bispos não fazia assim. Mas infelizmente não eram todos. Em qualquer hipótese surgia sempre uma dificuldade: após o decreto de louvor emanado de Roma, muitos bispos consideravam a Sociedade Salesiana como uma Congregação definitivamente constituída; no entanto para as ordenações se achavam perplexos diante da apresentação dos candidatos. Com que título ordená-los? Por um lado Dom Bosco não podia ainda apresentá-los sob sua responsabilidade pessoal; por outro, os bispos nada sabiam desses clérigos, cuja vida moral e intelectual se desenrolava longe deles, e portanto não podiam sem conhecimento de causa julgar se eram dignos de receber as ordens que pediam. Ordinariamente recorriam a Dom Bosco, o qual assinava um atestado garantindo a idoneidade do candidato; mas o processo não era absolutamente canônico. Enfim, por um nada poderia surgir um conflito entre as duas autoridades e Dom Bosco não poderia deixar de se inclinar diante da autoridade do bispo.

Alguma vez a situação se tornou bem embaraçosa, como, por exemplo, em Turim, quando obrigaram os seus clérigos a seguir todos os cursos do Seminário, num horário que não coincidia de modo nenhum com o do Oratório. Que reboliço no ritmo da casa! E quanto tempo se perdia naquelas caminhadas pela cidade para assistirem às aulas. Não era possível continuar assim por muito tempo. Esses clérigos se viam disputados por duas forças, a Congregação e a Diocese; e muitas vezes o resultado do conflito era a perda de uma vocação, tal o abalo que isso lhes causava na virtude. "No ano passado - escreveu Dom Bosco a Pio IX em 1868 -dos meus dez estudantes de teologia que freqüentavam as aulas do Seminário, nem um ficou na Congregação". A prova era forte demais, e por isso durante cinco anos veremos Dom Bosco fazer de tudo para poupá-la aos seus jovens religiosos, tentando conseguir de Roma a faculdade de dar ele próprio as cartas dimissórias.

## SEGUNDA VIAGEM A ROMA PARA A APROVAÇÃO DA SOCIEDADE (1867).

Em 1867 Dom Bosco foi a Roma pela segunda vez. Três razões o levavam à cidade Eterna: a questão das dimissórias; um assunto delicado entre o Governo Italiano e o Vaticano, assunto do qual falaremos detidamente num dos capítulos seguintes; e o desejo de bater à porta da caridade romana para terminar a construção da Basílica de N. S. Auxiliadora, iniciada como diremos, em 1865. Nos dois últimos assuntos alcançou o mais completo êxito. Quanto ao primeiro não conseguiu nada, porquanto encontrou na Congregação dos Bispos e Regulares uma vontade decidida de não conceder os privilégios. Nesse tempo estava-se esboçando

em Roma uma corrente muito forte que desejava estender cada vez ma; ; a jurisdição dos bispos sobre as congregações religiosas; e além disso entre os temas propostos para o próximo Concílio Vaticano havia o projeto de reunir as Congregações, fundindo numa só todas as que tivessem finalidades idênticas ou ao menos muito semelhantes. A atmosfera romana não era portanto favorável ao mais querido dos sonhos de Dom Bosco. E ele voltou a Turim, triste, mas não desanimado.

## A QUESTÃO DAS DIMISSÓRIAS E O NOVO ARCEBISPO DE TURIM.

A jovem congregação entretanto ia crescendo não só no número de seus membros, mas também "em idade e sabedoria diante de Deus e dos homens". Em 1862 Dom Bosco já ligava seus primeiros discípulos a Deus e à Sociedade por meio de votos trienais; em 1865, ao terminar esse último período de provas, sentiu-se autorizado, em vista de já ter recebido o decreto de louvor, a permitir que seus melhores súditos pronunciassem a profissão perpétua. E assim no dia 10 de novembro fez os primeiros votos perpétuos o Padre Lemoyne, futuro biógrafo do Fundador; no dia 15 os Padres Rua, Cagliero, Francesia, Bonetti e Chivarello e dois Coadjutores, Gaio e Rossi; no dia 6 de dezembro um último grupo, onde se viam clérigos e leigos. Parecia que um vento próspero enfunava as velas da nau pequenina que se aventurava ao mar.

Entretanto, não muito longe, já roncava a tempestade. Quando Dom Bosco estava para partir de Roma, disseram-lhe: "V. Rev. ma terá logo um novo arcebispo, Mons. Riccardi de Netro, atualmente bispo de Savona; procure entender-se com ele a respeito das dimissórias, pois isso facilitará muito o caminho". Dom Alexandre Riccardi de Netro, de origem turinesa, era um velho amigo de Dom Bosco. Passando por Roma, quando Dom Bosco lá também se achava, fora fazer uma visita ao Santo e lhe manifestara a firme intenção que tinha de lhe confiar os dois seminários menores de Giaveno e de Brá e o seminário de Chieri. Dom Bosco portanto voltara para Turim com a convicção de que o novo arcebispo ia ser para a sua sociedade um protetor e um pai. Essa convicção cresceu ainda quando uma tarde antes da tomada de posse da Arquidiocese, Sua Excelência foi ao Oratório para uma visita de cordialidade ao Servo de Deus. Infelizmente Dom *Bosco não estava em casa. No dia seguinte logo de manhã correu ao palácio da família Riccardi de Netro para expandir-se em agradecimentos pelo ato de benevolência do Arcebispo. Durante a conversa Dom Bosco pediu ao Pastor que desse todo o seu apóio à sua sociedade religiosa.

- Como! Então V. Revma. fundou uma Congregação religiosa?

- Sim, excelência.

E Dom Bosco descreveu então minuciosamente todas as dificuldades que encontrara para levar a cabo tão árdua tarefa. O Arcebispo ouviu-o com ares de distraído e até de quase hostil. Caía das nuvens com essa revelação! Ele tinha feito seus cálculos, contando com Dom Bosco e seus colaboradores para que o ajudassem na sua diocese, especialmente entre a juventude. E agora Dom Bosco lhe vinha falar de uma sociedade destinada a ter uma difusão mundial e vinha ainda pedir-lhe que o ajudasse a conseguir que essa congregação ficasse desligada da imediata dependência do ordinário! Era muita ousadia! Despediram-se com palavras de pura formalidade, em que já transparecia bastante a frieza dos sentimentos que iam acompanhar as relações entre o Arcebispo e o grande educador.

Infelizmente os sentimentos se traduziram logo em atos. Um dia de setembro de 1867 Dom Bosco recebeu do Arcebispo um bilhetinho muito seco, em que lhe proibia servir-se do auxílio dos clérigos provenientes da Diocese e se lhe avisava que para o futuro o Arcebispo não conferiria ordens senão aos seminaristas que estivessem no Seminário maior. Era um golpe mortal! Dom Bosco suplicou mais de uma vez ao Arcebispo que reconsiderasse sua decisão.

- Vamos refletir. Senhor Arcebispo! V. Ex. cia quer mesmo a morte da minha obra? Meus clérigos no Seminário! Meus jovens sacerdotes no Pensionato Eclesiástico!

Quem fica para cuidar de meus meninos? Acho-me sozinho e sem auxílio.

- Que é que eu posso fazer, meu caro Dom Bosco? É o próprio interesse dos estudos desses jovens clérigos que me impõe tal medida.

- Mas, então, Excelência, vamos até Roma; V. Excia. exporá suas razões, eu as minhas. O Santo Padre decidirá.

- Não, não é preciso isso. É uma questãozinha entre nós dois. É preciso resolvê-la aqui mesmo.

Que questãozinha! Ia durar anos a fio, ia passar de um pontificado a outro, transpassar amargamente o coração de Dom Bosco antes de ser enfim resolvida segundo os seus desejos.

De aí a três meses ela reacendia-se violentamente, provocada pelo fato de que chegara o dia da ordenação de um jovem salesiano, originário da Diocese, o clérigo Albera.

Dessa vez Dom Bosco encarregou Cagliero de falar com o Arcebispo e tentar induzi-lo a ceder.

É impossível essa ordenação! Declarou logo o Arcebispo. Mas por que, Excelência?

- Porque o clérigo Albera é meu súbdito.

- Mas pertence também à Congregação Salesiana.

- Que Congregação Salesiana! Eu ignoro tal Congregação. Sei somente que o clérigo Albera é de None, e None pertence à minha diocese.

- Mas V. Excelência sabe perfeitamente que Roma louvou desde 1864 a existência desta congregação, com um decreto que se conserva no arquivo do Arcebispado.

- Mas então que devo fazer?

- Observe o procedimento de Dom Bosco. Se é um modo de agir reto, encoraje-o; se não é reto, ponha obstáculos à sua ação.

- Eu faço questão que os meus clérigos venham para o Seminário.

- Mas nesse caso V. Excelência decreta a morte do Oratório.

- De modo nenhum! Pois nem todos os vossos professores e assistentes são de Turim.

**- Mas, Excelência, como pode supor que os outros bispos não imitem ao seu Arcebispo logo que souberem seu modo de agir?**

**E este desacordo entre dois poderes que deveriam caminhar de mãos dadas para o bem das almas, tinha tristes repercussões em Valdocco. Os clérigos que não tinham intenção firme de pertencer à Congregação e os outros de vontade fraca que ouviram insistências de parentes e amigos para que se afastassem de Dom Bosco, entraram no Seminário. Os demais ficaram fiéis ao Santo, mas viviam numa atmosfera de inquietação muito fácil de explicar. Pobre Dom Bosco! Pagavam bem mal seus serviços! Esqueciam-se de que em 1850, quando o Arcebispo fechara o Seminário Maior, ele, escutando apenas a voz do coração, tinha acolhido sob seu teto todos os seminaristas que não encontravam nem em casa de suas famílias nem em outros lugares um asilo seguro para a vocação tão rudemente provada.**

## SEMPRE DIFICULDADES. NOVA VIAGEM A ROMA (1869).

**Em Turim protestavam contra a independência; em Roma reclamavam contra a novidade. De nada valiam as recomendações episcopais que Dom Bosco enviava. Ele as conseguiu, entre outras, dos Cardeais Arcebispos de Pisa, de Ancona e de Fermo; dos Arcebispos de Luca e de Gênova; dos Bispos de Alexandria, de Novara, de Susa, de Mondoví, de Saluzzo, de Albenga, de Guastalla, de Reggio Emília, de Asti, de Parma, de Alba, de Aosta. Mas apesar de tudo isso 0 Secretário Geral da Congregação dos Bispos e Regulares, Mons. Svegliati, se obstinava em achar que a Santa Sé devia diferir ainda a aprovação. Alegava que os religiosos eram muito poucos, as regras muito simples, que era impossível conciliar um voto de pobreza com a conservação do direito de propriedade, que era um absurdo admitir nas regras a possibilidade de aceitar direção de Seminários; alegava a teimosia de Dom Bosco em não querer aceitar senão nove das correções precedentes indicadas pela Santa Sé. Enfim, mil razões o ilustre Secretário descobria para apoiar seu parecer contrário. Do mesmo parecer foi a própria Sagrada Congregação e isso foi notificado a Dom Bosco por carta de 2 de outubro de 1868, do próprio Mons. Svegliati. Dom Bosco compreendeu que, se não corresse imediatamente a Roma, para conseguir que Pio IX tomasse a peito sua causa, o assunto se iria. protelando quem sabe por quantos anos ainda. Por conseguinte, no dia 8 de janeiro de 1869, partiu sozinho para Roma levando na mala uma terceira cópia das Regras ligeiramente retocadas.**

**De todas as partes se levantavam vozes a desaconselhá-lo dessa viagem. "Para que ir a Roma, Dom Bosco? Não conseguirá mesmo nada! A opinião lá não lhe é favorável; além disso V. Rev.ma, bem sabe que relações nada lisonjeiras se mandaram aqui do próprio Piemonte a respeito de sua pessoa, de sua Obra e de sua Sociedade. De mais a mais, Roma não vai tomar nenhuma decisão agora que estão nas vésperas do Concilio Vaticano; pois o problema para o qual V. Rev.ma vai implorar uma solução favorável está precisamente entre os que vão ser submetidos à discussão dos Padres do Concílio. Portanto a melhor coisa é esperar. O tempo conserta tudo".**

**Dom Bosco desprezou todas essas vozes da prudência humana. Uma força oculta e forte o impelia a partir. Tudo conjurava contra ele: homens e coisas. Mas para o triunfo de sua causa ele confiava na proteção da Virgem Auxiliadora a quem acabava de erigir um suntuoso templo e na benevolência de Pio IX que sempre lhe tinha valido. E sua confiança não ficou desiludida.**

Logo que chegou a Roma começou a atividade. Bastaram umas pequenas pesquisas para que se confirmassem os temores manifestados pelos amigos de Turim. "Quando acabei de explorar o terreno, escreveu ele, comprovei que pouquíssimos prelados se mostravam favoráveis aos meus planos. Vi em todos frieza ou pelo menos hesitação a respeito do êxito dos passos que eu estava dando. Percebi especialmente que contra mim estavam os personagens mais altos da Igreja". Que fazer então? Para conseguir dobrar essas vontades contrárias, só lhe restava um remédio: suplicar ao céu que viesse diretamente em seu auxilio. E não lhe faltou ocasião para isso.

Um dos adversários mais aguerridos era o Cardeal Berardi. Nessa ocasião achava-se doente um sobrinho de S. Eminência, rapazinho de doze anos, reduzido quase aos extremos por uma violenta febre tifóide. Era filho único, herdeiro de magnífica fortuna, e os pais receavam muito perdê-lo. Tanto o pai como o tio suplicaram a Dom Bosco que fosse visitar o doentinho. Dom Bosco parecia ter-se esquecido do convite, quando um dia apareceu no palácio Berardi. A família recebeu-o com grande alegria e levou-o à cabeceira do moribundo.

- Dom Bosco, cure-o! Suplicavam o pai e a mãe.

- Tenham confiança em Nossa Senhora Auxiliadora, respondeu o Servo de Deus, e vamos começar logo uma novena em sua honra.

E imediatamente rezou as primeiras orações da novena. Em seguida deu a bênção ao menino e saiu.

Surpreendente! Mal acabava o Santo de sair do palácio, quando o doente ficou sem febre. Três dias depois Dom Bosco voltou. O menino estava sentado na cama, falando e brincando todo alegre. Tinha passado o perigo e já estava em convalescença.

Nossa Senhora não deixara o trabalho pela metade. Os pais do doentinho não sabiam como testemunhar a gratidão para com Dom Bosco e o Cardeal se desfazia em agradecimentos.

- Que posso fazer por V. Revma., Dom Bosco! Diga o que quiser. Tenho tanto desejo de lhe prestar algum serviço depois desta graça assinalada que nos conseguiu.

- Pois, Eminência, não lhe peço senão uma coisa: diga também a sua palavra ao Santo Padre para que se aprove a minha modesta Congregação.

- Pode ficar tranqüilo, que o meu apóio não faltará. O Cardeal prometeu e não faltou à palavra.

## INSISTÊNCIAS E MILAGRES CONSEGUEM ENFIM A APROVAÇÃO (1° DE MARÇO DE 1869).

Um adversário já estava desarmado. Mas quantos tinha ainda que vencer! "Se conseguir ganhar para a minha causa o Cardeal Secretário de Estado, pensava Dom Bosco consigo mesmo, será uma influência muito poderosa para acelerar o negócio". E foi ter imediatamente com o Cardeal Antonelli. Encontrou-o imobilizado por uma crise aguda de gota.

- Venho pedir o seu apóio, Eminência, para conseguir a aprovação de minha sociedade.

**- Mas, meu pobre Dom Bosco, está vendo em que estado me encontro. E impossível deixar o quarto!**

**- Mas assim mesmo, permita-me insistir, Eminência; e há de ver como melhorará.**

**- E que é que posso fazer, Dom Bosco?**

**- Falar ao Santo Padre em nosso favor.**

**- Com muito gosto, pois não. Logo que me puder mover...**

**- Confie em Nossa Senhora Auxiliadora e logo poderá voltar à vida normal. Mas prometa-me que há de pensar em nossa pobre Congregação Salesiana.**

**- De pleno acordo. Logo que puder arrastar-me, irei ter com o Santo Padre.**

**- Então, amanhã mesmo, Eminência?**

**- Amanhã? Mas V. Rev. ma acha que é possível?**

**- Não tenho a menor dúvida. Confie em Nossa Senhora Auxiliadora e lhe garanto que amanhã poderá ir à presença do Papa.**

**De fato, no dia seguinte pela manhã, o Cardeal Antonelli se sentiu muito melhor. Tinham passado as dores agudas, podia andar, a crise estava superada. Nem é preciso acrescentar que a coisa mais urgente de que tratou foi ir contar a Pio IX o modo como sarara tão rapidamente e o preço pelo qual obtivera a cura.**

**Os dois fatos prodigiosos despertaram o interesse do bondoso Pontífice, e de aí a poucos dias chamou Dom Bosco e se entreteve com ele uma hora e meia tratando do assunto que o tinha levado a Roma. Prometeu-lhe o mais firme apóio e garantiu-lhe que no fim tudo se arranjaria de acordo com os seus desejos. "Mas V. Rev.ma precisa conquistar a opinião de Mon. Svegliati, aconselhou o Papa; é o mais terrível de seus adversários. Consiga persuadi-lo e a partida está ganha".**

**Dentro de poucas horas Dom Bosco estava na sala de espera do Secretário da Congregação dos Bispos e Regulares. Quando foi introduzido à presença de Mons. Svegliati, encontrou-o prostrado num divã, atormentado por forte gripe.**

**- Que contratempo, Excelência! Pois eu tinha vindo precisamente para pedir o seu auxílio a fim de resolver todas as dificuldades que se opõem à aprovação da Sociedade Salesiana.**

**- Ah! Dom Bosco, não é nada fácil resolver essas dificuldades! Além disso veja a que estado estou reduzido.**

**- Mas justamente agora tenho imensa necessidade de que V. Excelência vá falar com o Santo Padre. Ele se mostrou bem disposto a nosso respeito.**

**- Mas como posso falar com o Papa?**

**- Ouça o que vou dizer. Recomende sua saúde a N . Senhora Auxiliadora e prometa interessar-se pela Congregação Salesiana, e lhe garanto que ela o há de curar bem depressa.**

**- Falar é fácil, mas...**

**- Experimente, Excelência, e há de ver. Tenha fé em Nossa Senhora Auxiliadora.**

**- Pois bem, Dom Bosco. Se amanhã, contra as expectativas, eu puder me apresentar à audiência do Papa, garanto-lhe que irei falar a seu favor.**

**Na manhã seguinte a terrível tosse que agitava Mons. Svegliati tinha desaparecido e com ela a febre; e assim, após a audiência do Santo Padre, Mons. Svegliati foi visitar Dom Bosco para lhe prometer que haveria de apoiá-lo quando se discutisse o seu assunto.**

**A discussão foi no dia 19 de fevereiro. Nesse dia, em Turim, na igreja de Nossa Senhora Auxiliadora, todos os meninos do Oratório, revezando-se de hora em hora, rezavam aos pés do SS. Sacramento exposto para alcançar do Céu a graça desejada. As fervorosas orações dessas crianças triunfaram. A Congregação dos Bispos e Regulares discutiu pela última vez a espinhosa questão e concluiu resolvendo segundo os desejos de Dom Bosco. No dia 1 ° de março de 1869 o Prefeito da Sagrada Congregação emanou um decreto em que aprovava a Congregação Salesiana e concedia por dez anos ao seu Superior a faculdade de promover às ordens só com o título da Sociedade, os candidatos que tivessem entrado nas casas de Dom Bosco antes da idade de catorze anos. A aprovação definitiva das Regras ficava adiada para outra ocasião.**

**Apenas teve nas mãos o Breve de aprovação, fruto de tantas fadigas, Dom Bosco tratou de voltar imediatamente para Turim, onde chegou no dia 5 de março. A festa que lhe fizeram na recepção alunos e salesianos é bem fácil de imaginar. Não era ainda o fim de tantas canseiras, mas ao menos a aurora da vitória; e por isso todos os amigos verdadeiros exultaram juntamente com Dom Bosco; e mais que todos o Teólogo Borel. Ele se achava de cama, prostrado, por uma doença implacável, quando soube que seu grande amigo voltara de Roma. Não houve então o que o pudesse segurar. Contrariando todos os conselhos de seus parentes fez questão de se levantar da cama, vestir-se e sair para ter notícias. Com uma mão apoiada a uma bengala e a outra firmando-se nas paredes da Rua Cottolengo, arrastou-se febricitante como estava, até o Oratório e lá chegou precisa mente no momento em que Dom Bosco ia pondo o pé no primeiro degrau da escada para subir ao quarto.**

**- Dom Bosco! Exclamou todo vacilante e com as pernas a tremer pela fraqueza.**

**- Querido Padre Borel! Quanta bondade e quanta delicadeza! Vir aqui assim nesse estado!**

**- A Congregação está aprovada? Como nãos Definitivamente!**

**- Graças a Deus! Agora posso morrer contente. Um soluço embargou-lhe a voz. Fez meia volta e voltou para a cama.**

**Padre Borel, por este ato quase heróico de amizade, como também pela dedicação incansável que demonstrastes por mais de trinta anos para com o Pai e Fundador da Congregação, os Salesianos guardarão fielmente a memória de vosso nome e de vosso coração. E, recordando vossa longa colaboração, pedirão a Deus que lhes mande freqüentemente do clero secular amigos como vás, que os ajudem com as próprias luzes e com as próprias forças na difícil tarefa de educadores do povo.**

## DIFICULDADES DA AUTORIDADE DIOCESANA CONTRA DOM BOSCO.

Esta aprovação oficial da Congregação e a faculdade temporária de conceder dimissórias não era o fim das tribulações de Dom Bosco. Faltava ainda muito! Faltava-lhe obter a aprovação das constituições e a faculdade de conceder as famosas cartas dimissórias perpetuamente. Mais de quarenta entre Cardeais, Arcebispos e Bispos tinham atestado a Roma que a Congregação Salesiana lhes parecia erguida sobre bases sólidas. Mas precisamente a pessoa cujo testemunho devia ter mais importância, o Arcebispo Dom Lourenço Gastaldi que acabava de ser transferido de Saluzzo para a arquidiocese de Turim, não cessava, como veremos num dos capítulos seguintes, de causar dificuldades a Dom Bosco.

Em Turim, essa antipatia se manifestava com medidas desagradáveis nas quais se espezinhavam abertamente os direitos de Dom Bosco; em Roma, por meio de relatórios que nem convém qualificar.

As velhas acusações cem vezes repetidas contra a nova Sociedade e cem vezes refutadas eram trazidas de novo à tona: "Que na casa de Dom Bosco reinava a desordem; que os estudos dos clérigos eram mais que abreviados; que os professores de teologia não possuíam a ciência suficiente; que o noviciado quase não existia; que as práticas de piedade eram muito reduzidas; que a formação ascética dos jovens salesianos se mostrava incompleta; que os clérigos, tendo que atender ao mesmo tempo aos estudos, à tarefa de educadores e muitas vezes também aos exercícios do noviciado, tinham que sacrificar um ou outro desses deveres.etc.". Essas queixas, formuladas pelo Ordinário do lugar, não podiam deixar de causar impressão desfavorável nos juízes romanos.

## MAIS DUAS VIAGENS A ROMA.

Para desfazer as queixas o Santo empreendeu mais duas viagens a Roma: uma em 1871 e outra em 1873. Atendendo ao pedido da Sagrada Congregação dos Bispos e Regulares, acrescentou dois capítulos às Regras, um sobre os estudos e outro sobre o noviciado. Finalmente nos primeiros dias de 1874, mandou imprimir em Roma um opúsculo de umas vinte páginas em que respondia às principais objeções que se apresentavam contra sua família religiosa e expunha as razões que o levavam a insistir no pedido de aprovação das regras e de outorga do privilégio de expedir dimissórias.

O opúsculo foi distribuído a todos os Cardeais da Cúria e aos membros influentes das várias Congregações Romanas.

Na audiência de despedida em 1869, depois de aprovada a Sociedade, Pio IX lhe tinha dito: "Um passo por vez. Devagar se vai ao longe. A Santa Sé, quando um negócio vai bem, não costuma dar passos para trás, mas sempre para a frente". Dom Bosco guardara essa palavra de estímulo e confiava ainda uma vez na amizade de Pio IX, que haveria de dar no momento oportuno o impulso providencial à sua causa.

**FINALMENTE SÃO APROVADAS AS REGRAS,
GRAÇAS À INTERVENÇÃO DE PIO IX.**

**Aqui na terra sua confiança não podia ter sido colocada em pessoa mais digna. No céu, ela estava na Virgem Auxiliadora, cujo auxílio urgente todos suplicavam a pedido dele. No dia 16 de março enviou de Roma uma circular prescrevendo a todos os salesianos três dias de jejum e a todos os alunos três dias de orações, de 21 a 23 de março. Esse tríduo de orações ele o pediu de novo nos dias 26, 27 e 28 do mesmo mês. A primeira reunião dos quatro cardeais convocados para dar seu parecer realizou-se no dia 29 e parecia dar as melhores esperanças; a segunda e a última foi no dia 31 e durou três horas e meia. Quatro cardeais votaram em favor da aprovação provisória das Regras, "ad experimentum" : mas só três concordaram com a aprovação definitiva. No dia 3 de abril, que nesse ano era sexta-feira santa, Mons. Vitelleschi, Secretário da Congregação dos Bispos e Regulares, referiu ao Santo Padre. Quando o bondoso Pontífice, o angélico e imortal Pio IX, acabou de ouvir o processo verbal da reunião, exclamou: "Então falta um voto para a aprovação definitiva; pois bem, eu dou o meu".**

**Na tarde do mesmo dia, Dom Bosco, aflito por saber o resultado final da questão, dirigiu-se ao palácio Vitelleschi. O Secretário tinha acabado de chegar.**

**- Dom Bosco, gritou de longe Mor-senhor, apenas o avistou, mande fazer uma iluminação com lanterninhas. Suas regras estão aprovadas definitivamente e V. Revma. terá a faculdade de conceder dimissórias incondicionalmente, por dez anos. [17]**

**Dom Bosco, que não perdia ocasião de uma palavra espirituosa ou de um gesto amável, tirou um caramelo do bolso e o ofereceu a Mons. Vitelleschi.**

**- Tome, Monsenhor, que desta vez mereceu.**

**Mas ele também merecera esta nobre recompensa de dezesseis anos de lutas, de angústias, de fadigas, de sofrimentos íntimos. A sua dileta Congregação Salesiana, depois de triunfar dos últimos obstáculos, podia finalmente caminhar sozinha, sob os olhares vigilantes de Roma! Finalmente ele podia ter certeza que sua obra ia durar.**

**Alguém já escreveu que "para fundar uma congregação são necessárias duas coisas: a graça da cegueira para não ver as dificuldades, e o dinheiro". Pois Dom Bosco disse algo que é bem uma forma variante de mesma idéia: "Se, depois de saber tudo o que sei agora, tivesse que recomeçar todo o trabalho que me custou a fundação da Sociedade e devesse suportar todas as fadigas que me foram impostas, não sei se teria coragem".**

**CONVÉM FUNDAR UMA CONGREGAÇÃO FEMININA?**

**No entanto dois anos antes disso, no princípio de 1872, ele tinha lançado as bases de uma congregação feminina destinada a formar educadoras para as meninas, especialmente da classe mais pobre e mais necessitada.**

**Era uma iniciativa para a qual sentia, por temperamento, grande aversão. Seu escrupuloso recato, a pureza admirável de sua alma, o coração ingênuo e límpido conservado assim até os últimos dias da velhice, como**

também - por que não dizê-lo? - uma surda e instintiva repulsa a tudo o que se referisse ao mundo feminino, era toda uma força que o afastava desse ambiente. Só mesmo graves razões poderiam decidi-lo a ocupar-se desse ramo de apostolado. Tais razões não faltaram.

Leigos distintos e bispos seus amigos, vinham desde muito fazendo pressão para induzi-lo a iniciar alguma obra em favor das meninas como tinha feito para os meninos. E eram sem dúvida ótimos argumentos os que apresentavam a Dom Bosco quando lhe apontavam os inúmeros perigos que corria a virtude das meninas e lhe diziam: "Porque não aplicar também à juventude feminina este gênero de obra e este sistema de educação? Porque negar-lhes o benefício de uma educação cristã, só por serem meninas?" E parece que a voz do céu falou aos ouvidos de Dom Bosco, fazendo eco às vozes da terra. Pois em 1866 vemo-lo manifestar ao futuro Cardeal Cagliero e ao Padre Lemoyne o desejo de fundar uma congregação feminina de votos simples com o escopo de educar as filhas do povo. Em 1870 exprime o mesmo desejo a um de seus primeiros filhos espirituais, o Padre Francesia. Em 1871, na sua quarta viagem a Roma, já o encontramos aos pés de Pio IX, interrogando seu augusto parecer sobre o assunto. O resultado não podia ser mais lisonjeiro. Pois o Papa respondeu

"Parece-me que seu plano vai concorrer para a glória de Deus e a salvação das almas. Portanto o meu parecer é que essas futuras religiosas sejam como que a linha paralela dos salesianos. Elas farão para as meninas o que os salesianos fazem para os meninos. E quanto ao espírito fiquem sob a dependência de V. Rev.ma e de seus sucessores como as Filhas de São Vicente de Paulo dependem dos Lazaristas".

Era clara portanto a vontade de Deus. Era só esperar a ocasião propicia em que o fruto caísse de maduro.

## MARIA MAZZARELLO E AS HUMILDES ORIGENS DAS «FILHAS DE MARIA AUXILIADORAS».

Certa vez em 1861, viajando de Acqui para Turim pelo caminho de Alexandria, Dom Bosco se encontrara, no seu vagão de terceira classe, com um sacerdote que tinha cura de almas na vila de Mornese, pertencente à diocese. Chamava-se Padre Pestarino, e tinha uma alma de apóstolo. Em sua paróquia e com sua aprovação tinha-se fundado em 1856, uma associação de moças com o título de Pia União das filhas de Maria Imaculada. O escopo dessa associação era reunir debaixo do mesmo espírito e sob o mesmo regulamento, para atender às obras paroquiais, as moças que não sentiam inclinação para o estado matrimonial, mas ao mesmo tempo não se sentiam chamadas à vida monástica. Queriam ser religiosas no mundo, como elas mesmas diziam. Não era uma idéia nova, pois já no século XVI Santa Ângela de Merícia tinha fundado uma sociedade idêntica, ao lado de sua ordem de educadoras: eram as Ursulinas leigas, que no seio das próprias famílias, sob a autoridade das Madres locais, levavam uma vida de obscuro sacrifício. Na França há ainda hoje as Filhas de São Francisco de Sales, como há em outros lugares associações semelhantes.

Desse grupo de moças piedosas, desprendeu-se um ramo um belo dia, em 1861. Uma jovem de Mornese, chamada Maria Mazzarello, recém-curada de uma febre tifóide que contraíra assistindo aos doentes, ia-se encaminhando uma tarde para a igreja matriz, onde o pároco habitualmente reunia os fiéis para a reza do terço e para a leitura de uma página da Vida devota. Pelo caminho ia meditando nalguma nova forma de expandir seu zelo caritativo, quando se encontrou com uma sua amiga Petronila.

- Eu já não posso mais trabalhar no campo, disse Maria a sua amiga. Tu, por tua vez, não tens compromisso nenhum. Tive a idéia, se concordares, de recebermos umas lições de corte e costura do alfaiate da vila. Acho que será um meio de fazer bem às meninas. Pois lhes ensinaremos a trabalhar ensinando ao mesmo tempo a amar e servir a Deus.

Petronila concordou logo.

- E nesse caso, acrescentou Maria, vamos pôr a intenção desde agora que cada ponto de agulha seja um ato de amor de Deus. E vamos até a igreja pedira Deus que nos ilumine e nos ajude.

Maria tinha vinte e quatro anos; Petronila vinte e três. No dia seguinte começaram a aprendizagem.

No fim do ano, as duas moças já eram capazes de trabalhar sozinhas. Outras amigas se vieram juntar a elas. A gente do lugar lhes confiava crianças para vigiar e instruir. Não tardou muito que, para maior comodidade, começassem a fazer as refeições juntas, a rezar juntas, a viver juntas, numa casa bem pegada à igreja e que tinha sido construída pelo Padre Pestarino, com uma vaga intenção de cedê-la um dia às Filhas de Maria Imaculada, para as reuniões. Eram já sete agrupadas ao redor de Maria Mazzarello. Maria, a mais velha, tinha 24 anos; as duas mais moças, 14. Se alguém lhes tivesse dito que daquela modesta associação ia sair dez anos mais tarde uma congregação feminina destinada a espalhar-se por todo o mundo, elas teriam ficado altamente surpreendidas.

Entretanto Dom Bosco ia deixando madurar lentamente sua idéia, conservando-se em contato permanente com essa modesta comunidade, a respeito da qual tinha planos bem definidos. Várias vezes, - em 1864, em 1867, em 1869, e em 1870 -, o Servo de Deus, indo a Mornese por outros motivos de apostolado, procurou encontrar-se com essas boas moças, cujo número chegara a quinze. Finalmente, em 1871, de improviso, decidiu-se. Reuniu seu capitulo para uma comunicação importante, e, em resumo, disse-lhes o seguinte: "Há muito tempo que estou recebendo conselhos de pessoas de autoridade para fazer em favor das meninas o que já. estamos fazendo, com a graça de Deus, para os meninos. Se eu fosse seguir puramente minha inclinação, não entraria nesse campo. Mas as instâncias dos outros estão-se tornando tão insistentes que deixar de atender seria tentar subtraír-me aos desígnios da Providência. Vamos portanto refletir diante de Deus. Vamos pedir-lhe que nos esclareça sobre o que exige sua glória e a salvação das almas. Durante este mês todas as orações públicas ou particulares não tenham outra intenção senão a de pedir ao céu as luzes necessárias".

## PRIMEIRA SUPERIORA GERAL. PRIMEIROS VOTOS. NOME DA CONGREGAÇÃO.

De ai a um mês o capítulo reuniu-se de novo e deliberou a criação desse segundo exército, o qual paralelamente ao primeiro, trouxesse à juventude feminina os benefícios da educação salesiana. Em virtude de grave enfermidade que levou Dom Bosco à beira do túmulo no fim de dezembro desse mesmo ano, foi necessário retardar um pouco a execução do projeto. Mas logo que o perigo passou, o Santo chamou à sua cabeceira em Varazze o padre Pestarino, e pediu-lhe que procedesse à eleição da Superiora e do Capitulo da pequena comunidade de Mornese. Esse encontro se deu no dia da Epifania, 6 de janeiro de 1872; no dia 29, festa de São Francisco

de Sales, as futuras religiosas, já em número de 27, reuniram-se para a votação. Logo no primeiro escrutínio foi eleita Maria Mazzarello, com 21 votos.

Para dar à modesta comunidade o colorido perfeitamente religioso, não faltava senão impor um hábito às irmãs e batizá-las com algum nome. No dia 5 de agosto, dia de Nossa Senhora das Neves, depois de um retiro de oito dias, Dom José Sciandra, bispo diocesano, na presença de Dom Bosco deu o hábito às novas religiosas. Foram catorze as que tomaram o hábito e onze delas pronunciaram os votos trienais. Maria Mazzarello estava com trinta e cinco anos. A nova Sociedade que nascia nesse dia, Dom Bosco deu o nome que desde longo tempo vinha reservando em seu coração: "Vós vos chamareis Filhas de Maria Auxiliadora", disse-lhes o Santo. E a intenção era, perpetuar nesse título através dos séculos sua gratidão para com a Virgem Auxiliadora dos Cristãos, que de tantas bênçãos tinha cumulado sua obra, suas fadigas, seus filhos.

## PROFECIA DE DOM BOSCO SOBRE A MARAVILHOSA FECUNDIDADE DESSA CONGREGAÇÃO.

Poucos dias depois, ao fixar essas suas filhas espirituais numa residência estável na extremidade da vila, Dom Bosco lhes dizia

> "Tereis alunas, alunas em tão grande número que não sabereis onde colocá-las. Agora sois muito poucas e tão pobres! Mas não desanimeis. Mantende-vos fiéis à regra que vos tracei e vereis crescer prodigiosamente vosso número. Por intermédio de vás a SS. Virgem deseja vir em auxilio das filhas do povo".

A predição ia verificar-se ao pé da, letra. Ficaram em Mornese nove anos, tempo suficiente para sofrer muito e para aumentar muito o número. Tanto Dom Bosco como seus filhos não deixaram de encaminhar para a pequena comunidade todas as vocações de meninas que encontraram. E por outro lado o Padre Pestarino e Madre Mazzarello não ficavam ociosos. Dentro de muito pouco tempo a família já contava setenta religiosas. Choviam pedidos de fundações e a colméia começou a desdobrar-se em enxames que voavam para Turim, Chieri, Biella. Entrementes, por ordem de Dom Bosco, a Casa Mãe se transferiu, por razões de salubridade, de Mornese para Nizza Monferrato.

Nizza é um grande burgo que espalha suas casas rurais e suas vilas no fundo de uma concha de verdura escavada num dos últimos declives do encantador Monferrato. Terra de vinhedos, terra de riqueza, grande centro de produção vinícola, Nizza gozava, já antes que lá se estabelecessem as Filhas de Maria Auxiliadora, de certo renome, graças à qualidade de seu "barbera". Mas de 1880 em diante transformou-se. Feita quartel general desse exército de paz, a vila viu desabrochar ao lado do velho convento dos Capuchinhos adquirido pelas irmãs toda uma floração de obras surpreendentes de vitalidade: escola primária, oratório festivo, escola doméstica, escola normal, noviciado etc.

Essa fecundidade maravilhosa não se limitava ao perímetro dos muros da Casa Mãe, mas transbordava para fora. Já vimos como essas humildes religiosas abriram colméias a fervilhar de vida em Turim, Biella, Alexandria; mas numa santa ambição acariciavam sonhos tanto mais vastos quanto mais se iam tornando densas as suas fileiras. E que sóbria e forte eloqüência se irradia mesmo simplesmente da árida enumeração de suas

**creações sucessivas!**

**Em 1872 abrem um oratório, um internato, escolas primárias e uma casa de retiro para senhoras.**

**Em 1874 começaram a aliviar os salesianos dos graves cuidados da cozinha e da lavanderia em seus principais institutos.**

**Em 1876 fundam escolas particulares, colônias de férias, asilos para crianças.**

**Em 1877, dois anos após os salesianos, partem para a América, onde repetem as mesmas fundações.**

**Em 1879 criam orfanatos e semi-internatos.**

**Em 1881 tomam conta de um hospital.**

**Em 1885 encarregam-se de uma pensão familiar para senhoras idosas.**

**Em 1890 dedicam-se às missões e penetram no coração de tribos indígenas da Patagônia.**

**Em 1896 estabelecem uma grande escola normal e um pensionato de estudantes.**

**Em 1897 assumem a direção de uma casa familiar para operárias e de um refúgio para velhos.**

**Em 1898 põem-se a serviço dos leprosos nos lazaretos da Colômbia.**

**Em 1899 empreedem a obra dos catecismos paroquiais.**

**Em 1902 abrem as primeiras escolas profissionais.**

**Em 1906 criam asilos para crianças.**

**Em 1908 organizam as Uniões de Ex-alunas.**

**Em 1912 dão seu concurso à obra da Proteção da moça.**

**Em 1916 acolhem os primeiros órfãos de guerra.**

**Em 1927 a Casa-Mãe se transfere para Turim.**

**Por tudo isso se vê que teve razão o saudoso Sumo Pontífice Pio XI, quando, no Breve que enviou ao Superior dos Salesianos por ocasião das festas cinqüentenárias da Congregação delas, pôs em relevo a vastidão desse programa de caridade. "Não vemos nenhuma forma de apostolado, - escrevia o Sumo Pontífice, - de que estas irmãs não tenham tido a iniciativa neste meio século".**

**E Deus não deixou de abençoar magnificamente esse zelo empreendedor. Vamos relembrar o caminho percorrido em 90 anos de apostolado.**

**Eram catorze apenas, quando a 5 de agosto de 1872, tomaram o hábito da Sociedade. Hoje são mais de 18.000. Naquele tempo escondiam sua**

pobre existência num minúsculo povoado do Piemonte; hoje acham-se estabelecidas em mais de duzentas dioceses do mundo. Não tinham mais que o modesto casebre de Mornese; hoje contam perto de 1.500 casas. Eram elas modestas filhas do campo, quase sem instrução; Madre Mazzarello sabia ler e mal sabia escrever; hoje as Filhas de Maria Auxiliadora mantêm escolas normais na Itália, na Argentina, no Brasil, por toda a parte; encontram-se até assentadas nos bancos e mesmo nas cátedras das universidades.

Hoje, como no primeiro dia de sua existência, a vida das irmãs é regulada pelas constituições que o fundador para elas escreveu. Mas em 1872 era apenas um manuscrito que à Superiora explicava e ditava às suas filhas espirituais; desde 1906 esse manuscrito foi impresso e recebeu a aprovação de Roma que com esse fato aprovava toda a Sociedade.

Não se desvaneceram porém com esses triunfos. Sempre humildes, modestas, sérias, afáveis e simples, como nos tempos de Maria Mazzarello, conservaram-se filhas autênticas de Dom Bosco, e não trazem no coração outro ideal, senão o de porfiar com seus irmãos maiores, os salesianos, em procurar, conquistar e salvar a juventude periclitante com as únicas armas do Evangelho, com a bondade cativante e com a solicitude cheia de atenção.

## UMA ORDEM TERCEIRA MODERNA: OS COOPERADORES SALESIANOS.

Para dar a esse duplo exército um auxílio nas suas iniciativas, o Santo completou a sua família religiosa, criando em 1876, uma Ordem Terceira assaz moderna - a Pia União dos Cooperadores Salesianos. Sem pensar, estava copiando os patriarcas fundadores de ordens, como por exemplo São Francisco e São Domingos, pois a árvore vigorosa que plantaram no solo da igreja era composta ordinariamente de três ramos.

Mas a planta de Dom Bosco se diferenciava do modelo. Porquanto essa união de boas vontades, de sacrifícios espontâneos, não se chamava nem ordem terceira, nem confraria, nem irmandade, nem associação religiosa, nomes todos muito apreciados pelos antigos, mas que hoje poderiam afastar os espíritos prevenidos; chamava-se com um nome muito simples, e se destinava a trabalhar pela salvação dos filhos do povo, hoje atraiçoados cada vez mais pela sociedade, pela escola e pela família.

E como chegou o Santo à criação dessa terceira família que vinha completar suas fundações? Vamos dizê-lo em breve.

Há uma afirmação que é falsa em biologia mas que no apostolado é muitas vezes verdadeira: a necessidade cria o órgão. Assim a necessidade que Dom Bosco sentiu um dia de ter auxiliares deu origem à Pia União dos Cooperadores Salesianos.

Dom Bosco abre seu primeiro Oratório em Turim. Ele possuía o dom de atrair as almas porque a caridade de Cristo lhe devorava o coração; por outro lado, aquelas centenas de ovelhinhas desgarradas na grande cidade sentiam-se muito felizes em encontrar finalmente o pastor; dessa simpatia recíproca nasceu uma família de seiscentos meninos, que ocupavam totalmente a vida do servo de Deus. Sobrecarregado de trabalho teve que pedir socorro. E acorreram bons sacerdotes que lhe deram suas horas de folga: o Padre Borel, o Padre Cafasso, o Padre Picco e outros. Mas o auxilio deles já não bastava porque o Oratório ia crescendo e atingindo dimensões

**inesperadas. Então Dom Bosco dirigiu-se aos leigos, aos grandes católicos de Turim e lhes disse mais ou menos isto: "Quereis vós também vir em meu auxílio? Vereis como trabalho não falta. E há serviço para todos os gostos e para todas as capacidades. Vós sois os prediletos de Deus; pois então, em sinal de agradecimento para com ele, não gostaríeis de pôr a seu serviço, na pessoa destes infelizes pequeninos, vosso zelo, vossa fortuna?" Esta linguagem foi muito bem entendida, e de todas as classes da sociedade saíram preciosos auxiliares que vieram ajudar Dom Bosco a dar catecismo aos seus garotinhos.**

**E não era só isto que faziam esses senhores. Prestavam-se a muitos outros serviços urgentes: dar aulas noturnas, assistir na igreja, preparar para a primeira comunhão, procurar trabalho para os desempregados, visitar os pequenos operários nas suas oficinas, ensaiar teatro, organizar jogos, reunir os indolentes, os abandonados nas manhãs de domingo para as funções sagradas e muita outra coisa mais.**

**E não era pequeno o sacrifício que custava a esses leigos prestarem seus serviços. Poiso bairro onde iam trabalhar ficava fora da cidade e era um dos mais tristemente famosos, cheio de zonas alagadas. A criançada era o que já sabemos... interessante sem dúvida, muito dada, e muito afetuosa, mas também tão suja, tão maltrapilha, tão mal educada! E além disso não era só aos domingos que deviam ajudar, mas durante a semana várias vezes e até, tratando-se de aulas noturnas, todos os dias.**

**Ao mesmo tempo as mães, as esposas, as irmãs desses Cooperadores, colaboravam paralelamente para o mesmo fim, da maneira mais simples e ao mesmo tempo mais prática. Muitos daqueles pobres meninos não conseguiam encontrar emprego porque revelavam miséria desde os pés até a cabeça. O que deveria ser motivo para serem aceitos era justamente o que os tornava indesejáveis: roupa interna, quando tinham, imunda; calças e casacos esfarrapados; sapatos sem sola; cabelos desgrenhados e cheios de inquilinos; rostos macilentos... Então essas boas senhoras, reuniam-se em casa de Dom Bosco ou em casa de uma delas, faziam camisas, remendavam calças, consertavam, limpavam, encompridavam roupas curtas, alargavam as apertadas, faziam novas, ensinavam os coitadinhos a lavar-se e pentear-se. E eles transformados e irreconhecíveis, conseguiam finalmente encontrar algum patrão benévolo.**

**A história conservou o nome de algumas dessas mulheres admiráveis que junto com a Mãe de Dom Bosco, vestiam assim os maltrapilhos, enquanto seus maridos, ou filhos, ou irmãos, dessedentavam os que tinham sede das águas da verdade. Eram a senhora Gastaldi e sua filha, mãe e irmã de um futuro arcebispo de Turim, a senhora Rua, mãe do primeiro sucessor de Dom Bosco, a Marquesa Fassati e outras.**

## RAZÕES QUE JUSTIFICAM A COLABORAÇÃO DOS LEIGOS.

**Imaginavam talvez aqueles homens e aquelas senhoras que eles se achavam junto à nascente de onde ia brotar um grande rio, ou melhor que eles eram a própria nascente desse rio, cujo leito se ia escavar profundo e cujo curso se ia avolumar cada vez mais com o correr dos anos? Parece que não. Praticavam a caridade simplesmente, com todo o coração; serviam a Deus nos seus membros enfermos e não lançavam os olhos mais longe que isto.**

**Mas aquele que lhes tinha mobilizado a caridade enxergava mais longe. Com olhar seguro distinguia já perfilado ao longo de suas duas sociedades**

religiosas, esse exército de auxiliares indispensáveis, cujo núcleo estava ali sob seus olhos, a remendar meias, a ensinar catecismo, a fazer soletrar o abecedário.

Era mesmo uma alma de precursor esse apóstolo. Desde 1841 - e não nos esqueçamos de que era apenas oito anos após a fundação das conferências de São Vicente - ele pressentiu a parte considerável que as novas exigências de apostolado iam criar para os leigos na sociedade moderna. E já, por sua conta, os ia recrutando e organizando.

É inegável que a indústria mecanizada - e os prazeres também -atraíram para as cidades ondas e ondas de trabalhadores. Verhaeren acertou quando chamou as cidades modernas de tentaculares, porque de fato, como se fossem bombas, aspiram, sugam e atraem para si multidões incalculáveis. As cidades industriais superpovoam-se; as paróquias vêem dobrar suas ovelhas, triplicar, quintuplicar, enquanto os pastores sagrados não crescem na mesma proporção. O clero portanto, sobrecarregado de trabalho, tem que apelar para os leigos e confiar-lhes a parte de apostolado que pode ser realizada por eles. Além disso há um campo de ocupações que naturalmente cabem melhor ao leigo, visto que para elas têm especial competência. Há finalmente ambientes onde o sacerdote não pode entrar porque desprezariam seu hábito.

Essas são as razões que criam hoje e criarão sempre mais nas nossas organizações católicas um lugar precioso de auxiliares para os católicos dotados de verdadeiro espírito de sacrifício.

É uma colaboração delicada não há dúvida. Pressente-se a existência de escolhos e escolhos aparecem mesmo. Por um lado é preciso muito jeito, muito tato, porque esses homens são auxiliares e colaboradores benévolos, às vezes indispensáveis, e não criados. Por outro lado eles próprios teriam talvez certa tendência a invadir a função própria do sacerdote, encantoando-o pouco a pouco na sacristia. Portanto perigo de domínio absorvente de um lado e perigo de usurpação leiga de outro: dois perigos inegáveis. Pois o Santo conseguiu evitar ambos. Com arte cheia de sabedoria soube atrair a si essa força preciosa do laicato católico! O Regulamento dos Cooperadores traçado por ele é um modelo de sabedoria e de perspicácia, pois resolve com prudência dois problemas delicados.

Conserva unidos ao chefe todos esses leigos cheios de abnegação, por meio de vínculos suaves de piedade, de favores espirituais e de notícias mensais levadas pelo Boletim Salesiano, última e mais importante criação tipográfica do Santo. E ao mesmo tempo encarrega esse exército disperso pelo mundo de uma tarefa muito ampla: consagrar-se ao serviço da juventude seguindo os mesmos métodos de que se teria servido São Francisco de Sales.

O auxílio que os Cooperadores dão aos Salesianos é variado como os meios que empregam. Alguns apoiam-nos com orações, outros ajudam-nos com esmolas, outros oferecem-se a si mesmos com todos os talentos que tem, grandes ou pequenos, aos filhos de São João Bosco. Uma criação tão oportuna, numa época em que a juventude é insidiada mais do que nunca, sabe adaptar-se maravilhosamente, como podemos constatar, a todas as almas e a todos os ambientes.

Ordem terceira bem moderna, que Dom Bosco fazia questão de incorporar à sua família religiosa. Segundo seus planos devia fazer parte integrante da Congregação Salesiana. No livro das Constituições havia um capítulo especial reservado aos Cooperadores: "Dos membros externos da Sociedade. Em 1874, na véspera da aprovação das Regras, Roma exigiu a supressão desse capítulo; mas os Cooperadores continuaram assim mesmo a ser

considerados como da família e participam de seus privilégios, de seus méritos, de suas solicitudes.

Era uma obra inspirada por Deus, e se vai desenvolvendo há mais de 70 anos - desde o dia em que foi aprovada por Roma - com uma rapidez maravilhosa. Passam hoje de meio milhão os Cooperadores. E de uma extremidade a outra do mundo, concorrem, como disse Pio XI, para o bom resultado de todas as obras que os salesianos empreenderam para a educação cristã da juventude. Ano por ano vão aumentando as fileiras à medida que aumentam as necessidades do apostolado. A necessidade continua a criar o órgão, como nos tempos fabulosos do primeiro oratório de Dom Bosco.

## SERVOS DE DEUS QUE JÁ SAÍRAM DESTA FAMÍLIA PRODIGIOSA.

Ao narrar a história da fundação e do desenvolvimento desta tríplice família religiosa, falamos só incidentemente das constituições que regulam a vida interna das três sociedades; fizemo-lo para não tornar pesada a narração. Mas, agora, antes de concluir, sentimos o dever de declarar que esta disciplina religiosa opera não só em extensão curvando sob o seu jugo, aceito espontaneamente, falanges cada vez mais numerosas, mas opera também em profundidade. A grande árvore de três ramos, que cobre com sua sombra mais de quatrocentas dioceses católicas, ostenta em sua copa frondosa as mais lindas flores.

Além de São João Bosco, de Santa Maria Mazzarello e do adolescente S. Domingos Sávio que já atingiram a suprema glorificação nos altares da igreja, há mais outras dezenove causas de beatificação e canonização em curso nos tribunais eclesiásticos, a atestar a força santificadora que existe nesta nova forma de vida religiosa.

Catorze dessas causas são da Congregação Salesiana: o venerável Padre Miguel Rua, primeiro sucessor de Dom Bosco, o Príncipe Czartoryski o Padre Beltrami, ambos jovens religiosos da Congregação, o P. Pelipe Rinaldi, terceiro sucessor de Dom Bosco, o bispo Dom Luiz Versiglia com o P. Calisto Caravario, mártires missionários da China, o jovem Zeferino Namuncurá, índio, aluno das missões da Patagônia, o P. Luiz Mertens, santo pároco de Liége na, Bélgica, o Padre Luiz Variara, apóstolo dos Leprosos, os três grupos de mártires na guerra civil espanhola - Padre José Calazans com 32 companheiros, o Padre Henrique Saiz com 41 companheiros e o Padre Antonio Torrero com 21 companheiros -, o Coadjutor Simão Srugi, o Bispo Monsenhor Luis Olivares e o Padre Rodolfo Komorek, que nasceu na Polônia mas veio para o Brasil como jovem sacerdote e aqui deixou o mais belo exemplo de zelo apostólico, morrendo em São José dos Campos em odor de santidade, em 1949.

Duas causas são de Filhas de Maria Auxiliadora: Irmã Madalena Morano, e Irmã Tereza Valsé-Pantellini, modelo de obediência e de abandono em Deus, além de duas Irmãs mártires da guerra civil espanhola: Irmã Maria do Carmo Moreno e Irmã Amparo Carbonelli.

E há ainda a causa da Cooperadora Dona Maria Dorotéia Chopitea, nobre senhora espanhola mãe de cinco filhos, a qual, soube unir a vida do mundo vivida corretamente com o exercício das mais altas virtudes cristãs. ultimamente se introduziu a causa de Alexandrina da Costa, também ela cooperadora salesiana como também prossegue com entusiasmo a causa de Laura Vicuna, aluna das Filhas de Maria Auxiliadora.

Um cortejo de 117 servos.de Deus a caminho da glorificação dos altares!

## CAPÍTULO VIII

## CONSTRUTOR DE IGREJAS

Índice

A IGREJA DE NOSSA SENHORA AUXILIADORA.

PROJETOS. DESCRIÇÃO PROFÉTICA DA FUTURA IGREJA.

OBSTÁCULOS AOS GRANDIOSOS PLANOS DE DOM BOSCO.

UM SONHO QUE LHE REVELARA TRÊS ESCALAS ANTES DO PORTO.

MEIOS QUE EMPREGOU PARA CONSEGUIR RECURSOS.

UM PUNHADO DE MILAGRES.

A ÚLTIMA PEDRA DO SANTUÁRIO.

CONSAGRAÇÃO DO TEMPLO (1868).

A IGREJA DE SÃO JOÃO EVANGELISTA.

A BASÍLICA DO SAGRADO CORAÇÃO EM ROMA.

LEÃO XIII CONFIA A DOM BOSCO A CONSTRUÇÃO. DOM BOSCO ACEITA.

ESMOLAS PARA A CONSTRUÇÃO DO TEMPLO.

DESCRIÇÃO DO TEMPLO. FESTA DA CONSAGRAÇÃO.

## CAPÍTULO VIII

## CONSTRUTOR DE IGREJAS

### A IGREJA DE NOSSA SENHORA AUXILIADORA.

Todos esses passos que Dom Bosco teve que dar e todas as fases dos processos que teve que seguir, as cinco viagens a Roma, a copiosa

correspondência com o episcopado italiano, as provações sem número, os obstáculos que se ergueram diante de suas iniciativas, nada conseguiu deter por pouco que fosse os caminhos internos da Obra. O Oratório dilatava seus muros, estendia suas asas, e os seus filhos se multiplicavam; pelo ano de 1860 chegavam a quatrocentos. Outrora tinham construído a igreja de São Francisco de Sales porque a capela, Pinardi ficara pequena. Agora essa mesma igreja é que se mostrava insuficiente. Nos domingos quando se juntavam para a missa os alunos internos, o oratório festivo, e o povo da vizinhança, era para se morrer sufocado. Urgia pois tomar novas providências. Dom Bosco notava que nesse bairro de Valdocco, espalhado de ambos os lados do Rio Dora, viviam milhares de fiéis abandonados, sem os auxílios da religião. É verdade que havia duas paróquias; ao norte a de São Donato e ao sul a do bairro do Dora; mas entre essas duas igrejas separadas pela distância de três quilômetros, não existia senão a capela do Cottolengo e a pequena igreja de São Francisco de Sales. Era pouco demais! Era preciso um grande templo situado no meio do caminho entre as duas igrejas; para facilitar á vida cristã a essa população dispersa e para purificar esse bairro suspeito.

## PROJETOS. DESCRIÇÃO PROFÉTICA DA FUTURA IGREJA.

O Santo ardia em desejos de construí-la, porque tinha uma velha dívida de gratidão para com aquela que desde tantos anos lhe iluminava o caminho, lhe sustentava o braço e o impelia para sempre maiores conquistas. O projeto levou vários anos antes de germinar. Na noite de 6 de dezembro de 1862, Dom BOSCO tinha confessado até tarde os seus alunos na igreja de São Francisco de Sales. Perto das 11 horas viu afastar-se o último penitente e de aí a alguns minutos, em companhia do clérigo Albera, um de seus primeiros discípulos, pôde finalmente sentar-se à mesa para cear alguma coisa. Contra seu costume, mostrava-se cansado, preocupado e como que perdido num sonho que o absorvia inteiramente. De improviso sai-se com esta exclamação: "Esta noite confessei tanta gente, que no fim não sabia nem mais o que estava dizendo ou fazendo. E sentia um pensamento a me aguilhoar continuamente o espírito: quando é que construiremos uma igreja maior do que esta, uma igreja dedicada a Nossa Senhora Auxiliadora? A nossa está muito pequena. Os meninos ficam amontoados penosamente e o povo dos arredores mal pode encontrar um lugarzinho. Sei que é uma empresa difícil e não tenho nem um centavo. Mas que importa? Se for da vontade de Deus, a igreja há de se levantar".

O titulo glorioso de "Nossa Senhora Auxiliadora" ou de "Auxilio dos Cristãos" era para ele uma idéia fixa. De ai a dois dias, na Festa da Imaculada Conceição, dia 8 de dezembro, disse ao clérigo Cagliero, depois das vésperas: "A festa correu bem; estou muito satisfeito. Foi nesta data que iniciamos a maior parte de nossas obras. Mas Nossa Senhora quer que agora nós a honremos com o titulo de Auxiliadora. Os tempos que correm são maus. Temos real necessidade de que seu auxílio poderoso nos ajude a conservar e a defender a fé. Por isso tenho intenção de erguer um templo a Ela e invocá-la sob esse título. Além disso tenho outra razão. Adivinhe!

- Será a Igreja-Mãe de nossa Congregação, a Igreja de onde irradiará toda a ação benéfica de seus filhos em prol da juventude.

- Isso mesmo! Adivinhou! Nossa Senhora Auxiliadora será a fundadora e o apóio permanente de nossas obras.

**- Mas onde pretende construir essa Igreja? Perguntou o clérigo Anfossi.**

**- Aqui perto, defronte à capela de São Francisco de Sales.**

**E com um gesto muito amplo o santo designava uma vasta área diante de si.**

**- Mas então como faremos para passar da igreja para casa? No meio fica a rua della Giardiniera!**

**- Essa rua vai ser suprimida. A rua Cottolengo, será prolongada e passará na frente da igreja; esta formará um todo único com os nossos edifícios.**

**- E . . . vai ser grande?**

**- Sem dúvida! E virá muita gente de todas as partes para honrar a Nossa Senhora.**

**- Mas, e o dinheiro?**

**- Ora! É a Igreja que Nossa Senhora quer. Ela pensará nisso!**

**E Nossa Senhora queria mesmo! Não há outra explicação. Pois apenas seis anos mais tarde realizava-se a consagração desse Santuário magnífico o qual todos os anos, no dia 24 de maio, assiste à afluência de imensas multidões de fiéis e ao desenrolar-se de espetáculos de imensa piedade.**

## OBSTÁCULOS AOS GRANDIOSOS PLANOS DE DOM BOSCO.

**Mais uma vez Dom Bosco demonstrava ser um homem de larga visão. Eis o plano da Igreja de N. S. Auxiliadora como ele concebeu e realizou: Uma área construída de 1.200 metros quadrados, erguendo-se a igreja até à altura de 60 metros. No alto, uma estátua de Nossa Senhora dominando a imensa cúpula, na qual dezesseis enormes vitrais deixam a luz coar-se para o interior do templo. Quatro capelas laterais e mais duas na extremidade de cada um dos braços da cruz formada pelo Santuário. Por detrás do altar, um pequeno coro circular com capacidade para uma centena de fiéis e com mais três altares. Logo na entrada, apenas atravessado o limiar, uma espaçosa tribuna para acolher trezentos cantores ao redor do órgão. Duas sacristias bem amplas e o carrilhão a vibrar nas tôrres que se erguem da fachada do templo harmonizando com todo o conjunto. [18].**

**Hoje esse Santuário, embora ampliado mal chega para o movimento do bairro, a cuja vida religiosa ele dá o ritmo, e nem para as peregrinações freqüentíssimas de que é centro. E no entanto acharam nos tempos de Dom Bosco que aquelas dimensões eram uma loucura do construtor.**

**Os homens riram-se do projeto e o inferno começou a trabalhar para fazê-lo fracassar. Não era sem motivo. Essa igreja ia erguer-se bem pegada aos terrenos onde nas tardes de sábado e domingo triunfava a taberna escandalosa; ia preceder de quase vinte anos o nascimento de um grande bairro operário; e finalmente ia tornar-se um centro de atração irrestível para milhões de fiéis do mundo inteiro. Cidadela formidável plantada bm de fronte aos assaltos do mal, era preciso a todo o custo impedir que ela se erguesse. E foi o duro calvário que Dom Bosco teve que suportar. Essa é**

a sorte de todos os construtores de igrejas; levam sua empresa contra todas as forças conjuradas do mal, mas, quanto mais se sentem contraditados, tanto mais se obstinam em prosseguir, porque então, é que vêem claramente que a obra não pode ser senão de Deus.

O primeiro obstáculo que Dom Bosco encontrou foram os proprietários do terreno no qual ele fazia questão de construir a igreja. Esse terreno já lhe tinha pertencido um dia. Comprara-o por ótimo preço numa ocasião de abundância e tivera que revendê-lo com desvantagem num momento de penúria. Não tinha sido a solução mais aconselhável. . . Mas nem sempre a gente pode fazer o que é melhor. Pois bem, o terreno tinha sido vendido ao Abade Rosmini, o grande filósofo italiano, fundador de uma congregação religiosa e grande amigo de Dom Bosco. Quando Rosmini morreu o terreno passara para as mãos dos membros da Congregação: esses não o usavam e estavam procurando um comprador que quisesse ficar com ele. Mas, sabe lá por qual motivo, o procurador encarregado da venda, impunha uma condição: que o terreno não fosse vendido a Dom Bosco. Este portanto teve que servir-se de uma terceira pessoa para poder comprar a área que desejava.

Surgiu em seguida uma espécie de veto no Conselho Municipal. Permitiam de boa mente que se construísse uma igreja naquele bairro infeliz, mas não queriam que fosse dedicada a Nossa Senhora Auxílio dos Cristãos. Julgavam que esse nome ocultasse algum fim político. É preciso não esquecer que o Piemonte se achava então no mais aceso da luta contra o Papado e que o Arcebispo de Turim estava no exílio ainda. Aquele título soava-lhes portanto quase como uma provocação! Invocar a N. Senhora "Auxilio dos Cristãos" para que ela defendesse a Igreja contra seus modernos inimigos! Para superar o obstáculo, na instância oficial apresentada ao Município, Dom Bosco não colocou nenhum título no Santuário que ia construir. Pediu somente licença para construir uma igreja num bairro abandonado da cidade e a licença foi concedida. Em maio de 1863, começaram o trabalho. A primeira coisa era cavar até dois metros e meio de profundidade, pois Dom Bosco queria empregar o subsolo para diversos fins. Mas remover terra de uma área de mil e duzentos metros quadrados numa profundidade de dois metros e meio não é tarefa de pouca monta. Entre a compra do terreno e a das tábuas que se necessitavam para a estacada lá se foram todos os recursos metálicos da casa: quatro mil liras. Nem mais um soldo em caixa. O ecônomo suspirava: "Não tenho mais dinheiro nem para selar as cartas". E Dom Bosco respondia: "Vamos para diante assim mesmo. Quem é que já me viu começar alguma coisa com dinheiro no bolso? É preciso deixar agir a Providência!" E a Providência teve que agir mais do que se esperava. Já iam adiantados os trabalhos de desaterro, quando perceberam que a construção ia repousar toda sobre um terreno de aluvião. Era impossível construir num solo movediço, como esse que as picaretas tinham encontrado. Foi preciso portanto fincar estacas na profundidade de vinte metros, a fim de garantir uma base firme para o futuro edifício. Que enorme despesa com a qual não se contava!

Assim mesmo porém conseguiu-se pagar. Mas de aí a um ano, quando a construção começava a emergir da terra e se tratava de erguer as paredes, a caixa do Santo estava totalmente vazia. Ao empreiteiro que lhe pedia um adiantamento para pagar os operários, Dom Bosco respondeu

"Abra as mãos que lhe vou dar tudo o que tenho; é por conta do que devo". E derramou seu porta-níqueis nas mãos estendidas do que pedia: caíram oito soldos nem um mais nem um menos. Diante do espanto do homem, Dom Bosco pronunciou uma frase tão otimista quanto a primeira: "Não tenha receio. Nossa Senhora se encarregará de fazer chegar o dinheiro necessário para a construção de seu templo. Eu serei apenas o caixa. O senhor há de ver". Terminou com um riso cheio de confiança. E não tinha a menor dúvida.

**UM SONHO QUE LHE REVELARA TRÊS ESCALAS ANTES DO PORTO.**

**E não podia mesmo ter dúvidas. Pois tinha certeza, desde o sonho que tivera numa noite de março de 1846. Nessa ocasião estava em véspera de ser posto na rua com todos os seus garotinhos; com a alma cheia de angústia interrogava a si mesmo onde poderia encontrar asilo, quando a seus olhos se apresentou um espetáculo curioso. Diante dele estendia-se uma imensa planície a perder de vista. Bandos de meninos aí brincavam, mas que meninos! Uns blasfemavam, outros faziam diabruras, e atiravam pedras... Eram rapazes abandonados pela família e profundamente viciados.**

**- Eu já ia fugir, contava Dom Bosco, quando a meu lado uma voz de mulher me disse: "Vai ao encontro deles e põe-te a trabalhar". Adiantei-me para aqueles meninos, mas que fazer? Faltava local, faltavam auxílios! Voltei-me para a Senhora misteriosa com a súplica nos olhos.**

**- Queres um local? disse ela. Eis aqui um.**

**- Mas isso é um campo apenas.**

**- Não importa. Meu Filho e os Apóstolos não tinham sequer uma pedra em que repousar a cabeça.**

**Pus-me então ao trabalho. Por mais que confessasse, pregasse, avisasse, percebi que sem um recinto fechado para recolher aqueles coitados, não conseguiria nada. Então a Senhora me conduziu um pouco mais para o norte.**

**- Olha, disse-me.**

**Olhei e vi uma modesta capela, de teto muito baixo, com um pequeno pátio e um grande número de meninos. Pus-me de novo ao trabalho com todo o ardor e Deus o abençoou, de sorte que em pouco tempo todos aqueles locais se tornaram insuficientes.**

**Então a Senhora descobriu aos meus olhos uma segunda igreja muito mais ampla e perto dela uma casa bastante espaçosa. E tomando-me pela mão, levou-me para defronte da igreja e me disse: "Aqui sofreram o martírio os três mártires de Turim: Otávio, Solutore Adventor, soldados da legião tebana. Quero que aqui Deus seja honrado de modo particular".**

**Nesse momento me vi rodeado por uma multidão de meninos, cujo número ia crescendo de um minuto para outro; e ao mesmo tempo cresciam os meus meios de ação. Entrementes vi erguer-se diante de mim, no lugar indicado do martírio, uma grandiosa igreja, circundada de edifícios que iam terminar num grande monumento.**

**Eram precisamente as três etapas por que devia pessar a sua obra, antes de chegar ao porto definitivo. A capela de teto muito baixo era o telheiro Pinardi; a segunda igreja muito mais ampla era a igreja de São Francisco de Sales, que ainda hoje está de pé no meio dos pátios do oratório: e a grandiosa igreja era a de Nossa Senhora Auxiliadora. O passado que se realizara ao pé da letra era uma garantia de que o futuro também se realizaria, e a fé serena e confiante de Dom Bosco infundia-lhe segurança absoluta.**

**MEIOS QUE EMPREGOU PARA CONSEGUIR RECURSOS.**

Não faltaram outras provações. Quantas vezes nesses cinco anos teve que suspender os trabalhos, reencetá-los, interrompê-los de novo para, de novo recomeçá-los, à medida que os recursos chegavam ou se acabavam! Em 1867 escrevia a um amigo de Roma: "Eu estava com quarenta pedreiros na obra, estou só com seis! E em caixa nem um soldo!" Antes de começar tinha feito o cálculo de que a despesa global seria de duzentas mil liras, e a obra inteira devorou mais de um milhão! Houve um momento em que, apertado pelas dificuldades, chegou a encarar a idéia de suprimir a cúpula, pois lhe ia consumir uma soma fabulosa. Pode-se dizer que durante cinco anos sua vida foi um tormento contínuo, uma corrida ao dinheiro. A fecunda imaginação lhe sugeria sempre novas invenções, com as quais forçar as bolsas a se abrirem, e sua confiante insistência levava-o bater a todas as portas. Ora com licença das autoridades lançava uma rifa gigantesca cuja extração, no mais das vezes, se devia prorrogar, porque era difícil a saída dos bilhetes; ora enviava a todos os devotos de Nossa Senhora que existiam na Península uma circular com um pedido de auxílio. Neste ano pedia ao Conselho Municipal a subvenção de 30 mil liras que costumavam dar às paróquias pobres em construção; e se não o conseguia, suplicava a Administração que, ao menos, não o inquietasse por ter na construção do templo invadido um pedacinho de terreno do Município, pegado ao seu. No ano seguinte batia à porta dosPríncipes ou ao coração de Pio IX, que lhe enviava uma oferta de 500 liras e uma confortadora bênção. Outras vezes, abria listas em que os que assinavam se comprometiam a dar ora um tijolo, ora um saco de cimento, ora uma coluna ou um vitral. Mais tarde, em 1867, sem mais recursos nem mais expedientes de que lançar mão, tomava o chapéu e o bordão de peregrino e percorria a Itália setentrional e central chegando até Roma, para recolher fundos. Viagem proveitosa, em que viu as duas aristocracias, de Roma e de Florença, porfiando em lhe dar auxílios.

Aos benfeitores costumeiros não dava tréguas. Eis aqui um gracioso bilhete ao Marquês Fassati

"As paredes de nossa igreja chegaram agora à altura de dois metros e as obras prosseguem cheias de vida. Estou ouvindo a Senhora Marquesa perguntar: - E a caixa a que altura chegou? - Ah! Desde que a senhora partiu, vai diminuindo sensivelmente. Mas tenho confiança de que Deus, que até hoje nos ajudou visivelmente, não permitirá que se interrompam os trabalhos".

E este outro à Condessa Callori

> "A estátua de Nossa Senhora que deve coroar a cúpula de nossa igreja vai custar mais caro do que eu esperava. É preciso que tenha quatro metros de altura, que seja de cobre bem grosso, e seja feita com todo o capricho. Estou sendo informado de que o custo orçará certamente em doze mil liras. Já encontrei uma boa senhora que me prometeu oito. Minha intenção não é pedir à senhora que salde o resto, a não ser que... a não ser que esta boa Mãe tenha feito chover moedas de ouro em sua casa nestes últimos tempos".

Enfim, quando todos os meios humanos, que lhe poderiam fornecer dinheiro, se esgotavam, fazia entrar em ação a "artilharia pesada". Quer dizer: despertava-se nele o taumaturgo e arrebatava ao Céu milagres, os únicos capazes de pagar as dívidas da construção. Quando o templo ficou concluído, o construtor pôde dizer: "Não há pedra que não represente um favor concedido por Nossa Senhora Auxiliadora". E era verdade. Eis por exemplo como foi que a grande cúpula, a que se esteve para renunciar num dado momento, encontrou o benfeitor que a completou.

O comendador Cotta, senador, velho amigo de Dom Bosco, ia extinguindo-se lentamente em Turim, na idade de 83 anos.

- Para mim está mesmo tudo acabado, dizia ele a Dom Bosco, que o fora visitar; ainda uns poucos momentos e partirei para a eternidade.

- Não, absolutamente! Respondeu o homem de Deus. Nossa Senhora ainda precisa do senhor neste mundo, para a construção de sua igreja.

- Com que gosto não ajudaria! Mas V. Revma. está vendo...

- E se Nossa Senhora Auxiliadora lhe restituísse a saúde que faria?

Daria duas mil liras para sua igreja durante seis meses seguidos.

- Pois então vou voltar aos meus meninos, vou mandá-los rezar e a graça. será alcançada. Tenha confiança!

De aí a dois dias Dom Bosco estava em seu escritório a escrever uma carta, quando viu aparecer na porta o moribundo ressuscitado e todo alegre a lhe trazer a primeira contribuição prometida. Viveu mais três anos e continuou sempre a ajudar Dom Bosco em suas empresas.

Outra vez - era o dia 16 de novembro de 1866 - Dom Bosco tinha que pagar ao empreiteiro quatro mil liras antes de terminar o dia e não tinha nem um escudo. Desde manhã cedo o Padre Rua, que era o ecônomo da casa, e alguns coadjutores tinham saído à procura de alguma coisa. Só Deus sabe quantas ruas percorreram, quantas escadas subiram. Mas voltaram às onze horas com mil liras somente. Era tudo o que tinham podido conseguir.

Com olhares de consternação profunda olhavam uns para os outros sem saber o que dizer. Dom Bosco, porém, sorrindo disse

- Não desanimem! Depois do almoço irei eu mesmo arranjar o resto.

A uma hora da tarde, Dom Bosco tomou o chapéu e saiu, esperando que a Providência lhe abrisse algum caminho.

Depois de dar várias voltas ao acaso, achou-se diante da estação principal. Parou sem saber com precisão aonde dirigir os passos. Nesse instante aproximou-se dele um lacaio de libré e lhe disse

- Com licença, reverendo. O senhor é que é Dom Bosco?

- Sou eu mesmo. Em que lhe posso ser útil?

- Meu patrão mandou pedir-lhe que vá visitá-lo quanto antes.

- Pois vamos visitar seu patrão. É longe daqui?

**- Não, senhor. É aqui no fim desta rua. E mostrou-lhe um magnífico palácio.**

**- Aquele palácio é dele?**

**- É sim senhor. Meu patrão é muito rico.**

**Entraram e chegaram a um quarto belíssimo. No leito estava um senhor de certa idade, que demonstrou imensa alegria quando viu Dom Bosco.**

**- Reverendo, tenho grande necessidade de suas orações. V. Revma. é que me pode curar.**

**- Há muito tempo que está doente?**

**- Há três anos que estou pregado neste leito de dores. Não posso mover-me e os médicos não me dão esperança. Se eu pudesse conseguir alguma melhora, faria alguma coisa pelas suas obras.**

**- Oh! Muito bem! Estamos precisando hoje de três mil liras para a igreja de Nossa Senhora Auxiliadora.**

**- Três mil liras! Que é que está dizendo! Se tratasse de algumas centenas ainda se poderia ver, mas três mil!**

**- Acha muito? Então não falemos mais nisso.**

**E sentando-se começou a falar de assuntos completamente indiferentes.**

**- Mas, Padre, não é disso que lhe queria falar. E a minha cura?**

**- A sua cura? Mas ia sugerir-lhe um remédio, o senhor não quis...**

**- Mas três mil liras!**

**- Não insisto.**

**- Pois bem, faça que eu consiga algum alivio nos meus sofrimentos e prometo-lhe que no fim do ano não me esquecerei de seu pedido.**

**- No fim do ano! Mas nós precisamos dessa soma esta tarde mesmo!**

**- Está tarde! V. Revma., compreende que três mil liras não é dinheiro que se conserve em casa. Seria preciso ir ao Banco, preencher certas formalidades...**

**- Ora, e por que não vai ao Banco?**

**- V. Revma. está gracejando. Há três anos que não saio da cama. É impossível**

**E dizendo isso, Dom Bosco fez reunir no quarto todas as pessoas da casa, umas trinta mais ou menos. Sugeriu-lhes uma oração ao SS. Sacramento e a Nossa Senhora e rezou com eles. Depois mandou que trouxessem a roupa do doente.**

**- A roupa?! Mas o patrão não tem mais roupa. Há três anos que não põe um terno! Não sabemos nem onde estão as suas roupas.**

**- Pois vão comprar na loja mais vizinha - gritou já impaciente o doente - façam o que Dom Bosco disser.**

Durante a cena entrou o médico, o qual quis impedir o que lhe parecia uma autêntica loucura.

Mas a roupa foi encontrada; o doente se vestiu e começou a andar no quarto de um lado para outro, com grande espanto dos presentes.

Mandou atrelar os cavalos; enquanto isso pediu que lhe trouxessem uma refeição e comeu com um apetite que desde muito tempo não conhecia.

Depois, todo reanimado, desceu as escadas recusando qualquer apóio, e subiu na carruagem.

Daí a instantes trazia a Dom Bosco as três mil liras.

- Estou completamente curado! Era o que repetia sem cessar.

Ora, replicava Dom Bosco, o senhor fez sair o dinheiro do banco, Nossa Senhora o fez sair da cama.

## A ÚLTIMA PEDRA DO SANTUÁRIO.

E foi assim que, com milagres e fadigas, depois de muito parar e muito começar, Dom Bosco viu chegar a realização completa de seu sonho. E quando a construção ficou ultimada em suas grandes linhas e ergueu por sobre o berço milagroso da Obra Salesiana seu perfil majestoso, brotou uma idéia de poeta no coração de quem a estava construindo. Faltavam 24 horas para que a cúpula soldasse hermeticamente seus arcos. Mais uns blocos de pedra e o grande arcabouço estaria terminado. Então Dom Bosco quis que a última pedra fosse colocada pelas mãos de um menino. Na presença de um grande número de fiéis, de amigos, de meninos convidados para a cerimônia, viu-se, nessa tarde de setembro, o homem de Deus subir lentamente e com precaução a série de escadas metálicas que levavam ao cimo do edifício. Na frente dele ia galgando os degraus o pequeno Manoel Fassati, filho do Marquês Fassati e da Condessa De Maistre, grandes benfeitores do Santuário. Em baixo, a multidão ia acompanhando trepida a subida do padre e do menino. E quando ambos se inclinaram para a grande cúpula a fim de fechá-la definitivamente com a colocação da última pedra, levantou-se de toda a multidão uma aclamação imensa àquele grupo simbólico, que parecia encarnar a fé, a esperança e a caridade: a fé era a igreja; a esperança, o menino; a caridade, o santo educador.

Esta cena se passou no outono de 1866. Foram necessários mais dois anos para levar a termo os trabalhos de alvenaria, a decoração e a aquisição das alfaias para a igreja.

## CONSAGRAÇÃO DO TEMPLO (1868).

Raiou finalmente a aurora do dia suspirado. No dia 9 de junho de 1868, Mons. Riccardi de Netro, Arcebispo de Turim, fazia a consagração do templo dedicado a Nossa Senhora Auxiliadora. Quando pelas dez horas da manhã, terminada a função da consagração, que se realizara de portas fechadas, a igreja se abriu para os fiéis, foi uma enchente de povo. Em poucos minutos, a igreja ficou repleta e foi diante dessa multidão compacta e devota que o Arcebispo celebrou a primeira missa. Seguiu-se

logo a missa de Dom Bosco, a qual foi toda um hino de ação de graças à Virgem poderosa e boa, cujo auxílio contínuo lhe tinha permitido erguer em cinco anos aquele magnífico santuário.

A história da arte tem uma página chocante: Miguel Angelo baixou à tumba antes de ver projetar-se no céu de Roma aquela cúpula maravilhosa, poema de harmonia e de proporção, que devia coroar a basílica de São Pedro. Tinha o desenho dela em seus cartões; podia, fechando os olhos, adivinhar-lhe a mole grandiosa com a imaginação; mas seus olhos humanos não iriam vê-la na terra. Que suprema dor!

A Dom Bosco não aconteceu isso. Durante mais de vinte anos ele tinha contemplado, com olhos que não eram deste mundo, o grandioso templo que ia erguer a Nossa Senhora Auxiliadora, coroado por uma cúpula, a dominar o campo em que brincavam seus meninos. Quantas vezes, em sonhos, o tinha visto exatamente como ia surgir num dia não remoto! Havia momentos, em que a visão era tão nítida, que ele julgava que também os outros a vissem e então exclamava: - Meninos! Meninos! Estão vendo lá em cima? A estátua de Nossa Senhora toda circundada de luzes! E com o dedo indicava um ponto misterioso do espaço, no qual seus olhos viam realmente alguma coisa. ~ Os meninos olhavam para ele e depois se entreolhavam inquietos e assustados.

Porém quando naquele dia 9 de junho a consagração realizada pelo Arcebispo abriu o templo aos fiéis, o susto e a inquietude dos meninos, já agora homens feitos, mudaram-se em veneração. Então compreendiam e admiravam. Todas as janelas do Oratório, nessa noite, estavam iluminadas a giorno; no pátio ecoavam músicas e cantos, uma multidão de meninos, vindos das duas casas salesianas vizinhas - Lanzo e Mirabello -, ali se acotovelavam; a aragem tépida de uma doce tarde de primavera perpassava por sobre aquele mundo de crianças; no alto, bem no ponto do espaço indicado por Dom Bosco, a imagem de Nossa Senhora Auxiliadora, cingida por uma auréola de luzes de várias cores, campeava sobre a cúpula. "Dom Bosco, - disse então um ex-aluno -, lembra-se? Há vinte anos o senhor nos mostrava aquele ponto com o dedo". - "É verdade, respondeu Dom Bosco; e o que eu estava vendo naquela ocasião vocês estão vendo agora. Quanto Nossa Senhora nos quer bem!"

## A IGREJA DE SÃO JOÃO EVANGELISTA.

Nem bem acabara o ano de 1868 e já Dom Bosco pensava em transportar, a outro ponto da cidade, a sua atividade de construtor. Já vimos como em 1847, em vista do aumento extraordinário dos alunos do Oratório, ele tinha ido fundar uma nova colméia a dois passos da Estação de Porta. Nova, a principal de Turim: o oratório de São Luiz Gonzaga. Nesse Oratório, o Padre Borel, o Padre Murialdo, e mais tarde o Padre Rua tinham assumido a responsabilidade de todos os meninos desse lado meridional da Cidade. O bairro, nessa ocasião, não tinha mais gente do que tinha Valdocco no tempo em que Dom Bosco lá se estabelecera. Era o quartel general de todas as lavadeiras de Turim. Perto passava o rio, que era raso e de margens enxutas; e não faltavam campos incultos, onde estender a roupa para secar. Era também aí o domínio da meninada, atraídos como eram por essa grande extensão deserta onde a polícia não ia incomodá-los, senão muito raramente. Tudo, portanto, era um convite para a instalação da obra que Dom Bosco lá inaugurou, no dia 8 de dezembro desse ano.

Não pensemos porém que Dom Bosco tenha sido o único a compreender o futuro desse bairro. Os Valdenses, pouco depois dele, aí instalaram seu

principal centro de propaganda. A beira da Alameda dei Platani - hoje Avenida Vittorio Emmanuele - graciosa e tão salubre, onde surgiam como por encanto novas casas de aluguel e novos palacetes, construíram um templo imponente e, ao lado dele, uma escola e um restaurante econômico. O perigo ia-se tornando sério e era preciso encontrar quanto antes um remédio. Foi esse o motivo pelo qual, desde 1868, concluída a obra da Basílica de N. S. Auxiliadora, já Dom Bosco pensou em levantar a torre de uma igreja católica bem pertinho da fachada dos Valdenses. Mas quando se tratou da compra dos terrenos surgiu um obstáculo: os proprietários eram os mesmos Valdenses, os quais naturalmente pressentiram os projetos de Dom Bosco e tudo fizeram para impedir que se realizassem. Foram necessários oito anos para vencer a oposição! Havia uma área, precisamente, de quatrocentos metros quadrados, que Dom Bosco queria incluir no terreno de que necessitava, e não havia meios de conseguí-lo.

Sem esse pedaço de terreno, a igreja teria que reduzir muito suas dimensões e teria que ficar enviezada com a alameda. O valdense a quem o trecho pertencia, calculando a importância que teria no plano geral, teimava em não cedê-lo por menos de 130 mil liras, isto é, o sêxtuplo do que valia. Depois de vários anos de negociações e combinações, o assunto estava no mesmo pé em que estivera desde o primeiro dia; lutava-se contra uma evidente má vontade. Foi preciso recorrer ao Ministério das Obras Públicas e ao Conselho de Estado para fazer declarar de utilidade pública a ereção da igreja e portanto desapropriar compulsoriamente o terreno em questão. Mas os papéis para se conseguir isso encontraram entre os altos funcionários uma cumplicidade poderosa que os fez ficar adormecidos nas pastas da administração. Finalmente, lá pelo ano de 1875, conseguiram despertá-los e, o dia 6 de fevereiro de 1876, um decreto real declarou de utilidade pública a construção do templo projetado. O nosso valdense, compreendendo que ia mesmo perder definitivamente a partida, fez transportar para o seu terreno grande quantidade de pedras e pediu seis meses, para desocupá-lo. Era a obstrução que ameaçava recomeçar sob nova forma. O Santo moveu, então, uma vigorosa ação judiciária contra o teimoso adversário: depois da perícia, o homem teve que mandar limpar o terreno e cedê-lo pela modesta soma de 23 mil liras. Assim ruía por terra o último obstáculo e a obra podia começar.

Os trabalhos de remoção da terra não foram demorados, de sorte que, no dia 14 de agosto de 1878, o Vigário Geral da Arquidiocese pôde benzer a pedra angular do edifício.

Era uma igreja de estilo românico-lombardo que ia ter 60 metros de comprimento por 22 de largura, com capacidade para quatro mil pessoas, mais ou menos. Graças à generosidade de todos os benfeitores, estimulados pelos convites insistentes do Boletim Salesiano, Dom Bosco pôde dar impulso muito ativo à construção e concluí-Ia dentro do espaço de quatro anos. É verdade que sobre ele pairava a benção do saudoso Fio IX; pois, poucos meses antes de morrer, o santo Pontífice tinha visto com satisfação o projeto e tinha encorajado a realizá-lo: "Prossiga, tinha dito a Dom Bosco, e a bênção de Deus não lhe faltará". E acompanhara a aprovação com a generosa oferta de duas mil liras.

Pelo orçamento, Dom Bosco, calculava que a igreja iria custar meio milhão de liras; mas na, realidade as despesas passaram de um milhão. Dom Bosco , porém, as enfrentou corajosamente, pois já antevia o templo a expandir à flux a verdade católica e a graça nas almas dos fiéis, neutralizando a ação dos vizinhos protestantes.

Dom Bosco quis que a igreja construída a poder de tantas fadigas, fosse dedicada a São João, como homenagem àquele que antes de se chamar Pio

IX chamara-se João Mastai Ferretti . . . Na entrada colocou uma estátua monumental do grande papa, em mármore branco de Garrara, obra do escultor Gonfalonieri, de Milão. Fazia quatro anos que o amável Pontífice tinha subido aos céus, mas o Santo conservava no coração sua memória. E aquela igreja imponente, uma das mais belas de Turim consagrada ao culto, no dia 24 de outubro de 1882, por Mons. Gastaldi, Arcebispo de Turim, era o ex-voto de seu agradecimento para com o grande ancião que, em todo o longo pontificado de mais de trinta anos, jamais deixara de cumular seus filhos de benefícios.

## A BASÍLICA DO SAGRADO CORAÇÃO EM ROMA.

Mal terminara Dom Bosco essa obra colossal, quando o sucessor de Pio IX, o grande Leão XIII, impôs aos ombros cansados do pobre construtor um novo peso, que parecia mesmo demasiado. Poucos meses antes da morte de Pio IX, uma comissão de católicos tinha feito o plano de construção de uma igreja ao Sagrado Coração de Jesus, no Esquilino, em Roma. A Cidade Eterna não tinha um templo dedicado a essa devoção e o velho Pontífice não só abençoara a idéia, mas até comprara, com seu dinheiro, o terreno para a construção. A idéia era de fato das mais felizes e oportunas, porquanto estava surgindo toda uma nova cidade, naquele bairro perto da Estação principal. Romanos eram pouquíssimos, mas muitos piemonteses, lígures, venezianos, lombardos, ali se estabeleciam, atraídos pela salubridade do lugar. Era uma população muito variada.

> "Há bons católicos no meio deste povo, escrevia um salesiano depois de ter estudado bem o ambiente; mas há também muitos indiferentes e muitos de péssima categoria; há protestantes em bastante quantidade... e até turcos fanáticos . . . "

Como se vê, era um rebanho importante sem pastor e sem redil. Entre Santa Maria Maior e São Lourenço fora dos Muros não existia ainda nenhuma igreja católica, ao passo que ameaçavam multiplicar-se os templos protestantes. Portanto, o ponto que escolheram era bom para construir um templo dedicado ao Sagrado Coração de Jesus. Leão XIII, quando ainda Arcebispo de Perusia, tinha sido o primeiro bispo da Itália a consagrar sua diocese ao Sagrado Coração. De sorte que, quando sucedeu a Pio IX, teve logo a preocupação de rever o projeto e o entregou ao seu Vigário Geral, Cardeal Mônaco Lavalletta, para que o fizesse executar decididamente. O eminente Cardeal fez tudo o que pôde. Mandou uma circular a todos os bispos católicos do mundo, pedindo-lhes que ajudassem financeiramente a levar a termo a construção, em memória do imortal Pontífice extinto. As ofertas recebidas permitiram lançar os alicerces e no dia 17 de agosto de 1879 colocou-se a primeira pedra. Infelizmente, pouco depois foi preciso paralisar as obras por falta de recursos. Tinham sido obrigados a assentar os alicerces na profundidade de 18 metros porque, ao fazerem as escavações, tiveram a desagradável surpresa de encontrar o terreno todo perfurado pelas galerias resultantes da extração da "pozolana". [19] Com isso todo o dinheiro se esgotara. Que fazer?

## LEÃO XIII CONFIA A DOM BOSCO A CONSTRUÇÃO.
## DOM BOSCO ACEITA.

Leão XIII andava preocupado com a situação e conversando um dia com os

Cardeais, após um consistório, não soube ocultar esse seu estado de espírito. - Que pena! dizia ele. Não se pode prosseguir! É a glória de Deus, é a honra da Igreja, é o bem espiritual de tantas almas que estão em jogo nesta empresa. Não sei mesmo como conseguir sair deste embaraço!

- Santíssimo Padre eu teria um meio a sugerira V. Santidade, disse o Cardeal Alimonda.

- Pois diga, Eminência!

- Entregue a empresa a Dom Bosco, ele levará a termo.

- Mas será que aceita?

- Eu conheço Dom Bosco. Para ele um desejo de Vossa Santidade é uma ordem.

O papa não perdeu um minuto. Nesses dias Dom Bosco estava mesmo em Roma. Pois tinha ido tratar com o próprio Leão XIII sobre interesses de suas missões na Patagônia. O Santo Padre lhe concedeu audiência no dia 5 de abril de 1880 e nessa ocasião lhe confiou o nobre, mas pesado encargo. Voltando a Turim, Dom Bosco reuniu o Capítulo para consultar seu parecer. Houve uma longa discussão. Os seis conselheiros tinham receio de ver o Pai com a idade que tinha, com o cansaço e os achaques que o prostravam aceitar peso tão grande. Essa terceira construção, pensavam eles, ia abreviar a vida Dom Bosco; tanto mais que a igreja de São João Evangelista não estava ainda paga de todo; pelo contrário, estava pesando duramente para as finanças da Congregação. Quando se procedeu ao escrutínio, que foi secreto, a apuração deu seis votos negativos e um positivo. Dom Bosco não se mostrou surpreendido. E disse simplesmente: "Vocês votaram como aconselhava a prudência humana e está muito bem. Mas acreditem no que eu vou dizer: se votarem de novo e derem o voto favorável, posso garantir-lhes que o Sagrado Coração de Jesus, a quem será dedicado este templo, nos fornecerá os meios, pagará as nossas dividas e ainda por cima nos enviará um bom presente".

O tom inspirado com que Dom Bosco pronunciou estas palavras convenceu o Capítulo; no segundo escrutínio houve tantos votos afirmativos quantos eram os que votaram. Além disso ficou decidido apresentar-se ao Santo Padre uma proposta de modificação da planta. O motivo da alteração era que o projeto do edifício parecia um pouco acanhado e além disso Dom Bosco e os conselheiros desejavam ver mais tarde, ao lado do templo, um grande internato para meninos pobres e abandonados. O Papa gostou do plano e Dom Bosco, para podê-lo realizar, comprou, ao lado das fundações mais cinco mil e quinhentos metros quadrados de terreno.

## ESMOLAS PARA A CONSTRUÇÃO DO TEMPLO.

E puseram mãos à obra. A fim de conseguir os fundos necessários para a construção, Dom Bosco, antes de tudo, enviou uma circular a todos os bispos do mundo e a todos os diretores de jornais católicos, explicando-lhes a origem, a natureza e o escopo da empresa. Realizou-se uma rifa de proporções gigantescas que não deixou de reunir uma boa soma de dinheiro. A um convite de Dom Bosco, o patriciado romano se entusiasmou e completou uma subscrição com que se custearam as doze colunas de granito que iam sustentar o edifício. Por iniciativa do conde Balbo de Turim, o Arcebispo dessa cidade lançou um convite a todos os católicos italianos e

eles se cotizaram para oferecer ao Santo Padre, toda a importância necessária, para as despesas da preciosa fachada. O próprio Leão XIII, apesar de no momento que confiara a construção a Dom Bosco, não lhe ter dado muita esperança de pode-lo ajudar com alguma oferta, mais de uma vez lhe forneceu auxílio. No dia 23 de abril de 1881, perguntou o Santo Padre numa audiência

- Que tal? Como vão os trabalhos?

- Vão progredindo, Santidade. Já temos cento e cinqüenta pedreiros nas obras. A caridade dos católicos nos está dando coragem; mas devo confessara Vossa Santidade, que o peso desta tarefa está-se fazendo sentir demais, para os meus velhos ombros.

- Pois, então aceite isto, Dom Bosco, disse Leão XIII, apresentando-lhe um pacote de cinco mil liras, que tinha recebido poucos minutos antes. Recebi-o com a mão direita e agora lho dou com a esquerda, augurando que alguém imite este meu exemplo, em favor de uma obra que me é muito cara.

Na verdade imitaram o exemplo do Papa, mas não na proporção que a importância da empresa requeria, de sorte que, mais de uma vez, tiveram que suspender os trabalhos, por falta de fundos. No momento de assumir aquela incumbência o Santo acalentava a esperança de terminá-la em quatro anos; mas em 1883 tinha apenas chegado a cobrir o edifício. Foi então que Dom Bosco teve a idéia de ir suplicar a caridade da França. E foi ótima idéia. Desde os primeiros momentos encontrou generosidades inesperadas. Um benfeitor, conde Colle de Toulon, abriu o cofre e, por assim dizer, deixou que Dom Bosco tirasse às mãos cheias. Depois o Santo foi a Paris e aí recolheu dezenas de milhares de francos. Durante essa viagem, saiu-lhe uma vez do coração agradecido, um belo elogio à França. O Padre Bellamy, salesiano francês, lhe tinha manifestado em conversa o receio que ele não conseguisse resultado algum. E lhe dizia: -Vossa Rev.ma está chegando num momento muito pouco propício. Estão recolhendo esmolas para Montmartre, cujos alicerces devoram milhões de francos; pedem esmolas para a construção imediata de escolas católicas que, com a recente votação de uma lei nefasta, se fizeram necessárias; e V. Rev.ma acha que as bolsas ainda se vão abrir para ajudar a igreja de Roma?

- Ah! respondeu-lhe Dom Bosco. Estou vendo que conhece bem mal a sua terra. A França tem dinheiro para todas as necessidades e dá sem tréguas e sem cansar. Diga-se o que se quiser, apesar de todas as tempestades e de todas as provações, para os que a conhecem bem (e Dom Bosco está entre esses), a França é sempre a generosa França.

## DESCRIÇÃO DO TEMPLO. FESTA DA CONSAGRAÇÃO.

Quando os salesianos de Roma ou o próprio arquiteto interrogavam Dom Bosco a respeito de algum particular do projeto ou sobre alguma modificação que se deveria introduzir nos projetos primitivos, ele terminava sempre a resposta com esta norma: "E que seja uma igreja digna do Sagrado Coração de Jesus e digna de Roma". E foi digna.

A igreja seguiu o plano das grandes basílicas romanas de três naves. Tem 60 metros de comprimento, por 30 de largura. A porta principal e as duas portas laterais têm portais de mármore de carrara finamente esculpidos. No interior doze colunas maciças de granito azul, com capitéis corintios,

fixam as grandes linhas do Santuário; mais de cento e cinqüenta afrescos embelezam as paredes; e seis altares laterais todos de mármore precioso e um batistério, que é talvez o mais belo de Roma, depois dos das grandes basílicas, decoram religiosamente a casa de Deus. Enfim, à direita de quem entra, uma solene estátua de puro mármore de Paros, reprodução exata da que se encontra na igreja de São João Evangelista de Turim, retrata a figura paterna de Pio IX. A mão direita na atitude de dar a bênção, enquanto a esquerda apresenta o breve de aprovação da Congregação Salesiana, No pedestal lêem-se estas palavras

PIO IX P. M.

ALTERI SALESIANORUM PARENTI
FILII POSUERUNT

(A Pio IX, Pontífice Máximo, segundo Pai dos Salesianos, os filhos dedicaram).

Não podia haver titulo mais merecido, nem gratidão mais sincera. No dia 14 de maio de 1887, realizou-se a solene consagração pelas mãos de Eminentíssimo Cardeal Parocchi, Vigário de sua Santidade. O Santo tinha impaciência de ver surgir a aurora desse dia, porque, seu pobre corpo, martirizado por uma enfermidade implacável, sentia a vida fugir lentamente. "Se quereis que eu assista à cerimônia, realizai-a antes do fim de maio, porque depois será tarde demais". Para aumentar o esplendor da festa, a Schola Cantorum do Oratório de Turim foi em peso a Roma. E foi realmente uma cerimônia grandiosa a dessa consagração, com a qual se abria para o povo católico, num bairro destinado a ter, dentro em pouco, vinte mil almas um templo "digno de Roma e digno do Sagrado Coração de Jesus". Mais de uma vez, durante o rito sagrado, viram Dom Bosco chorar de comoção. Eram lágrimas de agradecimento do servo bom e fiel, ao Mestre que o escolhera para erguer dentro do espaço de um quarto de século, três Santuários célebres, um à sua glória, outro à glória de sua Mãe Santíssima, outro à do discípulo predileto. A estes Santuários correm as almas dos pequeninos e dos humildes para irem beber na fonte de água viva que jorrava para a vida eterna.

## CAPÍTULO IX

## O VIDENTE

Índice

A LUZ DE DEUS. O OLHAR DE DOM BOSCO.

DOM BOSCO LIA NO FUTURO.

DOM BOSCO PREDIZIA A MORTE.

FENÔMENOS DE VISÃO A DISTÂNCIA.

UM CASO INEGÁVEL DE BILOCAÇÃO.

LIA NAS CONSCIÊNCIAS.

**DOM BOSCO LÊ AS CONSCIÊNCIAS NA CONFISSÃO.**

**A VOZ DOS SONHOS. O PADRE CAFASSO EXORTA DOM BOSCO A NARRÁ-LOS.**

## CAPÍTULO IX

## O VIDENTE

**A LUZ DE DEUS. O OLHAR DE DOM BOSCO.**

**EM todos os capítulos precedentes, fizemos apenas ligeiras alusões, muito discretas às relações quase continuas de Dom Bosco com o mundo sobrenatural. Desde os nove anos o Santo teve desses contatos maravilhosos, sob diversas formas, e deles recebeu, pode-se dizer, todas as orientações do seu pensamento e do seu modo de agir. Pois bem, agora que estamos na metade do livro, é preciso entregar aos nossos leitores a chave dessa vida. É preciso, portanto, mostrar-lhes que o humilde sacerdote era de fato o enviado de Deus, para uma missão especial, para uma tarefa definida, já que Deus punha à sua disposição as luzes e as forças do Céu. O futuro tinha para Dom Bosco poucos segredos, e o mundo físico, a uma simples súplica que ele fizesse a Deus, mudava seu curso ordinário. Dom Bosco era um vidente e um taumaturgo. Aos que o conheceram no pleno vigor de sua atividade, aí pelos cinqüenta anos, quando se perguntava sobre a impressão que tinham tido, a resposta era invariavelmente esta: "A aparência de um bom sacerdote, simples, muito simples, de sorriso afável, pronto e inteligente; mas o que mais nele impressionava era o olhar. Que olhos! Parecia que atravessavam a gente. Uma verruma a perfurar os corações: é precisamente a melhor imagem para exprimir a sensação que nos causava!" Expressão clara de uma realidade desconcertante! Do Santo Cura d'Ars se dizia: "Os olhos deste homem não são feitos como os dos outros". Pois de Dom Bosco é necessário dizer: "Este homem tinha um olhar que penetrava no inacessível". Ele via o que é oculto para o resto dos homens, o mistério dos corações, o segredo das consciências, os pensamentos mais íntimos, e até o futuro das criaturas e o fim de sua vida; além disso, páginas inteiras da história, o caminho dos acontecimentos de amanhã, de depois de amanhã e de mais tarde ainda, tudo isso ele lia com uma lucidez maravilhosa, com uma clarividência rara. Tentar uma explicação natural desses fatos devidamente verificados e atestados com a fórmula sagrada do juramento é impossível: são por demais numerosos. E, sobretudo, superam evidentemente o poder comum dos mortais. Esse olhar penetrante sobre os homens, as coisas e os acontecimentos, vinha de Deus que dessa maneira apoiava a missão de seu Servo.**

**DOM BOSCO LIA NO FUTURO.**

**Quantas vezes, por exemplo, se deu o fato de ele descobrir aos seus meninos, a seus amigos ou mesmo a pessoas desconhecidas o futuro que os aguardava! A Congregação Salesiana já estava fundada. Um de seus membros, por sinal ótima pessoa, via-se atormentado pelo pensamento de que Deus o queria em outra ordem religiosa mais antiga. Foi portanto ter com Dom Bosco e lhe expôs a tentação, mas com um tom de quem já decidiu e não pretende mais ouvir nenhum conselho. Dom Bosco percebeu logo e por isso interrompeu sem delongas, aquela conversa inútil, dizendo estas simples**

palavras: "Pois então vá, já que deseja mesmo ir; mas olhe: se você ainda não está louco, vai ficar!"

O pobre moço, todo enfatuado nos seus planos, nem prestou atenção a esse aviso e partiu para o noviciado da ordem religiosa que escolhera. Pois bem, doze anos depois da profissão, os superiores tiveram que dispensá-lo dos votos para poder voltar ao equilíbrio mental: estava louco, embora não furioso. Deus dava assim razão a Dom Bosco. Depois o pobre padre recuperou a razão e reparou a sua imprudência, mostrando-se sacerdote zeloso, no clero secular.

Doutra feita, Dom Bosco estava presidindo a um retiro espiritual, no qual tomavam parte muitos senhores de Turim. Estavam na igreja rezando as orações da noite. Dom Bosco rezava em voz alta, com aquele acento particular de piedade, do qual jamais podiam esquecer-se, os que o ouvissem alguma vez. De repente, no segundo versículo do De profundis parou imóvel como que absorto, enquanto seu olhar parecia seguir alguma coisa que ia percorrendo a igreja de uma extremidade a outra. Ao cabo de um minuto mais ou menos, deu um longo suspiro, baixou outra vez os olhos, tentou retomar o fio da oração, mas não conseguiu senão balbuciar algumas palavras confusas. Finalmente, desistiu de prosseguir e terminou com o Sinal da Cruz bem decidido. No dia seguinte, um dos homens que estavam fazendo 0 retiro gracejou amavelmente com ele: "Então, Dom Bosco, distraiu-se ontem nas orações, hein!" E Dom Bosco respondeu: "Enquanto eu estava rezando o Si iniquitates, vi sair duas chamas do altar. Numa delas li a palavra Heresia e na, outra Morte; as chamas foram seguindo para o fundo da igreja e eu as fui acompanhando com os olhos naturalmente cheios de ansiedade... até que as vi pousar sobre a cabeça de duas pessoas, que reconheci perfeitamente". Pouco tempo depois uma figura importante de Turim, verdadeira notabilidade católica, passava para o protestantismo, suscitando um grande escândalo; e pouco mais tarde morria um dos componentes daquele retiro de Santo Inácio.

Em 1855, Dom Bosco estava terminando o jantar em companhia dos clérigos Rua, Francesia, Cagliero, Turchi e Anfossi. Antes de se levantarem da mesa, lançou de improviso, no meio da conversa, esta predição: "Um de vocês um dia vai ser bispo. E não será o único que vai sair de aqui do Oratório; mas os outros não estão aqui". De fato no dia 7 de setembro de 1884 o Padre Cagliero, chefe da primeira expedição de missionários salesianos, foi consagrado bispo de Mágida.. Morreu mais tarde como Cardeal da Santa Igreja.

Quando passou pela França em 1883, mais precisamente, na brevíssima parada que fez em Amiens, apresentou-se-lhe uma moça e falou com ele a respeito de sua vocação ao estado religioso. "Minha filha, respondeu ele depois de a ter escutado bastante tempo, vejo que possui espírito de prudência. Conserve-o preciosamente e que Deus vele sobre sua pessoa. Terá que esperar muito, antes de realizar seu desejo, mas finalmente entrará numa congregação, fundada precisamente no ano em que a senhora nasceu. De fato doze anos mais tarde essa moça entrou na congregação das Pequenas Irmãs da Assunção, fundada em 1864, ano em que ela nascera. Dom Bosco nunca tinha visto essa jovem; ignorava tudo o que a ela se referia, desde a idade até as dificuldades que iam obrigá-la a permanecer tanto tempo no mundo.

Assim também desconhecia o moço que certa manhã de outubro de 1882, precisamente no dia 29, rezava junto à mesa da comunhão da capela de São Pedro, em que o Santo estava celebrando missa. Terminado o santo sacrifício, Dom Bosco descia os degraus do altar com o cálice nas mãos, quando viu desprender-se uma pequena chama do altar de Nossa Senhora Auxiliadora e ir pousar direitinho sobre a cabeça do moço. Parou um

instante, surpreendido, para verificar se seus olhos não o estavam enganando e depois foi para a sacristia. Após meia hora estava no pátio com um grupo de meninos, quando viu a dois passos o rapaz da visão. Teve uma exclamação de surpresa e separando-se do grupo, chamou em francês o forasteiro pelo nome e, sempre em francês, continuou a discorrer com ele, levando-o para seu escritório. Quais as palavras que trocaram entre si os dois? Não sabemos. Sabia-o entretanto D. Antônio Malan, apóstolo das missões de Mato Grosso que morreu como bispo de Petrolina, no Estado de Pernambuco. Era ele o moço que Dom Bosco separara do mundo, naquela manhã, e convidara para as fileiras salesianas depois de ter sido testemunha do estranho fenômeno, em que se renovara o prodígio de Pentecostes.

Às vezes, revelava a seus interlocutores, não só o futuro, mas o termo desse futuro. A um de seus filhos, o Coadjutor Nasi, um dos companheiros do Padre Bologna na fundação da casa salesiana de Marselha, disse, uma manhã de fevereiro, no momento em que esse bom irmão lhe acabava de fazer a barba: "Está esperando uma gorgeta hein! Pois eu lhe vou dar, mas bem diferente do que você imagina. Ouça bem: continue a ajudar o Padre Bologna da melhor maneira que puder: você o acompanhará por quase toda a França, onde ele será diretor de várias casas. Ele, porém, não vai morrer na França e sim em Turim; quando você souber da morte dele, prepare-se que a sua está próxima". Realmente, o Padre Bologna morreu de um ataque apoplético, em Turim, no dia 4 de janeiro de 1907; após seis meses, no dia 25 de setembro, Nasi que estava bem preparado para isso, terminou seus dias, da mesma maneira.

Com o Padre Rua não houve tanta precisão na profecia. Assim mesmo, em 1853 o clérigo Rua estava com dezesseis anos de idade e tinha certeza de que ia viver mais meio século. Para as festas que se iriam fazer em comemoração do milagre do SS. Sacramento,[20] o Santo tinha composto um opúsculo de propaganda que foi disputado imediatamente pelo povo. Ao ver o bom êxito da obra, Dom Bosco disse ao seu jovem secretário: "Em 1903, nas festas que se farão para comemorar o novo cinqüentenário, você fará reeditar este opúsculo. Eu não estarei mais vivo, mas você sim.

- Oh! Dom Bosco, é fácil dizer. E se a morte me vier pregar uma peça?

- Ora! A morte não te pregará nenhuma peça. E portanto você trate de publicar a segunda edição de meu opúsculo. Quinze anos mais tarde, o Padre Rua já não se lembrava mais da profecia. Depois da festa da consagração da igreja de Maria Auxiliadora caiu exausto de forças. Dentro de vinte e quatro horas manifestou-se uma peritonite fulminante. Dom Bosco não estava em casa. Apenas voltou, antes de atravessar a soleira da porta, lhe deram a triste notícia. Ele não se mostrou nada impressionado. Era a véspera do exercício da Boa Morte para todo o seu mundo de meninos; em vez de ir imediatamente para a enfermaria, foi para a sacristia e ali ficou confessando os meninos, que já estavam à sua espera. Terminou muito tarde. Insistiram então com ele para que fosse ver o doente, pois o seu estado era cada vez pior. Dom Bosco sorriu com bondade e foi ao refeitório para uma ligeira ceia, já fora de hora. Depois disso foi ao quarto deixar uns papéis que trouxera da viagem e só então foi ver o Padre Rua. Logo que chegou à cabeceira do doente este lhe foi dizendo

- Ah! Dom Bosco, se chegou minha última hora, pode dizer-me sem receio, estou pronto para tudo.

- Meu caro Rua, respondeu o Santo, acho que você não deve morrer. Ainda tem muita coisa para fazer. E lhe deu a bênção. Na manhã seguinte, estava de novo à cabeceira de seu querido enfermo e o consolava e divertia com alguns gracejos. O médico assistente que seguia com ansiedade

a marcha da peritonite, tinha perdido quase toda a esperança e o dizia ao Santo.

Plemonte, um Ostensório. Ao atravessarem a cidade de Turim, perto do Paço Municipal, a mula em que levavam sua bagagem parou e não quis dar mais nem um passo. Entrementes a Hóstia, saindo do vaso sagrado, ergueu-se nos ares e assim ficou por diversas horas. Na tarde desse dia, depois de muitas orações rezadas pelo povo que se juntara em grande multidão, a Hóstia desceu e veio pousar numa patena sustentada pelas mãos do Bispo. No lugar em que se deu o fato ergue-se hoje umas das mais ricas igrejas de Turim, a Igreja do Milagre ou Igreja de Corpus Domini.

- Talvez seja até mais grave do que o senhor diz, doutor, respondeu Dom Bosco; mas o Padre Rua precisa sarar. Ele têm muito ainda que fazer, junto comigo. E vendo na mesa a bolsa com os Santos Oleos, perguntou

- Que é isso?

- É o óleo para a Extrema Unção, Dom Bosco.

- Extrema Unção! Para quem?

- Ora! Para o Padre Rua!

- Mas quem é que teve a infantilidade de pensar nisso?

- Fui eu, Dom Bosco, confessou o Padre Sávio. Se V. Rev.ma tivesse visto ontem de noite! O Padre Rua causava dó. O próprio médico...

- Ah! gente sem fé! interrompeu o Servo de Deus. Ouça bem, Rua: ainda que o atirassem assim como está pela janela abaixo; garanto-lhe que não morreria! De fato, viveu ainda quarenta e dois anos, e obedecendo à ordem recebida fez reeditar em 1903, o opúsculo de Dom Bosco.

História bem parecida com essa é a que se deu em 1862, com o clérigo Provera. Esse clérigo apanhou uma pleurisia violenta, e certa manhã seu estado se agravou tanto, que lhe administraram os últimos sacramentos. Dom Bosco depois da missa foi visitá-lo.

- Então, Francisco, não gostaria de deixar esse pobre mundo? Quer ficar ainda conosco ou prefere partir para a eternidade?

- Oh! Senhor Dom Bosco, nem sei dizer, respondeu Francisco; deixe-me pensar até hoje de tarde. Pouco tempo depois disse consigo mesmo: "Mas que tolo que fui! Por que não respondi que queria ir para o céu? Se Dom Bosco me garante, posso ter plena certeza!" À tarde Dom Bosco voltou

- Já está decidido, foi logo dizendo o clérigo: prefiro partir, se V. Rev.ma me prometer que irei para o céu.

- Já é tarde, meu caro Francisco; respondeu-lhe o Santo; você vai sarar e vai viver ainda algum tempo, mas prepare-se para sofrer muito. E realmente o doente sarou; mas sairam-lhe várias chagas nas pernas, de sorte que teve que suportar longos sofrimentos. Entretanto, ordenou-se sacerdote e prestou muitos serviços; mas do incômodo das pernas jamais ficou livre e sofreu sempre bastante até à morte, que se deu doze anos depois, em 1874.

**DOM BOSCO PREDIZIA A MORTE.**

Por mais impressionantes que possam ser essas intuições proféticas a respeito do futuro das pessoas, todavia desaparecem em confronto com a presciência que Dom Bosco tinha da morte de seus filhos do Oratório. Este segundo grupo de fenômenos é de uma riqueza tal, que põe realmente em embaraço nossa faculdade de escolha; por isso vamos descrever apenas alguns mais dramáticos.

No dia 25 de janeiro de 1859, na pequena alocução com que se concluem as orações da noite - a "boa-noite" - Dom Bosco terminou sua exortação, com estas palavras: "Estejamos todos prontos para morrer, porque antes que se passe um mês um de nós deverá comparecer diante do tribunal de Deus. Serei eu? Algum de vós? Vigiemos e rezemos". Berardi, um dos pequenos estudantes que ouviam, disse-lhe antes de ir para o dormitório: "Foi de mim que o senhor falou, não é mesmo?" Dom Bosco não respondeu. Passaram-se quinze dias. Ninguém tinha caído doente. Na tarde de 7 de fevereiro, durante a aula, Berardi disse ao seu companheiro de carteira: "Olhe aqui este furúnculo atrevido que me está nascendo no lábio. Quem sabe se não será perigoso? Estou sempre pensando na predição de Dom Bosco. Podia ser muito bem que ele estivesse falando de mim". Depois do recreio da merenda, voltou para o estudo e de novo disse ao seu vizinho Paulo Albera: "Olha como o furúnculo está inchando! Esquisito!" Durante a noite o rapaz foi acometido de febre e, no dia seguinte, não pôde levantar-se. "Não há de ser nada", disse ao enfermeiro que lhe levava um caldo. Dom Bosco porém não concordou com esse parecer; mandou chamar logo o médico. O diagnóstico acusou um envenenamento geral do sangue causado pela picada de uma mosca portadora de carbúnculo. O menino foi transportado imediatamente para o hospital e no dia seguinte morreu. Tinham-se passado apenas dezesseis dias entre a profecia e a realização.

Em fevereiro de 1862, o clérigo Cagliero e mais outro clérigo encontraram-se com Dom Bosco ao subirem as escadas. Iam precisamente à procura dele, para lhe comunicar que tinha morrido um aluno do Oratório. "E não será o único respondeu Dom Bosco; daqui a dois meses mais dois irão comparecer perante o tribunal de Deus". Os dois assistentes insistiram para saber os nomes e Dom Bosco lhos comunicou, pedindo-lhes que vigiassem, a fim de que se preparassem para a hora suprema. Cagliero escreveu os dois nomes num pedaço de papel, colocou-os num envoltório, fechou, e entregou ao Ecônomo da casa. Antes de se passarem os dois meses, os dois meninos já tinham partido desta terra. Quarenta e sete anos mais tarde, João Cagliero, então Monsenhor Cagliero, arcebispo de Sebaste -, se lembrava ainda da comoção profunda que lhe apertava o coração, quando via no pátio aqueles dois meninos, vítimas destinadas à morte, a correr, pular e cantar com toda a despreocupação própria da idade. Como recordava também o choque que levara o bom Ecônomo, quando, na tarde do segundo funeral, abrira o envoltório e lera a predição de Dom Bosco.

Dois anos mais tarde, em 1864, Dom Bosco disse confidencialmente a Mancardi, enfermeiro do Oratório: "Há dois aprendizes que, antes do fim da Quaresma, partirão para a eternidade: Tarditi e Palo. Abra os olhos e faça o possível para ajudá-los a morrer bem preparados. Nesse mesmo dia Mancardi escreveu o segredo em uma folha de papel, colocou num envoltório e o entregou ao Padre Alasonatti, prefeito da casa. No envoltório escreveu: "Predições de Dom Bosco; para se abrir depois da Páscoa de 1864". A Páscoa desse ano caía no dia 27 de março. Pois bem, no dia 26 de fevereiro morreu Palo e no dia 12 de março,

**Tarditi.**

**Outra vez, Dom Bosco se achava com alguns clérigos e alunos em casa de um ótimo amigo, o Conde Callori, em Vignale. Tinha pregado na igreja matriz sobre um de seus temas preferidos: Maria, refúgio dos pecadores. Terminada a função, achando-se rodeado pelos seus, parou um instante silencioso e grave e depois disse de repente: "Vamonos ajoelhar e rezar uma Ave-Maria, por um de vossos companheiros que vai morrer esta noite". Imaginem a impressão dos meninos ao ouvirem isso. Apenas se levantaram, um deles, chamado Davico, muito engraçado, exclamou**

**- Que maneira interessante de alegrar um passeio!**

**- Já se vê que Davico está com medo de morrer, comentou Dom Bosco.**

**- Eu não tenho medo, não! Mas é que essas noticias não servem para abrir o apetite.**

**- Ficai tranqüilos! concluiu o Santo. O que vai morrer não está aqui. Neste momento está jogando uma partida no pátio do Oratório, sem nem suspeitar que antes de terminar o dia, vai apresentar-se no tribunal de Deus.**

**Depois das orações da noite rezadas na capela particular do castelo, Dom Bosco repetiu a predição. "Rezemos por um nosso amigo que está para morrer no Oratório". Percebia-se que o acontecimento era iminente. No dia seguinte, depois da missa, a intenção tinha mudado: "Rezemos um De profundis por vosso colega que faleceu esta noite". E um telegrama do Padre Alasonatti trazia a Dom Bosco, na manhã seguinte, a dolorosa notícia.**

**Nesse ano, havia no Oratório, um rapaz de seus dezesseis anos, de nome Alberto, cujo procedimento causava muitos desgostos a Dom Bosco. No principio, parecia um dos melhores. Depois desencaminhado por um mau companheiro, Felix G., ia de mal a pior. De vontade fraca, deixava-se conduzir covardemente pelo mau companheiro. Dom Bosco o sabia e procurava todos os meios de aproximar-se dele. Mas era inútil. Envergonhado de seu próprio procedimento, o rapaz evitava a companhia e até o olhar de Dom Bosco. Mas um dia os dois se encontraram pela escada. O rapaz, todo atrapalhado, vermelho até a raiz dos cabelos, não tinha coragem nem de erguer os olhos. "Porque é que me foges assim, Alberto? Perguntou Dom Bosco, com o tom mais afetuoso. Tu precisas confessar-te e deves fazê-lo o mais depressa possível". O rapaz não respondeu. "Recusas? Pois então, ouve bem o que te vou dizer: chegará um dia em que hás de procurar e não me encontrarás mais. Pensa nisso".**

**Este breve diálogo passou-se em novembro. Na véspera do exercício da boa-morte, Dom Bosco recomendou a seus filhos que o fizessem da melhor maneira e acrescentou**

**"Antes do próximo exercício da boa-morte, um de vós vai morrer. Ele agora está aqui presente. Já procurei mais de uma vez aproximar-me de sua alma e não consegui. Isto é muito triste para ele. Um dia me há de procurar, mas não me achará mais. Porém, vou colocar a seu lado, sem que ele o saiba, um anjo da guarda que tome cuidado de sua alma. Por estes dias teremos a festa da Imaculada Conceição e depois a festa do Natal: são duas ótimas ocasiões para purificarmos o nosso coração. Ninguém deixe de fazê-lo".**

**Apesar desse terrível aviso, Alberto continuava a viver despreocupadamente. Durante todo o mês, Dom Bosco não conseguiu mais**

encontrá-lo, nem dirigir-lhe sequer uma palavra. Passou a festa da Imaculada, passou o Natal e Alberto não foi confessar-se. No dia 30 de dezembro pela manhã, Dom Bosco recebeu a visita da Duquesa de Montmorency-Laval, que lhe pediu que fosse pregar as Quarenta Horas, na paróquia de seu Castelo, em Borgo Cornalense.

- Iria de muito bom grado, senhora Duquesa, respondeu o homem de Deus, mas desta vez me é impossível . Tenho compromissos sérios que me obrigam a ficar aqui.

- Oh! Dom Bosco, V. Rev.ma não pode recusar o meu pedido. Pois eu nunca lhe neguei coisa alguma. E se eu lhe fechasse a bolsa o dia em que vier pedir alguma coisa para os seus meninos?

- Mas, senhora, depois de amanhã vai-se fazer o exercício da boa-morte aqui em casa e eu preciso estar, para confessar os meninos!

A grande senhora só se preocupava com os camponeses de Borgo e portanto ficou inflexível. O Santo teve que deixar Turim no último dia do ano. Antes de partir perguntou ao Padre Alasonatti : "Não há ninguém na enfermaria? Tenho que ausentar-me por quatro dias..."

- Não há ninguém, Dom Bosco. Pode partir tranqüilo. Nesse mesmo dia, Alberto recebeu de um seminarista de Casale, que fora seu colega de escola, uma carta com esta recriminação: "Como é isto? Estás vivo ou morto? Responde-me!" - "Pois vou responder que estou morto!" disse Alberto de si para consigo. E assim fez.

Na merenda havia pão quentinho, recém-saído do forno. Alberto era quem tomava conta do cesto, pois era crescido e forte. E era guloso também. Além disso umas anchovas bem salgadinhas estavam tentadoras. De sorte que o menino passou da conta. Devorou vários daqueles pães com anchovas à vontade e naturalmente bebeu muita água fresca. Pela tardinha, manifestou-se uma forte indigestão que bem depressa degenerou em peritonite fulminante. Chamaram o médico a toda a pressa, mas ele se declarou impotente diante da marcha vitoriosa da doença. Pensou-se então em administrar os Sacramentos. "Vão chamar Dom Bosco"! Disse o menino.

Eram dez horas da noite. Foram procurar Dom Bosco, mas não o encontraram. Então o infeliz compreendeu o seu castigo. "Não poderei mais ver Dom Bosco! exclamava em soluços. Fugi dele e agora Deus me castiga!" Em vez de Dom Bosco apresentou-se o Padre Rua, e o menino se confessou com sentimentos da mais profunda dor. E balbuciava: "Digam a Dom Bosco que morro arrependido. Eu não mereço que ele me perdoe, mas assim mesmo espero que ele me perdoará, como espero o perdão de Deus".

E vendo então a poucos passos do leito o mau companheiro que o desencaminhara, disse-lhe com voz agonizante

"Aproxima-te Felix, vem aqui. Fica sabendo que é por tua culpa que estou morrendo sem poder ver Dom Bosco. Mas eu te perdôo, como desejo que Deus me perdoe. Depois que eu morrer tu verás meu pai e minha mãe; dize-lhes que morri arrependido e que os espero no Céu. Mas tu... tu és o culpado de eu não ter neste momento Dom Bosco perto de mim".

Às três horas da madrugada desse dia de Ano-Novo o menino morreu; poucas horas mais tarde, no Seminário Maior de Casale, seu amigo recebia a estranha resposta: "Estou morto".

**FENÔMENOS DE VISÃO A DISTÂNCIA.**

**Não somente o olhar do Santo descobria o futuro de seus interlocutores, ou a hora precisa da morte de seus filhos; seus olhos penetravam também paredes e atravessavam os espaços. Um dia, era 31 de janeiro de 1862, estava passeando sob os pórticos do Oratório, rodeado de meninos, quando parou um instante, chamou o clérigo Cagliero pertinho de si e lhe disse ao ouvido: "Estou escutando tilintar de moedas. Estão jogando a dinheiro, em algum lugar. Procure Fulano, Sicrano e Beltrão, - e citou três nomes precisos - e há de ver como estão jogando". Cagliero obedeceu e de fato encontrou os três rapazes absortos, numa partida a dinheiro. Assim os tinha visto Dom Bosco num sonho da noite precedente.**

**Doutra feita - um sábado à noite - quando acabou de confessar um menino, disse-lhe: "Faze-me um favor, vai até o sótão dos aprendizes; lá encontrarás Fulano, fumando; chama-o e dize-lhe que venha confessar-se". O menino subiu os três lances de escada; estava tudo escuro e ele tinha que andar às apalpadelas, no meio das trevas, mas fase guiando pelo cheiro do fumo muito perceptível.**

**Ao chegar ao forro, parou com receio de ser recebido brutalmente, pois o tal aprendiz era grande e robusto. Chamou apenas pelo nome. Silêncio. Chamou-o de novo e nada.. Então decidiu-se a entrar. O aprendiz estava sentado no chão, fumando tranqüilamente. "Dom Bosco te está chamando para te confessares", ~ disse-lhe o mensageiro e fugiu de carreira. Mas para ver o que acontecia escondeu-se atrás de uma coluna e ficou espreitando. Após dois minutos viu passar o culpado, provavelmente arrependido, e viu dirigir-se para a sacristia onde Dom Bosco o aguardava, no confessionário.**

**Durante as férias de verão, época em que Dom Bosco costumava levar à sua terra Natal os meninos que não podiam passar as férias com as próprias famílias, aconteceu uma tarde que um deles saiu da companhia dos outros e foi dar um passeio sozinho, no, meio do bosque. Numa curva do caminho sombreado, o menino se encontrou com um indivíduo de aspecto sinistro, que lhe fez propostas indignas. O menino nem sequer compreendia a princípio. Mas as insistências daquele miserável fizeram-lhe abrir os olhos e ele ficou como que desorientado e sem força, até que de improviso ouviu alguém chamá-lo duas vezes pelo nome. "Deve ser o assistente" pensou ele; e todo contente com esse pretexto, afastou-se e foi correndo para casa. Perguntou ao assistente, mas esse lhe respondeu que não o tinha chamado. Então, adivinhando qual podia ter sido o ponto de onde partira o chamado que o salvara, foi ter com Dom Bosco e o encontrou rodeado de um grupo de meninos. Apenas chegou diante de Dom Bosco, este fitou-o com um olhar perscrutador, acompanhado de um sorriso de complacência. Isto fez entender ao menino que o Santo estava a par de tudo.**

**Mas o olhar de Dom Bosco não transpunha somente essas distâncias pequeninas, para surpreender alunos que se distanciavam momentaneamente dos colegas. Ia mais longe! Atingia às vezes dezenas de quilômetros e aí lhes desvendava as ações.**

**Em 1862, de Santo Inácio, escreveu-lhes um dia uma longa carta cheia de ternura e de conselhos preciosos, concluindo com estas graves revelações: "Já estive diversas vezes ai no Oratório, fazendo-vos uma visita. Vi algumas coisas que iam bem e outras que iam mal. Vi quatro lobos, correndo para lá e para cá no meio de vós e mais de um foi mordido por eles. Talvez na minha volta os quatro não estejam mais no Oratório. Se ainda tiver ficado um deles hei de arrancar-lhe a pele de ovelha com que anda vestido para enganar os outros. Noutra de minhas visitas, vi alguns**

conversando durante as orações da noite, no terraço ao lado da torre; outros, fazendo o mesmo na escadinha da casa nova. O clérigo Provera descobriu alguns que estavam no andar térreo, mas não viu os que estavam no patamar dos outros andares. Vi também alguns saírem domingo cedo e assim perderem parte das funções sagradas. Mas o que mais me entristeceu foi ver alguns fugirem das vésperas, para irem nadar. Pobres meninos! Como pensam pouco na sua alma!

## UM CASO INEGÁVEL DE BILOCAÇÃO.

Agora, uma coisa mais curiosa, e que demonstra como o Santo não só gozava do privilégio da visão à distância mas também da bilocação, de sorte que algumas vezes se achava num determinado lugar e numa determinada hora, e nessa mesma hora se achava, com uma presença misteriosa, noutro lugar situado a muitos quilômetros de distância, onde testemunhas imparciais o viam agir e falar.

Em 1886, o colégio salesiano de Barcelona, na Espanha,, um dos primeiros que Dom Bosco fundou nessa nação, contava infelizmente com alguns elementos perigosos, tanto . mais temíveis quanto mais a sua ação se velava de hipocrisia. Por fora pareciam bons mas por dentro eram lobos vorazes.

Pois veja-se o que aconteceu.

- Era noite de 28 para 29 de janeiro, conta o Padre Branda, Diretor da Casa. Eu estava dormindo profundamente, quando, de improviso, uma voz, que reconheci ser a de Dom Bosco, me chamou pelo nome. "Levanta-te e segue-me" continuou a voz. Acordei a esse chamado e estava pensando comigo mesmo: "Que sonho curioso! Dom Bosco está em Turim e eu em Barcelona; como é que posso ouvir a sua voz?"

E o Padre Branda adormeceu de novo.

Oito dias depois no encerramento da oitava de São Francisco de Sales, na noite de 5 para 6 de fevereiro, repetiu-se o mesmo fato.

- "Padre Branda! Padre Branda!" exclamou a voz. O Diretor abriu os olhos e viu Dom Bosco ao pé da cama.

- "Estás acordado; muito bem! Levanta-te e vem comigo

O Diretor levanta-se, veste-se abre as cortinas de sua alcova e a um metro de distância torna a ver Dom Bosco e lhe beija as mãos com respeito.

- Tua casa vai bem, lhe diz o Santo, estou contente contigo; mas... há um ponto negro...

A essa suspensão aparecem diante dos olhos do Diretor quatro pessoas de seu Instituto.

- A este, disse Dom Bosco apontando um dos quatro da aparição, aconselha um pouco mais de prudência. Para os outros três é necessário expulsá-los. Elimina-os portanto, sem compaixão e o mais depressa possível.

A ordem foi dada com um tom que não admitia réplica, depôs a testemunha.

**E para dá-la Dom Bosco tomou um ar indignado e severo. Acabando de falar, a misteriosa aparição fez um sinal ao Padre Branda que o acompanhasse, e, um atrás do outro, Dom Bosco e o Diretor, percorreram dois dormitórios. Não vi Dom Bosco servir-se de chave para entrar nesses salões, contou o Padre Branda; as portas se abriam diante dele. E uma espécie de halo luminoso o envolvia todo e ia iluminando tudo na sua passagem".**

**Ao voltarem para o quarto do Diretor, Dom Bosco, tornou a fazer-lhe a mesma intimação de expulsar os tais elementos e desapareceu.**

**As apalpadelas, a tremer todo de comoção, o Diretor procurou os fósforos na escuridão completa que se tinha produzido de novo, acendeu a vela e deu um olhar pelo quarto. Estava sozinho. O relógio marcava quatro horas da madrugada. Que fazer? Deitar-se de novo? Mas já era muito tarde. Dai a duas horas teria que levantar-se mesmo! Portanto, pegou o breviário e começou a rezar. Depois, todo abalado pelo que tinha acontecido, desceu à capela para celebrar a missa da comunidade. Durante a missa interrogava a si mesmo, no íntimo de seu coração, sobre que devia fazer. E, depois, se tivesse sido vítima de uma alucinação? Além disso que provas de culpabilidade tinha ele para agir com tal rigor? E como arrancar a confissão dos culpados? E, sem refletir, resolveu ir deixando passar o tempo. Quem não sabe que "o tempo conserta tudo!"**

**Mas não foi assim. Poucos dias depois, chegou-lhe de Turim, uma carta do Padre Rua. A carta dizia isto: "Passeando hoje com Dom Bosco sob os pórticos do Oratório, ele me encarregou de perguntar-lhe, se já executou a ordem que lhe deu há pouco tempo". Portanto o negócio não estava terminado e era preciso decidir-se!**

**Mas faltava-lhe a coragem. Esperou mais um pouco, hesitando entre a indulgência e a expulsão. E teria talvez esperado muito tempo se não viesse um novo acontecimento dobrar sua vontade à obediência.**

**Uma manhã foi celebrar missa, em casa de Dona Dorotéia Chopitéa, a grande cooperadora salesiana. Ao chegar ao palácio da distinta benfeitora, a exclamação com que foi recebido foi esta: "Oh! Padre Branda, imagine que esta noite sonhei com Dom Bosco." Muito bem, respondeu o Diretor apressado, temendo uma confirmação da carta do Padre Rua; agora não posso ouvir o seu sonho, vou vestir os paramentos para a missa".**

**E a missa começou. "Então, - diz o Padre Branda, enquanto eu rezava o "Intróito" ao pé do altar, ouvi, no fundo do meu ser uma voz que murmurava imperiosamente se não executares a ordem recebida, será esta a última missa que rezas!"**

**O Padre Branda não hesitou mais um instante. Apenas voltou ao colégio, chamou o prefeito e na sua presença fez comparecer os quatro culpados. Apertados pelas perguntas, confessaram sua culpa. E, coisa singular! Durante o interrogatório, cada um deles tomou, sem o saber, a atitude em que o Padre Branda os tinha visto, na noite de 6 de fevereiro.**

**Três foram expulsos imediatamente.**

## LIA NAS CONSCIÊNCIAS.

**Mais profundo ainda e mais misterioso que o mundo físico, em que os homens se movem e se agitam é o mundo das almas. Pois o Santo muitas vezes lia**

nelas como num livro aberto. Penetrava nas consciências mais hermeticamente fechadas e delas tirava os pensamentos mais escondidos.

Eis algumas provas.

Havia um menino, que levado pela vergonha, não queria fazer sua confissão geral a Dom Bosco. O Santo veio a saber disso e um dia o encontrou num corredor e lhe disse a queima-roupa: "Meu caro, vai confessar-te com quem quiseres. O que importa é que te confesses bem. Para isso, começa a acusação desde o ano tal e principalmente não esqueças tal pecado e tal outro". Confuso e abalado por essa revelação o menino respondeu-lhe "Não, Dom Bosco, não irei confessar-me com outro, senão com o senhor mesmo; e me quero confessar já". Dom Bosco lhe disse que deixasse para o dia seguinte; e depois da confissão a paz voltou àquela alma.

Noutra ocasião, o Apóstolo encontrou pela escada outro aluno ao qual segredou baixinho

- "E quando é que farás uma confissão geral? Estás precisando tanto!"

- Mas eu fiz antes de ontem confissão geral ao Padre Picco!

- Porém não fizeste bem; escondeste este pecado.

O menino olhou espantado, ficou vermelho, abaixou a cabeça e rompeu em soluços.

Nos princípios do internato de Valdocco, um menino aceito por Dom Bosco acabava de chegar de Biela. Antes de entrar, como não estava com a consciência muito em regra, foi confessar-se na igreja da Consolata. No pátio, durante o recreio da tarde, aproximou-se de um grupo que estava ao redor de Dom Bosco. Estavam falando sobre o dom que tinha Dom Bosco de ler no fundo dos corações e cada um contava em voz alta uma de suas revelações. Ora! disse o novato em tom de incredulidade, desafio Dom Bosco a contar meus pecados. Se ele os souber pode dizê-lo em voz alta. "Aproxima-te", disse então Dom Bosco, e curvando-se para o menino disse-lhe, ao ouvido, algumas frases; depois levantou a cabeça, fitou o seu interlocutor, e baixando-se de novo continuou a revelação; à medida que ele ia falando 0 menino ia ficando vermelho; por fim rompeu em soluços de indignação. "Ah! Foi o senhor então, disse ele, que me confessou esta manhã, na igreja da Consolata! Isto é modo de se proceder!"

- Que estás dizendo! Exclamaram os outros em coro. Dom Bosco hoje não arredou pé do Oratório!

Em 1858, achava-se veraneando em Nizza, o Conde de Camburzano, ex-deputado por Nizza no parlamento subalpino e cognominado o Montalembert italiano. Amigo dedicado e grande benfeitor de Dom Bosco, um dia teve ocasião de falar dele numa reunião de pessoas muito distintas, cujas convicções religiosas eram porém demasiado superficiais. As maravilhas que o conde narrava faziam apontar mais de um sorriso de incredulidade. Entre outros, uma senhora, ouvindo dizer que o Santo do qual se estava falando vivia ainda, começou a dizer com tom de certa leviandade: "Gostaria de fazer uma experiência: se esse homem revelar o estado de minha consciência, acreditarei em tudo que quiserem". Todos os presentes aplaudiram. Decidiu-se que se fizesse a experiência e a senhora escreveu ali mesmo para Dom Bosco. A resposta não demorou:

"1. Reconcilie-se com seu marido.

**2. Repita suas confissões a começar do dia tal (tratava-se de um período de vinte anos). Depois disso pode ficar tranqüila".**

**Aviso parecido com esse deu a um menino que lhe pedia um conselho.**

**- Que conselho queres?**

**- Um conselho que sirva para o bem de minha alma.**

**- Pois então escuta: há três anos e meio que estás vivendo em estado de pecado mortal.**

**- Como é possível? Pois eu me confesso regularmente com o Padre Sávio.**

**- Mas no entanto é assim. Tu mesmo o sabes.**

**E continuando a ler nesse coração, Dom Bosco se pôs a revelar certos pecados que ele ocultava ao confessor. A cada uma das faltas enunciadas, o menino confirmava com um aceno de cabeça e terminou prometendo a Dom Bosco que antes de chegar a noite iria purificar a alma.**

**Havia um menino que desde muito tempo era objeto das mais vivas e comovedoras solicitudes de Dom Bosco.**

**Mas esse orvalho de ternura sacerdotal não conseguia amolecer aquele coração, que parecia fechar-se obstinadamente à voz da graça. Uma noite, quando o menino ia deitar-se encontrou um bilhetinho debaixo do travesseiro com estas simples palavras:**

**"E se morresses esta noite?...**

**Dom Bosco"**

**O efeito não se fez esperar. O pobre menino todo comovido foi bater à porta de Dom Bosco.**

**- Ah! És tu?**

**Confessou-se e saiu completamente tranqüilo. Uma noite, ao subir as escadas para dormir, encontrou-se com o clérigo Rufino. Fê-lo parar e lhe disse: "Quando encontrares, fulano, dize-lhe que eu lhe mandei traduzir bem estas duas palavras: lupas rapai ( lôbo roubador ); e a sicrano dizer-lhe que traduza a frase: olim angelus, nunc sus ( antes um anjo, agora... um porco!)**

## DOM BOSCO LÊ AS CONSCIÊNCIAS NA CONFISSÃO.

**Mas Dom Bosco não descobria só pecados no fundo dos corações. Também os atos de virtude se desvendavam a seus olhos! "Um dia, conta um de seus alunos, eu tinha praticado um ato de caridade, que me custara bastante. Só Deus o sabia. Mas qual não foi minha surpresa, quando no meu primeiro encontro com Dom Bosco, ele me disse: Que pérola ganhaste para o céu, com aquele sacrifício que fizeste! - Que sacrifício Dom Bosco? - Este... e me narrou minuciosamente o que eu pensava ter feito diante dos olhos de Deus tão somente. A opinião que Dom Bosco lia na fronte o segredo dos corações se difundira de tal modo no Oratório, que as consciências**

não muito limpas procuravam manter-se instintivamente longe dele, evitando-o o mais possível. Mas nem sempre o conseguiam; então esses meninos, para evitarem a perturbadora leitura, quando se aproximavam dele cobriam os olhos com o gorro ou com a mão. Quando voltavam das férias, antes de purificarem os corações dos eventuais descaminhos desses meses de liberdade, era curioso ver como alguns ao aparecer Dom Bosco, escapavam habilmente, de medo que ele lhes lesse no olhar. Uma noite, depois das orações, disse aos seus alunos: "Nosso Senhor me concedeu a graça de distinguir os hipócritas. Quando um deles se aproxima de mim, reconheço sua presença por um cheiro nauseante que mal posso suportar". E dizia confidencialmente ao Padre Rua e a outros superiores da casa que se reuniam ao redor dele: "Deus trata mesmo com muita bondade os nossos meninos. Todas as vezes que me encontro no meio deles, se há alguma alma impudica, percebo-a imediatamente pelo cheiro que desprende".

"Apresentai-me um menino, dizia outra vez, que eu nunca tenha visto; basta que eu o fite na fronte, para lhe poder revelar todas as faltas desde os mais tenros anos". Portanto era, por assim dizer, coisa impossível deixar seu confessionário com algum pecado grave na alma. Se algum menino, por distração, esquecimento ou vergonha, deixava de acusar uma ou outra falta, o Santo lhe dizia: "E por que não te acusas de tal pecado? Por que te esqueces de tal falta?"

Alguns dos seus penitentes que se achavam sem coragem de confessar faltas graves ou que não sabiam por onde começar, lhe diziam confidencialmente: "Diga o senhor mesmo os meus pecados". E Dom Bosco os ia elencando de sorte que o penitente não tinha senão que ir aprovando com a cabeça.

As vezes, perguntava ao penitente: "Queres tu mesmo contar os pecados ou preferes que eu os diga?"

Quando havia muita gente apinhada para confessar-se com ele, muitas vezes fazia uma seleção: batia nos ombros deste ou daquele e lhe dizia: "vai comungar tranqüilamente"; e os outros mandava ficar. "Muitas vezes no confessionário, dizia ele próprio com toda a simplicidade, vejo as consciências como livros abertos. Isso me acontece, especialmente, na véspera das grandes festas ou no encerramento dos retiros espirituais. Outras vezes não distingo nada. Essa facilidade de ler nos corações Deus me concede a intervalos mais ou menos longos". São centenas de testemunhas que afirmam a exatidão desse fato.

## A VOZ DOS SONHOS. O PADRE CAFASSO EXORTA DOM BOSCO A NARRÁ-LOS.

E são milhares os que afirmam que Deus falava ao seu humilde sacerdote, principalmente de noite, em sonhos. "Falar de Dom Bosco e não falar de seus sonhos, escreveu o Padre Lemoyne, seria suscitar uma onda de protestos. - E os sonhos? - perguntariam todos os ex-alunos, estranhando tal omissão". Com efeito, durante mais de sessenta anos, Deus mostrou a Dom Bosco sua vontade, por esse meio singular. O primeiro desses sonhos, o mais importante de todos foi quando ele tinha nove anos; e ainda no dia 8 de dezembro de 1887, um mês e meio antes de morrer, recebeu em sonho uma ordem de Nossa Senhora para abrir a casa de Liège. Essa forma de revelação que Deus usa às vezes, não causa surpresa a um cristão. Pois é fácil lembrar das páginas antigas da História Sagrada e escada de Jacó e as paveias de José. E todos têm presentes as aparições noturnas do Anjo ao esposo da Virgem Maria, no início da nova era. Como também nas vidas dos Servos de Deus se lê muito freqüentemente que lhes mostrava

o Senhor a missão a eles reservada, em linhas as mais precisas, por meio de sonhos, de sonhos que são êxtases, como diz Bossuet. O que importa, naturalmente, é analisar o fenômeno, para provar que é de origem celeste. Pois o anjo das trevas tem tanto poder no mundo das imagens! E o espírito humano é tão pronto a deslizar para a fantasmagoria e para a alucinação e a buscar nelas inspirações para agir! O próprio Dom Bosco, como contou a pessoa muito íntima, era muito cauteloso em aceitar esses sonhos estranhos que levantavam diante de seus olhos os véus do futuro ou lhe descobriam o fundo das consciências ou lhe indicavam o caminho que devia seguir ou o método que devia empregar, ou ainda o advertiam que estava perto de cair em algum precipício. As vezes ele os considerava como simples caprichos da imaginação; outras vezes, depois de tê-los tomado a sério e de tê-los narrado aos seus meninos, ficava aflito, receando havê-los induzido ao erro. "Um dia, confessou ele, acusei-me ao Padre Cafasso de ter feito essas narrações temerárias. Depois de refletir um instante, o Santo confessor me disse: "Uma vez que o sonho foi confirmado pela realidade, pode ficar tranqüilo e continuar". Mas esta palavra autorizada nem sempre bastava para tranqüilizá-lo; mais de uma vez o próprio Santo quis tirar a prova dos sonhos. Uma noite viu a consciência de todas as pessoas da casa. Na manhã seguinte chamou um dos meninos que vira em sonho, depois um segundo, depois um terceiro. "Tua consciência não te recrimina isto?" perguntou. Todas as respostas confirmaram que ele não se enganava e assim Dom Bosco pôde ver que a realidade correspondia ao sonho. Um pouco mais tarde, quando viu a página da história traduzir sob seus olhos não só uma vez, mas dez e cem vezes os sonhos da noite, não teve mais receios e prosseguiu impávido, convicto de que Deus escolhera esse caminho para revelar-lhe suas intenções. Sua fé, podemos dizer, consistia principalmente em trabalhar, lutar, sofrer, tentar hoje um meio, amanhã outro, até forçar as circunstâncias e os homens a traduzirem na prática, a idéia que lhe brilhara na mente durante o repouso noturno.

E o mundo admirou essa fé. Calma e corajosa ela realizou em cinqüenta anos um trabalho de gigante, apesar dos obstáculos que o inferno, as seitas, os seus próprios amigos, seus chefes hierárquicos, as dificuldades dos tempos e a mesma grandeza da tarefa levantavam contra ele. Aí está a fonte de onde lhe vinham a firme resolução no agir e a doce persistência perante as oposições.

> "Estes planos de Deus, uma vez bem conhecidos, confessava ele a seus primeiros discípulos, me impeliram sempre para a frente: por isso é que nem a adversidade, nem as perseguições, nem os piores obstáculos me conseguiram abater a coragem".

Foi mais ou menos em 1854 que ele começou a contar a seus filhos, depois das orações da noite, em forma de apólogos, esses sonhos dramáticos. É fácil imaginar com que atenção eram ouvidos e que comoção despertavam, especialmente quando anunciavam mortes iminentes ou manifestavam com palavras meio veladas os segredos das consciências, quando indicavam por ordem de Deus os meios de perseverança no cumprimento dos deveres, ou quando ainda prediziam acontecimentos públicos. Continham esses sonhos tanta riqueza de pormenores que, as vezes, uma "boa-noite" só não era bastante para contar um deles E no entanto Dom Bosco declarou que não costumava narrar, senão em grandes linhas, sonhos que lhe tinham ocupado a fantasia até ao amanhecer. Naturalmente, o efeito que produziam na almas era admirável: os corações se purificavam; havia renovação dos costumes; e reinava a graça de Deus nessa casa onde o olhar do Pai era capaz de descobrir num momento a mancha mais oculta.

Boa parte desses sonhos, talvez a mais interessante, referia-se à missão do Santo e ao futuro de sua congregação. Aos nove anos soube, por meio

de um sonho, o apostolado ao qual Deus o chamava; aos dezenove, uma voz misteriosa lhe fez compreender que não tinha direito de furtar-se aos planos de Deus; aos vinte e um, compreendeu, numa revelação noturna, que seu zelo e sua caridade deviam ter como objetivo a juventude pobre e abandonada; e aos vinte e dois, viu claramente que seu campo de trabalho devia ser a cidade de Turim.

Doutra feita, bem mais tarde, em 1861, ele se viu em sonho numa praça da cidade e aí um personagem misterioso foi girando uma roda gigantesca, na qual, cada giro, representava dez anos de história de sua Obra. No primeiro giro Dom Bosco teve a sensação de que o rumor produzido por essa máquina era ouvido apenas por ele e mais algum outro; o segundo já foi ouvido por todo o Piemonte; o terceiro, por toda a Itália; o quarto ouviu-o toda a Europa e o quinto, o mundo inteiro.

A profecia não deixava dúvidas: Deus mostrava ao Santo que sua obra estava destinada como a Santa Igreja, a estender-se por todos os continentes.

Vamos ler ainda um sonho, de certo modo mais típico que os outros, porque não contém símbolo nenhum, e sim, a pura imagem da realidade. Uma noite, Dom Bosco sonhou que em Marselha na França, lhe estavam oferecendo uma vila que ele viu em todos os seus mínimos pormenores. Escreveu a uns amigos de Marselha, descrevendo-lhes a vila e pedindo-lhes que a procurassem. Eles pensaram que se tratasse de uma brincadeira; assim mesmo, para dar-lhe gosto, procuraram, mas não encontraram nenhuma propriedade que correspondesse em parte ou completamente à descrição. Anos depois, em 1884, estava dando um passeio nos arredores de Marselha, em companhia do cônego Guiol, pároco da Igreja de São José dessa cidade, quando o amigo, ao passarem por Santa Margarida, lhe mostrou uma casa pertencente a urra, de suas benfeitoras. O cônego mostrou a casa, como teria mostrado qualquer outra pertencente a alguma pessoa conhecida de Dom Bosco. A propriedade estava fechada e do ponto em que estavam era impossível ver a forma do jardim. Dom Bosco parou e mudou de fisionomia. Depois exclamou todo radiante: "Chegamos! É esta mesmo! Aqui, logo além deste portão, há uma alameda de plátanos, em forma de semi-circulo; no fim dela há duas colunas maciças encimadas por dois leões à esquerda fica uma casa de campo e depois um majestoso carvalho. Deus seja louvado!" Todos estes pormenores correspondiam perfeitamente à realidade e o imóvel lhe foi cedido de fato, para aí estabelecer a sua obra.

Pouco tempo antes da morte de Dom Bosco, no dia 7 de dezembro de 1887, a Casa Salesiana de Turim, teve a honra de hospedar Mons. Doutreloux, bispo de Liège, que ia a Turim expressamente para conseguir uma fundação salesiana na sua cidade episcopal. O Conselho Superior da Sociedade, reuniu-se ao redor de Dom Bosco, na tarde mesma em que chegara o Prelado, mas não encontrou outra resposta para dar senão a de uma dilação sem limites.

Mas no dia seguinte, 8 de dezembro, festa da Imaculada Conceição, com grande surpresa de todos, Dom Bosco prometeu ao ilustre visitante que em determinada época os Salesianos iriam para Liège. Por que essa mudança repentina a poucas horas de distância? É que tinha vindo uma ordem do Céu, como o atestam estas linhas que Dom Bosco ditou ao secretário, logo de manhãzinha

> "Palavras textuais pronunciadas pela Virgem Imaculada, que me apareceu em sonho esta noite: É vontade de Deus e de sua Mãe que os filhos de São Francisco de Sales vão abrir em Liège, uma casa em honra do SS. Sacramento. Nessa cidade começaram as primeiras homenagens públicas em

honra da Sagrada Hóstia, dessa cidade se espalharão os salesianos para propagar o culto da Eucaristia nas famílias e particularmente no meio dos meninos que, em todas as partes do mundo, serão confiados a seus cuidados".

Vê-se portanto que a cada momento havia uma intervenção do Céu, para indicar ao Santo o seu caminho. E quantas vezes em noites bem calmas, antes de adormecer para ter talvez um novo sonho, não teria ele feito subir até o trono da Virgem Santa o seu hino de gratidão.

O dia de trabalho terminara para todos os seus filhos... A essa hora estavam repousando... Um grande silêncio envolvia tudo... Uma a uma se iam apagando as janelas da casa. Dom Bosco subia lentamente os dois lances de escada até o seu quarto, e chegando à sacada parava bem defronte à igreja de Nossa Senhora Auxiliadora. Acima de sua cabeça, o céu azul escuro palpitava, nas cintilações das estrelas . . . Um véu esbranquiçado de luz difusa indicava a grande cidade adormecida, ali ao lado... Nos campanários das igrejas, as horas iam-se escoando ritmadas, na noite limpidíssima... E ele, voltados os olhos para a Virgem que protegia o descanso de todo o seu pequeno mundo juvenil, deixava que sua alma se expandisse numa oração muda a essa Mãe, a quem bastava obedecer para ser capaz de realizar grandes coisas neste mundo.

## CAPÍTULO X

## O TAUMATURGO

Índice

UM GRANDE TAUMATURGO DO SÉCULO XIX.

UM PARALÍTICO, UM CEGO E UM EPILÉTICO CURADOS POR DOM BOSCO.

UM GENERAL, JÁ À BEIRA DO TÚMULO, VOLTA À VIDA.

TRÊS MENINOS CURADOS MIRACULOSAMENTE: EM ROMA, EM MARSELHA, EM TURIM.

MULTIPLICAÇÃO DE PÃES, DE AVELÃS, DE HÓSTIAS.

PARA SALVAR UMA ALMA, DOM BOSCO RESSUSCITA MOMENTANEAMENTE UM CORPO.

QUE PENSAVA DOM BOSCO DESSE DOM PRODIGIOSO.

## CAPÍTULO X

## O TAUMATURGO

## UM GRANDE TAUMATURGO DO SÉCULO XIX.

PERGUNTARAM a São Vicente Ferrer alguns anos antes de sua morte: "Mestre Vicente, quantos milagres fizestes em vossa vida?" - "Quase três mil", respondeu ele. O processo de canonização examinou-os minuciosamente e parou cansado no número 873. Se tivesse feito a Dom Bosco a mesma pergunta, ele, com a mesma simplicidade do grande dominicano, teria certamente respondido com uma cifra prodigiosa.

E na verdade são sem conta os milagres obtidos pela sua oração. Depois de examinar os testemunhos de seus filhos, de seus protegidos, dos contemporâneos que o viram agir, tem-se que reconhecer forçosamente que a morte, a vida, o demônio, a doença, a natureza, tudo obedecia à voz desse homem! Ele foi senão o maior, um dos maiores taumaturgos do século XIX. Já demos nos capítulos precedentes, um bom elenco de fatos que superam as forças conhecidas da natureza. Vamos agora apresentar mais outros, operados em proveito de toda a classe de pessoas, em lugares os mais diversos. O número e a qualidade deles atestam que Dom Bosco era realmente enviado por Deus, para um obra providencial. As obras extraordinárias levadas a cabo em meio século pelo humilde sacerdote, ter-se-iam podido realizar se o seu poder de taumaturgo não tivesse conquistado à sua causa, não só as multidões comovidas, mas também os corações de todos aqueles aos quais restituía saúde, felicidade e vida? Não foi só a basílica de Nossa Senhora Auxiliadora a se construir à força de milagres; foi toda a obra do grande educador e apóstolo.

Entretanto Dom Bosco teria ficado altamente surpreendido, se alguém atribuísse a ele o dom de imperar sabre as forças da natureza. Não era ele quem agia - assim pensava sinceramente - era Nossa Senhora Auxiliadora.

Convidava a dirigir-lhe orações, dava a bênção sob a sua invocação distribuía-lhe a medalha e ela era quem operava o prodígio, disse-o claramente numa reunião de ex-alunos, que se realizou em Valsálice no dia 19 de julho de 1883.

"De uns tempos para cá corre voz - e até pelos jornais - que Dom Bosco faz milagres. O que ele faz é rezar e mandar rezar pelas pessoas que se recomendam; é só isso. Os milagres, nossa Senhora é quem os faz. Ela vê que Dom Bosco precisa de dinheiro, para alimentar e para educar cristãmente milhares de meninos e lhe traz os benfeitores, mediante as graças que expande sobre suas pessoas".

O máximo que chegava a conceder era admitir, quando o apertavam com muitas perguntas embaraçosas que trabalhavam juntos os dois, Nossa Senhora e ele. Mas o povo não se enganava. Bem sabia que, se a onipotência mediadora de Nossa Senhora conseguia do coração de Deus graças sem número, o crédito de que o Santo gozava perante essa boa Mãe era considerável e todos dele se serviam muito amplamente.

## UM PARALÍTICO, UM CEGO E UM EPILÉTICO CURADOS POR DOM BOSCO.

Original e comovente é a cura instantânea que se deu no dia seguinte à Consagração da igreja de Nossa Senhora Auxiliadora, dia 10 de junho de 1868. Uma pobre paralítica tinha-se feito transportar até o Santuário numa misera carroça puxada por um burrinho. Chegando perto do templo o

veiculo teve que parar, porque a multidão era compacta demais. O cocheiro tentou romper aquele dique humano, mas teve que desistir. Nesse momento, a doente viu Dom Bosco rodeado de fiéis que lhe pediam a bênção. Então não se contém mais; levanta-se, desce, chega até perto do Santo e . . . só então percebe que está curada. Um grito sai-lhe do peito; os pais que tinham assistido mudos à cena, choram de comoção e querem levá-la embora. Ela, porém continua a gritar: "Estou curada! Estou curada! "Estamos vendo, respondem-lhe. Pois vamos para casa, então". "Não! responde a agraciada, quero ir agradecer a Nossa Senhora a graça que me concedeu". E levada pela multidão entrou no Santuário.

Na tarde de um sábado de maio de 1869, entrou na igreja de Nossa Senhora Auxiliadora uma menina com os olhos vendados por uma faixa negra muito espessa. Acompanhavam-na duas senhoras. Seu nome era Maria Stardero, de Vinovo,e tinha perdido completamente a vista. Não era capaz de andar sozinha, e por isso a tia e uma vizinha a acompanhavam nessa peregrinação que decidira realizar ao Santuário de Maria Auxiliadora. Depois de rezarem no altar de Nossa Senhora, pedem para falar com Dom Bosco, e na sacristia passa-se este diálogo

- Há quanto tempo está sofrendo dos olhos?

- Há muito tempo que sofro, mas de um ano para cá é que não vejo nada.

- Já consultou médicos? Eles que dizem? Tem tomado remédios?

- Temos empregado todos os remédios, respondeu a tia, mas nenhum deu resultado. Nada! Os médicos dizem que se trata de uma lesão nos olhos e que não há mais esperança. E começou a chorar.

- Mas você consegue distinguir os objetos pequenos dos grandes?

- Nada! Não distingo nada! respondeu Maria.

- Tire a venda, disse então Dom Bosco; e encaminhando a menina para bem defronte da janela bem iluminada, disse

- Está vendo a luz desta janela?

- Pobre de mim! Não vejo absolutamente nada!

- E gostaria de ver?

- Sim! Desejo-o mais que qualquer outra coisa do mundo. Sou uma pobre menina, e, cega deste jeito, serei infeliz por toda a vida.

- Mas você iria usar dos olhos para servir a Deus e para o bem de sua alma?

- Sim, senhor, Dom Bosco! Prometo-o de todo o coração.

- Pois tenha confiança em Nossa Senhora Auxiliadora e ela a ajudará.

- Confiança eu tenho. Mas é que estou cega!

- Mas você vai poder ver.

- Que é que vou ver?

Para a glória de Deus e de Nossa Senhora, diga-me que é que eu tenho na mão?

**- A menina fez grande esforço com a vista e fitando o objeto, gritou: "Estou vendo".**

**- Que é que está vendo?**

**- Uma medalha.**

**- De quem?**

**- De Nossa Senhora.**

**- E deste outro lado da medalha?**

**- Um velho com uma vara florida: É São José.**

**- Nossa Senhora! gritou a tia. Então estás vendo?**

**- Sim senhora! Estou enxergando! Oh! meu Deus, Nossa Senhora me concedeu a graça!**

**E a menina estendeu a mão para pegar a medalha : mas esta resvalou e caiu, rolando para um canto escuro da sacristia. A tia abaixou-se para apanhá-la, mas Dom Bosco não permitiu.**

**- Deixe! Assim poderemos ver se de fato Nossa Senhora lhe restituiu a vista.**

**A menina encontrou a medalha imediatamente e sem nenhuma dificuldade.**

**Então, como que tomada de um delírio, começou a soltar grandes exclamações de alegria, e sem dizer nada a ninguém, sem mesmo pensar em agradecer a Deus, partiu a toda a pressa para Vinovo, acompanhada pela tia e pela senhora que tinha vindo com ela. Mas não tardou a voltar para agradecer a Nossa Senhora e deixar uma oferta para o seu Santuário. E sua gratidão não parou nisso: daí a poucos anos vestiu o hábito das filhas de Maria Auxiliadora.**

**Um médico muito apreciado no exercício de sua profissão, apresentou-se um dia no Oratório e pediu para falar com Dom Bosco.**

**- Dizem que V. Rev.ma cura toda as espécies de doenças!**

**- Eu? De modo nenhum!**

**- Mas me garantiram, citando até nomes das pessoas e natureza das enfermidades.**

**- Muitas pessoas vêm aqui pedir graças por intercessão de Nossa Senhora Auxiliadora. Se, depois de um tríduo ou de uma novena conseguem a cura, eu não tenho nada que ver com o fato; é uma graça unicamente devida à Virgem Santíssima.**

**- Muito bem! Pois então cure também a minha enfermidade e acreditarei nesses milagres.**

**- E qual é sua enfermidade?**

**O médico contou então que sofria de epilepsia e que, durante o último ano especialmente, as crises se tinham tornado tão fortes que ele não podia sair sem ser acompanhado, de medo de algum acidente. Não achava remédio que**

lhe pudesse valer; seu caso era desesperador e por isso mesmo viera ali procurar a cura como tantos outros.

- Então, faça como os outros; ponha-se de joelhos, reze comigo, disponha-se a purificar e a revigorar sua alma com a confissão e a Comunhão e Nossa Senhora o consolará.

- Ordene-me outra coisa qualquer, porque isso eu não posso fazer.

- Por que?

- Seria uma hipocrisia; pois eu não creio nem em Deus, nem em Nossa Senhora, nem em orações, nem em milagres.

A princípio Dom Bosco ficou desolado; mas depois com o auxílio de Deus, encontrou palavras tão penetrantes que o doutor ajoelhou-se e fez o sinal da cruz!

- Admiro-me até como é que ainda sei fazer o sinal da cruz; há tanto tempo que o não faço mais!

Rezou e acabou confessando-se.

Imediatamente depois sentiu-se como que internamente curado.

Não teve nunca mais nenhum ataque epiléptico e voltou muitas vezes para agradecer a Nossa Senhora que lhe tinha curado o corpo e a alma.

## UM GENERAL, JÁ À BEIRA DO TÚMULO, VOLTA À VIDA.

Um general, residente em Turim, fora atacado de uma moléstia, que o reduziu aos extremos. Tinha-se confessado com Dom Bosco, mas este com grande surpresa da família não deu ordem para que se levasse o Viático ao enfermo, apesar de que, segundo diziam os médicos, o perigo fosse muito grave. Era o dia 22 de maio. "General, Dissera-lhe Dom Bosco, depois de amanhã celebraremos a festa de Nossa Senhora Auxiliadora: reze muito a ela e em agradecimento pela sua cura, vá fazer a sagrada Comunhão na sua igreja". No dia 23 seu estado piorou. A morte parecia iminente. Não queriam que ele partisse para outra vida, sem ir munido de todos os sacramentos; mas a família estava em grande embaraço, porque Dom Bosco tinha recomendado que não lhe dessem a Extrema Unção, sem ele estar presente. Por isso, às 8 horas da noite correram a avisar Dom Bosco que o doente se achava em perigo grave e receavam não chegasse até o dia seguinte. Era a véspera da festa tão querida ao coração de toda a família salesiana e por isso Dom Bosco ficara desde manhã no confessionário. Quando foram chamá-lo, estava rodeado de uma porção de meninos aos quais ia atendendo sucessivamente.

- Venha logo, Dom Bosco, o General está nas últimas; e V. Rev.ma mal terá tempo de encontrá-lo em vida.

Mas olha que estou confessando. Não posso despedir estes pobres meninos. Logo que terminar irei. E continuou a confessar.

Quando acabou eram onze horas da noite.

Estavam-no esperando na porta com a carruagem.

**- Depressa, Dom Bosco, depressa! Diziam-lhe todos.**

**- Vou já neste instante, respondeu ele; mas tenho que lhes dizer que não comi nada desde esta manhã e estou completamente sem forças. Tenho que ir cear alguma coisa antes de sair, porque, senão, passa de meia noite e fico sem poder tomar mais nenhum alimento; e isso me irá fazer falta, porque amanhã tenho que me sentar no confessionário desde às, cinco horas da manhã.**

**- Tem razão. Mas vamos, que lá em nossa casa encontrará tudo o que V. Rev.ma precisa.**

**Sobem à carruagem, partem e apenas o Santo chega a casa do General, vão-lhe dizendo**

**- Depressa, Dom Bosco! Mal terá tempo para administrar os últimos sacramentos; o doente está mesmo nas últimas.**

**Gente sem fé! Não vos disse que o General irá comungar amanhã, dia da Festa de Maria Auxiliadora? De aqui a minutos é meia noite. Dêem-me antes alguma coisa para cear. Dom Bosco sentou-se à mesa com aquela tranqüilidade que jamais o abandonava; terminada a ceia, pediu de novo a carruagem e voltou para o Oratório. Todos pensavam que o General estivesse morto. Mas estava simplesmente dormindo. No dia seguinte, pediu que lhe dessem a roupa, porque queria vestir-se e ir receber a Comunhão das mãos de Dom Bosco. Pelas oito horas da manhã, Dom Bosco estava na sacristia paramentando-se para a missa, quando um personagem pálido e debilitado aproxima-se e lhe diz**

**- Eis-me aqui, Dom Bosco.**

**- Pois não! Às suas ordens! Mas... desculpe-me... não sei com quem tenho a honra de falar.**

**- Como! Não está reconhecendo então o General?**

**- Oh! Graças a Nossa Senhora Auxiliadora!**

**- Agora peço-lhe que tenha a bondade de me ouvir em confissão, porque quero fazer a Comunhão na sua missa.**

**- Mas o senhor se confessou antes de ontem e basta.**

**- Não, senhor. Quero ao menos acusar-me da falta de fé que tive e de que me sinto culpado.**

**O Santo confessou-o, deu-lhe a comunhão durante a missa e depois o reconduziu rejuvenescido a família comovida.**

## TRÊS MENINOS CURADOS MIRACULOSAMENTE: EM ROMA, EM MARSELHA, EM TURIM.

**Em Janeiro de 1867, Dom Bosco se achava em Roma, hospedado em casa da família De Maistre, que então habitava na rua Delle Quatro Pontane. Um filho do Conde Eugênio, Paulinho, de apenas 18 meses de idade, estava sofrendo horrivelmente, com um tumor na garganta. Receava-se de, um momento para outro, uma infecção geral do sangue. Era preciso uma**

operação. - Mas onde aplicar o bisturi? A inflamação estava tão generalizada que os cirurgiões hesitavam. Na manhã do dia 16, Dom Bosco, antes de sair para ir celebrar missa na intenção do enfermo, na igreja de São Carlos al Corso, deu-lhe uma bênção e aplicou no lugar da inflamação uma medalha de Nossa Senhora Auxiliadora. Quando voltou da missa tinha havido já uma sensível melhora; o abscesso amadurecera rapidamente e estava, pode-se dizer, só esperando o talho do bisturi. A operação foi feita nas melhores condições e o menino, graças a essa intervenção cirúrgica entrou, após alguns dias, em franca convalescença. Dom Bosco tinha dito com toda a confiança, depois de dar a bênção ao menino: "Vosso filho não morrerá, Deus quer fazer dele um sacerdote". Os pais ocultaram tal predição até o dia em que viram o filho receber a sagrada unção sacerdotal. No ano da canonização de Dom Bosco, O Padre Paulo De Maistre era professor no Colégio dos Jesuítas de Pôle, na França.

A cura desse menino, faz lembrar outra que se tornou célebre em Marselha, no mês de janeiro de 1879. Dom Bosco se lamentava ao ver que, apesar de se terem passado vários meses desde a fundação de uma escola profissional nessa cidade, o instituto ainda não tinha adquirido a devida estabilidade. Eis senão quando se apresenta uma senhora, vinda do outro extremo de Marselha, e lhe mostra com os olhos o filhinho de oito anos, suplicando-lhe que lhe restitua a saúde. Era um pobre doentinho todo entrevado, com as pernas tortas, apoiado em muletas.

Dom Bosco fica penalizado diante da angústia da pobre mãe invoca Nossa Senhora Auxiliadora; depois, sorrindo, abençoa o menino em nome da Virgem Santíssima e lhe dá uma medalha. Imediatamente, agitam-se os membros do pequeno paralítico, endireitam-se-lhe as perninhas e ele atira as muletas de lado e sai correndo.

A noticia do milagre se espalha por toda Marselha; todas as vontades, que até então se tinham mantido também entrevadas, desataram-se e a Obra recebeu um impulso que nada mais conseguiu paralizar.

Seis meses mais tarde, Dom Bosco, instado por alguém a contar na intimidade como se dera o milagre, confessou que tinha feito com toda a confiança este convite a Nossa Senhora: "Vamos começar?"

Outro pequeno marselhês, como atestam o Padre Rua e o Padre Berto, recuperou instantaneamente, graças a Dom Bosco, o uso das pernas, do ouvido e da palavra. Os pais tinham-no conduzido a Roma, esperando que a bênção de Pio IX realizasse o milagre. Mas o bondoso Pontífice se tinha recusado e tinha dito: "Levai-o a Dom Bosco, em Turim, ele já operou curas surpreendentes; quem sabe não curará também vosso filho".

E os dois partiram para Turim, levando o pequerrucho. O pobre doentinho, que podia ter seus quatro ou cinco anos de idade, não se firmava nas pernas, nem jamais tinha ouvido ou pronunciado uma palavra sequer. Logo que o viu, o coração de Dom Bosco se comoveu; invocou Nossa Senhora e deu uma bênção ao menino. Depois, tomou-o pela mão e fazendo-lhe sinal com os olhos convidou-o a caminhar. Coisa maravilhosa! O pequeno se move e caminha com passo firme! Então Dom Bosco se coloca atrás dele e bate palmas; o menino se volta, está ouvindo! Falta um passo para o milagre ser completo. "Vamos! diz o Santo, com voz muito suave; diga Papai, Mamãe". E imediatamente o menino repete essas doces palavras. Quem será capaz de escrever a alegria dos pais ao verem realizar-se o milagre em sua presença e dentro de poucos segundos! E não cessavam de chorar mesmo na hora em que deixaram Dom Bosco para ir agradecer a Nossa Senhora, no seu Santuário.

**MULTIPLICAÇÃO DE PÃES, DE AVELÃS, DE HÓSTIAS.**

**E vamos contar agora três fatos miraculosos, que melhor não saberíamos classificar, senão observando que, pelo colorido, nos transportam muitos séculos atrás, aos tempos da Legenda Áurea. Ao lê-los, talvez algum incrédulo sorrirá; porém cada um deles teve suas testemunhas, que nós chegamos a conhecer e que pudemos interrogar e que nos confirmaram com juramento a veracidade de que se narra.**

**Um "novato" do Oratório de Turim, depois de um mês de vida de colégio, escrevera à mãe que não podia acostumar-se e que portanto fosse buscá-lo e o levasse outra vez para casa.**

**A mãe atendeu, foi a Turim, e prepararam tudo para o menino partir.**

**Porém, na manhã do dia da partida, o pequeno quis confessar-se pela última vez com Dom Bosco; os penitentes eram tão numerosos que não chegou a vez do nosso herói, senão no fim da missa. E era portanto a hora da modesta refeição da manhã. Justamente no instante em que Dalmazzo - assim se chamava o menino - ia começar a sua confissão, aproximou-se de Dom Bosco um dos alunos mais velhos, encarregado da distribuição dos pãezinhos, e murmurou ao ouvido do Santo: "Não há pão para esta manhã". "Impossível! respondeu Dom Bosco, procure bem. Pergunte a Fulano que é quem deve providenciar. Ele estará aí por perto". Passados poucos minutos, o menino voltou e disse: "Procuramos em todos os cantos e conseguimos encontrar uns poucos pãezinhos".**

**Percebeu-se que Dom Bosco ficou impressionado.**

**- Pois então corra ao padeiro e diga-lhe que traga tudo o que for preciso.**

**Mas, Dom Bosco, é inútil ir lá. O padeiro disse que não dará nada, enquanto não lhe pagarmos doze mil liras que estamos devendo.**

**- Está bem. Nesse caso ponha, no cesto tudo o que você encontrou. O resto Deus mandará. Daqui a minutos vou eu mesmo fazer a distribuição.**

**Dalmazzo não perdeu uma silaba desse diálogo.**

**Ficou impressionado, especialmente com as últimas palavras de Dom Bosco. E quando o viu levantar-se do confessionário, foi atrás dele cheio de uma curiosidade bem natural, que se tornava porém muito mais viva, por ter ele ouvido poucos dias antes a narração de vários fatos maravilhosos acontecidos no Oratório, fatos nos quais se manifestava evidentemente certo poder misterioso de Dom Bosco.**

**O menino se colocou por trás do Santo e contou cuidadosamente os pãezinhos que estavam no cesto. Havia quinze.**

**Ora, os meninos eram trezentos.**

**- Quinze para trezentos! Trezentos para quinze! . . . ia monologando o rapaz e não havia jeito de encontrar solução. Começou a fila. Cada um passava e recebia seu pãozinho. A pequena testemunha, com os olhos arregalados e todo cheio de comoção olhava Dom Bosco que ia servindo a todos, sorridente, sem deixar ninguém com as mãos vazias. Depois que o**

último menino recebeu seu quinhão, Dalmazzo olhou para o fundo do cesto de novo: quinze pães, nem um a mais nem um a menos.

Resultado: disse logo à mãe que não queria mais ir-se embora do Oratório.

Fez-se sacerdote e foi o primeiro pároco de paróquia salesiana do Sagrado Coração em Roma e primeiro Procurador geral da Consagração, junto à Santa Sé.

Nos seus últimos anos de vida, costumava Dom Bosco reunir todas as semanas os alunos da quinta série de ginásio, para uma breve conferência espiritual. No dia 1 ° de janeiro de 1886, ao terminar a reunião, esses meninos apresentaram-lhe suas homenagens e felicitações. Eram uns trinta e cinco, como nos contou o Padre Saluzzo, um dos últimos sobreviventes, o qual era na época encarregado da disciplina. Dom Bosco, depois de ouvi-lo e agradecer-lhes, acrescentou

"Gostaria tanto, meus caros meninos, de lhes dar alguma lembrancinha". E procurava com os olhos em derredor até que descobriu sobre a mesa um saquinho de papel com avelãs. Foi logo tirando em quantidade e deu, para começar, um bom punhado ao aluno que lhe estava mais próximo. Os outros começaram a rir, pois era. evidente que se continuasse com a mesma generosidade, as avelãs não bastariam senão para três ou quatro deles. Mas, com grande surpresa de todos, a distribuição continuou e cada um recebeu tanto quanto podiam conter ambas as mãos unidas.

Depois que todos tinham sido servidos, fizeram notar a Dom Bosco, que estavam ausentes quatro alunos e que iriam sentir muito se não ganhassem também o seu quinhão. Imediatamente pôs de novo a mão no saquinho e tirou as avelãs que eram necessárias. Um dos que assistiram à cena contava mais tarde: "Não posso compreender donde é que ele tirava as avelãs: pois o saquinho continha uma quantidade muito pequena!"

E não só para saciar o apetite material de seus meninos operava tais prodígios de multiplicações, senão também que o realizou para satisfazer a fome eucarística dessas alminhas. Para testemunhá-lo está aí um fato que ficou célebre nos anais da Casa.

Era o dia da festa da Natividade de Nossa Senhora e havia uns seiscentos meninos rodeando o altar. Seiscentos meninos na missa, num dia como esse, numa casa salesiana é o i mesmo que dizer quase seiscentas comunhões. Por infelicidade a única píxide encerrada no tabernáculo estava quase vazia: não continha mais do que quinze ou vinte hóstias. O sacristão bem que o sabia, e até havia preparado outra píxide para consagrar, mas, no último instante, por distração, deixara-a ficar na sacristia. Só se lembrou disso depois da Elevação. Era já tarde. Não lhe restava senão aguardar a dolorosa surpresa do Santo e sua paterna reprimenda na sacristia no fim da missa. Com efeito, quando chegou a hora da comunhão e Dom Bosco abriu o cibório e percebeu o que estava acontecendo, notou-se o ar de desolação que lhe alterou o semblante. Mas depois levantou os olhos ao céu e começou a distribuir a comunhão aos primeiros meninos ajoelhados. Depois desses... vieram outros, depois mais outros; e as filas dos que iam comungar se iam sucedendo às filas dos que já tinham comungado e o cibório nunca ficava vazio. Quando Dom Bosco voltou para o altar, todos tinham comungado e sobravam ainda partículas. O sacristão não entendia mais nada!

Uma troca de cordas vocais.

E vamos completar este tríptico, que daria boa inspiração a um pintor de

escola franciscana, com um fato realmente gracioso.

Em 1880, Dom Bosco estava na casa de Nice, no sul da França. O Diretor tinha preparado uma festinha e convidara os cooperadores dos arredores. Entre outras coisas estava no programa uma representação teatral a cargo dos alunos internos.

Pois bem, quase na última hora, o Diretor diz a Dom Bosco que o ator principal está completamente sem voz. A coisa era tanto mais lamentável, quanto maior era o número de convidados que se esperavam. Dom Bosco refletiu um pouco, depois pediu para falar com o menino.

Abençoou-o e disse-lhe: "Deixa por minha conta; eu te emprestarei minha voz e poderás representar muito bem teu papel".

Imediatamente, o menino recuperou o uso das cordas vocais. Dom Bosco, entretanto, foi acometido de uma improvisa rouquidão que o deixou completamente em silêncio. Graças a essa troca, a representação se realizou com sumo agrado de todos; e apenas terminada, cada um retomou a própria voz, como se nada tivesse acontecido.

## PARA SALVAR UMA ALMA, DOM BOSCO RESSUSCITA MOMENTANEAMENTE UM CORPO.

Como coroa desses milagres todos e como conclusão deste capítulo narraremos ainda um fato, que poderá talvez fazer abanar a cabeça a certos positivistas impenitentes, mas que tem um cúmulo de testemunhas a corroborá-lo para estabelecer-lhe solidamente a veracidade.

Entre os meninos que freqüentavam o Oratório de Dom Bosco, em 1894, havia um de quinze anos chamado Carlos, filho de um estalajadeiro da vizinhança. Durante uma ausência prolongada do Santo, Carlos adoeceu gravemente e em breve tempo se achou nas últimas. "É preciso tratar de administrar-lhe os Sacramentos" disse o médico. Para confessar-se pela última vez o menino fazia questão que fosse Dom Bosco o confessor. Correram logo ao Oratório, mas Dom Bosco não tinha ainda voltado. Recorreram então ao vice-pároco, que atendeu ao pequeno moribundo. Daí a dois dias o menino expirava. Suas últimas horas foram muito agitadas; não cessava um instante de chamar por Dom Bosco. Quando o Santo regressou a Turim, a primeira coisa que lhe contaram foi o pedido dos pais do menino. "Vamos vê-lo, pensou Dom Bosco; quem sabe se ainda está em tempo". Logo na entrada da casa, encontrou-se com um criado que lhe disse

- Está chegando tarde demais, Reverendo; há seis horas que morreu.

- Não pode ser. Estará dormindo apenas!

O homem mirou-o com ar de ironia, como quem dissesse: "Por quem é que me está tomando?" Mas Dom Bosco, sorrindo replicou: "Quer apostar como não está morto?"

Nesse ínterim chegam alguns parentes e entre lágrimas confirmam a notícia tão triste. Dom Bosco entra então no quarto do morto. Ao pé do leito rezavam a mãe e uma tia. Na cabeceira ardia um cirio; o menino estava envolto num lençol, fechado por uma costura, como se costumava então; cobria-lhe o rosto um véu de musselina.

Ao entrar no quarto Dom Bosco fez um sinal às pessoas que o tinham

acompanhado para que se retirassem. Antes de chegar perto do leito foi assaltado por uma dúvida: "E se este rapaz não tiver feito bem a última confissão?" Elevou então a Deus sua alma, na mais fervorosa oração, lançou uma bênção sobre aquele corpo e exclamou duas vezes, com voz imperiosa: "Carlos, Carlos, levanta-te".

A essa voz o cadáver foi como sacudido por um frêmito.

O Santo descoseu violentamente o lençol e descobriu o rosto do menino. "De que maneira esquisita me foram embrulhar!" exclamou ele abrindo largamente os olhos como quem acordasse de um profundo sono. Depois, ergueu-se, passeou os olhos pelo quarto e, percebendo que era o Pai de sua alma que ali estava exclamou

- Oh! Dom Bosco! Se soubesse! Quanto chamei pelo senhor! Foi Deus quem o mandou aqui. Fez muito bem em acordar-me.

- Fale, fale, Carlinhos! Conte bem o que me quer dizer. Por você é que eu aqui estou.

Então o menino prosseguiu

- Acho que nesta hora eu deveria estar no lugar da eterna infelicidade. Na minha última confissão escondi um pecado que tinha cometido poucas semanas antes. A certo ponto tive um sonho: pareceu-me estar a beira de uma fornalha ardente, perseguido por demônios que me queriam agarrar. E já iam conseguindo fazê-lo, quando interveio uma senhora e disse: "Deixem-no em paz: ainda não está julgado". A essas palavras apoderou-se de mim uma terrível angústia; mas ouvi a sua voz e acordei. Agora, confesse-me, Dom Bosco.

A um aceno de Dom Bosco, a mãe e a tia do menino, que tinham assistido petrificadas a esse espetáculo, saíram um instante do quarto.

Quando reentraram juntamente com os demais membros da família, a confissão tinha terminado.

"Dom Bosco me salvou do inferno" murmurou o menino. Viveu ainda mais duas horas, mas conservando no corpo a gelidez da morte. Num dado momento, o Santo lhe perguntou: "Agora que você está em graça de Deus, pode estar certo que se morrer irá para o céu. Então, quer ficar conosco ou prefere ir para lá?"

- Quero ir para o Céu, respondeu o menino.

- Pois então, até à vista no Céu! disse Dom Bosco.

E, como se estivesse esperando só essa despedida, o menino deixou cair a cabeça sobre a almofada, fechou os olhos e voltou à imobilidade de antes: desta vez adormecera em Deus.

Esse fato prodigioso foi contado muitas vezes pelo próprio Dom Bosco, antes de tudo aos meninos do Oratório, e depois também aos das outras casas que ele visitava. Narrava-o sempre em forma impessoal, como se não se tivesse passado com ele. Mas a precisão com que descrevia os mínimos pormenores, a invariável identidade das circunstâncias de tempo, de lugar, de palavras, a grande vivacidade da descrição, tudo deixava transparecer que quem estava contando tinha tomado parte muito saliente no milagre. E certa vez o Santo o revelou, sem querer. Pois falando uma noite, depois das orações, aos alunos do Colégio Salesiano de Borgo San Martino, deixou de repente o uso da terceira pessoa e começou a dizer:"Entrei no

quarto e falei com ele me respondeu. . ." Mas, caindo em si, terminou a narração na forma objetiva com que tinha começado. No entanto, foi isso o bastante para que se confirmasse aquilo que já se suspeitava. Ninguém duvidou que Deus dera a sua pala poder suficiente, para chamar das portas da morte um de seus alunos que estivera em perigo de condenação.

## QUE PENSAVA DOM BOSCO DESSE DOM PRODIGIOSO.

Dom Bosco não fazia alarde desse poder prodigioso, com o qual mandava na enfermidade, no inferno, e na morte. Pelo contrário, sentia-se como que esmagado sob o peso de tão grande dom. Servia-se dele, porque era necessário, para proclamar a glória da Virgem Auxiliadora e mesmo para viver. Uma confissão partida um dia de seu lábios, vem confirmar-nos nessa opinião. Um de seus filhos espirituais, o Padre Trione, voltando de uma missão pregada nos arredores de Turim, fora contar a Dom Bosco tudo o que tinha realizado. E o Santo, como que para congratular-se com ele, lhe disse: "Estou pensando uma coisa: e se eu te conseguisse o dom dos milagres?!"

- Oh! Seria ótimo, Dom Bosco! respondeu o pregador. Assim terei certeza de converter os pecadores mais empedernidos.

- Não digas isso! replicou Dom Bosco, pondo-se de repente sério e pensativo. Se tu tivesses esse dom, pedirias logo a Deus que o tirasse.

# CAPÍTULO XI

# A SERVIÇO DO PAPA

Índice

UMA VIDA CONSAGRADA À CÁTEDRA DE PEDRO. DUAS PROVAS DISSO.

BONDADE DE PIO IX PARA COM DOM BOSCO.

UMA AUDIÊNCIA CHEIA DE INTIMIDADE.

DEDICAÇÃO DE DOM BOSCO COM O VIGÁRIO DE CRISTO:

PERÍODO DE APARENTE DESFAVOR. SOFRIMENTO DO PAPA E DE DOM BOSCO.

NOS CORREDORES DO VATICANO. LEÃO XIII. PRIMEIRA AUDIÊNCIA.

UMA AUDIÊNCIA HISTÓRICA QUE É UMA GRANDE REPARAÇÃO.

**DESPEDE-SE DO PAPA... E**
**FICA-LHE FIEL ATE ALEM DO TÚMULO.**

## CAPÍTULO XI

## A SERVIÇO DO PAPA

**UMA VIDA CONSAGRADA À CÁTEDRA DE PEDRO.**
**DUAS PROVAS DISSO.**

**Na audiência que, dentre tantas outras, Pio IX concedeu a Dom Bosco em janeiro de 1875, o bondoso Pontífice, a pedido do Servo de Deus, depois de um instante de recolhimento deixou esta palavra de ordem para ser transmitida aos salesianos e a seus alunos: "Recomendai a todos a obediência e a fidelidade ao Vigário de Jesus Cristo".**

**- Que coincidência, Santo Padre! respondeu Dom Bosco. Pois justamente uma coisa faltava para dizer a V. Santidade. Está notada neste papelzinho.**

**O Papa quis ver e leu: "Na última audiência, antes de partir, penhorar ao Papa a obediência e fidelidade de todos os Salesianos e de todos os alunos".**

**- Está vendo como nos encontramos? disse o Papa todo jubiloso.**

**A obediência e a fidelidade ao representante de Jesus Cristo na terra foi uma das grandes virtudes que Dom Bosco se empenhou, durante o curso de toda a sua vida, em inculcar a todos os seus filhos. Pode-se dizer que sua vida inteira de apóstolo se encerra entre dois episódios comoventes que dizem toda a sua devoção à Cátedra de São Pedro.**

**No dia 15 de novembro de 1848, foi apunhalado covardemente em Roma o Primeiro Ministro do Papa Pio IX, Peregrino Rossi, e hordas revolucionárias tentaram dar o assalto aos Palácios Pontifícios. Mons. Palma, Secretário de Pio IX, tombou prostrado por uma bala em pleno rosto. O perigo era ameaçador. De uma hora para outra a Revolução poderia apoderar-se da pessoa do Sumo Pontífice. Portanto era necessário tomar providências urgentes. No dia 23 de novembro, à noite, Pio IX, acompanhado de um simples criado, deixava o Quirinal por uma porta secreta, e se entregava à proteção do Embaixador da Baviera, que o aguardava a pouca distância numa carruagem fechada. Poucas hora depois, o augusto Pontífice se achava em território do Reino de Nápoles, e aí o Rei Fernando de Bourbon punha à sua disposição a cidade e o castelo de Gaeta. Iria, ficar seis meses. Esse exílio forçado comoveu o mundo católico todo, e pensou-se antes de mais nada, em prover à manutenção do Pai comum dos fiéis. Data desse ano a obra do óbolo de São Pedro. Abriram-se subscrições em toda a parte. Em Turim, foi uma surpresa para a Comissão o dia que viram figurar, na lista a soma fabulosa e modesta ao mesmo tempo, oferecida pelos meninos do Oratório de Dom Bosco:**

**trinta e três liras!**

**Sabemos que esses pobres meninos recebiam de Dom Bosco apenas a importância de 5 soldos por dia, para comprarem alguma coisa que servisse para completar o pobre cardápio, onde figurava apenas sopa ou polenta. E no entanto, filhos dedicados do Papa, tinham sabido economizar na própria miséria e tinham conseguido em poucos dias esse óbolo, que Pio IX recebeu**

chorando de comoção e que agradeceu por meio de seu Núncio, na Côrte de Turim.

Tal fato acontecia bem no início do apostolado do Santo. E vêde o que ele balbuciou no leito de morte, no dia 28 de dezembro de 1887, na presença de seu Arcebispo, Cardeal Alimonda, que lhe fôra fazer uma visita: "Tempos difíceis, Eminência! Atravessei tempos bem difíceis! . . . Mas a autoridade do Papa... Já o disse a Monsenhor Cagliero, aqui presente, para que o transmita ao Santo Padre; os Salesianos existem para defender o Papa, onde quer que trabalhem".

## BONDADE DE PIO IX PARA COM DOM BOSCO.

Essa vida que ao findar-se se ufanava de ter servido fielmente ao Vigário de Cristo na Terra, decorreu toda dentro de dois pontificados, o de Pio IX e o de Leão XIII. Dom Bosco teve seu primeiro contato com Pio IX em 1858. Tinha ido a Roma nesse ano, como dissemos, para lançar as primeiras bases da ereção canônica de sua Congregação. O Papa conhecia a Dom Bosco só de fama; queria agora tirar a prova do valor moral desse homem que Turim já admirava como apóstolo.

Por meio de Monsenhor de Merode, pediu-lhe que pregasse o retiro anual às detentas da prisão das Termas de Diocleciano. O Santo aceitou, e a sua palavra simples, mas rica de doutrina e de exemplos, comoveu o coração daquelas transviadas, de sorte que o resultado da pregação foi consolador. O Papa congratulou-se com ele poucos dias depois, numa segunda audiência que lhe concedeu; e, como prova de sua satisfação, quis honrá-lo com o título de Monsenhor, criando-o "camareiro de S. Santidade". Ao ouvir a proposta lisonjeira, o homem de Deus estremeceu:

"Oh! Santo Padre, muito obrigado, exclamou ele. Reserve essa honra para outros mais dignos! Imagine que figura faria eu no meio de meus pirralhos com uma batina roxa! Os pobres meninos nem me reconheceriam mais; e perderia toda a confiança que eles têm em mim. Além disso, meus benfeitores julgariam que fiquei rico; e eu não teria mais coragem de lhes bater às portas para pedir esmola. Não, Santo Padre, eu lhe peço de verdade: deixe-me ficar sempre o pobre Dom Bosco!"

Esta segunda prova tinha demonstrado, ainda mais que a primeira, quem era Dom Bosco; e tanto ele, como o clérigo Rua, perceberam pela bênção que o Papa lhes deu na hora de partirem, que no Vaticano a Obra Salesiana já podia contar com um grande amigo.

Por vinte anos essa amizade não cessou de derramar benefícios sobre Dom Bosco e suas iniciativas.

Pio IX foi rico de conselhos, de favores, de generosidade e de confiança, como o demonstraram claramente estes fatos.

Já vimos como suas luzes e sua intervenção auxiliaram não só o nascimento como também o desenvolvimento e a estabilização definitiva das suas Congregações. Quando em 1876 se tratou de sancionar a Pia União dos Cooperadores Salesianos, o conselho de Pio IX se impôs mais uma vez para ampliar o quadro de elementos que a compõem. "Porque V. Rev.ma se limitou só aos homens? perguntou o Papa a Dom Bosco. É preciso não excluir. ninguém: V. Rev.ma precisa também de cooperadoras. A mulher teve sempre um papel muito importante em todas as obras de caridade, na igreja, na conversão dos povos. Elas, mais que os

homens são inclinadas à ação e ao sacrifício. Portanto não se prive desse auxílio precioso".

E o Santo abriu também para as senhoras as fileiras de sua Associação; e disso não se arrependeu jamais. Doutra feita, ao lhe conceder diversos indultos, Pio IX sublinhava o sentido prático de um deles: "Sim, dizia o Papa, ocupe os seus noviços, durante o ano de prova, em diversos trabalhos; mas que não sejam só trabalhos de sacristia, porque poderiam assim habituar-se a ocupações que são mais um repouso. Ocupe-os ativamente, de modo particular, em dar aula de catecismo aos meninos".

E de quantos favores, indulgências e privilégios não cumulou Pio IX a Dom Bosco, desde a indulgência plenária que, a partir de 1858, concedeu para a hora da morte a duzentos de seus benfeitores, até os favores sem conta com que enriqueceu em 1876 a Pia União dos Cooperadores.

Cada nova iniciativa de Dom Bosco podia contar certo com a benção do Papa. Desde o primeiro encontro com o homem de Deus, Pio IX lhe deu a faculdade de confessar in omni loco Ecclesiae e lhe deu também, sem que Dom Bosco o pedisse, a dispensa do breviário para os dias de trabalho excessivo.

Essa generosidade era igualmente ampla, no atender às necessidades materiais da Obra salesiana. Na primeira audiência, na despedida, Pio IX deu a Dom Bosco um punhado de moedas de ouro, a fim de pagar uma merenda aos meninos do Oratório. Para a ereção da igreja de N. Senhora Auxiliadora mandou-lhe quinhentas liras. Duas mil para a igreja de São João Evangelista.- Para a segunda expedição de missionários salesianos tirou de sua gaveta cinco mil liras e lhes juntou mais mil em moedas de, ouro. Finalmente, um dia que Dom Bosco se via premido por necessidades urgentes, o Papa lhe deu, de uma vez só, vinte mil liras. Eram todos testemunhos de bondade, que porém eram pequenina coisa em confronto com as provas de estima e de confiança com que honrava o Santo.

Hoje, o encarregava de uma missão sumamente delicada, como a de verificar como andava nas paróquias de Roma o ritmo das aulas de catecismo. Amanhã, aceitava-o como o fêz por duas vêzes, como plenipotenciário, nomeado pelo Govêrno, para resolver entre os dois Poderes a espinhosíssima questão da nomeação de bispos para cento e oito dioceses vacantes. Logo depois pedia a sua colaboração para compilar as listas dos candidatos ao episcopado; e todos os nomes que o Santo propunha eram aceitos imediatamente. Outra vez, lhe confiava a reforma de um instituto romano que S. Santidade desejaria que se incorporasse à Congregação Salesiana!...

## UMA AUDIÊNCIA CHEIA DE INTIMIDADE.

Durante o Pontificado de Pio IX Dom Bosco foi a Roma quatorze vêzes, e pode-se dizer que em cada uma dessas o Papa lhe deu provas patentes de uma estima que seria para deixar vaidoso; chegou a mandá-lo buscar numa carruagem pontifícia e a fazê-lo entrar uma tarde em seu quarto de dormir, onde se achava enfêrmo. Que suave recordação conservou Dom Bosco, dessa audiência paterna de 1877!

> "Imagina, dizia ele ao secretário ao descerem as escadas do Vaticano, que b Santo Padre me recebeu de cama! Se tu tivesses visto que leito baixo e pobre, como os dos nossos meninos! Nem sequer um pedacinho de tapete para pôr os pés

ao se descalçar! O pavimento do quarto é de tijolos, todos velhos, de sorte que é preciso cuidado para não tropeçar. Pio IX, sabendo que eu não vejo bem, ia-me guiando com a voz até eu chegar perto dele: "Não vá por aí, Dom Bosco! Há um buraco! Passe do lado de cá". Que exemplo de pobreza do chefe da Igreja! Que espetáculo edificante ver a personagem mais importante do mundo viver voluntariamente nesse desconfôrto!"

E por que usava Pio IX de tanta benevolência para com o Apóstolo de Turim? -, É porque tinha compreendido que a igreja tinha nele um servidor dedicado.

DEDICAÇÃO DE DOM BOSCO COM O VIGÁRIO DE CRISTO:

A) Nas "Leituras Católicas".

Dom Bosco soube manifestar de mil maneiras sua dedicação ao Santo Padre, durante toda a vida.

Escritor popular e diretor da coleção das "Leituras Càtólicas", consagrou sempre as preferências de sua pena às biografias dos Papas; por isso publicou em oitos fascículos as biografias dos 21 primeiros Papas da Igreja primitiva. Em 1847, acrescentou a isso a sua História Eclesiástica, a qual, na sua intenção, tinha o escôpo de imprimir nas mentes juvenís uma alta idéia do Pontificado Romano.

Em novembro de 1859, logo depois da rebelião das Legações Pontifícias e da anexação delas ao reino do Piemonte Dom Bosco, pesaroso por esse grave golpe com que se atingia o govêrno temporal dos Papas, escrevera a Pio IX uma carta, em que seu coração de sacerdote católico dizia toda a profunda mágua que sentia e procurava consolar o Santo Padre com a exposição do imenso bem que a igreja do Piemonte realizava, nos vários campos da atividade católica, nessas horas de perturbação.

Em janeiro de 1860, o Papa lhe respondeu com um breve repassado de sentimento paternal. Bastou isso para fazer estourar a bomba. Tanto mais que no número de abril as "Leituras Católicas" publicaram a tradução da carta do Papa. Dai à conclusão de que a casa de Dom Bosco era um foco de conspiração e abrigava alguns dos homens que se achavam em relação com o Arcebispo exilado, com o Papa e com os Jesuitas, não faltava mais que um passo. E o passo foi dado

Nos dias dois de maio e 9 de junho o Oratório Salesiano foi submetido durante sete horas contínuas a uma devassa em regra. O aparato foi completo: cordão de tropas ao redor da casa, polícia para separar os alunos dos mestres, busca minuciosa nos cantos escuros de casa, leitura atenta de todos os manuscritos, inclusive dos que se achavam reduzidos a pedacinhos no cêsto de papéis, perguntas capciosas nas classes, intimação para que se entregasse o corpo de delito, ameaças, etc. Evidentemente, não se encontrou coisa alguma, a não ser uma sentença um pouco demasiado "clerical", que era porém de... Marco Aurélio, e a tradução do famoso breve pontifício. A polícia ficou bem mortificada. O único resultado desse aborrecido trabalho, foi ter oferecido ocasião a Dom Bosco de sofrer alguma coisa pelo Papa e pela Igreja.

Dom Bosco sofreu muito mais ainda por ver as dioceses da Itália privadas

por longos anos de seus pastores. Quarenta e cinco bispos estavam no exílio; dezoito que o Papa elegera não receberam 'autorização para irem tomar posse de suas dioceses; muitos pastores tinham morrido e não tinha sido possível substituí-los. No Piemonte já havia quinze anos que não se nomeava nenhum bispo. Vamos ver no capítulo seguinte, como o homem de Deus tudo fêz junto às autoridades do govêrno, para conseguir que cessasse esse estado de coisas danoso às almas e aos fiéis. Aqui salientaremos apenas a dedicação com que desempenhou o ofício de agente de ligação entre o Vaticano e o Quirinal. Quantos passos e quantas medidas, quantas horas de sala de espera e quantas discussões lhe custou essa missão! E depois, por ordem do Papa, teve que colaborar na organização das listas dos futuros Prelados. Bem que teria gostado de se furtar a tão graves responsabilidades. Mas Pio IX manifestou seu desejo, e o Santo acedeu imediatamente como bom servo, cujo dever não é outro senão obedecer ao seu senhor, quando este lhe declara insuficientes os motivos que teria para recusar. .

B) Durante o Concílio Vaticano.

Apenas se iniciaram as sessões do Concílio Vaticano a 8 de dezembro de 1869 - Dom Bosco percebeu que ao lado dessa grande Assembléia podia-lhe caber um papel, muito embora modesto, todavia útil nesses debates históricos, que iriam culminar na proclamação do dogma da infabilidade do Papa. E portanto partiu para Roma no dia 20 de, janeiro de 1870.

A elaboração lenta dos textos das futuras definições era. coisa que se realizava, não só nas reuniões plenárias da capela dos Santos Processo e Martiniano na Basílica de São Pedro, mas também nos círculos privados que os Padres Conciliares promoviam em casa dos Príncipes Romanos, na redação da Civiltá Cattolica, ou ao redor dos Cardeais da Cúria e dos chefes dos vários grupos. No seu livro Roma durante o Concílio, Luís Veuillot nos descreve primorosamente esse trabalho obscuro mas fecundo dos salões, das procuradorias, das residências cardinalícias e até das salas de redação.

Dom Bosco tivera uma idéia feliz. De fato pôde saborear o prazer de ter conquistado ao menos um voto em favor da definição conciliar. E sabido que um grupo bastante ardoroso, chefiado por Mons. Dupanloup defendia a todo o transe a tese da inoportunidade dessa definição: "A hora de proclamá-la não chegou ainda!", aconselhavam eles levados por sua excessiva prudência de velhos liberais. Nesse grupo se achava um membro da igreja do Piemonte, Mons. Gastaldi, bispo de Saluzzo, o mesmo que mais tarde, proposto por Dom Bosco, iria ocupar o sólio de Turim. Logo que o Santo chegou a Roma e foi avisado do fato,, começou a assediar o amigo e usou razões tão fortes para convencê-lo que, um belo, dia, em plena sessão, o bispo de Saluzzo, tomou posição bem nítida a favor da definição, pronunciando um vibrante discurso que deixou totalmente desconcertados os seus amigos da véspera.

E para Dom Bosco era impossível duvidar do êxito triunfal do Concílio, pois, na noite de 5 para 6 de janeiro, em Turim, tivera um sonho revelador. Os termos com que o Santo procura traduzir, num memorial entregue a Pio IX, esse recado do céu, são alguns pontos um tanto sibilinos, mas no conjunto a comunicação é clara e exprime bem as dificuldades com que se teve de embater a proclamação do dogma.

Vamos transcrever o trecho do manuscrito:

> "Vozes do Céu ao Pastor dos Pastores. Entrarás com teus assessores na grande reunião; mas o inimigo do bem não descansará um só instante sequer. Ele levantará contra ti

**todas as maquinações. Semeará a discórdia entre os teus assessores e te suscitará adversários, mesmo entre os teus filhos. As potências do século vomitarão fogo e usarão violência contra os guardas da lei para fazer voltar-lhes à garganta as próprias palavras, mas não o conseguirão. Prejudicarão tão somente a si mesmos. Tu, pois, apressa-te. Se não podes resolver as dificuldades, corta-as. Embora te vejas embaraçado, segue para frente da mesma forma; e mantem-te inabalável até ser decepada a cabeça da hidra do erro. Esse será um golpe que fará tremer a terra e o inferno, mas trará a calma ao mundo e os bons exultarão de alegria. Teus dias se precipitam, teus anos correm para o fim, mas a grande Rainha será sempre o teu auxilio. Hoje como ontem ela será magnum et singulare in Ecclesia praesidium".**

**C) Recado de um aluno ao Papa.**

**Não era essa a primeira vez que Dom Bosco levava ao Papa uma mensagem do céu. Em 1856, tinha recebido em seu escritório para uma comunicação urgente, o melhor de seus alunos, esse pequeno Domingos Sávio, que hoje a Igreja venera como Santo.**

**- Ë verdade que o senhor vai a Roma daqui a poucos meses? perguntou o menino.**

**- É o que eu estou querendo.**

**- Oh! Quanto eu gostaria de ir também.**

**- Por que?**

**- Para falar com o Papa. Eu queria dizer- lhe, que, no meio dos sofrimentos que o aguardam, não deixe de ocupar-se, em modo especialíssimo da Inglaterra, porque Deus prepara nessa nação um grande triunfo para o catolicismo.**

**- E como é que você sabe disso?**

**- Vou dizer-lhe. Mas, por favor, não o conte a ninguém, senão zombariam de mim. Um dia, quando eu estava dando ação de graças depois da comunhão, fui surpreendido por uma forte distração. Pareceu-me ver uma extensa planície coberta de trevas: ai se via uma grande multidão que caminhava às cegas como viandantes que tivessem perdido o rumo.**

**Este pais, disse alguém ao meu lado, é a Inglaterra., E vi o Papa Pio IX, revestido das vestes pontificais caminhando por essa planície, com um archote aceso na mão. À medida que ele ia avançando, as trevas se iam desfazendo, até que a planície toda ficou iluminada como em pleno dia. O archote luminoso, disse-me a mesma personagem, simboliza a fé que deve iluminar a Inglaterra.**

**Enquanto Dom Bosco ia transmitindo esse recado ao Papa, o Santo Padre o fitava com olhos cada vez mais penetrantes, e ao terminar lhe disse: "O aviso desse menino me induz a trabalhar, ainda mais energicamente, para a conversão da Inglaterra. Mas, e V. Rev.ma Dom Bosco, nunca teve revelações extraordinárias?"**

**D) Uma ordem do Papa.**

**Essa pergunta feita assim a queima-roupa, desconcertou o Santo. Afinal**

teve que confessar a verdade e contar a Pio IX os seus sonhos principais.

- Escreva-os, disse o Papa, com todos os pormenores. Serão um precioso patrimônio para os seus filhos.

Dom Bosco prometeu; mas, nove anos mais tarde, em 1867, na sua segunda visita ao Papa, não tinha feito ainda nada.

- E os sonhos? perguntou Pio IX.

- Não tive tempo ainda, Santo Padre.

- Pois olhe: agora não é mais só um desejo que manifesto. E uma ordem que lhe dou: é preciso escrevê-los.

É um trabalho mais importante que qualquer outro. Desta vez Dom Bosco obedeceu. A ordem de Pio IX deu como resultado à Congregação Salesiana aqueles seis cadernos em oitavo, nos quais o Santo recolheu um tesouro de notícias sobre sua vida e suas obras, com o título de Memórias do Oratório de 1835 a 1885.

E) Uma consulta solene.

Pio IX estava tão convicto de que o Céu favorecia a Dom Bosco com luzes especiais, que, numa circunstância muito solene, recorreu ao conselho do Santo.

Imediatamente depois da Brecha da Porta Pia, enquanto de todas as partes chegavam conselhos ao Papa que abandonasse Roma, como em 1848, Pio IX sentia-se hesitante. Finalmente consultou Dom Bosco. O Santo rezou longamente e depois mandou ao Papa, por mãos seguras, a sua resposta

"A sentinela, o Anjo de Israel, fique no seu posto, guardando a cidadela sagrada e a arca santa". Esse fato foi objeto de um depoimento jurado do Cardeal Cagliero. O qual estava bem a par de tudo, porquanto ele próprio copiara a carta endereçada ao Papa.

A confiança tão grande que Pio IX demonstrava ter em Dom Bosco, o prazer não comum que experimentava em entreter-se com ele e pedir seu parecer em assuntos variados, levaram o Santo Pontífice a fazer um dia uma proposta a Dom Bosco

- V. Rev.ma não estaria disposto a deixar Turim e vir estabelecer-se em Roma? Sua Congregação ficaria prejudicada com isso?

- Ah! Santo Padre, seria sua destruição.

O Papa não insistiu. Dom Bosco confessou depois a um amigo íntimo que jamais teria podido resolver-se a deixar tão longe os seus.

## PERÍODO DE APARENTE DESFAVOR. SOFRIMENTO DO PAPA E DE DOM BOSCO.

Por todos esses pormenores, que nossa pena poderia ainda multiplicar, compreende-se que no Vaticano Dom Bosco era acolhido mais como um amigo do que como um servidor. Os dois corações, o do Papa e o do humilde sacerdote, tinham-se compreendido e em certos momentos parecia até que se apoiassem um no outro. Eis porque, mais tarde, essa amizade foi submetida

pela maldade humana à mais dura prova, a prova da dúvida. "Que é que fiz eu a Dom Bosco? dizia suspirando Pio IX no fim do ano de 1877. Já lhe escrevi três vezes e ele não me responde". E Dom Bosco por sua vez também interrogava porque é que ficavam sem resposta umas cartas que ele escrevera pedindo alguns favores. A explicação era simplicíssima : a correspondência de ambos era vigiada e interceptada.

As pessoas que em Turim perseguiam Dom Bosco, como vamos ver, tinham conseguido cúmplices, até no interior dos palácios apostólicos. Só tarde demais Pio IX chegou a saber dessas manobras subterrâneas.

- Paciência! exclamou o Papa, erguendo ao céu os olhos cheios de resignação.

Dessa paciência e dessa 'resignação teve Dom Bosco -de armar-se corajosamente, quando em dezembro de 1877, viu negarem-lhe por três vezes distintas uma audiência do Santo Padre. Os inimigos de sua obra continuavam a abusar dó seu poder. E tanto mais duro foi o golpe para o coração do Santo, quanto mais seguras eram as informações que lhe chegavam de que Pio IX já não podia contar muitos dias de vida. "Daqui a pouco, predizia ele, vamos assistir a acontecimentos que- hão de comover tanto os bons como os maus". De fato, no dia 9 de janeiro de 1878, morria no Quirinal, quase de improviso o Rei Vitor Emanuel: e no dia 7 de fevereiro corria por toda Roma esta voz: "Pio IX está agonizando". Na tarde desse mesmo dia, precisamente às 5,40 o suave Pontífice passava para a outra vida. Ainda na véspera tinha falado de Dom Bosco.

É fácil imaginar a dor que esmagou o coração do Santo ao receber a notícia. Ele que teria feito tudo, que estaria disposto a qualquer sacrifício para ter a felicidade de poder achar-se de joelhos, no humilde quarto, que tão bem conhecia, na hora em que o grande Pontífice deixava a terra! Se ao menos tivesse tido a felicidade de aproximar-se dele, num de seus últimos dias de vida, protestar-lhe mais uma vez sua imperecível dedicação!

Essa dedicação nem a morte do grande Papa conseguiu desfazer. Pois sabemos que em memória dele foi erguida em Turim a igreja de São João Evangelista, em cuja entra-. da uma estátua de Pio IX, de pé, parece perpetuar, no mármore, a gratidão de Dom Bosco para com o Pontífice Angélico.

## NOS CORREDORES DO VATICANO. LEÃO XIII. PRIMEIRA AUDIÊNCIA.

Alguns dias após a morte de Pio IX, enquanto no Vaticano todo um exército de operários andava atarefado em improvisar os apartamentos dos Cardeais para o Conclave iminente, Dom Bosco, levado por um assunto delicado a transpor esses sagrados muros, encontrou-se numa sala com o Cardeal Pecci, Camarlengo da Santa Igreja. Parou um instante, fitou-o no rosto, depois ajoelhou-se devotamente e disse

- Permita-me Vossa Eminência que lhe beije as mãos.

- Quem é V. Rev.ma, para se apresentar assim com tanto desembaraço?

- Sou um humilde sacerdote que hoje beija as mãos de V. Eminência, mas que pede a Deus a graça de poder-lhe, de aqui a poucos dias, beijar os pés.

**- Proibo-lhe rezar para esse fim.**

**- Mas não pode proibir-me de pedir a Deus aquilo que for de seu divino beneplácito.**

**- Se rezar nessa intenção, replicou o Cardeal Pecci, num tom que forcejava para ser severo, ameaço-o com as censuras da igreja.**

**- Oh! Eminência, por enquanto não tem poder para infligir censuras. Quando o tiver, saberei respeitá-lo.**

**- Mas afinal quem é V. Rev.ma que me fala dessa maneira?**

**- Sou Dom Bosco.**

**- Vamos! Não diga mais nada. É hora de trabalhar e não de gracejar.**

**O Cardeal Camarlengo seguiu o seu caminho. Oito dias depois, no dia 20 de fevereiro, era eleito pelo Conclave e tomava o nome de Leão XIII.**

**Por algumas semanas, não foi possível a Dom Bosco aproximar-se de Leão XIII, senão em audiências públicas.**

**Outrora, quando ele estivera incumbido de tratar o assunto das nomeações episcopais, todas as portas se lhe abriam no Vaticano; agora não conseguia nem sequer que lhe marcassem uma audiência privada. Dura prova para um coração tão magoado por outras penas! Finalmente, a 16 de março, Leão XIII admitiu-o à sua presença.**

**Não era Pio IX, o qual depois de uma acolhida. simples e cordial, em poucos segundos fazia o interlocutor sentir-se à vontade. Porém, não obstante o ar de majestade, o olhar em que se filtrava o gênio, o tom autoritário da voz grave, e as maneiras em que se revelava toda a nobreza da linhagem, Leão XIII sabia também, embora em modo diverso, subjugar os corações. Para com Dom Bosco, então, foi de uma admirável bondade. Informou-se minuciosamente de todas as suas obras, deu-lhe conselhos para todos os seus filhos e, como Pio IX, repetiu-lhe que as bênçãos de Deus pairavam sobre seus trabalhos. "Os que negam o milagre - disse-lhe o Papa - ficariam seriamente embaraçados se tivessem que explicar como é que, humanamente falando, um pobre sacerdote conseguia dar o pão cotidiano a milhares de meninos. É preciso confessar que ai vai o dedo de Deus".**

**O Santo saiu do Vaticano com o coração inundado de alegria, pois, apesar das calúnias que se iam encastelando maldosamente desde tantos anos contra o seu nome e que haviam conseguido fazer-se ouvir até para além do Portão de Bronze, o novo Pontífice reconhecia seus serviços.**

**Sabemos que dois anos mais tarde, Leão XIII apelou para esse serviço. E foi quando, vendo com imensa tristeza paralisada nos alicerces a construção da igreja do Sagrado Coração de Jesus, no Castro Pretório, resolveu confiar a Dom Bosco o encargo de levá-la a termo. Não obstante a idade avançada e os achaques cada dia mais impertinentes, Dom Bosco aceitou o formidável peso, porque, como tinha dito ao Cardeal Alimonda, um desejo do Papa era para ele uma ordem.**

**UMA AUDIÊNCIA HISTÓRICA QUE É UMA GRANDE REPARAÇÃO.**

Tão leal e fiel dedicação recebeu, quatro anos mais tarde, uma de suas mais doces recompensas. Era a primavera de 1884. O Santo ia pela décima nona vez a Roma, a fim de obter a comunicação dos privilégios que, equiparando sua congregação a outras muito favorecidas pela Santa Sé, torná-la-iam ao me=o tempo independente, definitivamente livre, para poder, por exemplo, apresentar por si mesma os seus candidatos às sagradas ordens. O leitor deve lembrar-se de que em 1874, Dom Bosco tinha conseguido esse favor pelo espaço de dez anos. Agora, preparara com suas próprias mãos um longo memorial em que pedia lhe fossem concedidos os mesmos privilégios de que já gozavam várias congregações por ele citadas no documento.

Parecia-lhe que um pedido apoiado em tão sólidos argumentos teria sido o bastante para conseguir a graça.

Mas enganara-se. Logo que chegou a Roma, o Cardeal Ferrieri, Prefeito da Sagrada Congregação dos Bispos e Regulares, fez-lhe saber que era necessário completar o memorial, com indicações mais precisas; devia indicar o Pontífice que tinha concedido pela primeira vez diretamente tais privilégios, a quais institutos tinham sido concedidos e em que data. Ao ouvir isso, Dom Bosco sentiu-se assaltado por uma tentação de desânimo. Só ele mesmo podia fornecer tais informações, porque tinha organizado sozinho e com enorme trabalho todo o memorial; e ter agora que recomeçar desde o início as suas pesquisas! "Minha cabeça já não resiste mais, confessou a uma pessoa de sua intimidade. Terei mesmo que renunciar aos privilégios. Vou pedir só alguns, os principais, e voltarei para Turim. Se quiserem concedê-los, tanto melhor. Senão, paciência! Iremos avante assim mesmo".

Foi o próprio Leão XIII que, com uma palavra decisiva, resolveu a espinhosa questão. No dia 9 de maio, Dom Bosco foi recebido por ele em audiência privada. O Papa se mostrou de uma bondade extraordinária. Depois de beijar o pé ao Sumo Pontífice, o velho sacerdote pede licença para ficar de pé. "Oh! Dom Bosco, não de pé, mas sentado!" respondeu Leão XIII. E fez trazer uma cadeira e a pôs a seu lado para Dom Bosco. Depois dando mostras da mais solícita atenção, perguntou-lhe sobre sua saúde.

- V. Rev.ma precisa cuidar da saúde, disse o Pontífice. Não poupe nada para esse fim. Já é tempo de não abusar mais de suas forças! Pois sua vida pertence à Igreja e à Congregação que V. Rev.ma fundou. Estou vendo que sua obra se estende por toda parte, na França, na Espanha, na América e até na Patagônia. Pois sua vida e seus conselhos são necessários a todos esses filhos que assim se multiplicaram. Se eu estivesse doente, V. Rev.ma faria tudo o que soubesse para restituir-me a saúde, não é verdade? Pois eu quero que faça o mesmo para consigo mesmo. Eu o quero, está ouvindo? Melhor ainda, eu o ordeno. A Igreja precisa de V. Rev.ma.

- É muita bondade, Santo Padre! respondeu Dom Bosco como que esmagado pela emoção que lhe causava a solicitude do Papa. V. Santidade me confunde! Mas prometo-lhe que hei de cumprir suas ordens!

- Muito bem! Agora que é que deseja pedir-me? Não tenha receio, pois estou disposto a conceder-lhe tudo.

- Santo Padre, - respondeu Dom Bosco, aproveitando o ensejo, -corroe o edifício da Sociedade Salesiana concedendo-lhe o que ela lhe pede. São privilégios que outras congregações, com um número de membros ainda muito limitado, já possuem. Os Salesianos são mais de quinhentos e há

muitos anos vêm pedindo este favor sem jamais consegui-lo.

- Muito bem! Peça logo ao Secretário da Sagrada Congregação dos Bispos e Regulares que prepare os papéis e eu os assinarei sem passar pela Congregação. Isto me será agora muito fácil, uma vez que o pobre Monsenhor X, já não existe mais, ajuntou o Papa com um sorriso significativo. Este teria sido um adversário temível. Quanto não fez ele para impedir a concessão dos privilégios! Está vendo, como nem sempre o Papa pode fazer o que quer. Mas, agora V. Rev.ma vai ser atendido. Meu muito querido Dom Bosco! Eu o amo, eu o amo, eu o amo. Quero ser todo pelos salesianos, quero que me considere como o primeiro dos Cooperadores. Quem é seu inimigo, é inimigo de Deus. Tive disso a prova agora. Com meios mais que insuficientes V. Rev.ma realiza obras prodigiosas. Coragem! Coragem! O Papa, a Igreja, o mundo católico o admiram e admiram a sua Sociedade. Deus mesmo é quem o guia e sustenta, é quem dirige a sua Congregação. Diga-o, escreva-o, pregue-o dos púlpitos! Nesta proteção divina é que reside o segredo de seus triunfos sobre os obstáculos, sobre os inimigos que se lhe vão apresentando.

Os obstáculos e os inimigos, aos quais o Papa fazia uma discreta alusão, vinham atormentando a vida do Santo já havia dez anos. Como iremos ver num capitulo mais abaixo, a cruz que ele teve que suportar foi em certos dias de um peso esmagador, agravado mais ainda pelo fato de que os que lha atiravam sobre os ombros cansados eram, como disse Pio IX num dia solene, justamente aqueles que deveriam ajudá-lo na sua obra. Houve um instante, como já o insinuamos acima, em que estavam já prestes a conquistar para seu ponto de vista o próprio Soberano Pontífice e suscitar como que uma nuvem de desconfiança entre ele e o servidor fiel que tanto o venerava. Mas agora todos os mal-entendidos se tinham dissipado a as palavras de Ledo XIII desciam na alma de Dom Bosco como uma justa reparação pelas dores suportadas heroicamente em Turim, de 1872 a 1882.

- Santo Padre, respondeu Dom Bosco cheio de comoção, não tenho palavras para agradecer-lhe; mas uma coisa posso garantir a V. Santidade, e 6 que temos sempre trabalhado para desenvolver em nossos alunos o afeto, o respeito e a obediência a Santa Se a a,o Vigdrio de Jesus Cristo. O pouco bem que temos feito atribuimo-lo a benção e a protegido do Papa. Trataram ainda, de vários outros argumentos, e em modo todo particular dos Missões Salesianas; depois Dom Bosco se inclinou ainda uma vez para receber uma ultima benção de Ledo XIII a saiu apoiado am braço de seu secretario, o Padre Lemoyne. Ao descerem as escadarias escapou-lhe dos lábios uma palavra que foi bem uma revelação do longo Calvário que tinha subido nesses últimos anos.

- Realmente, sussurrou ele, eu estava precisando desta acolhida para reanimar-me, porque já não agüentava mais!

## DESPEDE-SE DO PAPA... E FICA-LHE FIEL ATE ALEM DO TÚMULO.

Dom Bosco is avizinhar-se do Papa uma última vez na vespers da consagração da igreja do Sagrado Coração de Jesus, dia 13 de maio de 1887. Essa audiência is ser a despedida do servo que não mais iria ver ao seu senhor. A ultima tarefa de que este o havia incumbido havia sido dura, muito dura! Mais de uma vez seus ombros cansados tinham estado prestes a ceder sob o enorme peso. Apesar disso tinha podido suportar ate o fim. Mas sentia-se exausto a até parecia que seus dias estavam contados.

Por isso mesmo fazia questão de, antes de deixar a terra, it prostrar-se mais uma vez diante daquele que, aos olhos de sua fé, personificava Cristo Nosso Senhor. "Estou muito velho, Santo Padre, murmurou neste derradeiro encontro. Mas antes de morrer queria rever mais uma vez V. Santidade a receber ainda uma benção sua. E fui ouvido. Não tenho mais senão que repetir : Nunc dimittis servum tuum, Domine".

Este cântico de benção não foi porem a derradeira expressão do devotamento do Santo a Cátedra de São Pedro.

Em cada nova eleição do Superior Geral dos Salesianos releem-se publicamente as normas confidenciais que Dom Bosco deixou para regular este grande ato. Aos eleitores que estão para lançar à urna as suas cédulas, o Santo Fundador recorda que o escolhido deve possuir pelo menos três qualidades, das quais a terceira é uma indiscutível adesão à Santa Sé e a tudo o que a ela se refere. .

É Dom Bosco, que da outra vida continua, mediante os seus sucessores, a servir a pessoa do Pontífice Romano.

## CAPÍTULO XII

## O HOMEM QUE SE APROXIMOU DOS GRANDES

Índice

A POLÍTICA DO "PATER-NOSTER".

PRIMEIRAS RELAÇÕES DE DOM BOSCO COM A CORTE. PROFECIAS DE MORTE.

PARA A NOMEAÇÃO DOS BISPOS. TRABALHOS DE DOM BOSCO. VETO DE BERLIM.

NO CONCLAVE PARA A ELEIÇÃO DE LEÃO XIII. VELHOS CONHECIDOS.

UMA PROFECIA QUE SE REALIZA. FRANCISCO II, REI DESTRONADO.

DOM BOSCO E CAVOUR.

DOM BOSCO E URBANO RATTAZZI.

DOM BOSCO EM LANZO COM TRÊS MINISTROS DO REINO DE ITÁLIA.

A TÁTICA DE DOM BOSCO: APROXIMAR-SE DOS GRANDES, PARA LHES FAZER O BEM.

## CAPÍTULO XII

## O HOMEM QUE SE APROXIMOU DOS GRANDES

## A POLÍTICA DO "PATER-NOSTER".

As pessoas que refletem sobre os tempos tormentosos em que viveu Dom Bosco, fazem a si mesmas esta pergunta : "Como a que Dom Bosco conseguiu atravessar esses anos tão difíceis, que vão desde o grito de independência lançado pela Itália em 1848 ate a entrada das tropas piemontesas em Roma pela Brecha da Porta Pia? Sua obra precisava do apoio dos poderosos; o desenvolvimento prodigioso de suas casas atraia a atenção dos homens políticos; suas relações com o Vaticano aguçavam a curiosidade inquieta do poder rival: como a que ele se arranjou? Que atitude tomou diante do Monarca a dos Ministros, a quem não podia desconhecer? - A atitude de independência. Disse-o ele próprio um dia : Em política não sou de ninguém.

Estava acima dos partidos; não se ocupava disso. "Minha política e a do Pai-Nosso", repetia muitas vezes. Quer dizer que ele se ocupava tão somente em instaurar o reino de Cristo nas almas dos filhos do povo. Tudo o mais não lhe roubava nem um pensamento do espírito, nem um minuto de tempo. No seu alto espírito católico tinha compreendido instintivamente que o sacerdote não deve imiscuir-se nas lutas das idéias políticas, pois que ele deve ser de todos. Inscrever-se num partido, receber a carteira de inscrição e a mesma coisa que transformar fatalmente, os membros do partido oposto, em inimigos. Ora Dom Bosco e quantas vezes o disse - para cumprir sua. missão precisava de todos, do liberal impenitente, como do meio intransigente conservador. No adotar essa atitude, o seu ze1o apostólico pensava - como alias confessou muitas vezes no ultimo instante da vida desses políticos. Não se chama cabeceira, no momento da morte, o sacerdote político, o que se ocupa dos negocios deste mundo, mas sim o que sempre foi visto trabalhar, exclusivamente, para o Reino de Deus.

Sabemos que houve quem recriminasse essas amizades contraídas por Me no mundo liberal, essas relações com inimigos da Igreja. A acusação foi discutida ate no processo de beatificação. De fato Dom Bosco, na segunda metade do século XIX, foi talvez o único padre da Itália, que sempre es. teve em relações com os fundadores da Itália nova. Logo de, pois dos acontecimentos que iniciaram a formação da Unidade Italiana, reunindo sob a Cruz de Sabóia todos os Estados da Península, o clero tomou decididamente posição de adversário e rompeu as relações com o poder. Foram muitos raros os que continuaram ainda a circular entre o mundo dos novos senhores; a entre esses poucos estava Dom Bosco. Ele tinha as melhores razões para o fazer. Tinha que contar com esses homens para viver, queria servir-se deles para o bem que ia realizando e se preocupava com a alma deles, espreitando o primeiro momento oportuno para ai poder depor a semente do remorso. 1~ dele uma afirmação ousada, que Justifica numa imagem pitoresca, a sua atitude para com os Piores adversários do nome católico : "Se entre mim e uma alma se interpusesse o demônio em pessoa, esperando que eu te tirasse o chapéu para me deixar passar a fim de salvar nossa alma, eu não hesitaria nem um instante em faze-lo".

Doutra feita, em Florença, Ricasoli, Presidente do Conselho convidou-o a prestar seu concurso como intermediário oficioso, para a nomeação dos bispos de mais de cem dioceses italianas. Dom Bosco aceitou, mas fez questão de declarar que estavam recorrendo a um sacerdote e não o filho do Piemonte ou ao amigo dos ministros ou ao diplomata; portanto aceitava o encargo de tratar desses assuntos, Mas como sacerdote. "Padre no altar, padre no confessionário, padre no meio de meus meninos, padre em Florença, padre no tugúrio do pobre, como no palácio do Rei ou dos ministros. Quero ser sempre padre". E justamente porque ele fazia questão de ser somente isso, é que se viu tanta gente recorrer a ele para lhe

confiar as mais delicadas incumbências das quais ele se desempenhou com a mais cabal exatidão.

Tornou-se uma verdadeira força política, precisamente porque nunca se imiscuiu em política.

## PRIMEIRAS RELAÇÕES DE DOM BOSCO COM A CORTE. PROFECIAS DE MORTE.

Datam de 1854 as primeiras relações de Dom Bosco com a corte de Turim. E foi quando se deu a proposta e a votação da lei Rattazzi, apoiada vigorosamente por Cavour, Ministro da Fazenda, lei na qual se suprimiam implicitamente todos os bens dos religiosos. Certo dia de dezembro, ao entrar Dom Bosco no refeitório pelo meio dia, vinha trazendo um punhado de cartas na mão, e exclamou na presença de alguns de seus auxiliares: "Hoje escrevi a três pessoas importantes: ao carrasco, ao Papa e ao Rei". Ao ouvir reunidos tão curiosamente esses três nomes, os clérigos deram uma boa risada. Ninguém se admirava de que Dom Bosco escrevesse ao carrasco e ao Papa; pois todo o mundo sabia suas relações com o pessoal das prisões de Turim e sabia mais ainda que ele se mantinha em constante relação com o Vaticano. Mas estavam todos curiosos por saber qual era o assunto da carta, ao Rei. "Que é que o senhor escreveu ao Rei?", perguntou finalmente um clérigo mais desenvolto. "Contei-lhe um sonho que tive esta noite. Pareceu-me estar sob as arcadas do Oratório, bem perto da torneira, quando de repente um lacáio da corte, vestido de libré vermelha, como nas horas de serviço, apresentou-se na minha frente e gritou: Grandes notícias! - Que notícia? perguntei eu. - Grande funeral na corte! Grande funeral na corte! E se afastou. Por isso esta manhã escrevi a S. Majestade para lhe narrar o sonho".

Cinco dias depois, o sonho se repetiu; e desta vez o lacáio de libré vermelha gritou: "Grandes funerais na corte!" Portanto a desgraça tornava-se maior.

Pela segunda vez o Santo comunicou ao Rei o fúnebre aviso. Segundo seu modo de ver, era uma advertência de Deus ao Monarca. Mas infelizmente sem resultado. A lei da supressão dos conventos foi apresentada no dia 28 de novembro de 1854 e aprovada na segunda votação no dia 28 de maio de 1855. Entrementes tinha morrido quase de improviso no dia 12 de janeiro - a Rainha-Mãe; no dia 20 do mesmo mês morreu a esposa do Rei, Maria Adelaide de Áustria, e a 11 de fevereiro o irmão do Rei, Fernando de Saboia, Duque de Gênova.

## PARA A NOMEAÇÃO DOS BISPOS. TRABALHOS DE DOM BOSCO. VETO DE BERLIM.

Alguns anos depois, em 1865, a Corte, o Governo e os Parlamentares se transferiram para Florença, aliás simples etapa a caminho de Roma, onde iriam chegar em 1870. E em Florença precisamente, no mesmo ano de 1865, Dom Bosco recebeu a primeira incumbência diplomática, no assunto da nomeação dos bispos. Havia na Itália nessa ocasião cento e dezoito sedes vacantes e algumas delas, porque o Governo se opunha à tomada de posse dos bispos eleitos.

Penalizado com essa situação prejudicial às almas, Dom Bosco fez tudo o

que pode para remediá-la. Em primeiro lugar manifestou suas preocupações a Pio IX. Depois conseguiu saber por meio de amigos quais eram as intenções do Governo. Referiram-lhe que havia boa vontade de realizar conversações. E estas se iniciaram de fato, no dia 6 de maio de 1865, com uma carta de Pio IX a Vitor Emanuel. O Pontífice pedia ao Monarca que "enxugasse um pouco das lágrimas da Igreja já e da Itália", e não recusasse aceitar um acordo generoso.

No dia 17 do mesmo mês, Dom Bosco foi chamado a Florença como intermediário oficioso, ao mesmo tempo que o Governo enviava a Roma como encarregado de negócios o deputado Xavier Vegezzi, homem muito conhecido pela sua dedicação ao Papa. O negócio seguiu um caminho muito rápido, e por meio de concessões recíprocas, chegou-se logo a uma conclusão "honrosa: para as dioceses do Piemonte, o Rei apresentaria os seus candidatos, segundo a Concordata da Sardenha; para as demais dioceses da Itália, o Papa nomearia diretamente, apresentando porém ao Monarca a lista dos bispos, antes de preconizá-los; os bispos que se achavam no exílio, fora uma ou outra exceção, poderiam voltar às suas dioceses; a côngrua dos bispos ficaria intata. Por seu lado o Papa consentia em linhas gerais, que se reduzisse o número das dioceses italianas, por meio de anexações de umas às outras, mas repelia as exigências do Governo Real a respeito do Exequatur para as bulas pontifícias e do juramento de fidelidade dos bispos a toda a legislação sarda. Parecia indiscutível que com essas bases o acordo se realizasse.

Infelizmente cometeram-se indiscrições e o assunto das conversações chegou ao conhecimento de certos políticos, que se distinguiam pela sua tenaz hostilidade contra a igreja.

Levantou-se uma campanha de ataques, por meio da imprensa, de conferências e de comícios, e isso fez pressão no espírito pusilânime dos ministros responsáveis. O Governo, que já estava decidido a ceder na questão do Exequatur e do juramento, arrependeu-se e o único resultado dessas tentativas de paz foi a volta dos bispos exilados. A primeira cartada estava quase perdida.

Um ano mais tarde conseguiu-se um resultado melhor.

A conselho do próprio Napoleão III, que procurava desviar a Itália de um anticlericalismo nocivo à causa da Unidade, reencontraram-se novas conversações oficiais entre Florença e Roma. O intermediário escolhido por Ricasoli, Presidente do Conselho, foi o Comendador Tonello, homem hábil e de muito boas intenções. Logo após o primeiro contato com o Vaticano, Tonello teve a impressão de que a Santa Sé estava disposta a deixar carta branca ao Governo, para a nomeação dos candidatos ao episcopado nos Estados Sardos e até na Lombardia e Veneza, territórios que acabavam de ser anexados à Coroa; mas não cederia de modo algum, quanto à nomeação dos bispos para as demais dioceses da Itália, especialmente para os Estados Pontifícios, nem quanto à apresentação das bulas pontifícias ao Governo de Florença. A discussão estava paralisada sem poder ir nem para diante nem para trás, quando Dom Bosco seguiu para Roma em janeiro de 1867. Contaram-lhe tudo o que se estava passando e ele compreendeu imediatamente que se continuasse a considerar a coisa só pelo aspecto político, jamais se concluiria coisa alguma.

- É preciso mudarmos de ponto de vista, sugeriu ele modestamente a Pio IX.

- Mas vai ser muito difícil, meu caro Dom Bosco.

- Em todo o caso pode-se experimentar!

**E foi fazer um visita ao Cardeal Antonelli, Secretário de Estado de Sua Santidade, com um plano que bem revelava a sagacidade de espírito de quem o concebera. "Partamos deste principio: precisamos chegar a uma solução, custe o que custar, porque o bem das almas e o interesse das dioceses estão acima de quaisquer outras considerações. E procuremos resolver a questão de modo que, com alguma concessão de parte a parte, não se melindre nenhum amor próprio e se respeitem todos os princípios. A solução poderia ser esta, por exemplo: os dois poderes organizam, cada qual por seu lado, uma lista de candidatos às sedes episcopais, sem distinção de Estados; haverá nomes escolhidos para as dioceses da Toscana, como para as do Piemonte, para os bispados da Romanha, corno para os do Reino de Nápoles. Confrontam-se as duas listas e os nomes que coincidirem nas duas já serão objeto de uma primeira eleição no Consistório".**

**Pio IX concordou com a hábil combinação: e foi essa a concessão da Santa Sé. O Comendador Tonello, por sua vez renunciou à exigência da apresentação das bulas pontifícias: essa foi a concessão do Governo.**

**Nessa base, reencetaram-se as conversações, sendo Dom Bosco, o elemento de ligação entre os dois poderes. Chegou-se logo, a pleno acordo. Seguindo instruções de seu Governo, o Com. Tonello, redigiu uma lista de sessenta nomes. Pio IX, com seu Secretário de Estado, auxiliados pelas indicações de Dom Bosco, prepararam outra, colocando também a designação formal das dioceses. Houve de parte a parte alguma recusa, alguma mudança de candidatos de uma sede para outra, mas no fim se chegou a um acordo a respeito de trinta e quatro nomeações, as quais foram então preconizadas nos consistórios de 22 de fevereiro e de 27 de março.**

**Infelizmente, no dia 4 de abril, caiu o Ministério Ricasoli e deu lugar ao Ministério Rattazzi, que tomou posse com um programa claramente anticlerical. Foi então necessário esperar mais três anos para poder recomeçar as negociações.**

**Pelos fins de 1871, Dom Bosco, depois de ter falado com PIO IX, escreveu oficialmente ao Primeiro Ministro Lanza, mostrando-lhe a contradição em que estava caindo seu governo, com o seu modo de agir: recusava-se a concordar com a nomeação dos bispos para mais de sessenta dioceses vacantes e ao mesmo tempo votava a promulgação (no dia 13 de maio de 1871) da lei das garantias!**

**O Ministério, que ainda não se tinha transferido para Roma aceitou a mediação de Dom Bosco para solucionar definitivamente assunto tão delicado. Dom Bosco então solicitou de Pio IX plenos poderes para agir. E o conseguiu. O Papa chegou a lhe dizer: "Prepare a lista completa dos futuros bispos e traga-me que eu a aprovarei tal e qual".**

**No mês de agosto a lista estava pronta. Para se rodear de maiores garantias, Dom Bosco andava colhendo informações em vários lugares; um dia chegara a reunir em Nizza Monferrato dezoito entre Vigários Gerais e Vigários Capitulares, para pedir a eles preciosas luzes para o assunto. No consistório de 27 de outubro de 1871, o Papa preconizou quarenta dos candidatos propostos por Dom Bosco. O governo negava-lhes ainda a côngrua, mas permitiu que tomassem posse de suas dioceses; e isso era o mais importante. Por conseguinte, a intervenção de Dom Bosco, obtivera quase completo resultado. Mas o que ele desejava era a vitória total, era conseguir que o Governo restituísse pura e simplesmente a côngrua dos bispos.**

**Na primavera de 1873 Dom Bosco foi de novo a Roma para o mesmo**

assunto. E já estava tudo quase concluído, quando se deu a queda do Ministério Lanza.

O Santo não desanimou. Em dezembro do mesmo ano, partiu de novo para a Cidade Eterna, resolvido desta vez, a não voltar sem ter chegado a uma solução definitiva. Minghetti, Presidente do Conselho, mostrava-se disposto a entrar em acordo e Pio IX continuava a apoiar os esforços do humilde sacerdote. Mas infelizmente essas suas idas freqüentes a Roma chamaram a atenção das Lojas Maçônicas. E iniciaram, por meio de jornais, pagos por elas, uma forte campanha a fim de intimidar o Santo.

Um dia lia-se na Gazzetta del Popolo, de Turim: "Acha-se nestes dias, em Roma, o célebre Dom Bosco, de Turim. É um homem que tem entrada franca no Vaticano e é muito bem visto pelo Papa. Além disso tem também muita entrada nos gabinetes de nossos homens políticos. Não se sabe ao certo o que ele anda tramando, mas certamente são negócios muito importantes". E noutro dia o Secolo, de Milão escreveu por sua vez: "O Episcopado piemontês resolveu mandar a Roma, com a missão de lançar as bases de um acordo entre a Igreja e o Estado, um eclesiástico de nome Dom Bosco, muito conhecido por sua largueza de vistas, por sua integridade de costumes e pelo zelo que dedica a tudo o que é da Igreja. É uma escolha muito acertada, porque esse homem reúne em si as vantagens de não despertar nenhuma suspeita no Vaticano e de ser recebido com bastante agrado pelos funcionários que estão junto do Governo. Quais vão ser as bases do acordo? É coisa que ninguém sabe. Não transparece nada! O certo é que esse padre age e fala com um ardor extraordinário".

Artigos tão inocentes na aparência, tiveram logo um resultado pernicioso: Tornaram de domínio público negociações que, para poderem ser, levadas a bom termo, deveriam ficar em segredo. Bastava tão pouco para sobressaltar... Berlim. Todo o mundo sabe que Bismark sempre pensou, como diríamos repetindo uma expressão famosa, que o anti-clericalisrno devia ser para a Alemanha artigo de exportação. Todos conhecem a palavra de ordem que ele deu a seu representante diplomático na França, nos tempos do Gambetta. O estadista alemão compreendia perfeitamente que enfraquecer o sentimento católico nas nações latinas, era o mesmo que abalar-lhes todo o sólido arcabouço tradicional, com grande vantagem de Lutero e dos países que adotavam o livre exame. Portanto não nos causará surpresa sabermos que as negociações tão bem encaminhadas entre o Vaticano e o Quirinal, um belo dia pararam de repente, por uma ordem partida, da Wilhelmstrasse. E o ministro Vigliani, confessou uma noite, confidencialmente, a Dom Bosco : "Não podemos fazer mais nada. Bismark se opõe e nós temos que respeitá-lo, porque nossa sorte política está por demais ligada à Prussia".

Essa ordem de Berlim, pôs termo à missão oficiosa de Dom Bosco, antes de ele ter conseguido o efeito esperado. Porém nem tudo tinha sido inútil. O Governo, para que mais facilmente se lhe perdoasse a retirada pouco honrosa, continuou à facilitar novas nomeações de bispos, concedeu o régio placet a um grande número de párocos que ainda o aguardavam e discutiu e aprovou um modus vivendi que permitia aos bispos nomeados pela Santa Sé entrarem na posse de suas côngruas. Portanto houve ao menos uma vitória parcial.

## NO CONCLAVE PARA A ELEIÇÃO DE LEÃO XIII.
## VELHOS CONHECIDOS.

Noutra circunstância, em 1878, logo após a morte de Pio IX, a

vitória foi completa . Durante a vacância da Santa Sé, a diplomacia vaticana, justamente preocupada com o rumo dos acontecimentos, lembrou-se em boa hora que o Santo tinha sido, sete anos antes, o agente oficioso para a realização de seus planos. Por isso pediu a ele que sondasse o Ministério, para saber se o conclave, que ia ser o primeiro a se reunir depois da entrada de Vítor, Emanuel em Roma, ia poder realizar-se livremente. Dom Bosco dirigiu-se antes de tudo ao Ministro competente, que era Mancini, Ministro da Justiça. Foi recebido da maneira mais lastimável! Foi ter então com Crispi, Ministro do Interior. A principio se mostrou evasivo. Mas, quando viu que o enviado do Vaticano pedia resolutamente, em nome do Sacro Colégio, uma resposta imediata e precisa e declarava que, se o conclave não se pudesse realizar em Roma, se reuniria em Veneza ou em Viena, ou mesmo em Avinhão, ficou pensativo uns instantes e depois estendeu a mão a Dom Bosco e disse: "Diga ao Sacro Colégio que o Governo respeitará e fará respeitar a liberdade do conclave e não haverá nada que possa perturbar a ordem pública".

E tornando-se de repente muito afável disse num tom de simplicidade quase familiar

- Não pense, Dom Bosco, que me esqueci de Turim, em 1852, quando eu morava naquele quarto pobrezinho da Rua delle Orfanelle, perto da Consolata; lembro-me ainda que algumas vezes ia ao Oratório, para confessar-me com V. Rev.ma.

- Pois eu não me lembro mais, declarou o Santo com um amável sorriso; porém, quando quiser estou sempre a sua disposição.

E falaram de diversos assuntos, como velhos amigos. O estadista italiano conservava no coração grata lembrança daqueles anos da juventude passados na velha Capital do Piemonte. Revia-se jovem deputado por Palermo, eleito pela revolução de 1834, depois exilado quando os Bourbons voltaram à Sicília e obrigado a procurar refúgio em Turim, no foco do Risorgimento italiano. Duros anos de miséria! Tinha procurado viver da pena, como jornalista e como secretário comunal, mas tudo lhe saíra às avessas. Recorrera então a Dom Bosco, pedindo primeiro hospitalidade em seu Oratório e depois aceitando mesmo seu auxílio caridoso. Até um par de sapatos o Santo fornecera um dia ao pobre exilado da Sicilia. Como as coisas mudam! Crispi era agora o Ministro do interior e o seu benfeitor de ontem ali estava aguardando uma sua decisão.

## UMA PROFECIA QUE SE REALIZA. FRANCISCO II, REI DESTRONADO.

Dom Bosco não se surpreendia mais com esse altos e baixos da fortuna. Dez anos antes, ele tinha estado em Roma, no Palácio Famese, ao lado de Francisco II de Bourbon, Rei de Nápoles, exilado pela revolução.
Era a manhã de 7 de março e os ex-soberanos tinham pedido a Dom Bosco que celebrasse missa para eles em sua capela privada. Ao findar a missa o Santo dirigiu a palavra ao auditório distintíssimo, falando da salvação da alma: "É preciso pensar na salvação da alma - foi o que disse em resumo: os bens deste mundo podemos perdê-los hoje e readquiri-los amanhã, mas se perdermos a alma, estará perdida para sempre".

Durante a ligeira refeição que se serviu após a missa, Francisco II perguntou a Dom Bosco, à queima-roupa, se iria recuperar o trono.

O Santo que não esperava tal pergunta, hesitou um pouco em responder.

**Finalmente sorriu e disse estas palavras**

**"Majestade, pensemos em conquistar o reino de Deus. Nisto está tudo".**

**- Mas o reino da terra? insistiu o Príncipe. Se soubesse como os meus súditos estão suplicando a minha volta!**

**- No entanto Deus dispôs de outro modo. V. Majestade pode repetir o que dizia Jeremias no seu tempo: "Patres nostri peccaverunt et nos iniquitatem eorum portavimus". Nossos pais pecaram e nós expiamos as suas iniqüidades. Quem é que pode esquecer as opressões que a Igreja de Nápoles suportou de seus antepassados? Essas culpas passam dos pais para os filhos e muitas vezes paga o justo pelo pecador.**

**- Mas a Rainha e eu temos feito tanto bem! E íamos fazer mais ainda, quando chegou a revolução e. ..**

**- O maior bem que V. Majestade poderá fazer é suportar com paciência o peso da expiação.**

**- Portanto a conclusão é que...**

**- E que V. Majestade não verá mais Nápoles.**

**O Rei baixou os olhos e balbuciou: "Eu sonhava com um futuro bem diferente. Mas aceito este, em reparação do mal que minha família fez à Igreja".**

**A Rainha é que não concordava com esse parecer, nem com essa resignação. E dizia. "Desde que nós saímos de Nápoles, tudo lá vai de mala pior. Os nossos partidários alimentam cada dia mais em seus corações a esperança, de nossa volta. A despeito de todas as aparências, estão chegando dias melhores".**

**E a conversa terminou nesse tom de otimismo meio forçado.**

**Levantaram-se. O Rei pediu a Dom Bosco que lhe desse a bênção e fez questão de acompanhá-lo. A Rainha foi até a soleira somente e ficou meio desconcertada com o prognóstico. Mas sabemos que ele se realizou ao pé da letra.**

**Quando as tropas piemontesas entraram em Roma, os dois soberanos se refugiaram em Paris. Aí morreu Francisco II em 1894. A Rainha sobreviveu a ele quase trinta anos; morreu em Munich, capital de seu país natal, no dia 19 de janeiro de 1923, sem nunca mais ter visto Nápoles, precisamente como lhe tinha predito Dom Bosco.**

## DOM BOSCO E CAVOUR.

**Nosso Santo teve ocasião não só de se pôr em contato com algumas vítimas do Risorgimento italiano, mas também com aquele que foi o verdadeiro animador desse movimento, o Conde Camilo de Cavour. Pode parecer esquisito, mas a verdade é que esses dois homens tinham aspectos que se pareciam muito: o ardor para o trabalho, a obstinação calma, o bom humor, a repugnância contra todas as atitudes estudadas, o senso prático fora do comum. Eram ambos, o Estadista e o Santo, representantes dessa generosa estirpe piemontesa de que provinham. Ouçamos a ambos como expõem o próprio modo de agir diante de um obstáculo que lhes embaraça o caminho.**

Não se poderia desejar uma identidade de pensamento mais perfeita.

> "Quando encontro uma dificuldade, dizia Dom Bosco, faço como faz quem encontra um bloco de pedra, a lhe impedir o caminho. Primeiro tento arredá-lo. Se não consigo, pulo por cima ou dou uma volta ao lado. Assim também, quando estou fazendo alguma coisa, e aparece um obstáculo, suspendo o trabalho e pego em outro sem porém perder de vista, o primeiro. Enquanto isso, o fruto amadurece na árvore, mudam-se os homens e as dificuldades desaparecem".

Cavour dizia, por sua vez, falando a um amigo íntimo em 1860: "Para atingir o meu objetivo, observo bem a linha reta que devo seguir. Se no caminho encontro um impedimento insuperável, não vou bater a cabeça contra ele pelo gostinho de rachá-la, mas também não volto atrás. Olho para a direita e para a esquerda, e uma vez que não é possível continuar em linha reta, faço uma curva. Contorno o obstáculo, já que não posso atacá-lo pela frente".

As relações entre esses dois homens remontavam a 1848, tempo em que os dois irmãos, Gustavo e Camilo Cavour porfiavam na piedade, como se conta, e iam edificar com sua atitude o primeiro Oratório de Dom Bosco. Isso não tinha durado muito, pelo menos no que se refere a Camilo. Todavia, embora, imbuído de outras idéias, Camilo Cavour sempre se conservara amigo do Santo. A esse respeito temos o testemunho do próprio Dom Bosco: "O Conde Camilo, escreveu ele, contava-me entre os seus amigos. Diversas vezes me aconselhou a tratar de conseguir a personalidade jurídica para o Oratório. Um dia chegou a me oferecer um milhão de liras, para ampliar os benefícios de nossa obra. E vendo que eu me mantinha em silêncio insistiu

- Mas, então, Dom Bosco, que é que decide?

- Decido não aceitar.

- Porque? Não são imensas suas necessidades?

- Sem dúvida, senhor Ministro. Mas se hoje eu aceitar o seu milhão, amanhã V. Excelência mo fará restituir de um jeito ou de outro. E sendo assim, prefiro evitar complicações.

Transcrição moderna, moderníssima, da fabula do Lôbo e do Cão: É muito bom ter casa e comida e alguma coisa. mais; porém a independência é muito melhor ainda.

E essa benevolência tão acentuada do homem de Estado para com Dom Bosco raramente diminuiu de intensidade. É ainda o Santo quem escreveu: "O Conde de Cavour me repetiu muitas vezes que, quando tivesse que lhe pedir algum favor, havia sempre um lugar para mim na sua mesa.. No meu gabinete do Ministério, dizia ele, a gente não pode conversar direito. Na mesa é outra coisa. Pode-se falar à vontade".

Porém, uma vez, - em 1860 - posto entre suas amizades liberais e a simpatia para com Dom Bosco, Cavour sacrificou o Santo e permitiu que Farini, Ministro do Interior, mandasse fazer uma visita domiciliar ao Oratório, que estava sendo acusado pela polícia como foco de movimento reacionário. Mas assim mesmo Cavour não se deixou iludir. Disse o bem claro a Farini : "Suas pesquisas vão ser inúteis. Dom Bosco é muito mais esperto do que nós. Ou ele não se comprometeu com coisa alguma, ou então pôs os documentos em lugar bem seguro. Porém V. Ex.cia faça como quiser". O epílogo do negócio se deu no Ministério. E foi o

próprio Cavour, o hábil Cavour, que livrou Farini dos apuros quando Dom Bosco lhe foi perguntar com que direito se violava o domicílio de um cidadão, o qual, como se acabava de provar pela perquisição, nada tinha que fosse digno de censura.

- Provas, provas palpáveis contra V. Rev.ma, nós não temos. Mas o espírito que reina em sua casa não é compatível com a nossa política. V. Rev.ma diz e faz coisa boa, mas está ao lado do Papa, e portanto está contra nós.

- Senhor Conde, é verdade, respondeu o humilde sacerdote; estou com o Papa e estarei até a morte com ele. Mas isso absolutamente não impede que eu seja um bom cidadão. De política não quero saber de nenhum modo. Há vinte anos que vivo em Turim; tenho escrito, falado, trabalhado sem me esconder; pois que me citem uma linha, uma palavra, um ato que sua autoridade possa condenar.

- V. Rev.ma acaba de declarar - interrompeu Farini, - que suas idéias não são as nossas.

- Mas então eu sou obrigado a pensar como os senhores?

- Não. Porém V. Rev.ma não é homem capaz de pensar sem agir.

- Está bem. Mas então repito a pergunta: Podem citar-me uma linha, uma palavra, um ato que se afaste do respeito devido à autoridade? Parece-me que com o simples fato de acolher centenas de meninos e conservá-los no caminho do dever já tenho cooperado honestamente para a ordem pública. Essa é a minha única política.

Os ministros não sabiam que responder a esta defesa tão sóbria quanto eloqüente. Todavia, na soleira da porta, Farini achou bom sugerir um conselho:

- Prudência! Prudência, reverendo! Vivemos em tempos difíceis. Uma mosca, em nossos dias, pode tomar as proporções de um elefante.

- Muito obrigado, Excelência, -respondeu Dom Bosco. Então ficamos entendidos assim: quando tiver que me dar um conselho, pode dar-mo como amigo e lhe ficarei muito grato.

Depois do último aperto de mão, Cavour concluiu: Então estamos entendidos, amigos como antes, caro Dom Bosco e . . . reze por nós.

- Pois não! Rezarei por V. Excelência, Senhor Ministro, para que Deus o ajude sempre em vida e em ponto de morte.

Os dois homens não se iriam rever nunca mais. Um ano mais tarde Cavour morreu depois de ter falado com um sacerdote.

Sabemos que causou espanto - para não dizer escândalo - o modo estranho como o Cura de Santa Maria dos Anjos paróquia à qual pertencia Cavour, exerceu seu ministério à cabeceira do moribundo. Mas o fato aí está: Cavour viu um padre antes de morrer. A oração de seu amigo não foi em vão.

DOM BOSCO E URBANO RATTAZZI.

Outro homem de estado que nunca deixou de manifestar ardente simpatia para com Dom Bosco foi Urbano Rattazzi, que já encontramos por duas vezes nesta história, homem que foi várias vezes Presidente do Conselho e que assinou várias leis de inspiração abertamente anticlerical.

Logo depois da segunda visita domiciliária ao Oratório, Rattazzi se ofereceu para apresentar uma interpelação na Câmara, a fim de obter um voto de desaprovação contra semelhante infâmia. Dom Bosco agradeceu-lhe vivamente a boa intenção: mas pediu-lhe que não o fizesse; preferia tratar o assunto diretamente com os Ministros e vimos como foi bem sucedido nisso.

Rattazzi tinha confiança em Dom Bosco que um dia lhe dirigiu à queima-roupa esta pergunta: "V. Rev.ma acha que eu, como Ministro de Estado e autor de algumas leis que V. Rev.ma não aprova, incorri realmente nas censuras da igreja?" Dom Bosco pediu alguns dias para refletir e no primeiro encontro respondeu-lhe: "Meu desejo seria poder tranqüilizar sua consciência, Senhor Ministro, mas não encontrei um só teólogo que me autorize a fazê-lo". "Caro Dom Bosco, respondeu Rattazzi, sua franqueza me agrada. V. Rev.ma é o primeiro que fala desse modo. Em troca disso permita que eu lhe ofereça os meus préstimos. Quando precisar de mim para os seus meninos, não tenha receio de pedir".

## DOM BOSCO EM LANZO COM TRÊS MINISTROS DO REINO DE ITÁLIA.

Deliciosa foi também a conversa que se deu entre Dom Bosco e os Ministros Depretis, Nicotera e Zanardelli, no dia 6 de agosto de 1876, na inauguração da estrada de ferro Turim-Lanzo, festa a que presidiram esses três Ministros. Depois do vermute de honra, oferecido no Salão de visita do Colégio Salesiano de Lanzo, os ilustres visitantes mostraram o desejo de dar uma volta pelo jardim do Colégio, situado numa aprazível altura de onde se descortina admirável paisagem alpestre. Dom Bosco os acompanhou. A certo ponto pararam e se assentaram nuns bancos de pedra. Então um dos três ministros, Nicotera, começou a lançar umas' perguntas ardilosas a Dom Bosco.

- Estão dizendo, Dom Bosco, que V. Reverendíssima, está em relações muito íntimas com o Papa.

- Há muito exagero, Excelência. O que é verdade é que todas as vezes que vou a Roma o Papa me recebe com muita bondade. Mas não é só ele que me trata assim. Conheço vários ministros que me recebem também com toda a deferência. Uma vez ajudei a regularizar um assunto entre o Vaticano e a Direção dos Cultos. Por toda parte me cercaram de todas as atenções. Nem no Vaticano nem nos Ministérios me obrigavam a aguardar na sala de espera.

- Uma pergunta, Dom Bosco, interrompeu o Senador Ricciotti. O seu Instituto não produz padres demais e professores demais?

- O número de padres que o Oratório deu até agora é muito pequeno ainda, em comparação com as necessidades. No entanto de lá saem também numerosos operários, empregados, soldados, funcionários, advogados. E naturalmente V. Excelência não há de querer proibir que um padre se interesse pelo recrutamento de vocações para o clero. Cada um faz o mesmo para sua classe. Que diria de um oficial que não promovesse a convocação de voluntários? Acha que formamos muitos professores? Mas V. Ex.cia

mesmo é quem nos induz a isso com as suas leis. Exigem tantos diplomas acadêmicos para lecionar e para dirigir colégios! Pois nós vamos em busca desses diplomas. De quem será a culpa?

- Dom Bosco, exclamou de repente o deputado Ercole, V. Rev.ma que, segundo consta, lê no fundo dos corações, diga-nos aqui a nós: Quem é o maior pecador, Nicotera ou Zanardelli?

- Deixe em paz a mim e a Zanardelli, respondeu Nicotera. Pergunte antes a Dom Bosco se não é você o maior pecador de todos nós.

- Mas eu não tenho nenhuma intenção de me converter, respondeu o deputado.

- Pois então você é o pecador maior, porque conhece o mal e assim mesmo o pratica. A Bíblia diz: Desiderium peccatorum peribit, o desejo dos maus perecerá. V. Rev.ma não pensa assim também, Dom Bosco?

- Oh! respondeu o homem de Deus. Não é facil resolver essa questão. Para dar um juízo sobre as almas de V.s Ex.cias, seria preciso que viessem passar aqui não só uma breve hora de palestra, mas uma semana de retiro, para meditarem sobre a vaidade das coisas deste mundo e sobre a eternidade; e depois de fazerem uma boa confissão geral, então eu poderia pronunciar-me a respeito de suas almas.

- E V. Rev.ma, Dom Bosco, acredita que poderemos salvar nossa alma? exclamaram dois ou três daqueles parlamentares.

- Espero que sim. A misericórdia de Deus é tão grande!

- Mas V. Rev.ma compreende... Nós não temos vontade de converter-nos logo.

- V. Excelência quer dizer que quereriam converter-se mas ao mesmo tempo continuar a.. ., isto é, quereriam mudar de vida, mas lhes falta a coragem, não é isso?

- Precisamente!

- Nesse caso, não resta, senão dizer, a palavra da Sagrada Escritura que já foi citada no início: Desiderium peccatorum peribit.

A conversa se prolongou por algum tempo e passou para outros argumentos, no meio dos quais, Dom Bosco, ora com um gracejo, ora com uma observação, ou uma dúvida suscitada no momento oportuno, soube introduzir hàbilmente alguns princípios cristãos, que aqueles ouvidos liberais já não estavam mais acostumados a ouvir. Ao cair da noite se separaram como ótimos amigos. O bom humor, a franqueza, a expansão tinham alimentado tão bem a longa conversa que, na saída do Colégio Nicotera expressou o sentimento comum dizendo a Dom Bosco:

- Que dia admirável passamos hoje! Um dos mais belos de minha vida.

- Para ter outro assim, ajuntou Zanardelli, seria preciso voltar de novo aqui ao Colégio de Lanzo.

"Pobres Ministros! comentou Dom Bosco à noite num grupo de salesianos. Nunca tinham ouvido um sermão como o de hoje. Eu não lhes escondi a verdade. Mas disse-a com o coração na mão e de modo que eles não podem ter ficado ofendidos. Essa conversa serviu de retiro espiritual para eles.

**É assim que a gente dá a César o que é de César e respeita a autoridade constituída. Além disso esse modo de agir traz-lhes mais esta vantagem: Viram o padre e se puseram em contato com ele, não como lho descreviam os outros, mas como ele é na realidade, homem de coração que pensa somente na salvação das suas almas. Quem sabe se essa lembrança não os levará a chamarem um padre na hora da morte? Infelizmente esses homens não encontram nunca quem lhes diga uma palavra cordial".**

## A TÁTICA DE DOM BOSCO: APROXIMAR-SE DOS GRANDES, PARA LHES FAZER O BEM.

**E era precisamente esse o pensamento que animava todas as relações do Santo com os grandes deste mundo: procurar entreabrir-lhes a alma, para no momento oportuno ai depositar a semente que no dia de amanhã ao sol da graça germinasse em caridade, em emenda de vida, em remorso.**

**Jamais adulou os que estavam no poder e não faltaram momentos em que sua atitude perante os governantes foi cheia de coragem e de beleza. Porém ao mesmo tempo procurou sempre manter contato com o poder constituído, primeiramente porque esse poder vem de Deus, depois porque precisava desse apóio para viver e para estender sua obra de salvação social, mas principalmente porque seu coração de sacerdote sonhava em conduzi-los docemente, pouco a pouco com as armas da luz e da bondade, à concepção cristã.**

**Quantos outros fatos poderíamos aduzir aqui para confirmar essa dúplice observação! Por exemplo a promessa que conseguiu arrancar ao Ministro Lanza de não causar nenhum transtorno às Casas Generalícias das Ordens Religiosas estabelecidas na Cidade Eterna! A intervenção do Ministro do Interior provocada por ele, em favor do repouso dominical, ultrajosamente violado na nova Roma! As cartas confidenciais trocadas entre Pio IX e Vitor Emanuel, das quais foi ele o principal mensageiro! Nessas circunstâncias, como em muitas outras, Dom Bosco não fez nem mais nem menos que seguir o conselho que o próprio Pio IX dera ao Beato Ludovico de Casória.**

**Esse homem de Deus, em 1860, tinha dito ao Papa**

**- Santo Padre, a revolução está bem às portas. Que devo fazer? Fechar-me na minha cela e rezar, ou descer à praça e agir? Essa gente gostaria de servir-se de nós para fazer o mal. Não poderíamos tentar servir-nos deles para fazer um pouco de bem?**

**- Volta a Nápoles, filho de São Francisco, respondeu o Santo Pio IX, é sai de tua cela. Desce à praça, como dizes, e serve-te de teus próprios inimigos para cumprir a obra de Deus. Faze isto e terás conquistado grande mérito no Céu.**

## CAPÍTULO XIII

## O EDUCADOR

**Índice**

**UMA PEDAGOGIA QUE ESTÁ MAIS NA VIDA QUE NOS LIVROS.**

**FONTES DE SUA PEDAGOGIA: DOM INATO, SUA PRÓPRIA FAMÍLIA, EXPERIÊNCIA.**

**MÉTODO PREVENTIVO E MÉTODO REPRESSIVO.**

**O SANTO NO RECREIO.**

**OS CASTIGOS. PRINCÍPIOS. EXEMPLOS PRÁTICOS.**

**LIBERDADE.**

**QUADRO COMOVENTE.**

**A ALEGRIA, ATMOSFERA DA CASA DE EDUCAÇÃO.**

**A CONFIANÇA, CHAVE DO SISTEMA. COMO CONQUISTÁ-LA.**

**A VIDA DA GRAÇA, TERMO DESSA EDUCAÇÃO.**

**CONFISSÃO.**

**COMUNHÃO.**

**DEVOÇÃO A NOSSA SENHORA.**

**OS FRUTOS DESSA PEDAGOGIA.**

## CAPÍTULO XIII

## O EDUCADOR

### UMA PEDAGOGIA QUE ESTÁ MAIS NA VIDA QUE NOS LIVROS.

**EM 1886, portanto dois anos antes de morrer, Dom Bosco recebeu do Reitor do Seminário Maior de Montpellier uma carta na qual pedia insistentemente que lhe comunicas se o segredo de sua pedagogia. Era já a segunda vez que lhe fazia tal pedido. À primeira carta do Reitor, Dom Bosco tinha respondido: "De meus meninos consigo tudo o que desejo, graças ao temor de Deus infundido em seus corações". "Mas - retrucava o correspondente - o temor de Deus é apenas o princípio da sabedoria. E para terminar? Vamos, Dom Bosco, quero que V. Rev.ma me dê a chave de seu sistema para eu adotá-lo em proveito de meus seminaristas".**

**"O meu sistema! O meu sistema! repetia o Santo enquanto ia dobrando de novo a carta. Mas se nem eu o conheço! O que eu tenho feito é apenas ir seguindo o que Deus me inspira e as circunstâncias sugerem."**

**E era isso mesmo. Esse homem que teve o gênio da educação não cogitou em arquitetar um sistema. Ao declinar de seus dias recolheu, é verdade, em princípios breves e de transparência meridiana, os resultados de sua experiência; mas foi só isso. Um tratado didático sobre a matéria não quis jamais fazer. Seu livro foi sua própria vida, pois que ele viveu sua pedagogia depois de ter-se apropriado dela por meio da experiências. Aliás era essa justamente a cátedra à qual ele convidava seus discípulos. Quando, antes de partirem para as casas às quais tinham sido destinados, os clérigos lhe iam pedir alguma norma para seguir, respondia:**

**"Façam como viram Dom Bosco fazer".**

**Quando um salesiano não conseguia superar uma dificuldade e recorria a ele, dava ao problema a solução prática e concluía com ar tranqüilo: "Agora já ficaste sabendo como se deve fazer". Interrogado sobre o método que adotava para formar seus discípulos, dizia: "Atiro-os na água para que aprendam a nadar".**

## FONTES DE SUA PEDAGOGIA: DOM INATO, SUA PRÓPRIA FAMÍLIA, EXPERIÊNCIA.

**- Mas onde tinha ido Dom Bosco buscar essa pedagogia viva, essa arte quase infalível de guiar os corações dos meninos e dos jovens?**

**Antes de tudo temos que admitir que ele era um espírito dotado de qualidades excepcionais. Alguns nascem poetas, outros pintores, outros matemáticos; ele nascera educador. Ao lhe confiar a missão precisa à qual o destinava, dera-lhe também Deus os meios para levá-la a cabo. Até ao fim da vida exerceu sobre a juventude uma prodigiosa fascinação. Jamais educador algum foi tão amado como ele; bastava-lhe aproximar-se dos meninos para ganhar-lhes o coração.**

**Certa manhã em Roma, quando lá esteve pela primeira vez, em 1858, discorrendo com o Cardeal Tosti sobre o modo melhor de educar a juventude, repetia o seu grande princípio:**

**- Veja, Eminência, é impossível educar bem a juventude, se não se lhe conquista a confiança.**

**- Mas como conseguí-lo? perguntou o Cardeal.**

**- Fazendo tudo o que pudermos para que os meninos se aproximem de nós, quebrando todas as barreiras que possam conservá-los afastados.**

**- E como conseguir que se aproximem de nós?**

**- Aproximando-nos deles, Eminência; procurando adaptar-nos a seus gostos e tornando-nos semelhantes a eles. V. Em.cia não gostaria que eu lhe desse um. exemplo prático? Qual é o ponto de Roma em que podemos encontrar um bom grupo de meninos?**

**- Na Praça delle Terme ou na Praça del Popolo.**

**- Pois vamos à Praça del Popolo.**

**Dão ordem ao cocheiro e dentro de dez minutos estão na Praça. Dom Bosco desce e o Cardeal fica espreitando da janela do coche. Há uma turma de garotos brincando muito alegres no meio da praça. Dom Bosco tenta**

aproximar-se deles mas fogem todos.

- Bonito resultado! pensou o Cardeal lá por detrás dos vidros.

Mas D. Bosco não desanimou. Com gestos cheios de bondade, e com palavras afetuosas começou a chamar os meninos. Depois de uns instantes de hesitação, vários deles começaram a aproximar-se pouco a pouco. Dom Bosco dá-lhes algum presentinho, faz-lhes perguntas sobre a família, as aulas, os brinquedos. Ao ver esse padre tão bom no meio de seus colegas, até os mais arredios se vão aproximando. E então Dom Bosco lhes diz: "Pois bem, agora recomecem o brinquedo que eu também quero brincar com vocês".

E arregaçando um tantinho a batina, põe-se a brincar com os meninos. O espetáculo é pouco comum e atrai imediatamente outros meninos de todos os cantos da praça. Dom Bosco recebe-os a todos com bondade, diz-lhes algumas palavras amáveis, dá-lhes uma medalhinha e entrementes vai perguntando se rezam as orações, se confessam.

Quando vai retirar-se do brinquedo, todos procuram retê-lo. Mas ele não quer fazer o Cardeal esperar mais tempo. A demonstração dada é bastante convincente. E então esses meninos todos, conquistados num quarto de hora pelo humilde sacerdote, fazem-lhe um cortejo de honra até a carruagem; e quando esta se põe em movimento passa por entre duas alas de pequenos romanos que o aclamam.

- V. Em.cia viu? disse Dom Bosco então ao Cardeal.

Nem era preciso perguntar. O Cardeal tinha visto e admirado como em poucos minutos o Santo soubera conquistar aqueles garotinhos assustados. E era assim o espetáculo que se observava todas as vezes que Dom Bosco se, aproximava de um grupo de meninos.

Esse dom inato se ia fortalecendo cada vez mais com tudo o que seu olhar atento e a mente ávida respigavam ao redor de si. Trouxera de Becchi, sua terra natal, um ideal de vida e de governo das almas por meio da bondade.

Em Castelnuovo e em Chieri tomara o propósito de não imitar aqueles sacerdotes, - exemplares, é verdade, mas austeros - que não se interessavam pela buliçosa atividade da juventude. "Um educador, pensava ele desde essa época, deve participar totalmente da vida de seus alunos".

Antes de atingir a plena maturidade, seu pensamento de educador, que não deixou de ter as suas oscilações, soube tirar proveito de todas as experiências próprias. Costumava aconselhar aos seus discípulos que tivessem um caderno de observações no qual tomassem nota de todas as inadvertências e até dos erros que tivessem cometido; pois assim começara ele próprio a fazer.

Finalmente, e isto lhe é muito peculiar, como notam dois dos seus biógrafos, sua alma de educador soube observar a direção em que soprava o vento; e, num século rebelde a toda a forma de absolutismo e sensível aos caminhos do coração e da razão, adaptou-se maravilhosamente às exigências dos temperamentos do seu tempo. Foi assim que, progressivamente e como que por etapas, foi-se concretizando o seu pensamento pedagógico. Ei-lo nas suas grandes linhas.

## MÉTODO PREVENTIVO E MÉTODO REPRESSIVO.

Como base de toda a educação cristã, como fundamento sólido, embora insuficiente, colocava Dom Bosco uma vigilância ininterrupta. O salesiano, dizia ele, deve colocar o menino na impossibilidade de pecar, acompanhando-o com o olhar, não há dúvida, mas sobretudo com uma solicitude amorosa. Deve viver continuamente com seus alunos. De que modo? Como superior? Como policial? Não, como pai, que jamais deixa sòzinho os filhos enquanto a liberdade deles ainda não está educada. Este método preventivo. como ele o chamou em oposição ao outro - o método repressivo, feito à base de castigos, -procura cortar o mal pela raiz, tirando a ocasião, neutralizando-a ou pondo de sobreaviso os alunos para não caírem nela. Como a ciência moderna, esse método confia mais na higiene do que na medicina. O outro método dizia ao menino: Anda direito, não perturbes a disciplina porque senão, vê o que te está reservado". Este diz: "Cuidado! Aqui está uma ocasião perigosa. Fica firme, vence o obstáculo; e se for muito difícil, apóia a tua fraqueza na minha força pois estou aqui a teu lado.

O primeiro tem por base o temor reverencial, o segundo a vigilância afetuosa. Um conserva o superior num esplêndido isolamento do qual só sai para ameaçar e reprimir e cria as famosas paralelas em que ocorrem mestres e alunos sem nunca se encontrarem; o outro faz descer a autoridade de sua cátedra, sem a comprometer, supera todas as barreiras que separam o educador do educando, e se esforça por se fazer tudo a todos. No sistema repressivo ostenta-se um rosto glacial, giram-se dois olhos ameaçadores, mantém-se o modo de agir reservado e austero, e assim vive-se em paz; o trabalho fica simplificado. No sistema preventivo, que põe o mestre em contínuo contato com o aluno, há um meio de salvar o próprio decoro : ser virtuoso. A fim de fazer penetrar na alma de seus discípulos esse método baseado no sacrifício, o Santo garantia que pondo-o em prática se obtém estes quatro resultados: os alunos ficam afeiçoados aos mestres para toda a vida; nem um deles nas suas mãos vem a tornar-se pior; o contágio dos vícios detém-se à porta do colégio; e uma vez conquistado o coração, pode-se penetrar até à intimidade da alma para transformá-la.

## O SANTO NO RECREIO.

Tais ensinamentos Dom Bosco procurava à custa dos maiores sacrifícios infundir com o próprio exemplo na alma dos seus colaboradores. No recreio principalmente é que se podia admirar seu zelo de educador. Disse um de seus alunos que ele era a alma dos brinquedos. Nenhum elogio foi mais merecido do que este!

Viam-no em todos os cantos do pátio, onde multiplicava sua presença conforme as necessidades. Quando percebia que algum brinquedo ia dando em rixa, aproximava-se dos mais exaltados, procurava descobrir o cabeça da desordem e dizia amavelmente : "Escute, vá brincar ali com aqueles que estão precisando de mais um jogador. Eu fico no seu lugar". E se punha a jogar com grande alegria dos novos companheiros, qualquer que fosse o brinquedo: bola, bochas, corrida ou até o simples gude. Se descobria noutro ponto do pátio no meio de um grupo de meninos algum cujas palavras fossem reprováveis: "Venha aqui para o meu lugar, eu irei para o seu". E fazia-se a troca com a maior naturalidade do mundo. Assim Dom Bosco passava de um brinquedo para outro, com o olhar sempre vigilante e ganhando em todas as partidas, pois era muito hábil em todos os jogos, causando a admiração de seus alunos.

"Que delícia, conta um de seus velhos alunos, vê-lo no meio de nós!

Não olhava nem para o caráter, nem para o traje, nem para a idade, nem para os modos mais ou menos delicados; era tudo para todos. Se tinha preferências, eram elas para os mais maltrajados, para os que traziam mais visíveis os sinais da pobreza. Para os pequeninos então tinha um coração de mãe". As vezes num canto do pátio dois meninos, por questões surgidas no brinquedo, chegavam às vias de fato. Do ponto mais afastado onde estivesse, Dom Bosco apenas os via corria a ter com eles a pedir-lhes que deixassem de brigar. Muitas vezes pedia em vão! Como é violenta a paixão no brinquedo! E nesse caso o bom Pai erguia a mão como que para dar-lhes umas palmadas... mas a mão descia pacífica, interpondo-se entre as duas cóleras, separando energicamente os dois travessos que afinal, como por encanto, desistiam de todo o furor.

Muitas vezes enfileirava os meninos em dois campos opostos, punha-se à testa de um deles e iniciava uma partida de barra manteiga. Jogadores e espectadores, todos se apaixonavam pelo resultado da partida. Os de um lado pelejavam para vencer a Dom Bosco, os do outro tinham certeza de que com Dom Bosco a seu favor não podiam perder. E o entusiasmo subia ao auge!

Assim também não era coisa rara ver Dom Bosco desafiar a todos os meninos de uma vez para uma corrida. Marcada a meta, enfileirava a turma, arrepanhava a batina, dava o sinal da partida: um, dois... três! E veloz como uma flecha, tomando em poucos minutos a dianteira do turbilhão de meninos que o encalçavam, chegava à meta por primeiro. A última vez que ele apostou corrida assim foi em 1868; já contava então 53 anos. As pernas varicosas já estavam inchadas, mas isso que importava? Era preciso divertir os meninos. E naquela idade conseguia deixá-los todos para trás. Os espectadores mal podiam crer nos próprios olhos.

## OS CASTIGOS. PRINCÍPIOS. EXEMPLOS PRÁTICOS.

Mas evidentemente, apesar de todo o seu zelo, Dom Bosco não conseguia eliminar todas as faltas. E nesses casos, qual era a sanção que se aplicava? Que rezava o capítulo dos castigos? Dom Bosco não tinha dificuldade em admitir que em alguns casos por amor ou por força era mesmo necessário punir, embora talvez muito menos vezes do que se pretenderia. Exigia então que os castigos se inspirassem nos mesmos princípios que orientam todo o sistema. Todo o cuidado para não fechar a alma do menino, para não tornar-lhe o coração impenetrável ao trabalho positivo da educação.

Em virtude desse principio, os castigos adotados em suas casas tinham estas características: Só se aplicavam em último caso, depois de se ter esperado o mais possível; não eram humilhantes nem irritantes; traziam um cunho marcado de razoabilidade; tinha parte neles o coração.

Nunca ou quase nunca se davam castigos públicos. Jamais os castigos corporais irritantes, que incitam os corações à revolta; as próprias expulsões, quando se tornavam necessárias por escândalo ou por indisciplina obstinada, faziam-se com toda a cautela; nunca se castigavam faltas cometidas por pura leviandade, nem se aplicavam castigos coletivos para punir transgressões cujo autor não se conseguia descobrir; não havia tabelas para aplicar punições sem olhar para o grau de culpabilidade real e jamais se distribuíam castigos sob o domínio da cólera. Fazia-se ao invés uso abundante desses castigos que uma boa mãe pode aplicar habilmente : o semblante contristado, uma palavra fria ou indiferente, dois olhos que se voltam para o outro lado, uma mão que se retrai; e sempre correções com

as quais concordava a razão do culpado. "O castigo não dá resultado, dizia o Santo, senão quando o menino compreende que foi razoável". "Para os meninos, dizia, é castigo tudo o que se faz servir como castigo. Uma palavra de elogio a quem merece, uma de reprovação a quem procedeu mal, são muitas vezes verdadeiro prêmio e verdadeiro castigo". Um dia, narra o Conde Connestabile, fui apresentar meus cumprimentos a Dom Bosco e o encontrei sentado à escrivaninha, todo ocupado em ler certa lista de nomes.

- Estes são os alunos, explicou-se ele, que deixam algo a desejar.

Eu que conhecia ainda muito mal o sistema do educador perguntei-lhe

- Qual o castigo que lhes vai aplicar?

- Castigo? Nenhum. Veja o que vou fazer: o mais indisciplinado é este; tem muito bom coração, mas juízo nem um pouquinho! Pois bem! de aqui a pouco descerei ao recreio, chamá-lo-ei à parte e lhe pedirei notícias de sua saúde.

- Vou indo muito bem, responderá naturalmente sem a menor hesitação.

- Mas estás plenamente contente contigo mesmo? Perguntarei então, fitando-o nos olhos. Esta pergunta inesperada e bastante clara há de deixá-lo perplexo por uns instantes. Depois pregará os olhos no chão, ficará vermelho e conservará um silêncio forçado. Então continuarei em tom afetuoso

- Dize lá! Estou vendo que teu corpo vai bem, mas talvez a alma está doente. Há quanto tempo não te confessas? Não respondes, hein! pois o teu silêncio diz tudo. Tu me vais prometer que quanto antes arrumarás as tuas contas com Deus, está bem?

Dentro de poucos minutos, o senhor encontrará o menino no confessionário e aposto o que quiser que ninguém mais terá motivo de queixar-se dele.

Um dos biógrafos de Dom Bosco conta que uma noite ouviu o seu vizinho no dormitório gemer e suspirar.

- Que é que você tem? perguntou-lhe.

- Dom Bosco olhou para mim esta tarde.

- Essa é boa! Pois para mim também olhou.

- Sim! mas você não sabe com que olhar ele olhou para mim!

Na manhã seguinte o confidente deste diálogo encontrando-se com Dom Bosco perguntou-lhe: Que é que fulano tinha ontem?

- Ele sabe muito bem, respondeu. o bom mestre, cujo simples olhar bastava para provocar remorsos salutares.

Uma noite logo após as férias não se conseguia que os alunos fizessem silêncio para Dom Bosco falar depois das orações. Sem se perturbar, o Santo esperou um minuto, depois mais outro... e as conversas continuaram. Então deixou cair sobre os meninos estas simples palavras: "Não estou contente com vocês! Vão dormir. Esta noite não lhes digo nada".
Desde essa ocasião nunca mais foi preciso usar nem a campainha que servia para chamar a atenção do auditório!

**LIBERDADE.**

**Alguém poderá pensar: essa vigilância continua, por mais que seja paterna, acabará por formar hipócritas, na certa. Não! Não é verdade! Porque este sistema de educação permite que o menino se abra e se manifeste, deixando à liberdade toda a expansão possível. Da disciplina conserva só o que é necessário para que uma casa possa caminhar bem; e fecha os olhos para tudo o mais. Não tem a idolatria da ordem, dessa famosa ordem exterior que se pode facilmente identificar com a imobilidade e o silêncio, e que para alguns é o ideal da educação.**

**O Santo queria uma disciplina que estivesse a serviço da educação e não uma disciplina que se desenvolvesse como fim a si mesma, pela beleza do espetáculo que pudesse oferecer aos olhos do visitante, ou pela tranqüilidade que conseguisse proporcionar à existência do mestre. Os corações, as almas das crianças devem expandir-se, devem revelar-se no livre exercício de suas atividades, porque o educador para levar avante o seu trabalho tem necessidade de conhecer o fundo das almas; por conseguinte não deve uma disciplina mal entendida vir comprimir por demais esta espontaneidade. Além disso a natureza humana não é completamente pervertida, como pensam alguns nem tão pouco levada instintivamente a praticar o bem, como pretendem outros. Portanto não podemos cair em nenhum dos dois excessos: nem refrear desapiedadamente a liberdade juvenil, nem tampouco desatar-lhe todos os freios. Excessivo rigor e extrema liberdade são os dois escolhos entre os quais deve passar o educador, mostrando-se não já tirano das vontades, nem espectador passivo de seus caprichos, mas colaborador indispensável que deve ensinar ao menino a agir um dia sem o auxílio do mestre. Alijando assim da disciplina o peso inútil que a oprimia, ter-se-á diminuído consideravelmente o número das infrações e reduzido ao mínimo as punições aplicadas aos alunos, ter-se-á livrado o mestre de canseiras inúteis e a vida do colégio se tornará simpática.**

**Esse respeito à liberdade do menino, Dom Bosco 0 queria em toda a parte. Na capela, nada de comunhões chamadas "gerais", banco por banco. Nada de confissões em dias marcados, esta classe num sábado, a outra no outro sábado. Regras bonitas e uniformes sem dúvida, rígidas e impassíveis, capazes de provocar talvez a admiração do observador, mas que prejudicam muito às almas. Na capela. salesiana, quando chega a hora da comunhão, levantam-se para comungar os que querem, em graciosa desordem que garante a liberdade; e em todos os cantos da capela os sacerdotes confessores, presentes em todas as funções, esperam o penitente, o qual na hora e no dia que quiser, vai fazer a confissão de suas culpas. O exemplo dos alunos fervorosos e a exortação íntima dos mestres são as únicas pressões que atuam sobre essas almas juvenis.**

**No pátio, é o mesmo espírito de sadia liberdade. Aí todos devem brincar: Essa é a parte da disciplina. Mas que variedade de brinquedos! Que franca liberdade nos divertimentos!**

**Na aula, nada de solene, nem de compassado. Aqui como em toda a parte exigem-se evidentemente lições bem sabidas e as tarefas corrigem-se com severidade. Mas a atmosfera é toda impregnada de paternidade. A espontaneidade do menino tem carta branca. Não há um olhar gelado do mestre a deter no lábio do menino a pergunta, a objeção ou a consideração que ele queria apresentar. O gracejo, a narração amena, o intermezzo alegre, são coisas que estão na ordem do dia. Onde quer que se rezasse ou que se trabalhasse ou se brincasse, por toda parte se podia admirar a arte com que no meio desse mundo juvenil o grande educador sabia**

aliar a autoridade com a liberdade, a disciplina com a familiaridade, a ordem com a vivacidade infantil. O fim a que tendeu sempre seu esforço foi o de copiar, de uma maneira a mais perfeita possível a família, criando ao redor da alma da criança essa atmosfera doméstica sem a qual ninguém pode viver. E o conseguiu quase sem esforço.

## QUADRO COMOVENTE.

Nos primeiros tempos do Oratório, todas as tardes, depois da ceia podia-se observar um quadro realmente comovedor, na sala em que Dom Bosco em companhia de seus auxiliares tomava sua modesta refeição. Como chegava, geralmente em atraso, Dom Bosco tinha que ficar para sair também um pouco depois dos outros. Os meninos. sabiam disto: e comprimindo-se em dois grupos de um lado e do outro da porta, aguardavam a mínima interrupção na saída dos Superiores para se introduzirem impetuosamente no refeitório. Os diabretes ocupavam todos os cantos da sala, e uma vez tomado o lugar, se colocavam nas posturas mais variadas e ali ficavam a gozar da presença do Pai.

Os primeiros a entrar, - nem é preciso dizer - aglomeravam-se ao redor dele, ficavam-lhe bem pertinho, tão perto que se diria que lhe tocavam os ombros com as cabeças; ou outros ficavam logo atrás, apoiando-se com os cotovelos ao espaldar da cadeira. Bom número deles, com um desembaraço espantoso, tomavam de assalto todas as mesas e nelas se instalavam como numa posição conquistada: uns sentados com as pernas cruzadas, outros de joelhos, um pouco mais atrás, outros enfim de pé. Enquanto isso, alguns, tomavam os bancos, dispunham-nos ao longo das paredes e subiam em cima. Os últimos a chegar se apinhavam nos espaços que sobravam entre as mesas e os bancos. E ninguém mais, dir-se-ia, podia então aproximar-se do carinhoso mestre... Não é verdade! Os mais pequeninos enfiavam-se por debaixo da mesa e de improviso emergiam do escuro as cabecinhas travessas bem pertinho de Dom Bosco, o qual não podia deixar de sorrir a essa aparição atrevida. Que quadro maravilhoso essa penca de corações bem juntinhos ao redor do pai! Não é isso ao pé da letra o que está imortalizado no verseto do salmo: Filai tui sicut surculi olivarum circa mensam toam : Teus filhos rodeiante a mesa como tenras plantazinhas de oliveira?"

Sem dúvida não são observadas todas as regras de urbanidade nesse assalto impetuoso dos corações; mas nenhum desses meninos falta ao respeito afetuoso para com Dom Bosco. Quando ele faz sinal que vai falar, cessa imediatamente todo o barulho e, no meio do silêncio geral, o bom pai narra um lindo conto, relembra uma curiosidade histórica, propõe um problema, faz perguntas, e sua palavra os conserva encantados até a hora em que o sino, dando o sinal para as orações da noite, obriga-os a separar-se com pesar. Essa é a maneira de educar própria dos Santos.

## A ALEGRIA, ATMOSFERA DA CASA DE EDUCAÇÃO.

Para que a liberdade juvenil encontrasse ao redor de si o calor e a luz de que necessitava, Dom Bosco tudo fazia para mantê-la numa atmosfera permanente de alegria. O fim que ele visava com a alegria era abrir as almas, afugentar o tédio, provocar um frêmito de vida através do organismo, auxiliar o trabalho da inteligência, associar na alma da criança a idéia do prazer à do dever, principalmente levar esses coraçõezinhos à

confiança e ao abandono. A que expedientes não era ele capaz de recorrer para manter viva a alegria no meio de seu mundo infantil! Ainda se conserva no Oratório a lembrança de certas marchas endiabradas que ele organizava e dirigia naqueles pátios!

Alinhava em duas filas 'suas centenas de meninos, punha-se à testa deles e entoava uma canção popular em piemontês. Todos acertavam o passo unindo suas vozes com a dele e iam cadenciando os versos com o violento bater dos calcanhares acompanhado de palmas sonoras. Isso produzia um barulho infernal, e sob as arcadas as grandes lajes de granito ressoavam com rumor surdo sob os pés desse exército em marcha. A enorme serpente desenrolava seus anéis por todos os cantos, ora saíam para os pátios, ora reentravam sob as arcadas; num dado momento subia-se por uma escada, enfiava-se por um corredor e safa-se por outra escada; depois descreviam ao redor de uma árvore motivos os mais bizarros. Finalmente, roucos de tanto cantar, e com os músculos das pernas extenuados, faziam alto, todos alegres por se terem divertido um quarto de hora com Dom Bosco.

Algumas vezes Dom Bosco fazia doutro jeito. Começava colocando em fila de um, todo o seu batalhão. Depois dizia

"Atenção! Façam tudo como eu fizer. Quem não fizer como eu faço, sai do brinquedo". Então via-se Dom Bosco multiplicar suas santas extravagâncias. Ora batia as mãos, ora pulava num pé só, caminhava recurvado, e com os braços para cima, de aí a pouco corria como o vento para estacar de repente com os joelhos e as mãos tocando o solo; depois voltava um braço nó ar fazendo gestos fantásticos, ou parava ao pé de uma árvore, abraçava-a e safa correndo de novo... Os meninos o iam seguindo em fila de um e iam reproduzindo cada um dos movimentos. E os que não estavam no brinquedo assistiam com interesse e se divertiam a valer. A passeata continuava perlustrando todos os cantos, todos os esconderijos do Oratório, penetrava nos lugares mais afastados, insinuava-se até nos recantos mais escuros, e na sua passagem ia recolhendo os grupos isolados que não estavam tomando parte no recreio. Desse modo Dom Bosco conseguia duas coisas: divertia os meninos e percorria, sem dar a perceber, o pátio inteirinho, para impedir a ofensa de Deus.

Alegria queria Dom Bosco, e também na aula. Dizem que o teatro assustava a Monsenhor Dupanloup e por isso ele permitia somente representações em latim e em grego. Dom Bosco porém não tinha receio e foi o primeiro educador moderno, que ergueu o palco, em 1874. A música também, em todas as suas formas, ocupa nas suas casas um dos lugares preponderantes. Ele não teria hesitado em aprovar o desejo de um filósofo moderno, para o qual a juventude deve ser educada "in hymnis et canticis", isto é, entre hinos e cânticos.

Para esse fim não poupava sacrifício, a fim de tornar atraente a capela, tanto com a beleza do culto, quanto, com a participação de todos nas grandes funções e nos cantos religiosos. Nada de missas ouvidas num silêncio esmagador, mas orações rezadas em voz alta e entremeadas com cânticos; nada de funções religiosas compridas e monótonas que deixam uma sensação de cansaço, mas funções breves, cerimônias atraentes, música, flores e luzes. E para conseguir que o seu mundo juvenil se mantivesse quietinho e atento, seu zelo não recusava introduzir inovações, contanto que nada viesse a sofrer o decoro da casa de Deus. Porém, acima de tudo, a confiança e o amor, postos como base da piedade cristã, faziam da Capela uma casa de oração, amável e fervorosa, onde a alma dos meninos, tinha prazer em ir passar uma hora de alegria. Outrora, nos séculos impregnados de Jansenismo, dizia-se: "Adorai a Deus. Tremei na sua presença". Dom Bosco, segundo o amigável exemplo de Fénelon, dizia ao invés: "Fazei que estas crianças gostem de Deus".

**A CONFIANÇA, CHAVE DO SISTEMA. COMO CONQUISTÁ-LA.**

**Quem não vê que essa alegria, difundida por toda a casa com tal profusão, alargava a alma da criança e lhe alimentava permanentemente a confiança? Ora, a confiança, dizia o Santo, é tudo na educação. Nada de sólido conseguiremos construir, enquanto a criança não nos entrega o coração. Tudo o mais serve para preparar e para dispor a isso que é o essencial: cativar o coração do menino. E com isto tocamos o ponto central de todo e qualquer sistema educativo: o problema da autoridade. Que lugar lhe dava Dom Bosco? Ou melhor - uma vez que ninguém mais do que ele desejava que esse lugar fosse o mais importante possível, - sobre que bases o colocava? Na força ou no físico imponente? . No temor do castigo ou da humilhação? Na razão que percebe a razoabilidade das ordens que se dão? Na fé que reconhece a ordem como vinda de Deus? Podemos responder assim: Nem na força nem no temor, tanto quanto isso fosse possível; na razão e na fé, desde que fosse possível. Mas, como isto nem sempre era exeqüível, pelo menos no princípio, com crianças distraídas ou ventoinhas, com adolescentes imersos no vício e escravos do pecado e com espíritos muitas vezes desorientados no próprio discernimento do bem e do mal, Dom Bosco mandava em nome do amor. Sua autoridade era a do homem, do educador a quem o aluno não quer entristecer, do irmão mais velho que com um sinal se faz ouvir melhor que qualquer outro. Sem afeto não há confiança e sem confiança não há educação, repetia continuamente Dom Bosco. De muito boa mente teria compendiado todo o seu sistema nesta frase: Fazer-se amar pelo menino para fazê-lo amar a Deus! Esse afeto e essa confiança ele pedia a seus religiosos e ensinava a seus discípulos; mas especialmente ele a merecia de uns e de outros. - De que maneira? -Sua vida no-lo diz. Quereis ser amados? - amai. E não basta ainda, dai mais um passo: É preciso não só que vossos alunos sejam amados por vós, mas é preciso também que percebam que são amados. E como o perceberão? interrogai o vosso coração e ele vo-lo dirá. Antes de tudo nada de barreiras entre aluno e mestre, nada de lei das distâncias, como também nada de cólera, de pancadas, ou de humilhações públicas. Mas a compenetração dos corações; o espírito de família; a bondade sempre solícita, sempre ativa, sempre a se curvar sobre a fraqueza ou sobre a ignorância; a misericórdia que sabe fechar os olhos, que nem tudo castiga e nem sempre, mas que perdoa facilmente; o cuidado contínuo do menino que faz com que nos preocupemos com sua saúde, seus parentes, suas necessidades, seus desgostos, seus progressos, suas alegrias; a vigilância que o protege, que o defende tanto da pedra de escândalo como da inclemência da estação; a ternura real e expressa; a assistência continua mas materna, a imaginação sempre desperta à procura de tudo o que pode alegrar, instruir, dar expansão à alma do menino; a doçura que não levanta a voz, que conserva um sorriso de bondade, mesmo nos maiores dissabores, que sabe punir com um simples olhar de tristeza, com os lábios silenciosos, com o rosto que se volta para o outro lado; a confiança demonstrada de mil maneiras, capaz de atrair infalivelmente mais confiança; a condescendência que escancara as portas para receber tanto o rapazinho de dez anos como o grande personagem, a familiaridade sadia que se une aos brinquedos dos meninos, às suas pequenas extravagâncias, a seus divertimentos mais pueris... isso, tudo isso, muitas outras coisas mais, todas porém incluídas nesta palavra tão profanada mas sempre divina: amor!**

**O grande educador sintetizou o seu modo de agir em duas frases célebres. A si mesmo disse: faze-te amar se queres ser obedecido; e a seus salesianos disse: não sejais superiores mas pais.**

E de toda a imensa família foi verdadeiro pai esse humilde sacerdote do qual disse um dos oblatos do Abade Lanteri, não sem uma pontinha de inveja: Há na rua Cottolengo, número 32, o que não se encontra em nenhum lugar, nem mesmo nas comunidades religiosas: um quarto do qual sai radiante de alegria um menino que ai entrara pouco antes com o coração cheio de tristeza ou de aflição: É o quarto de Dom Bosco.

## A VIDA DA GRAÇA, TERMO DESSA EDUCAÇÃO.

E que fazia Dom Bosco dessa confiança conquistada por todos esses recursos de mansidão e de paciência? Em nome da autoridade que vem do amor, suavemente, sem choques nem abalos, ele dirigia então o menino e o levava para o mundo sobrenatural. O que tinha em vista era firmar a perseverança sobre as bases de uma sólida piedade. Mas nesse terreno como em todos os outros queria que a razão e a fé fossem guias e mestras. Queria uma piedade apoiada num corpo de idéias religiosas; eis porque na sua casa a instrução religiosa ocupava o primeiro lugar. Para impregnar dela as almas, industriava-se de -todas as maneiras. Instruções breves, mas sólidas, vivas, imaginosas, práticas. Catecismo bem preparado e ouvido com atenção. Um sermãozinho de cinco minutos para encerrar as orações da noite, depondo nos corações dos meninos um pensamento sério para lhes alimentar o sono. Breves leituras depois da missa e antes da bênção do Santíssimo. Alusões religiosas e morais encaixadas em toda a parte com a maior naturalidade do mundo, num texto de Virgílio como numa anedota contada no pátio, na aula como no recreio. Apelo freqüente mas nunca enfadonho às verdades fundamentais, por todos os meios de que dispõe um zelo engenhoso e uma pedagogia ativa. Tudo se tentava, tudo se experimentava, tudo se aplicava para inocular nessas cabecinhas de crianças uma doutrina de vida tão rica e tão forte quanto se requeria para preservar esses frágeis corações nas horas de perigo. E tudo isso não era difícil de obter, porque uma piedade assim faz amar a casa de Deus e torna atraente a religião.

Mas praticamente a que tendiam a sólida instrução religiosa e o encanto de que ele impregnava a piedade? Tendiam a colocar o menino em contato precoce e freqüente com as três fontes de vida sobrenatural: confissão, comunhão e devoção a Nossa Senhora.

## CONFISSÃO.

Não se calcula quanto Dom Bosco insistiu durante toda a sua vida em recomendar a confissão! Para ele era esse o grande meio educativo. Nas breves alocuções que fazia após as orações da noite voltava sempre sobre este argumento. Nas paredes dos pórticos do Oratório, fizera pintar em caracteres cubitais várias máximas da Sagrada Escritura para que se gravassem bem no espírito dos alunos. Pois bem, três delas se referiam ao sacramento da penitência.

Huysmans, este grande escritor católico que tão bem compreendeu a alma do Santo, no-lo descreveu nesse ofício incessante de confessor misericordioso. O quadro é esplêndido: "Confessava na igreja, ao ar livre, no canto de um quarto; e até se conserva a lembrança desse padre admirável a confessar num campo alugado, depois de todos os proprietários de imóveis, um após outro, terem-no despedido. Sentava-se numa pequena elevação do terreno

e, a pouca distância, os meninos em círculo, de joelhos, se recolhiam e se preparavam para confessar suas faltas ainda não perdoadas ou as esquecidas. O Santo, trazendo no semblante a bonomia de um velho vigário da roça, puxava para perto de si o penitente que tinha terminado o exame de consciência, e, tomando-o pelo pescoço, envolvia-o com o braço esquerdo e fazia o pequeno penitente apoiar a cabeça a seu coração. Não era mais o juiz. Era o pai que ajudava os filhos, na confissão tantas vezes penosa das faltas mais pequeninas".

Mais, que tudo isso, quando se tratava de penitentes que ele não conhecia ou que percebia que estavam inquietos, perturbados nas suas relações com Deus, sabia no seu zelo industriar-se para conseguir que manifestassem o seu desejo de uma confissão geral. E depois de receber a confissão de um passado inteiro, então ficava tranqüilo a respeito da alma que lho havia confiado: tinha certeza de podê-la conservar, guiar e conquistar para o bem.

## COMUNHÃO.

Para levar a cabo esta tarefa, contava com as duas forças de que dispõe um cristão na luta contra o mal: a Eucaristia e o auxílio de Nossa Senhora. Desde os primeiros dias de seu ministério sacerdotal, o Santo foi um ardente propagador da comunhão precoce e da comunhão freqüente. Hoje em dia não há mais nenhum mérito em fazer os meninos comungar cedo e com freqüência: Roma falou e basta! Mas, cinqüenta, sessenta, oitenta anos atrás, era bem diferente. Ora, Dom Bosco, desde 1847, no seu primeiro internato, estimulava à comunhão freqüente. E são dele estas linhas escritas tão lindamente há mais de sessenta anos: "Quando um menino sabe distinguir entre o pão ordinário e o pão eucarístico, quando se acha suficientemente instruído, não é preciso olhar para a idade. Venha logo o Rei do céu reinar nessa alma".

## DEVOÇÃO A NOSSA SENHORA.

A Eucaristia é a primeira coluna da salvação. A segunda é a devoção à Santíssima Virgem Nossa Senhora. Dom Bosco pregou-a em toda a vida. Sua mãe, na manhã em que ele recebeu a batina, dera-lhe este conselho: "Se chegares um dia a ser padre, propaga sem cessar a devoção a Nossa Senhora". Dom Bosco o praticou até o último suspiro. Três dias antes de morrer, quase às portas da agonia, balbuciou ainda aos discípulos: "No púlpito e nas conversas insistam sobre a devoção a Nossa Senhora e sobre a comunhão freqüente". Ele sentia que a virtude de seus filhos, se abroquelasse com estes dois escudos, a Hóstia e a Virgem, por mais insídias e assaltos que tivessem que sofrer, triunfaria das piores seduções.

Confirmou-o nessa persuasão um sonho misterioso que teve uma noite de maio de 1869. Pareceu-lhe ver sacudida no mar proceloso e assaltada por inimigos furibundos uma flotilha de embarcações ligeiras, que simbolizavam seus ex-alunos esparsos por todo o mundo. O único modo de escapar da sanha do inimigo e livrar-se do naufrágio era ir lançar âncoras, atrás da nau capitânea que levava o Papa, entre duas colunas gigantescas, que se erguiam das ondas revoltas uma dessas colunas era encimada por um Ostensório, a outra pela imagem da Virgem Santíssima.

Esta última pincelada coroa como que de um sorriso filial este capítulo que escrevemos a respeito de uma pedagogia que em substância tendia a este último escopo : fazer os meninos viverem na graça de Deus, amigos de Jesus e de sua Mãe Santíssima, para que mais tarde no mar borrascoso do mundo se mantivessem firmes, observantes da lei de Deus e salvassem a própria alma.

## OS FRUTOS DESSA PEDAGOGIA.

Não poderíamos terminar esta exposição sumária sem responder a uma pergunta: Desde que pelos frutos se conhece a árvore, quais são os frutos dessa educação?

- O mínimo que ela consegue é ligar por um vinculo, poderoso e suave ao mesmo tempo, as almas que a receberam à casa que a ministrou. Para esses alunos o colégio não é mais o cárcere da juventude prisioneira, de que falava Montaigne, mas a boa casa, onde a vida correu como um sonho, de uma emoção a outra, cada qual mais pura e mais forte. A essa casa se volta com alegria e trocam-se com os mestres, que ali sempre esperam de braços abertos os alunos de outrora, palavras divinas que descem até o mais profundo da alma.

Pode ser que essa couraça nem sempre proteja suficientemente os peitos que dela se revestiram, pois os assaltos do mal são tão violentos que às vezes prostram por terra até os melhores atletas. Mais de um ex-aluno de Dom Bosco não foi capaz de perseverar no caminho que o Santo lhe mostrara. No entanto o grande educador sempre se mantinha tranqüilo quanto ao êxito final da peleja, pois bem sabia que estava semeando remorsos para o futuro. Não é em vão que se ama a Jesus e a sua Mãe na idade das ternuras inocentes. Esse amor revive um dia. Quase sempre, portanto, chegava uma hora em que o filho pródigo voltava a ajoelhar-se pelo menos com o desejo, no tribunal da penitência. Desses filhos pródigos teve-os o Santo em número maior do que se pensa. Quantos alunos por exemplo lhe ficaram fiéis depois da rebelião de 1848? Doze! Doze sobre quinhentos!

E nos tempos mais belos do Oratório quando, conforme confessa o próprio Santo suas paredes escondiam milagres de santidade, não nos fala justamente um de seus primeiros discípulos, o Padre Francesia "dos míseros desencaminhados, que recusavam obstinadamente aproveitar as lições e os conselhos do grande Servo de Deus?" Há também um sonho curioso o "sonho da roda", no qual através de uma lente descomunal um personagem misterioso mostra ao Santo o estado da alma de seus filhos. Pois bem, no meio deles Dom Bosco percebe que alguns estão com a língua furada por causa das más conversas; outros têm na nuca úlceras asquerosas a indicar uma alma escrava dos próprios caprichos; outros estão com o coração a fervilhar de vermes, símbolo das paixões vergonhosas que os devoram; alguns são completamente surdos, isto é, rebeldes a qualquer exortação para o bem; outros trazem os lábios fechados por um cadeado porque na confissão escondem os pecados. O desfile das misérias físicas continua implacável, aterrador, porque cada uma delas revela um vicio triunfante. Num dado momento o Santo não resiste mais e dos seus lábios parte uma queixa: "Mas então estes infelizes estão perdidos? Será possível? Depois de um retiro espiritual! Se é assim, para que serviram minhas fadigas, meus conselhos? Ah! se eu tivesse sabido!"

Então o personagem misterioso mostrou a Dom Bosco outro quadro:

Um grupo de meninos se divertiam num campo.

**- Estás vendo esta multidão?**

**- Sim, e quem são eles?**

**- São os filhos que Nosso Senhor te reserva para te consolar da perda dos outros. No lugar de cada um daqueles, terás cem destes!**

**A predição verificou-se repetidamente. O Oratório de São Francisco de Sales acolheu, e às dezenas, meninos e moços, cuja virtude no dizer de Dom Bosco era igual à de São Luíz Gonzaga. Em 1878 o Padre Vespignani, que foi depois durante vinte anos inspetor das casas salesianas da Argentina, perguntou um dia a Dom Bosco:**

**- É verdade que V. Rev.ma tem aqui no Oratório meninos puros como São Luís Gonzaga?**

**- Sem dúvida nenhuma.**

**- Poderia citar-me alguns?**

**- Como não? Fulano por exemplo, Sicrano. Os nomes que citou eram o de um pequeno irlandês e o de um rapaz italiano que morreram ambos mais tarde como sacerdotes da congregação salesiana. Numa tarde de setembro de 1872, Dom Bosco fez a alguns de seus clérigos com os quais estava conversando esta confidência: "Eu vos asseguro que alguns de nossos meninos serão elevados às honras dos altares. Se Domingos Sávio que morreu há cinco anos ainda continuar a fazer milagres não duvido que a igreja um dia lhe reconhecerá a santidade". Todos sabem que estas palavras já estão hoje de todo realizadas. Doutra feita, falando a respeito de meninos de seu Oratório, aos quais Deus tinha concedido favores particulares, fez esta confissão : "Há dentro destas paredes uma alma pura com a qual a Santíssima Virgem gosta de se entreter e à qual revela coisas ocultos ou futuras. Quando preciso alguma luz a respeito do futuro, recomendo-me às suas orações, porém de modo que não lhe desperte a vaidade. Ele fala com Nossa Senhora e depois vem dar-me a resposta muito ingenuamente. O mesmo faço quando preciso de algum favor".**

**Se além do resultado em qualidade quisermos saber também a eficácia numérica, Dom Bosco nos responderá: "Nosso método dá resultado em noventa por cento dos casos. E nos outros dez meninos, dos quais parece não ter conseguido nada, produz ao menos uma influência modesta mas real: Torna-os menos perigosos". Ouçamos agora a confissão de uma autoridade que ninguém pode recusar: O célebre Crispi que por tantos anos dirigiu a política italiana teve um dia em 1878 a idéia de confiar a Dom Bosco e a seus filhos o instituto correcional de Turim. O Santo aceitou mas com quatro condições: liberdade completa no capítulo da religião, afastamento dos guardas, unidade de direção, subsídio diário de oitenta cêntimos por menino. Tudo já estava pronto e não se esperava senão a assinatura do Ministro, quando Crispi recusou dá-Ia, alegando esta razão: "Conheço Dom Bosco e ele é capaz de fazer destes corrigendos outros tantos padres. E padres já temos demais". Essa frase do estadista italiano, lembra a outra de Cavour, .que na sua concisão cruel estigmatiza o método oposto: "Com o estado de sítio qualquer asno é capaz de governar". Reprimir é fácil e para isso não é preciso nenhum tirocínio. Mas para prevenir eficazmente o mal é necessário toda a aplicação afetuosa, toda a inquietação de pai. Nisso é que está precisamente a grandeza original deste método que forma ao mesmo tempo o mestre e o discípulo. Um não progride em docilidade senão na medida em que o outro aumenta a dedicação. No trabalho constante sobre si mesmo, nos esforços cotidianos que multiplica, para se tornar mais zeloso, mas paciente, mais**

dono de si, é que o mestre conquista a felicidade de poder prescindir dos castigos odiosos e de se ver obedecido por um amor feito de gratidão. Não é - transportada à nossa vida do século vinte a célebre página na qual Jesus nos pinta o bom Pastor que conhece as suas ovelhas, que caminha na frente delas, que não foge quando o lobo se aproxima, que não descansa senão depois de ter feito entrar no aprisco todas as ovelhas e que dia, a dia, hora a hora, dá por elas todas a sua vida? Ou melhor, não é a tradução viva, e real daquela página lírica em que S. Paulo canta o divino esplendor da caridade: "A caridade é paciente, é benigna; não é invejosa; não é insolente, não é soberba, não é ambiciosa, não procura o próprio interesse, não se irrita, não guarda o mal que recebeu, não goza com a injustiça, mas se alegra com a verdade; tudo desculpa, tudo crê, tudo espera, tudo suporta.. A caridade não morre nunca. ..?"

## CAPÍTULO XIV

## NO TRIBUNAL DA PENITÊNCIA

Índice


CONFESSOR INCANSÁVEL.

CONFESSOR EM TODA A PARTE.

CONFESSOR, PARA NÃO DEIXAR OS MENINOS NO ABANDONO, MAS FORMÁ-LOS NA VIDA CRISTÃ.

LUGAR DE SEU CONFESSIONÁRIO.

ATITUDE DO SANTO NO CONFESSIONÁRIO.

COMO TRATAVA AS ALMAS. LIBERDADE, PACIÊNCIA, CARIDADE, CONSELHOS OPORTUNOS.

COM OS REINCIDENTES, OS ESCANDALOSOS, OS TENTADOS E OS INSINCEROS.

MAS, HÁ OVELHAS QUE FOGEM DO APRISCO.

AS LIÇÕES DE MORAL E A CASUÍSTICA DO PADRE CAFASSO.

LIÇÕES PRÁTICAS PARA O CONFESSOR.

NA ESCOLA VIVA DA EXPERIÊNCIA.


CAPÍTULO XIV

## NO TRIBUNAL DA PENITÊNCIA

### CONFESSOR INCANSÁVEL.

Não estaria completo o panorama que descrevemos dos elementos da pedagogia de Dom Bosco, se não fizéssemos uma exposição mais ampla do papel preponderante que na missão educativa do Santo desempenhou o tribunal da penitência. Vamos, pois, surpreender o homem de Deus no exercício deste ministério: aí admiraremos seu modo de atender, de trabalhar, de curar, de dirigir as almas. Do Santo Cura d'Ars, disseram que foi o maior confessor do seu século. De Dom Bosco se poderá dizer que foi no seu tempo o maior confessor da juventude. Durante quarenta e seis anos, enquanto as forças lho permitiram, esteve sempre à disposição de todos: de manhã antes da missa da comunidade e durante a celebração e às noites, particularmente nos sábados e na véspera das grandes festas ou no encerramento do retiro espiritual, até horas incríveis. Dez horas de confessionário, mesmo nos invernos mais rigorosos, era coisa que não lhe metia medo. Viram-no algumas noites sair da capela às vinte duas ou às vinte e três, com o estômago vazio. Ceava então com as sobras que tinham ficado: uma sopa servida três horas antes, um prato da mesma data, ambos frios e já intragáveis. Mais de uma vez nessas horas tardas, achava o refeitório fechado: o cozinheiro tinha ido embora e se tinha esquecido de Dom Bosco! "Assim a gente quebra um pouco da monotonia dos dias da vida, murmurava sorrindo. Todas as noites vai-se para a cama bem jantado; pois uma exceçãozinha de vez em quando não faz mal. Amanhã acordarei mais leve e com mais apetite". Jamais acusava o mínimo cansaço, quando se tratava. de confessar os seus meninos. Nunca o viram despedir um penitente, alegando estar cansado. "Uma noite, conta o Padre Francesia, nós o íamos acompanhando para o quarto depois de dez horas ou mais de confessionário. Víamos que não podia agüentar mais em pé. Pois justamente nesse instante chega um aprendiz e pede que lhe ouça a confissão. Nós nos entreolhamos desolados. Era mesmo a hora de impor a Dom Bosco mais esse trabalho? E tínhamos todos nos lábios um só pedido:" Não insista, volte amanhã cedo". Mas Dom Bosco tomou-nos da mão a vela e com o mais paterno dos sorrisos, disse ao menino: "Entra aí no meu quarto, que já te vou confessar". "Jamais, atesta Mons. Costamagna, ouvi Dom Bosco dizer a um penitente que voltasse mais tarde. Em qualquer hora do dia ou da noite estava sempre disposto a ouvir confissões". Não é portanto para estranhar que alguma vez depois de longas horas de confessionário, sua atenção cedesse ao domínio inexorável do cansaço.

Uma vez na véspera do Natal, tinha confessado tanto durante o dia todo como também no dia precedente, que não agüentava mais. E eis que se apresentam ainda cinco ou seis alunos que queriam confessar-se para fazerem a comunhão. Dom Bosco levou-os até o quarto e confessou um, dois... depois dormiu apoiado ao ombro do terceiro. Apenas o penitente percebeu, fez sinal aos outros que não fizessem rumor para não despertá-lo. Os dois que se tinham confessado retiraram-se de mansinho; os outros três sentaram-se para esperar que o confessor acordasse; e ficou o último sustentando imóvel a cabeça do pai querido. Depois de mais de meia hora Dom Bosco abriu os olhos, recobrou a atenção, olhou em derredor e caiu em si.

- Pobrezinhos! suspirou. Quem sabe há quanto tempo estão esperando!

- Ora, Dom Bosco! O senhor estava dormindo um sono tão gostoso que ficamos com pena de acordá-lo.

- Pois eu teria preferido que me acordassem.

**- Mas eu nunca mais teria a sorte que tive hoje, comentou o penitente. Poderei sempre gloriar-me de ter sustentado, a cabeça de Dom Bosco adormecido.**

## CONFESSOR EM TODA A PARTE.

**Seu zelo em ouvir confissões não parava dentro das paredes da casa. Todos os alunos do Oratório quando ficavam doentes tinham a certeza de receber a visita de Dom Bosco e de se confessarem com ele. Todas as pessoas da vizinhança e até as de mais longe convidavam-no a assistir a seus parentes moribundos, e tinham certeza de vê-lo atender pressuroso ao chamado, mesmo às vezes com perigo da própria vida. A todos os desconhecidos com os quais entabolava conversa, operários que trabalhavam no Santuário de N. Senhora Auxiliadora, companheiros de viagem em diligências ou por estrada de ferro, sujeitos mal encarados que encontrava longe do centro da cidade, a todos não deixava de propor no momento propício uma "desinfecção geral" da consciência. Uma vez foi convidado a passar um dia na casa de campo de seu bom amigo o Marquês Fassati. Pois lá chegou com apenas... vinte e quatro horas de atraso, porque numa parada em Asti, tinha encontrado uma meia dúzia de ex-alunos aos quais dirigira uma exortação paterna conseguindo dele a promessa de que no dia seguinte iriam todos confessar-se e comungar. Não vamos falar das horas intermináveis que passava no confessionário quando pregava tríduos, novenas, panegíricos dos padroeiros, em todos os lugares do Piemonte, nos tempos em que tal apostolado ainda lhe era possível. Mas o que não podemos calar é o apostolado todo especial que exerceu nas prisões de Turim, após o bem-aventurado Cafasso, que fora o primeiro confessor dos presos. La ia todas as semanas e de cada vez a pesca era abundante, principalmente no meio dos moços cujo coração ainda não estava completamente endurecido no vício.**

**Toda a sua vida de apóstolo se desenrola entre estas duas cenas significativas: Na sacristia da igreja de São Francisco de Assis, precisamente no início de seu apostolado, no dia 8 de dezembro de 1841, perguntou a Bartolomeu Garelli seu primeiro aluno de catecismo: Já te confessaste alguma vez? No fim da vida, no dia 26 de dezembro de 1887, vendo que o secretário compadecido de seu estado de extrema franqueza, queria proibir a entrada de alguns alunos de ginásio que vinham confessar-se, disse: "Deixe-os entrar coitadinhos! afinal é a última vez mesmo"!**

## CONFESSOR, PARA NÃO DEIXAR OS MENINOS NO ABANDONO, MAS FORMÁ-LOS NA VIDA CRISTÃ.

**De onde provinha esse zelo extraordinário de Dom Bosco para o sacramento do perdão? De duas coisas: uma verificação dolorosa que fizera e o ideal que nutria ardentemente de cristianizar a juventude.**

**A verificação era a seguinte: O clero daquele tempo não se preocupava com a infância e com a juventude, nem lhes dava a mínima atenção. Todos os cuidados e solicitudes eram para os adultos. Como se naquela época, imediatamente posterior a uma revolução, não fosse urgente preparar as gerações que iam crescendo para poderem formar a sociedade cristã futura.**

O doutor Albertotti, um dos dois médicos que assistiram- a Dom Bosco em sua última doença, dizia a um amigo: "Já consegui descobrir o segredo da vida deste apóstolo. Não há nada que melhor possa revelá-lo do que as palavras que disse em pequeno a sua mãe, lamentando-se de que os padres com os quais se encontrava nas ruas de sua terra não respondiam a seu cumprimento. Toda a existência de Dom Bosco é um protesto vivo contra esse modo de agir. Para ele a infância e a juventude eram tudo".

Uma testemunha daquela época confirma a mesma dolorosa observação: "Dom Bosco, escreve o Padre Francesia, tinha sofrido muito por causa daquela espécie de repugnância que havia para confessar meninos no seu tempo e por causa do modo como os acolhiam no confessionário. Desde esse dia tomara no íntimo do coração o propósito de dar remédio a tal estado de coisas". Quantas vezes, diz ainda o Cardeal Cagliero, ouvimos Dom Bosco exclamar: Sangra-me o coração ao ver meninos e moços maltratados nas sacristias, recebendo violências e até expulsos. Oh! se eu pudesse multiplicar-me e achar-me contemporaneamente em todas as aldeias, em todas as cidades, onde são tratados assim, para cuidar-lhes da alma tanto na igreja como fora! Entram na casa de Deus e não encontram ninguém que lhes reparta o pão da vida. Com o pretexto de que os párocos e vice-párocos têm que se ocupar dos adultos, ou mesmo só porque os pobrezinhos são levianos, ignorantes sem educação, abandonam-nos. Que tática mais errada!"

E sobretudo, pensava ele, quanto atraso na educação cristã destes meninos! Quanto tempo perdido! Não seria possível apressar? De fato, nunca é cedo demais para começar a educação sobrenatural das crianças, educação que tem como ideal fazê-los viver constantemente na graça de Deus.

E eis aí o pensamento assíduo desse apóstolo, que fazia convergir toda a piedade a este ponto: manter viva a vida de Deus no íntimo das almas. Conservar a presença de Deus no fundo dos corações. Reconquistar, aperfeiçoar e nutrir a vida divina pelos sacramentos da confissão e da eucaristia, conservar e aumentar a amizade de Deus: eis o fim a que mirou constantemente a obra educativa de Dom Bosco.

Mas esses jovens eram fracos, viviam muitas vezes sob a tirania de hábitos violentos ou seduzidos por ocasiões demasiado próximas de pecado. Era portanto necessário oferecer-lhes a cada instante o perdão divino para reerguê-los das quedas e para introduzir-lhes na alma as forças de que necessitavam para se manter por mais tempo fiéis no serviço de Deus. Desse estímulo superior nasceu no Santo a verdadeira paixão que tinha para com o sacramento da confissão. O ofício de purificador de almas ocupava o primeiro lugar entre as suas ocupações diárias. A ele se sacrificava sem reservas, totalmente, absolutamente! De Lacordaire se conta freqüentemente o gracioso episódio acontecido no dia em que tomou posse na Academia de França. Seu fiel amigo Montalembert e alguns outros queriam que ele ficasse para uma reunião intima na qual toda Paris católica daquele tempos queria manifestar sua alegria e seu legítimo orgulho por vê-lo sentado entre os quarenta Imortais. Mas o grande Dominicano respondeu: "É impossível, meus amigos. Os meninos de Sorèze me estão esperando para a confissão do sábado. Ninguém sabe o que significa uma confissão a menos na vida de um homem". Pois também Dom Bosco teve um dia de imolar a amizade sobre o altar desse dever sobrenatural. Quando estivera em Roma em 1858, tinha-se hospedado em casa do Conde Rodolfo De Maistre e o Marquês Patrizi tinha-o conduzido muitas vezes até lá de carruagem. Ao despedir-se, o Santo agradecera muito a esses nobres senhores e convidara-os a que o honrassem com sua visita logo que tivessem uma oportunidade de ira Turim. Os dois amigos prometeram; e eis que uma bela manhã de outono aparecem no Oratório de Valdocco, de improviso. Recebe-os o clérigo

Cagliero. Este correu imediatamente a avisar a Dom Bosco o qual precisamente nesse instante estava confessando seus meninos. "Peça a esses senhores que esperem um pouco porque não posso deixar os penitentes". Passa meia hora,... uma hora... uma hora e quarenta... Quando se afastou o último penitente, levantou-se e foi atender a seus dois ilustres visitantes. Como pedido de desculpas disse apenas isto: "Peço aos senhores que não fiquem zangados comigo por esta demora. É que certos pássaros só se caçam voando. Se erra um tiro, não se sabe mais quando é que tornarão a passar ao alcance da arma".

## LUGAR DE SEU CONFESSIONÁRIO.

O ponto em que este hábil caçador de almas se punha á espreita de seus passarinhos, queremos dizer seu confessionário, foi mudado de um lugar para outro, seguindo a vida nômade do Oratório e o desenvolvimento que foi tomado a obra do Apóstolo.

Nos inícios, Dom Bosco confessava no modesto local pegado à igreja de São Francisco de Assis, onde reunia seus primeiros meninos. Depois confessou-os em cada um dos lugares para onde teve de ir transferindo seu oratório errante, expulso de todos os cantos: Refúgio de Santa Filomena, Igreja do cemitério de São Pedro in Vinculis, Igreja dos Moinhos do Dora.

Afugentado desse lugar, teve que se recolher num campo com os seus meninos, e ai seu confessionário se reduziu a uma cadeira colocada perto de uma sebe. Enquanto os meninos brincavam na relva a poucos passos, os que queriam confessar-se se agrupavam ao redor do elementaríssimo confessionário improvisado.

Depois que o Santo alugou, e finalmente comprou o telheiro do senhor Pinardi, a tal cadeira foi para lá transportada e contituiu juntamente com dois genuflexórios que lhe puseram ao lado, o tribunal de penitência dessa humilde capela até o ano de 1851.

Dessa época em diante, a igreja de São Francisco de Sales, que ele próprio edificou, lhe permitiu o luxo de um confessionário menos primitivo.

E assim se continuou até o dia em que se abriu ao culto o templo de Nossa Senhora Auxiliadora, no ano de 1868. O Santo tinha feito construir ao pé do púlpito um singelo confessionário, mas dele só se serviu durante poucos meses, porquanto aconteceu um fato que se estava mesmo prevendo: nos sábados e nas vésperas de festa o povo se apinhava ao redor do confessionário, tirando portanto ao apóstolo da juventude a possibilidade de atender a seus filhinhos espirituais. E ele teve de fugir... e refugiar-se na sacristia. E, desde esse dia até quando o peso cada vez maior de suas ocupações e de seus achaques o obrigaram a abandonar, muito a contragosto, seu trabalho predileto, viram-no sempre fielmente pontual, todas as manhãs, no seu posto de confessor.

Deixou-o lá pelo ano de 1883.E de aí por diante até o fim da vida recebeu parte de seus meninos no próprio quarto. Aliás a porta desse quarto jamais deixava de estar aberta a quem quer que o procurasse a qualquer hora do dia ou da noite.

**ATITUDE DO SANTO NO CONFESSIONÁRIO.**

**A atitude de Dom Bosco no confessionário valia por uma prédica e bastava de per si para dispor ao recolhimento.**

**Chegava com o semblante todo recolhido. Apenas entrava na sacristia, tirava o barrete, fazia lentamente o sinal da cruz e, sempre com o barrete na mão, dirigia-se para o seu lugar de confessor. Aí dirigia uma breve e fervorosa oração a Jesus no Tabernáculo e depois sentava-se para se levantar só depois de horas.**

**Por mais que se prolongassem essas horas, nunca o viram apoiar-se ao espaldar da cadeira nem mudar de posição. Contentava-se com voltar-se da esquerda par a direita e vice-versa, à medida que se iam sucedendo os penitentes. Só bem no fim da vida é que aceitou um banquinho para apoiar os pés: antes disso sempre os conservara, tanto no inverno como no verão, imóveis e bem juntinhos no pavimento frio da sacristia.**

**Ficava sentado no confessionário, em perfeito recolhimento, absorto, todo concentrado em si mesmo, como que insensível a tudo o que se passava em derredor. Os meninos podiam mexer-se, conversar e até incomodar, que ele não se movia. Alguém lhe dizia às vezes: "Por que não lhes manda fazer silêncio, Dom Bosco?" E ele respondia: "Se eu abrir a boca para ralhar com ele, tenho receio de que não tenham mais confiança no momento da confissão".**

**Não interrompia sua ocupação, senão quando percebia algum clérigo no meio dos meninos, pois nesse caso fazia-lhe sinal para que passasse na frente dos outros. Também quando percebia que era hora da comunhão, chamava a este ou aquele e lhe dizia baixinho ao ouvido: "Pode ir tranqüilo fazer a sua comunhão".**

**O Padre Francesia e o Cardeal Cagliero, de quem soubemos estes particulares, resumem a descrição nestas palavras: "Ao vê-lo tão absorto nessa tarefa, nós pensávamos: é um Santo que está trabalhando para santificar os seus filhos".**

**Depois que se despedia do último penitente, Dom Bosco se levantava devagarinho, ajoelhava-se de novo para uma breve oração. Depois, de barrete na mão, com semblante sempre recolhido, retirava-se.**

**COMO TRATAVA AS ALMAS. LIBERDADE,**
**PACIÊNCIA, CARIDADE, CONSELHOS OPORTUNOS.**

**Eis como o Santo tratava as almas no confessionário. Antes de mais nada, deixava-lhes plena liberdade, ouvindo tudo com paciência; depois respondia com palavras breves e oportunas; e da rápida confissão, o menino se retirava com a certeza de que sua alma tinha sido profundamente compreendida e amada.**

**Nos inícios, pensava como tantos outros confessores novos, que todos os seus penitentes, pelo simples fato de a ele se apresentarem, depositassem nele toda a confiança e portanto não lhe escondessem nenhum pecado grave. Mas um dia Deus o iluminou a esse respeito.**

**Recebi, uma boa lição, - contava paternalmente no pátio aos seus salesianos, - uma lição que me fez compreender como o demônio continua sempre o mesmo e eterno inimigo das almas. Por muitos anos tive a**

convicção de que meus filhos nutrissem para comigo a mais absoluta confiança.

- Pois é assim mesmo, Dom Bosco, exclamou todo o grupo que o estava ouvindo.

- Não, não é assim. Tive que me retratar. Lembram-se do cônego Belasio que lhes pregou o retiro a última vez?

- Sim, senhor.

- Pois bem. Antes de partir ele me perguntou: "Quantos confessores há aqui no instituto?"

- Confessor estável sou eu só. Mas de vez em quando convido outros sacerdotes para que me venham ajudar.

- Não, me disse então o bom sacerdote; deve convidá-los não só de vez em quando, mas todos os dias. E até é bom que uma vez ou outra Vossa Reverendíssima se ausente expressamente, para fazer com que os seus penitentes procurem outros confessores. Acredite: a santidade do sacramento lucrará com isso.

Desse dia em diante, além do Santo havia sempre outros confessores à disposição dos meninos durante as sagradas funções. O confessionário dele era evidentemente menos freqüentado do que o de Dom Bosco, mas a liberdade de consciência estava garantida.

Enquanto o penitente fazia a sua acusação, o Santo não dava jamais o mínino sinal de impaciência. E isto não só no confessionário, onde era muito natural que assim fosse, mas também fora. O menino podia voltar todos os dias, várias vezes ao dia, era sempre recebido com o mesmo sorriso paternal. Às vezes acontecia que algum escrupuloso voltasse até duas ou três vezes antes da comunhão; o Santo o acolhia como se fosse a primeira vez. Muitas vezes o penitente fazia-o parar justamente quando já ia sair da sacristia para dizer missa ou pregar; pois ele puxava o menino a um canto e num breve colóquio lhe desfazia as dúvidas da consciência. Mesmo quando a intranqüilidade não tinha nenhum fundamento, evitava dizer: "Não há absolutamente nada". Preferia tranqüiliza-lo com estas palavras: "Pode ir comungar, acredite em mim". Essa maneira tão calma, tão cheia da autoridade e tão sorridente de tratar era de uma eficácia maravilhosa para atrair as almas.

Com ele não havia dessas confissões que nunca mais acabam. Fazia poucas perguntas, o puro necessário; e se a confissão era bem explícita, nem fazia pergunta nenhuma. Como exortação dizia apenas umas três ou quatro frases, as mais apropriadas e oportunas. Essa brevidade causava admiração a mais de um que se habituara a ouvir longos conselhos no fim da confissão. Em 1867, quando esteve em Roma pela segunda vez, confessou muitas senhoras da mais alta sociedade. Pois foi grande o espanto para não dizer o escândalo dessas pessoas. Uma declarou um dia ao Padre Francesia que estava acompanhando o Santo:

- Veja o senhor. Nós estamos habituadas a sistemas bem diferentes deste. Em geral nosso confessor arma-se de paciência e não só nos ouve por longo tempo, mas ainda nos recompensa com muitas considerações piedosas. Dom Bosco pelo contrário nos despacha em poucos minutos.

- Mas qual é a impressão que a senhora tem do que ele diz?

- Oh! É esplêndido, muito esplêndido! É de uma oportunidade sem

igual... mas é outro sistema.

Tal modo de agir era fruto do espírito de observação do Santo. Ele bem sabia que a atenção do menino e mesmo do adulto não dura muito tempo; portanto, se a gente diz muita coisa, entram por um ouvido e saem pelo outro. Um dia manifestou num modo pitoresco sua teoria a este respeito: "Que é que o penitente pretende receber no tribunal da penitência? Apenas uma receita. Se quisesse um sermão iria colocar-se ao pé do púlpito. No confessionário dão-se receitas breves, claras e eficazes. Se não tiver estas qualidades, a receita ficará logo esquecida: e isso é um grande mal, porque as receitas são feitas para se aplicarem às doenças e sem demora".

Essas poucas frases iam certas à enfermidade espiritual e lhe davam o conveniente remédio. De sorte que cada penitente se reerguia do confessionário admiravelmente tranqüilo.

Procuramos ouvir a vários dele que hoje são quase setuagenários: Pois o testemunho é plenamente concorde. "Aquele breves conselhos, atestam ele, dava-os Dom Bosco num tom de autoridade tão grave e tão doce ao mesmo tempo que desciam direto ao coração e aí derramavam o bálsamo da paz. Muitas vezes terminava-os com esta recomendação: faça o que Dom Bosco está dizendo e fique tranqüilo. Mas nem era necessário que ele nos dissesse isso. O seu próprio semblante nos falava e nos revelava a nós mesmos o que éramos. Era realmente um médico hábil que descobria a enfermidade, marcava o remédio e infundia a coragem para o tratamento. Bastava o modo como nos dizia: tenha coragem! para nos comover. Que Pai que ele era! O mais misericordioso, o mais paciente, o mais atencioso, sempre disposto a recomeçar sem se cansar jamais".

Um de seus penitentes, o menino Cagliero - que mais tarde se ia tornar sacerdote, bispo, arcebispo e Cardeal, resumiu nestas linhas a impressão que se levava desses contatos espirituais: "No confessionário não havia outro igual. Sua bondade se mostrava constante e admirável. Acorriam todos a ele porque ele atraía com sua doçura e sua caridade pacientes. Mais indulgente que severo sabia suscitar em nossos corações a mais completa confiança na misericórdia divina e ao mesmo tempo o salutar temor de Deus".

Numa palavra, este Santo sacerdote, vivendo exclusivamente para seu Mestre, tinha feito do confessionário um campo fechado dentro do qual chamava dia a dia as almas para a luta contra o mal, restaurava nelas o reino de Deus e as defendia a cada passo com as únicas armas que conseguem dominar o coração dos homens: a bondade que se sacrifica e a caridade que atormenta as almas impelindo-as a trabalhar para a glória de Deus.

## COM OS REINCIDENTES, OS ESCANDALOSOS, OS TENTADOS E OS INSINCEROS.

Para curar certas doenças espirituais bem caracterizadas, sua ciência de confessor sabia aplicar um tratamento admirável ao mesmo tempo na doutrina, na psicologia, na bondade misericordiosa. Vamos ver por exemplo como se comportava com os penitentes recidivos. Como regra, absolvia-os quase sempre, enfileirando-se com este modo de agir ao lado dos moralistas mais compassivos e talvez mais inteligentes, pois são os que não separam o pecado das múltiplas causas internas e externas que os provocaram, favoreceram, estimularam. O que exigia desses escravos do pecado, como prova de arrependimento sincero e de desejo de emenda, era somente a promessa

de voltar freqüentemente. - "Amas de verdade a tua alma? era a sua pergunta. Amas, não é? pois então volta a confessar-te de aqui a uns dias". Que sábio que era o seu modo de proceder! Pois é coisa para admirar que o menino, especialmente um aprendiz, um operário, recaia num pecado já cometido? Lembremo-nos de que o Evangelho fala da contra-ofensiva diabólica que se segue a uma conversão. Lá está escrito que o demônio volta a assaltar o coração purificado, com sete espíritos piores que ele! Sete espíritos malignos contra uma pobre criatura humana! É mesmo preciso ter dó das almas que recaem em pecado e não se admirar nunca de que voltem a confessá-lo.

Com os meninos que se achavam expostos a ocasião próxima de pecado ou que a ela se expunham voluntariamente, seu procedimento era bem diverso, e agia com uma firmeza rara. Se a ocasião era de tal natureza que necessitasse a intervenção de um chefe de secção ou de um superior para afastá-la, Dom Bosco fazia com que o penitente pedisse tal intervenção, ao menos por escrito. Se dependia apenas do próprio penitente, então exigia imperiosamente a promessa de fazê-lo e a absolvição era condicionada a esta promessa.

Um dia, os alunos melhores do Santo tinham persuadido um dos pedreiros que trabalhavam numa obra vizinha a ir confessar-se com Dom Bosco para voltar ao bom caminho abandonado fazia uns cinco anos. Os companheiros de trabalho maravilharam-se ao vê-lo voltar com a cabeça baixa e com ar enleado.

- Que aconteceu? - perguntaram-lhe. Não gostou da confissão?

- Gostei e não gostei. Dom Bosco me disse: "Antes de tudo é preciso fugir de tal ocasião de pecado. Depois disso, mas só depois disso, é que poderemos falar do resto". Ele tem razão, não há dúvida nenhuma. Mas eu não sei se vou ter coragem de fazer o que ele me mandou.

Quando o Santo se encontrava diante de um menino ou de um rapaz cuja conduta, palavras e exemplos eram perniciosos aos companheiros, usava de paciência por um pouco de tempo. Mas se o penitente perseverava em sua obra maléfica, ele lhe pedia e até suplicava que deixasse o Oratório. Para isso ensinava o modo de criar uma ocasião aparentemente natural que justificasse a saída sem causar admiração nos demais.

O Padre Francesia conta a esse respeito o seguinte fato: Quando se tratou de erigir uma estátua a Dom Bosco em sua própria terra natal, um dos membros mais ativos da comissão era um ex-aluno do Oratório. esse ex-aluno, entretanto, até essa época não tinha mostrado muita simpatia para com a memória de seu antigo mestre, de sorte que o Padre Francesia se congratulava com ele por essa mudança. Então ele explicou: Não estranhe, Padre. Agora é que eu compreendi quanto bem me queria Dom Bosco. Quem dos senhores poderia suspeitar que eu mereci umas dez vezes ser expulso? Mas Dom Bosco deu uma arrumação tão boa que minha saída pareceu a coisa mais natural do mundo. Deixei o Oratório para ficar numa pensão vizinha e assim pude terminar tranqüilamente os meus estudos. Nessa ocasião não percebi o grande favor que me fazia Dom Bosco, mas à medida que os anos foram passando fui compreendendo cada vez melhor e agora procuro demonstrar o meu agradecimento.

O caso que acontecia mais freqüentemente era o que ele chamava de menino em poder do demônio mudo, isto é, do menino que se envergonhava do próprio pecado e não tinha coragem de confessá-lo.

"Sei de ciência certa, - dizia muitas vezes a seus filhos - que o demônio causa estragos terríveis nas almas de nossos meninos inspirando-lhes vergonha dos pecados cometidos".

"Nos inícios de meu ministério - disse outra vez - tinha convicção de que era dono do coração de meus pequenos penitentes. Acabei por mudar de opinião. Quantas vezes me tive que convencer que o demônio mudo mos tinha arrebatado! - Que fazer então? Rezar, exortar os meninos a terem a máxima confiança no confessor e depois... esperar que Nosso Senhor lhes ilumine a mente e conforte o coração".

Noutra circunstância chegou a dizer

"Dá pena ver o estado de consciência em que se encontram nove décimos de nossos meninos! E não há remédio. Por mais que usemos todos os meios para tornar fácil fazer boas confissões, é tudo inútil. Quando um menino tem a desgraça de esconder um pecado no coração, todos os remédios se mostram impotentes. Festas religiosas, retiro mensal, retiro anual, mortes repentinas de companheiros, nada consegue descoser os lábios desse infeliz".

"Quantas vezes, - afirmou noutra ocasião, - interrogando com muito jeito o meu penitente, vinha a descobrir que me estava escondendo um pecado havia mais de um ano! À minha pergunta cheia de surpresa, respondia infalivelmente: - Que se há de fazer! Faltava-me coragem!"

Para remediar esse mal e para derrotar o demônio mudo, o Santo convidava freqüentemente confessores extraordinários, aumentava os confessores ordinários, industriava-se de mil maneiras a fim de conseguir que as consciências se abrissem. Mais de uma vez aconteceu-lhe aconselhar um menino que lhe estava ajoelhado aos pés: "Olhe, é melhor que você vá confessar suas faltas a outro confessor. E seja sincero com ele; diga-lhe tudo direitinho!"

No mais das vezes, quando o penitente terminava a acusação dos pecados, o Santo lhe perguntava: "Não tem mais nada que lhe pese na consciência?" E essa simples frase sussurrada em tom afetuoso, como que sacudia todo o indivíduo, - dizia um dia um dos meninos - e muitas vezes saía então dos lábios do penitente a confissão de uma falta que ele estava para ocultar.

Uma vez um de seus padres ia sair para pregar uma missão e lhe perguntou ao se despedir

- Que é que o senhor pensa, Dom Bosco, do que diz São Leonardo de Porto Maurício, que "se tivesse de pregar vinte vezes sobre o sacramento da penitência pregaria vinte e uma sobre a sinceridade da confissão?"

- Aprovo plenamente, respondeu o bom pai.

- Mas, então, se esse é um mal tão espalhado, como é que devemos fazer?

- Ora! Que é que faz Dom Bosco? Vai para o confessionário, ajuda da melhor maneira possível aos penitentes para que sejam sinceros, completos, e depois deixa que Nosso Senhor faça o resto. É ele, é sua graça, que deve fazer falar os mudos e torná-los dignos de produzir frutos de penitência.

## MAS, HÁ OVELHAS QUE FOGEM DO APRISCO.

Essa nota de abandono nos braços da misericórdia divina reforçada até por

uma tinta de melancolia dolorosa vibrava-lhe ainda na voz quando falava aos salesianos dei maus resultados - aparentes ou reais - que o zelo sacerdotal colhia muitas vezes no exercício deste ministério. "Não é raro - dizia ele - o caso de um menino que, graças aos cuidados do confessor, ajudado pela graça de Deus, conserva a inocência batismal, e guarda no coração o ódio ao pecado, o amor de Deus e o pensamento da própria salvação". E de fato, atesta um sobrevivente daquela época, esse espetáculo era bem freqüente.

Mas... existia também o espetáculo oposto, o do menino que ontem era fervoroso e fiel aos deveres e que hoje se transforma em anjo das trevas.

- É coisa que desanima, dizíamos nós então a Dom Bosco, ver destruído num minuto o fruto de semanas, meses e anos de trabalho!

- Que se há de fazer? nos respondia ele, num tom que bem demonstrava estar pertinho das lágrimas. A nós cabe o sacrifício, o trabalho e o cansaço; a Deus, a salvação dessas almas. Ele nos pede a aplicação de um remédio, não a cura, como diz São Bernardo.

Noutras circunstâncias, a essa tristeza resignada se juntava ainda a inquietude que lhe causava na alma a sorte dos desventurados que de propósito fugiam dos benefícios do perdão divino.

- Agora que vejo com um pouco mais de experiência - confessava-lhe um de seus filhos espirituais - é que compreendo de quantos perigos consegui afastar-me na minha juventude pela graça de Deus e com o auxílio de V. Rev.ma. Agora é que percebo claramente como é difícil a arte de dirigir os jovens pelo caminho da piedade e do dever. Quanta ciência é preciso!

- Tens razão, respondeu-lhe Dom Bosco. É uma arte bem difícil. Pois muitas vezes desaba um temporal e atira por terra o fruto de anos e anos de fadigas. E Oxalá fosse só ver nosso trabalho aniquilado! Paciência! Mas o pior, infelizmente, é que muitas vezes esses infelizes nunca mais se deixam apanhar.

E no dizer isso, uma lágrima lhe brilhava nos cílios.

Era a dor pungente do bom pastor que - deixava todo o rebanho para correr em busca da ovelhinha tresmalhada e, não só voltava tarde sem o doce peso nos ombros, mas tremia ainda ao pensar que dentro das trevas da noite algum animal feroz havia de devorá-la!

## AS LIÇÕES DE MORAL E A CASUÍSTICA DO PADRE CAFASSO.

Em que fonte bebera Dom Bosco a ciência do confessionário, isto é, essa arte simples e sábia ao mesmo tempo, de arrancar o segredo de uma consciência, iluminá-la e infundir-lhe energia? Ei-lo: antes de tudo ele teve a felicidade de ter como professor de casuística um mestre incomparável.

Logo depois de ordenado sacerdote, entrou como narramos no capítulo segundo, no Pensionato Eclesiástico de Turim, Instituto fundado poucos anos antes, com o fim de ministrar aos sacerdotes novos um sólido complemento de estudos teológicos. Cultivavam-se aí com especial esmero a teologia moral, a pastoral e a casuística.

No tempo em que nosso Santo freqüentou essas lições ocupava a cátedra o Padre José Cafasso. As aulas eram dadas de manhã, e acorriam a elas não só os alunos do Pensionato Eclesiástico - cerca de setenta -, mas também outros sacerdotes da cidade. Eram portanto uma centena os ouvintes que o Padre Cafasso encontrava reunidos, apinhados nas salas das conferências, quando lá entrava às nove horas precisamente. Seu método era dos mais simples. Começava-se com a leitura de uma página do texto da teologia moral. Em seguida, para fazer penetrar bem na mente de todos a substância da matéria de que se tratava, o professor apresentava uma série de casos relativos ao assunto considerado debaixo de todos os seus aspectos. Vários alunos, escolhidos no acaso, eram convidados a resolvê-los. Depois de terem manifestado seu modo de ver, o Padre Cafasso repetia-lhes os argumentos, para completá-los, ou para refutá-los ou então para conciliar os pontos de vista opostos. No fim dava a solução e a dava com tanta clareza e tal precisão de doutrina que todas as mentes se inclinavam satisfeitas.

"Seu modo de resolver os casos mais espinhosos - notava o próprio Dom Bosco - distinguia-se singularmente pela clareza, precisão e rapidez. Resolvia as dúvidas e dificuldades mais inextricáveis com uma facilidade que assombrava. Bastava enunciar-lhe um caso qualquer para que ele o penetrasse em todas as suas minudências. Recolhia-se então por uns instantes, erguia o coração a Deus e improvisava uma solução tão exata que nem uma longa reflexão poderia dar outra melhor".

Para poder ensinar com essa precisão e quase rigidez, valiam-lhe a rica experiência e a inteligência viva e amável. O Padre Cafasso confessava em todas as classes da Sociedade. Tanto a aristocracia como os condenados à morte, eram seus clientes costumeiros. Além disso, tinha que entrar em ambientes de todas as categorias: prisões, salas particulares de hospitais, casas de mulheres penitentes. Essas múltiplas relações ofereciam-lhe preciosa documentação de que se servia no magistério. Durante a aula não desdenhava nem o episódio gracioso, nem a argúcia, nem o quadro pitoresco de uma cena de rua, contanto que servisse para repousar o espírito ou para reavivar a atenção. Era um mestre encantador esse homem pequenino e corcunda! E não se contentava de iluminar, senão que procurava também aquecer. Derramava nas almas de seus ouvintes, juntamente com a doutrina, a compaixão que sente dó do pecador, o zelo que inflama no desejo de convertê-lo, a bondade que tem o privilégio de descobrir o caminho dos corações, o espírito de oração que provoca a colaboração divina, sem a qual nada se faz a favor das almas dominadas pela tirania do pecado.

## LIÇÕES PRÁTICAS PARA O CONFESSOR.

Nosso Santo a quem devemos todas estas lembranças, nota, ainda mais que o ensino de Cafasso se revelava essencialmente prático. Não só ensinava a seus ouvintes a ciência do confessor, mas lhes comunicava também a arte de confessar. Seus conselhos nesta matéria desciam aos mais humildes pormenores, até o tom de voz, o modo de fazer as perguntas e de sugerir um conselho, os meios de arrancar uma confissão na qual o penitente pretendesse calar. Esta técnica do confessionário gostava o Padre Cafasso de fazê-la brotar de confissões simuladas, nas quais um aluno fazia de penitente e outro de confessor.: E agradavam tanto a Dom Bosco essas lições de moral aplicada e lhe pareciam tão úteis para o ministério que, atirado já na vida apostólica não deixava de aproveitar todas as segundas feiras - ocasião em que ia confessar-se com o Padre Cafasso - para se introduzir sorrateiramente entre seus alunos, como simples ouvinte. Porém

o mestre não tardava em descobri-lo no meio da classe; e, lembrando-se da 'esplêndida figura que ele fizera outrora como aluno ou como repetidor, comprazia-se em se servir dessa jovem mas sólida experiência para inculcar a seus discípulos a arte de confessar a juventude. Ordinariamente pedia-lhe que fizesse o papel de penitente, e o Santo com perfeita naturalidade revestia-se da alma de um servente de pedreiro, ou de um limpa-chaminés, ou de um varredor de rua. Dir-se-ia, ao ouvir o suposto penitente contar suas embrulhadazinhas, que se tratava de um pecador de verdade a contar seus pecados.

As vezes acontecia que o sacerdote que fazia de confessor se exaltava um pouco por excesso de zelo, ou se mostrava escandalizado, ou ainda repreendia o menino, mal este acusava os primeiros pecados. Então Dom Bosco ou antes o pequeno limpa-chaminés, fechava a boca, baixava a cabeça e não falava mais. O confessor insistia com voz mais doce. Nada! O menino continuava em silêncio. Então intervinha o Padre Cafasso e se dirigia ao confessor:

- Esse seu modo de agir não dá certo, meu amigo. O tom de sua voz tirou toda a confiança do menino.

Depois se voltava para Dom Bosco:

- Vamos, meu caro! Crie coragem. Você ainda tem alguma coisa no coração, não é mesmo? Diga com toda a sinceridade. Você fez isto e isto, não é verdade? Não tenha medo de responder.

- Sim senhor, respondia timidamente Dom Bosco.

E o Padre Cafasso com ternuras sempre mais afetuosas insistia docemente

- Você está aqui, meu caro, para ficar com a consciência livre de tudo e poder voltar para casa perdoado e contente. Pense bem: quem sabe se alguma vez você não cometeu este pecado?

Dom Bosco então, erguendo a fronte tranqüilizada e fitando afetuosamente o Padre Cafasso, respondia: - Sim, cometi este pecado e também este outro e mais este também. O senhor sim, que me sabe fazer dizer tudo o que tenho no coração. Mas aquele outro padre -e apontava o primeiro confessor - me fez ficar com tanta vergonha que eu não seria capaz nunca de terminar minha confissão.

## NA ESCOLA VIVA DA EXPERIÊNCIA.

O papel tão ativo que o Santo desempenhava nas lições do mestre, fazia do simples ouvinte não um aluno mas um colaborador genial. Mais um passo e também ele seria mestre. E isso se deu muito depressa. Sua fama já ultrapassara as paredes do Pensionato Eclesiástico. Diretor de um Oratório que o tornava assunto de muitas conversas, aluno distinto de Cafasso, viu logo reunirem-se em seu derredor alguns ouvintes dessas lições, como também alguns antigos colegas de seminário mais moços que ele. A esse primeiro núcleo uniram-se coadjutores de várias paróquias da cidade e dos arredores que tinham freqüentado o célebre curso de casuística. Era o ano de 1848. O espírito revolucionário que soprava por toda a parte tinha-se infiltrado por meio dos ouvintes externos até dentro do Pensionato Eclesiástico; e por isso o Padre Cafasso tinha resolvido não admitir mais externos. E então Dom Bosco reunia os elementos não contaminados daquele grupo de sacerdotes novos, que desejavam

ter aulas para poderem garantir o êxito dos exames chamados "de confissão". Cafasso, a quem o Santo pediu conselho, encorajou-o a arcar com mais esta tarefa suplementar. E ele executou pelo espaço de sete anos, com plena satisfação dos discípulos, aos quais não só comunicava a ciência, mas. também seu amor para com o ministério das confissões e o fervor com que se consagrava à juventude.

Como é sabido, a melhor maneira de aprender uma ciência é ter que ensiná-la. Esta escola de casuística imposta pelas circunstâncias, obrigou o Santo a penetrar-lhe sempre mais os princípios e as múltiplas aplicações, de sorte que sua competência se tornou ainda maior.

Dessa maneira, o jovem mestre teve a dita de formar toda uma geração de sacerdotes que, ao contrário do que se dera na geração precedente, gostavam de ouvir a juventude no tribunal da penitência e sabiam animá-la, mantê-la no caminho da virtude e reconduzi-la, se fosse o caso, a esse mesmo caminho.

Dom Bosco estava tão persuadido das vantagens tiradas dessa dupla escola, que um dia, interrogado sobre um caso de consciência, tido como de solução complicada, conclui após tê-lo resolvido elegantemente: "Pois então pensavas que um velho aluno, ou melhor um suplente, do Padre Cafasso não fosse capaz de sair de dificuldades como essa?"

Assim falava aí pelo ano de 1880, quando já podia até acrescentar: "Nem o caso de consciência mais complicado pode causar medo a um veterano do confessionário como eu". Afinal quarenta e cinco anos de confessionário e da maneira como ele o ocupou valem bem para alguma coisa!

Confessou em todos os ambientes. Sua clientela ordinária naturalmente era formada de meninos e moços. Mas a quem é que ele não confessou nas suas infinitas audiências cotidianas da manhã ou nas suas continuas viagens? Todas as profissões, todas as idades da vida, todas as condições sociais, se ajoelharam a seus pés. Políticos, militares, diplomatas, homens de negócio, eclesiásticos, iam derramar seus corações no dele e voltavam iluminados, fortificados, perdoados. . . Quem saberá dizer os milhares de frontes que se ergueram de seu confessionário, aliviadas e absolvidas, os milhares de corações que ali encontraram força e consolação, os milhares de vontades que se levantaram decididas para a luta e prontas a combater o mal! À força de malhar ferro o homem fica ferreiro, diz um provérbio francês. E São João Bosco, à força de confessar, adquiriu aquela longa experiência de almas que atraía tanta gente a seu confessionário.

Um dia, certos admiradores de Paulo Bourget se mostravam extasiados, diante de seu profundo conhecimento do coração humano. O ilustre escritor respondeu: "Mas que vale minha experiência em confronto com a de um sacerdote que ouve confissões? Na minha vida de romancista ouvi um milhar de confidências mais ou menos acomodadas, de homens e de mulheres; mas que é isto comparado com milhares de confissões sem reticências e sem desculpas que se derramam nos ouvidos de um ministro de Deus?"

Bem justa a reflexão!

A ciência e a experiência do Padre Cafasso provinham de aí, principalmente de ai. E o mesmo se diga de seu ilustre discípulo. A bondade no acolher o penitente, a precisão no interrogá-lo, a brevidade no resolver os casos mais intrincados, a maneira de tocar com poucas palavras cordiais a alma do pecador, a prudência no indicar o remédio, todo esse conjunto de dotes não comuns que fazem de Dom Bosco um confessor perfeito, podemos dizer que era o prêmio bem merecido ao Santo que por tão longo

tempo exercera a prática do confessionário.

## CAPÍTULO XV

## AS PROVAÇÕES

Índice

A PREDIÇÃO DE MAMÃE MARGARIDA.

FILHOS SEUS QUE O ABANDONAM.

VISITA DA POLICIA AO ORATÓRIO.

MAIS UMA BUSCA.

PARA CONSEGUIR O PÃO DE CADA DIA.

A PROVIDÊNCIA INTERVÉM PORTENTOSAMENTE.

## CAPÍTULO XV

## AS PROVAÇÕES

### A PREDIÇÃO DE MAMÃE MARGARIDA.

Lembram-se ainda todos certamente das palavras que a Mãe de Dom Bosco lhe disse no dia em que o Santo celebrou pela primeira vez em Castelnuovo : "Recorda-te sempre, meu filho: começar a dizer missa é começar a sofrer". A vida inteira de São João Bosco, justificou fielmente essa profunda observação. Dos sofrimentos comuns a todos os homens teve seu quinhão e bem abundante. Ficou órfão aos dois anos; passou a primeira infância na mais dura pobreza; na juventude encontrou a cada passo o obstáculo que o colocava fora do caminho que era o seu; em Chieri levou a vida de estudante pobre com todas as relativas privações e fadigas. Finalmente chegou a ser padre. E então as provações se multiplicaram. Expulsam-no de todos os lugares, a Marquesa Bajulo despede-o, os amigos duvidam da integridade de suas faculdades mentais, a autoridade o atormenta, a miséria se instala em sua casa, e a doença obriga-o a afastar-se por seis meses de sua família adotiva. Estamos apenas no começo de sua existência, e já sofreu como pouca gente no mundo. Amanhã terá que pagar com um aumento de sofrimentos a consolidação de sua obra, a rapidez de sua difusão, o bom êxito de suas iniciativas. A mãe lhe irá morrer bem cedo, seus auxiliares das primeiras horas irão abandoná-lo um após outro, suas primeiras construções desmoronarão, continuará a faltar-lhe dinheiro, e terá que ver suas iniciativas rodeadas de descrédito. Mais tarde virão as fadigas inerentes a esta tarefa sobre-humana, as ingratidões, a deserção de alguns de seus filhos, trinta anos de esforços obstinados para obter de Roma o reconhecimento definitivo da Congregação e mil outros aborrecimentos que os melhores dentre seus discípulos mal podem condividir com ele. Por toda a vida a dor lhe foi companheira tão fiel quanto cruel; deixou-o bem raras vezes; e em certos momentos encarniçou-se contra ele com um furor

tão intransigente que nos deixaria desconcertados se não soubéssemos que os preferidos de Cristo Nosso Senhor são também os que mais intimamente participam de sua paixão.

## FILHOS SEUS QUE O ABANDONAM.

Quanto sofreu por exemplo ao ver-se abandonado por alguns de seus filhos. E eram aquele em quem tinha depositado as melhores esperanças! Pesquisando as origens das duas congregações que ele fundou, surpreende-nos ver o material tão inferior de que se serviu para os alicerces. E como pode ficar de pé um edifício erguido sobre bases tão frágeis? Essa é ,a pergunta da prudência do mundo. Mas Dom Bosco fiel a seu principio de apostolado caminhava para a frente com os meios e os homens de que dispunha; fazia o bem sempre que podia fazer, e da maneira como podia; fazia fogo com a lenha que tinha. É porém necessário confessar lealmente que Deus lhe mandara desde o início alguns elementos de primeira ordem: Rua, Albera, Cerrutti, Francesia, Bonetti, Durando, Fagnano e outros muitos. Esses lhe permaneceram fiéis até o fim. Mas houve outros, de inteligência não menos brilhante, de virtude aparentemente sólida, chamados sem dúvida a segui-lo e a se tornarem colunas da grande obra que nascia, os quais no entanto, por motivos nem sempre claros, o abandonaram um dia. Não falemos de ex-alunos que atraiçoaram o mestre e passaram para o campo adversário; falamos de filhos da primeira hora, por ele nutridos, educados e instruídos, para serem seus colaboradores, e que foram empregar toda essa bagagem de ciência e de educação moral no campo do magistério oficial ou nas dioceses de onde eram provenientes. Para alguns desses Dom Bosco tinha realizado verdadeiros sacrifícios; não só os havia educado gratuitamente mas lhes tinha ainda mais tarde proporcionado a facilidade e os meios financeiros necessários para inscrevê-los nos cursos universitários e assim permitir-lhes a consecução de uma ou até duas laureas. Ele pensava assim: amanhã estes jovens me prestarão ótimos serviços dirigindo minhas casas ou ensinando nos cursos superiores de humanidades. Porém, infelizmente, mais de um dele se deixou seduzir pelo mundo ou por promessas de um futuro mais brilhante; alguns chegaram até a dizer - naturalmente depois de tirar a laurea - que em casa de Dom Bosco se passava mal, tanto na mesa como no que se referia a vestuário e em tudo o mais; outros não souberam corrigir no próprio caráter o que era nocivo à harmonia geral; todos ele enfim tiveram pouca ou nenhuma confiança no seu mestre e na duração de sua obra, e por isso o abandonaram. Coisas que se explicam entre os homens. Mas não era nada belo. E para Dom Bosco foi muito doloroso.

Apesar disso, em, todos esses casos de deserção, o Santo cujo olhar via muitas vezes para além dos acontecimentos, preocupava-se tão somente com o futuro desses moços.

- Vejam só o que ganhou nosso colega, o clérigo D. . . dizia um dia no fim de dezembro de 1862, na presença de Dom Bosco, um assistente do Oratório. Uma fistula na boca. Eis a sorte que teve.

- Qual é a opinião do médico? perguntou Dom Bosco.

- Disse o que acabo de dizer. Mas assim mesmo lhe deu licença de entrar para os Capuchinhos. O senhor acha que essa doença irá piorar?

- Sem dúvida. D . . . quer seguir seus caprichos. Mas não vai dar certo.

- Por que?

**- Você sabe como é que ele conseguiu entrar para os Capuchinhos?**

**- Muito por alto.**

**- Pois foi assim. Há tempo ele tinha feito pedido para ser aceito aqui. Eu o tinha admitido e ele se fizera salesiano. Tudo correu muito bem nos primeiros anos. Arranjei até uma pessoa que assumia a responsabilidade de todas as despesas de seus estudos e prometeu ainda constituir-lhe nas vésperas da ordenação o patrimônio eclesiástico. Um dia mudou de repente. Certificou-se de que a proteção prometida não lhe faltaria em nenhuma hipótese e então manifestou o desejo de nos deixar. Procurei fazê-lo desistir do infeliz projeto. Servi-me de seus amigos, especialmente de Cagliero, para persuadi-lo de que Deus o castigaria por sua ingratidão. Tudo inútil. Obstinou-se na sua idéia. Foi então que lhe veio essa molesta infecção ganglionar que se manifestou num verdadeiro colar de abscessos. Sofreu todo o outono de 1861 e o inverno de 1862. Nessa ocasião veio visitar-me mais de uma vez; e numa delas, lembro-me bem, perguntou-me se abandonando a idéia de sair do Oratório ficaria curado. Eu lhe respondi: "Volta ao caminho ao qual Deus te chama e te prometo que dentro de uma semana estarás curado". Seguiu o meu conselho e dentro de oito dias a supuração cessou: a doença tinha desaparecido. Por uns meses correu tudo bem. Mas depois, a saúde recuperada lhe fez esquecer a promessa e voltou a seus planos. Então a inflamação das glândulas recomeçou mais aguda que antes e nunca mais parou; até em sua casa e no seminário de Brá não o deixaram as desagradáveis escrófulas. Agora tu me estás dizendo que a doença se agravou e que há ameaça de uma fístula. Pois a notícia não me surpreende.**

**- O senhor acha que ele irá acabar mal?**

**- Isso não, absolutamente. Pois é um bom rapaz.**

**- Mas quem sabe se Deus não se cansará, e ele não acabará sendo um mau padre?**

**- Ah! Isso não, nunca.**

**- Mas nem irá deixar a batina?**

**- Não.**

**- Então vai morrer?**

**- O silêncio de Dom Bosco fez compreender que esta desgraça lhe iria poupar muitas outras.**

**O desertor tornou-se sacerdote, professor de teologia moral, pároco e, sempre de conduta exemplar. Mas morreu ainda moço, vitimado por uma tuberculose cujas primeiras manifestações estavam precisamente naquela infecção escrofulosa.**

## VISITA DA POLICIA AO ORATÓRIO.

**Enquanto a provação sacudia assim violentamente a árvore da Congregação atirando por terra mais de um fruto prometedor, também a calúnia veio desencadear-se sobre ela, tentando destruir a fama de que gozava perante o público. Duas perquisições brutais foram levadas a efeito no Oratório no**

fim da primavera de 1860, na época em que o curso secundário já superava o número de trezentos alunos. Os elementos que tinham bastado para alarmar os poderes públicos consistiam num breve em que Pio IX agradecia a Dom Bosco uma sua carta cheia de afeto e de noticias religiosas, e num bilhete apreendido no qual o Arcebispo de Turim, exilado em Lião, lhe perguntava qual o meio mais seguro para lhe fazer chegar às mãos uma circular confidencial destinada aos párocos da Arquidiocese. Aos olhos do Governo, o Oratório era um foco de conspiração. De lá partia uma correspondência clandestina para informar o Papa de tudo o que a revolução tramava; lá se inculcavam a toda uma geração de jovens os princípios reacionários; e naquele muros se escondiam armas e munições para um movimento subversivo!

Inexaurível fecundidade da fantasia sectária! O resultado dessas calúnias foi um mandato de perquisição, firmado por Farini, Mnistro do Interior. No dia 26 de maio, véspera de Pentecostes, pouco depois do meio-dia, quando Dom Bosco, ao terminar o recreio dos meninos, se dirigia para seu escritório, o Oratório foi invadido por um bando de policiais. Enquanto alguns tomavam conta da saída, os demais penetraram em casa e iam observando os menores movimentos do pessoal secundando as ordens de seus chefes. Estes intimaram a Dom Bosco a ordem de busca de que tinham recebido encargo.

- Queiram ter a bondade de me mostrar a ordem por escrito, disse o Santo com a maior gentileza; do contrário não poderia deixá-los entrar nestes locais embora com meu grande pesar.

- Veremos! respondeu um dos policiais em tom de ameaça.

- Como! redarguiu Dom Bosco. O senhor se atreveria a fazer uso da força? Olhe que eu sou um simples cidadão, mas, de acordo com a Constituição do país, meu domicílio é inviolável. Enquanto o senhor não me apresentar provas de que é enviado pela Autoridade, eu me oporei à busca e me reservo todos os direitos.

Tiveram que atender a esse pedido tão legitimo. Um dos agentes correu até o Ministério para buscar o mandato, o qual atingia também o Padre Cafasso, o Conde Cays, seu ótimo amigo e presidente das conferências de S. Vicente de Paulo em Turim, e mais um sacerdote. Contra os quatro havia suspeitas de relações comprometedoras com os Jesuítas, que tinham sido mandados ao exílio, com o Arcebispo Mons. Franzoni, e com a Cúria Romana. Encontradas provas seguras de culpabilidade, devia-se efetuar a prisão dele. E a perquisição começou. Mal chegara Dom Bosco a seu quarto, foi revistado da cabeça aos pés sem o mínimo respeito, tanto que num dado momento, comentou com um texto da Escritura os extremos a que estavam chegando no torturar-lhe a paciência inesgotável: "Et cum sceleratis reputatus est".

- Que é que o senhor está dizendo? interrogou o policial.

- Estou dizendo que os ''senhores me estão prestando o mesmo serviço que um dia foi prestado a Nosso Senhor.

Depois dessa revista em regra, passaram a examinar os móveis dos dois aposentos. Foram esquadrinhados minuciosamente. O cesto de papeis foi o que mais atraiu a atenção dos agentes: porém não chegaram naturalmente a descobrir o famoso corpo de delito. Finalmente, achando-se já todos irritados pelo êxito infeliz das pesquisas o chefe disse ao Santo

- Vamos! Não nos faça mais perder tempo. Entreguemos os papéis.

**- Que papéis?**

**- Ora! os que nos interessam.**

**- Mas não posso dar-lhes o que não tenho.**

**- O senhor não tem nenhum papel, em que se trate de suas relações com os jesuítas, com o Arcebispo e com o Papa?**

**- Pois estou-lhe dizendo que não tenho nada. Se não acredita em mim, deixe-me em paz. Escute, o senhor me acha com cara de tolo?**

**- Evidentemente que não!**

**- E como é que o senhor supõe então que eu iria conservar em meu poder, em dias como estes que correm, papéis desse gênero a que se refere? Se eu os possuísse, a estas horas já os teria destruído ou escondido em lugar seguro. E agora, se quiser, continue suas pesquisas, porque eu não tenho mais tempo a perder.**

**E sentou-se para escrever algumas cartas. Apenas terminava cada uma delas, um dos policiais tomava-a nas mãos para examiná-la, enquanto os outros continuavam a pesquisa. A certa altura julgaram ter descoberto o corpo do delito. Pois, ao remexer num grande cofre, descobriram uma fechadura fechada com dois giros de chave.**

**- Que é isto aqui?**

**- Isto é um segredo, disse Dom Bosco com o ar mais sério do mundo.**

**- Segredo ou não, temos que abrir.**

**- Sinto muito mas não posso abrir. Cada um tem o direito de esconder certos documentos dos quais possa resultar algum descrédito para si ou para sua família. Peço-lhes portanto que não insistam.**

**- Abra senão arrombamos a fechadura.**

**- Nesse caso eu abro, mas protesto mais uma vez em nome de minha honra.**

**Da misteriosa gaveta saiu um maço de faturas, pelas quais o policial ficou sabendo que Dom Bosco devia 7.000 francos ao padeiro Magra, 2.150 ao curtume que fornecia couro à oficina de sapataria do Oratório, e assim por diante. Era o passivo do pobre Dom Bosco : faturas de arroz, de óleo, de macarrão e outras.**

**Os agentes, bastante embaraçados, olhavam para Dom Bosco e este não se movia. Já estavas cansado de suas visitas mas conservava inalterado o ar de vítima. A tragédia estava ameaçando terminar em comédia.**

**Entre os papéis foi encontrado o texto original do breve de Pio IX. Os homens queriam levá-los, mas Dom Bosco se opôs.**

**- É um original! Não posso desfazer-me dele!**

**- Justamente por ser original...**

**- Mas para os senhores não dá na mesma eu oferecer-lhes uma cópia fiel? Pois levem isto. E lhes ofereceu o penúltimo número das Leituras Católicas.**

**- Mas isto é italiano, objetou um agente.**

**- Desculpem-me, mas reparem que o texto latino está ao lado e esta é a tradução, portanto há mais vantagem ainda.**

**- De fato, é muito melhor, observou o outro. O italiano compreende-se muito mais facilmente.**

**Depois revistando um armário, deram com uma coleção dos Bolandistas.**

**- Que livros são estes?**

**- São livros escritos pelos Jesuítas.**

**- Pelos Jesuítas? Então vamos seqüestra-los todos.**

**- É melhor ver antes o que contêm, opinou ajuizada mente outro policial assustado com o volume da coleção.**

**- São vidas de santos muito edificantes, disse Dom Bosco. Vejam esta por exemplo, de São Simão Estilita, que é curiosíssima. Ouçam: "Este homem extraordinário, abalado pelo pensamento do inferno e, pensando que temos uma alma só, a qual é preciso salvar a todo o custo, abandonou pátria, parentes e amigos e se retirou à solidão. Aí viveu muitos anos em cima de uma coluna, onde fizera construir um mísero abrigo. De lá de cima pregava às multidões, recriminando aos homens do mundo porque só se preocupavam dos prazeres, sem pensar nas penas eternas do inferno que os esperam por empregar mal os dias da própria vida..."**

**- Vai bem, já chega, interromperam os policiais.**

**E os Bolandistas voltaram à prateleira.**

**- Os senhores me fariam realmente uma grande gentileza se lembrassem que hoje é vigília de Pentecostes e tenho várias centenas de meninos para confessar.**

**- De fato, respondeu um dele, já terminamos. Mas diga uma coisa Dom Bosco : Por que é que nossa presença, que em outros lugares provoca sustos, lágrimas, gritaria e até desmaios, aqui pelo contrário, em vez de assustá-lo parece que lhe causa a mais suave alegria?**

**- Meus senhores, é porque tenho a consciência tranqüila e tenho absoluta certeza que comigo não encontrarão coisa alguma que me possa comprometer**

**Acabaram por acreditar no que Dom Bosco dizia. Mas assim mesmo tomaram conta arbitrariamente da correspondência da tarde quando aí pelas cinco e meia entrou o porteiro para entregá-la. A primeira carta que abriram era do Gabinete do Ministro do Interior: um pedido insistente para que Dom Bosco recebesse um órfão sem recursos, sendo que Sua Excelência se comprometia a entrar com 150 liras para a admissão do menino. Os policiais caíram das nuvens! Era a mesma assinatura a que se lia no mandato de perquisição e ao pé daquela carta! Duas atitudes! Duas caras! Era bem o estilo do governo da época! Desnorteados como ficaram, esqueceram-se até de revistar o resto da correspondência que chegara. E foi bom. Porque havia também uma carta de Roma que mal interpretada teria causado quem sabe quantas dores de cabeça a Dom Bosco!**

**E foi o próprio Dom Bosco quem o percebeu. E soube ter presença de espírito bastante para dizer àquele senhores: "Estou vendo que ficaram empoeirados por causa deste desagradável trabalho. Permitam-me portanto**

que lhes ofereça uma escova. E também devem estar cansados, depois de três horas de trabalho! Ainda mais com este calor! Vou mandar trazer um refresco".

Os meninos estavam em recreio e já havia três horas que receavam pela liberdade do bom pai. Quando viram passar as garrafas e os copos, compreenderam então que Dom Bosco mais uma vez tinha conseguido fazer mudar de idéia os homens que tinham vindo para lhe fazer mal.

## MAIS UMA BUSCA.

Depois desta visita domiciliar sem resultado, era para Dom Bosco considerar-se livre de qualquer suspeita perante as autoridades políticas. Mas não foi assim! Quinze dias mais tarde às 10 horas da manhã do dia 9 de junho a polícia estava de novo no Oratório. Nesse dia a Comissão encarregada da pesquisa dirigiu-se ao pobre ecônomo, Padre Alasonatti, que tremia como vara verde. Eram três os que compunham a comissão: o Secretário do Ministro Farini, um Inspetor Geral da Instrução Pública e um Professor da Universidade, laureado em teologia. Pelo modo de proceder dele, percebeu-se logo que a pesquisa tinha duplo escopo: descobriu a origem das entradas que sustentavam a obra, e encontrar nos livros, cadernos ou apontamentos dos alunos algum motivo para acusar o ensino que se lhes ministrava. Para arrancar ao Ecônomo a declaração de que o Instituto se mantinha com subvenções clandestinas do Papa ou dos príncipes italianos destituídos, apertaram-no com perguntas tão malignas, tomaram um tom de intimidação tão grosseiro, desceram a injúrias tão vulgares e a vias de fato tão indevidas, que o pobre sacerdote não suportou mais e desmaiou. Entrementes saíra alguém à procura de Dom Bosco pela cidade; chegou apressado e encontrou o pobre padre sem sentidos, recostado numa cadeira e rodeado pelos três inquisidores, cujos semblantes bem mostravam o remorso e o embaraço que sentiam. Com uma linguagem cheia de nobreza Dom Bosco começou a lançar-lhes em rosto esse modo de proceder, e depois se colocou à disposição dele. Por mais que o interrogatório fosse apertado e copioso não conseguiu pô-lo em contradição com as afirmações de seu ecônomo: a casa não contava para sustentar-se senão com as mesquinhas pensões e... o crédito de que gozava perante os fornecedores. De subsídios clandestinos nem sombra!

Seguindo este caminho a pesquisa corria perigo de ir a pique, pois as provas de culpabilidade que esperavam obter em confirmação das acusações eram absolutamente inexistentes. Por este motivo, os inquisidores se orientaram para o lado do ensino que se dava aos alunos. Percorreram todas as classes de humanidades, fazendo à direta e à esquerda perguntas que não raras vezes recebiam respostas corajosas e ajuizadas. Destas por exemplo:

- Quantas formas há de governo monárquico?

- Duas: absoluta e constitucional.

- Qual delas é a melhor?

- Ambas são boas, se os que governam são pessoas honestas.

- Quem matou Júlio César?

- Bruto.

- Fez bem em suprimir esse tirano da liberdade, não é?

**- Não, porque um súbdito nunca se deve rebelar contra seu soberano.**

**- Mas e se esse soberano age mal?**

**- Um dia Deus o castigará.**

**- Mas ao menos não se poderia simular um atentado contra Vitor Emanuel para fazer-lhe compreender que deve deixar em paz os padres, os bispos e o Papa?**

**- Não, isso não se pode fazer. Seus súbditos devem somente pedir a Deus que lhe mova o coração e suportar com paciência.**

**- Mas todo aquele que persegue a Igreja é um criminoso. Vitor Emanuel persegue a Igreja. Logo.**

**- O senhor conhece os fatos melhor do que eu e portanto raciocina assim. A nós aqui nos falam do Rei e de seus antepassados sempre em termos respeitosos. Isso que o senhor disse agora eu nunca tinha ouvido dizer aqui em casa. E até, quando há tempo o Rei esteve doente, fizeram-nos rezar pela sua saúde e pela sua alma.**

**Bons meninos! Seu espírito simples e reto, e seu sentimento católico educado na melhor das escolas punham-lhes nos lábios essas graciosas respostas de uma clareza que encanta. E era o bastante para demonstrar àquele juizes instrutores improvisados que suas suspeitas não tinham nenhum fundamento.**

**Depois da visita às aulas, foram à cozinha para experimentar a comida, atravessaram o refeitório para verificar se os meninos tinham alimento suficiente, percorreram todos os dormitórios, revistando todos os cantos, palpando todos os travesseiros, desceram até a adega, na esperança de descobrir algum depósito de armas; depois ainda a igreja, as oficinas, o salão de estudo viram passar os três inquisidores e por toda a parte iam exigindo que se abrissem todas as gavetas, todos os armários, todas as caixas de utensílios. As mesmas secretas foram inspecionadas minuciosamente! Nada escapou à meticulosa investigação, que durou sete horas marcadas no relógio, sem que porém se descobrisse coisa alguma que servisse de corpo de delito, a não ser... uma paginazinha de Pio IX que o professor ditara como exercício aos alunos da segunda série ginasial. Essa página tirada de uma encíclica conhecida de todos, constituía, na opinião dos investigadores, um delito político. Todos os cadernos foram seqüestrados; e foi a única presa que os terríveis caçadores lograram; Não voltaram de mãos vazias, mas a desilusão não era pequena: "Como é esperto este padre! pensavam consigo mesmo ao retirar-se. Não há meio de fazê-lo cair em contradição! Não se pode encontrar um papel que comprometa ou um testemunho em seu desfavor! E como lhe querem bem todos esses meninos!"**

**Dessas observações todas a conclusão que se impunha era reconhecer que Dom Bosco era inocente. Mas aquele senhores estavam bem longe de pensar assim. E por conseguinte o Santo teve de suportar ainda nove vezes, sempre com resultado idêntico, a vergonha e o aborrecimento de visitas domiciliares. Queriam talvez fazer desanimar o zelo de Dom Bosco e esfriar sua amizade para com seus dois augustos protetores perseguidos? Ou talvez, atirando suspeitas sobre o Oratório, pretendiam vê-lo morrer por falta de simpatia? Em qualquer uma das hipóteses estavam redondamente enganados; jamais Dom Bosco se sentiu tão afeiçoado a seu arcebispo e a Pio IX como depois que teve de sofrer alguma coisa pelo amor que lhes consagrava; e nunca as pessoas de bem lhe demonstraram tão eficazmente a própria**

admiração pelas suas raras virtudes de apóstolo.

## PARA CONSEGUIR O PÃO DE CADA DIA.

E essa admiração não se manifestava somente em palavras, senão que tomava muitas vezes a forma de auxílio pecuniário. E só Deus sabe quanta necessidade ele tinha de auxílios dessa natureza! Sua vida toda inteira pode-se dizer que foi uma corrida para conseguir recursos monetários. Essa preocupação era o pesadelo de seus dias e de suas noites, não o abandonando nem sequer no leito de morte.

Pouco antes de deixar a terra, pedia desculpas ao Padre Rua de lhe deixar como herança tantas dívidas, especialmente provenientes da construção da igreja do Sagrado Coração de Jesus. Pode-se dizer que dezenas de milhões de liras lhe caíram nas mãos; mas não paravam nelas porque corriam logo a acalmar os credores mais exigentes. "As necessidades de Dom Bosco - dizia Monsenhor Bertagna, - eram sempre maiores que as esmolas que recebia: apenas recebia am soldo, comprometia-se a pagar dois".

Para construir o Oratório de Turim, para abrir casas semelhantes em outras cidades da Itália e depois em outros países, para edificar três grandes igrejas, para sustentar a boa imprensa, pagar suas contínuas viagens, cobrir as despesas de equipamento, expedição e manutenção de suas turmas de missionários, para vestir, e nutrir seus filhos espirituais, pequenos e grandes, e assumir o encargo dos estudos que deviam fazer, para socorrer a tanta miséria que encontrava em derredor de si, que enormes somas lhe eram necessárias! E onde buscá-las? - No bolso de seus benfeitores, enviados pelo céu.

Mas como era difícil arrancar esse dinheiro! Dom Bosco tinha que pôr em ação todos os meios para conseguir que a riqueza exercesse uma de suas funções sociais. Hoje escrevia ao Ministro da Guerra para conseguir uns capotes militares para seus rapazes ou uns cobertores para as camas; amanhã à Direção das Estradas de Ferro para obter um desconto nas passagens para seu pessoal; mais tarde a um benfeitor, proprietário de uma olaria, para que lhe fizesse um donativo de alguns milheiros de tijolos para uma construção prestes a iniciar-se. Ao Rei e aos príncipes enviava súplicas para mover-lhes o coração e a bolsa em favor de seus meninos; aos Ministros lembrava que não ficava mal aliviar as dividas do Oratório com alguma subvenção extraordinária, tanto mais que lá se encontravam meninos recomendados pelo Ministério. Um dia se dirigia a um amigo generoso para que lhe emprestasse uma soma; outro dia recomendava sua pobreza às grandes associações de beneficência. Nos casos mais críticos, enviava uma circular a seus benfeitores insignes, a seus leitores, às almas devotas de Nossa Senhora Auxiliadora.

Assim é que escreveu milhares de páginas destinadas tão somente a atrair a atenção dos outros para as suas graves necessidades. Quantos passos teve que dar e quantas indústrias teve que usar para esse fim. Aceitava a pregação de tríduos, de novenas, de sermões de ocasião, fazia conferências, prestava toda a sorte de serviços, não recusava nem sequer convites para jantares, (embora tais convites não lhe agradassem nem um pouquinho), quando tinha certeza de receber algum auxílio das pessoas que o convidavam ou que lhe pediam algum serviço. O Marquês Fassati prometeu-lhe um dia 3.000 liras em notas de 100, pagáveis em 30 jantares e Dom Bosco aceitou. No décimo quinto jantar o Marquês teve pena de seu comensal e dispensou-o do resto. Já a Duquesa de Montemorency-Laval era inexorável. Quando Dom Bosco queria alguma esmola tinha que ir buscá-la

no seu castelo de Borgo, a vinte quilômetros de Turim. Ao sentar-se à mesa encontrava a oferta debaixo do guardanapo.

Um meio de que se serviu em larga escala para juntar as somas de que tinha necessidade foram as rifas. Era coisa muito em voga naquela época e ele também quis usá-la. Mas ninguém calcula o trabalho que lhe custaram as dez ou doze rifas que realizou. Quantas cartas, quantas visitas, quantas escadarias, quantas horas de ante-sala para angariar prêmios, para constituir uma junta executiva, para obter as devidas autorizações, para vender os bilhetes, para interessar a imprensa, para justificar os atrasos na extração e para servir aos felizes premiados. Certos dias ficava atordoado e chegava a perguntar a si mesmo se o trabalho não era superior ao resultado. Quando, enfim, se encontrava completamente sem dinheiro, e com dívidas muito elevadas punha o chapéu na cabeça e tomava o trem para a França. Foi o que fez no fim do inverno de 1884. Tinha recebido más notícias de Roma: a construção da igreja do Sagrado Coração tinha sido suspensa por falta de dinheiro, e o empreiteiro estava apresentando uma conta de meter medo. O Santo não hesitou nem um momento: decidiu partir para o Sul da França. E note-se que ainda estava em convalescença de uma bronquite. A todas as insistências de seus filhos mais afeiçoados, como Rua e Cagliero, do Cardeal Alimonda, arcebispo de Turim, do médico, respondia: "Mas não estão vendo que não podemos continuar assim? Só a França me poderá vir em socorro neste momento". E partiu.

No entanto para desempenhar esse papel de questuante, ia deixando pelo caminho os últimos restos da saúde. Consumia-se em trabalhos que já não eram mais para, ele. Considerem os leitores quantas horas dessa bela vida tiveram de ser gastas na preocupação de arranjar dinheiro! É deplorável não tê-las podido empregar em tarefas mais sublimes, -em criações novas!

Mas ninguém pense que Dom Bosco lamentava isso. Uma vez que tinha que sustentar tantos meninos, achava a coisa mais natural que tal preocupação lhe pesasse toda inteira sobre os ombros. E quando o problema do pão de cada dia se tornava cruciante, quando a escassez de meios se tornava quase trágica, então é que viam Dom Bosco mais alegre que de costume. Por isso, quando os salesianos ouviam de seus lábios gracejos mais espirituosos, e quando o viam rico de bom humor, não deixavam de comentar: "Sem dúvida nenhuma hoje Dom Bosco deve estar passando por algum grande dissabor. Senão não estaria tão alegre". Raramente se enganavam. Essa alegria da alma, não era nada de estudado, não era o resultado de um esforço de caráter para não deixar transparecer nada de suas perturbações intimas. Era a convicção de que uma vez que os meios humanos se tinham esgotado, ia entrar em cena a Providência divina. E esta jamais deixava de intervir. Se o Santo punha todo seu empenho para sair das circunstâncias difíceis, também a Providência ajudava-o maravilhosamente a equilibrar os pratos da balança. A esse respeito há um sem-número de exemplos.

## A PROVIDÊNCIA INTERVÉM PORTENTOSAMENTE.

A casa de Turim estava devendo 30.000 liras a um empreiteiro. Aborrecido com o atraso do pagamento, o homem estava ficando furioso. Certa manhã, chega ao Oratório muito irritado e disposto a provocar um escândalo. Vai ao escritório do Ecônomo e lhe declara que não arredará dali, enquanto não receber a soma que lhe estão devendo.

O Ecônomo confessa que não tem nem mais um vintém em caixa.

**- O negócio não pode acabar assim - diz o empreiteiro levantando a voz; quero falar com Dom Bosco.**

**- Foi levado à ante-sala onde certo número de pessoas aguardavam a vez. Sentou-se de mau humor e resmungando alto. Nesse ínterim entra um senhor de modos imperiosos, de poucas palavras, e dando mostras de muita impaciência.**

**- Quero falar com Dom Bosco e já.**

**- Desculpe, senhor mas queira sentar-se e esperar sua vez.**

**- Não, não tenho tempo para esperar.**

**E sem mais formalidades foi bater à porta do quarto onde Dom Bosco estava conversando com uma pessoa.**

**Dom Bosco abre e pergunta:**

**- Que é que o senhor deseja?**

**- Preciso falar com V. Rev.ma.**

**- Pois não. Mas vai ter a bondade de esperar a sua vez. Não posso permitir que o senhor passe na frente de todas essas pessoas que estão esperando já há tempo.**

**- Estou com muita pressa e o que tenho a lhe dizer é muito pouco.**

**Diante de tal insistência, Dom Bosco interrogou com o olhar os circunstantes e fê-lo entrar.**

**- Sente-se.**

**- Muito obrigado. Não quero sentar-me.**

**- Mas que é que o senhor deseja?**

**- É um minutinho só. Aqui está. Quer ficar com isto?**

**E colocou um pacotinho sobre a mesa. Depois disse**

**- Adeus, meu bom padre. Reze por mim.**

**E saiu. Logo em seguida entrou a Condessa V. e lhe perguntou:**

**- Não lhe sucedeu nada, Dom Bosco? Esse homem me deu medo.**

**- Ora! disse Dom Bosco. Veja o que ele me trouxe. E abrindo o pacote encontrou 30 notas de mil liras.**

**Quando chegou a vez do empreiteiro, Dom Bosco lhe deu as trinta mil liras que lhe estava devendo.**

**O credor todo confuso por ter insistido tão grosseiramente, pediu mil desculpas.**

**- Haviam-me dito que V. Rev.ma não tinha dinheiro para me pagar! Estou vendo que me enganaram!**

**Uma vez o Oratório tinha que pagar 325 liras de imposto. Tinha chegado**

o termo improrrogável para satisfazer a obrigação. Se não fizesse o pagamento nesse dia, iriam proceder à execução judicial.

O Padre Rua vai à portaria, procura na caixa e . . . nada! Revista a casa toda e não encontra um centavo! Corre ao quarto de Dom Bosco, expõe-lhe seu embaraço e lhe pergunta se tem por acaso tal soma. - Estou sem nada, absolutamente, responde Dom Bosco. Vamos rezar a Nossa Senhora Auxiliadora. E continuou a trabalhar tranqüilamente.

Passados poucos minutos, bateram à porta e um senhor pediu para falar com Dom Bosco. Fizeram-no entrar e, depois de breve conversação disse:

- Olhe, eu não sou rico, mas reservei aqui uma pequena soma para os seus meninos. Quer aceitar a minha modesta oferta?

- Como não! respondeu Dom Bosco. De muito bom grado!

E o homem lhe entregou um embrulhozinho, que continha 325 liras! Dom Bosco sorriu e disse

- Na saída queira entregar ao Padre Rua, por gentileza.

O Padre Rua examinou o dinheiro e comentou

- Dom Bosco contou bem. Era mesmo esta a soma que eu necessitava.

Mandou imediatamente um portador ao escritório do exator. Já tinha passado meio dia e a citação já ia sendo enviada ao executivo. Felizmente encontrou-se ainda o contínuo dentro do escritório e foi fácil reter a citação sem maiores complicações

Doutra feita Dom Bosco estava grandemente embaraçado: tinha que pagar uma enorme conta ao padeiro e o homem até ameaçava suspender os fornecimentos se não fosse pago, e eis que de improviso aparece o Conde R. d'Agliano e lhe diz: "Minha senhora está gravemente doente. Peça orações por ela". E lhe entrega uma soma que era, precisamente a metade do que estava devendo ao padeiro. Imediatamente os meninos fizeram orações especiais com grande fervor. Ao terceiro dia o Conde voltou para contar que sua esposa tinha sarado e lhe entregou a mesma soma da primeira vez, de sorte que a conta da padaria foi paga integralmente.

No mês de março de 1880 Dom Bosco foi passar oito dias em Nice. Nessa ocasião o senhor Ernesto Harmel, leal amigo do Santo, ofereceu um banquete a todos os amigos do Oratório de S. Pedro e foram convidados vários membros da Família Salesiana.

Momentos antes do jantar, estava o advogado Michel, muito conhecido pela sua caridade, conversando com Dom Bosco e este lhe disse: "Nossa capela é muito pequena e demasiado pobre. É absolutamente necessário um lugar mais digno para hospedar a Nosso Senhor. Tenho aqui um projeto que me apresentou há pouco o Sr. Levrot, nosso átimo e digno arquiteto. O orçamento é de 30.000 francos.

- Trinta mil francos! Duvido que V. Rev.ma possa encontrar tal soma em Nice. Tivemos neste inverno tantas conferências, tantas rifas, tantas coletas de todo o governo que as bolsas ficaram vazias.

- E contudo preciso conseguir esta soma!

Bateu meio-dia e foram para a mesa. ã sobremesa, levantou-se o guarda-livros da casa, Sr. Saitto, e disse:

**- Tenho a comunicar-lhe, Dom Bosco, que uma pessoa caridosa me entregou 30.000 francos destinados a V. Rev.ma. Pode mandar buscá-los no meu escritório quando achar conveniente.**

**- Bendita seja Nossa Senhora Auxiliadora! exclamou Dom Bosco, juntando as mãos e erguendo os olhos aos céus. É um começo esplêndido!**

**Em 1869, o Padre Rua, que era então ecônomo do Oratório, recebeu, o aviso regulamentar para o pagamento de uma letra que vencia no dia seguinte. Não era uma soma demasiado grande. Mas era preciso arranjá-la. Em casa não se fazia nada sem avisar antes Dom Bosco, mesmo nos assuntos de menor importância; quando então aparecia no horizonte qualquer nuvenzinha escura, aí é que o ecônomo corria para informá-lo com uma diligência extraordinária. Nesse dia Dom Bosco estava ocupadíssimo e se contentou em responder ao Padre Rua: "Dê um jeito você mesmo!" E continuou seu trabalho. O Padre Rua já bastante acostumado a esse gênero de conselhos, deu um giro pelo Oratório. Foi à livraria, à tipografia, à sacristia, esvaziou conscientemente todas as gavetas. A sua já estava vazia; aliás era esse o seu estado normal sempre que havia pagamentos a fazer!**

**Depois de contar tudo e recontar, não dava ainda a quantia suficiente. Foi ter então de novo com Dom Bosco.**

**- Faltam mais de trinta liras disse-lhe o Padre Rua.**

**- Pois procure mais.**

**- Mas, Dom Bosco, o senhor vai partir amanhã cedo; quer deixar-me neste embaraço? Se passar do meio dia, a letra será protestada!**

**- Dom Bosco não pode fazer nada. Tenho que partir e você arrume-se.**

**Na manhã seguinte as benditas 30 liras não davam sinal de aparecer.**

**O Padre Rua que tinha ido mais uma vez falar com Dom Bosco estava excogitando argumentos para fazer-lhe ponderar os inconvenientes de um protesto, quando chegou o cavalheiro Occelletti.**

**- Bom dia Dom Bosco, preciso falar com V. Rev.ma.**

**- Impossível! Estou de saída e não quero perder o trem.**

**- Mas é para dar-lhe um dinheirinho.**

**- O Padre Rua está autorizado a recebê-lo. Dê a êle. Mas não demore e venha comigo que conversaremos no caminho. O cavalheiro Occelletti era um insigne benfeitor do Oratório; ia todos os sábados levar sua oferta. Logo que se encontraram na rua contou a Dom Bosco que justamente nesta manhã lhe tinha vindo a idéia de pagar a importância de uns bilhetes de rifa. A princípio tentara afastar a idéia, pois o seu dia de visitar o Oratório era sábado e não quarta-feira. Mas depois, atormentado e como que dominado por uma obsessão, tinha vindo sem demora saldar sua pequena dívida.**

**- Mas afinal, qual é a importância a que monta essa dívida tão importuna?**

**Oh! Uma ninharia: trinta liras e alguns centavos. Dom Bosco sorriu e disse: - E só por tão pouco me queria fazer perder o trem? Mas depois**

tomando-lhe a mão continuou: - O Padre Rua lhe vai contar como foi uma boa inspiração que o senhor teve. Sem este dinheirinho teríamos hoje uma letra protestada ao meio-dia!

Milagres pecuniários como esse sucederam-se sem interrupção na vida do Santo. Em certos momentos parecia que tudo vinha abaixo. Chegavam contas enormes para pagar e a caixa estava vazia. Iam procurá-lo, suspendia uma carta que estava escrevendo e respondia: "Está bem". Naturalmente insistiam: "É preciso tomar providências, Dom Bosco!" E êle replicava com calma: "A Divina Providência dará uma solução". E continuava a escrever. E quer se tratasse de trinta quer de quarenta ou cem mil francos, aparecia sempre alguém no tempo oportuno e oferecia a soma necessária. Dom Bosco, sem surpreender-se, sorria.

## CAPÍTULO XVI

## AS PROVAÇÕES. CONTINUAÇÃO.

Índice


UMA CRUZ BEM PESADA: UM OPÚSCULO SEU AMEAÇADO DE SER POSTO NO INDEX.

DEFESA DE DOM BOSCO. DEPOIS DA AMARGURA VOLTA A PAZ.

ENFERMIDADES DE DOM BOSCO.

FECHAM-LHE O CURSO PRIMÁRIO DE VALDOCCO E AMEAÇAM FECHAR O CURSO SECUNDÁRIO.

O SONHO DA LATADA DE ROSAS.

O SONHO DOS ESPINHOS E DAS ROSAS.

DOM BOSCO E MONSENHOR GASTALDI.

RETRATO DE GASTALDI.

INÍCIOS DA LUTA.

OS PONTOS PRINCIPAIS DA CONTROVÉRSIA COM MONSENHOR GASTALDI.

LEÃO XIII PESSOALMENTE TENTA RESOLVER A QUESTÃO.

SÓ A MORTE DO ARCEBISPO PÕE FIM A TODAS AS QUESTÕES.


CAPÍTULO XVI

## AS PROVAÇÕES. CONTINUAÇÃO.

### UMA CRUZ BEM PESADA: UM OPÚSCULO SEU AMEAÇADO DE SER POSTO NO INDEX.

POR mais que o atormentassem as insistências das credores ou as necessidades cada vez maiores de suas obras, Dom Bosco mantinha uma calma imperturbável. Mas em certo dia de 1867, sobreveio-lhe uma provação que o abalou intimamente, de maneira incrível. Desta vez sua alma conheceu a angústia: Tinham duvidado da ortodoxia de sua fé, e um de seus opúsculos tinha corrido o perigo de ser condenado! O fato foi assim: por ocasião do décimo oitavo centenário do martírio de S. Pedro em Roma, em 1867, o Santo tinha publicado na coleção das Leituras Católicas um opúsculo destinado a afervorar a devoção dos fiéis para com o Príncipe dos Apóstolos. O título era O centenário do Apóstolo S. Pedro e o livrinho continha além da vida do primeiro Papa um apêndice sobre sua ida a Roma. Para sermos mais precisos, devemos dizer que esse trabalho era apenas uma reedição, uma vez que já tinha sido publicado na mesma coleção em 1854. Trazia na primeira edição o Imprimatur do bispo de Ivréa, censor da Arquidiocese de Turim. Os jornais católicos da época tinham elogiado o livro. Os livreiros de Roma tinham vendido várias cópias. Em 1858 o Cardeal Vigário de S. Santidade recomendava de modo especial a série das Leituras Católicas, de que fazia parte o referido opúsculo. Dessas "Leituras" o próprio Santo Padre, agradecendo o exemplar que o autor oferecera como homenagem, dissera : "Não temos presente nada de mais útil nem de melhor para reavivar e aumentara piedade do povo cristão". Dom Bosco portanto estava perfeitamente tranqüilo a respeito da doutrina exposta naquelas páginas; tanto assim que no início desse ano de 1867 tinha espalhado a nova edição pela Itália, com igual êxito; esgotaram-se os exemplares em pouquíssimo tempo, e a Civiltá Cattólica, revista editada pelos Padres Jesuítas, dera uma apreciação muito encomiástica. Quando a edição estava continuando rapidamente a se escoar, chegou ao Santo esta desagradável notícia: os teólogos de Roma tinham encontrado na página 192 do livro uma passagem sobre a estada de S. Pedro em Roma que podia ser mal interpretada. Aludindo à discussão histórica suscitada então pelo problema da presença de S. Pedro na Cidade Eterna, Dom Bosco tinha escrito assim: "Creio oportuno, entre parênteses, dar a todos aquele que falam ou escrevem deste assunto o conselho de não considera-lo como verdade de fé. E isto seja dito tanto para os católicos, como para os protestantes". Porque não deixara no tinteiro essa frase o pobre Dom Bosco? De quantos aborrecimentos e de quantas lágrimas se teria livrado! Com efeito dentro de não muito tempo o opúsculo foi denunciado à Sagrada Congregação do Índice, e ela encarregou um de seus consultores, o Cônego Delicati, professor de História Eclesiástica no Instituto de Santo Apolinário de dar curso *. denúncia. Um exame rigoroso joeirou desapiedadamente todo o opúsculo e decidiu que se pronunciasse uma condenação condicional: proscribendum donec corrigatur. E motivava assim: "Sustentar que a vinda de S. Pedro a Roma não é ponto de doutrina, entendendo dizer com isso que ela não tem nada que ver com o dogma de fé, é um erro que não pode deixar de ofender os ouvidos dos fiéis. Esse fato, sem dúvida nenhuma, pertence mais à história e se estabelece por meio das regras de uma crítica conscienciosa; mas tem além disso intima relação com uma verdade dogmática à qual serve de fundamento, isto é, com o primado do Pontífice Romano". E mais adiante repetia: "É de fé que o primado conferido a Pedro passa de direito a seus sucessores, os Pontífices Romanos; portanto o fato da vinda e da permanência do Príncipe dos Apóstolos em Roma não é estranho a este dogma".

**DEFESA DE DOM BOSCO. DEPOIS DA AMARGURA VOLTA A PAZ.**

**Entrementes, interveio Pio IX. Não, nenhuma condenação! disse o Papa. "Pobre Dom Bosco! Se no livro há alguma coisa que se deva corrigir, corrija-a numa segunda edição -: isso será suficiente". Esta solução, comunicada ao Santo por meio de seu Arcebispo, encontrou-o inteiramente submisso, mas com a alma retalhada pela dor. O pensamento de ter podido tornar obscuro um ponto por mínimo que fosse da doutrina cristã e de ter amargurado o coração do Papa, era para êle um pesadelo. Um dia não se conteve mais: compilou uma memória justificativa, destinada ao Prefeito da Congregação do índice, expondo o seu pensamento exato.**

**"Jamais o autor do opúsculo teve a intenção de afirmar que o fato da vinda de São Pedro a Roma seja coisa que não pertença à fé; quis apenas dizer que esse ponto da história não está no elenco dos artigos definidos pela Igreja. Além disso muitíssimas passagens do livrinho atestam que o escritor está profundamente convicto de que o Pontífice Romano é o único sucessor de São Pedro e que goza como êle do primado de jurisdição sobre todo o corpo dos bispos".. "E estou pronto - concluía Dom Bosco na sua humilde defesa - a modificar, corrigir, tirar, acrescentar no meu modesto opúsculo tudo aquilo que me for sugerido concretamente".**

**O Santo fez copiar esta defesa numa noite de maio, depois das orações, por um de seus salesianos, o clérigo Chiapale, o qual nos transmitiu este testemunho precioso, e impressionante: "Toma este papéis, disse-lhe Dom Bosco, e tira-me uma cópia com a melhor caligrafia que puderes. Põe todo o teu empenho. E um trabalho urgentíssimo".**

**Os papéis eram o texto da Congregação do índice, a carta que o acompanhava endereçada ao Arcebispo de Turim, e o memorial que Dom Bosco tinha composto em colabo**

**ração com seu amigo Mons. Gastaldi, que então era bispo eleito de Saluzzo. "Ao ler a requisitória romana - atesta o secretário - fiquei impressionado pelo tom de severidade em que estava concebida. Parecia-me que aquelas páginas não davam a mínima importância à posição que Dom Bosco já ocupava na Igreja de Deus e na estima de seus contemporâneos. Enquanto eu estava escrevendo, do quarto vizinho, onde se achava o Servo de Deus, chegavam-me aos ouvidos suspiros dolorosos e soluços.**

**A meia-noite abriu-se a porta.**

**- Terminaste? perguntou Dom Bosco.**

**- Ainda não, senhor.**

**- Falta muito ainda?**

**- Não muito.**

**- Pois então vai dormir. Amanhã cedo terminarás. O que é importante é que possa ir para o correio antes das oito horas.**

**E tornou a entrar no quarto relendo o meu trabalho.**

**Eu o acompanhei. Segurando ainda a minha cópia, sentou-se. Estava**

desfigurado.

- Estás vendo, perguntou-me?

- Sim, Dom Bosco. Mas não se impressione, que não há de ser nada.

Voltando-se então para o crucifixo exclamou: "Meu Deus, Vós sabeis com que intenção escrevi este livro. Ah! Tristis est anima mea usque ad mortem! Fiat voluntas tua! Nem sei como vou passar esta noite!" Grossas lágrimas lhe rolavam dos olhos e um soluço pungente lhe agitava o peito. Tentei consolá-lo o melhor que pude, mas êle me disse: "Vai dormir, Chiapale, e levanta-te bem cedinho para continuar o trabalho".

Às cinco horas eu já estava de novo com êle. Encontrei-o calmo e tranqüilo. A paz lhe tinha voltado. Enquanto eu acabava de copiar, foi como de costume confessar os meninos e celebrar a santa missa. Quando voltou, o trabalho estava terminado. Correu os olhos por cima e disse com satisfação: "Bravo! És mesmo um artista!" Era outro Dom Bosco que eu tinha na minha frente. Voltara-lhe a serenidade. Estava quase alegre. Justamente nesse instante ressoou no patamar a voz poderosa do bispo de Caloso.

- Dom Bosco está ai?

- É Dom Lourenço Gastaldi, expliquei eu ao bom pai

- Entre, Excelência, entre! respondeu logo Dom Bosco com ar sorridente.

- Então? e o manuscrito?

- Está pronto, Excelência.

O Bispo lançou-lhe uma vista de olhos rapidamente.

- Muito bem! concluiu. Não falta nada.

- E Vossa Excelência acha que assim não há mais nenhum perigo?

- Ora! Sem dúvida nenhuma, homem de pouca fé. Coragem! Não tenha mais receio. Li e reli o opúsculo. Há algumas pequenas inexatidões, mas de erro nem sombra. Basta uma ou outra correção, e o assunto está resolvido. Creia em mim.

E foi mesmo assim. Quando o índice leu os esclarecimentos de Dom Bosco, convenceu-se da exata ortodoxia e das puríssimas intenções do Santo; mandou apenas que se fizesse uma correção e uma supressão e encerrou-se o incidente.

## ENFERMIDADES DE DOM BOSCO.

Em confronto com essas provações, eram bem pouca coisa as doenças que lhe martirizavam o pobre corpo; nem essas, porém, lhe faltaram e bem graves.

Ainda muito cedo, pelos quarenta anos de idade, já a vista se achava comprometida. Um raio que lhe caíra ao lado, em Santo Inácio, durante o retiro de 1856, atirando-o por terra, tinha-lhe prejudicado gravemente o olho direito. As vigílias a que se entregava para compor suas obras ou

para corrigir provas tipográficas, acabaram por arruiná-lo de uma vez. Em 1878, já êle estava completamente perdido; e, por simpatia, o esquerdo também ameaçava apagar-se. Os médicos tiveram que intervir e proibir absolutamente a Dom Bosco qualquer trabalho de escrita ou de leitura após o anoitecer.

Desde 1846, incharam-lhe as pernas, em conseqüência de veias varicosas; o incomodo foi aumentando sempre, e de 1853 até o fim da vida o Santo teve de arrastar essa cruz cotidiana, como êle a chamava, cruz que fazia sofrer penosamente quando caminhava. Além disso foi atacado por uma erupção miliar, que bem indicava o profundo artritismo de sua constituição. A pele se lhe cobria de uns botõezinhos vermelhos, que ao termo de sua evolução se resolviam em escamas. Em Varazze, em 1871, chegou a ter dez crises dessas erupções, como conseqüência de um resfriado que apanhara na vigília da Imaculada, o que lhe provocou um forte reumatismo na região do coração. Dessa vez tiveram mesmo receio de que êle não resistisse. Mas uma bênção especial do Papa Pio IX deu-lhe forças para levantar-se de novo.

Não vamos falar das hemicrânias e das nevralgias dentárias. Atormentavam-no de tal maneira que lhe parecia que a cabeça ia estalar!

Desde menino não gozava de pulmões muito fortes e por causa dos excessos de trabalho chegou a ter mais tarde freqüentes hemoptises mais ou menos graves. No fim de janeiro de 1844, em conseqüência do trabalho exaustivo em ouvir confissões, teve que pôr-se de cama prostrado por uma bronquite inquietadora. O esgotamento das forças chegara ao auge e as varizes das pernas tomavam proporções assustadoras. Todos receavam pela sua vida; mas ainda desta vez restabeleceu-se. Pois justamente nessa ocasião, - fins de fevereiro de 1884 - chegou-lhe de Roma uma conta enorme dos trabalhos da igreja do Sagrado Coração. Era uma conta tão alta e tão imperiosa, que êle teve de empreender uma viagem à França embora mal iniciada a convalescença. Seus salesianos e o Arcebispo de Turim procuraram de todos os modos dissuadi-lo dessa que era uma verdadeira loucura. Mas a dívida era grande demais. Causava dó vê-lo partir naquele estado tala magreza e a debilidade em que se encontrava; mas Deus, implorado pelas orações de todos os seus, reconduziu-o são e salvo ainda a seu pobre quarto.

Desde essa ocasião, a enfermidade obstinada que iria levá-lo à sepultura, começou a curvar-lhe a espinha dorsal: mielite progressiva. Seus últimos três anos foram um martírio cada dia mais agudo. Tornara-se a sombra de si mesmo. Tinham que ampará-lo quando caminhava. E assim, forças completamente gastas, chegava ao termo de seus dias. Era o grande trabalhador, que passara além das capacidades humanas e pagava duramente a santa. loucura de seu zelo.

## FECHAM-LHE O CURSO PRIMÁRIO DE VALDOCCO E AMEAÇAM FECHAR O CURSO SECUNDÁRIO.

Seus sacrifícios a favor dos pequeninos, dos desamparados, dos humildes, eram muito mal recompensados pelas autoridades de ensino, que não olhavam senão para os regulamentos e os aplicavam com uma severidade que não admitia réplicas.

Com o fim de favorecer a tantas famílias daquela zona onde não havia nenhuma escola primária, Dom Bosco tinha aberto algumas classes nos locais de que dispunha e essas eram freqüentadas assiduamente por filhos de pessoas

pobres.

O Santo fizera tudo isso em boa fé; entre os professores uns tinham diploma outros não. A única preocupação era esta: instruir aquela pobre gente. Mas as autoridades escolares não quiseram saber disso; e depois das férias de 1878 não permitiram que se reabrissem as aulas.

E os vexames não pararam aí. A fim de poder fornecer professores diplomados ao Curso Secundário de seus Institutos de Mirabello, Lanzo, Varazze e Valsalice, Dom Bosco tinha-se sacrificado a si próprio; de sorte que no Oratório várias cadeiras estavam sem professor. Iam-se servindo de substitutos, na persuasão de que as autoridades continuariam a tolerar. Os serviços que o Oratório prestava, mantendo e instruindo a tantos meninos pobres e abandonados, estimulavam a acreditar que ninguém iria fazer questão dessas irregularidades. Tanto mais que o resultado do ensino demonstrava largamente o valor dos professores: de 82 candidatos que se apresentaram para os exames de licença ginasial na sede mais próxima de Valdocco, em 1879, 31 eram de Dom Bosco, e desses, 28 foram promovidos sem dificuldade. Resultados tão felizes deveriam persuadir a quem quer que tivesse generosidade de coração e aconselhar que pelo menos não se precipitasse medida tão desagradável.

Mas não foi assim. No dia 23 de junho, precisamente no momento em que toda a casa se preparava para prestar uma homenagem carinhosa a Dom Bosco pelo seu onomástico, chegou a ordem de fechar o ginásio.

Era uma medida cruel que fez sangrar o coração de Dom Bosco. Suprimir o ginásio significava atirar por terra metade de sua obra e fazer secar a fonte das vocações eclesiásticas. A angústia do grande educador era imensa! Apesar disso, no meio das festas desse dia, mostrou-se alegre, sorridente, paterno, mais do que nunca, de sorte que ninguém percebeu o terrível golpe que acabava de receber. Mal terminara a festa, Dom Bosco tratou de salvar a situação. Deu logo um primeiro passo junto às autoridades de Turim, mas sem resultado. Tentou então conseguir do Ministério uma longa prorrogação do prazo. Para isso mandou a Roma o Padre Durando, salesiano e professor do Oratório, e o Senhor Allievo, seu amigo, professor da Universidade. Mas essa embaixada, não conseguiu tão pouco resultado algum. Tratava-se evidentemente de uma resolução tomada por acinte contra o Oratório. A Dom Bosco só restava uma coisa: recorrer à clemência do Rei. E assim escreveu ao jovem Rei Humberto I estas comoventes palavras:

"Majestade.

Um Instituto socorrido tantas vezes por sua augusta Família e até por ela de certo modo fundado, um Instituto que ainda recentíssimamente recebeu auxílio das próprias mãos de Vossa Majestade, o Oratório de São Francisco de Sales, cujo escopo é recolher os meninos pobres que se encontram em perigo de perder-se, acha-se neste instante em grave perigo de morte. Um decreto ministerial do dia 23 deste mês de junho ordena o fechamento das aulas que estão abertas há 35 anos. Vejo-me portanto, obrigado a despedir trezentos meninos, os quais iriam terminar sob este teto os seus estudos e estariam brevemente em condições de prestar úteis serviços à Pátria. Meu coração não tem coragem de chegar a este excesso. Queira portanto Vossa Majestade vir em nosso socorro e salvar de tão grande ameaça estes jovens que têm boa vontade mas não têm recursos".

O Rei atendeu ao recurso e suspendeu o decreto. A questão foi levada perante o Conselho Superior de Instrução Pública, e só três anos depois recebeu a solução que se previa. Nessa ocasião Dom Bosco já

tinha tido tempo, de se pôr em situação regular. Entrementes sua Obra e o espírito que a animava, em vez de se enfraquecerem sob o ímpeto do furacão tinha tomado um desenvolvimento tal, que bem justificava o dito do Fundador: "O Oratório nasceu debaixo de pauladas e sempre progrediu com pauladas".

## O SONHO DA LATADA DE ROSAS.

Dessas provações, e de outras mais Dom Bosco não sabia talvez nem sequer o nome. Mas desde 1874, por meio de um sonho revelador, ficara conhecendo a violência e a continuidade delas. Viu nessa noite a Virgem Santíssima que o convidava a caminhar sob um caramanchão de rosas.

As rosas não só desciam em festões ao longo dos pilares, e pendiam em cachos dos arcos, mas cobriam também abundantemente o chão exalando delicioso perfume. Dom Bosco descalçou os sapatos para machucar o menos possível tão belas flores, mas apenas deu os primeiros passos percebeu que debaixo delas se escondiam terríveis espinhos. Tornou portanto a calçar os sapatos e retomou o caminho acompanhado então por um grupo de companheiros. A beleza das flores e seu perfume inebriante seduziam a todos os do grupo e os atraiam; mas essas rosas lhes faziam sangrar as pernas, as mãos e o rosto. Alguns espectadores que estavam aos lados sussurravam: "Olhe Dom Bosco, que felizardo! Caminhando sobre um tapete de rosas!" Os sacerdotes e os jovens clérigos que tinham tomado o mesmo caminho cheios de entusiasmo atrás de Dom Bosco, não tardaram a parar desanimados e suspiravam: "Fomos enganados!" E tornavam pra trás. Vendo isso Dom Bosco se pôs a chorar. "Será possível - gemia êle - que eu tenha que chegar sozinho à meta?" Nesse momento porém adiantou-se uma turba de sacerdotes, de clérigos e de leigos e lhe disseram com ar resoluto: "Toma-nos contigo. Aqui estamos dispostos a seguir-te por toda a parte". Pôs-se então à frente dele e quase todos esses novos companheiros chegaram com êle até a extremidade oposta do caminho de rosas. Mas em que condições! Esgotados, magros, todos ensangüentados! Eis, porém, que se levantou um ligeiro sopro de vento que lhes cicatrizou as feridas e lhes restituiu completamente as forças. Em seguida como por encanto, Dom Bosco se encontrou rodeado de uma multidão de meninos, aos quais aquele sacerdotes, clérigos e leigos iam divertindo, guiando e educando.

Era claríssimo o significado do sonho: Os sofrimentos eram o único preço com que Dom Bosco poderia conquistar a consolação de se ver ajudado por pessoas afeiçoadas e fiéis.

## O SONHO DOS ESPINHOS E DAS ROSAS.

Trinta anos mais tarde, o sonho se ia repetir debaixo de uma forma não menos graciosa e muito mais precisa. Na noite de 8 para 9 de julho de 1880, Dom Bosco se viu na sala contígua ao seu quarto, rodeado de todos os membros do Capítulo Superior. Fazia pouco tempo que tinha começado a sessão, quando de improviso o céu tornou-se escuro e se desencadeou um tremendo temporal acompanhado de relâmpagos e trovões. Depois um raio terrível fez estremecer toda a atmosfera. Dom Bosco correu imediatamente à janela da galeria ao lado para ver onde tinha caído. Então partiu-lhe dos lábios esta exclamação: "Oh! uma chuva de espinhos!"' E de fato caíam espinhos em quantidade como se fosse uma chuva densa. Ouviu-se um segundo trovão violento e pareceu que o tempo clareara um pouco. O Padre

Bonetti gritou do seu posto de observação: "Olhem! Em vez de espinhos estão caindo botões de flores". E de fato o chão se ia cobrindo como que de um tapete de flores em botão. Ouviu-se um terceiro trovão e o Padre Bonetti, diante do céu quase sereno de uma vez, exclamou: "Agora estão chovendo flores". E as flores caíam em chuva intensa cobrindo com suas corolas de cores variegadas a terra e os tetos das casas. Um último trovão, ainda mais violento, abalou a casa! - "Desta vez estão chovendo rosas!" exclamou o Padre Bonetti. O céu se tinha tornado de improviso completamente limpo e sereno e uma 'chuva de rosas de cores variadas e de perfume delicioso caía sobre o Oratório. "Oh! Finalmente!" exclamou Dom Bosco.

## DOM BOSCO E MONSENHOR GASTALDI.

Era esse sonho uma resposta do céu aos desejos de Dom Bosco. Fazia oito anos que vinha rezando fervorosamente para que Deus Nosso Senhor pusesse termo, não já aos seus sofrimentos, mas a uma provação que estava embaraçando a marcha de sua Congregação, desorientando as pessoas de bem e escandalizando o povo. Era um problema que se criara desde o dia em que fora nomeado para Arcebispo de Turim S. Ex.cia Dom Lourenço Gastaldi, bispo de Saluzzo. Tinha sido essa uma nomeação promovida pelo próprio Dom Bosco; pois o novo Arcebispo que sucedia a Mons. Riccardi de Netro, era um dos nomes que o Santo colocara na lista de quarenta candidatos que apresentara a Pio IX em 1871, a fim, de prover de novos pastores as dioceses da Itália. O Papa não compartilhava da simpatia de Dom Bosco para com o bispo de Saluzzo. "Vós o desejais teria êle dito a Dom Bosco - e o tereis". Mas dado o conhecimento que tinha do prelado, já previa mais um trágico conflito. Dom Lourenço Gastaldi tinha sido sempre grande amigo de Dom Bosco e durante trinta anos essa amizade se manifestara com vários préstimos valiosos. Sacerdote instruído, teólogo de valor, professor eminente, ornado com não menos de duas láureas em ciências sagradas, o Cônego Gastaldi tinha ocupado em tempos remotos a cátedra de eloqüência no Oratório de Valdocco para os clérigos de Dom Bosco. Mons. Gastaldi, bispo eleito de Saluzzo, colaborara na preparação do memorial justificativo do Santo. Mais tarde mandara a Roma a mais calorosa carta de recomendação para induzir a Congregação dos Bispos e Regulares a aprovar definitivamente a Congregação Salesiana. Quando Dom Bosco estava construindo a Igreja de Maria Auxiliadora, Mons. Gastaldi mais de uma vez lhe prestara auxilio nas horas difíceis. O próprio Dom Bosco declarara que êle tinha sido um de seus melhores conselheiros. E para mostrar sua gratidão, o apóstolo se tinha empenhado em fazê-lo nomear primeiro bispo de Saluzzo e depois Arcebispo de Turim. Um só ponto negro havia naquela amizade: As idéias filosóficas do prelado. Quando era ainda cônego de Turim e antes de ser nomeado bispo de Saluzzo, Gastaldi se tinha filiado entre os primeiros discípulos do Abade Rosmini, fundador do Instituto da Caridade. Após o noviciado tinha sido mandado à Inglaterra; mas depois, voltando à Itália, tinha deixado a jovem Congregação, por motivos os mais louváveis; no entanto continuara a estudar e propagar as teorias do filósofo, teorias que iam produzindo então a mais lamentável cisão no campo católico.

## RETRATO DE GASTALDI.

No novo Arcebispo de Turim os dotes do coração e do caráter não igualavam os altos dotes da inteligência. Era de temperamento assaz

impulsivo, violento, às vezes colérico. Dificilmente tolerava que alguém pensasse de modo diverso do seu. Cioso de sua autoridade, era facilmente levado a suspeitar que alguém quisesse usurpá-la ou censurá-la.

Centralizava tudo e queria que todos dependessem dele ao mesmo tempo que se ingeria facilmente e sem ser roga• do nos negócios de outrem. Além disso, era um homem, que vivia muito ao sabor das impressões, fácil em ceder ao primeiro impulso e pronto a castigar. Mais de um de seus atos e mais de uma de suas decisões tiveram quase sempre estas três explicações: havia, segundo escreveu uma pessoa que o conheceu profundamente, algo de anormal em sua compleição; sofria além disso de uma afecção hepática muito forte; e, o que era pior, estava rodeado de perigosos elementos. Os três conselheiros nos quais confiava ingenuamente sua boa alma e dos quais ouvia muito freqüentemente conselhos e intrigas, eram três cônegos da Catedral, de quem preferimos não dizer coisa nenhuma. Dois foram mais tarde suspensos pela autoridade suprema por motivos bem tristes; o terceiro era uma alma indigna do qual falaremos ainda nas páginas que encerram este capitulo.

## INÍCIOS DA LUTA.

Quando Mons. Gastaldi tomou conta de Sé de São Máximo, Dom Bosco sentiu viva alegria. Mas foi uma alegria que durou pouco tempo. Apenas se passaram seis meses e já o Arcebispo mudava inesperadamente de atitude, mostrando certa frieza para com o Santo e para com sua obra. O pérfido veneno da insinuação e da calunia que lhe tinham feito sorver gota a gota, tinha-lhe penetrado até o coração. "Mas este Dom Bosco Sempre êle! Quando é que desistirá de abrir seminário contra seminário?... Agora se dedica à obra das vocações tardias. Mas com que finalidade? Seria muito melhor que cuidasse da educação de seus moleques.

Que modos os dos seus clérigos! Jogam no meio dos meninos, deixando às vezes perceber os míseros trapos que vestem por baixo da batina! . . . E depois sempre com a história dos privilégios, que são como o fio que o liga diretamente a Roma! Seria curioso saber que raça de estudos eclesiásticos se fazem em Valdocco. Segundo dizem é uma coisa muito divertida! . . . Parece que há também um noviciado no Oratório de Dom Bosco. Engraçado! Um noviciado cujos alunos se ocupam de todos os serviços de casa e portanto não têm muito que empalidecer sobre o livro das regras. E essas regras! Dizem que é o que se pode encontrar de mais mesquinho. Basta imaginar que estes pretensos religiosos conservam a propriedade dos próprios bens!!!" E as murmurações continuavam.
Seria preciso um cérebro muito sólido para resistir vitoriosamente a essa estratégia traiçoeira que ia mudando dia por dia as posições de suas baterias para sondar a praça em todos os seus pontos fracos. O Arcebispo não foi capaz de resistir. Acabou por ver as coisas através do mesmo prisma com que as viam esses senhores que o rodeavam. E assim começou a luta que devia durar dez anos. Não nos é possível contar-lhes todos os episódios; e por isso nos contentaremos de alguns principais que serão suficientes para fazer compreender ao leitor o duro Calvário que o Santo teve que escalar. É a mais heróica página de santidade de sua vida. No depoimento a respeito destes dez anos de sofrimentos indizíveis, perante a Comissão pontifícia encarregada de instruir o processo sobre as virtudes heróicas de Dom Bosco, assim concluía o Cardeal Cagliero o seu testemunho:

> "Esta cruz que Deus pôs sobre os ombros de Dom Bosco não lhe arrancou jamais um lamento, um gesto de impaciência, um ato de represália. E no entanto só Deus

sabe o tempo que êle perdeu em defender-se. Levou este fardo com coragem, serenidade e humildade, sem perder um instante sequer a paz interna da alma, sem interromper nem um minuto seu trabalho de apostolado. Esta alegria de espírito e esta inalterável união com Deus, no meio das piores provações, é a marca que distingue os Santos".

Não se poderia dizer nada de mais acertado. E os fatos confirmam este juízo complexo do eminentíssimo filho de Dom Bosco.

## OS PONTOS PRINCIPAIS DA CONTROVÉRSIA COM MONSENHOR GASTALDI.

Poucos meses depois de sua tomada de posse na Sede Metropolitana de Turim, o Arcebispo comunicou a Dom Bosco as condições que exigia para ordenar os candidatos salesianos. Algumas delas eram legítimas, outras porém indicavam exclusivamente o desejo de imiscuir-se no regime interno e disciplinar de uma Congregação já aprovada por Roma desde 1869. Porque exigir que um candidato às ordens, quarenta dias antes da ordenação apresentasse ao bispo que o ia ordenar o seu currículum de estudos e as razões que o tinham induzido a entrar na Congregação ou a deixar sua antiga diocese?

Um seminarista de Turim, o clérigo Rocca, queria fazer parte da Congregação Salesiana. Pediu várias vezes ao Arcebispo licença de seguir sua vocação; mas a resposta era invariavelmente negativa. Só pôde satisfazer o seu desejo depois de uma doença que o obrigou a voltar para sua terra natal. Mas então foi impossível conseguir de Dom Lourenço Gastaldi as dimissórias necessárias para a admissão ao noviciado. Por sete vezes entregou o pedido à Cúria de Turim, mas sempre inutilmente. E tiveram então de recorrer à Congregação dos Bispos para que ordenasse a entrega desse documento indispensável.

Esse desagradável incidente demonstrava a vontade decidida que tinha Mons. Gastaldi de não ceder jamais nem um de seus súbditos a Dom Bosco. Êle tinha chegado a pretender do Santo uma promessa assinada de não aceitar entre os salesianos nenhum seminarista de Turim. Por amor da paz Dom Bosco apresentou-lhe tal documento, não porém sem especificar que sua promessa se entendia dentro dos limites estabelecidos pelo Direito canônico para tutelar a liberdade das vocações religiosas. Mas essa observação, ortodoxa aliás, desagradou ao Arcebispo e o documento foi recusado.

Tinha Dom Bosco o costume de convidar todos os anos professores de curso primário e secundário, para fazer retiro espiritual no seu Colégio de Lanzo, situado num canto ameno e solitário das montanhas, a trinta quilômetros de Turim. Sua finalidade não era outra senão o bem dessas almas. Pois bem, os retiros foram suspensos autoritariamente.

Em 1875, como iremos dizer, Dom Bosco deu início à penúltima de suas realizações, a obra das vocações tardias. O projeto teve calorosa aprovação e bênção de Pio IX. Então Dom Bosco resolveu difundir entre o clero, em grande quantidade, um pequeno opúsculo em que se explicava o escopo da Obra, recomendando-a ao zelo dos párocos. Mas não houve possibilidade de conseguir o Imprimatur diocesano. Pior ainda: os bispos das províncias eclesiásticas de Turim, Vercelli e Gênova, receberam o conselho de protestar junto ao Papa contra esse projeto, o qual - assim dizia o conselheiro - iria ser a ruína dos seminários menores e atentar contra os interesses vitais da diocese. Dom Bosco viu-se portanto

obrigado a ir pedir o Imprimatur a seu bom amigo o bispo de Fossano, e seguindo conselhos de Roma abriu sua primeira casa de vocações tardias não em Turim mas perto de Gênova.

Já havia muitos anos que o Instituto de Dom Bosco gozava do privilégio, concedido pelo Papa, de celebrar as três missas na noite de Natal, privilégio, aliás, que se concedera também a muitas outras comunidades religiosas. Pois bem, a 19 de dezembro de 1872, o Arcebispo mandou avisar a Dom Bosco que a igreja de Nossa Senhora Auxiliadora devia conformar-se aos antigos costumes cristãos e celebrar portanto uma missa só na noite de Natal.

Por bem trinta vezes Dom Bosco convidou seu Arcebispo a pontificar numa das grandes solenidades salesianas; mas sempre recebeu recusas. Pediu-lhe que ao menos fosse administrar a crisma aos seus meninos, pois havia quatro anos que não se davam crismas no Oratório. A resposta foi idêntica. E diversos bispos amigos de Dom Bosco que desejavam celebrar algum pontifical na igreja salesiana, foram impedidos pela autoridade diocesana ou tiveram que suportar amargos dissabores por tê-lo feito sem licença.

Várias vezes, - seis vezes diz Dom Bosco num documento justificativo -o Arcebispo enviou aos Cardeais da Cúria, aos Consultores dos Bispos e Regulares e aos personagens eclesiásticos mais distintos, memoriais e até opúsculos, nos quais com bases em fatos inexistentes, pintavam-se os salesianos como religiosos ignorantes, cheios de si, insubordinados, mais espalhafatosos que realmente zelosos.

Mas vamos finalmente conhecer os dois incidentes mais graves que alimentaram nos últimos cinco anos a desagradável divergência. Nos anos de 1878 e 1879 saíram a lume na Tipografia Bruno de Turim quatro opúsculos: Lembranças para o clero; Ensaio das doutrinas de Dom Lourenço Gastaldi; o Arcebispo de Turim; Dom Bosco e o Padre Oddenino. Eram opúsculos anônimos; porém na capa do primeiro e do segundo declarava-se que eram escritos respectivamente por "um Capelão" e por "um Cooperador Salesiano". Todos os quatro atacavam o Arcebispo, o primeiro pelas suas injustiças para com Dom Bosco; o segundo e o terceiro pelos seus princípios rosminianos; o quarto pela parcialidade com que o Arcebispo tinha resolvido uma questão que surgira em Chieri entre o Pároco e o Diretor do Oratório Feminino. Imediatamente suspeitou-se que os autores eram Dom Bosco e seus salesianos, ao passo que ele eram absolutamente inocentes. Mais tarde, muito tarde, dezessete anos depois em 1895 - um dos culpados revelou os nomes de três autores dos opúsculos: o primeiro tinha sido composto pelo Padres Turchi, ex-aluno e ex-professor do Oratório de Valdocco; o segundo pelo Padre Ballerini, jesuíta; o terceiro pelo, cônego Anfossi, que tinha sido clérigo no Oratório. Do quarto até hoje não se soube quem é o autor.

Obstinado na sua acusação, o Arcebispo exigia que Dom Bosco apresentasse uma declaração dizendo que condenava formalmente o conteúdo daquele livrinhos. Mas, podia Dom Bosco fazer tal declaração? As teorias filosóficas expostas em dois dos opúsculos eram muitíssimo combatidas como errôneas, e, os fatos narrados nos outros dois eram autenticamente verídicos. Portanto não se podiam desdizer nem a doutrina de uns nem os fatos dos outros. Numa carta cheia de dignidade o Santo se limitou a afirmar que nem êle nem nenhum de seus filhos tinha tido parte na redação dos opúsculos e que desaprovavam energicamente o tom irreverente que usavam para com a pessoa sagrada do Arcebispo.

Mais não podia fazer. Entretanto isso não bastou para desfazer a persuasão de que êle era, senão o autor, pelo menos o inspirador dos libelos.

O pretexto para tal persuasão era que certa vez Dom Bosco prestando ouvidos a umas queixas do Padre Pellicani, da Companhia de Jesus, a respeito do modo de governar do Arcebispo, tinha achado oportuno aconselhá-lo a escrever a Pio IX sobre o assunto.

Em fins de 1878 um segundo fato veio agravar as relações entre Dom Bosco e o Arcebispo; foi o caso do Padre Bonetti. Quatro anos ia durar a questão e ia fazer sofrer atrozmente o coração do Santo e o de um de seus melhores filhos. o Padre Bonetti, religioso modelo, apóstolo infatigável e escritor primoroso. Vamos aos fatos. Em 1878, no mês de junho, Dom Bosco abriu em Chieri, cidade que contava então seus 15.000 habitantes, um oratório para meninas, com capela pública.. Pôs na direção do Oratório o Padre Bonetti. Dentro de brevíssimo tempo surgiram gravíssimas dificuldades entre o oratório e a paróquia. São coisas muito freqüentes na vida pastoral: de um lado a paróquia reclama suas crianças, e é uma reivindicação legítima, porque ela um dia deverá mesmo acolhê-las e no seio dela se desenrolará o resto da existência dessas almas hoje pequeninas; de outro lado, a instrução e a educação da juventude constituem uma tarefa propriamente técnica que os padres da paróquia, mesmo que tivessem preparação suficiente, não estariam em condições de acrescentar aos outros trabalhos que já têm. É portanto necessário procurar uma fórmula de mútua compreensão; e ordinariamente, se há boa vontade recíproca, e se ambas as partes desejam igualmente a paz, tal fórmula não é difícil encontrar. Em Chieri, porém, não puseram todo o empenho em procurá-la. O Arcipreste, Padre Oddenino, tomou posição contra a florescente obra que já contava 500 meninas e fez compreender que com seu horário, com o barulho que fazia e com sua vida à margem da paróquia era uma concorrente desleal. O Diretor continuou a seguir seu caminho sem se perturbar com as queixas do Arcipreste; este se obstinou em considerar o Oratório como um baluarte inimigo e continuou a protestar.

Seu protesto chegou até ao Arcebispo e este interveio rigorosamente. Segundo escreveu o próprio Mons. Gastaldi, a fim de prevenir todo o escândalo, o chefe da diocese julgou que não havia outro remédio senão trocar o Diretor. E para obrigar Dom Bosco a essa troca, retirou ao Padre Bonetti a faculdade de ouvir confissões, primeiro em Chieri, depois em toda a diocese. Tal suspensão foi dada autoritariamente, sem os três avisos prévios exigidos pelo Direito Canônico, e sem prevenir ao Superior Geral. Um sacerdote dos mais dignos era portanto assim atingido publicamente e ferido em sua honra sacerdotal sem que tivesse podido defender-se de modo nenhum.

Dom Bosco tomou então sua defesa. Levaram a questão a Roma, onde recebeu solução satisfatória, três anos mais tarde. O Cardeal Nina, Prefeito da Sagrada Congregação do Concílio, em carta de 22 de dezembro de 1881, reprovava em nome desse altíssimo Tribunal, o excesso de rigor do Arcebispo. Em 1883, depois da morte de Mons. Gastaldi, o Padre Bonetti readquiriu o exercício completo de sua liberdade sacerdotal. Não nos é possível entrar em pormenores desse processo interminável, do qual disse Dom Bosco: "A maior parte dos aborrecimentos que tivemos naquele anos de 1869 a 1881, dependiam desse assunto".

Esse conjunto de fatos prova suficientemente - como escreveu Mons. Vitelleschi, Secretário da Congregação dos Bispos e Regulares - que a oposição do Arcebispo contra Dom Bosco era algo de sistemático. Quantas vezes procuraram fazê-la desaparecer! O próprio Dom Bosco por meio de pessoas amigas, - o Arcipreste de Lanzo e o Conde Castagnetto - tentou solucionar amigavelmente as desavenças. Foram tentativas inúteis! Já em 1875 o próprio Santo Padre tinha pedido a Mons. Fissore, Arcebispo de

Vercelli, e intimo amigo de Gastaldi, que interpusesse seu melhor empenho, para conseguir a cessação de uma contenda que estava sendo a delicia dos inimigos da religião. Mas nem sequer a iniciativa do Sumo Pontífice pôde obter resultado. E Dom Bosco continuou a levar dolorosamente sua cruz.

## LEÃO XIII PESSOALMENTE TENTA RESOLVER A QUESTÃO.

Mas um dia Dom Bosco não pôde tolerar mais. Soube que em Roma estava na Cúria um processo contra êle. E compreendeu que se calasse ficariam comprometidos os interesse. supremos de suas duas congregações religiosas. Por isso, servindo-se da pena do Padre Bonetti e do Padre Berto, preparou uma "Exposição aos Eminentíssimos Cardeais da Congregação do Concilio", encarregados de informar sobre o processo. O documento - que os adversários consideraram como um quinto libelo de Dom Bosco - era um relatório objetivo e desapaixonado de todas as provocações a que Dom Bosco fora submetido ano por ano, desde 1872 até 1881, nas suas relações com a Administração Diocesana. Instruíam o relatório as respectivas peças demonstrativas e no final se suplicava a autoridade eclesiástica que viesse em auxílio de Dom Bosco para impedir que se repetissem semelhantes incidentes, os quais, como bem se exprimia o Santo, subtraíam ao serviço das almas tempo precioso, forças vivas e até dinheiro.

Ao ler o longo memorial, Leão XIII, que até então só tinha ouvido os sinos de um dos lados, ficou extremamente surpreendido. O vigor da linguagem desses papéis e a sinceridade que nele se percebia comoveram o coração do grande Pontífice, o qual avocou a si a causa. Contando com a humildade do Santo, ditou um projeto de acordo em sete artigos, com o que esperava pôr ponto final à questão. O Cardial Nina, Prefeito da Congregação do Concílio, teve um sobressalto quando leu o primeiro artigo do texto que lhe foi entregue: "Ao receber estas instruções, Dom Bosco deverá escrever uma carta a Mons. Gastaldi, manifestando quanto desgosto sente pelo fato de incidentes dolorosos terem nestes últimos anos conseguido alterar suas boas relações e causar certa magoa ao coração do Arcebispo. Se Sua Excelência julgar que Dom Bosco ou qualquer membro de seu Instituto tenha sido a causa desse fato, Dom Bosco pedirá perdão e suplicará ao Arcebispo que ponha uma pedra sobre o passado".

- Mas esta cláusula me parece injusta, ousou comentar o Cardeal.

- Sei o que estou fazendo, respondeu Leão XIII. Conto com a virtude desse homem de Deus. Dom Bosco, nós o conhecemos: é um santo...

E o gesto do Pontífice parecia completar o pensamento dizendo: "Por amor da paz este servo bom passará sob as terríveis focas caudinas e tudo se harmonizará".

Quando se leu o projeto de acordo na presença do Capítulo Superior da Congregação, teve a mesma acolhida que lhe fizera o Cardeal Nina. "Não podemos aceitar, disseram todos os membros do Conselho, menos.um. O primeiro artigo parece dizer que a razão não está conosco".

- E tu, Cagliero, que achas? disse Dom Bosco, dirigindo-se ao capitular que até então se mantivera calado..

- Penso que o Papa, precisamente porque conhece Dom Bosco, suas obras e

suas virtudes, espera conseguir desse modo uma acomodação. Dá a impressão de estar impondo um peso injusto sobre os ombros de um inocente, mas faz isto para conseguir mais garantidamente o fim que deseja.

O Santo concordou com esse filho cheio de bom senso e executou escrupulosamente as instruções do documento pontifício .

## SÓ A MORTE DO ARCEBISPO PÕE FIM A TODAS AS QUESTÕES.

E conseguiu-se mesmo a paz? E uma paz durável?... Infelizmente não! Bastou um fatozinho insignificante para que se suspeitasse de novo que Dom Bosco estava querendo usurpar a autoridade episcopal. Foi o que aconteceu por exemplo quando Dom Bosco pediu licença de benzer êle próprio a Igreja de São João Evangelista para podê-la abrir ao culto, uma vez que o Arcebispo não podia consagrá-la por se achar nos Alpes desfrutando o repouso a que sua saúde o obrigava nos meses quentes do verão.

Era uma antipatia natural e incurável que não deve surpreender a ninguém. Podemos não há dúvida deplorar com Pio IX que Dom Bosco tenha encontrado "contradições vindas justamente daquele de quem devia esperar apóio e socorro"; mas ninguém podia duvidar da retidão de intenções do Arcebispo. Por uma estranha ilusão do espírito, êle julgava, como diz o Evangelho, honrar, a Deus atormentando o seu servo. É impossível, porém, desconhecer que Dom Lourenço Gastaldi foi na cátedra de Turim um arcebispo de grandíssimo valor: zeloso, douto, pio, amigo da disciplina, todo dedicado a seu dever pastoral. Por outro lado, era de saúde precária, sofria dolorosas crises de fígado e, com o caráter impulsivo que tinha, em vez de encontrar nas pessoas que o rodeavam palavras de calma e de tranqüilidade: só recolhia insinuações malévolas. Tinha fixa na mente a idéia de que Dom Bosco lhe fazia oposição, sistemática, lhe erguia cidadela contra cidadela, trabalhava para arrebatar-lhe os melhores elementos, queria colocar-se acima da autoridade episcopal. Pensava que sua forma de apostolado era falsa, que a sociedade salesiana, sedenta de independência, espezinhava continuamente o Direito Canônico, que os salesianos realizavam na arquidiocese uma campanha surda contra êle... e mil outras coisas. É provável que estivesse em boa fé e nem este é uma caso virgem. Basta lembrar algumas célebres desinteligências do século passado que entristeceram a Igreja e fizeram gargalhar os maus: as famosas desavenças entre Mons. Bouvier, Bispo de Mans e Dom Gueranger; entre Mons. Darboy, Arcebispo de Paris e Mons. De Segur; entre Mons. Dupanloup, Bispo de Orleans e Luiz Veuillot.

Só a morte pôde resolver definitivamente a questão. E foi o que se deu um ano mais tarde, no dia 25 de março de 1883.

Um dia - em 1872 - quando o Arcebispo ainda era amigo de Dom Bosco, lhe tinha dado este conselho: "Quando em sua vida vir surgirem-lhe na frente contradições dos homens, não se impressione, pelo menos externamente; nem permita a nenhum de seus filhos, que dê mostras de ressentimento a quem quer que seja. Creia que ter paciência, rezar e humilhar-se diante de Deus e dos homens inda é o meio melhor para superar o obstáculo. Assim fizeram todos os Santos fundadores de Ordens".

Parece-nos que o conselho foi seguido ao pé da letra!

## CAPÍTULO XVII

## O APÓSTOLO

Índice

A ÚLTIMA TAREFA.

UMA VISÃO PROFÉTICA.

VAMOS À PATAGÔNIA.

CONSELHOS AOS MISSIONÁRIOS.

AS MISSÕES NA AMÉRICA.

MISSÕES DA ÁFRICA E DO ORIENTE.

OS RESULTADOS VISTOS EM SONHO.

PRIMÍCIAS DO APOSTOLADO SALESIANO.

## CAPÍTULO XVII

## O APÓSTOLO

### A ÚLTIMA TAREFA.

Estamos no ano de 1875. Dom Bosco completou sessenta anos de idade. Parece que sua missão está cumprida. Uma após outra, chamada e provocada cada uma pela que lhe vinha antes, suas obras em favor da juventude, foram desabrochando em magnífica floração, atingindo primeiro o menino, depois o adolescente na hora do maior perigo e conduzindo-o por caminhos seguros até o limiar do matrimônio ou do sacerdócio, onde êle se apresenta quase salvo. Todas essas instituições proliferam, atravessando primeiro os confins da província e depois os da nação. França, Espanha e Inglaterra já vão adotá-las e incorporá-las à sua vida cristã. Um exército de discípulos foi-se formando lentamente para garantir a perpetuidade da obra e as fileiras desse exército vão engrossando de ano para ano. Paralelamente está para se realizar o mesmo trabalho em prol da juventude feminina. Nascida embora dez anos depois dos salesianos, as Filhas de Maria Auxiliadora vão alcançar logo o número e as realizações de zelo de seus irmãos mais velhos. Não há dúvida parece que o homem terminou sua missão e pode com um olhar de humilde satisfação abraçar toda a vastidão do campo em que loureja uma abundante messe.

Entretanto o coração do Servo de Deus sente-se inquieto e insaciado. Seu melhor sonho, seu mais antigo desejo de apostolado, ainda não se pôde realizar. Para além dos mares, em todas as direções, assentados à sombra da morte, multidões de homens estão esperando a fé que lhes ilumine o caminho. É preciso correr ao encontro dessas populações selvagens e dessas raças infiéis e conduzi-las à luz do Evangelho. Só então sua missão estará terminada. Mas quem irá? Êle em pessoa? Bem que o desejaria! Fora o suspiro dos anos jovens de seu sacerdócio e só a visão

perspicaz do Padre Cafasso o impedira de se alistar numa companhia de missionários.

Na idade de trinta e três anos seu coração ainda estava em sentimentos missionários. Em 1848 uma. de suas leituras preferidas eram os "Anais da Propagação da Fé".

Um dos alunos externos, seu vizinho, apenas os recebia corria a le-los de noite. E Dom Bosco ao ouvir aquelas narrações que tantas vocações missionárias despertavam, murmurava:

- Ah! se eu tivesse muitos sacerdotes e muitos clérigos, levá-los-ia comigo a evangelizar a Patagônia e a Terra do Fogo. E sabes por que?

- Provavelmente porque é a parte do mundo que tem mais necessidade de missionários.

- Justamente. Há naquela região populações completamente abandonadas, e eu iria voando ao encontro delas!

Sete anos mais tarde, em 1855, um de seus primeiros alunos, entrando no seu escritório, ficou surpreendido ao ver um novo quadro pendurado na parede.

- Quem é esse Padre? perguntou.

- É Gabriel Perboyre, ardente missionário martirizado na China há poucos anos. E, como que falando a si mesmo, continuou: "Como gostaria que meus filhos pudessem chegar até aquelas terras no Extremo Oriente. Se Deus me desse dez sacerdotes segundo o meu coração, partiríamos juntos para lá..."

Finalmente, já no entardecer da vida, essa sede de apostolado em regiões longínquas, que em vez de se acalmar aumentava sempre, arrancava-lhe este lamento eloqüente: "Ah! Se eu não fosse tão velho e não estivesse tão alquebrado, tomaria comigo o Padre Rua e partiríamos juntos para as missões!"

## UMA VISÃO PROFÉTICA.

Desejo sempre ardente, mas desejo jamais realizável! No entanto êle estava certo de que, ao menos por meio de seus filhos, iria trabalhar um dia para a extensão do Reino de Deus no meio dos infiéis. Por duas vezes o Senhor lhe tinha manifestado claramente sua vontade. A primeira foi à cabeceira de um de seus primeiros discípulos, o pequeno Cagliero, quando se achava sem nenhuma esperança de sarar. Caíra sobre Turim em 1854 a epidemia da cólera com uma violência que jamais se tinha conhecido. Todos os dias morriam dezenas de pessoas. Dom Bosco multiplicava-se junto ao leito dos colerosos nos hospitais, nos lazaretos improvisados, nos sótãos infectos, por toda parte enfim; e não tinha receio de lançar também seus meninos nesse caridoso apostolado. Cagliero foi um dos primeiros a correr ao trabalho. Dedicouse tanto que afinal apanhou uma febre tifóide. Quando os médicos declararam a Dom Bosco que a missão dele estava terminando e só restava o lugar para o sacerdote, o bom pai aproximou-se uma tarde do leito do moribundo e interrogou amavelmente:

- Olha, João. Que é que preferes: viver ou ir para o céu?

**- Ir para o céu.**

**- Mas não é hora ainda. Nossa Senhora quer curar-te. Vais sarar, receberás batina, serás sacerdote e, com o breviário sob o braço irás percorrer longo caminho.**

**Palavras misteriosas que só mais tarde o Santo explicou. Êle tinha visto perto do leito do enfermo uma visão: uma pomba com um raminho de oliveira no bico. De tanto em tanto ela, passava roçando os lábios do menino e por fim deixara cair o raminho no travesseiro.**

**No fundo uma multidão de figuras estranhas, pareciam fitar o doente com olhos súplices. Dois dele, dois gigantes, dois guerreiros, um de cor do ébano, outro de pele bronzeada, inclinavam-se angustiosamente sobre o moribundo, para descobrir o mínimo sopro de esperança. O símbolo era claro: a pombinha representava a plenitude dos dons do Espírito Santo que enchem a alma do bispo no dia de sua sagração; o selvagens eram as futuras ovelhas desse pastor.**

**- Um de vós vai ser bispo, dizia já Dom Bosco em 1855. Do Oratório sairão outros bispos ainda, mas esses por enquanto não estão aqui.**

**Essa primeira visão tinha sido completada, dezesseis anos mais tarde, numa noite do ano de 1871, por um sonho que não podia deixar mais nenhuma sombra de dúvida. Nesse sonho Dom Bosco se vira transportado a um região selvagem e desconhecida, imensa planície inculta, onde não se via uma só colina. No fundo do horizonte se alinhava uma cadeia de montanhas altíssimas que aumentavam a grandiosidade da cena. Homens seminus, de estatura colossal e de aspecto feroz, cruzavam a imensa região. Eram todos parecidos uns com os outros; longa cabeleira em desalinho, cor bronzeada, nos ombros uma pele de animal e nas mãos a lança e um laço. Esparsos pela planura desmesurada, entregavam-se aos mais variados exercícios de bravura. Uns perseguiam animais selvagens, até alcançá-los e abatê-los; outros voltavam à própria habitação, trazendo como troféu um animal esquartejado e espetado na ponta da lança; outros ainda desafiavam-se entre si e lutavam ferozmente, enquanto uns últimos se atracavam com soldados vestidos à européia. E a planície se cobria de cadáveres!**

**"De repente, diz Dom Bosco, - aparece no horizonte uma turma de homens que, pela maneira de trajar, logo reconheci como missionários. Aproximavam-se daquele infelizes com rosto sorridente e se preparavam para lhes pregar o evangelho. Fitei alguns para ver se conhecia a que Ordem pertenciam ou até mesmo se os conhecia pessoalmente. Tudo em vão! Aliás os selvagens não me deram tempo para isso. A medida que os iam alcançando, atiravam-nos por terra, assassinavam-nos e reduziam-nos a pedaços; depois partiam triunfantes, levando as postas de carne ensangüentada nas pontas das lanças, numa balburdia de gritos e de cantos ininteligíveis! E eu pensava comigo mesmo: quem poderá conseguir converter essas hordas selvagens?**

**Estava imerso nestas reflexões, quando vi desenhar-se do mesmo lado do horizonte um segundo grupo de missionários. Não eram muito numerosos, mas tinham um ar alegre, e vinham precedidos de uma multidão de meninos. - Vão também ele fazer-se assassinar -pensei eu. E me pus a observá-los também enquanto passavam para ver se os reconhecia. Alguns eram conhecidos. Eram todos salesianos e poderia citar diversos dele! Fiz então sinais aflitos que parassem e voltassem para trás, pois que estavam correndo ao encontro da morte certa. Mas não foi assim. Apenas se aproximaram, os canibais lhes fizeram festas, depuseram as armas, deixaram a ferocidade**

natural, e receberam os recém-chegados com sinais da mais viva simpatia. "Vamos ver em que vai dar isto!" ia eu monologando. E com minha grande surpresa, tudo acabou muito bem. Os novos apóstolos se uniram aos selvagens, e se puseram a instruí-los. E os filhos do deserto ouviam-nos atentamente, repetiam-lhes as lições e lhes aceitavam com a mais perfeita docilidade os paternos avisos. Pouco depois vi os missionários puxarem o terço, depois entoarem um cântico, e todos aquele indígenas iam respondendo em coro as orações e aos cantos. E o faziam com tanto sentimento e avolumavam tanto a voz que... despertei e me achei em minha cama e em meu quarto.

Por esse sonho - termina Dom Bosco - entendi claramente que meus filhos deveriam partir um dia para as missões longínquas; mas ficou-me sempre esta pergunta: Quais são esses selvagens a quem iremos levar em primeiro lugar o facho do evangelho?"

## VAMOS À PATAGÔNIA.

Essa pergunta foi sendo repetida na alma de Dom Bosco durante cinco anos. A principio imaginou que a terra vista era a Etiópia com seus pobres negros selvagens. A hipótese lhe era sugerida como conseqüência de uma visita que um missionário da Etiópia fizera ao Oratório. Mas bastaram umas informações mais precisas para fazer-lhe abandonar a pista.

Começou a pensar na China. Justamente nessa ocasião passou por Turim um missionário a fazer conferências para arrebanhar mais apóstolos para as missões da China. Dom Bosco se pôs em relações com êle, interrogou-o, pediu-lhe mil explicações. Porém não tardou a perceber que estava ainda tomando rumo errado. Depois voltou a atenção para a Austrália.. Mas pela descrição que lhe deram do caráter, dos costumes e do tipo dos selvagens que lá habitavam, persuadiu-se que não era dele que o sonho lhe falara.

E não seria a Índia? Procurou noticias nos livros, falou com sacerdotes ingleses, missionários daquelas terras, e houve um momento em que lhe parecia tratar-se mesmo desse vasto império. E ia falando com fervor das Missões Católicas na Índia, animando até alguns salesianos a estudar inglês, e já estava mesmo para aceitar de Roma um Vicariato Apostólico no País das Castas. Mas eis que uma proposta do Cônsul da Argentina veio colocá-lo finalmente na rota certa.

Em dezembro de 1874, esse diplomata foi propor-lhe,. em nome do Arcebispo de Buenos Aires, que aceitasse a evangelização das imensas regiões desertas que se estendem ao sul da grande República: Patagônia, Terra do Fogo, Arquipélago de Magalhães, pontos extremos do Novo Continente, na direção do Pólo Sul. Estas vastíssimas zonas eram habitadas por tribos, cujo estado se avizinhava tanto da irracionalidade, que alguns partidários de teoria de Darwin pretendiam, como se sabe, ter encontrado entre elas os famosos tipos intermediários entre a espécie humana e os animais.

Como é que Dom Bosco, desde as primeiras conversações com o cônsul, adquiriu logo a certeza de que os tais índios eram precisamente os que êle vira em sonho, é um problema que até hoje não teve esclarecimento. Mas a realidade é esta: apenas formulada a proposta, Dom Bosco concordou e empregou todo o ano de 1875 em escolher, equipar e instruir um punhado de apóstolos encarregados de abrir o caminho para os futuros pioneiros do Evangelho.

Eram dez sacerdotes e seis irmãos leigos. Todos ele já morreram. O chefe da expedição, Padre Cagliero, - o menino do famoso sonho, -morreu por último, em 1926, com 88 anos completos, depois de ter vivido seus trinta e três anos de fadigas apostólicas e seus dez anos de trabalho a serviço da Diplomacia Vaticana, o que lhe merecera o prêmio da púrpura cardinalícia.

## CONSELHOS AOS MISSIONÁRIOS.

Todos se lembram daquela página do Evangelho que nos pinta a imensa amargura que sentiu Jesus ao contemplar as multidões errantes ao léu da sorte, sem luz que lhes iluminasse o caminho "acabrunhadas e abatidas como ovelhas sem pastor". E Jesus suspirava: "Como é grande a messe e como é pequeno o vosso número! Mas ide, assim mesmo, e pregai-lhes o Evangelho". E antes de derramá-los pela planície da Galiléia chama-os para junto de si e lhes dá os últimos conselhos...

Pois o discípulo reviveu linha por linha essa cena evangélica nas pegadas do Mestre. "Que campo imenso esta Patagônia! Três vezes maior do que a Itália. Que messe esplêndida para um exército de apóstolos! E vós sois um punhado apenas. Não faz mal. Parti assim mesmo. Porém, antes de partir, escutai as supremas recomendações de vosso pai:

> "Preocupai-vos tão somente com as almas, e não busqueis honras, nem dignidades, nem riquezas. - Quereis merecer as bênçãos de Deus e a benevolência dos homens? Tratai com particular bondade os doentes, os meninos, os velhos, os infelizes. Mostrai-vos sempre e em toda a parte respeitosamente submissos às autoridades civis e religiosas".

E, para terminar, ao chefe do grupo acrescentou em voz baixa:

> "Fazei o que puderdes e deixai o resto a Nosso Senhor. Tende uma confiança cega em Jesus Sacramentado e na Virgem Auxiliadora e vereis o que são milagres".

## AS MISSÕES NA AMÉRICA.

E o maior milagre foi sem dúvida o prodigioso desenvolvimento das Missões Salesianas,, desenvolvimento que iria situar a Congregação entre as doze ou quinze grandes Sociedades Missionárias da Igreja. Pois que à primeira expedição missionária seguiram-se muitas outras. Ano por ano, apesar de todas as dificuldades que foram aparecendo, fizeram novos progressos. Árvore por árvore foi tombando a grande floresta de sombra e a luz foi penetrando. Vinte anos depois da chegada dos missionários o deserto estava coberto da flores. Toda a imensa região que abraça a Patagônia setentrional, central e meridional e os Pampas da Argentina estava explorada em todos os cantos e conquistada para o Evangelho. Essas missões são hoje dioceses: Punta Arenas, no Chile, Viedma e Comodoro Rivadavia, na Argentina.

O olhar desse apóstolo se voltou então para outras terras, mais acima, bem acima, a república do Equador. Algumas tribos de origem asiática.,

os famosos Jívaros, viviam naquelas plagas, completamente afastados da civilização e da fé. Em 1895 Roma reuniu todos esses territórios sob a jurisdição de um bispo salesiano e se formou assim o Vicariato Apostólico de Mendez e Gualaquiza.

No ano precedente os filhos de Dom Bosco tinham penetrado no coração do mais interior dos estados do Brasil, Mato Grosso. Ai também havia populações selvagens, especialmente a tribo dos Bororos, espalhada num imenso território, a esperar sempre a luz da fé. Depois de vinte anos de trabalho nesse solo lavrado, revolvido, amanhado, e já em parte semeado pela palavra divina, constituiu-se uma Prelazia, - em 1914 - A Prelazia do Registro do Araguaia, tendo à testa um bispo salesiano. [21]

Ainda dentro do Brasil, subindo mais para o norte, ao longo do Rio Negro, nessa imensidão da floresta amazônica, e nesse emaranhado de rios e canais, outras tribos esperavam o missionário. Dentre elas os célebres Tucanos. Sem falar dos caboclos e dos imigrantes, que nessa região inóspita viviam longe de qualquer conforto religioso. Uns e outros eram como ovelhas sem pastor, uns a aguardar a luz do Evangelho, outros a suspirar pelos Sacramentos. Em 1914 Roma juntou todas essas populações sob o nome de Prefeitura Apostólica do Rio Negro [22] e entregou-a à Congregação Salesiana.

Cerca de dez anos mais tarde, Pio IX colocou os salesianos no Paraguai na intermimável solidão do Grão Chaco circundada por três imensos cursos de água, o Paraguai, o Pilcomaio e o Parapiti, para livrar do fetichismo os trinta mil selvagens - Chamacocos e Lenguas -espalhados por essas terras pantanosas. Em 1948 constituiu-se o Vicariato Apostólico do Chaco Paraguaio.

Em 1927, ainda na imensa planície amazônica, mas desta vez na zona banhada pelo rio Madeira, o imenso território de Parto Velho passou a ser Prelazia "nullius" e a belicosa tribo dos Parintintins viu chegar o missionário salesiano.

Em 1932 foi a vez das missões na Venezuela, nos vales no alto Orenoco, missões que hoje constituem o Vicariato Apostólico de Puerto Ayacucho.

Pode-se assim verificar que as circunstâncias de certo modo tornaram os filhos de Dom Bosco especialistas na evangelização dos índios americanos. E, embora haja pessoas habituadas a ver infiéis só na Ásia, na África, e na Oceania, é preciso no entanto reconhecer que são verdadeiras e cheias de perigos também as missões que no fundo das florestas ou na imensidade das savanas americanas consomem tanto como as de outras terras as forças dos pioneiros da Fé.

A diferença entre os pagãos da América e os do continente amarelo ou do continente negro consiste apenas no número: Na Ásia e na África os infiéis são a massa, ao passo que na América as tribos selvagens formam apenas ilhas, bastante vastas algumas vezes, mas sempre ilhas. Relegados para os últimos recantos de suas florestas, considerados quase sempre como raça inferior, os pobres índios muitas vezes só aprendem do civilizado aquilo que não é civilização: o furto, a ambição, a imoralidade, o alcoolismo. É urgente portanto e indispensável a ação do missionário para garantir a essas pobres almas algo mais do que o simples direito de viver e de ser explorado!

Felizmente desde os Padres Jesuítas, que deram ao Brasil Anchieta e Nóbrega, que tiveram em Vieira um heróico defensor dos índios, que

fundaram as célebres "Reduções" do Paraguai, desde os Franciscanos do México e os Dominicanos da Colômbia e do Peru -sintetizados em Luiz Bertrand e Bartolomeu de Las Casas - não faltaram almas generosas que tiveram esta primeira preocupação própria de todo verdadeiro colonizador: a evangelização. E de todas as partes da Europa, a convite dos bispos, pastores dessas ovelhas, correram apóstolos a trazer as consolações da fé a esses infelizes despojados de seus bens, expulsos e relegados para suas últimas solidões.

## MISSÕES DA ÁFRICA E DO ORIENTE.

Até os primeiros anos deste século, parecia que a melhor atividade dos missionários salesianos estivesse reservada aos índios, da América. Mas eis que em 1911, a pedido do governo da Bélgica um grupo de salesianos belgas se estabelece em plena floresta africana, na província de Katanga, no Congo. E lá estão há 43 anos e o trabalho extraordinário que realizaram fez crescer uma messe tão abundante, que em 1926, Roma elevou o campo de suas fadigas à categoria de Prefeitura Apostólica - a prefeitura do Alto Luapula, hoje diocese.

Dos filhos de Câmera necessário passar logo aos filhos de Jafé. Em 1920 Mons. de Guébriant, Superior Geral das Missões Estrangeiras de Paris, cheio de admiração para com a zelosa colaboração dos filhos de Dom Bosco pediu à Sagrada Congregação de Propaganda Fide, que desligasse de seu campo de ação na China meridional uma vasta zona habitada por 1.500.000 indígenas e entregasse aos salesianos. Nasceu assim o Vicariato Apostólico de Shiu-Chau, cujo primeiro titular foi consagrado em Cantão em meio a festas jubilosas de que o próprio bispo jamais se esqueceu. [23]

No mesmo ano o tratado de Versalhas afastava da Índia Setentrional os missionários alemães que lá estavam havia 25 anos. A Congregação de Propaganda ofereceu então à Sociedade Salesiana a Prefeitura Apostólica do Assão, no vale do Bramaputra, no meio das tribos Kassis. Segundo o parecer de todos, esta missão era das que faziam conceber as melhores esperanças. Essas esperanças são hoje realidades cada dia mais prósperas, sendo que em 1934 foi elevada a Prefeitura à categoria de diocese, com a sede em Shilong.

Um pouco mais para baixo Roma confiou aos salesianos, em 1928, toda uma diocese hindú - Krisnagar - e a florescente arquidiocese de Madrasta, assim como, dois anos antes, lhes entregara os dois distritos de Miasaki e Oita, no Japão (na ilha de Kiu-Siu ), que formam desde 1935 a Prefeitura Apostólica de Miasaki.

Em 1927, foi confiada aos salesianos uma parte do Vicariato Apostólico de Bankok, na Tailândia. Compreende uma grande extensão da península de Malaca, a que se estende do Golfo de Sião até as possessões inglesas (Strait Settlements ), abrangendo uma superfície de 100.000 quilômetros quadrados. É a Prefeitura Apostólica de Rajaburi, criada em 1934 e elevada em 1941 a Vicariato Apostólico.

São as etapas da marcha conquistadora cujo primeiro escalão embarcava em Gênova, a bordo do Savoia no dia 14 de novembro de 1875, abençoado e encorajado no convés do navio pelo Santo Pai e Fundador.

Passou-se mais de meio século desde aquela cena de despedida. E, se o campo de apostolado se foi alargando, como acabamos de ver, também o

número dos apóstolos foi aumentando cada vez mais. Eram doze quando embarcaram há 70 anos; hoje quase 2.000 entre Salesianos e Irmãs, que trabalham nessas regiões pagãs. Salesianos e Irmãs, sim, porque desde 1877 as Filhas de Maria Auxiliadora seguiram as pegadas dos salesianos que as tinham precedido dois anos antes. Desde esse dia o trabalho delas corre paralelo ao trabalho dos salesianos para criar por meio da mulher convertida a família cristã, ou preparar prudentemente a influência de sua caridade o caminho para o missionário evangelizador.

## OS RESULTADOS VISTOS EM SONHO.

Que pena! poderiam exclamar os leitores. Dom Bosco lançou seus filhos mundo a fora à conquista das terras pagãs e não pôde ver senão os primeiros frutos de seu zelo. Morreu em 1888, apenas quatro anos após a ereção do primeiro Vicariato e da primeira Prefeitura Apostólica. Ah! se êle tivesse visto! se tivesse sabido!

Pois êle sabia de tudo e com certeza. Tinha visto e claramente -sempre em sonho - toda a maravilhosa história A primeira vez, em 1883, na noite de três de agosto, um longo sonho lhe tinha feito percorrer em todos os sentidos a América do Sul, tinha-lhe desdobrado desde o alto da cordilheira dos Andes, o espetáculo de uma, multidão de raças e de povos, tinha-o levado a se assentar sob a tenda das tribos indígenas mais ferozes. Seu guia nessa viagem noturna através do Novo Mundo tinha sido seu querido Luiz Colle, filho dos Condes Colle de Toulon, falecido dois anos antes, em odor de santidade, na idade de dezessete anos. "Olhe! - tinha-lhe dito o angélico jovem - apontando com o dedo as tribos esparsas pela planura, ao longo dos rios, no coração das florestas, perto da imensidade do mar. Olhe! Milhares e milhares de infelizes esperam a fé. Vá ao encontro dele. Formam a messe reservada aos salesianos". Era uma profecia transparente; os últimos ângulos da imensa América Meridional, onde se ocultavam a superstição, a idolatria, o satanismo, a infidelidade, deviam ser explorados e conquistados por seus filhos.

Mas seus esforços não iriam parar ai. Deveriam ir levar a boa nova também ao coração da África negra, à vasta Ásia misteriosa e à longínqua Austrália.

E foi o que veio a saber num último sonho que teve em Barcelona, no dia 9 de abril de 1886. A divina Pastora que aos nove anos lhe tinha feito ver com clareza a sua futura missão, mostrou-lhe nessa noite os pontos principais do caminho que iriam percorrer os seus missionários. Num instante sua fantasia foi transportada ao pé das Cordilheiras, a Santiago e a Valparaiso; de ai ao coração mesmo das matas da África; finalmente a Pequim, a capital do Celeste Império! Por mais robusta que fosse a fé de Dom Bosco, era difícil acreditar tais maravilhas. Evangelizar extensões tão grandes! Vencer tantos obstáculos! Percorrer espaços enormes! e com um exército tão exíguo e com meios tão. escassos! Não! Era um sonho apenas e nada mais! Porém a Dama misteriosa acalmou-lhe os receios: "Não temas disse-lhe ela. Não sómente os teus filhos, mas os filhos de teus filhos realizarão estes prodígios". Poderá alguém duvidar que na terceira geração essa página missionária esteja escrita, vendo que já na segunda o trabalho está tão adiantado?

## PRIMÍCIAS DO APOSTOLADO SALESIANO.

A visão de conjunto do bem que os salesianos iriam realizar nas terras de missão, não foi a única recompensa que Deus quis dar ao Santo e velho apóstolo. Quase no fim de seus dias deu-lhe Nosso Senhor um minuto de alegria indizível. Achava-se havia já quinze dias pregado no leito pela enfermidade que seis semanas mais tarde iria arrancá-lo da terra, quando eis que numa tarde de dezembro foi anunciado que estava chegando da América um filho seu predileto, Monsenhor Cagliero. O bispo missionário voltava, após quatro anos de ausência, do fundo da Patagônia. E . . . não voltava sòzinho. Imaginai que bela cena! O bispo e o venerando ancião abraçam-se ternamente e mal se acalma a alegria e a comoção que experimentam ao se rever, eis que se abre de novo a porta. E nela surge o rostinho cor de bronze de uma indiazinha da Terra do Fogo. Todos os presentes abrem alas e a pequerrucha corre a prostar-se aos pés desse velho paralisado a quem tudo ela deve. Dom Bosco não tinha podido ir à Patagônia e então a Patagônia vinha em pessoa ter com ele, representada por essa pequenina índia recolhida com outros selvagens na primeira expedição salesiana à Terra do Fogo.

"Querido Dom Bosco"

disse Cagliero

"estas são as primícias que lhe oferecem seus filhos ex ultimis finibus terrae".

E o coração do bom velho encheu-se de novo de comoção.

Mas a cena não parou aí. A menina com sotaque semibárbaro, ajoelhada diante dele e fitando-lhe os olhos, disse-lhe em italiano estas palavras que desde muitos dias vinha repetindo consigo mesma: "Pai, eu vos agradeço por terdes mandado vossos missionários para salvar a mim e a meus irmãos". Então parecia que o coração de Dom Bosco ia arrebentar de comoção. Lágrimas de ternura lhe brotaram dos olhos e não foi capaz de pronunciar as palavras com que queria exprimir seus sentimentos. Os privilegiados que assistiram a essa cena dizem que é impossível esquecer-lhe a grandeza simples e sublime.

Digna recompensa ao zelo do apóstolo!

Nobre coroa de uma vida que não tinha vivido senão para amar as almas!

## CAPÍTULO XVIII

## UM DIA DA VIDA DE DOM BOSCO /24

Índice

DESPERTAR. DEUS EM PRIMEIRO LUGAR. AO TRABALHO!

MISSA. CONFISSÕES.

NO PÁTIO COM OS MENINOS.

AUDIÊNCIAS. OS QUE VÊM

VISITÁ-LO PACIÊNCIA E BONDADE.

A REFEIÇÃO FAMILIAR. UMA COROA DE FILHOS. A HORA DE DEUS!

CORRESPONDÊNCIA. CARTAS EXPRESSIVAS.

AUDIÊNCIA DOS FILHOS. CEIA EM FAMÍLIA. DE NOVO OS MENINOS.

ORAÇÕES DA NOITE.

MENINOS E SUPERIORES OCUPAM-LHE AINDA AS ÚLTIMAS HORAS.

ÚLTIMA ORAÇÃO. O REPOUSO.

## CAPÍTULO XVIII

## UM DIA DA VIDA DE DOM BOSCO [24]

### DESPERTAR. DEUS EM PRIMEIRO LUGAR. AO TRABALHO!

Soam quatro horas e meia na Igreja de N. Senhora Auxiliadora: as badaladas do Angelus vibram na semi-escuridão da madrugada. O sono ainda envolve a grande casa escura; só uma janela se ilumina lá em cima, no segundo andar da ala direita, na extremidade da varanda que se estende ao longo dela. Dom Bosco se levantou. "Dormirei só cinco horas por noite" tinha escrito entre os propósitos tomados na véspera de ser padre. E manteve a palavra. As poucas horas que reservava ao sono e a sua calma imperturbável são o que explica como ele pôde realizar tantas obras em tão poucos anos.

Cinco horas: Dom Bosco está rezando. Há alguns anos Roma lhe deu dispensa da reza do breviário, pois que os olhos lhe causam um martírio quando lê. Um deles já se apagou de todo, o outro está seriamente ameaçado. Por isso é que o Papa lhe disse: "Una-se de outro modo com a oração da Igreja". E é o que ele está fazendo agora, ajoelhado, de mãos juntas, olhos fechados, imóvel, inteiramente absorto em Deus. Oração ardente que reveste todas as formas: adora e agradece, pede e escuta. Dentro em pouco ele terá que derramar por mil canais a luz e a força de Deus nas almas; agora é o reservatório que se enche.

A prece estimula à ação. Quase como se fosse uma aguilhoada. E ei-lo que na pequenez de seu escritório se põe a trabalhar. O trabalho de hoje é passar a limpo com sua letra grossa e desigual - um rascunho terminado à noite. É um memorial que está preparando e que tem o seguinte título: "Urgentes necessidades a que somente o Vigário de Cristo pode dar um remédio".

Vamos ler um pedacinho por cima dos ombros do Santo:

> "As vocações sacerdotais estão diminuindo em proporções inquietadoras. Até as que perseveram correm agora, por causa do serviço militar obrigatório, grande risco de naufragar. Meio eficacíssimo para reparar esse desastre é a Obra das vocações tardias, que Pio IX recomendou e

enriqueceu de indulgências. Seu escopo é recolher moços ou homens feitos, cheios de boa vontade e dotados de aptidões suficientes, e encaminhá-los ao sacerdócio. A experiência me demonstrou que, de cem meninos que iniciam os estudos para serem sacerdotes, apenas seis ou sete perseveram até o fim. Ao passo que, dentre os adultos, de cem que começam uns noventa chegam perseverantes até o fim..."

E se vão juntando páginas e páginas. De aqui a um mês Leão XIII ouvirá a leitura do memorial. E esta comunicação de um dos grandes servidores da Igreja iluminará as decisões de Sua Santidade.

MISSA. CONFISSÕES.

Sete horas e meia. Os meninos terminaram o seu primeiro estudo da manhã e se dirigem à igreja para a missa. Dom Bosco lá chegou antes deles e está aguardando na sacristia seus penitentes cotidianos. O confessionário está colocado entre duas portas que dão para o presbitério. Nesse lugar ele vem confessando desde 1868 e confessará até 1886; e no seu estilo, como o fazia na Igreja de São Francisco de Sales, ou já antes na Capela Pinardi, ou mesmo nos primeiros tempos no campo dos irmãos Filippi. Um genuflexório à direita, outro à esquerda, Dom Bosco na meio, o penitente com o rosto inclinado para o ombro do confessor, q Santo a trazer para junto de si, com a mão que lhe ficava livre, a cabeça do menino. Esta manhã devem ser uns cinqüenta os meninos que estão na sacristia todos recolhidos a fazer seu exame de consciência. Um depois do outro vão se aproximando do confessor e passam rapidamente. Com esse pai fala-se com toda a franqueza; é um homem que lê nas consciências e por isso bastam-lhe duas ou três frases para conhecer nitidamente as chagas mais ocultas. Quase trinta penitentes vêm ajoelhar-se a seus pés. A medida que o santo sacrifício se vai desenrolando, Dom Bosco mesmo vai rarefazendo as filas: há meninos que não precisam de absolvição e o Santo com um leve sinal vai indicando que podem fazer tranqüilamente a comunhão.

Depois das confissões, Dom Bosco se recolhe uns instantes e em seguida se veste para a missa. Celebrara com devoção, mas sem vagarosidade, empregando no máximo meia hora. Quando está no altar o mundo desaparece para ele: sua única preocupação é Deus que desce do céu pela sua palavra. Suas genuflexões profundas, o acento com que murmura as orações, a atenção contínua de todo o seu ser, e às vezes as lágrimas que lhe rolam dos olhos revelam aos presentes o ardor de sua piedade. "Quem é esse padre que celebra a missa tão bem? - perguntaram em Marselha ao Padre Albera. - Não pode ser senão um santo".

NO PÁTIO COM OS MENINOS.

Quando sai da sacristia são quase nove horas. O recreio está no auge. Apenas os meninos o divisam, correm em tropel ao encontro dele. É o primeiro contato familiar dos filhos com o pai. É uma cena sublime. Todos à porfia querem estar pertinho dele. Os primeiros que chegam lhe beijam a mão e ficam apertadinhos junto dele, suspensos a seus braços, familiarmente como está representado tão bem no motivo principal da estátua que se ergue na frente da igreja de Nossa Senhora Auxiliadora. Os que chegam depois, se esforçam para varar o cacho humano que se avolumou rapidamente e querem

**fazer-se ver, querem recolher alguma de suas palavras, um seu sorriso, querem sentir a doçura de sua mão a pousar-lhes na fronte ou nos ombros. Os últimos enfim se apinham ao redor dessa massa ondulante que de improviso deixou de gritar e cantar. E, caminhando lentamente, pois que a aglomeração é tão cerrada que lhe embarga o passo, Dom Bosco vai falando. A este diz uma palavra afetuosa, àquele faz uma pergunta, a um terceiro lança um olhar que significa um mundo de coisas, a um quarto sussurra ao ouvido um conselho precioso.**

**"Vai brincar, vai" - diz a um menino que há muito tempo vem fugindo dele e que esta manhã teve coragem de lhe vir beijar as mãos. Mas dizendo estas palavras, dirige logo a atenção a outros, sem largara mão do pequeno.**

**"Como é? estás ainda aqui? - exclama depois de um pouquinho, voltando-se para o prisioneiro. - Não queres ir brincar"?**

**E desta vez deixa-o em paz. Mas o menino compreendeu.**

**- Como é isto? estás doente? - pergunta a um jovem ginasiano, já dos mais adiantados.**

**- Eu doente? Não senhor. Dom Bosco.**

**- Pois me estava parecendo. Estás tão verde!**

**- Mas eu me estou sentindo perfeitamente bem.**

**- Mas eu te digo que estás verde.**

**- Não compreendo.**

**- Pensa um pouco e compreenderás.**

**De ai a dez minutos já o rapaz refletiu e compreendeu que ele se está parecendo com a figueira do evangelho: só folhas e nada de frutos.**

**Agora a turma pára. Chegou a dois passos do refeitório e Dom Bosco sente necessidade de provocar uma boa risada, para poder afastar-se com mais facilidade.**

**- Atenção! vamos tomar exame de vocês. Qual é o melhor vinho do Piemonte?**

**- O Barbera, o Barbera! Gritam todos os de Asti.**

**- Não, o Barolo, bradam os de Alba.**

**- Absolutamente! E o Moscatel de Canelli, protesta alguém em nome de sua terra.**

**- E se fosse o Caluso? sugere Dom Bosco. Vocês não conhecem aquele vinhozinho adocicado, cor de ouro, que escorre como xarope?**

**- Isso mesmo! Isso mesmo! É o Caluso, gritam todos os meninos.**

**- Pois olhem vocês estão todos enganados.**

**- E então qual é?**

**- O melhor vinho para mim é o que está no meu copo.**

**E com esse gracejo que desperta em todos a maior alegria, Dom Bosco manda a criançada brincar e empurra a porta do refeitório, onde o espera uma modesta xícara de café.**

## AUDIÊNCIAS. OS QUE VÊM VISITÁ-LO
## PACIÊNCIA E BONDADE.

**Nove horas. Dom Bosco mal teve tempo de tomar seu café e subir para seus aposentos, que já começa o suplicio das visitas. A sala de espera já está cheia de gente. A fama de santidade convocou ao redor do Servo de Deus todas as misérias da alma e do corpo. E todas as manhãs dez, vinte, trinta pessoas se levantam dizendo: "Hoje vou visitá-lo, vou falar com ele, vou pedir-lhe um conselho, expor uma dúvida, pedir um milagre".**

**Pobre Dom Bosco! Foi-se o tempo em que ele tinha toda a manhã a sua disposição e podia até ajudar sua mãe a varrer, descascar batatas e remendar roupas para os garotinhos do primitivo Oratório. Talvez tenha saudade! Pois agora não é mais dono de si mesmo. Tem que passar três horas inteirinhas pregado numa cadeira dando audiências aos que vêm visitá-lo.**

**E quantas histórias dolorosas! É uma vocação que precisa ser esclarecida; uma mãe que espera uma palavra de consolo para poder suportar o tormento das ingratidões de um filho pródigo; são credores que não querem deixá-lo em paz; é um importuno que não se vai embora, se não receber uma carta de recomendação; é uma miséria oculta à qual é necessário socorrer secretamente; ou são intermináveis questões de família cuja descrição Dom Bosco tem que ouvir pacientemente; é uma vaidosa ambição que pretende apóio para alcançar a meta; ou ainda é uma alma que se encontra à beira do abismo e que só uma boa palavra pode livrar da tentação de desespero ou de sedução; é um falso pobre que tenta provocar compaixão; são ótimos sacerdotes, párocos e capelães que lhe vêm pedir um sermão, um tríduo, uma novena e fazem questão que vá Dom Bosco pessoalmente e não outro; é um pai que vem consultar Dom Bosco sobre o futuro de seu filho; ou é também tua enfermidade incurável ou um mal que não perdoa, e os doentes vêm ajoelhar-se aos pés do Santo esperando com confiança a bênção de Nossa Senhora Auxiliadora para se levantarem curados. Muitíssimas vezes a Virgem Santíssima atende. Assim foi no caso de um menino de Vila Franca. Tinha nove anos e foi levado pelos pais a. Turim. Todos os presentes tinham esperanças de um milagre. O pobrezinho tinha as pernas tortas e de tal maneira que não podia andar. Era preciso levá-lo nos braços. jamais tinha sabido dar um passo sequer. Foi introduzido na presença de Dom Bosco e abençoado por ele ouviu esta ordem: "Tenha confiança em Nossa Senhora e estenda o pé mais defeituoso". O menino a princípio hesitou; mas Dom Bosco insistiu a ele obedeceu. Ajudado pelos pais estendeu um pé, depois o outro; então os pais o deixaram livre, e o doente se pôs a caminhar sòzinho. "Como corre!" exclamaram os pais. E o casal se afastou bendizendo a Dom Bosco e olhando maravilhado para o filhinho que lhes ia correndo na frente. De fatos como este quantas vezes foram testemunhas os humildes aposentos de Dom Bosco! Quando o peregrino ou o visitante atravessam esta ante-sala e este quarto, pisam uma terra sagrada, na qual a Virgem Santíssima se dignou tocar com sua mão milagrosa corpos enfermos e almas doentes. Diante dessas misérias o coração de Dom Bosco se sente imensamente penalizado. E o Santo exclama: "Pobre gente! Vêm de tão longe! São tão infelizes! Contam seus sofrimentos com tanta confiança e esperam com tanta paciência horas e horas na ante-sala! Não se pode deixar de atender a seus pedidos".**

**- Mas, Dom Bosco, observa alguém, não se poderia encontrar o modo de limitar essas visitas?**

**- Sim, eu conheço um meio.**

**- E qual seria?**

**- Fazer tolices. Então se espalharia o boato que Dom Bosco está sofrendo das faculdades mentais e a sala de espera se esvaziaria como por encanto. Isso porém não seria nem muito bonito nem muito prático, porque a Congregação Salesiana tem necessidade de todos.**

**E assim continua todas as manhãs a se submeter à pesada tarefa da imobilidade, a atenção contínua e da conversação esfalfaste, de onde sai com a mente esgotada e com os pulmões cansados. "Bastaria essa única penitência, dizia o Padre Oreglia de Santo Estevão, jesuíta, para demonstrar a heroicidade das virtudes de Dom Bosco". Quando toca o Angelus, ao meio dia há ainda algumas pessoas esperando a vez. O Santo as recebe com toda a paciência, ouve-as e lhes dá conselhos. O estômago pede que tenha compaixão, a cabeça está a estalar, sente câimbras nas pernas, mas dos lábios não lhe desaparece o bondoso sorriso. Finalmente já depois das doze e meia é que pode descer ao refeitório.**

## A REFEIÇÃO FAMILIAR. UMA COROA DE FILHOS. A HORA DE DEUS!

**Sua primeira colherada de sopa coincide geralmente com a sobremesa dos salesianos, que devem logo deixá-lo para estar com os alunos no recreio. O lugar deles é tomado por uma turma de meninos que estavam só aguardando a hora que saíssem. E é precisamente o melhor tempero de seu modesto alimento a presença desses meninos, que o interrogam, respondem às suas perguntas, escutam, riem ou ficam simplesmente a contemplá-lo. E é também a ocasião que sua alma de apóstolo aproveita para insinuar uma boa reflexão ou um episódio instrutivo que o auxilia na obra da educação.**

**Duas horas da tarde! O sino interrompeu a conversa paterna e os meninos se retiram para o estudo ou para as oficinas. Chegou para Dom Bosco o momento sagrado do dia. Das duas às três, Dom Bosco não atende a ninguém, ou a muito poucos. Reservou esta hora inexoravelmente para se entregar à oração. Sabem que ele está na capela e todos respeitam essa solidão sagrada. Tantas obras, tantas almas, tantos amigos e benfeitores deve ele recomendar à bondade de Deus Nosso Senhor! Tantas luzes, deve pedir e tantas forças para urna etapa a mais que pretende galgar! Tantas ações de graças deve render à infinita misericórdia que fez do pastorzinho de Becchi este grande realizador e apóstolo.**

## CORRESPONDÊNCIA. CARTAS EXPRESSIVAS.

**Assim mesmo Dom Bosco não pode prolongar demasiado sua oração. Pois lá estão a esperá-lo uma porção de cartas que pedem resposta. No escritório não poderá contar com horas tranqüilas que lhe bastem para escrever todas elas. Porquanto, se sabem que está presente, começarão a aparecer em cada quarto de hora, ou um auxiliar, ou um credor, ou um fornecedor ou um benfeitor, ou um de seus meninos. É preciso fugir.**

Então Dom Bosco toma o volumoso pacote de cartas, papel e envoltórios e sai. Vai ter a alguma casa amiga, - hoje uma, amanhã outra, - onde sabe que não poderão encontrá-lo. Lá se acha um escritório a sua disposição, com tinta, penas e até selos. E antes de chegar a noite o Santo dá conta de toda a correspondência mais importante.

A um de seus salesianos que parece esquecido do bom pai e até da própria alma, escreve o seguinte: "Várias cartas recebi de você e sempre com imenso prazer. Escreva mais a miúde ainda e não tenha receio de ser longo. Você se desculpa dizendo que está sobrecarregado de trabalho. Eu sei disso! Mas apesar de tudo, não se esqueça, enquanto se ocupa da alma dos outros, de pensar também na sua. Não deixe nunca o retiro mensal. Aqui tudo vai bem e até a passos de gigantes. Quando temos um salesiano quase maduro, há sempre duas casas que porfiam em ganhá-lo. As vezes são plantinhas tenras que expomos assim a ventos tão terríveis. Por isso peça a N. Senhor que as proteja e as faça frutificar. Deus o abençoe meu filho. Querer-lhe-ei sempre como as pupilas de meus olhos. Trabalhe muito! A recompensa nos espera um dia no céu. Ibi nostra fixa sint corda, ubi vera sunt gaudia. Reze por mim que serei sempre de todo o coração seu af.mo . . . "

A um irmão coadjutor que está precisando de uma palavra de animação escreve à pressa este gracioso bilhete:

"Meu querido Sappa,

. . . que portanto o teu nome venha de sapere (ser prudente) e não de zappare (trabalhar com enxada) e tudo irá às mil maravilhas. Alguém me deu notícias tuas. Faze de tudo para que sejam sempre boas como eram antigamente. Trabalho e obediência farão tua felicidade. Nosso Senhor te ajude a dar sempre o bom exemplo! Reza por mim como eu rezo por ti e crê-me sempre teu dedicado e af.mo . . . "

A seu amigo de Marselha, cônego Guiol, Cura da paróquia de S. José, que parece estar perdendo a paciência por causa do trabalho que estão dando os inícios da Obra salesiana nessa cidade, envia estas promessas e estas normas muito precisas

"Prezado senhor Cura,

...compreendo sua preocupação por causa da escassez de pessoal por que está passando o Instituto S. Leão. Mas tenha paciência. Dentro em breve irão ficar com o Padre Bologna mais dois sacerdotes e um clérigo já em véspera de receber as ordens maiores. E lhe prometo mais outros ainda para o futuro, à medida que forem sendo necessários. Por quanto depender de mim, querido senhor Cura, porei todo o empenho em atender a seus generosos ideais. Mas o caso é que estamos no início do ano escolar e tenho quinze casas mais que o ano passado, às quais devo fornecer pessoal. Veja portanto em que embaraço me encontro. Mas, apesar de tudo, faço questão de vê-lo contente com os salesianos, pois V. Rev.ma é um dos nossos melhores amigos e cooperadores. Não me é possível ir a Marselha até o fim do outono mas tudo o que V. Rev.ma decidir de acordo com o Padre Bologna estará bem decidido e eu subscreverei com ambas as mãos. E compreendo perfeitamente a necessidade de aumentar a casa, porque é de fato muito apertada. Mas onde arranjar dinheiro? Presentemente não disponho de coisa

alguma. No próximo ano espero poder gastar dez mil liras com essa obra. Pode ser que de vez em quanto o Padre Bologna necessite de alguma soma; queira ter a bondade de adiantar-lhe até o máximo de alguns milhares de francos. Depois me indique em quanto importa o débito e eu farei questão de saldá-lo integralmente dentro de poucos dias, a não ser que sua caridade manifeste desejo de perdoar uma parte da dívida. Nestes dias esteve aqui em Turim o Abade Roussel de Paris que gostaria de incorporar seu Instituto ao nosso para garantir-lhe a existência depois de sua morte. Digo-lhe isto porque sei que esse bom padre deve passar por Marselha quando voltar a Paris e vai visitar aí a nossa obra e falar com V. Rev.ma. Como vê estou-lhe falando com toda a confiança como ao mais leal dos amigos. Faça V. Rev.ma a mesma coisa comigo. Quer aprove quer desaprove as minhas idéias, procurarei seguir os seus conselhos tomando as decisões que parecem mais oportunas para promover a glória de Deus. Conserve-nos o Senhor a ambos na sua santa graça. Querido Senhor Cura, sou sempre de V. Rev.ma muito dedicado e agradecido servo e amigo..."

Agora é a um dos seus melhores missionários o Padre Costamagna, que saiu há poucos dias como chefe de uma expedição, que dirige as recomendações e conselhos seguintes:

"Meu querido filho em N. Senhor Jesus Cristo,

. . . sua partida dilacerou-me o coração. Quis fazer-me de forte mas senti uma dor imensa. Durante toda a noite depois de nossa separação não fui capaz de conciliar o sono. Hoje estou mais calmo. Graças a Deus. Dentro desta encontrará um envoltório para o senhor Bergasse de Marselha. Queira entregá-lo. E não se esqueça, passando por lá, de fazer uma visita à senhora Jacques. Diga-lhe que pode ficar certa que a primeira fueguina que vocês batizarem terá o nome de Águeda. Deus o abençoe meu filho querido e com você a todos os seus companheiros. E a Virgem dulcíssima os proteja e conserve a todos . E agora alguns conselhos que poderão servir de guia aos salesianos todos da América e alimentar-lhes a meditação durante o retiro que irão fazer dentro de breves dias. Gostaria de fazer-lhes uma conferência sobre o espírito que deve animar todos os nossos atos e todas as nossas palavras. O sistema preventivo fique sempre no seu lugar de honra nos nossos Institutos. Jamais castigos violentos, jamais palavras humilhantes, jamais repreensões severas em público! Doçura, caridade e paciência: eis as nossas virtudes. Usem-se castigos negativos e sempre de modo que os que recebem fiquem afeiçoados a nós mais ainda do que antes. O salesiano procure ser gentil com todos: nada de rancores, nada de vinganças, mas uma alma pronta a perdoar e a esquecer o que se passou. A doçura nas palavras, no modo de agir, em dar conselhos, consegue sempre penetrar os corações... Eis aí a talagarça na qual você e os outros pregadores poderão bordar suas variações nestes dias de retiro do fim do ano. Adeus querido filho, boa viagem! Aqui fica toda uma multidão rezando comigo por intenção de vocês todos".

A um jovem aluno do primeiro ano de Liceu que está passando uma semana de descanso em casa dos pais e que lhe escreveu uma cartinha respeitosamente

afetuosa, responde assim paternalmente

"Meu caríssimo filho.

. . . Tua carta me causou imenso prazer porque me revela claramente que compreendes o afeto que te consagro. Sim, meu filho, amo-te com todo o coração e minha ternura deseja fazer-te progredir o mais possível no estudo e na piedade, para te guiar pelo caminho do céu. Lembra-te dos conselhos que te dei em mil circunstâncias diversas: Alegria, mas alegria verdadeira, essa que nasce de uma consciência limpa de todo o pecado. Estuda sim, para te tornares muito rico, mas rico de virtudes, porque a riqueza maior de todas é o santo temor de Deus. Foge dos maus companheiros, procura a companhia de meninos direitos e principalmente põe-te nas mãos do teu pároco. Para caminhar sempre pelo bom caminho não tens que fazer outra coisa senão seguir seus conselhos. Muitas saudações a teus pais e reza por mim..."

Um caso de outro gênero. Um benfeitor fidelíssimo encaminhou para o Oratório uma mãe que ai desejava matricular o filho. O Santo não pode aceitar o menino e explica o motivo:

"Caríssimo senhor Barão.

...lamento que o menino Rosso que me veio visitar tenha tido que voltar para casa sem arranjar nada. Mas não pude mesmo aceitá-lo. Primeiro porque não tenho nenhum lugar disponível. E depois... a mãe dele estava trajada tão elegantemente que até fiquei sem saber se lhe devia estender a mão. Não posso receber no meio de meus pobres alunos, a maior parte deles completamente abandonados, meninos cujos pais se vestem com tanto luxo. Espero que sua bondade há de perdoar o não ter atendido a seu caridoso desejo. Peço-lhe a esmola de uma oraçãozinha por mini e me professo amigo muito devotado in Domino".

E assim outras resposta se juntam à precedente. A pena vai correndo, correndo e as páginas se vão enchendo dessa letra calcada e que tende sempre para o alto. Desce a noite, acendem-se as lâmpadas. Dom Bosco precisa parar. Os médicos, para salvar-lhe o pouco de visita que lhe resta ainda, lhe proibiram inexoravelmente ler ou escrever à luz artificial. Portanto põe de novo em ordem os seus papéis e trata de regressar a casa. No caminho visita a Consolata, o antigo santuário querido de toda a cidade. E quantas lembranças lhe revivem na memória. A sua segunda missa, a velha mãe que ali esteve rezando tantas vezes, o Padre Cafasso, a romaria de ação de graças de seus meninos nos primeiros tempos do Oratório! Essas e outras recordações agitam-se-lhe na alma enquanto se vai prostrar para rezar uma filial oração.

## AUDIÊNCIA DOS FILHOS. CEIA EM FAMÍLIA. DE NOVO OS MENINOS.

Mais uns passos ainda e o Santo estará em casa. Seus filhos, os salesianos, o estão esperando. Mal teve tempo de depor o chapéu e de desfazer-se da poeira da rua, e já lhe estão batendo à porta. Falta só uma hora para a ceia, mas ele a empregará todinha em iluminar, fortificar e

consolar os continuadores de sua obra, em enchê-los de seu verdadeiro espírito, em acender em seus corações a chama de amor que arde no seu..

Oito horas! A ceia da família. Desta vez Dom Bosco não chega atrasado e é ele quem benze a mesa e preside. Alguns versículos do Santo Evangelho e um pouco de leitura. Segue-se uma deliciosa conversa do pai com os filhos que lhe estão perto, todos cheios de vida, de confiança, de simplicidade, de alegria. São os traços da fisionomia espiritual que o velho patriarca soube imprimir em seus filhos. E ele os contempla satisfeito. Dentro de meia hora sairão e no lugar deles entrarão outros, os pequeninos. É bem verdade que todos os momentos do dia de Dom Bosco não pertencem a ele, mas passando de um grupo para outro vive sempre para as almas. E se renova a cena do meio dia, com um sabor de afeto íntimo talvez mais notável ainda.

ORAÇÕES DA NOITE.

Nove horas. O sino toca para acabar o recreio. Cessam de repente as conversas e os meninos se reúnem sob as arcadas. Um cântico entoado por setecentas vozes enche toda a casa e se libra no ar; depois todos juntos rezam as orações. Dom Bosco fica no meio, ajoelhado no chão. Sua voz de tenor se distingue um pouco das outras. E o fervor de seu coração transparece sublinhando as palavras do Pai-Nosso. Terminadas as orações, ajudado pelos que estão mais próximos sobe a um modesto púlpito. Corre os olhos sobre toda a multidão que o rodeia e fala. Fala como um pai aos filhos. Familiarmente, afetuosamente:

"Meus caros filhos. Como todas as tardes se costumam entregar todos os objetos encontrados durante o dia, mesmo os pequeninos, não é possível acreditar que haja no meio de vós alguém com alguma coisa que não lhe pertença. Porém como o demônio é malvado e poderia neste assunto tentar falsear vossas consciências, deixai que vos lembre que o furto é de todos os vícios do mundo o que mais desonra a quem o pratica. Quando se apanha em flagrante alguém que furta não é mais possível tirar da cabeça esta idéia: Fulano é um ladrão. "Vocês sabem de uma coisa? - murmuram os colegas quando voltam à própria terra nas férias. - Fulano de tal é um ladrão!" Fulano é um ladrão, dizem todas as línguas do lugar. E acabou-se! A fama está feita. E todos fugirão desse infeliz. Mas isso não basta. O que é mais terrível é a ameaça de Deus: Os ladrões não entrarão no Reino dos Céus! Dizei-me, meus caros: sois capazes de fazer entrar alguma coisa nos olhos? Nem uma palhinha bem pequenina, não é verdade? Pois a mesma coisa acontece no céu: lá não entra nem uma palhinha que pertença a outrem. Se alguém morresse levando na consciência uma agulha roubada seria detido na porta do céu. É verdade que uma agulha é matéria leve quando se trata de pecado. Mas vos garanto que esta pobre agulha irá pagar caro no purgatório. S. Agostinho diz assim: O pecado de furto não se perdoa sem a restituição do objeto furtado! Podeis confessar o pecado quanto quiserdes: se não restituirdes, não ficareis perdoados. Mas entenda-se bem: se não restituirdes podendo restituir, isto é, tendo o objeto para restituir. Se não podeis restituir, é preciso ter ao menos o firme propósito de restituir logo que for possível. Ficai sabendo ainda, meus caros, que com o furto

de pequenos objetos acaba-se formando uma matéria grave de pecado. E principalmente isso leva a roubar mais: hoje são dois soldos, amanhã será .uma gravata, depois as maçãs do colega, depois um livro. No fim a gente está com uma grande conta a apresentar no tribunal de Deus. Portanto se não quereis correr o risco de ficar desonrados publicamente e se não quiserdes ficar com a consciência carregada, tratai de não tocar jamais no que pertence ao próximo! O que é dos outros é preciso tratar como se trata o fogo. Quando cai uma faísca na roupa, tira-se fora imediatamente. Do mesmo modo se vemos perto de nós alguma coisa que não nos pertence, fosse embora a mais insignificante, deixemo-la onde está. Se precisardes de alguma coisa, pedi-a o a vossos colegas: Eles são tão bons que não vo-la hão de recusar. E mesmo que vossos companheiros não vos atendessem, aí estão os superiores a quem recorrer e que vos darão tudo o que estiver na medida de suas possibilidades.
Boa noite!"

Um coro uníssono e sonoro responde a esta saudação e Dom Bosco sempre ajudado por alguém desce de sua tribuna.

MENINOS E SUPERIORES OCUPAM-LHE AINDA AS ÚLTIMAS HORAS.

Todos então o rodeiam para tomar-lhe a bênção antes de ir dormir. Alguns esperam porque têm uma palavrinha para lhe dizer, uma pergunta ou uma confidência ou mesmo porque Dom Bosco lhes fez sinal que esperem. É o momento dos diálogos breves mas de quanta eficácia!

- Como vais?

- Otimamente!

- Mas e a alma? - Ah! isso...

- Se morreres esta noite, estarias preparado? - Não muito.

- E então quando é que irás confessar-te? - Amanhã cedo.

- E porque não esta noite mesmo?

- Não. Porque esta noite eu não me confessaria direito. - Então amanhã não faltes, hein?

- Sim senhor, prometo.

E o menino se afasta modificado.

E a outro diz

- Mandei-te esperar porque é preciso concluir um negócio contigo; temos que assinar um contrato.

- Um contrato?

- Precisamente! Dize-me: Não gostarias de ficar para sempre com Dom Bosco?

**- Oh! gostaria muito! E até já tinha pensado nisso, mas não sabia como dizê-lo ao senhor.**

**- Pois então vai ter com o Padre Rua e dize-lhe que quero fazer um contrato contigo e ele compreenderá logo...**

**E o noviciado salesiano contava com um noviço a mais.**

**Um aluno da quarta série ginasial que entrou há pouco no Oratório lhe diz**

**- Dom Bosco, quero pedir-lhe um favor.**

**- Qual?**

**- Queria ir confessar-me na Igreja da Consolata.**

**- Pois não. Somente te darei um companheiro para ires. E me deves prometer uma coisa.**

**- Qual é?**

**- Que não deixarás de dizer ao confessor isto e mais isto.**

**E Dom Bosco lhe diz com exatidão um pecado que o menino vinha ocultando nas confissões que fazia.**

**- Oh! Dom Bosco mas neste caso não é preciso que eu me vá confessar noutra igreja.**

**- Está bem, pois então te espero amanhã. E o pequeno aluno de latim se afasta alegre com o coração a parecer-lhe como que mais leve.**

**Um quarto menino lhe diz com ar desolado mostrando-lhe uma carta**

**Leia Dom Bosco. O senhor ecônomo escreveu isto a minha irmã, porque eu não posso mais pagar as dez liras mensais. Portanto tenho que me ir embora. O Santo lê a carta e enquanto vai subindo a escada faz o menino contar as penosas condições da família. E ao chegar à porta do quarto o bom pai diz ao menino: Toma uma pitada. E lhe chega ao nariz uma velha tabaqueira que lhe enchem uma vez por ano e que está ali, como que esquecida sobre a mesa. O menino aspira o rapé e espirra. Dom Bosco acha graça, ri e o menino ri também esquecendo-se completamente do que lhe estava causando magoa.**

**- Bem, fica tranqüilo, completa Dom Bosco. O ecônomo não foi dormir ainda. Vai procurá-lo e dite-lhe que deixe por minha conta todas as tuas dívidas passadas, presentes e futuras.**

**Sim senhor. Mas se ele não acreditar em mim?**

**Se não acreditar faze assim: sairás pela portaria e reentrarás pela igreja. Mas agora vai dormir. E o menino desce a quatro e quatro os degraus da escada e corre a levar ao ecônomo a ordem de Dom Bosco.**

**Depois são alguns superiores da casa que aproveitam para lhe dizer alguma palavrinha nesse único momento livre que tiveram. As onze ainda está ali o Santo ouvindo, interrogando, respondendo. Finalmente depois de todos se retirarem parece que o dia está terminado.**

ÚLTIMA ORAÇÃO. O REPOUSO.

Antigamente, em certas noites, quando já todos estavam dormindo, ele enchia as páginas do manuscrito que se ia transformar num número das Leituras Católicas. Belos tempos aqueles! Hoje está envelhecendo, as forças vão diminuindo, e vem chegando a noite em que ninguém mais pôde trabalhar. "Paciência!" murmura resignado à santa vontade de Deus. Atravessa a ante-sala, empurra a porta que dá para a varanda e ergue os olhos para o alto acima da cúpula do Tempo. Seu olhar descobre Nossa Senhora. Para ela sobe o último suspiro de seu coração. O relógio do campanário bate onze e meia. Seriam horas de ir para a cama. Mas poderá mesmo dormir? Não é coisa tão certa; pode vir um desses sonhos que o conservam agitado toda a noite e lhe fazem acordar exausto no dia seguinte. E de fato. Parece até que a vontade do céu não tendo podido ir-lhe ao encalço no correr do dia saturado de ocupações, vem aproveitar-se da calma suave da noite para se lhe manifestar durante o sono.

## CAPÍTULO XIX

## O HOMEM E O SANTO

Índice

AMÁVEL SIMPLICIDADE DO SANTO EM SE DEIXAR RETRATAR.

O HOMEM. RETRATO FÍSICO.

QUALIDADES MORAIS. É UM PRECURSOR. COM ARMAS IGUAIS.

FILHO DE SUA TERRA E DE SUA GENTE.

CONSTÂNCIA. BONDADE. PERMANENTE BOM HUMOR.

VIDA INTERIOR, ALMA DO SEU APOSTOLADO.

CARIDADE. MORTIFICAÇÃO. CASTIDADE. HUMILDADE.

CONFIANÇA EM DEUS. SERENIDADE. ESPÍRITO DE ORAÇÃO.

VISÃO DAS COISAS CELESTES. OS "SONHOS".

PERSEGUIÇÃO DO DEMÔNIO.

UM SEGREDO DE DOM BOSCO.

DOM BOSCO NO CORTEJO DA

## CAPÍTULO XIX

## O HOMEM E O SANTO

### AMÁVEL SIMPLICIDADE DO SANTO EM SE DEIXAR RETRATAR.

DOM BOSCO durante a vida permitiu com toda a simplicidade que lhe retratassem a fisionomia física e moral. Fotografaram-no a confessar seus meninos, sentado no meio do primeiro grupo de missionários, circundado por uma turma de garotinhos, na atitude de dar a bênção aos filhos do Conde Vimercati em Roma. Fotografaram-no na França, na Espanha, em vários lugares, no centro de um grupo de amigos ou de benfeitores. Fizeram-no "posar" diante de uma tela, sentado, de pé, de joelhos, durante horas a fio.

Pintaram-lhe também a alma, a vida e as obras. Pois ainda enquanto vivia, saíram várias biografias dele, principalmente em francês, biografias que no-lo descrevem em largos traços. Esses livros eram vendidos e acreditamos até que ele próprio tenha ajudado a propaganda para a venda, pois uma vez em Marselha declarou que tudo isso fornecia meios com que fazer viver suas casas super-povoadas de meninos. Sabemos que isso se apresentou como objeção em Roma quando se tratou de sua causa de beatificação; mas o advogado de suas virtudes serviu-se até disso mesmo para demonstrar a simplicidade evangélica de seu coração, que não via no fato uma homenagem a sua pessoa mas simplesmente um meio dos mais modernos para difundir o bem e fazê-lo amar. Seguindo o preceito de N. Senhor Jesus Cristo, ele permitia a propaganda, não para se mostrar diante dos homens, mas sim para que os homens conhecendo suas obras glorificassem o Pai que está nos céus. E esta distinção tão própria soube-a exprimir assim: "Hoje em dia o mundo vive imerso na matéria; portanto é preciso que nós lhe façamos conhecer o bem que vamos realizando. Se um homem com as suas orações multiplicar os milagres, mas dentro do próprio quarto, ninguém dará por isso. E no entanto o mundo para sua salvação precisa de ver e tocar essas maravilhas".

Por isso, é que o Santo se deixava fotografar, reproduzir nas telas e descrever nos livros. Deus seja bendito, pois essa licença que ele deu à arte nos vai facilitar o trabalho; o testemunho das pessoas que viveram com ele nos traz também suas luzes; a leitura de seus escritos nos fornece preciosa documentação. Vamos pois, à luz convergente desses três focos, completar sua fisionomia física e moral que se nos mostra com toda a nitidez.

### O HOMEM. RETRATO FÍSICO.

Era de estatura média. Rosto redondo e cheio, fronte muito espaçosa e toda iluminada de inteligência. Cabelos castanho-escuros, crespos e abundantes. E conservaram a cor até idade muito avançada, só começando a se fazer grisalhos nos últimos anos de vida. Era a compleição de um camponês do Piemonte, forte e robusto.

A força muscular de Dom Bosco tinha algo de legendário. Certa noite, enquanto passava por uma rua deserta de Turim, um enorme cão teimou em

correr-lhe ao encalço ladrando furiosamente. Pois ele se livrou, agarrando-o pelo pescoço e sustentando-o erguido no ar por alguns segundos. Foi o quanto bastou para o animal desistir de molesta-lo.

Em 1883 - já estava com 68 anos de idade! - por ocasião de uma visita a Paris, num jantar em casa de amigos, divertiu-se na hora da sobremesa em quebrar nozes com os dedos e distribuí-Ias aos comensais.

Um ano depois, estando de cama com febre, o médico quis uma prova da força de seu pulso. "Aperte minha mão o mais que puder" disse-lhe o doutor. E Dom Bosco lhe respondeu: "Olhe que vai arrepender-se!" E tomando a mão do médico apertou-a com tanta força que o bom doutor sentiu encherem-se-lhe os olhos de lágrimas.

Aliás temos que reconhecer que, se não fosse a robusta constituição física, Dom Bosco não teria resistido a tantos anos de canseiras como as que suportou.

Dele se disse muitas vezes: "Tudo em Dom Bosco parecia comum". E, com efeito, nada revelava em sua pessoa a alta missão que estava realizando, nem a alma profunda, nem a santidade. "Um bom padre piemontês" diziam seus conhecidos. Somente o olhar desvendava o fogo que lhe devorava o coração. Aqueles dois olhos castanho-claros eram desses que ferem e inquietam. Infelizmente um depois do outro se foram apagando muito cedo, como já dissemos. Entretanto, embora semi-apagados, deles se desprendia sempre uma chama viva e penetrante. A voz, de tenor, tinha um timbre suave e um acento cativante. Falava com calma, sem levantar nem avolumar a voz o mínimo que fosse; e era precisamente esse tom de serenidade o que impressionava.

Extremamente cuidadoso no asseio e no porte, usava roupas sempre pobres e paupérrimas até, mas por míseras que fossem, estavam sempre limpinhas e não saía do quarto sem ter-lhes passado a escova. Seus filhos, que bem sabiam quanto ele apreciasse o asseio, antes de entrar em seu escritório, tratavam de estar bem arrumados e no último instante ainda passavam a mão para tirar alguma poeirazinha que houvesse na roupa.

Suas maneiras revelavam uma gentileza desenvolta e perfeita. Filho de camponeses como era, sabia entrar no Vaticano, na Corte e nos palácios dos príncipes, sem se sentir enleado ou desorientado. Supria com a educação o que a humildade de origem não lhe pudera dar. Dotado de grandíssima habilidade nos dedos, e de extraordinária agilidade nos membros, bastava-lhe ver um operário curvo sobre o banco de trabalho, para saber-lhe imitar, quase sem necessidade de experiências, a parte essencial do objeto fabricado. Foi assim, como narramos já num capítulo deste livro, que ele pode nos anos de sua laboriosa infância ganhar a vida aplicando-se a misteres os mais variados, que aprendia com extrema rapidez, inclusive o de prestidigitador.

## QUALIDADES MORAIS. É UM PRECURSOR. COM ARMAS IGUAIS.

De natureza ardorosa, havia nele um forte amor próprio. É essa mesma a palavra que temos que empregar: sentia-se levar pelo orgulho. Quando criança confessou que a obediência lhe custava um verdadeiro sacrifício; depois de mais crescido, pensara em ir buscar na regra religiosa dos franciscanos o segredo para domar tal paixão. "Se eu não me tivesse feito padre ou frade, ter-me-ia tornado o mais desabusado dos liberais" confiou

certa vez a alguns amigos íntimos.

E Deus lhe tinha dado mesmo qualidades tais que poderiam servir de alimento à paixão do orgulho. Tinha uma memória prodigiosa. O Padre Francesia conta que em 1958, portanto já na idade de 43 anos, em viagem para Roma, ao avistar pela primeira vez o Tibre cantado por Horácio, pôs-se de pé no carro em que ia e, como um humanista da Renascença saudou o histórico rio com as célebres estrofes do grande lírico latino. De igual capacidade era a fantasia, não porém de poeta e sim de construtor. Via planos grandiosos, muito vastos, e tudo com a maior naturalidade. Seu imperturbável otimismo fazia-lhe conceber imensos projetos. Temos que confessar que as visões noturnas lhe alimentavam essas tendências naturais. Mas sem dúvida, ele foi no seu século, conforme a palavra de Huysmans, "um inaudito agente de negócios de Deus Nosso Senhor".

"Dom Bosco faz questão de estar sempre na vanguarda do progresso", disse ele próprio ao Padre Aquiles Ratti, -o futuro Pio XI, - numa ocasião em que este visitou o Oratório. Mas nem a vanguarda era lugar suficiente para o ardor de sua imaginação: por isso em muitas coisas Dom Bosco passou adiante de seu próprio século. Parece que havia nesse homem, ao lado da imaginação, um sentido especial com o qual pressentia as idéias novas e esboçava as fórmulas do apostolado dos tempos futuros.

Com o olhar fixo num mundo ideal, que ele porém queria transformar em realidade, mostrava-se dotado de uma vontade empreendedora e ousada.. "Quando tinha um soldo se comprometia a pagar dois" foi uma frase que ouvimos dos lábios de Mons. Bertagna, seu grande amigo. Nada o fazia ficar indeciso. Com passo modesto e calmo, mas irremovível, ia sempre para frente, sem hesitações e sempre conseguia atingir a meta almejada. Com um nada conseguia tudo, e às mãos deste pobre, deste humilde, deste fabricador de castelos no ar, chegaram os milhões. Acusaram-no de temeridade, mas o fato é que levou a cabo tarefas que o mundo classificava de loucuras.

É verdade que não poupava esforços, pois era mesmo um trabalhador incansável. Seus dias eram esmagadores, suas noites reduzidas aos mínimos termos. Sempre com um livro na mão, sempre com um projeto na cabeça, sempre com provas tipográficas no bolso, sempre com um pensamento de educação na alma. "Repouse um pouco, suplicavam-lhe os filhos, reserve alguns dias para respirar mais livremente". "No céu descansaremos, no céu. Antes disso não. Seria preciso que o demônio deixasse de prejudicar as almas. Então sim, Dom Bosco deixaria de sacrificar-se por elas". Excedia-se tanto no esforço para o trabalho, que às vezes a natureza cedia sob o peso de carga que estava suportando; e adormecia de pé, na rua e até, como aconteceu uma vez, no Gabinete do Ministro Lanza, Presidente do Conselho.

Para enfrentar as lutas contra as potências do mal, não só pôs em ação toda essa imensidade de trabalho, mas também se serviu das mesmas armas do adversário. E nisto foi realmente precursor de seu tempo.

Quantas vezes se repete na sua vida o episódio da infância em que ele luta e vence ao saltimbanco no tríplice terreno a que este mesmo o arrastara. E de fato, como bem observa o Card. Maffi, não se enfrentam os canhões de Creusot, com os arcabuzes da Idade Média. Dom Bosco compreendeu isso e muito depressa. E se serviu dos divertimentos, do teatro, da imprensa, da música para reagir contra aqueles que com esses mesmos meios tentavam corromper as almas. "Com armas iguais" foi sempre o mote que adotou.

**FILHO DE SUA TERRA E DE SUA GENTE.**

**Dessas afirmações parece transparecer que Dom Bosco não trazia em si a índole calma, pacata e reflexiva dos piemonteses. - Mas então não é Bugianén [25] este filho do Piemonte? - É e não é. Pois se há facetas de sua figura em que ele se demonstra diferente de seu povo, há outras que o apontam como autêntico representante de sua gente e de sua terra. É uma personalidade que desorienta o observador. "Quanto mais o estudo - dizia o Padre Cafasso menos o compreendo. Ë simples e extraordinário, humilde e grande ao mesmo tempo. Não tem um soldo no bolso e seu cérebro forja projetos imensos, aparentemente irrealizáveis, ou que pelo menos ele não me parece capaz de realizar. Se eu não tivesse certeza que Dom Bosco trabalha para a glória de Deus, que se deixa guiar exclusivamente pelo pensamento de Deus, e que Deus é o fim a que tendem todos os seus esforços, eu diria que é um homem perigoso, mais pelo que ele faz entender do que pelo que realmente manifesta. Enfim, Dom Bosco é um enigma..."**

**"Ora deixem-no agir!" dizia esse homem de Deus aos que se alarmavam perante certas atitudes de Dom Bosco. Estava certo de que seu penitente era um maravilhoso instrumento nas mãos da Providência.**

**No entanto, certos traços e bem importantes de seu espírito eram o reflexo exato de sua gente. Antes de tudo não era absolutamente um teórico, um especulativo. Já vimos como não quis expor num tratado suas idéias sobre a educação. Era um homem inteligente, não há dúvida, mas de uma inteligência que timbrava em se exercer no campo da realidade. Se folhearmos as cartas de Dom Bosco veremos que são cartas de um homem de ação, que resolve um problema, desfaz uma dificuldade, discute condições de vida. Mesmo quando o pensamento deixa o campo dos negócios - negócios de Deus, bem entendido - é para dar um conselho, lembrar uma verdade de, fé, estimular à ação, e nunca para uma elevação sobre os mistérios ou mesmo para uma breve meditação sobre os evangelhos. É um positivo que escreve.**

**Bom senso, retidão de pensar, mente límpida e robusta, eis o que o distingue nitidamente. Tem planos grandiosos mas nos limites do possível. Se segue um sonho é porque sabe que se pode realizar e porque, além da confiança em Deus, a garantia encorajadora de todos os êxitos precedentes torna tranqüila a sua audácia.**

**Porém jamais tentou a Deus, e se manteve sempre dentro dos limites da virtude da prudência. Não iniciava uma fundação senão depois de bem demonstrada sua utilidade; e não demolia nenhum edifício, senão quando era patente a necessidade de novos locais. Alguém disse que ele enxertou Colbert em São Francisco de Sales. E parece um elogio bem merecido de sua perícia administrativa. Tinha idéias ousadas mas a realização era sempre equilibrada. Basta lembrar suas múltiplas indústrias para solicitar em todas as partes a caridade dos amigos.**

**Além disso era fino e perspicaz. Empenhava-se em negócios complicadíssimos, mas sempre se saía de modo maravilhoso. Recordemos, por exemplo, a solução tão flexível que soube dar à questão da nomeação dos bispos para as sedes vacantes da Itália: via-se o diplomata nato. "Hábil este Dom Bosco! dizia-se muitas vezes. É impossível apanhá-lo de surpresa: percebe sempre o jogo que lhe estão armando". Ou então: "Que homem de Estado admirável daria este sacerdote! Esses santos são mesmo todos de uma habilidade extraordinária!"**

**"E de espírito!" poderiam acrescentar. Foi o que a Dom Bosco nunca faltou. Certa vez um senhor pediu-lhe que lhe indicasse um modo de empregar**

bem seu dinheiro. Dom Bosco lhe respondeu estendendo-lhe ambas as mãos abertas. - Dois jogadores inveterados de loteria tiveram o desplante de lhe pedir um "palpite" para uma centena. Dom Bosco a principio recusou, mas tanto insistiram que o Santo disse Joguem 5-10-14 e garanto que ganharão". Obrigado! Obrigado! responderam os dois e já iam saindo a correr, certos de tirar a sorte grande. "Mas entendam o que quero dizer, completou Dom Bosco. Ganharão a vida eterna. Porque que observa os 5 mandamentos da Igreja, os 10 mandamentos da Lei de Deus e pratica as 14 obras de misericórdia, garante um tesouro no céu". - "A salvação da sociedade está nos vossos bolsos" declarou aos ricos de Lião uma vez que lhe pediram uma conferência sobre a questão social. Quem saberia um modo mais gentil de recordar que a caridade é quem tem a chave do terrível problema? - Doutra feita uma visita importuna insistia: "Não me vou embora sem levar um autógrafo de V. Rev.ma". Pois pegou da pena e traçou com a sua letra duas linhas bem imperiosas: "Recebi da Senhora... a soma de dois mil francos para as minhas obras. Assinado: Dom Bosco".

Estamos vendo que o bom discípulo de São Francisco de Sales tinha o espírito mais alegre do mundo e estava sempre disposto ao sorriso amável. Pensava como o bispo de Genebra que "um santo triste é um triste santo" e sentenciava com São Felipe Neri, que "a tristeza é o oitavo vício capital". Quando menino gostava muito de se divertir com os companheiros; rapaz feito e já seminarista tinha a fama bem merecida de brincalhão; padre e educador já o admiramos como a alma dos brinquedos em sua casa; e precisamente um dos esteios de seu sistema educativo ficou sendo sempre a alegria, a verdadeira alegria cristã, essa que deriva da graça de Deus, testemunho de uma consciência pura, do uso harmonioso das criaturas deste mundo.

## CONSTÂNCIA. BONDADE. PERMANENTE BOM HUMOR.

De São Vicente de Paulo se disse que, assim como não empreendia nada por leviandade, assim também nada abandonava por desânimo. Pois esse mesmo elogio merece seu êmulo italiano. Era um amável teimoso. Tinha a obstinação serena que têm os da sua província, e, como Cavour que viveu na mesma época sabia contemporizar; abaixava-se quando era necessário para depois saltar mais alto. Se uma dificuldade vem colocar-se como barreira no caminho, é inútil irritar-se e perder tempo sem concluir nada. É melhor contorná-la Quem espera alcança. A energia da vontade não era em Dom Bosco inferior a qualquer outro de seus dons.

O que talvez impressionava mais, por ser mais palpável, era seu constante bom humor. O modo de falar lento, muito suave, ligeiramente grave, bem revelava a paz e a serenidade da alma, à qual os longos esforços tinham tornado senhora de todos os seus movimentos.

Essa calma imperturbável comovera profundamente a um jovem sacerdote de Milão que se hospedara sob o teto do Oratório em 1883. Esse sacerdote, feito mais tarde Papa Pio XI, se comprazia em salientar esse traço do caráter do Santo: "Oh! Dom Bosco! Dom Bosco! Nós o conhecemos de perto. Que calma! Era realmente feito para dirigir!"

Mas o que sobretudo arrebatava nele era a bondade do coração, bondade que assumia todas as formas. Para com os benfeitores nutria uma gratidão infinita. Recordava-se comovido de uma moedazinha de cinqüenta centavos que lhe tivessem dado e usava delicadezas enternecedoras para demonstrar sua

gratidão.

Uma benfeitora que andava à cata de uns passarinhos para divertir seus pequerruchos, viu um dia chegar do Oratório um cestinho com uma ninhada a piar que era uma beleza. Era Dom Bosco que fizera questão de atender ao desejo da pessoa a quem devia benefícios.

Sua pena não esquecia nenhum dos aniversários dos amigos e dos benfeitores. E quando um deles lhe mandava uma caça ou uma primícias de sua horta, ou um bom frango ou mesmo uma garrafa de algum vinho antigo, agradecia com toda a efusão. Mas o mesmo presente de ai a pouco lhe servia para manifestar sua gratidão a esta ou àquela família de seus benfeitores. Para com os meninos essa bondade se revestia de todos os aspectos da ternura materna. As tristezas deles eram as suas e as alegrias deles eram as suas alegrias. Não pensava senão neles não vivia senão para eles. Quando se afastava de Turim permanecia em contato constante de orações e de correspondência com os filhos distantes. Sua felicidade era viver no meio deles o mais que lhe fosse possível, e sua ufania era vê-los alinhar certo no caminho do dever. Quase todos os sonhos que lhe povoam as noites se referiam a eles. Nos primeiros tempos do Oratório esse amor impelia-o até a tomar para si as dores e incômodos dos meninos: febres, dores de dentes, dores de cabeça e outras "Vamos! Crie coragem e passe para mim um pouco dessa dor", dizia ele ao pequeno enfermo. E o menino ia brincar e a dor passava para Dom Bosco. Foi este um fenômeno que se deu mais de umas cinqüenta vezes.

Amou a juventude com um amor sem limites, sacrificando por ela toda a sua vida. No fim de seus dias podia dizer com o grande Lacordaire : "Se minha espada está gasta, gastou-se no vosso serviço, Senhor".

E, reciprocamente, quanto o amava a juventude! O domínio de Dom Bosco sobre os jovens era dos mais poderosos que se tenham conhecido. Quando em qualquer momento do recreio aparecia Dom Bosco na varanda ou no limiar da porta de entrada todos se precipitavam para ele. Aqueles setecentos ou oitocentos garotos Dom Bosco teria podido conduzi-lo para onde quisesse, porque tinham nele uma confiança cega! "Que estranho poder tinha sobre nós! -confiava-me ainda há pouco tempo um robusto velho de 82 anos, ex-aluno daqueles tempos. Se um dia ele nos dissesse: Meninos, sigam-me: vamos descer até o rio que as águas se irão abrir na nossa presença como se abriram um dia as águas do Jordão para deixar passar os Hebreus, nós o teríamos acompanhado sem hesitar, certos de que seguindo seus passos atravessaríamos a pé enxuto o leito do rio". E outro ex-aluno da mesma geração completava esse juízo com estas palavras: "Nele tudo era comum: E no entanto poderia conduzir-nos aonde quisesse. Portanto era Deus que falava por sua boca e que nos prendia à sua pessoa".

## VIDA INTERIOR, ALMA DO SEU APOSTOLADO.

O Cardial Carlos Sallotti, um dos advogados da causa de canonização de Dom Bosco, numa audiência que Pio X lhe concedeu no dia 20 de julho de 1910, tomou a liberdade de dizer ao Sumo Pontífice

"No estudar o volumoso processo de Dom Bosco fiquei mais impressionado com a vida interior de sua alma do que com a amplitude de suas obras. Muitíssimas pessoas só conhecem dele as múltiplas fundações, mas ignoram totalmente ou quase totalmente o maravilhoso edifício de perfeição cristã por ele construído na própria alma, praticando dia por dia, hora por hora, minuto por minuto, as virtudes próprias de seu estado".

Isto é muito exato. E Sua Eminência poderia ter acrescentado: "A grandeza dessa obra e seu desenvolvimento gigantesco só se podem explicar com a riqueza e a fecundidade dessa vida interior". Quando vemos um rosto corar-se podemos logo pensar no coração que palpita para ruboriza-lo; perante os frutos maduros que pendem de uma árvore lembramo-nos logo das raízes misteriosas que sugam da terra a vida para levá-la à polpa desses frutos: assim também, diante do maravilhoso desenvolvimento da atividade de Dom Bosco, é preciso remontar até às profundezas das palpitações de sua alma. Aí está o segredo de todas as suas criações e suas conquistas.

Crepitava-lhe uma fornalha dentro da alma e comunicava energia a toda sua vida de apóstolo. Tentaremos atingir esse cor cordium, esse fundo escondido da alma, onde bem poucos até hoje conseguiram penetrar.

De fato, os que escreveram sobre Dom Bosco, seguiram em geral o antigo método hagiográfico : isto é enumeram-se episódios e incidentes, classificam-se virtudes sem ligá-las com o princípio de unidade que dá a explicação de tudo, sem se colocar o ponto de observação na determinada altura de onde se poderia contemplar em conjunto toda essa psicologia religiosa.

Estabelecer o ponto de partida da vida interior de Dom Bosco e a força de desenvolvimento que a levou de ascensão em ascensão é sem dúvida coisa muito difícil. Os dados históricos que se conhecem são ainda insuficientes e não há ainda a necessária distância de tempo. Mas o fato, em si mesmo, isto é, a absorção desta alma em Cristo e na Virgem Santíssima e sua fusão íntima com Deus é coisa que só passa despercebida a espíritos muitos superficiais.

Alguns se deixaram influenciar pela falta de fenômenos místicos externos nas suas relações com o Céu, pela total singeleza do tecido de seus dias e pelo cuidado extremo com que ele procurou conservar escondido o segredo do Rei. E de fato era um homem que desorientava pelo mistério e pelos contrastes que nele se viam. Já ouvimos, aliás, a declaração do Padre Cafasso, seu confessor, que lhe recebia as confissões, todas as segundas-feiras: "É um enigma este Dom Bosco".

## CARIDADE. MORTIFICAÇÃO. CASTIDADE. HUMILDADE.

Felizmente aí estava a dar-lhe segurança para o seu modo de julgar, o argumento das obras, dessas múltiplas criações partidas do mais tranqüilo dos mortais, do mais simples dos sacerdotes do Piemonte. Pela audácia da concepção, pela variedade impressionante das formas, pela solidez da estrutura, elas bem atestavam que o autor bebia na fonte de toda a luz e de toda a força: Deus Nosso Senhor em cujos braços se abandonara e em cuja vida abismara sua mesma vida... A verdadeira palavra que define esta alma pronunciou-a o Cardial Alimonda na oração funebre : "A virtude intima e divina que punha em movimento esta vida prodigiosa era a caridade celeste".

Era essa e não outra.

Os biógrafos falam de seu espírito de penitência. E foi sem dúvida prodigioso. Dormia só cinco horas por noite e muitas vezes a aurora surpreendia-o sentado à escrivaninha. Nunca se preocupava com a qualidade dos alimentos. Suportava sem se queixar o duro trabalho do confessionário. Encurtou a vida nas peregrinações que teve que fazer para lá e para cá, a

fim de arranjar dinheiro para suas empresas. Tolerou com o coração resignado duras cruzes que lhe pesavam sobre os ombros. Desde 1845 até a morte queimava-lhe a epiderme um eczema quase contínuo que fez exclamar ao salesiano que se encarregou de lhe preparar o corpo para a sepultura: "Que cilício! E quando se pensa que ele o conservou sempre escondido!" Entretanto esse espírito de penitência não era outra coisa senão o seu modo particular de viver desapegado das criaturas, jamais dominado por elas. A não ser que o queiramos imaginar como a oferta íntima com que ele, no segredo da alma, entregava o corpo atormentado ao Mestre a quem tanto amava.

Surpreendem e comovem seus escrúpulos a respeito da pureza, escrúpulos que lhe faziam evitar até a mesma palavra castidade, para não despertar porventura com ela algum mau pensamento. Até o fim da vida jamais soube da existência de certas formas de desonestidade. É o Cardial Cagliero quem nos garante ter verificado isso. Os que o conheceram de perto atestam que ele levou consigo ao túmulo a inocência batismal. Para certos corações insidiados pelas más tendências bastava que ficassem perto dele para se sentirem logo livres da tentação. Um de seus filhos prediletos, o Padre Julio Barberis, nos diz que Dom Bosco desejou fazer dessa virtude e característica, de sua congregação. De sua pessoa, de seu contato, de sua palavra exalava uma como virtude secreta que por contágio penetrava e purificava as almas. Até pelo modo como ele tomava a mão de um menino ou colocava a própria mão na cabeça dele percebia-se seu imenso respeito para com o corpo batizado. E enfim, misericordioso como era para com qualquer falta, era pelo contrário inexoravelmente severo quando eram faltas contra os bons costumes. A pureza de sua alma era mesmo angélica. E não era isso a fidelidade de um coração e de um corpo a uma beleza, a um amor e a uma alegria superior que o tinham dominado completamente?

Dom Bosco expressava a respeito de si mesmo os juízos mais humildes. Dizia por exemplo: "Se Deus tivesse encontrado para suas obras um instrumento mais mesquinho, te-lo-ia certamente preferido a mim e teria ficado muito mais bem servido".

Ao voltar dos dias triunfais de Paris, opunha-lhes como a honras fúteis, a humildade de sua origem: "Lembras-te, dizia ao Padre Rua, daquela pequena colina, à direita da estrada de Buttigliera? Nessa colina há uma casa muito pobre com um pequeno campo ao lado. Nesse campo eu tomava conta de duas vaquinhas. Todos esses distintos senhores que me cumularam hoje de gentilezas mal sabiam que estavam homenageando a um camponês!"

"Qual é a coisa mais bela que já viste em tua vida?" perguntou urre dia no pátio a um menino, sem nem sonhar que provocava esta resposta espontânea: "Dom Bosco". "Ora essa! - replicou então - tu me fazes lembrar um campônio que visitou a exposição dos objetos de nossa última rifa. Enquanto todos se extasiavam a contemplar esta ou aquela obra de arte, nosso homem ficou boquiaberto perante um enorme salame. Para os seus olhos não havia nada de mais belo". Essa confissão sincera e repetida de sua pequenez ele a fazia para não subtrair nada à glória de seu Senhor e Mestre e para cantar o poder, a sabedoria e a bondade daquele que o escolhera para sua obra. E é também esta uma forma autêntica de amor.

## CONFIANÇA EM DEUS. SERENIDADE. ESPÍRITO DE ORAÇÃO.

Sua confiança em Deus era imensa. Havia nele essa fé que desloca as montanhas. Jamais duvidou do bom êxito de suas empresas. Uma vez que

percebia que elas eram realmente úteis, prosseguia impávido, certo do bom resultado. Podiam surgir obstáculos: ele não se desorientava, se bem que tivesse de combatê-los ou contorná-los. Podiam faltar-lhe meios financeiros ou de qualquer outro gênero: "O que importa - dizia ele, baseado na sua longa experiência é pôr a carga nos ombros. Depois, à medida que a gente vai andando, o pesp toma equilíbrio e firmeza". Humilhações as mais duras, fadigas as mais graves, desilusões as mais amarga, como as mais fortes oposições encontravam-no sempre com o sorriso nos lábios.

E donde vinha tanta serenidade? Responde-nos um de seus biógrafos: "É que se tinha abandonado completamente nos braços de Deus".

Nele o amor de Deus se identifica com o amor das almas, consoante a recomendação de Jesus: "O segundo mandamento - amar ao próximo -é semelhante ao primeiro amar a Deus".

Esse amor às almas não só lhe fazia achar agradáveis todas as misérias do caminho, mas chegou a inspirar-lhe coragem de pedir coisas incríveis. Nos inícios do Oratório o Santo ousou pedir a sua celeste Benfeitora cem lugares no céu para os seus meninos. E alcançou-os, conforme nos garante ele próprio. Mais tarde, perante o inesperado incremento que se verificava, aumentou o pedido para dez mil lugares. Finalmente, vendo as casas multiplicarem-se prodigiosamente, criou mais coragem e pediu cem mil lugares para os seus alunos. E ainda dessa vez teve a certeza que seu pedido seria atendido. Dizem até que seu zelo ardente não parou nisso...

Essa audácia simples e tranqüila com que expressava o mais profundo de seus desejos, isto é a salvação eterna dos filhos, nos faz supor a que grau de intimidade chegara já a oração do Santo E para falar verdade, essa oração formava como que o fundo de sua alma. Um dos homens que melhor o conheceram disse: "Parecia que até vivia em contemplação. Trabalhava na terra, sim, mas sua alma estava lá em cima no céu".

Nenhum homem é grande para seu criado, diz um provérbio. Mas o Santo - corrige um espírito observador o é principalmente perante o próprio criado. Pois vamos ouvir o que atestam testemunhas das virtudes escondidas do Santo: "Vivi 25 anos com ele, atesta Pedro Enria, que lhe arrumava a quarto, e vi que estava sempre rezando. Quantas vezes o surpreendi em oração quando descia ou subia as escadas, ou no quarto quando terminava o trabalho". As palavras do camareiro fazem eco as do secretário

"Por mais de 25 anos, afirmava o Padre Berto, fui testemunha de sua perfeita união de espírito com Deus". Essa união batizou-a com o verdadeiro nome, um de seus filhos prediletos, que assim escreveu: "Era uma contemplação contínua. E assim é que tínhamos a impressão de que ele saía de uma conversa com Deus todas as vezes que nos dava algum conselho que pedíamos".

## VISÃO DAS COISAS CELESTES. OS "SONHOS".

Alguns acharam que no horário dos dias de Dom Bosco o lugar ocupado pela oração era muito pouco. Mas enganaram-se. Concorreu para fazê-los cair no equívoco essa vida de intensa atividade, essa repugnância para tudo o que pudesse chamar a atenção, a ausência de certos fenômenos místicos nas suas relações com Deus. Os seus íntimos porém não se enganaram.

Dom Bosco vivia continuamente unido a Jesus Cristo e a sua mãe

Santíssima. Não ficava em êxtase freqüentemente como outros santos. Mas certissimamente praticava todas as formas de oração: essa que é murmurada pelos lábios, essa de que se nutre o espírito que medita, mas especialmente essoutra que ergue a alma como que num rápido bater de asas e a coloca perante a verdade divina abraçando-a num só olhar e possuindo-a com alegria.

Humilde como era, jamais sonhou ser fundador de uma escola de espiritualidade. Mas, se a tivesse fundado, ter-lhe-ia provavelmente dado por base o famoso axioma popular interpretado no seu sentido pleno e verdadeiro: Trabalhar é rezar. Pois o trabalho que ele fazia era uma trabalho que não deixava de lado a Deus, mas se realizava só por Deus e sob os olhares de Deus.

E desse modo as mil ocupações de seu dia, bem longe de lhe tirarem a serenidade, serviam ao invés para unir-lhe cada vez mais o coração ao seu centro de luz, de força e de amor. Esse centro tinha um nome: chamava-se Jesus Cristo e a Virgem Maria. E se o servo não cessava de senti-los sempre bem pertinho e de falar com eles, da mesma forma nem eles desdenhavam de lhe falar.

Há um véu opaco a separar o nosso mundo do misterioso mundo do além. A maior parte das pessoas não pensam nisso nem com isso se preocupam. Para os místicos, porém, esse véu de vez em quando se levanta. E então as luzes sobrenaturais lhe iluminam o espírito. Ordinariamente esses horizontes incomparáveis se descortinam aos olhos deslumbrados dos santos em momentos em que estão despertos; algumas vezes porém, durante a noite, em sonhos. Nesse caso as comunicações divinas entram como entrou Jesus no cenáculo, isto é, enquanto estão fechadas as portas dos sentidos.

É fato incontestável que Deus escolheu esse caminho dos sonhos para manifestar sua vontade a Dom Bosco, para avisá-lo dos perigos ou para comunicar-lhe as luzes necessárias ao seu apostolado.

Jó disse: "Deus fala ora de uma maneira, ora de outra. Fala em sonhos, por meio de visões noturnas, quando os homens se acham imersos em profundo sono. Quando dormem no leito, dá-lhes admoestação".

Pois isto não faltou ao Santo. Quantas vezes viu desenrolar-se sob seus olhos toda a série de provações que lhe estavam reservadas! Quantas vezes percorreu o campo de trabalho que ia ser amanhado por ele e por seus filhos! Quantas outras leu como num livro aberto o estado da consciência de seus meninos ou a data do fim da vida deles! Quantas, finalmente, viu por meio de símbolos o futuro da Igreja e das Nações!

Já por diversas vezes fizemos menção desses sonhos cuja coleção é copiosa e traz na maior parte o sigilo do Céu. Verdadeiras visões cujo sentido se revelava bem claro logo que ele despertava e vinha a ser quase sempre confirmado pela realidade dos fatos- Por conseguinte, não temos receio de apontá-los como casos de autêntica intervenção divina.

Dom Bosco não era temerário, observa Huysmans; e portanto não se teria arriscado tanto se não estivesse certo de que era impulsionado pelo Céu.

E foi essa certeza que ele manifestou um dia quando disse claramente:

"Minha responsabilidade é realmente assustadora! Tremo só em pensar nisso! Que terríveis contas terei que prestar a Deus das graças que me concedeu! Pode-se dizer que Dom Bosco vê tudo claramente e que Nossa Senhora o guia passo a passo. Em todos os momentos, em todas as circunstâncias eis que ela se apresenta. Ë ela que visivelmente nos defende

de todos os perigos, nos mostra o trabalho que temos que fazer e nos ajuda a fazê-lo".

Quanta razão tinha portanto o Cardeal Vives y Tuto, primeiro ponente da causa de beatificação de Dom Bosco, quando afirmou que jamais havia estudado um processo tão rico de sobrenatural! E Pio XI, em pessoa, dois meses antes do decreto de Beatificação de Dom Bosco, proclamava que na vida deste Santo o extraordinário se tornara ordinário e o sobrenatural natural

Vamos dar disso uma nova prova, talvez única na história dos místicos, e muito comovedora.

Em 1878 conhecera Dom Bosco em Toulon uma família que lhe demonstrara até o fim de seus dias extraordinária benevolência. Ninguém saberia calcular as somas que saíram do cofre do Conde Colle e passaram para as mãos do Santo. Quando Dom Bosco se achava em sérios embaraços, bastava correr a Hyères, onde residia o Conde, e de lá voltava sempre com as mãos cheias. Os Condes Colle tinham um filho que era um verdadeiro anjo de pureza, de mansidão e de bondade. Logo que Dom Bosco o conheceu sentiu para com ele profunda afeição. Encontraram-se durante vários invernos consecutivos até que uma vez foi a última; passados poucos meses, uma implacável tuberculose arrebatou o moço na idade de dezessete anos, deixando os pais, na mais dolorosa aflição

No entanto as relações começadas entre Dom Bosco e Luís Colle neste mundo, continuaram de modo prodigioso mesmo depois da morte. Com olhos iluminados por uma luz que não era natural, Dom Bosco viu várias vezes diante de si o bom moço; em muitas circunstâncias recolheu de seus lábios avisos do céu; outras vezes passaram longos momentos na simplicidade de íntimas conversações como dois bons amigos. Tudo o que sabemos desses fatos prodigiosos só no-lo podia revelar o próprio Dom Bosco: de sua palavra não podemos duvidar. Alguns dias depois da morte do pie doso jovem, terminada a missa, estava Dom Bosco confessando na sacristia da igreja de Nossa Senhora Auxiliadora, quando de repente -como narra ele próprio - teve uma distração em que se lhe mostrou Luiz Colle num jardim delicioso no qual se divertia com outros meninos, com o rosto resplandecente de alegria.

Poucas semanas depois, no dia 27 de maio - primeiro domingo depois da festa da Ascensão - o Santo estava celebrando no altar de N. S. Auxiliadora segundo a intenção da Família Colle, a qual assistia também à missa. De improviso, na hora da consagração, o olhar de Dom Bosco penetra de novo os véus da outra vida e contempla o menino radiante de luz e de felicidade. No fim da missa viu-o ajoelhado a seu lado para as orações finais; e na sacristia viu-o de novo na frente na mesma posição, mas desta vez no meio de um grupo de meninos que tinham morrido no Oratório em fama de santidade.

No dia 3 de julho desse mesmo ano, Dom Bosco escrevia estas linhas à condessa Colle : "No dia 21 de junho p.p., festa de São Luis Gonzaga, depois da consagração, vi seu filho tal e qual o conheci neste mundo, mas estava com o rosto rosado e resplandecente como o sol".

A 30 de agosto, o Servo de Deus escreveu de novo àquela boa mãe: "No dia 25 deste, festa de São Luiz, rei de França, na hora da consagração tive a consolação de ver mais uma vez seu filho radiante de ainda maior felicidade. Estava num jardim em companhia de outros jovens e todos cantavam o Cântico dos Virgens, com um acento e uma harmonia inexprimíveis.

**E muitas outras vezes, na mesa, no quarto e em outros lugares mais, apareceu-lhe o piedoso menino; era uma visão de um instante, dizia o Santo e explicava: "Nem poderia ser mais demorada, porque se durasse só um pouquinho mais, eu desmaiaria, pois que não seria capaz de suportar luz tão deslumbrante".**

**Em 1883, em Hyères, sempre durante a missa, Luis Colle apontou a Dom Bosco uma região da América do sul que esperava os missionários e lhe disse:**

> **"Faça-se com que os meninos comunguem freqüentemente e que não haja demora em promovê-los à Sagrada Mesa. Desde a idade de quatro ou cinco anos mostre-se-lhes a Santa Hóstia para que a adorem e se preparem para a Primeira Comunhão".**

**E ainda outras vezes viu Dom Bosco a seu santo e jó. vem amigo, sendo a última na noite de 10 de maio de 1885.**

**Que maravilhosa história! Antes tinha sido Dom Bosco quem guiara Luizinho pelos caminhos de Deus: agora é o menino que toma as mãos do ancião e o conduz pelas veredas do Senhor. Transportado para os jardins do céu esse anjo de pureza continuava a atestar na forma mais ativa e mais preciosa sua gratidão para com o pai espiritual. É bem verdade que a palavra "morte" não existe para os que se amam em Deus e por Deus.**

## PERSEGUIÇÃO DO DEMÔNIO.

**Mas não faltaram a Dom Bosco contatos bem diferentes com o outro mundo: visitas daquele que Jesus chamou de "Príncipe deste mundo". O ódio do demônio contra as almas remidas que o zelo iluminado do Apóstolo ia salvando aos milhares usava de todos os artifícios para que esse zelo ficasse infrutuoso. Em 1862 começou a multiplicar assaltos a Dom Bosco com o escopo evidente de intimida-lo. De noite principalmente não o deixava em paz um momento. Temos as confidências de vítima que no-lo atestam.**

**Certa manhã de fevereiro de 1862, Cagliero, Bonetti e Ruffino acharam-no extremamente pálido e extenuado. E Dom Bosco lhes explicou que o demônio o atormentara de noite e, até lhes revelou pormenores exatos. Ora o espírito maligno lhe vinha gritar ao ouvido, ora fazia desencadear dentro de seu quarto uma ventania que levava pelos ares todos os papéis; ora se punha a rachar lenha sem parar; depois fazia sair chamas da estufa apagada; ou então puxava as cobertas e estremecia violentamente o colchão de Dom Bosco. Um sinal de cruz bastava para cessar o assalto, mas recomeçava poucos minutos depois com um novo programa: Ou era um grito agudo e sinistro que enchia de terror o coração do Santo; ou era um fragor medonho que se produzia no forro, como se fora um esquadrão de cavalaria que estivesse passando a galope; ora o demônio agarrava a Dom Bosco pelas costas, ora se lhe sentava ironicamente sobre o peito; fazia dançar o criado-mudo no meio do quarto; passava um pincel gelado no rosto, no nariz, no queixo de Dom Bosco; levantava pelos ares a cama e depois a deixava cair bruscamente; sacudia portas e janelas por quartos de hora seguidos; aparecia ao Santo em forma de animais ferozes, - ursos, tigre, serpentes, - ou com feições de monstros indescritíveis que se atiravam raivosos por cima dele.**

**Avisados por Cagliero, alguns dos alunos mais corajosos de Dom Bosco, como Sávio, Bonetti e Ruffino quiseram ir ficar vigiando à noite na porta do quarto. Mas passados poucos minutos, fugiram espavoridos.**

O próprio Dom Bosco, certos dias, saía completamente exausto dessa luta que não deixava tréguas. Certa vez... já não podia mais... Correu a procurar sossego em casa do Bispo de Ivrea, seu grande amigo. A primeira noite tudo correu calmamente, de sorte que o Santo até pensava que o demônio havia sido despistado. Mas na segunda noite tudo recomeçou. Dom Bosco já por precaução tinha ficado a conversar com o Sr. Bispo até a meia noite. Mas depois que se pôs na cama, mal tinha passado um quarto de hora de sono, apontou aos pés do leito um monstro repugnante, rugindo de raiva e tomando impulso para pular-lhe em cima. A essa vista Dom Bosco deu um grito tão forte que acordou todo o pessoal do palácio. Correram a perguntar-lhe qual era a causa de tamanho susto. Ele respondeu que tudo não passava de um pesadelo.

De manhã na hora do café contou tudo ao Bispo e voltou para Turim.

Qual era afinal o motivo de toda essa raiva infernal? Era sem dúvida o mal que Dom Bosco causava ao inferno, a quantidade de vítimas que lhe arrebatava e, talvez mais que tudo isso, a perspectiva dos danos que iria causar ao reino de Lúcifer a nova Congregação que precisamente nesse ano ia afirmar sua pujança com a profissão de seus primeiros 22 membros.

Quando voltou de Ivréa, um de seus filhos lhe perguntou

- Mas, Dom Bosco, porque é que não exorcizou o demônio como nos tinha prometido?

- Ora, porque se o afasto de mim, irá assaltar a vocês.

- Quer dizer que a noite que o senhor passou tranqüilo em Ivréa, o demônio fez alguma das suas aqui no Oratório?

- Isso mesmo. Nessa noite fez grandes estragos no Oratório.

- Mas porque o senhor não pergunta o que ele pretende?

- Vocês pensam que não perguntei?

- Oh! E que foi que eles respondeu? perguntaram curiosos todos os meninos.

Dom Bosco não achou conveniente responder e disse simplesmente: "Rezem".

E os meninos obedeceram.

Dom Bosco pouco a pouco foi readquirindo as forças perdidas. Mas, mesmo assim a luta com o espírito das trevas durou, com intervalos irregulares, até 1864, por bem dois anos.

## UM SEGREDO DE DOM BOSCO.

Uma tardinha Dom Bosco estava narrando as tragédias dessas noites e dizia que só em pensar nelas se enchia de susto.

- Se fosse eu, comentou um dos presentes, não teria medo nenhum do demônio.

**- Cala-te, disse Dom Bosco, com voz tão decidida que impressionou a todos. Cala-te, que não sabes até onde pode chegar, com a permissão de Deus, o poder de Satanás.**

**- Sei, sim! Olhem: Se o visse, agarrá-lo-ia pelo pescoço e o faria passar mal.**

**- Não digas tolices! Se o visses, só de modo morrerias.**

**- Ah! Mas eu faria o sinal da cruz.**

**- Isso fá-lo-ia ficar quieto um minuto.**

**- Mas então como é que o senhor faria para espantá-lo?**

**- Eu bem sei o processo para obrigá-lo a ir-se embora. Desde que comecei a usar, ele me deixa em paz.**

**- Que processo é esse? Água benta?**

**- Nem água benta basta em certos momentos.**

**- Oh! Mas então diga-nos qual o meio que emprega.**

**- É um meio muito bom. Eu o usei e foi eficaz. Muitíssimo eficaz.**

**E Dom Bosco calou-se, guardando o segredo para si somente. Portanto desse diálogo a conclusão que podemos tirar é que Dom Bosco um dia serviu-se de um meio desconhecido, o qual no entanto nossa fé pode conjecturar, e derrotou definitivamente o inferno.**

## DOM BOSCO NO CORTEJO DA SANTIDADE.

**Terminado o duro combate, podemos imaginar que, como na cena do evangelho, tenham descido do céu os anjos para confortar o vencedor. Aliás eles o tinham feito sempre, porquanto nesses dois anos de lutas não tinham sido raras as comunicações com o céu. Ao ver externamente "o pobre Dom Bosco", como ele se chamava, passar, agir, aplicar-se às singelas ocupações de cada dia, ao ouvi-lo falar, conversar com seus meninos, quem poderia suspeitar que sua alma era teatro de semelhantes fenômenos e que o céu e o inferno a inundavam sucessivamente, o primeiro de luz e o segundo de terror? Por esse contraste entre a humildade do exterior e o esplendor dos segredos da alma, temos que confessar mais uma vez que Dom Bosco ocupa um lugar eminente no cortejo da santidade. Santos mais milagrosos, de mais influência, de raio de ação mais amplo encontraram-se através de todos os vinte séculos de Cristianismo Mas um perfil como este, mais original e mais cativante, não se encontrará com freqüência na história da Igreja.**

# CAPÍTULO XX

# OS ÚLTIMOS ANOS

Índice

QUATRO ETAPAS. DESENVOLVIMENTO MUNDIAL.

VIAGEM PELA FRANÇA E TRIUNFO DE PARIS.

EM PARIS.

A IMPRENSA PARISIENSE FALA DE DOM BOSCO.

A ATIVIDADE DE DOM BOSCO EM PARIS.

UMA AUDIÊNCIA HISTÓRICA: VITOR HUGO.

VÁRIAS PRÉDICAS DE DOM BOSCO.

CENA COMOVENTE.

CONTINUA A VIAGEM TRIUNFAL.

À CABECEIRA DO CONDE DE CHAMBORD.

O PADRE RUA NOMEADO VIGÁRIO DE DOM BOSCO.

MONSENHOR CAGLIERO PRIMEIRO BISPO SALESIANO.

BARCELONA. TRIUNFO. MILAGRES. "TIBI DABO".

## CAPÍTULO XX

## OS ÚLTIMOS ANOS

### QUATRO ETAPAS. DESENVOLVIMENTO MUNDIAL.

Um dia, aí pelo ano de 1880, Dom Bosco escreveu num caderninho de notas: "Um observador atento pode verificar facilmente que há quatro períodos característicos, de dez anos cada um, na história que vai desde a fundação do Oratório até hoje: o primeiro (1841-1851) é o período do Oratório ambulante; o segundo (1851-1861) é o da Consolidação: o terceiro (1861-1871) poderia tomar o nome de expansão fora de Turim; e o quarto (1871-1881) chamar-se-ia período de expansão mundial".

Observação mais do que justa. Pois de fato, a partir de 1871, a Obra Salesiana, depois de ter umas quinze casas na Itália, atravessa os Alpes e vai implantar-se na França (Nice, Toulon, Marselha), na Espanha (Utrera ), ou mesmo toma a rota da América e vai fixar-se na Argentina e no Uruguai, com casas em Buenos Aires e Montevidéu. As bênçãos de Deus estão com ela e os sonhos do Santo se realizam exatamente um a um.

Mas esse apostolado que invade tão rapidamente o universo precisa de numerosos ajudantes e de contínuos esforço. Onde consegui-los? E de que maneira? Junto de si nas suas mesmas casas; perto do Oratório nas fileiras dos generosos leigos que tanto se lhe afeiçoavam. Tanto entre os aprendizes de suas escolas profissionais como entre os senhores que iam ajuda-lo, Dom Bosco percebeu logo que havia operários da sexta hora, da nona e até undécima, que esperavam de braços cruzados que alguém os contratasse para trabalhar. Dessa observação nasceu a "Obra de N. S. Auxiliadora para as vocações tardias". Para essas vocações abriu o Oratório cursos especiais que, em 1877, se transferiram para Sanpierdarena Nesse mesmo ano Dom Bosco pediu e obteve de Pio IX uma bênção especial para a prometedora iniciativa. Tanto esperava dela o Santo, que para tê-la mais perto de seu coração, transportou-a em 1883 para Mathi, não longe de Turim. Os alunos eram uns sessenta. Finalmente, em 1884, a obra das vocações tardias chegou à plena maturidade dentro da própria Turim, nos locais de um colégio construído por Dom Bosco ao lado da igreja de São João Evangelista. Na mente do Fundador tinha brotado um pensamento de inspiração profundamente sacerdotal e eucarística: queria que esses jovens que se preparavam para ser sacerdotes já se ocupassem do serviço do altar numa igreja tão freqüentada como era aquela. Limpeza, cantos, cerimônias tudo foi confiado a eles.

Nesse ano de 1884, os alunos atingiram o número de 140. De lá saíram centenas de sacerdotes, ficando uns nas dioceses, outros na Congregação salesiana. Não poucos valorosos missionários aí receberam sua primeira formação.

Tais resultados não teriam surpreendido a Dom Bosco , mesmo que ele chegasse a conhecê-los todos Pois já de longa data estava persuadido da eficácia de tal obra. Recordava-se muito bem do que se tinha dado em Chieri em 1832. Já era ele próprio uma vocação algo tardia, porquanto iniciara o seu ginásio com a idade de 16 anos. E se tinha prestado a dar lições de latim a alguém que era uma vocação ainda mais tardia: o sacristão da catedral, que na idade de 35 anos, cheio de piedade e de boa vontade, queria a todo o custo ser sacerdote. Por meio do trabalho constante de uma aula de latim todas as tardes, Dom Bosco tinha conseguido infundir naquele cérebro já bastante inacessível a ciência suficiente para que o bom homem no fim desse curso forçado pudesse entrar no seminário.

Essa velha lembrança da mocidade deve ter servido para sustentar a coragem do homem de Deus nas horas difíceis que teve de atravessar a fim de levar a cabo sua iniciativa.

## VIAGEM PELA FRANÇA E TRIUNFO DE PARIS.

Com essa obra se completa, pode-se dizer, o ciclo das criações de Dom Bosco. De aqui por diante ele irá apenas consolidar o que está feito ou fazê-lo penetrar mundo a fora.

Um de seus sonhos tinha sido sempre ver seus filhos estabelecidos em Paris. Bem sabia que nessa imensa Capital nasciam e cresciam milhares de crianças para as quais sua obra poderia ser sumamente útil. Pois também a essa "juventude pobre e abandonada" de Paris iria chegar das mãos de Dom Bosco - em 1883 -o benefício da educação cristã.

Tinha o Santo a idade de 68 anos quando empreendeu a famosa viagem

através da França O corpo estava cansado; as pernas não agüentavam mais; os olhos enxergavam com dificuldade; para andar tinha que ser quase sempre amparado por braços amigos. Era um velho alquebrado. Mas uma força misteriosa impelia-o para Paris. E não quis resistir.

Partiu de Turim no dia 31 de janeiro. Passou todo o mês de fevereiro em Nice para recuperar forças em vista das grandes fadigas que o aguardavam. Prosseguiu depois por Toulon, Marselha e Avinhão, atraindo em toda a parte enormes multidões que lhe iam pedir uma oração, um conselho, uma bênção. Doentes do corpo ou da alma, apinhavam-se ao redor do humilde ancião, aguardando de seus lábios a palavra que renova e de suas mãos o gesto que cura. "São as mesma cenas que se viam em Ars : parecia-me até estar lá", dizia ao ver o entusiasmo popular o Padre Monnin, primeiro biógrafo do Santo Cura. Em Avinhão, no dia 2 de abril, na hora da partida do trem, o povo se apinhava de tal maneira que os viajantes não conseguiram entrar nos seus compartimentos. "Um verdadeiro dilúvio! Está vendo, Dom Bosco?" observou o secretário Padre Baruel. "Mais um motivo para fugirmos logo", retrucou alegre e espirituoso o santo homem. E prosseguiram a viagem até Lião.

Em Lião visitou no dia 8 de abril, em devota romaria, o santuário de Notre Dame de Fourvière. Celebrou assistido por Mons. Guiol, Reitor da Universidade Católica, e pelo Padre Pothier. No fim dirigiu uma fervorosa alocução ao povo que se aglomerava numeroso e deu-lhes uma bênção. Mas eram tantos os que não tinham podido entrar no Santuário que teve que dar uma segunda bênção diante de casa do Reitor.

Os triunfos se renovaram nos dias seguintes nas várias igrejas onde falou: Ainay, São Francisco de Sales, Seminário, Damas do Sagrado Coração.

Em La Guillotière presidiu a uma reunião, em casa de seu amigo Senhor Boisard. Nesse ambiente de juventude operária, teve palavras maravilhosas como esta: "Os meninos são as delícias de Deus". E sabendo bem descobrir o caminho dos corações, teve a santa audácia de lançar este apelo em favor da obra: "Tirai dinheiro de vossos bolsos para concorrer à educação do operário, senão amanhã o operário revoltado virá torná-lo à força". E acrescentava com seu sorriso inteligente, escandindo devagar as palavras com voz um tanto musical: "A salvação da sociedade está nos vossos bolsos".

Certa manhã foi rezar missa sobre a tumba de São Potino, insigne relíquia da piedade lionesa dos primeiros tempos. Por todo o caminho sinuoso que subia colina acima juntou-se muito povo impedindo o carro de caminhar desembaraçadamente. Dom Bosco sempre calmo, acolhia a todos, ouvia os pedidos e dava a bênção. O cavalo era muito pacato, e ia vencendo o caminho prudentemente. Mas como a distância era muita, o cocheiro acabou por perder a paciência. E no seu mau humor saiu-se com esta frase que ficou célebre: "Seria mais fácil transportar o diabo do que um santo".

No dia 14 de abril, sábado, ante-véspera da partida, houve uma sessão solene na Sociedade Geográfica de Lião. Dom Bosco realizou uma conferência diante de uma douta assembléia, revelando-se geógrafo cheio de erudição, embora sem ter viajado. Falou da Patagônia, onde desde muito tempo seu pensamento seguia os trabalhos apostólicos de seus filhos salesianos Aqueles sábios, curvados sobre mapas abertos, iam seguindo as palavras de Dom Bosco. A lição foi viva e rica de pormenores. O Santo expunha com dados e observações muito interessantes a fauna e a flora dessas regiões, as curiosidades geológicas e as riquezas minerais; descrevia os contornos desiguais das costas, das montanhas, dos rios, explicava os costumes curiosos dos habitantes. Dentro de pouco tempo já os professores

admirados, não acompanhavam mais no mapa. Tinham os olhos fitos no mestre de palavra ardente, de olhar inspirado, que parecia estar seguindo o fio de visões longínquas.

Quiseram saber: "Mas, padre, em que fontes colheu essas notícias? Como ficou conhecendo esses pormenores tão novos?" E Dom Bosco não respondeu. Não lhe teriam dado crédito.

Pouco tempo mais tarde a Sociedade Geográfica de Lião decretou ao surpreendente conferencista uma medalha de ouro. Foi sem dúvida um gesto elegante.

## EM PARIS.

A 19 de abril Dom Bosco chegou a Paris e se hospedou em casa de seus bons amigos De Combaud, na alameda Messina, 34. Tinha-o precedido uma aluvião de cartas que deixaram assustado o porteiro do Palácio. Muito maior foi a aluvião de pessoas que foram bater à porta da residência da alameda Messina nos primeiros dias, e depois no Rua Ville l'Evêque, n° 12, casa das irmãs de Cenilhac, onde Dom Bosco passou a dar audiências no período da tarde.

Como explicar toda essa afluência, toda essa ansiedade da Capital para ver Dom Bosco e para se aproximar dele? Quinze dias antes mal se conhecia seu nome; agora uma força irresistível arrasta para ele esse povo que é o mais curioso não há dúvida, mas que é também o mais cético e o menos capaz de achar surpreendentes as coisas. O exterior não era o que mais atraía. "É velho, alquebrado, e mal se mantém em pé" escrevia um jornalista. O Figaro, por seu lado assim se expressava: "É um homem de estatura baixa, de aspecto simples e modesto, sem afetação, sem pompa e sem palavras solenes". E na igreja de S. Tomás de, Aquino, disse o Pe. Delaporte, na abertura de um congresso: "Traja batina de pano ordinário, caminha com passo vacilante, está com a vista, cansada; não tem nada disso que nós chamamos distinção e alta eloqüência".

Tudo isso era verdade. Mas ele trazia em si o reflexo da santidade e do gênio caritativo de S. Vicente de Paulo. E Paris nunca fica insensível a tudo isso Além do mais fazia milagres. Certamente não eram tantos como se dizia; mas - como escreveu a senhora Lavergne -ainda que se tirassem nove décimos, sobravam ainda bastantes para justificar o entusiasmo com que foi recebido.

No intervalo entre duas audiências - na casa da Rua Ville L'Evêque -apareceu um dia o pai da Marquesa de Bouille suplicando-lhe que fosse até sua casa, pois que seu netinho estava agonizante. Dom Bosco consolou o bom velhinho dizendo que, embora o menino tivesse recebido os últimos sacramentos no dia anterior, não iria morrer. Terminadas as audiêcias, foi ver o doentinho, já desenganado pela ciência; reuniu a família, invocou com eles Nossa Senhora Auxiliadora e deixou o leito do menino, garantindo a todos que a convalescença estava próxima. E de fato, com maravilha dos médicos, começou no dia seguinte.

Fato bem semelhante a esse aconteceu alguns dias depois, ao terminar um sermão de beneficência proferido pelo Santo, no dia 29 de abril na igreja da Madalena. Uma mãe toda chorosa, a senhora D., foi à sacristia suplicar-lhe angustiada, que corresse à cabeceira de sua filhinha de onze anos que se achava nas últimas, vítima de uma febre maligna.

A casa era pertinho da igreja, ali mesmo na rua Villel'Evêque. Dom Bosco se deixou levar até lá, reuniu toda a família e rezaram juntos a Nossa Senhora Auxiliadora, pedindo a cura da criança Depois disse: "Agora deixem a doente tranqüila. Deixem-na descansar". Seguiram o conselho e no dia seguinte a menina acordou completamente curada. Essa menina mais tarde, Senhora de R., pôde venerar Dom Bosco santo, canonizado pela Igreja em 1934.

## A IMPRENSA PARISIENSE FALA DE DOM BOSCO.

A imprensa se apoderou imediatamente desses fatos maravilhosos e com seus artigos provocou na Alameda Messina, na Rua Ville-l'Evêque, e em todos os lugares onde Dom Bosco devia falar, uma enorme aglomeração de pessoas doentes do corpo e da alma.

O Univers de 28 de abril não andou com meias medidas. Depois de descrever sucintamente a obra caridosa de Dom Bosco, apontava sem rebuços o Santo a todos os que tinham misérias físicas e morais como um taumaturgo incontrastável, e lhe aplicava os quatro versos latinos tirados do ofício de Santo Antônio de Pádua:

Si quaeris miracula
Mors, error, calamitas,
Daemones, lepra fugiunt
Aegri surgunt sani. [26]

O Clairon no dia 30 de abril, assim apresentava Dom Bosco num artigo assinado pelo Senhor Meurville : "Nestes dias em Paris só se fala deste humilde sacerdote que nos veio da Itália, precedido por essa fama comprometedora, a fama de homem que faz milagres".

No dia 2 de maio o próprio Figaro falou amplamente, satisfazendo assim a curiosidade de seus leitores:

> "Há oito dias, nos ambientes religiosos, não se fala de outra coisa senão de Dom Bosco e de sua obra. O São Vicente de Paulo italiano, que veio passar uns dias em Paris, voltará sexta-feira para Turim, carregado de ofertas, para os seus orfanatos Na frente da casa da Rua Ville-l'Evêque, onde se hospeda, há uma semana que param todos os dias filas de carruagens. As grandes damas suplicam-no para que faça por elas e por seus caros algum dos milagres que, conforme se diz, Dom Bosco realiza fàcilmente".

O cronista do Liberté, jornal de Emilio de Girardin, narrava no dia 5 de abril uma visita, feita à Alameda Messina. Apesar do tom inegavelmente cético do artigo, eis como o jornalista incrédulo descreve o que viu na residência dos De Combaud

> "Grande número de carruagens estavam paradas diante da porta. Numerosos visitantes entravam e saiam do pátio. Na portaria várias pessoas acertavam hora para audiência. No parlatório, embora muito amplo, não havia mais cadeira vazia. Ali estavam as pessoas que haviam conseguido audiência para aquele dia". .

O Moniteur universel do dia 5 de maio, trouxe esta descrição sóbria mas

viva da atração que o Santo exercia sobre as pessoas:

> "Onde quer que se saiba que ele vai celebrar missa ou vai pregar, seja na igreja da Madalena, ou em São Sulpicio, ou em Santa Clotilde, acorre gente de todos os lados, enchem completamente a igreja, e duas horas antes já não há lugar para entrar nem que fosse Sarah Bernhart".

No número de 12 de maio o Pèlerin notava essa unanimidade dos jornais e esse precipitar-se de Paris em peso para ver e ouvir o humilde apóstolo.

> "Três dias depois de sua chegada toda a empresa sensacionalista prorrompia em admiração: narravam-se e até se inventavam milagres, porque as pessoas que não acreditam em milagres estão mais dispostas a exagerar quando falam deles. As senhoras da alta sociedade corriam em busca do Santo, o qual não se preocupa com os aplausos do mundo, não se prepara para falar na igreja da Madalena, como não se prepara para falar com um pobre mendigo, e dedica tanto tempo a este como dedicaria a um príncipe se tivesse de dar-lhe uma bênção".

Essa nota de entusiasmo perante o estranho fenômeno de uma cidade que corre atrás de um Santo em pleno século XIX, século abertamente marcado pelo ceticismo, é a nota que encontramos também na Gazzete de France, no Le Monde, no Gil Blas, na France Illustrée, no La Croix e em outros jornais de Paris.

## A ATIVIDADE DE DOM BOSCO EM PARIS.

Nem era necessário fazer propaganda para aumentar as visitas a Dom Bosco. Eram uma legião! Notava uma senhora da mais alta sociedade: "Desde quando esteve em Paris o Papa Pio VII, nunca mais se tinha visto uma multidão como esta ao redor de um sacerdote".

E era verdade. Dom Bosco nem conseguiu atender a todos os que o procuravam. Diante do montão de cartas que lhe chegavam todos os dias, teve que escrever urgentemente ao Padre Rua chamando-o para ajudar o Padre Baruel na correspondência. E o P. Rua escrevia depois a um amigo de Turim: "Mesmo que fossemos sete secretários a trabalhar para Dom Bosco, ficariam ainda todos os dias muitas cartas por responder".

Assim também todas as tardes se despediam muitas pessoas sem terem podido falar com Dom Bosco. Se quisesse contentar a todos, o Santo teria que passara noite dando audiências. Ele bem o queria fazer. Mas quando chegavam onze horas o corpo cansado não resistia mais

As cinco da manhã já estava de pé. Ditas as orações, começava a receber gente das seis às sete e meia, no salão do primeiro andar, à Alameda Messina. As 7,30 ia buscá-lo uma carruagem para a missa que era celebrada ora aqui, ora acolá, numa igreja matriz, numa comunidade religiosa ou numa casa particular. Depois da missa esperava-o de novo a multidão, e ele, na sacristia mesmo ou numa sala contígua, continuava a ouvir a narração de tantas misérias, a iluminar, a consolar e a abençoar a todos. Pelas onze horas tratava de desvencilhar-se para ir tomar uma breve refeição, à Alameda Messina, a fim de poder achar-se ao meio dia em ponto à rua Ville-l'Evêque à disposição de todos os que quisessem. Voltava a casa aí pelas dez horas da noite, para estar com os

secretários, assinar a correspondência, escrever alguma carta de próprio punho e finalmente, já à meia-noite, depois de longa oração, pôr-se na cama cansado, exausto, semimorto!

A casa da Rua Ville-l'Evêque oferecia um espetáculo fora do comum. Duas horas antes de chegar Dom Bosco já a ante-sala estava cheia. Cada um recebia seu número e esperava pacientemente até pelas escadas, até na rua mesmo. Num serviço de ordem perfeito, as senhoras da melhor sociedade parisiense, como a Marquesa de Caulaincourt, a Condessa d'Andigné e a Baronesa Reille, dirigiam a entrada e saída da multidão, aliás bastante dócil. De todos os pontos de Paris, de todas as classes da sociedade iam ter com ele uns para receber um conselho, outros para pedir uma cura, muitos outros para recobrar a paz do coração. "Em minha breve permanência em Paris - confessou mais tarde Dom Bosco a um amigo íntimo - tive que resolver mais de cem casos de consciência, cada um dos quais teria sido motivo suficiente para justificar minha viagem a essa cidade".

Muitos tinham de se contentar de vê-lo apenas, sem lhe poder falar, receber sua bênção. Outros mais felizes, ou mais perseverantes conseguiam ser recebidos.

## UMA AUDIÊNCIA HISTÓRICA: VITOR HUGO.

Uma tarde foi introduzido à presença de Dom Bosco um personagem para ele completamente desconhecido. Depois de três horas de ante-sala., tinha chegado finalmente sua vez. Logo que entrou o desconhecido pronunciou estas palavras: "Reverendo, não se assuste se eu lhe disser que sou um incrédulo e que portanto não presto absolutamente nenhuma fé aos milagres que se lhe atribuem".

Dom Bosco respondeu: "Não sei com quem tenho a honra de falar e não quero nem mesmo sabê-lo. Garanto-lhe que de forma alguma pretendo obrigá-lo a crer naquilo que não quer admitir. Não lhe falarei nem sequer de religião, pois me parece que o senhor não deseja que se lhe fale nisso. Mas diga-me uma coisa: o senhor pensou sempre assim em toda a sua vida?"

- Quando era menino tinha fé, como tinham meus pais e meus amigos; mas desde o momento em que comecei a refletir e a raciocinar, deixei de lado a religião e comecei a viver como filósofo.

- Que é que o senhor entende por estas palavras: "Viver como filósofo?"

- Levar uma vida alegre, sem acreditar no sobrenatural nem na vida futura meios de que se servem os padres para amedrontar a gente simples e pouco instruída.

E o senhor que é que admite a respeito da vida futura?

- Não percamos tempo tratando desse assunto. Falarei da vida futura quando estiver no futuro

- Vejo que o senhor está gracejando. Mas já que estamos neste argumento, tenha a bondade de ouvir-me. Um dia pode acontecer que o senhor seja acometido de alguma doença grave.

- Não há dúvida nenhuma, respondeu o desconhecido, cuja idade já ia bem avançada, se bem que mostrasse saúde robusta. Não há dúvida

**nenhuma, tanto mais que nesta idade estamos expostos a um sem-número de enfermidades.**

**- Pois essas enfermidades não poderiam levá-lo ao túmulo?**

**- É inevitável. Quem se poderia julgar dispensado de pagar tributo à morte?**

**- E quando chegar a sua última hora e estiver para entrar na eternidade?**

**- Terei coragem para me confessar filósofo e não acreditar na eternidade**

**- Mas quem lhe poderá impedir, nesse momento ao menos, de pensar na imortalidade da alma e na religião?**

**- Ninguém. Mas seria esse um ato de fraqueza que me cobriria de ridículo aos olhos dos meus amigos.**

**- E no entanto, nesse último momento da vida não lhe custará nada conseguir a paz da consciência!**

**- Bem o compreendo. Mas não creio necessário abaixar-me até esse ponto.**

**- Mas se é assim, que é que o senhor espera da vida? Dentro de pouco o presente não lhe pertencerá mais. Do futuro o senhor não quer que se fale. Qual é então a sua esperança?**

**O desconhecido abaixou a cabeça. Meditava. Depois de um instante Dom Bosco prosseguiu: "Ë necessário que pense no futuro supremo. Tem ainda um resto de vida diante de si. Sirva-se dele para voltar ao seio da igreja, e implorar a misericórdia de Deus e poder salvar-se para sempre. Se não fizer assim, morrerá como incrédulo e não terá outra coisa, a esperar, senão o nada, como o senhor diz, ou então os eternos suplícios"**

**O velho respondeu: "V. Rev.ma está usando uma linguagem em que não vejo nem religião nem filosofia; é uma palavra de amigo que eu não ouso recusar. Sei que de todos os meus amigos, embora muitos deles sejam muito profundos em assuntos de filosofia, nenhum ainda conseguiu resolver o problema. Vou refletir no que me disse e voltarei aqui para falarmos". Apertou a mão de Dom Bosco, deixando-lhe o cartão de visita e saiu.**

**Foi então que Dom Bosco leu o nome da visita: Victor Hugo.**

**O grande poeta voltou alguns dia mais tarde e, tomando a mão de Dom Bosco, lhe disse: "Não sou mais o personagem do outro dia. Foi um gracejo que lhe fiz e peço-lhe que me considere seu amigo. Creio na imortalidade da alma, creio em Deus, e espero morrer entre os braços de um sacerdote católico que possa recomendar minha alma ao Criador".**

**Isto foi dito no mês de maio de 1883. Ora, a 2 de agosto do mesmo ano, Victor Hugo entregava a Augusto Vacquerie o seu testamento E nele estão contidas estas palavras: "Recuso a oração de todas as igrejas. Peço uma oração a todas as almas. Creio em Deus". Eis a contradição. Mas a primeira dessas palavras contraditórias foi pronunciada na sombra, aos ouvidos de Dom Bosco. A segunda pode bem ser apenas para efeito de publicidade. Qual é afinal o fundo verdadeiro dessa alma? Não poderia ser esse que manifestou nessa confissão que em sua alma se entreabriu a Dom Bosco na célebre visita noturna "à Nicodemos"? . . .**

**VÁRIAS PRÉDICAS DE DOM BOSCO.**

**Lo jo que chegara a Paris o primeiro cuidado de Dom Bosco tinha sido fazer uma visita de cortesia ao Cardeal Guibert. No fim da audiência o bondoso Cardeal lhe disse:**

**- Faça então um sermão na igreja da Madalena, em favor de suas obras. No fim desça e estenda a mão aos ouvintes e verá como são generosos.**

**- Não tenho coragem, Eminência, respondeu, o Santo. Meu francês inda é muito incorreto. Outro falaria muito melhor do que eu.**

**- Não, não, fale V. Rev.ma mesmo. Paris só aceitará a sua palavra. Vá portanto com toda a confiança. Desde agora abençôo o seu trabalho.**

**Bem poucas vezes uma bênção chegou a ter tanta eficácia como essa. No dia 28 de abril, sábado, antes de visitar qualquer outro santuário de Paris, Dom Bosco fez questão de ir rezar à Virgem tão querida do coração da grande cidade, no seu templo preferido, Nossa Senhora das Vitórias. Celebrou a missa no altar da Arquiconfraria pela conversão dos pecadores.**

**E essa missa de sábado, já habitualmente muito concorrida, atraiu nessa manhã imensa turba de povo. Estava marcada para as nove horas, mas às 7,30 já a igreja estava cheia. Alguém estranhou ao ver tanta gente e perguntou o motivo disso. "O senhor compreende -explicou uma boa mulher do povo - é a missa dos pecadores e vai ser celebrada por um Santo".**

**As pessoas que não tinham podido entrar e que se apinhavam na Praça dos Petits-Pères, encontraram-se de novo no dia seguinte, para as Vésperas, na Igreja da Madalena. O templo estava mais cheio do que se tratasse de ouvir um orador famoso. Desde as duas horas da tarde tinha sido necessário fechar as portas porque a multidão invadira até os degraus do altar mór. Já na previsão de tão numeroso auditório, tinham sido retirados todos os bancos da, nave central. A multidão era tão compacta, que o pobre Dom Bosco, apesar dos esforços de quem o guiava, mal conseguiu abrir caminho no meio desse mar humano para chegar até o púlpito; tanto mais que, à medida que ia passando, todos queriam pegar-lhe as mãos para beijá-las. E Dom Bosco falou. As suas não foram palavras de um orador. Um francês duro, uma voz desprovida dessa sonoridade que penetra as multidões, desse timbre de ouro que encanta os ouvidos e desses acentos que abalam os corações. O gesto lento e sóbrio, o olhar antes velado que límpido, o exterior cheio de simplicidade, não eram de certo elementos, capazes de se impor.**

**Só mesmo a humildade do Santo é que lhe podia dar' coragem para se apresentar assim perante o público de Paris tão exigente quanto sensível aos encantos de uma boa oratória.**

**Dom Bosco subiu ao púlpito às três horas e narrou o desenvolvimento de suas empresas caritativas, mostrando a necessidade de sustentar suas casas, espalhadas por toda a parte e povoadas de meninos que nelas recebiam o pão do corpo e o pão do espírito.**

**Não foi possível a todos ouvir suas palavras e mal se lhe pôde compreender o pensamento Mas a idéia penetrou da mesma forma e, quando os nomes mais vistosos da nobreza começaram a coleta, choveram moedas de ouro nas bolsas de veludo. Em poucos minutos recolheram-se 10.000 francos.**

Três dias depois, a 2 de maio, renovaram-se as mesmas cenas de entusiasmo, de devoção e de generosidade, em São Sulpício, onde Dom Bosco foi celebrar a missa das nove. Desde as 8 horas, já a nave central e as laterais estavam repletas de gente, de modo que não era mais possível circular por elas. Dom Bosco chegou com atraso de uma hora e um quarto, porque, havendo saído da Alameda Messina às 7,30, teve, entretanto, de se deixar levar à cabeceira de vários doentes. Depois do evangelho da missa, voltou-se para aquele imenso auditório, e lhes disse muito simplesmente que obras eram essas para as quais pedia o óbolo da caridade. A comunhão distribuída por ele mesmo durou mais de meia hora. A volta para a sacristia foi algo de inconcebível. O clero tinha previsto o aperto e quatro eclesiásticos além dos funcionários da igreja se encarregaram de acompanhá-lo e de protegê-lo contra o piedoso assalto do público. Pois bem, foram dominados, rodeados e envolvidos pelas vagas humanas que se vinham quebrar ininterruptadamente junto ao humilde ancião. Faziam questão que ele tocasse terços e imagens, pediam-lhe e lhe tornavam a pedira bênção, cortavam-lhe pedaços dá surrada batina para conservarem uma relíquia, saltavam por cima das cadeiras ou as derrubavam para vê-lo e para chegar-lhe bem pertinho . Era um delírio. Finalmente, já perto das onze e um quarto, conseguiu chegar à porta da sacristia, que se fechou logo depois de ele ter passado. Mas o povo, ansioso por lhe apresentar seus doentes, assediou inexoravelmente os pesados portais, até que se soube que Dom Bosco tinha ido para a casa paroquial. Então a onda humana se precipitou para lá volumosamente.

Poderíamos seguir Dom Bosco por vários dias ainda e nas várias igrejas de Paris, e assistiríamos a cenas semelhantes em cada dia e em cada igreja. Colégios, conventos, obras religiosas de várias categorias, disputavam a primazia das visitas de Dom Bosco e ele procurou satisfazer a todos, despertando por toda a parte o mesmo santo entusiasmo e a mesma generosa manifestação de caridade para com suas obras. Para terminar a narração, dos triunfos do "Santo de Turim" em Paris, vamos recordar uma última cena, da qual foi teatro a Livraria Josse, na Rua de Sèvres, número 31.

## CENA COMOVENTE.

Era um dos últimos dias de maio. Dom Bosco tinha prometido ao Senhor Josse reunir em sua casa as nobres damas que tinham dado seu gentil concurso para a coleta em São Sulpício.

Nessa ocasião tencionava receber também na Livraria algumas pessoas que não tinham conseguido ainda falar com ele em outros lugares. Infelizmente, algum vizinho, sabendo da visita de Dom Bosco, espalhou a notícia

Foi o suficiente para que desde uma e meia da tarde o lado da Rua Sèvres que confina com o jardim do Bon Marché ficasse repleto de gente. Dom Bosco deveria chegar às duas horas, mas teve que atrasar quase uma hora, de sorte que foi depois uma dificuldade abrir caminho no meio da multidão para poder entrar. O interior da Livraria compunha-se de uma sala de jantar e de um pequeno salão. Aí Dom Bosco recebeu primeiro as senhoras que tinham auxiliado na coleta e depois todas as demais pessoas que queriam falar com ele ou ao menos pedir-lhe uma bênção. Foi um desfilar contínuo até as seis horas da tarde. Entravam pelo depósito, e saiam pelo pátio. Havia gente em toda a parte: na loja, na escada, na entrada.

Quando pelas sete horas Dom Bosco quis retirar-se para ir a um encontro marcado no ponto oposto da cidade, não se sabia como fazer para levá-lo

até a carruagem que o esperava. Dois homens robustos, se puseram a seu lado e um terceiro ia adiante rompendo a multidão. Sempre sorrindo, sempre abençoando, acessível a todas as mãos que queriam tocá-lo ou entregar-lhe uma esmola, chegou finalmente à carruagem aberta que o devia levar. Mas para conseguir pôr o animal em movimento foi outro problema: o povo agarrava-se ao veiculo, e o pobre cavalo pateava incapaz de sair do lugar. Afinal muito lentamente, a poder de braços humanos, conseguiram fazer rolar as rodas e a carruagem partiu.

Nesse momento ouviu-se um clamor: "Dom Bosco abençoe-nos". A esse pedido o santo ancião levantou-se de pé na carruagem. Lia-se-lhe no rosto uma comoção indizível. O coração de Paris tão pronto a comover-se, ele o sentia batendo juntinho ao seu. A multidão tinha-se feito maior ainda pela chegada de muitos operários que passando de volta das fábricas e oficinas tinham parado para tomar parte na fervorosa cena. E Dom Bosco envolvendo num largo gesto de bênção todo esse bom povo, deixou cair dos lábios estas palavras: "Sim abençoo-vos a todos, a todos; e junto convosco a toda a França".

## CONTINUA A VIAGEM TRIUNFAL.

Da querida Paris que não cessava de seguí-lo, de aclamá-lo e de suavizar a pobreza de seus recursos, afastou-se Dom Bosco por uns dias - de 15 a 19 de março - para dirigir-se a Lille, passando por Amiens.

Em Lille queriam entregar aos salesianos a direção de um orfanato masculino dirigido pelas Irmãs de S. Vicente de Paulo. A casa tinha sido fundada logo depois de 1870, para acolher os órfãos de guerra. Em 1883, já essas crianças tinham crescido e não podiam ficar mais nas mãos das religiosas; era evidentemente necessário para dirigi-los uma autoridade mais forte. Escolheram os salesianos e eles se estabeleceram lá no ano seguinte, à Rua Gambetta, assumindo a direção do orfanato Em Lille rodearam Dom Bosco de amabilidades. Disputavam sua presença em todas as casas. Certa vez, achando-se ele num jantar em casa do Conde de Montigny, este amigo lhe fez ouvir a leitura de doze convites para refeições já aceitos em seu nome. Terminado o elenco, Dom Bosco levantou-se e, depois de breves palavras de agradecimento, disse: "Em geral o programa que me apresentam consta de missa a tal hora, função litúrgica a tal outra, depois recepção de uma romaria. Aqui, porém, é sempre a mesma coisa; jantar, jantar, jantar". O Santo tinha compreendido num lance que em Flandres o estômago e a mesa têm importantíssima função social. Mas para não desagradar a seu hóspede, nem aos convivas aos quais acabava de dar essa pequenina lição, concluiu: "Pois bem, irei a todos eles. E bendito seja Deus que oferece a Dom Bosco esses bons jantares".

Também em Lille, e talvez mais que em outras partes, a multidão dos católicos alvoroçava-se para se aproximar dele. Nas igrejas subiam nas cadeiras, e não se ouvia senão este grito: O Santo! O Santo! Os mais entusiastas, muniam-se de tesouras, e quando ele passava, cortavam-lhe pedaços da batina para fazer relíquias. Sem perder a calma, Dom Bosco suspirava e dizia em tom resignado: "Afinal, estou mesmo vendo que nem todos os loucos estão em Cherenton".

Quando partira para o Norte da França, Dom Bosco tinha entregue a seus hóspedes da Alameda Messina uma preciosa safira, que tinha sido oferecida por uma senhora de Barcelona, em sinal de gratidão pela cura de seu marido. "Façam-na avaliar - dissera Dom Bosco - e vendam-na por todos os milhares de francos que valer. Pois bem, fizeram uma rifa. Quase todos

os institutos visitados por Dom Bosco compraram bilhetes. Quando o Santo regressou fez-se a extração. Havia cerca de duzentas pessoas no palácio dos Combaud para assistir. Ganhou uma senhora espanhola, que tinha comprado um bilhete só. Então ela se dirigiu a Dom Bosco, ajoelhou-se e lhe pôs nas mãos o anel dizendo

"Aceite-o de novo e ponha-o de novo na rifa". Dom Bosco agradeceu num sorriso.

Alguns dias depois, na manhã do dia 26, o Santo deixou Paris. Até à plataforma do vagão seguiu-o o afeto da grande cidade. No momento em que comprava a passagem, em companhia do Padre Rua e do Padre Baruel, alguns viajantes o reconheceram Num abrir e fechar de olhos viu-se completamente rodeado. Sob sua janela formaram-se diversos grupos. E quando o trem partiu, todos esses desconhecidos, em sinal de respeito para com o homem de Deus que durante um mês tinha semeado bênçãos a mancheias, tiraram reverentes o chapéu.

Dom Bosco passou três dias em Dijon, hospedado em casa do Marquês de Saint-Saine, vendo renovar-se ao redor de si as piedosas manifestações de Paris. Em Dôde passou a noite em casa do Conde Eugênio de Maistre, e no dia 31 pela manhã, após quatro meses de ausência, reentrou em Turim.

## À CABECEIRA DO CONDE DE CHAMBORD.

Mas a demora em Turim foi pequena. Teve que partir logo de novo. Já durante a viagem da França, tinha recebido de Froshdorf um telegrama com pedido de orações pela saúde do Conde de Chambord, que se achava gravemente doente. A primeiro de julho recebeu sucessivamente três despachos que de novo lhe pediam orações. Finalmente a 4 de julho o telegrama lhe trazia o convite a pôr-se imediatamente em viagem.

O Príncipe ia piorando dia a dia. E como junto à cabeceira de Luiz IX tinha acorrido São Francisco de Paula, assim agora queriam que Dom Bosco assistisse ao herdeiro presuntivo da dinastia francesa 0 Santo mandou responder imediatamente que, por se achar com a saúde abalada por causa da viagem pela França, não era possível submeter-se a essa fadiga; mas prometia rezar e fazer rezar seus alunos com todo o fervor.

Entretanto, como a saúde do augusto enfermo ia piorando de hora para hora, resolveram tentar um último golpe: mandaram a Dom Bosco o Conde du Bourg, com uma mensagem bem clara, mensagem que se revestia do tom autoritário desse nobre senhor, preocupado exclusivamente em servir a seu príncipe. "Vivo ou morto - confessou mais tarde nas suas memórias o enviado da pequena corte de Froshdorf - fazia eu questão de levar comigo aquele homem santo que fazia milagres".

Para maior garantia de bom resultado, o Conde du Bourg quis em Turim a companhia de seu primo, o Barão Ricci, genro do Marquês Fassati, um dos maiores benfeitores de Dom Bosco. Apesar disso, o convite recebeu de Dom Bosco uma recusa formal: "Não, não posso. Minha viagem pela França aniquilou-me as forças. E depois, que iria eu fazer naquele Castelo? Não é lá meu lugar. Rezar pelo príncipe, isso sim, rezo e faço rezar toda a minha congregação. Se Deus Nosso Senhor quiser intervir fá-lo-á igualmente".

O embaixador se achava diante de um homem de pulso. Mas, felizmente, o

**Céu lhe inspirou o argumento capaz de conquistar a fortaleza inexpugnável:**

**"Na França", disse ele a Dom Bosco, "não lhe vão perdoar essa recusa". diplomata dessa vez acertou. O pensamento de poder desgostar os franceses foi bastante para que o pobre enfermo se decidisse a atender: "Está bem, paciência!", disse Dom Bosco depois de uns instantes de recolhimento. "Tinham-me enviado um telegrama e respondi com um telegrama. Agora me enviam uma pessoa: é preciso que eu responda indo lá em pessoa".**

**E na mesma tarde, em companhia do Padre Rua, partia de trem, viajando em carro dormitório. A viagem durou duas noites e um dia, e em todo esse tempo mal pôde Dom Bosco tomar algum alimento, tal era a sua fraqueza, extenuado como ficou pelo enorme trajeto.**

**Chegando ao Castelo de Froshdorf, quase não podia ficar em pé. Assim mesmo, com o consentimento do Príncipe, pôde celebrar sua santa missa. Terminada a missa, vieram anunciar-lhe que o Conde de Chambord o estava esperando em seu quarto. O Santo acenou com a cabeça que tinha compreendido e começou a ação de graças.**

**Passados dez minutos, um camareiro veio recordar-lhe que o Príncipe estava esperando. Novo aceno de cabeça e imobilidade como antes.**

**Finalmente, quando achou oportuno, o Santo se levantou devagarzinho, e sendo convidado para tomar uma ligeira refeição acedeu de boa vontade. Quanto estava ainda à mesa tomando pacatamente sua refeição, um terceiro emissário veio dizer-lhe que Monsenhor reclamava a presença de seu hóspedes. Então levantou-se Dom Bosco e foi ao quarto do Príncipe, com o qual se entreteve em breve colóquio. Nem fazia bem dois minutos que ele tinha saído do quarto, quando a voz clara do Príncipe chamou: "Du Bourg". O cortesão correu para o leito de seu senhor para ouvir-lhe estas palavras: "Meu caro, estou curado. Desta vez ainda me salvo".**

**De fato, como esse domingo, 15 de julho, era a festa de seu padroeiro Santo Henrique, permitiu que todos os familiares lhe fossem apresentar suas congratulações. E essa audiência não o deixou cansado. E não foi só isso: à tarde, na hora do jantar, com grande surpresa de todos, o Príncipe se fez transportar numa poltrona de rodas até o salão refeitório e tocou a taça de champanha de seus amigos na hora do brinde.**

**O Conde du Bourg perguntou sem reserva a Dom Bosco qual era o futuro que Deus preparava para o descendente do Rei São Luiz. E Dom Bosco respondeu: "Monsenhor não irá reinar; mas tenho confiança que Nossa Senhora lhe restituirá a saúde".**

**Restituiu-a deveras? Depende da interpretação que se der à catástrofe que roubou à vida o Chefe da Casa de França poucas semanas mais tarde. E nisso os pareceres divergem bastante. Uns disseram: "O conde tinha tido uma melhora passageira cuja causa natural ou sobrenatural não chegamos a conhecer". Outros sentenciaram: "A cura estava mesmo encaminhada graças à intervenção do Céu implorada por Dom Bosco; mas algumas imprudências impediram que ela se completasse... Ou então houve uma mão criminosa que consumou um delito". A primeira hipótese parece a mais verossímil, porquanto o Conde, amigo apaixonado da caça, tinha feito questão de assistir a uma caçada e tinha até atirado num animal, sendo nessa ocasião atingido pelo coice da espingarda.**

**Dom Bosco, depois de obter do Príncipe a promessa que, em caso de cura, iria agradecer pessoalmente à Virgem Auxiliadora no seu santuário de Turim, iniciou tranqüilamente a viagem de volta, no dia 16 de julho pela manhã.**

## O PADRE RUA NOMEADO VIGÁRIO DE DOM BOSCO.

Não era exagero de Dom Bosco quando falava de cansaço e de forças completamente esgotadas. Pois, um ano mais tarde, a própria Roma preocupava-se com seus estado de saúde e, por meio do Cardeal Alimonda, Arcebispo de Turim, procurava saber sobre quais ombros o Santo preferia deixar pesar uma parte de suas responsabilidades.

"O Santo Padre - escreveu o Cardeal Jacobini ao Arcebispo - está percebendo que a saúde de Dom Bosco vai definhando dia a dia. E por isso teme pelo futuro de sua instituição. Poderia Vossa Eminência, com toda a delicadeza que o assunto requer, interessar-se junto a Dom Bosco para que nomeie uma pessoa que o possa substituir em caso de necessidade, ou mesmo que possa. tomar desde agora o título de Vigário Geral com direito de sucessão? O Santo Padre reserva a si o direito de escolher entre as duas soluções; mas deseja vivamente que Vossa Eminência cumpra sem demora esta missão a qual tem em vista os legítimos interesses dessa instituição".

Informado da solicitude de Leão XIII, Dom Bosco, no dia 24 de outubro de 1884, informou o Capítulo, e todos compreenderam imediatamente o alcance de tal disposição. O prolongado silêncio com que foi recebida a comunicação demonstrou que a simples hipótese de uma possível separação deixava em todos os corações uma grande angústia. Passados quatro dias, depois de ter invocado as luzes divinas, Dom Bosco comunicou aos seus conselheiros que tinha resolvido escolher para esse cargo o Padre Miguel Rua. Roma aprovou com satisfação a escolha do Santo e Leão XIII mandou que se redigisse o decreto com o qual de dava a Dom Bosco a faculdade de fazer a nomeação.

Dez meses mais tarde, com a circular de 24 de setembro de 1885, Dom Bosco assim anunciava o fato a toda a Congregação:

> "Depois de muitas orações dirigidas a Deus, depois de ter invocado as luzes do Divino Espírito Santo e a proteção especial da Virgem Auxiliadora e de São Francisco de Sales, nosso Padroeiro, valendo-me da faculdade que me foi recentemente conferida pelo Supremo Pastor da Santa Igreja, nomeio meu Vigário Geral ao Padre Miguel Rua, atualmente Prefeito de Nossa Pia Sociedade. De ora em diante ele me substituirá no pleno e completo exercício do governo da Congregação".

## MONSENHOR CAGLIERO PRIMEIRO BISPO SALESIANO.

A carta do Cardeal Jacobini que iniciara as diligências para a nomeação do Padre Rua, era também portadora de uma notícia lisonjeira: Leão XIII elevava à dignidade episcopal um dos primeiros filhos de Dom Bosco, o P. João Cagliero, já nomeado Vigário Apostólico da Patagônia Setentrional e Central. Essa comunicação trouxe muita doçura ao coração de Dom Bosco, mas não lhe causou surpresa. Desde a cólera, a terrível epidemia de 1854, ele sabia, e até, em termos velados, tinha predito o acontecimento que se tornava realidade.

A sagração do eleito foi na Basílica de N. Senhora Auxiliadora, no dia 7 de dezembro. Ao terminar a imponente e solene cerimônia, Mons. Cagliero encontrou-se, no limiar da sacristia com sua velha mãe, cujos 88 anos não tinham podido impedir que ela assistisse à sagração, e com Dom Bosco. O novo Bispo abraçou primeiro efusivamente sua mãe; depois foi ao encontro de Dom Bosco, que o esperava de cabeça descoberta e com o barrete na mão. O bispo estava com as mãos escondidas sob as dobras das veste:: episcopais, pois fizera questão que ninguém lhe beijasse o anel, nem mesmo sua mãe, antes que o beijasse Dom Bosco.

O Santo quis tomar daquela mão e levá-la aos lábios. mas já o filho se tinha atirado nos braços do pai. Estreitaram-se longa e carinhosamente, enquanto lágrimas jorravam dos olhos de ambos. Só depois dessa efusão do coração, pôde o Santo inclinar-se para beijar o anel do novo bispo.

## BARCELONA. TRIUNFO. MILAGRES. "TIBI DABO".

Por mais que estivesse cansado, Dom Bosco ainda encontrou em si resistência bastante para - na primavera do ano de 1886 - submeter-se à fadiga de ir até a Espanha visitar seus filhos e amigos. Passando pela França Meridional, Nice, Toulon, Marselha, Montpellier, chegou a Barcelona, meta de sua viagem.

A' distância de três anos do triunfo de Paris, fez-lhe a Capital da Catalunha uma recepção realmente triunfal. Um rei não teria sido recebido com maior solenidade. Na estação principal estavam a sua espera as primeiras autoridades religiosas, civis e militares. Na praça da estação havia quarenta carruagens a sua disposição para levá-lo à Casa Salesiana de Sarriá. A multidão que se apinhava para vê-lo, aclamá-lo e receber sua bênção, era tão grande que do trem à carruagem o cortejo durou uma hora!

Durante toda a permanência do Santo em Barcelona, as demonstrações de entusiasmo não arrefeceram. O número de visitantes que todos os dias se dirigiam da cidade para o colégio salesiano, situado num dos arrabaldes mais próximos, ia crescendo de dia para dia.

Nessa multidão de admiradores confundiam-se todas as classes da sociedade: senhoras da mais alta nobreza e membros eminentes de um e de outro clero, operários e grandes industriais, jornalistas e gente humilde do povo. Na casa salesiana de Sarriá, já não havia mais lugar para acolhê-los; e as pessoas tinham que esperar pacientemente, sentadas à beira do caminho, aguardando o próprio turno. A afluência chegou a ser tal que Dom Bosco teve que receber em grupos de quarenta ou cinqüenta pessoas por vez. Dava a cada um uma medalhinha de N. Senhora Auxiliadora, e no fim dava a bênção a todos.

Nos últimos dias teve que recorrera meios mais expeditos ainda: assomava de quando em quando à sacada e abençoava a multidão que se ia renovando sucessivamente.

Quando entre uma e outra dessas intermináveis audiências Dom Bosco descia à cidade para visitar os principais benfeitores de suas obras, a população de Barcelona para vê-lo passar apinhava-se não só nas janelas, mas até nos telhados, nos muros, nas árvores, nos lampiões de gás. A pequena estrada de ferro Barcelona-Sarriá teve que duplicar o número de trens e foi necessário pôr duas locomotivas a puxar os carros superlotados.

E em Barcelona, como em Turim ou em Paris, desde o primeiro dia a Onipotência Divina se tinha posto a serviço do homem de Deus e era um florilégio de fatos milagrosos. No dia 13 de abril, enquanto se achavam umas trinta pessoas assediando o aposento de Dom Bosco em Sarriá, uma pobre menina de seus quinze anos conseguiu, a poder de muito esforço, chegar até ele. Era completamente paralítica da mão e da perna direita. "Qual é seu incômodo?" perguntou Dom Bosco ao lhe dar a bênção. "Aqui na mão, respondeu ela. Jamais pude movê-la".: E dizendo isso, abria e movia a mão. O Santo sorriu e depois mandou que ela caminhasse. A menina obedeceu incontinenti. Ao lado, a mãe soluçava de alegria. "Até a festa de Corpus Christi, disse-lhe então o taumaturgo, vais rezar todas as manhãs, três pai-nosso, ave-marias e glória-patris, não para obter a cura, mas para agradecer à Santíssima Virgem que te curou".

Alguns dias depois apresentou-se ao Santo uma senhora com três filhos, dos quais um pequenino de dois anos, e pediu a Dom Bosco que os abençoasse para que crescessem sempre bons cristãos. O homem de Deus levantou os olhos ao céu, ficou assim imóvel um minuto, e depois disse à mãe, antes de abençoar os filhos: "Destes dois meninos maiores vamos fazer dois religiosos, e o menorzinho vai ser meu". A predição se verificou ao pé da letra. Os dois maiores se fizeram religiosos e, em 1900, o menor entrava para a Congregação Salesiana.

Não nos é possível difundir-nos muito a narrar as múltiplas cenas de devoção popular de que foi testemunha a cidade de Barcelona durante toda a permanência de Dom Bosco dentro de seus muros. Era a repetição dos triunfos de Paris, com algo de mais vibrante ainda: o ardor inflamado da Espanha e todo o fervor católico dessa nobre nação fundiam-se numa aclamação interminável.

Na véspera de partir de Barcelona, Dom Bosco fez questão de ir em romaria de ação de graças ao santuário de Nossa Senhora das Mercês, a Virgem predileta da cidade.

No limiar do templo esperava-o para o receber o Presidente das Conferências de São Vicente de Paulo. Circundado de distintas personagens da cidade, adiantou-se o Presidente e disse-lhe: "A fim de perpetuar a lembrança de sua passagem, estes senhores resolveram oferecer-lhe a propriedade da colina do Tibi dabo [27] que domina Barcelona, para que V. Rev.ma aí possa construir um templo ao Sagrado Coração de Jesus".

Dom Bosco, enternecido até as lágrimas, respondeu:

> "Oh! Meus senhores! Aceito de todo o coração e vos agradeço. Ficai sabendo que sois neste momento os enviados da Divina Providência. Quando parti de Turim para vir visitar vossa bela terra vinha pensando comigo mesmo na maneira como erigir algum outro monumento ao Sagrado Coração de Jesus, agora que está chegando ao término a construção do que já fizemos em Roma. E dentro de mim, ouvi uma voz que me segredava: "Tibi dabo . . . tibi dabo . . . tibi lobo... Sim! É precisamente aí que o Sagrado Coração deseja ser adorado: no monte do Tibi dabo".

No dia seguinte Dom Bosco partiu da católica Espanha levando em seu coração agradecido lembranças imorredouras. Parou em Montpellier: hospedando-se no Seminário Maior; em Tarascon, onde foi alvo de uma

calorosa demonstração de apreço, improvisada pelo povo que estava na estação; em Valencia, onde celebrou a missa na catedral diante de uma grande multidão que se ajuntara sem aviso prévio; em Grenoble, onde imensa massa de povo o aguardou na igreja de São Luiz e o levou em triunfo na saída. E chegou finalmente a Turim.

Completavam-se assim quarenta e cinco anos de sua vida de apostolado, no meio de aclamações intermináveis. Mas essas não o envaideciam. Todo o trabalho realizado, cujos frutos consoladores agora recolhia, ele o atribuis exclusivamente a Nossa Senhora Auxiliadora.

> "A fonte das bênçãos que caem sobre nossos trabalhos e os fecundam -repetia ele freqüentemente - encontra-se num passado bem distante: naquela ave-maria rezada no dia 8 de dezembro de 1841, na sacristia da igreja de São Francisco de Assis, junto com Bartolomeu Garelli. Rezei-a com toda a alma. Nossa Senhora me escutou. E durante meio século não fez outra coisa senão ouvir essa humilde oração".

## CAPÍTULO XXI

## OS ÚLTIMOS DIAS

Índice


LEMBRANDO O SONHO DOS NOVE ANOS! ÚLTIMA MISSA EM ROMA.

SINAIS DO FIM DA VIDA. A PALAVRA DOS MÉDICOS.

PROGRESSOS DA CONGREGAÇÃO.

ÚLTIMA MISSA. PARTIDA DE MISSIONÁRIOS.

DOM JOÃO CAGLIERO E O BISPO DE LIÈGE.

ÚLTIMAS SAÍDAS. ENCONTRO COM O CARD. ALIMONDA.

ÚLTIMAS AUDIÊNCIAS E ÚLTIMAS CONFISSÕES.

UMA PREOCUPAÇÃO: AS MISSÕES.

TODO O MUNDO SE COMOVE PELA DOENÇA DE DOM BOSCO.

DOM BOSCO NÃO TEM MAIS ESPERANÇAS DE SARAR.

O VIÁTICO E A EXTREMA UNÇÃO.

BOM HUMOR DE DOM BOSCO NO MEIO DOS SOFRIMENTOS.

UMA TRÉGUA OBTIDA PELAS ORAÇÕES.

SUPREMAS RECOMENDAÇÕES DE DOM BOSCO A SEUS FILHOS.

ÚLTIMA COMUNHÃO. DERRADEIROS SUSPIROS DE UM CORAÇÃO CRISTÃO.

O MUDO ADEUS DOS FILHOS.

AGONIA. ÚLTIMA BÊNÇÃO. MORTE!

A CIDADE DESFILA JUNTO AO CORPO DO SANTO.

ORAÇÕES DA NOITE JUNTO AO CORPO DE DOM BOSCO.

A APOTEOSE DOS FUNERAIS.

## CAPÍTULO XXI

## OS ÚLTIMOS DIAS

### LEMBRANDO O SONHO DOS NOVE ANOS! ÚLTIMA MISSA EM ROMA.

O DIA 16 de maio de 1887, dois dias depois da consagração da igreja do Sagrado Coração de Jesus em Roma, Dom Bosco, quis celebrar o Santo Sacrifício da Missa no novo santuário, antes de deixar a Cidade Eterna. Essa missa, primeira que ele aí celebrou, rezou-a no altar de Nossa Senhora Auxiliadora. Assistiu-lhe o Padre Viglietti, seu secretário. Por mais de quinze vezes Dom Bosco teve que interromper a missa pelas lágrimas que lhe brotavam dos olhos. Jamais o tinham visto tão comovido!

Na sacristia o secretário lhe perguntou: "Mas, Dom Bosco, porque é que estava tão comovido? Chorou durante toda a missa!"

- Pois durante toda a missa estive revendo o sonho que tive aos 9 anos de idade . . . aquele sonho, como sabes, que decidiu toda a minha vida... aqueles molequinhos que ofendiam a Deus, a transformação deles em animais ferozes, depois em mansos cordeirinhos, a Divina Pastora, seus conselhos de bondade e de doçura... Revi-me a narrar este sonho de manhã cedo a minha mãe e a meus irmãos... ouvi seus comentários... E uma frase especialmente ressoava-me persistente ao ouvido, a frase que a Pastora do rebanho me disse quando lhe implorei que me explicasse o sonho: "A seu tempo hás de compreender tudo isso". Passaram sessenta anos! Agora compreendo tudo!

Com um olhar de conjunto o Santo tinha abraçado todo o campo de trabalho que o céu lhe cofiara.

Deus lhe tinha designado uma tarefa realmente única. Tinham-lhe bastado cinqüenta anos para executá-la. E agora terminava no coração da Igreja

Católica, sob os olhos de Pedro e a serviço de Pedro. Que suprema ventura! O bom operário podia mesmo chorar de comoção agradecido. Estava vendo e estava compreendendo.

## SINAIS DO FIM DA VIDA. A PALAVRA DOS MÉDICOS.

Mas compreendia também que seus dias se precipitavam para o fim. As forças gastas estavam a dizer-lho todos os dias. Já não caminhava mais, arrastava-se apoiado aos braços de seus filhos. Só a vontade se enrijecia num esforço supremo e o coração palpitava ainda no mesmo amor, jovem e vivo como outrora, para com essa juventude que lhe tinha consumido as energias. "Enquanto me sobrar um fio de vida, dizia ele, consagrá-lo-ei ao bem espiritual e temporal de meus filhos".

E a esses ele suplicava que se mantivessem fiéis a seus ensinamentos: "Sabeis que é que deseja de vós este pobre velho que consumiu por vós todos os seus dias? (São palavras que escreveu em Roma, em 1884 ).
Desejo que me consoleis dando-me a garantia de que tudo fareis do que vos ensinei para o bem de vossas almas. Não compreendeis bastante que fortuna é para vós morar numa casa salesiana. Posso afirmar-vos isto na presença de Deus: Basta que um menino entre numa de nossas casas, para que Nossa Senhora Auxiliadora o tome logo debaixo de sua especialíssima proteção. Não me recuseis portanto esta alegria, porque sinto que se avizinha o dia em que terei de deixar-vos e partir para a eternidade".

Dom Bosco não se enganava. Havia muito tempo, três anos pelo menos, que a ciência o tinha sentenciado. Em março de 1884, o célebre Doutor Combal, da Faculdade de Medicina de Montpellier, tinha ido a Marselha convidado pelo Padre Albera, e depois de examinar minuciosamente a Dom Bosco tinha dito:

- V. Rev.ma gastou sua saúde com o demasiado trabalho. Seu organismo está, como uma roupa esgarçada pelo uso. O único remédio é guardá-la no armário. É preciso repouso absoluto.

- Ah! Doutor, seu remédio é justamente o único que não posso usar. Tenho muito que fazer. É impossível parar a máquina.

E a máquina continuou enquanto pôde.

Mas um dia teve que parar. Foi no mês de novembro de 1887, logo depois de terminado o retiro de Valsálice, ao qual o Santo fizera questão de presidir, apesar de se lhe estarem esgotando progressivamente as forças.

Na soleira dessa casa, que está situada bem às portas de Turim, Dom Bosco ao despedir-se disse umas palavras que no momento não foram compreendidas.

O Padre Barberis, lhe fez uma pergunta: "Agora que resolvemos instalar aqui o estudantado filosófico de nossos clérigos, o senhor nos virá visitar mais freqüentemente, não é verdade, Dom Bosco?" E o Santo, fazendo-se repentinamente sério e quase preocupado, respondeu: "Sim; virei para cá e aqui ficarei montando guarda". E no dizer isso, fitava longamente a ampla escadaria que do terraço descia para o pátio. Era esse o lugar onde, quatro meses mais tarde, iriam cavar seu sepulcro.

## PROGRESSOS DA CONGREGAÇÃO.

A Congregação, como disse ele alguns dias depois, já tinha homens formados, e por isso podia partir tranqüilo.

Os salesianos atingiam o número de 768. Os noviços eram 267. No Antigo Continente as casas eram 38, e no Novo 26. Ontem o Capítulo Superior votara aprovando as fundações de Quito e Londres. No dia seguinte o próprio Dom Bosco ia revestir da veste talar a quatro postulantes, vindos de três pontos diversos: dois poloneses, o Príncipe Augusto Czartoryski e o senhor Grabelski; um francês, Noguier de Malijay; e um inglês, Johnson. "Nossa Congregação é guiada por Deus e protegida pela Virgem Auxiliadora" irá proclamar Dom Bosco antes de morrer.

Todos os fatos depunham em favor dessa afirmação.

## ÚLTIMA MISSA. PARTIDA DE MISSIONÁRIOS.

Três de dezembro foi o dia em que Dom Bosco teve de renunciar à felicidade de celebrar o Santo Sacrifício.

Até esse dia tinha dito a missa numa capelinha privada contígua a seu quarto, embora exausto a tal ponto que nem se podia virar para o Dominus vobiscum e tinha que se sentar depois da comunhão, deixando a outro sacerdote o encargo de distribuir a eucaristia às pessoas a quem se permitia assistir a essa missa. Agora Dom Bosco não resiste nem mais a esse esforço; por isso, assiste à missa celebrada por seu secretário e faz a santa comunhão.

No entanto os primeiros dias de dezembro lhe são portadores de três grandes alegrias.

No dia 6, no Santuário de Nossa Senhora Auxiliadora, há uma nova despedida de missionários. B a décima segunda a contar desde 1875. Dom Bosco fez questão de descer para assistir à cerimônia.

Sustentado pelo secretário foi ocupar seu lugar na igreja durante o sermão feito pelo Padre Bonetti. Mas o sermão mais eloqüente era o que fazia o santo ancião, arrastando-se com tanto sacrifício até o templo para abençoar os novos apóstolos dos índios do Equador.

Depois da bênção do SS. Sacramento e de algumas palavras de adeus aos missionários ditas pelo Ex.mo Bispo Auxiliar de Turim, a cena tornou-se comovedora até o extremo. Os missionários desfilando um a um diante de Dom Bosco, despediam-se dele e lhe beijavam a mão. Não havia quem pudesse ficar de olhos enxutos. Quando terminou a despedida dos jovens apóstolos, deu-se livre passagem à multidão e precipitaram-se todos para o presbitério a implorar a bênção do bom pai. Depois, saindo com ele da igreja, o povo fez-lhe um cortejo de honra, acompanhando-o até a entrada do quarto, e unindo as próprias aclamações às dos meninos que também correram à passagem de seu carinhoso Pai.

## DOM JOÃO CAGLIERO E O BISPO DE LIÈGE.

Logo depois da partida dos missionários para Quito, chegou da América Mons. Cagliero. Entrou no Oratório precisamente no dia 27 de dezembro, às 2 horas da tarde. O primeiro encontro do Bispo salesiano com Dom Bosco foi um espetáculo emocionante. O venerando velho recebeu no quarto ao filho querido. Abraçou-o com efusão, estreitou-o ao peito e se desfez em lágrimas. Depois de beijar o anel pastoral, pôde finalmente pronunciar algumas palavras: "Como vai de saúde?" Era essa a pergunta que fazia sempre antes de todas as demais. E naquele dia não era uma pergunta vazia de sentido, pois que o bispo missionário vinha de longe. Numa viagem pastoral através dos Andes, em data ainda bem recente, tinha sido vítima de uma perigosa queda de cavalo, a qual lhe ocasionara a fratura de duas costelas e lhe pusera em perigo a mesma vida. Mas em nenhum momento perdera a esperança, porque na crise mais aguda da febre uma voz misteriosa lhe repetira ininterruptamente ao ouvido: "Parta logo para Turim; vá assistir a Dom Bosco moribundo".

E ele viera.

Na tarde do mesmo dia, chegou a Valdocco o popular bispo de Liège, Mons. Doutreloux, grande' amigo dos operários, o qual queria a todo o custo que lhe mandassem algum salesiano para um dos bairros mais populosos de sua ardente cidade.

## ÚLTIMAS SAÍDAS. ENCONTRO COM O CARD. ALIMONDA.

No dia seguinte, 8 de dezembro, festa da Imaculada Conceição de Nossa Senhora, Dom Bosco, cujo estado declinava sempre mais, quis, não obstante, descer ao refeitório da comunidade. No encaminhar-se para lá, tentou resistir às amáveis insistências do Bispo de Liège, que lhe oferecia o braço. Afinal consentiu e apoiou-se nele. Terminada a refeição, S. Ex.cia quis de novo acompanhar Dom Bosco ao quarto. Mas desta vez não o conseguiu. E puderam então contemplar o saboroso espetáculo dessa luta em que a humildade do sacerdote venceu a ternura toda filial do prelado.

Foi a última vez que Dom Bosco participou das refeições da comunidade. Uma após outra lhe iam sendo roubadas todas as pequeninas alegrias humanas. Foi assim que teve também de renunciar às suas breves saídas da tarde. O último desses passeios foi o de 20 de dezembro.

No dia 16 tinha saído a dar uma volta em companhia do Padre Rua e do seu secretário.

Nessa tarde tinha-se mostrado de uma alegria e de uma vivacidade extraordinária. Durante todo o passeio tinha citado seus autores preferidos, latinos ou italianos, analizando-os com muita graça. Seus dois companheiros não podiam acreditar em tamanha fidelidade de memória, num velho de 73 anos, arcado ao peso dos achaques. Estavam já para tomar o caminho do Oratório, quando sob as arcadas da Avenida Vittorio Emanuele, encontraram-se com o Cardial Alimonda.

O venerando Arcebispo aproximou-se logo, exclamando: "Oh! Dom Bosco, Dom Bosco!" Subiu à carruagem, abraçou ao humilde sacerdote, osculando-lhe a fronte com ternura. Juntou-se logo muita gente, e rodearam-nos contemplando admirados essa cena de singular edificação. E

exclamavam: "Como se querem bem".

Três dias depois, Dom Bosco quis sair mais uma vez de carro. Apesar de suas relutâncias, dessa vez foi necessário transportá-lo numa poltrona. No fim do passeio, iam já entrar na praça de N. Senhora Auxiliadora, quando um desconhecido fez sinal, para que parassem o carro e se apresentou a Dom Bosco.

Era um dos primeiros alunos do Santo, um bom homem de Pinerolo. Estando em Turim de passagem fizera questão de saudar seu velho mestre. E para ter maior garantia de encontrá-lo sé pusera a esperar o carro na esquina da praça.

- Como vão teus negócios? perguntou Dom Bosco.

- Mais ou menos. Poderiam ir melhor.

- E a alma como vai?

- Tenho procurado sempre ser digno filho de Dom Bosco.

- Muito bem! Deus te recompensará. Reza por mim.

E depois de abençoá-lo, despediu-se, com estas palavras

"Recomendo-te a salvação de tua alma. Vive sempre como bom cristão".

Poucos metros mais adiante o venerando velho descia da carruagem quase transportado nos braços de seus filhos. Entrou para o quarto. Era a última vez que subia aquelas escadas.

## ÚLTIMAS AUDIÊNCIAS E ÚLTIMAS CONFISSÕES.

Ficava-lhe ainda a consolação, de servir às almas na hora das visitas ou no tribunal da confissão. Mas até esse oficio de conselheiro, de guia, de médico e de pai ia ser-lhe tirado um dia.

Até o dia 20 de dezembro, mais ou menos, depois de ouvir missa e receber a Comunhão na cama, fazia-se ajudar a vestir e, sentado no modesto sofá do quarto, recebia visitas. Nesse ano tinham sido extraordinariamente numerosas, presentes na Itália com os romeiros sem conta que o jubileu de Leão XIII atraíra. Foi assim que o humilde quarto de Dom Bosco viu entrar o Duque de Norfolk; o Cardial Goossens, Arcebispo de Malinas; Mons. Richard, Arcebispo de Paris; o Arcebispo de Colônia; o Bispo de Treves; Mons. Philippe, bispo auxiliar de Mons. Tissot (Bispo de Vizagapatam, dos missionários de São Francisco de Sales, de Annecy ); Mons. Bertagna, bispo titular de Cafarnaum, auxiliar do Arcebispo de Turim; Mons. Leto, Bispo de Samaria; os bispos de Casale, de Fossano, de Cuneo; e uma quantidade de peregrinos franceses, belgas, canadenses, suíços, poloneses, alemães, chilenos, brasileiros e argentinos.

E faz já quarenta anos que Dom Bosco consagra assim as manhãs inteiras a abençoar, consolar, ajudar a todos os que vêm visitá-lo. Embora imobilizado na sua poltrona e torturado pela enfermidade que lhe dobra quase de uma vez o corpo, encanta sempre aos seus visitantes.

"Já tratei com os maiores soberanos"

confessava um dia um ricaço de Liège,

> "e nunca experimentei o menor constrangimento. Mas diante de Dom Bosco me sinto pequenino".

E entretanto esse grande amigo das obras salesianas estava visitando a Dom Bosco no dia 23 de dezembro, pouco mais de um mês antes da morte do Santo. Achou-o consumido no corpo, mas com a alma cheia de ardor. Vale a pena registrar o testemunho desse hóspede

> "As forças debilitadas do venerando velho não lhe pertiam nem sequer ficar de pé. Logo que entrei, levantou a cabeça, que se conservava caída, e pude ver-lhe os olhos um tanto velados, mas cheios sempre ainda de uma inteligente bondade. Dom Bosco falava perfeitamente o francês. A voz era lenta e denotava certo esforço, mas exprimia-se com notável clareza. Achei que sua maneira de receber-me era toda feita de simplicidade cristã nobre e cordial ao mesmo tempo. E o que me deixou profundamente comovido foi ver, num velho quase moribundo e assaltado assim profundamente pelas visitas, uma atenção tão sincera e tão simpática para com os que dele se aproximavam. Com quanta comoção me falou do Bispo de Liège e de seu ardente zelo pelas obras em favor dos operários. Em Dom Bosco a espada gastou a bainha, mas quanta farsa de alma há ainda nesse corpo enfraquecido!"

Esta foi uma das últimas audiências.

Fazia três anos que os achaques não lhe permitiam mais confessar todas as manhãs, como outrora. Porém dedicava ainda a esse ministério as noites de quarta-feira e de sábado. O dia 17 de dezembro era sábado. E estavam justamente uns trinta meninos, alunos das classes mais adiantadas, insistindo com o secretário para que os deixasse entrar. Foi inútil tentar persuadi-los de que o estado de Dom Bosco não lhe permitia mais ouvi-los em confissão. Eles continuaram a insistir que queriam entrar de qualquer maneira. Avisado pelo secretário, Dom Bosco a princípio achou que era uma tarefa superior a suas forças. Mas, depois de refletir um momento, respondeu como que falando a si mesmo: "E no entanto é a última vez que poderei confessá-los". O secretário não dando importância a esta resposta, objetava que Dom Bosco iria ter febre e falta de ar. Mas o Santo, profundamente comovido repetia: "E no entanto é a última vez que poderei confessá-los" E os confessou.

Foram realmente as últimas confissões que ouviu.

## UMA PREOCUPAÇÃO: AS MISSÕES.

Durante esses dois meses inteiros de agudos sofrimentos, havia uma idéia que parecia dominar o espírito de Dom Bosco: As missões. Quase não falava de outra coisa.

No dia 23 de dezembro, às 12 horas e meia, três católicos belgas querem ser recebidos por ele. Depois de abençoá-los lhes diz: "Prometam-me que hão de rezar por mim, pelos salesianos e especialmente pelos missionários".

Repetidas vezes transmitiu a Mons. Cagliero esta sua preocupação permanente: "Não deixe de repetir ao senhor L. que se lembre dos nossos missionários; e eu, por minha vez, lembrar-me-ei dele e de sua ótima família. Proclame por toda parte que a maneira infalível de conseguir de Nossa Senhora Auxiliadora as graças de que necessitamos é ajudar as missões".

Na tarde de 27 de dezembro, recebeu um jornalista, o Rev.do Padre Tinetti diretor da Unità Cattolica. Com voz sumida murmurou-lhe: "Recomendo-lhe como o fiz outrora, a nossa Congregação Salesiana e as nossas Missões".

Uns dias depois sentindo-se muito mal, mandou chamar o Padre Rua e Mons. Cagliero, e lhes deu alguns avisos supremos, terminando com esta promessa: "Hei de me lembrar sempre de todo o bem que nossos cooperadores e suas famílias fizeram às nossas missões".

Ao Bispo Missionário, que planejava ir qualquer dia a Roma depor sua homenagem aos pés do Santo Padre, confiou esta mensagem: "Estou certo de que você compreendeu bem o motivo pelo qual o Santo Padre deve proteger as nossas missões, não é verdade? Em toda a parte onde trabalham os salesianos, seu principal empenho é sustentar a autoridade da Cátedra de S. Pedro". Depois, lendo no futuro, acrescentou com acento profético: "Confiança! Confiança! Com a proteção do Papa ireis à África, atravessá-la-eis, penetrareis na Ásia, na Mongólia, e em tantos outros lugares".

Essas conquistas surpreendentes e rápidas, sabe bem ele que seus filhos realizarão sobretudo pelo auxílio da Rainha dos Apóstolos, cujo culto espalharão por toda a parte: "Propagai a devoção à SS. Virgem na Terra do Fogo, disse ele certa vez. Se soubésseis quantas almas Nossa Senhora quer ganhar para o céu por meio dos salesianos!"

Finalmente, quatro dias antes de morrer, numa noite de profundo abatimento, só foi capaz de murmurar com um fio de voz, a Mons. Cagliero que estava ajoelhado ao pé da cama: "Salvai muitas almas nas missões".

## TODO O MUNDO SE COMOVE PELA DOENÇA DE DOM BOSCO.

Entrementes, fora de Valdocco, em Turim, na Itália, no mundo inteiro, a oração dos fiéis se une às súplicas dos salesianos para arrancar de Deus o milagre tão desejado. Em muitas casas da Congregação organiza-se a adoração diurna e noturna diante do SS. Sacramento exposto. Lágrimas orações, sacrifícios, promessas e votos, todas as formas, enfim, da piedade filial são postas em ação pelos Cooperadores Salesianos espalhados pelo mundo todo, com o fim de conservar Dom Bosco na terra. E este impulso admirável não pára nos filhos da família salesiana, senão que se propaga a todos os cristãos, e todos eles tentam fazer violência ao coração de Deus.

Os jornais de todas as nações, informados por seus respectivos correspondentes, publicam o boletim do ilustre enfermo.

O Oratório vive assediado permanentemente por uma multidão ávida de notícias. Telegramas chegam a todo o momento. Da França, da Itália, da Espanha acorrem os diretores das casas salesianas. No Instituto do Sagrado Coração, de Roma, é um vai-vem contínuo de príncipes, de

prelados, de bispos e de cardeais, a pedir notícias de Dom Bosco. O próprio Santo Padre se digna mandar pedi-las.

Em todos os institutos salesianos é o mesmo alvoroço. Em Barcelona para poder satisfazer a todos foi necessário estabelecer três centros de informações. Em Paris a enfermidade de Dom Bosco é ocasião para se tornar cada vez riais conhecida a obra salesiana de Ménilmontant.

Certa manhã, uma senhora da alta sociedade turinesa, foi expressamente a Valdocco para pedir o último boletim do doente. O porteiro mostrou-lhe a Unitá Cattolica do dia, que anunciava uma melhora. A nobre visitante derramou lágrimas de alegria, e depois deixou a bolsa nas mãos do porteiro dizendo: "Oh! Diga a Dom Bosco que sare quanto antes; e entregue-lhe esta oferta". A bolsa continha vinte luises de ouro.

O querido enfermo pede freqüentemente aos médicos que lhe digam claramente seu estado, "porque, - explica ele - "os senhores sabem que não tenho receio de coisa alguma. Estou tranqüilo e perfeitamente preparado".

## DOM BOSCO NÃO TEM MAIS ESPERANÇAS DE SARAR.

Ele encara a partida definitiva deste mundo com uma calma só igual à certeza com que vê a morte chegar inexorável. O Padre Albera, superior do Oratório de São Leão em Marselha, dizia-lhe: "É a terceira vez, Dom Bosco, que o vemos chegar até ao limiar da eternidade. As orações de seus filhos sempre conseguiram reconduzi-lo ao mundo. E estou certo que agora vai suceder a mesma coisa".

- Desta vez não volto mais, respondeu Dom Bosco.

Certa manhã perguntou ao secretário, Padre Viglietti "Aqui em casa sabem que eu estou muito mal?"

- Sim, Dom Bosco, sabem-no aqui e em todas as casas e em toda parte estão rezando.

- Estão rezando para eu sarar? É inútil. Vou-me para a eternidade.

Esse mesmo sentimento tinha manifestado dias atrás ao depor o agasalho, quando voltara do último passeio de carro.

- E agora não me resta senão procurar uma boa conclusão.

- Mas, Dom Bosco, - observa-lhe o secretário - há de ver que um pouco de repouso dominará a indisposição que está sentindo.

- Não, não, insistia ele; resta-me somente procurar concluir bem. Aliás, acrescentava algumas vezes, o meu desejo é mesmo ir para o Céu, porque lá em cima poderei trabalhar melhor para os meus filhos. Cá na terra não posso fazer mais nada por eles.

As vezes pediam-lhe que rezasse para que Deus lhe restituísse a saúde. Mas não quis atender jamais a esse pedido. Sua resposta era sempre a mesma: "Faça-se em mim segundo a vontade de Deus".

Repete com fervor todas as jaculatórias que lhe sugerem. Mas, se insinuam: "SS. Virgem, fazei-me sarar", não responde.

**É evidente que Dom Bosco não nutre a mínima ilusão sobre o desfecho que vai ter a doença. E nisto está plenamente de acordo com o parecer dos médicos, os quais pela voz do Dr. Fissore, exprimem-se nestes termos**

> **"Dom Bosco não tem mais cura. Não há mais esperança de salvá-lo. Tudo nele foi atingido. Está minado por uma afecção cardíaca; o fígado está atacado; a medula espinhal apresenta uma complicação que produz a paralisia dos membros inferiores. Já não pode mais falar. Finalmente os rins funcionam mal e os pulmões pior ainda. Esta doença não tem nenhuma causa direta. É uma existência gasta pelas fadigas incessantes unidas a continuas preocupações. Este homem consumiu-se num trabalho superior a suas forças. Não morre de uma moléstia determinada. Morre como uma lâmpada que se apaga por falta de óleo".**

## O VIÁTICO E A EXTREMA UNÇÃO.

**Dom Bosco bem que o percebia e, por isso, pedia a todos os que lhe rodeavam o leito que o ajudassem, como dizia ele, a salvar sua pobre alma. Esse pedido fá-lo também ao seu venerando Arcebispo que vem vê-lo no leito de dores, antes de partir para Roma, ad limina.**

**- Mas V. Rev.ma não deve temer a morte - diz-lhe o Eminentíssimo Cardial. - Tantas vezes recomendou aos outros que vivessem preparados para bem morrer!**

**- Sim, eu o disse aos outros, Eminência, mas agora tenho necessidade que os outros o digam a mim.**

**Nessa mesma tarde, 23 de dezembro, pelas cinco horas, entrou o confessor do Santo, Padre Giacomelli, seu companheiro de seminário. Ficaram a sós por alguns minutos.**

**No dia seguinte, às 7,30 tudo estava preparado para a administração do Sagrado Viático.**

**Dom Bosco diz chorando aos sacerdotes que o circundam: "Ajudai-me todos vós a receber bem a Nosso Senhor... eu... sinto-me confuso... In manos tuas, Domine, commendo spiritum meum". Quando vê Mons. Cagliero com a píxide na mão, as lágrimas aumentam. Que cena comovedora! É um instante indescritível. Ouvem-se apenas os soluços dos assistentes. O próprio Bispo não é capaz de conter-se.**

**Às onze da manhã Mons. Cagliero administrou-lhe a Extrema Unção. Dom Bosco já tinha pedido que lhe conseguissem a bênção do Santo Padre. O próprio bispo missionário foi quem apresentou a súplica a Roma; e no dia seguinte à noite - noite de Natal - a bênção chegou nestes termos : "Santo Padre consternado doença Dom Bosco reza por ele e envia bênção pedida. Cardeal Rampolla".**

## BOM HUMOR DE DOM BOSCO NO MEIO DOS SOFRIMENTOS.

**Nem a certeza da morte próxima, nem os duros sofrimentos do pobre corpo paralisado, nem o depauperamento progressivo das forças conseguiam arrancar ao santo velhinho a presença de espírito e o constante bom humor.**

**Nos raros momentos de relativa calma que a doença lhe concedia, ele continuava, entre uma crise e outra, a dar sinais de uma vida intelectual inexplicável no estado em que se encontrava. Quase sempre, ao sair de um entorpecimento que às vezes durava horas e horas, ou de um estado de prostração repentina, falava, com clareza de espírito e prontidão admiráveis, sobre uma iniciativa encaminhada, ou sobre uma medida que se devia tomar, ou sobre uma disposição de tal lei que estava sendo olvidada, ou ainda sobre mil e um assuntos espinhosos, para os quais todos dava a solução que lhe sugeria a longa experiência.**

**Os médicos não sabiam a que causa atribuir tão perfeita lucidez de espírito e tão prodigiosa atividade. Admiravam ademais não só a doce paciência do enfermo, mas ainda o seu inalterável sorriso. Dom Bosco conservou até o fim da vida o bom humor. Dir-se-ia até que à medida que a doença progredia, o bom humor redobrava para iludir aos que o assistiam.**

**Ora compunha uma quadrinha piemontesa a respeito das velhas pernas que não podiam mais sustentá-lo; ora dizia a quem o transportava de um lugar para outro: "Ponha tudo na conta, que no fim pagarei'"; outra vez pedia ao secretário que lhe trouxesse um café gelado, e recomendava: "Mas que esteja fervendo, chiem!"**

**E um dia que a falta de ar o atormentava atrozmente disse:**

**- Vocês não conhecem alguma fábrica de foles?**

**- Ora , para quê, Dom Bosco?**

**- Para substituir meus pulmões que não valem mais nem um vintém.**

**Uma tarde, o enfermeiro, acabando de trocá-lo de cama, disse**

**- Nós lhe fazemos sofrer muito, não é verdade, Dom Bosco?**

**- Oh! Isso você mesmo é quem pode dizer.**

**E até o fim, até o momento em que entrou em agonia, manteve essa alegria da alma. Só um pensamento é que parecia entristecê-lo ao lhe cruzar o espírito. E por isso viram-no chorar muitas vezes. Era o pensamento da separação suprema que lhe dilacerava o coração de pai: "O único sacrifício que terei que fazer na hora da morte é o sacrifício de deixar-vos".**

## UMA TRÉGUA OBTIDA PELAS ORAÇÕES.

**Essa hora de separação parecia nos primeiros dias de janeiro ter sido afastada, graças às orações e aos sacrifícios de seus filhos. Manifestou-se de fato uma melhora sensível, que surpreendeu aos médicos e ao próprio doente. O estômago voltou a digerir e Dom Bosco com a alimentação readquiriu um pouco de forças.**

**"Como se pode explicar"**

**dizia ele,**

"que uma pessoa, depois de 21 dias de cama, quase sem comer e com a cabeça enfraquecida até ao extremo, possa de repente retomar posse de si, pôr-se a par de tudo, sentir-se forte e, se fosse preciso, até levantar-se, escrever, trabalhar? Pois eu neste momento, sinto-me tão bem disposto como se nunca tivesse estado doente. Se alguém quisesse saber o motivo, a única coisa que se poderia responder seria o seguinte : Quod Deus imperio, tu prece, Virgo, potes. - O que Deus opera com seu poder, pode fazê-lo também, ó Virgem, a vossa oração".

Essa trégua inesperada permitiu a Dom Bosco dar com toda a calma as suas últimas disposições e determinar bem os seus últimos conselhos. Para que a morte, ao chegar, o encontrasse em perfeita pobreza, disse um dia ao secretário

"Tire do bolso de minha batina a carteira e o porta-níqueis e se houver algum dinheiro leve-o ao Padre Rua. Quero morrer tão pobre que se possa dizer: "Dom Bosco, quando morreu, não deixou nem um soldo".

Essa voluntária pobreza unia-se no seu espírito à angustiosa situação monetária em que se encontrava realmente a casa, e, por isso, dizia pesaroso: "Quanto sinto não poder mais ajudar-vos como outrora! Estou totalmente sem recursos e entretanto nossos meninos continuam a pedir pão. Que havemos de fazer? É preciso que se saiba: Todos aqueles que desejam fazer caridade a Dom Bosco e a seus alunos pobres, não esperem que eu vá estender a mão. Não posso mais fazê-lo".

A noticia da melhora, chega até aos ouvidos do Santo Padre que se rejubilou com isso.

"Soube que vosso fundador esteve passando muito mal disse S. Santidade numa audiência pública, na qual lhe apresentaram alguns salesianos; mas agora está melhor, não é verdade?

- Sim, Santidade, respondeu o interrogado. As últimas notícias são boas. Dom Bosco está em vias de franco restabelecimento.

- Deus seja louvado! exclamou o Sumo Pontífice. Rezai pela saúde de vosso pai. Dizei-lhe que o Papa pensa nele e lhe manda a bênção apostólica. A vida de Dom Bosco é preciosa, e sua morte, se acontecesse nestes dias, entristeceria muito nossas festas de Roma".

## SUPREMAS RECOMENDAÇÕES DE DOM BOSCO A SEUS FILHOS.

Já no liminar da eternidade, aonde ia chegando apesar dessa melhora passageira, Dom Bosco, aproveitava as oportunidades para deixar a seus filhos suas últimas recomendações.

Fitando os olhos no futuro da Congregação que se lhe apresentava radioso, dizia a transbordar de confiança: Até aqui caminhamos sempre firmes; não podemos errar o caminho. Nossa Senhora é quem nos guia.

Para indicar claramente as relações que deveriam unir nas casas os superiores e súbditos, prescrevia ao seu secretário: Viglietti, escreva isto: Os Superiores Salesianos demonstrem sempre um grande amor pra com os

seus dependentes. Sobretudo tratem com caridade as pessoas de serviço.

A todos os salesianos, como palavra de ordem, como senha suprema, assinala esta: Trabalho! Trabalho!

Mais ou menos a mesma coisa deixa como lembrança às Filhas de Maria Auxiliadora que o vêm visitar na pessoa de sua Superioria Geral:

Empenhem-se de todas as maneiras para salvar muitas almas.

Uma tarde chamou o Padre Rua e Mons. Cagliero à sua cabeceira e lhes deu este aviso para transmitirem a todos os salesianos: Tratai-vos bem, como irmãos; amai-vos, suportai-vos mutuamente. O auxílio de N. S. Auxiliadora jamais vos faltará.

Na vigília do Ano-Bom, o Padre Rua, como de costume, perguntou ao bom Pai qual a lembrança que queria deixar aos meninos para o novo ano: Devoção a Nossa Senhora e Comunhão freqüente, foi a resposta.

Eram esses os dois grandes meios de salvação que, durante toda a vida, ele infundira na inteligência e no coração de milhares de jovens que lhe tinham passado pelas mãos.

Quando lhe contaram que até os jornais socialistas e radicais falavam dele com respeito e simpatia, lembrou o pensamento evangélico que tinha inspirado todos os seus atos e o tinha elevado acima de todas as discussões políticas, religiosas e sociais: Fazei o bem a todos, o mal a ninguém.

No derradeiro extremo da vida, antes em plena lucidez e depois num momento de delírio, revela o segredo de sua ação fecunda: uma fé ardente e intrépida em Deus. Rezai, sim - dizia uma tarde a seus filhos - mas com fé, com f é viva.

Acham-se embaraçados!... Coragem! Coragem! Para a frente! Sempre para frente! foram palavras que disse na antevéspera da morte, entrevendo, no meio da febre, não se sabe que empecilho na marcha conquistadora de seus salesianos.

A última palavra, calma, lúcida, ponderada, toda cheia de seu coração, foi para os seus meninos, para toda essa juventude em prol da qual tinha sacrificado sua vida inteira :Dizei a meus meninos que os espero a todos no céu. Do púlpito insisti sobre a comunhão freqüente e sobre a devoção a Nossa Senhora.

A Hóstia e a Virgem! Farsa e Pureza!

Essa a lembrança que, na beira do túmulo, deixa o grande educador à juventude que ele tanto amara.

## ÚLTIMA COMUNHÃO. DERRADEIROS SUSPIROS DE UM CORAÇÃO CRISTÃO.

Essas palavras disse-as no dia 28 de janeiro. No dia 29, festa de São Francisco de Sales, Padroeiro da Congregação, fez a comunhão pela última vez. Depois caiu numa insensibilidade, entremeada de delírio, que durou até à noite.

Um mês antes tinha previsto esse estado. Pois no segundo dia da doença,

o Padre Rua lhe tinha ido pedir uma dispensa de certa obrigação e ele lhe tinha respondido: "Pois não. Posso dispensá-lo até o dia de São Francisco de Sales. Se depois você inda precisar da dispensa, recorra ao Padre X"

Usamos a palavra delírio pra exprimir as aparências de seu estado; mas possuímos indícios certos de que mesmo a extrema fraqueza não chegou á tirara Dom Bosco a lucidez do espírito.

Pelas dez horas da manhã interrogou ao Padre Durando em plena consciência. Sabendo que se estava celebrando a festa de São Francisco de Sales, demonstrou verdadeira alegria. Conversou também um pouco com os médicos. Mas, logo que partiram, recaiu num breve letargo, do qual voltou logo, perguntando ao Padre Durando: "Quem são esses senhores que acabam de sair?"

- Não os conheceu, Dom Bosco? São os doutores Albertotti, Fissore e Vignolo.

- "Ah! Sim! Diga-lhes que hoje fiquem conosco...".

Queria dizer "para almoçar", mas não pôde dizer nem uma palavra mais. O sentimento da gratidão não tinha perdido nada de sua vivacidade! Pronunciava muitas vezes, num tom de particular ternura, o nome dos principais benfeitores de suas obras. Um desses estava com um filho gravemente doente. "Pois bem, disse-lhe Dom Bosco, tenho a intenção de que todas as orações que agora se fazem por mim sejam aplicadas a seu filho para obter-lhe a saúde".

Durante o dia tinha dito ao secretário: "Quando eu não puder mais falar, se alguém me vier pedir uma bênção, você me levante a mão e trace com ela o sinal da cruz que eu porei a intenção".

Nos instantes de dormência, parece que entende só quando lhe falam do Céu e das coisas da alma, e então inclina a cabeça. ou termina a oração começada. Assim, por exemplo, quando o Padre Bonetti lhe diz:

Maria Mater gratiae, tu nós ab hoste protege... o enfermo conclui: Et mortis hora suscipe.

Durante o dia todo ouvem-no repetir: Mãe! Mãe! Amanhã! Amanhã!
E pelas seis horas da tarde,em voz baixa: Jesus, Jesus! . . .
Maria!... Maria! Jesus e Maria, eu vos dou meu coração e minha...
In manus tuas, Domine, commendo spiritum meum . . . Oh! Mãe...
Abri-me as portas do Céu.

Muitas vezes junta as mãos e recita lentamente as máximas da Sagrada Escritura que lhe serviram de regra durante a vida inteira: Diligite... diligite... inimicos vestros. Benefacite iis qui oderunt vos... Quaerite regnum Dei... Et a peccato meo, . . . munda . . . munda me...

Soa o Angelus da tarde. O Padre Bonetti convida o enfermo a saudar a Nossa Senhora dizendo :Viva Maria! Dom Bosco repete Viva Maria! com piedosa comoção. Pouco depois volta-se para Enria, velho coadjutor que há dois meses passa as noites à cabeceira do dileto Pai, e sussurra algumas palavras a esse fiel amigo. Não consegue, porém, articular nenhuma frase, e diz apenas: "Mas... mas... eu te saúdo".

Rezou depois o ato de contrição, acompanhado da invocação repetida: Miserere nostri, Domine. Durante algumas horas ergueu freqüentemente os braços ao céu, dizendo com as mãos juntas: Seja feita vossa santa

vontade.

A medida que a paralisia ia dominando o lado direito, o pobre enfermo continuava com o braço esquerdo seu gesto de resignação, repetindo como podia. Seja feita vossa santa vontade!

Tinha perdido completamente o uso da fala; mas para renovar o mais freqüentemente que lhe fosse possível o sacrifício de sua vida, durante todo o dia e toda a noite seguinte, empregou as poucas forças que lhe restavam em levantar continuamente a mão esquerda. Essa oferta sem palavras era um espetáculo de profunda edificação.

## O MUDO ADEUS DOS FILHOS.

Compreendeu-se que estavam contadas as horas do pobre enfermo. Aliás ao alvorecer do dia 30 os próprios médicos não ocultavam que na tarde desse mesmo dia ou na madrugada do dia seguinte, no mais tardar, tudo estaria terminado.

Então o Padre Rua toma o posto de comando. E seu primeiro ato de governo é convocar ao redor do leito da agonia todos os angustiados filhos desse Pai, a fim de que o possam contemplar uma última vez ainda vivo e lhe venham dizer o último adeus, num derradeiro beijo depositado nessas mãos que tantas vezes os abençoaram.

Reunem-se em grupos silenciosos na capelinha particular e penetram sucessivamente no quarto em que agoniza o Santo. Ele lá está estendido no leito, com a cabeça inclinada sobre o ombro direito e soerguia por três almofadas. O semblante calmo, nada descarnado, quase jovem; os olhos semi cerrados; as mãos estendidas ao longo do corpo, sobre os cobertores; no peito, um crucifixo; aos pés a estola roxa, emblema da dignidade sacerdotal.

Profundamente comovidos diante do pungente quadro, os filhos vêm aproximando-se nas pontas dos pés, ajoelham-se à cabeceira do agonizante e depõem um ósculo de veneração nessa mão benfazeja. Desfilam assim a centenas pela sala pequenina, pois que vieram de todas as partes. Depois dos salesianos é a vez dos alunos das classes superiores e dos aprendizes maiores. E a cena de ternura filial dura o dia inteiro.

Nesse mesmo dia, um telegrama da República do Equador anuncia a chegada a Guaiaquil dos missionários que tinham partido nos meados de dezembro. O Padre Rua apressa-se em contar a alegre notícia a Dom Bosco. Parece que Dom Bosco entende. Com efeito abre os olhos e ergue-os para o céu, como que para agradecer.

## AGONIA. ÚLTIMA BÊNÇÃO. MORTE!

À 1,45 da madrugada, Dom Bosco entrou em agonia. O Padre Rua, seu vigário, toma a estola e continua as orações dos agonizantes, já começadas e interrompidas cerca de meia noite. Chamam a toda a pressa os Superiores Maiores e, num minuto, acham-se reunidos no pobre quarto de Dom Bosco uns trinta salesianos, clérigos e leigos, ajoelhados ao redor do leito.

**Logo que chega Mons. Cagliero, o Padre lhe cede a estola e . fica à direita de Dom Bosco. Então, inclina-se ao ouvido do Pai e lhe diz com a voz estrangulada pela dor: "Dom Bosco, aqui estamos nós seus filhos. Pedimos-lhe que nos perdoe todos os desgostos que lhe demos e que em sinal de perdão nos dê pela última vez a sua bênção. Eu lhe sustentarei a mão e pronunciarei a fórmula".**

**Que cena lancinante! Todas as frontes se inclinam até o chão e o Padre Rua, recolhendo as forças que a angústia do momento lhe deixa ainda, pronuncia as palavras da bênção, e contemporaneamente levanta, a mão já paralisada de Dom Bosco para invocar a proteção de Nossa Senhora Auxiliadora sobre os Salesianos presentes é sobre os demais que estão espalhados por todo o mundo.**

**Pelas três da madrugada chega este telegrama: "Santo Padre envia íntimo do coração a bênção apostólica a Dom Bosco gravemente enfermo. Card. Rampolla.**

**Monsenhor Cagliero já tinha recitado o Proficiscere.**

**Às 4,30, na igreja N. Senhora Auxiliadora, soam as ave-marias e os presentes rezam o Angelus ao redor do leito. Depois o Padre Bonetti sugere ao venerando agonizante a jaculatória que tinha repetido tantas vezes nos dias precedentes: Viva Maria!**

**De repente o leve estertor, que vinha durando já uma hora e meia, cessou; por uns instantes a respiração se fez regular e tranqüila. Mas foi coisa de segundos. Esse derradeiro sopro se apagou também. Dom Bosco está morrendo! exclamou o Padre Belmonte. Os que se tinham deixado cair de cansados sobre alguma cadeira, levantaram-se de um salto. Mons. Cagliero dizia a suprema oração: Jesus, José e Maria, meu coração vos dou e minha alma! Jesus, José e Maria, assisti-me na última agonia!... Jesus, José e Maria, expire em paz entre vós a minha alma!**

**O moribundo deu três suspiros que mal se perceberam.**

**Dom Bosco estava morto! Tinha 72 anos, 5 meses e 15 dias.**

**O relógio marcava 4,45 da manhã.**

**Um grande servo de Deus acabava de voltar ao seu Senhor.**

**Tinha vivido pobre e pobre tinha morrido.**

**No dia em que ele se apagou, o Oratório de Turim, com suas oitocentas bocas que esperavam alimento, achava-se tão desprovido de recursos que tiveram que pedir ao padeiro que lhes fornecesse pão a crédito.**

## A CIDADE DESFILA JUNTO AO CORPO DO SANTO.

**Logo que foi informada, por duas ou três edições especiais dos jornais, de que Dom Bosco tinha morrido, a cidade acorreu toda em tropel ao bairro de Valdocco, para venerar os restos do grande benfeitor dospobres. Pelas duas da tarde já a multidão assediava a portaria do Oratório para ser admitida a desfilar diante do cadáver.**

**Diante da afluência enorme, imprevista, era preciso adivinhar um meio de contentar essa população ávida de contemplar pela última vez o semblante**

do apóstolo dos humildes.

A igreja de São Francisco de Sales era a mais indicada para tal fim. Portanto transportaram para lá o morto, revestido de paramentos violáceos, de barrete na cabeça e com um crucifixo nas mãos juntas.

Sentado numa poltrona posta sobre um estrado no presbitério, ali estava Dom Bosco, na postura de uma pessoa adormecida de feições serenas, naturais, quase sorridente. Depois de 24 horas não tinha ainda a morte posto seu selo nesse rosto.

Quando se abriram as portas da igreja para deixar entrar o povo, dir-se-ia que a cidade tinha acorrido toda inteira para venerar o santo corpo.

A Avenida Regina Margherita e a Avenida Valdocco ficaram apinhadas de gente e atulhadas de carruagem fidalgas e de carros de praça.

Na praça de N. Senhora Auxiliadora sucediam-se ondas contínuas de uma multidão imensa e recolhida. Introduzidos pela portaria do Oratório; entravam na igreja e desfilavam diante do cadáver, dispersando-se em seguida nos pátios internos e saindo finalmente para a rua como vagas de um rio a se encalçarem.

Ali se viam todas as classes da sociedade: pelas dez horas os comerciantes modestos; do meio dia em diante até a tarde, os grandes negociantes, a magistratura, a gente de grandes posses, os funcionários públicos. Até à noite continuou o desfile cerca de 40.000 pessoas passaram a venerar os restos mortais do humilde sacerdote.

## ORAÇÕES DA NOITE JUNTO AO CORPO DE DOM BOSCO.

À noite deu-se o supremo adeus dos filhos ao Pai querido.

Ali pelas 21 horas reuniram-se todos os alunos do Instituto na igreja onde estava exposto o corpo de Dom Bosco.

Quantas recordações lhes reevocava a história daquelas paredes.

Daquele púlpito suas palavras eficacíssimas tinham dominado as almas durante 18 anos!

Naquele altar, durante tantos anos, tinha ele celebrado a santa missa, com a sua devoção simples, profunda, terna, mas sem nenhuma aparência extraordinária; com aquela confiança que alcançava tudo, sem a menor manifestação externa dos maravilhosos favores de que Deus lhe inundava a alma.

Atrás daquele altar, naquele confessionário, quantas frontes se tinham reerguido firmes e absolvidas! Quantas vontades se tinham endireitado, ficando rijas para a luta e prontas a desafiar o mal!

Ninguém podia ficar insensível a tão santas recordações.

E a vista de Dom Bosco, definitivamente adormecido para a terra, sentado ali na frente deles, acabava de completar a comoção geral.

Os oitocentos meninos rezaram de joelhos as orações da noite, as mesmas

que Dom Bosco lhes tinha ensinado. Depois, no meio do mais profundo silêncio, falou o Padre Francesia

"Estais vendo aqui diante de vós nosso queridíssimo Pai, na majestosa calma do último repouso, e com o sorriso que ainda lhe ficou pairando nos lábios? Dir-se-ia até que ele vos deseja falar e vós esperais, quase, que ele se levante e vos faça ouvir pela última vez o som penetrante de sua voz querida... Mas não, tudo está terminado! . . . Ele não vos pode repetir os santos ensinamentos que tão freqüentemente vos dava.

E cabe a mim deixar-vos a última lembrança deste dia. Porém, aqui, neste lugar onde Dom Bosco se sacrificou por vós, que outra lembrança poderia eu deixar-vos senão a última palavra que ele vos mandou como testamento: "Digam a meus meninos que os espero a todos no Céu?"

A alocução continuou, enquanto Dom Bosco, na serenidade da morte, parecia abençoar pela última vez a toda a família reunida ao redor dele.

Foi difícil levar os meninos para o dormitório. Imóveis, vivamente comovidos, parecia que não ouviam nada, e não se resolviam nunca a afastar-se desse Pai que jamais iriam ver de novo nesta terra.

## A APOTEOSE DOS FUNERAIS.

Os funerais de Dom Bosco, no dia 2 de fevereiro, foram um verdadeiro triunfo. Parecia que toda a cidade de Turim queria assistir à passagem do cortejo. O filho do povo, o benfeitor do povo, recebeu do povo nesse dia a maior prova de veneração e de amor que qualquer monarca jamais poderia sonhar.

Todas as categorias, todas as condições, todas as opiniões políticas, todas as classes sociais figuravam no cortejo. É bem verdade que a caridade, quando se apresenta com todos os sinais do evangelho, sem a menor contrafação humana, conquista o coração dos homens e os subjuga a todos infalivelmente.

Quatro dias depois, no dia 6 de fevereiro, às 5 horas da tarde, em Valsalice, que fica logo às portas de Turim, ao sopé de uma das ridentes colinas que circundam a grande cidade, uma cerimônia toda íntima reuniu os filhos prediletos do grande Apóstolo: Salesianos, Filhas de Maria Auxiliadora, Cooperadores, ex-alunos, alunos das casas salesianas. Iam assistir à sepultura do Pai querido.

Precisamente no lugar que o olhar do Santo marcara tão obstinadamente quatro meses antes, bem no meio da escadaria que conduz do pátio ao terraço do colégio, estava pronto o jazigo à sua espera.

Ali depositaram o tríplice caixão e selaram a sepultura. No fim disse num discurso o Bispo missionário, Mons. Cagliero

> "Como os primeiros cristões - são palavras suas prostrados sobre a tumba dos mártires se animavam a combater pela fé, como São Felipe Neri aprendia a se tornar o apóstolo de Roma visitando as catacumbas, assim virão os salesianos buscar neste sepulcro a luz e a força, a regra da vida e a energia da ação, o amor dos irmãos e o sacrifício para fazer o bem".

Jamais outras palavras foram tão proféticas.

## EPÍLOGO

Índice

CAPÍTULO 1

CAPÍTULO 2

CAPÍTULO 3

CAPÍTULO 4

CAPÍTULO 5

CAPÍTULO 6

CAPÍTULO 7

## EPÍLOGO

### CAPÍTULO 1

Agora que esta nobre vida se apagou e jaz na tumba o santo corpo do Servo de Deus, vamos refletir!

Que tarefa gigantesca levou a cabo o humilde sacerdote em menos de cinqüenta anos, ou, melhor, em quarenta e seis, para sermos precisos!

Foi comparado a São Vicente de Paulo, e muito acertadamente. Pois foi seu êmulo em tudo. Como ele fundou duas congregações e mais uma ordem terceira; como ele tomou parte em acontecimentos religiosos e políticos de primeira ordem; como ele sonhou com as missões longínquas; mas, impedido de realizar seu desejo, pelas demasiadas ocupações que lhe enchiam a vida teve de contentar-se em enviar aos confins do mundo um duplo exército de apóstolos, os quais, dia por dia, vão arrancando à barbárie e ao paganismo essas "crianças grandes" que são os selvagens; e foi Dom Bosco ainda construtor de igrejas, e fez rodar o prelo mais que ninguém, e lançou ao público o primeiro opúsculo de instrução religiosa impresso, o primeiro almanaque, e até o primeiro romance religioso de bolso. E todas essas obras ele as realizava como que à margem de sua preocupação principal: a manutenção e a educação de milhares de filhos do povo. Que é que não conseguiu realizar esse homem surpreendente, cuja calma e cujo domínio de si causavam profunda maravilha em todos os que dele se aproximavam!

### CAPÍTULO 2

E com que inteligente compreensão de seu tempo levou a cabo simultaneamente tantas realizações! Os Santos - é fato bem verificado - caminham mais

e mais depressa do que os seus contemporâneos; eles pressentem, adivinham as idéias novas, anunciam as fórmulas de amanhã. Pois esse ofício de precursor desempenhou-o Dom Bosco com notável superioridade.

Iniciativas que se tacharam de audazes mesmo quando já normalmente praticadas, tinham sido por ele antecipadas de pelo menos um quarto de século. Na Itália foi ele que inaugurou o apostolado na imprensa; foi o verdadeiro fundador das colônias de férias; abriu novos caminhos à pedagogia; em matéria de piedade fez ousadas inovações; dessas que sabem os santos realizar, voltando às tradições mais incontaminadas; foi ele quem trouxe à terrível crise operária o primeiro remédio eficaz, com as suas escolas profissionais; no terreno político fez votos pela conciliação entre a Igreja e o Estado na Itália, e indiretamente trabalhou muito para que seus votos se realizassem.

Este bater caminhos novos, este fazer guerra a velhas rotinas, suscitaram contra o Santo oposições as mais ferrenhas. E vinham de todos os lados: do inferno, como é natural; dos homens que estavam no poder, como também era de se esperar, uma vez que Dom Bosco preparava uma geração que iria combater o laicismo deles; mas até, como disse Pio IX, aqueles que deveriam tê-lo ajudado levantaram-lhe obstáculos, porquanto as inovações do Santo iam de encontro aos métodos antiquados desses homens, dos quais alguns pertenciam até ao clero.

## CAPÍTULO 3

Por felicidade - senão como poderia ter triunfado? - Deus estava combatendo do lado dele; Deus e Nossa Senhora de quem era o enviado. De fato, um Santo é um presente do Céu à terra, um presente especial, uma vez que traz sempre a missão de porta-voz das intenções divinas a respeito das necessidades de uma determinada época. Apresenta-se no mundo, e por meio do exemplo, ou pelo exemplo e pela palavra juntamente, ou ainda por toda uma floração de obras maravilhosas, revela nitidamente quais são, segundo o pensamento divino, os perigos que corre uma sociedade, a que tarefa se deve orientar decididamente a ação apostólica.

A missão precisa de Dom Bosco foi arrancar a juventude popular às garras dos inimigos de sua felicidade, - a ignorância, a pobreza, o vício, o espírito de independência, a incapacidade profissional, o isolamento, - para abrigá-la sob a proteção de suas obras educacionais, onde esses meninos encontram a instrução que ilumina, a doutrina que transforma os corações, a disciplina que forja a vontade, a formação profissional que arma para a vida, a atmosfera de família que convida a alma a se expandir. Dessa preocupação fundamental foram brotando uma a uma todas as obras de Dom Bosco.

Enviado por Deus para a salvação dos pequeninos, tal foi na realidade esse homem, no qual se contrariam até os prognósticos do antigo provérbio, pois que se mostrou "profeta mesmo na sua terra" e "ceifou no campo que ele próprio semeara".

## CAPÍTULO 4

Os patriarcas das antigas eras se alegravam, como diz a Bíblia, ao passarem junto aos campos fecundados pelos seus suores. Mostrando o mar

intérmino de espigas cheias e pesadas, a perder de vista, exclamavam com satisfação e altivez: "O perfume do campo cheio".

Esse perfume das messes maduras respirou-o São João Bosco abundantemente, antes de deixar a terra. Quem poderia ter dito ao pequeno Miguel Rua, quando a 25 de março de 1855 se alistara confiante entre os seguidores do querido mestre, que um dia - esse memorando dia 31 de janeiro de 1888! - iria receber uma herança composta de 64 casas religiosas esparsas em dois continentes e 800 salesianos?

Daquele dia longínquo já não restava mais que o capital inalienável da família: a evangélica pobreza.

Certo dia, para defender-se de certas acusações malignas, Dom Bosco fizera levantar a estatística dos alunos de suas casas que ele tinha encaminhado para o sacerdócio: contaram-se quase dois mil.

Junto desse quadro poder-se-ia ter colocado outro não menos sugestivo: o de milhares de infiéis que seus filhos tinham conduzido à fé, nas extremas paragens da Patagônia e da Terra do Fogo onde colhiam, num ritmo alegre e vivo, a messe que lourejava para o Evangelho.

Nesse mesmo ritmo de alegria espiritual, seus filhos e filhas, na Europa e na América, em Oratórios, colégios, cursos profissionais oficinas, ginásios, escolas domésticas, guiavam o desabrochar de toda uma juventude ardente e ousadamente cristã. Na data de sua morte seus ex-alunos formavam já um exército. Nenhuma basílica seria suficientemente grande para conter tantos filhos espirituais, tantos meninos educados na escola de Cristo, pelo humilde sacerdote que a eles se consagrara inteiramente afim de ganhá-los para o bem.

## CAPÍTULO 5

Antes de se extinguir para o mundo, teve ainda esta grande alma a felicidade de ver triunfar na vida e na ação dos seus religiosos o programa de santidade e o método de educação que lhe eram tão queridos e que tinham brotado diretamente de sua inteligência e de seu coração.

Sua doutrina ascética onde tem lugar tão amplo o trabalho santificado, seu sistema educativo que abre tão largo crédito à bondade humana, eram ao mesmo tempo dois passos atrevidamente corajosos, quase duas novidades. E disso foram prova as resistências que se levantaram contra eles, as críticas intérminas que os assaltaram, e até as perseguições que tiveram de suportar. Porém já muito antes de 1888 a partida estava ganha. O bom resultado antes, e a palavra de Roma ao depois, tinham envolvido num halo de complacência o que parecera audácia de Dom Bosco.

Roma bem compreendia que essa árvore vigorosa só tinha de moderno o córtex, ao passo que as raízes desciam profundas no solo firme da tradição. Dom Bosco trazia na alma tanto de passado como de futuro.

Pela forma simplificada de vida religiosa e pelas teorias educativas ele poderia parecer inovador; mas na realidade era filho de uma velha estirpe; por meio de São Francisco de Sales, seu inspirador, ligava-se às fontes mesmas do evangelho. Permanecia portanto na linha pura da fé.

Nem a oração nem a penitência estavam abolidas no seu programa de vida; mas num século de atividade intensa, às vezes até febril, ambas estavam

identificadas no trabalho do apóstolo a serviço das almas.

Que cilício mais áspero que uma vida ininterrupta de trabalho no meio da juventude! E que nobre oração a de quem ergue a fonte, entre duas obras de zelo, oferece a Deus a fadiga, implora forças para prosseguir e retoma logo o caminho!

Nem a autoridade, nem a crença no pecado original estavam banidas de seu método de educação. Mas num mundo sedento de independência e depois de mais de três séculos de jansenismo, esse método deixava campo bastante para as liberdades humanas, dava lugar amplo à vida do coração, e confiava largamente em toda essa parte de nós mesmos que foi apenas danificada pela culpa de Adão.

Desta sorte, essa alma de Santo que se ligava a uma tradição e que corria mais veloz que os homens do seu tempo, mostrava estar vibrando ao uníssono com os seus contemporâneos, aprovando-lhes todos os sentimentos elevados e interpretando-lhes fielmente todas as melhores tendências.

Vetera novis augere : fazer brotar no tronco secular da Igreja os ramos novos exigidos pela transformação da sociedade, eis o que parece ter sido o programa do grande Apóstolo.

## CAPÍTULO 6

Mas sua ação não terminou no sepulcro. Para além da vida continuou a agir pelas obras, pelos escritos e pelo exército de seus filhos.

Mais ainda: continuou a agir pela sua intercessão obtendo pessoalmente do céu as graças que se lhe pediam.

Apenas desceu ao túmulo começaram a pedir suas relíquias.

Ao pé do túmulo que a piedade cristã lhe construiu com subscrição internacional, sucediam-se as romarias. Junto à urna de seu corpo confundiam-se todas as línguas da terra numa só oração de agradecimento e de desejo. Fueguinos e Jívaros, minúsculos chineses como pobres negros do Congo, órfãos de guerra e filhos de nossas grandes cidades modernas, todos agradeciam ao céu, por ter feito palpitar para a sua salvação o coração desse apóstolo, e todos imploravam a Deus que apressasse a hora do triunfo.

Floresciam milagres a indicar claramente a vontade do Céu.

Então, comovida pelas maravilhas que rodeavam esse sepulcro, a Igreja de Cristo, testemunha do alto conceito em que o povo tinha a santidade desse homem, chamou a si a causa.

Tinham passado apenas dois anos, que Dom Bosco morrera, quando o Tribunal Eclesiástico de Turim, no dia 4 de junho de 1890, instarou um inquérito sobre a vida, virtudes, milagres e escritos do Servo de Deus.

Passados seis anos, após 562 sessões, estava terminado o processo diocesano. As atas - contidas em 34 volumes in-folio, de mais de mil páginas cada um - partiam para Roma no dia 11 de abril de 1897.

A Congregação dos Ritos fez examinar minuciosamente todos os papéis. O

exame durou dez anos. A Congregação releu as menores linhas traçadas por Dom Bosco e analisou todo o processo diocesano sobre as virtudes e os milagres do Servo de Deus. Todos esses documentos, rigorosamente esquadrinhados, depuseram unânimes em favor do grande educador. Então, em data de 23 de julho de 1907, Pio X permitiu que se introduzisse a causa nos Tribunais Romanos. Este ato do Papa, conferia a Dom Bosco, segundo as normas do antigo Direito Canônico o título de Venerável.

Pouco depois começava o Processo Apostólico, assim chamado porque se faz em nome do Santo Padre, o Papa, sucessor do Apóstolo São Pedro.

De etapa em etapa, escoaram-se vinte e dois anos e o processo chegou ao termo.

No dia 8 de fevereiro de 1827, Pio XI presidia à Congregação Geral em que se declarava que Dom Bosco tinha exercido em grau heróico as três virtudes teologais, - fé, esperança e caridade, e as quatro virtudes cardiais, - prudência, justiça, fortaleza e temperança.

A 19 de março de 1929 o mesmo Papa promulgava o decreto que reconhecia como autênticos e válidos para a Beatificação os dois milagres propostos pelos defensores da causa.

E finalmente a 2 de junho do mesmo ano, despontava no céu de Roma a aurora do grande dia em que se devia ver exaltado na glória dos altares o pequeno pastorzinho de Becchi.

Naquela manhã mais de 50.000 pessoas tinham invadido a Basílica Vaticana. Salesianos, Filhas de Maria Auxiliadora, Cooperadores, Ex-alunos, alunos das casas salesiar nas, vindos de longe e de perto, tinham ocupado a imensa igreja de S. Pedro.

Quando a leitura do Breve declarou que desde esse momento se podia dar o título de Bem-aventurado ao Servo de Deus Venerável Dom Bosco, caiu a cortina que velava a "glória de Bernini" e apareceu a imagem gloriosa de Dom Bosco. Foi então que a multidão rompeu num imenso aplauso que parecia não mais terminar.

A juventude católica, numa agitação irrefreável, aclamava a um dos homens que mais a tinha amado e que, com sua doutrina, seus exemplos e sua intercessão, iria continuar a mantê-la sempre fiel a Cristo.

Fora, em sinal de regozijo, e confundindo-se com as notas do Te-Deum cantado por milhares de peitos no interior de São Pedro, o carrilhão da Basílica, ritmado pelas badaladas solenes do sino maior, derramava sobre a Cidade Eterna a cascata vibrante de suas notas festivas.

## CAPÍTULO 7

Dir-se-ia um triunfo insuperável.

Entretanto, mal se passaram cinco anos e já se assistiu a um triunfo muitíssimo mais imponente: O Papa Pio XI, que num dia longínquo de 1883 tinha podido admirar por três dias consecutivos, na qualidade de hóspede de Dom Bosco, as virtudes do homem de Deus, elevava às honras dos altares o grande apóstolo dos filhos do povo. Depois do Decreto de Beatificação o Céu tinha manifestado bem claramente a sua vontade. Os milagres numerosos concedidos à terra pela intercessão do Bem-aventurado

falavam bem alto: era preciso transpor a última etapa que levava à glorificação.

Entre os muitos fatos que a gratidão apresentou aos tribunais romanos, Roma escolheu dois: a cura instantânea de duas doentes já despedidas pela ciência. Depois de longas discussões, se lhes reconheceu, em primeiro lugar, a autenticidade; depois, em três sessões solenes, foram esses milagres analisados discutidos, aprovados; e a 28 de novembro de 1933, o Papa deu ordem de se proceder com segurança (tuto) à Canonização do Bem-aventurado.

E a Canonização se celebrou com tal magnificência, como jamais se tinha visto. Coincidia com a máxima solenidade do ano litúrgico - a Festa de Páscoa - e com o encerramento do Ano Santo que fora concedido ao mundo para comemorar o XIX centenário da Redenção. Por isso Roma regogitava de uma extraordinária multidão de peregrinos. Para termos disso uma idéia bastaria lembrar que a Basílica de São Pedro precisaria ter sido duas vezes maior para poder conter a gente. A metade dos fiéis teve que ficar de fora na praça, aguardando o término da função para receber a bênção que o Papa iria dar do balcão externo da Basílica. Pelas dez e meia mais ou menos, o Sumo Pontífice, atendendo à súplica do Eminentíssimo Cardeal Prefeito da Congregação dos Ritos, que por três vezes instanter, instantius, instantissime - rogara se dignasse S. Santidade proclamar Santo ao Servo de Deus, pôs-se de pé, com a mitra na cabeça, e, solenemente, infalivelmente, declarou inscrito no catálogo dos Santos o Bem-aventurado Dom Bosco.

Nesse momento sob a cúpula da imensa Basílica ressoou um triunfal "Te Deum" cantado por mais de 50.000 vozes. Na fachada de São Pedro, foi desfraldada a gloriosa imagem do Santo, e das torres das trezentas igrejas de Roma todos os sinos puseram-se a repicar, espalhando na atmosfera suas notas festivas. Na praça, que, apesar de ser a maior do mundo, se tornara pequena, a multidão aclamava com indizível comoção ao grande educador, ao maior que se tenha jamais oferecido ao povo cristão para lhe servir de exemplo e para lhe ouvir solícito e benfazejo as orações.

## NOTAS AO TEXTO

Índice

NOTAS

## NOTAS AO TEXTO

## NOTAS

[1] Mc.,VII,37

[2] Is., XII,5

[3] No original francês êste é o capitulo II. Imitando a edição italiana, preferimos omitir o primeiro capitulo, onde se faz uma síntese da terra, da história e dos costumes do Piemonte. Achamo-lo de não muito interesse para o leitor brasileiro. Da mesma forma fizemos cortes e

adaptações lá onde se fala da visita de Dom Bosco a Paris. Como também, na medida do possível, fizemos as atualizações, sobretudo nos dados estatísticos. (N. d. T.).

[4] Hoje Castelnuovo Dom Bosco.

[5] Convitto Ecclesiastico

[6] O seu nome de agora em diante é propriamente Dom Bosco, porque "Dom" é o tratamento que na Itália se usa para os sacerdotes. (N. do T.).

[7] Ao morrer, o Pe. Guala, deixou ao Pe. Cafasso, seu sucessor e herdeiro, a importância de 40.000 liras em moeda de ouro.

[8] No entanto a resposta que Dom Bosco dera à criada do Capelão tinha sido um aviso da Providência. De fato, tempo depois um ataque apoplético levava para a outra vida, a poucos dias de distância, primeiro o bondoso Capelão, depois a irascível criada.

[9] Era a célebre Casa Moretta, cujas últimas partes desapareceram em 1934, quando se construiu a nova ala da tipografia da grande editora salesiana. (N. do T. ).

[10] "Anjo Santo, guarda amado" é o primeiro verso da tradução portuguesa, conforme se canta ainda hoje nas casas salesianas (N. do T. ).

[11] O Reino Lombardo-Vêneto, o Reino de Nápoles e das duas Sicílias, o Estado Pontifício, o Piemonte, o Grão-Ducado da Toscana, o Ducado de Módena, o Ducado de Parma.

[12] Foi canonizado pelo Santo Padre Pio XII no dia 13 de junho de 1954 (N. do T. ).

[13] Hoje S. José Cafasso

[14] Para que esta exposição fosse perfeitamente objetiva tomos buscá-la num livro dos valdenses: "A Igreja Valdense dos males do Piemonte", de Luisa Williams.

[15] Aquiles Ratti era nessa época professor no Seminário Maior de Milão. Foi depois com o nome para sempre glorioso de Pio %I, o Papa que canonizou Dom Bosco em 1934.

[16] Cor de cinza.

[17] Essa faculdade foi ampliada, em 1884, ficando definitiva.

[18] Em 1938, graças ao espírito empreendedor do Padre Pedro Ricaldone, Superior dos Salesianos, terminou-se uma grande obra de ampliação do Santuário. Hoje êle tem dimensões duplas do que era antes podendo conter nas suntuosas capelas que ladeiam o presbitério todos os alunos e salesianos do Oratório. Tem mais uma cúpula, um admirável tesouro de mármore em suas colunas e altares, uma cripta vasta e artística onde se guardam preciosas relíquias, outra destinada especialmente a confissões de homens, e, particularmente um rico e esplêndido altar onde se venera o corpo de S. João Bosco (N. do T.).

[19] Tufo vulcânico característico de Roma, muito apreciado para as construções (N. do T.).

[20] Este milagre eucarístico é muito conhecido. Remonta ao ano de 1453. Uns ladrões tinham roubado na Igreja de Exiles, no alto Piemonte, um Ostensório. Ao atravessarem a cidade de Turim, perto do Paço Municipal, a mula em que levavam sua bagagem parou e não quis dar mais nem um passo. Entrementes a Hóstia, saindo do vaso sagrado, ergueu-se nos ares e assim ficou por diversas horas. Na tarde desse dia, depois de muitas orações rezadas pelo povo que se juntara em grande multidão, a Hóstia desceu e veio pousar numa patena sustentada pelas mãos do Bispo. No lugar em que se deu o fato ergue-se hoje umas das mais ricas igrejas de Turim, a Igreja do Milagre ou Igreja de Corpus Domini.

[21] No Brasil civilizado os salesianos estavam desde 1883, ano em que se abriu a casa de Niterói, seguida dentro de breve intervalo pelas fundações de São Paulo (Liceu Coração de Jesus) e Lorena. Hoje (1969) a obra salesiana no Brasil, conta mais de 120 casas, divididas em seis províncias ou inspetorias, com um total de 1.300 salesianos. (N. do T. ).

[22] Elevada em 1925 a Prelazia "nullius". (N. do T.).

[23] O Bispo era Dom Luiz Versiglia, que morreu mártir em 1930, juntamente com a Padre calixto Caravario. (N. do T.). Shiu-chau hoje é diocese, com um bispo salesiano (N. do T.).

[24] Este "dia" é artificial. Ou melhor: os atos, as palavras, as conversações de que é formado pertencem a momentos diversos da vida do Santo. Mas nenhum ato, nenhuma palavra, nenhuma linha foram inventados. Cada um dos pormenores, é rigorosamente histórico. Apenas o entrelaçamento dos fatos é que é fruto da fantasia do autor, o qual quis assim dar neste quadro a seus leitores uma idéia da atividade que animou os últimos dez anos da vida de Dom Bosco

[25] Bugianén é um termo popular depreciativo, para indicar o Piemontês. Significa "não se preocupe".

[26] Se milagres desejais... - Vereis fugir o demônio - E as tentações infernais. - Foge a peste, o erro, a morte, - o fraco torna-se forte - E torna-se o enfermo são. (N. d. T.).

[27] Uma piedosa lenda catalã pretende tenha sido essa a colina à qual o demônio transportou Jesus na terceira tentação, oferecendo-lhe todos os reinos do mundo em troca de um ato de adoração: Dar-te-ei tudo isto, se... - Haec omnia TIBI DABO, si..." Donde o nome do monte, sobre o qual se assenta hoje uma vasta igreja dedicada ao S. Coração de Jesus.